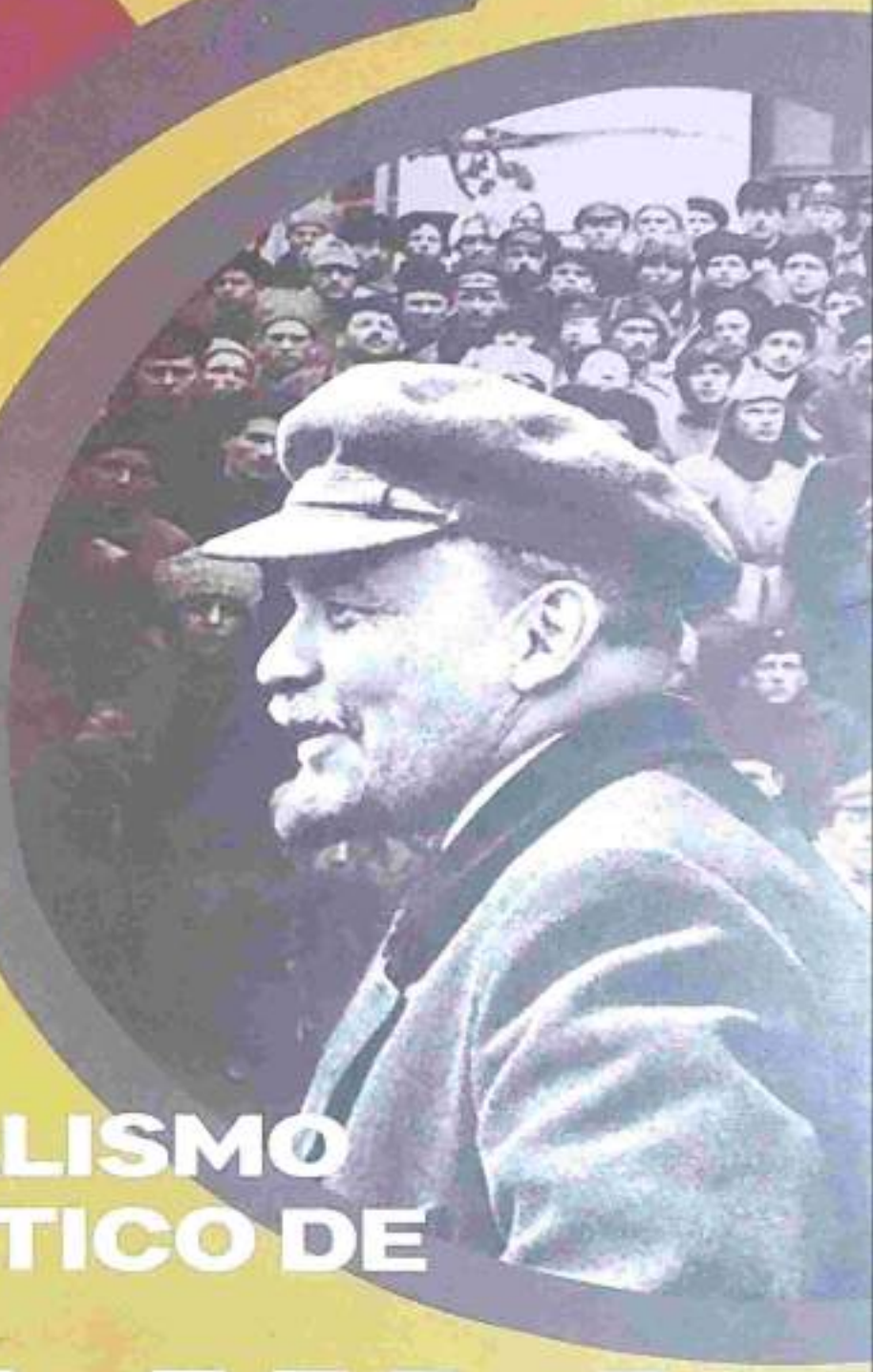
ORGANIZADO POR
GABRIEL LANDI
GABRIEL LAZZARI



O CENTRALISMO DEMOCRÁTICO DE LÊNIN.

SUMÁRIO

Como fazer? A luta pela organização revolucionária do proletariado. Por Gabriel Landi Fazzio.....12

O que são os "amigos do povo" e como lutam contra os social-democratas (excerto).....25

As tarefas da social-democracia russa (excerto).....29

Nossa tarefa imediata.....33

Cartas para Apollinaria Iakúbova.....37

A Conferência "Unitária" dos organismos do POSDR no exterior.....42

Resposta a "Um Leitor".....47

Relatório do Conselho Editorial do Iskra à reunião (Conferência) dos Comitês do POSDR.....49

Duas cartas a Arkadi (I.I. Radtchenko).....57

Carta ao Conselho Editorial do Órgão Central do POSDR.....65

Aos membros do partido.....66

Carta ao Conselho Editorial do Iskra.....69

Sessão do Conselho do POSDR (excertos).....70

Carta aos membros do Comitê Central.....93

Ao partido.....96

Declaração de três membros do CC.....97

Carta para Mártov, secretário do Conselho do Partido.....99

Ao partido.....100

Um passo em frente, dois passos atrás: resposta a Rosa Luxemburgo (excerto).....106

Carta a Glébov (V. A. Nóskov).....110

Anúncio da constituição do Bureau dos Comitês da Maioria.....116

Carta aos camaradas (referente à publicação vindoura do órgão da maioria partidária) 119

Uma carta para o grupo de Zurique dos Bolcheviques 125

Modificação da cláusula do estatuto relativa aos centros 127

Carta para Bogdánov e Gusev 129

Nós devemos organizar a revolução? 133

Novas tarefas e novas forças (excertos) 138

Registro da discussão no clube da maioria em Genebra (excerto) 144

Sobre os relatórios quinzenais das organizações partidárias 145

O III Congresso do POSDR (excertos) 147

Prefácio à brochura "Os operários na cisão do partido" (excerto) 161

Nota ao artigo "A *intelligentsia* profissional e os social-democratas" 164

Resposta do Conselho Editorial do *Proletarii* às perguntas do camarada "Operário" 165

Do Conselho Editorial do Órgão Central do POSDR 166

Ao Comitê Central do POSDR 168

Carta para a Comissão Econômica do CC do POSDR 169

A reorganização do partido 176

Relatório sobre o Congresso Unitário do POSDR (excertos) 185

Um apelo aos delegados partidários ao Congresso Unitário que pertenciam à antiga fração "bolchevique" 201

A questão da organização 206

Liberdade para criticar e unidade de ação 207

A guerra de guerrilhas (excertos) 209

Luta contra os social-democratas pró-Cadetes e disciplina partidária 211

Cartas para Máxim Górki 214

A caminho (excerto) 217

Conferência do Conselho Editorial Ampliado do *Proletarii* (excertos) 220

Resoluções da Conferência do Conselho Editorial Ampliado do *Proletarii* (excertos) 224

Carta para o Secretário do Conselho Editorial do Órgão Central 231

Métodos dos liquidacionistas e as tarefas partidárias dos bolcheviques 232

Rumo à unidade (excerto) 238

Carta para Lev Borisovich Kámenev 240

VI Conferência de toda a Rússia do POSDR (excertos) 241

Partido ilegal e trabalho legal 244

Notificação e deliberações da reunião do Comitê Central do POSDR com operários do partido em Cracóvia (excerto) 252

Resoluções da reunião do Comitê Central do POSDR com operários partidários no verão de 1913 (excertos) 254

Dois métodos de controvérsia e luta 257

Carta para Stepán Georgevich Shaumián 260

Notas críticas sobre a questão nacional (excerto) 262

Resolução do Comitê Central do POSDR sobre a criação de uma seção organizacional do CC para gestão do trabalho ilegal 265

Carta para Inessa Armand 266

A unidade dos operários e as "tendências" dos intelectuais (excerto) 267

Carta ao Secretário da Liga de Propaganda Socialista 269

A revolução socialista e o direito das nações à autodeterminação (excerto) 273

As tarefas da oposição na França 275

Cisão ou putrefação? 279

A internacional de juventude: uma análise 281

Discurso sobre o cancelamento da manifestação 285

A crise amadureceu (excerto) 287

Carta ao Comitê Central do POSDR(b) (excerto) 290

Atas do encontro do CC do POSDR(b) (excerto) 292

Sobre o caráter de nossos jornais 293

Discursos no IX Congresso do PCR(b) (excertos) 295

Teses sobre as tarefas fundamentais do II Congresso da Internacional Comunista (excertos) 297

Projeto das 19 condições para admissão na Internacional Comunista (excertos) 299

Sobre a unidade do partido (excerto) 302

Sobre o projeto de decisão do Politburo do Comitê Central do PCR(b) sobre a tática da frente única 303

Notas sobre a história do PCR (carta para Bukhárin) 304

Observações sobre as teses da frente única 307

Carta ao IV Congresso da Internacional Comunista (excerto) 308

A que herança não renunciamos? Por Gabriel Varandas Lazzari 310



"Que tipo de "reconciliação" pode haver aqui? Ora, é ridículo até mencioná-lo. Uma luta é absolutamente inevitável. E os partidários deveriam dedicar seus esforços não a calar, adiar ou esquivar-se, mas a garantir que o trabalho essencial do Partido não seja prejudicado na prática."

Cartas para Máxim Górki, 1908

V.I LÊNIN

Na foto: Lênin joga xadrez com Bogdánov na casa de Górki em Capri, Itália, em 1908.

Como fazer? A luta pela organização revolucionária do proletariado.

Por Gabriel Landi Fazzio

> Somente a história do bolchevismo durante *todo* o período de sua existência pode explicar satisfatoriamente por que ele pôde desenvolver e manter nas condições mais difíceis a disciplina de ferro necessária para a vitória do proletariado.
>
> (Lênin, *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*)

Até mesmo os maiores inimigos de Lênin – aqueles que se recusam a reconhecê-lo por suas contribuições *teóricas* nos terrenos das ciências sociais, da filosofia, da economia política[1] - não podem deixar de reconhecer o líder bolchevique como um brilhante e exímio organizador. Mesmo aqui, reduzida a seu papel *prático* na construção do partido revolucionário do proletariado russo, a importância de Vladímir Ilitch Uliánov é tamanha que inúmeros comentadores atribuem-lhe a grandiosidade de ter dado vida às ideias de Karl Marx. A esse respeito, em seus *Cadernos do cárcere*, Gramsci dizia que "fazer um paralelo entre Marx e Ilitch para se chegar a uma hierarquia é tolo e ocioso. [...] O cristianismo poderia chamar-se, historicamente, cristianismo-paulinismo, e seria a expressão mais exata", comparando Lênin a Paulo de Tarso, o grande propagandista e edificador da Igreja cristã.

Contudo, também nesse terreno, Lênin segue um desconhecido para a maioria da militância proletária brasileira. É verdade que a sua obra mais sistemática sobre o tema da organização revolucionária (*Que fazer?*, 1902) é amplamente "conhecida" – embora seja insuficientemente lida e estudada. Mas, ainda assim, seguem inéditas em português milhares de páginas de escritos do marxista russo sobre o tema da organização política – particularmente, seus escritos que abrangem o período entre 1903 e 1917, todo o período de *construção revolucionária do partido proletário*.

Isso produz o fantástico quadro em que, apesar de Lênin ser amplamente conhecido como teórico do *centralismo democrático*, pouquíssimos de seus textos a respeito desse tema estão traduzidos para o português. Na verdade, circulam muito mais amplamente os escritos de outros autores sobre a questão – documentos

1 A esse respeito, vide *Lênin é jovem de novo: apontamentos preliminares*, prefácio aos dois volumes dos *Escritos de juventude* de Lênin (LavraPalavra Editorial, 2021).

da III Internacional, obras de Stálin, Trótski, Mao e diversos militantes marxistas posteriores – do que os escritos do próprio Lênin. Com o presente volume em mãos, o/a leitor/a poderá julgar por si próprio/a o quão negativamente isso impactou todo o debate sobre o centralismo democrático ao longo do último século.

Em seus últimos anos de vida, Lênin frisou por inúmeras vezes a profunda dificuldade de *ensinar* aos camaradas do movimento comunista internacional o *método revolucionário de trabalho entre as massas* desenvolvido pelo bolchevismo russo. Em sua *Carta ao IV Congresso da Internacional Comunista* (presente nesta coletânea), Vladímir Ilitch destaca sua preocupação:

> No III Congresso [da IC], em 1921, adotamos uma resolução sobre a estrutura organizacional dos Partidos Comunistas e sobre os métodos e o conteúdo de suas atividades. A resolução é excelente, mas é quase inteiramente russa, ou seja, tudo nela se baseia nas condições russas. Esse é o seu ponto positivo, mas também é a sua debilidade. É sua debilidade porque tenho certeza de que nenhum estrangeiro saberá lê-la. [...] Tenho a impressão de que cometemos um grande erro com essa resolução, nomeadamente, que bloqueamos o nosso próprio caminho para um avanço ulterior. Como já disse, a resolução foi redigida de forma excelente; estou disposto a subscrever cada um dos seus 50 ou mais pontos. Mas não aprendemos como apresentar nossa experiência russa aos estrangeiros. Tudo o que foi dito na resolução permanece letra morta. Se não percebermos isso, seremos incapazes de seguir em frente. [...]
>
> Os estrangeiros não precisam disso. Eles precisam de algo mais avançado: em primeiro lugar, entre outras coisas, devem aprender a compreender o que escrevemos sobre a estrutura organizacional dos Partidos Comunistas e sobre aquilo que os camaradas estrangeiros assinaram sem ler e sem compreender. Essa deve ser sua primeira tarefa. Essa resolução deve ser executada. Não pode ser realizada do dia para a noite; isso é absolutamente impossível. [...] [Os estrangeiros] devem estudar em sentido particular, a fim de que possam realmente compreender a organização, a estrutura, o método e o conteúdo do trabalho revolucionário.

Para Lênin, conforme se verá em seus escritos, a construção da *unidade de ação* e da *unidade ideológica* não pode ser proclamada por decreto: ambas devem ser forjadas no fogo da luta contra o oportunismo e o esquerdismo que ressurgem constantemente *no interior do próprio partido proletário*; na luta *permanente* contra os métodos de trabalho e táticas que desviam a vanguarda proletária de seus objetivos estratégicos revolucionários. Se apenas a *centralização* organizativa pode assegurar a *unidade de ação* do partido proletário, apenas a *democracia* partidária tem o condão de gestar a *unidade ideológica* que é condição para o aperfeiçoamento completo dessa unidade de ação, permitindo ao partido tanto *identificar* os desvios de seus quadros quanto *retificar*, pela polêmica e pela propaganda, tais desvios. A esse respeito, longe das noções formalistas (por vezes Lênin acusou os próprios bolcheviques de formalismo[2]) que desejam proclamar a unidade ideológica como algo dado e pronto, ou suprimir as polêmicas partidárias em nome da unidade de ação, Lênin era inequívoco:

---

2 Vide *Carta para Bogdánov e Gusev*.

> Só as pessoas de visão acanhada, ou temerosas de que as amplas massas participem da política, consideram improcedentes ou supérfluos os debates públicos e apaixonados sobra tática que se verificam constantemente na imprensa operária. Na realidade, esses debates acalorados contribuem exatamente para que todos os operários se aperfeiçoem e se acostumem a meditar sobre todos os aspectos de sua política operária e a elaborar uma linha de classe firme, clara e definida, do movimento.[3]

Em seus últimos anos de vida, à luz do debate na Internacional Comunista sobre a tática da Frente Única Proletária (entre os revolucionários e os reformistas, em torno de um programa mínimo *classista*, em defesa das condições materiais de existência da classe operária[4]), Lênin frequentemente se referia à experiência bolchevique de sucessivas reaproximações e cisões com o menchevismo, "não apenas por causa das vicissitudes da luta, mas também sob a pressão das bases, que exigiram 'testes de checagem' por meio de sua própria experiência.[5]" Isso porque a "disciplina do partido revolucionário do proletariado" não depende apenas da "consciência da vanguarda proletária" e de "sua dedicação à revolução, sua resistência, auto-sacrifício, heroísmo", nem apenas de "sua capacidade de se conectar [...] com a mais ampla massa de trabalhadores", mas também da "justeza da direção política realizada por essa vanguarda, a justeza de sua estratégia e tática política, com a condição de que as mais amplas massas se convençam disso por experiência *própria*"[6] (grifo de Lênin).

A essência da política bolchevique, como podemos ver, consistia na persistente *demarcação* entre a ala revolucionária e a ala reformista do movimento operário – mas nem sempre essa demarcação implicava a completa cisão da organização e da ação comum. Na verdade, o brilhantismo da política bolchevique consistiu em fazer de cada momento de *frente única* entre reformistas e revolucionários uma oportunidade para *educar* ainda mais amplamente as massas operárias sobre a natureza e o significado da distinção entre ambas alas, amadurecendo condições para cisões que, em vez de isolar os revolucionários das massas, isolassem os reformistas!

> Já enunciamos mais de uma vez nossas visões teóricas sobre a importância da disciplina e como esse conceito deve ser entendido no partido operário. Nós o definimos como: *unidade de ação, liberdade de discussão e crítica*. Somente tal disciplina é digna de um partido democrático da classe avançada. A força da classe operária está na organização. A menos que as massas estejam organizadas, o proletariado não é nada. Organizado, ele é tudo. Organização significa unidade de ação, unidade nas operações práticas. Mas toda ação tem valor, é claro, apenas porque e na medida em que serve para empurrar as coisas para a frente e não para trás, na medida em que serve para unir o proletariado ideologicamente, para elevar, e não degradar, corromper ou enfraquecer. A organização sem princípios não tem sentido e, na prática, converte os operários em um miserável apêndice da burguesia

3 *A unidade dos operários e as "tendências" dos intelectuais.*
4 Sobre a diferença entre a tática leninista da Frente Única Proletária e a tática etapista da Frente Popular, vide o *Anti-Dimitrov*, de Francisco Martins Rodrigues (LavraPalavra Editorial, 2021).
5 *Observações sobre as teses da frente única.*
6 Excertos de *Esquerdismo, doença infantil do comunismo.*

> no poder. Portanto, o proletariado não reconhece unidade de ação sem liberdade para discutir e criticar. Portanto, os operários com consciência de classe nunca devem esquecer que existem violações tão graves de princípios que tornam imperativo o rompimento de todas as relações organizacionais.[7]

Sem dúvida, essa afirmação de Lênin parecerá contraintuitiva para quem se habitou à concepção predominante sobre o que seja o centralismo democrático. A bem da verdade, ao longo de todo o último século, predominou na maioria das organizações ditas leninistas uma concepção *menchevique* do centralismo democrático, conforme criticava Lênin em seu escrito *Liberdade para criticar e unidade de ação*:

> A resolução [menchevique] diz que "nas reuniões do Partido", "liberdade total" deve ser permitida para a expressão de opiniões pessoais e críticas (§1), mas em "reuniões públicas" (§2) "nenhum membro do Partido deve convocar a ações que contrariem as decisões do Congresso". Mas veja o que resulta disso: nas reuniões do Partido, os membros do Partido têm o *direito* de pedir ações que contrariem as decisões do Congresso; mas em reuniões públicas *não* lhes é "permitida" a liberdade total para "expressar opiniões pessoais"!!
> Aqueles que elaboraram a resolução têm uma concepção totalmente errada da relação entre a *liberdade de criticar* dentro do Partido e a *unidade de ação* do Partido. A crítica dentro dos limites dos princípios do Programa do Partido deve ser bastante livre (lembramos ao leitor aquilo que Plekhánov disse sobre esse assunto no II Congresso do POSDR), não apenas nas reuniões do Partido, mas também nas reuniões públicas. Tal crítica, ou tal "agitação" (porque a crítica é inseparável da agitação) não pode ser proibida. A ação política do partido deve ser unida. Nenhuma "convocação" que viole a unidade de ações definidas pode ser tolerada tanto em reuniões públicas, como em reuniões do Partido ou na imprensa do Partido.
> Evidentemente, o Comitê Central definiu a liberdade de criticar de modo impreciso e muito estreito, e definiu a unidade de ação de modo impreciso e amplo.

Não é de surpreender que, então, para muitos marxistas essa concepção organizativa *viva* tenha assumido uma aparência desfigurada em burocratismo, perdendo de vista a intensa luta ideológica preconizada por Lênin no interior do partido marxista, como expressão de sua democracia – bem como perdendo de vista os limites lícitos dessa polêmica ideológica, conquanto não viole a mais firme unidade de ação exigida dos revolucionários. A respeito disso, mais uma vez Lênin:

> A liberdade de expressão e de imprensa deve ser completa. Mas a liberdade de associação também deve ser completa. Eu sou obrigado a atribuir-te, em nome da liberdade de palavra, o pleno direito de gritar, de mentir e de escrever o que quiser. Mas você é obrigado a atribuir-me, em nome da liberdade de associação, o direito de estabelecer ou de romper a associação com pessoas que dizem isto e aquilo. O partido é uma associação voluntária, que se dissolveria inevitavelmente, primeiro ideologicamente e depois também materialmente, se não se depurasse dos membros que defendem concepções antipartido[8].

Vemos, portanto, que não se pode reduzir o centralismo democrático leninista a um mero *monolitismo teórico oficial*, cuja imposição artificial sacrifica a crítica

7 *Luta contra os social-democratas pró-Cadetes e disciplina partidária.*

8 *Organização partidária e literatura partidária.*

democrática em nome da centralização da ação. A liberdade de crítica, dimensão democrática do centralismo revolucionário, não é apenas uma garantia contra os desvios políticos oportunistas e esquerdistas: é o próprio método pelo qual se forja uma *efetiva unidade ideológica*, não só em palavras, mas como produto *orgânico* de uma *literatura partidária comum*, de um acúmulo teórico comum.

Nem a centralização burocrática; nem a paralisação da atividade comum pelas controvérsias intelectualistas em torno de minúcias: a *luta permanente pela elevação do grau de consciência e organização do proletariado*, que não pode ser considerada completada simplesmente porque a vanguarda da classe operária fundou um partido político e se autoproclamou revolucionária. O partido leninista constrói, com sua ação, a independência política do proletariado – uma independência que só pode ser levada até o fim com a constituição do proletariado em poder político revolucionário, em "classe para si". Antes disso, nem a classe operária obteve de fato sua independência política, não importa o quão justa seja a política da vanguarda; nem a vanguarda pode considerar-se isenta do risco de desviar-se de seu caminho em direção a formas abertas ou veladas de revisionismo, em direção ao reboquismo ou ao sectarismo e outros tipos de desvios pequeno-burgueses.

Com efeito: é possível obter uma coordenação mecânica da ação pela via do centralismo sem democracia; mas apenas o centralismo democrático pode produzir a unidade ideológica *orgânica*, que permite ao partido revolucionário funcionar como um todo vivo, com cada um dos seus organismos expressando com o maior vigor possível seu *espírito de iniciativa* sem, com isso, se desviar das linhas-mestras gerais da estratégia e da tática comuns. Do contrário, a aparente unidade ideológica seria apenas expressão da confusão e da apatia intelectual nas fileiras da organização, cujos organismos de base estariam fadados a sempre esperar pelos comandos das direções "iluminadas", incapazes de planejar e agir por si próprios no espírito do leninismo. Nesse caso, a democracia partidária resultaria desfigurada, reduzida ao formalismo, cumprindo o papel apenas de *oficializar*, com procedimentos deliberativos mais ou menos "rotineiros", as decisões previamente elaboradas pelos organismos superiores, para que "a base sinta que participa das decisões", e nada mais.

A bem da verdade, há causas históricas para tanta confusão: já desde a guerra civil o Partido Comunista da Rússia limitara severamente a liberdade de polêmica em suas fileiras[9]. "Ora, se eles fizeram (e pelo visto eles sabem o que fazem), porque não deveríamos fazê-lo?" Seria uma tolice imensa, no entanto, acreditar que as *transformações organizativas ocorridas no partido no pós-revolução* deveriam ser aplicadas mecanicamente *aos partidos revolucionários ainda em luta pelo poder* mundo afora. Se é verdade que, sob o cerco imperialista, a unidade de ação do partido proletário no poder exigia a centralização *em uma intensidade até então*

9 A esse respeito, vale destacar o texto *Sobre o caráter de nossos jornais*: ora, se o jornal é um organizador coletivo, e se no pós-revolução o caráter dos jornais bolcheviques deveria se tornar "menos político" e "mais econômico", o mesmo inevitavelmente se expressa também no plano da forma organizativa partidária – precisamos de um partido menos ocupado em polêmicas teóricas e mais ocupado na edificação do socialismo etc.

desconhecida pelo bolchevismo, em toda sua história; também é verdade que parte do êxito do bolchevismo deveu-se justamente à sua capacidade de unificar, sob um mesmo programa e uma mesma ação organizada, revolucionários tão diversos teoricamente quanto Lênin, Alexandra Kollontai, Bukhárin, Kámenev, Stálin, Elena Stasova e, aos quarenta e cinco do segundo tempo, até mesmo o ex-menchevique Trótski.

Mas, antes que o/a leitor/a possa, pela leitura desta coletânea, julgar por si próprio/a justeza do que foi dito acima[10], gostaríamos de oferecer um breve panorama da luta pela constituição do bolchevismo na Rússia: o plano de fundo das polêmicas táticas e estratégicas refletidas nas polêmicas organizativas.

Da social-democracia revolucionária ao comunismo

É muito comum que, iniciando seu estudo da obra de Lênin, o/a leitor/a se surpreenda com o uso que o bolchevique faz do termo "social-democracia". Hoje, um século após a fundação da Internacional Comunista, é já bastante difundida entre as camadas mais conscientes do proletariado a noção de que a social-democracia constitui a ala reformista e burguesa da política operária[11]. Daí o estranhamento quando vemos Lênin, notoriamente associado à crítica dessa política social-democrata... revindicando-se social-democrata! Cabe, a esse respeito, um esclarecimento.

O que ocorre é que, até 1917, mesmo as alas revolucionárias do movimento operário ainda utilizavam esta denominação. Os marxistas passaram a ser assim identificados já em 1875 quando, no Congresso de Gotha,[12] os partidários de Marx e Engels (August Bebel, Wilhelm Liebknecht, entre outros) uniram-se aos partidários de Ferdinand Lassalle. Lênin nos elucida a questão citando o próprio Engels:

> Engels pronunciou-se sobre esse ponto ao tratar da denominação cientificamente errônea de "social-democrata".
> No prefácio de uma coletânea de seus artigos de 1870-1880, que versam, principalmente, sobre temas "internacionais" (*Internationales aus dem Volksstaat*), prefácio datado de 3 de janeiro de 1894, isto é, um ano e meio antes da sua morte, Engels explica que, em todos esses artigos, emprega a palavra "comunista" e não "social-democrata", sendo esta última denominação a dos proudhonianos na França, e dos lassallianos na Alemanha.
> "Para Marx como para mim", continua Engels, "havia, portanto, absoluta impossibilidade de empregar, para exprimir o nosso ponto de vista próprio, uma expressão tão elástica. Atualmente, o caso é outro, e essa designação de 'social-democrata' poderia, em rigor,

10 Certamente, muitos autoproclamados "leninistas" condenarão como *democratista* toda essa exposição. Para esses, aparentemente, a garantia de uma linha política revolucionária só pode ser obtida *contra a democracia partidária*, e a centralização tem apenas a ver com a hierarquia organizacional, não com a *unidade do espírito de iniciativa* das bases. Mas que bela "organização militar" essa que amarra as mãos de seus batalhões! Não é de surpreender, portanto, que esses "leninistas" estejam fadados às cisões infinitas e ao isolamento sectário em relação ao movimento de massas.

11 A respeito da *política burguesa da classe operária*, veja-se em especial o capítulo 3 de *Que fazer?* (Martins Fontes, 2006).

12 Vide MARX, Karl. *Crítica do Programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012.

> passar [*mag passieren*], se bem que continue imprópria (*unpassend*) para um partido cujo programa econômico não é apenas socialista, mas comunista, para um partido cuja finalidade política é a supressão de toda espécie de Estado e, por conseguinte, de toda democracia. Os partidos políticos *verdadeiros* [grifado por Engels] nunca têm uma denominação que lhes convenha completamente; o partido se desenvolve e a denominação fica."
> O dialético Engels, no fim de sua vida, mantém-se fiel à dialética. Marx e eu, diz ele, tínhamos um nome excelente, cientificamente exato, para o nosso partido, mas então não havia um verdadeiro partido, isto é, um partido que unisse as massas proletárias. Agora, no fim do século XIX, possuímos um partido verdadeiro, mas a sua denominação é cientificamente inexata. Não importa; poderá "passar", contanto que o partido se desenvolva e contanto que a inexatidão científica do seu nome não lhe seja dissimulada e não o impeça de caminhar na boa direção.[13]

Apenas em 1917 Lênin passaria a defender com vigor que o Partido Operário Social-Democrata Russo (bolchevique), ou POSDR(b), deveria mudar seu nome para Partido Comunista[14]. Amadurecida a divisão entre a ala oportunista e pró-imperialista do movimento operário e a sua ala revolucionária, a mudança de nome da fração bolchevique para Partido Comunista cumpriria inclusive o papel propagandístico de demarcar e elucidar essa cisão.[15]

Mas, para compreendermos o significado não apenas *nominal*, mas também *histórico* desta cisão, vale a pena nos debruçarmos sobre a trajetória do bolchevismo – uma trajetória intimamente conectada à do próprio Vladímir Ilitch Uliánov.

13 LÊNIN, Vladímir Ilitch. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 97

14 Vide, a esse respeito, o ponto *Como deve ser o nome do nosso partido para ser cientificamente exato e contribuir politicamente para esclarecer a consciência do proletariado?*, em *As tarefas do proletariado na nossa revolução*. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/04/23.htm

15 Vide LÊNIN, Vladímir Ilitch. *Imperialismo e a Cisão do Socialismo*. Lisboa: Avante!, 1986. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/10/imperialismo.htm. A esse respeito também é digno de nota o comentário de Engels a respeito do desenvolvimento revolucionário do movimento proletário a partir de suas cisões:

"Na França, a cisão há muito esperada ocorreu. A conjunção original de Guesde e Lafargue com Malon e Brousse foi, sem dúvida, inevitável quando o partido foi fundado, mas Marx e eu nunca tivemos ilusões de que ela pudesse durar. A questão é puramente de princípio: a luta deve ser conduzida como uma luta de classes do proletariado contra a burguesia, ou deve ser permitido que, no bom estilo oportunista (ou, como é chamado na tradução socialista: possibilista), o caráter de classe do movimento, junto com o programa, seja posto de lado, em toda parte onde haja uma chance de ganhar mais votos, mais adeptos, por esse meio. Malon e Brousse, ao se declararem a favor dessa última alternativa, sacrificaram o caráter de classe proletário do movimento e tornaram a cisão inevitável. Tanto melhor. O desenvolvimento do proletariado ocorre em todos os lugares em meio a lutas internas e a França, que agora está formando um partido operário pela primeira vez, não é exceção. Nós, na Alemanha, superamos a primeira fase da luta interna, outras ainda estão diante de nós. A união é uma coisa bastante boa, desde que seja possível, mas há coisas que se destacam acima da união. E quando, como Marx e eu, lutamos mais durante toda a vida contra os supostos socialistas do que contra qualquer outra pessoa (pois só consideramos a burguesia como uma classe e quase nunca nos envolvemos em conflitos com a burguesia individual), não se pode lamentar muito que a luta inevitável tenha estourado." *Carta de Engels a August Bebel, em outubro de 1882*. Tradução livre. Disponível em inglês em: https://www.marxists.org/archive/marx/works/1882/letters/82_10_28.htm

Começando sua atuação política no círculo socialista da cidade de Samara, em 1889, Lênin mudou-se em outubro de 1893 para São Petersburgo, onde contribuiu para a organização da chamada Liga de Luta pela Emancipação da Classe Operária. A agitação e a propaganda social-democrata entre as massas operárias da cidade logo obteve ressonância, atraindo a atenção não só de marxistas de toda a Rússia (que começaram a estabelecer em outras localidades, como Moscou e Kiev, organismos semelhantes, também denominados Liga de Luta pela Emancipação da Classe Operária) como da própria polícia política czarista. Preso em 1897 com outros camaradas, Lênin foi condenado a três anos de exílio em Chúchenskoie, na Sibéria – motivo pelo qual não pôde participar, em 1898, da conferência clandestina em Minsk, na qual 9 delegados (representantes da Liga de São Petesburgo, do jornal *Rabótchaia Gazeta* e da União Geral dos Operários Judeus da Lituânia, da Polônia e da Rússia – o chamado *Bund*) aprovaram o Manifesto de fundação do Partido Operário Social-Democrata Russo – o POSDR.

Contudo, logo após o Congresso, com a prisão de cinco dos nove delegados presentes e o fechamento da gráfica do *Rabótchaia Gazeta* (eleito no I Congresso como órgão oficial do partido), todo esse esforço unificador da social-democracia russa pareceu desmanchar-se no ar. Para piorar a situação, uma profunda crise teórica estourou em meio aos exilados da União dos Social-Democratas Russos no Exterior, nos anos seguintes. Por um lado, os militantes mais jovens (em especial aqueles representados no I Congresso) passaram a advogar as concepções que passariam à história sob o nome de *economicismo*, pregando a primazia da luta econômica do proletariado sobre a luta política. Por outro lado, os mais antigos marxistas russos, membros do grupo Emancipação do Trabalho (Plekhánov, Vera Zasúlitch e P. B. Axelrod), declararam guerra a essa nascente "tendência retrógrada da social-democracia russa". Vladímir Ilitch não tardou a tomar partido nesta contenda, associando-se ao grupo de Plekhánov para viabilizar a publicação, a partir do fim de 1900, de um jornal voltado à luta ideológica contra o economicismo: o *Iskra*[16].

Promovendo a agitação pela convocação do II Congresso do POSDR e organizando as polêmicas sobre o Estatuto e o Programa do partido, o *Iskra* logo se tornou o centro de gravidade do movimento operário revolucionário russo. Todas as formulações que Lênin já amadurecia há anos sobre o papel do jornal como organizador coletivo[17] confirmaram-se na prática e logo o *Iskra* (editado na Suíça) passou a contar com grupos organizados de colaboradores no território russo. É nesse quadro que devemos analisar a brochura *Que fazer?*, de 1902[18], como uma síntese da experiência de luta do *Iskra* contra o economicismo e o espontaneísmo, pela construção de um partido revolucionário unido *prática* e *ideologicamente*.

Não é incompreensível, portanto, que a brochura de Lênin trate repetida-

16 Acerca do período entre 1893 e 1900, vide *Escritos de juventude*, LavraPalavra Editorial, 2020.

17 *Nossa tarefa imediata*.

18 Também *Carta a um camarada sobre nossas tarefas de organização* (1902).

mente do tema da *centralização*, sem jamais utilizar a expressão *centralismo democrático*: é impossível sequer falar em *democracia partidária* sem antes falar de *unificação organizativa*. Em um período onde ainda predominava a "dispersão", a "desagregação" e a "vacilação" dos círculos locais (nas palavras de Lênin na *Conclusão* da brochura), sem qualquer conexão partidária efetiva entre eles, evidentemente a falta de *autonomia democrática* de cada organismo não poderia ser o principal problema: ao contrário, o principal problema consistia justamente no *excesso de autonomia*, no fato de que as polêmicas se expressavam não por *vias partidárias*, mas pela *separação organizativa* (com a existência, por vezes, de mais de um círculo social-democrata na mesma localidade). Apenas após consumada a unificação, no II Congresso, o problema do componente *democrático* do *centralismo* passaria ao primeiro plano – e, não à toa, o termo *centralismo democrático* teve especial destaque nas polêmicas do III Congresso.

Mas, antes de prosseguir, detenhamo-nos um pouco sobre o significado histórico do II Congresso. A mais famosa síntese sobre o tema vem do próprio Lênin, em sua brochura de 1904 *Um passo em frente, dois passos atrás*: ao longo das votações do II Congresso, estabeleceu-se uma demarcação nítida entre a *maioria* (em russo, *bolchinstvo*) revolucionária e a *minoria* (*menchinstvo*) revisionista dos delegados partidários. Uma série de polêmicas congressuais levaram a essa diferenciação progressiva – a começar pelas polêmicas em matéria de organização. Já o primeiro parágrafo do Estatuto do partido provocou violentas controvérsias: afinal, o que define um membro do partido? Que requisitos um social-democrata precisaria cumprir para ser considerado membro do POSDR? Para Lênin, deveria ser considerado membro do partido apenas o militante efetivamente pertencente a um dos organismos partidários – ou seja, um critério *organizativo, objetivo*. Para a minoria, deveria ser considerado membro do partido todo aquele que declarasse adesão a seu programa – ou seja, um critério *autodeclaratório, subjetivo*. Como destacou o bolchevique Evguiéni Bronislávovitch Pachukanis, mencionando a supracitada brochura de Lênin:

> A expressão externa da unidade é a hierarquia das instituições do Partido e o estatuto do Partido. A luta que Lênin liderou no Segundo Congresso e à qual dedicou seu *Um passo...* foi também a *luta pela necessidade de uma organização partidária legalmente formulada*.
> [...]
> Os oponentes de Lênin simplesmente negavam a possibilidade de uma formulação sob a qual o Partido se apresentasse como algo melhor definido do que a totalidade das pessoas que *consideravam-se*, a qualquer momento, membros do Partido. Nenhuma regra, disse Axerold, por exemplo, pode proibir que círculos de jovens revolucionários e pessoas individuais se autoproclamem social-democratas e até mesmo se considerem parte do Partido. Lênin revelou facilmente o absurdo desse argumento:
> "Proibir alguém de chamar a si mesmo de social-democrata é impossível e *sem sentido*, pois essa palavra expressa *diretamente* apenas um sistema de pensamentos e não relações organizacionais definidas. Proibir certos círculos e pessoas de 'se considerarem parte do Partido' é possível e necessário quando esses círculos e pessoas são perigosos para os assuntos do Partido, corrompem-no e desorganizam-no. Seria cômico falar do Partido como um todo, como um montante político, se não pudesse 'proibir por decreto' um círculo 'que

se considera parte' do todo! E por que então definir os procedimentos e condições para expulsão do Partido?"

[...]

"Para aqueles que estão acostumados com o roupão e as pantufas folgadas do círculo familiar do Oblómov[19], as regras formais parecem estreitas, restritivas, incómodas, mesquinhas e burocráticas, um vínculo de servidão e um grilhão no livre processo da luta ideológica. O anarquismo aristocrático não consegue entender que as regras formais são necessárias precisamente para substituir os vínculos estreitos do círculo pelo vínculo amplo do Partido. Era desnecessário e impossível formular uma ligação interna de um círculo ou vínculos entre círculos, pois esses vínculos repousavam em amizade ou em uma confiança para a qual nenhuma razão ou motivo tinha que ser dado. O vínculo partidário não pode e não deve basear-se em nenhum deles; deve basear-se em regras formais e burocraticamente escritas (burocráticas do ponto de vista do intelectual indisciplinado), adesão estrita àquilo que é nossa única salvaguarda contra a vontade e o capricho característico dos círculos e dos métodos circulistas de luta interna que se apresentam sob o nome de 'livre processo da luta ideológica'"

[...]

Quando, após o Segundo Congresso, os oponentes de Lênin haviam conduzido uma luta contra o "formalismo burocrático", eles construíram seu argumento em uma compreensão mais profunda e, aparentemente, mais marxista do curso do desenvolvimento histórico. Lênin, é claro, não cogitou esconder o fato de que seu plano organizacional tinha um significado político mais definido: proteger o Partido contra o oportunismo. Contra isso, seus adversários do campo menchevique apresentaram a seguinte objeção de peso: "o oportunismo", disseram, "é criado por causas profundamente, mais complexas e definidas do que alguns parágrafos de um Estatuto" (Trótski).

"O problema não é", replicou Lênin, "que os parágrafos do Estatuto possam criar oportunismo, mas forjar com ajuda deles um instrumento mais ou menos incisivo contra o oportunismo". As fórmulas propostas por Lênin, afirmou Trótski, devem ser rejeitadas, pois as definições históricas devem corresponder às relações de fato. "Trótski fala novamente como um oportunista", respondeu Lênin. "As relações reais não estão mortas, mas vivas e em desenvolvimento. Definições legais podem corresponder ao desenvolvimento progressivo dessas relações, mas também podem (se essas decisões forem ruins) 'corresponder' à regressão ou à estagnação". "Esse último caso", acrescentou Vladímir Ilitch, "é o de Mártov".[20]

Mas a divisão congressual entre uma maioria e uma minoria partidárias não era, ainda, causa para uma cisão. Lênin, de sua parte, lutou como pôde contra essa cisão, dispondo-se inclusive a negociar concessões à minoria. No entanto, após o Congresso, a minoria recorreu a todo tipo de expediente rasteiro para assumir o controle sobre o partido. O II Congresso instituíra, ao lado do Comitê Central (o centro prático do partido) e do Órgão Central (o centro ideológico-editorial do partido), um Conselho do Partido, composto por membros de ambos os centros a fim de dirimir controvérsias. Lutando pela cooptação de quadros da minoria para o conselho editorial do Órgão Central, os mencheviques chantageavam o Conselho do Partido, sob a ameaça da cisão, e distorciam a representação da vontade da

19 Oblómov: personagem principal do romance homônimo do escritor russo Gontcharov. Lênin utiliza o termo "oblomovismo" como sinônimo de falta de força de vontade, de um estado de falta de atividade e de preguiça.

20 *Lênin e os problemas do direito*, disponível em www.lavapalavra.com

maioria congressual nos organismos centrais do partido. Recusando-se a ceder às chantagens e recuar indefinidamente ante a ofensiva dos mencheviques, Lênin optou por renunciar à sua posição no Órgão Central (que passou a criticar publicamente, chamando-o de "o novo *Iskra*", em oposição ao velho *Iskra* anti-economicista), reservando para si o direito de *agitar nas bases do partido* a palavra de ordem da convocação de um III Congresso – único meio partidário legítimo para solucionar as controvérsias entre a maioria e a minoria, na sua opinião. Como o Comitê Central e o Conselho do Partido se recuassem a convocar tal Congresso, Lênin defendeu que um Bureau dos Comitês da Maioria fosse constituído e começasse imediatamente os preparativos para o III Congresso, à revelia dos organismos centrais[21].

É em meio a essas tensões que a social-democracia chega ao ano de 1905, quando estoura a revolução na Rússia. Enquanto os bolcheviques organizam em Londres o III Congresso do POSDR, os mencheviques organizam em Genebra uma conferência apartada. As polêmicas entre as frações aprofundam-se ainda mais: se em 1904 Lênin já criticava duramente os mencheviques por aderir à "campanha dos *Zemstvo*" da burguesia liberal, em 1905 o reboquismo da minoria em relação à burguesia se torna flagrante. Enquanto os mencheviques defendem a participação no recém-anunciado parlamento czarista, a Duma, os bolcheviques defendem o boicote – política que adquire efetivamente um caráter de massas, sendo coroada por uma greve geral política e forçando a monarquia a maiores concessões em matéria de liberdades civis e direitos eleitorais. Enquanto os bolcheviques defendem as ações de guerrilha contra as forças paramilitares do czarismo, os mencheviques as condenam. Enquanto os mencheviques defendiam a "neutralidade sindical", os bolcheviques defendiam que o movimento grevista devia assumir um caráter político, e que a social-democracia devia estabelecer com os sindicatos uma relação tão estreita quanto fosse possível Enquanto os bolcheviques defendem uma aliança prioritária entre o proletariado e o campesinato revolucionário, os mencheviques advogam por uma aliança com a burguesia liberal (defensora, na prática, da monarquia constitucional)[22].

Mas, mesmo com tantas divergências profundas e em meio a uma luta ideológica feroz, tanto os bolcheviques quanto os mencheviques são interpelados a ensaiar, mais uma vez, sob a pressão da crescente militância proletária, uma tentativa de reunificação. O Congresso da Unidade (IV Congresso, realizado em Estocolmo, em 1906) logra uma relativa reunificação – especialmente porque, obtendo a maioria do congresso, os mencheviques abandonam sua sabotagem fracionista e passam a dirigir o partido único!

Mas a situação não perduraria por muito tempo: em 1907, no V Congresso

21 Vale lembrar que o Estatuto do POSDR previa que a convocação de um Congresso poderia ocorrer tanto por iniciativa do Comitê Central quanto por solicitação da *maioria dos comitês locais* – sem definir, contudo, como tal segunda hipótese poderia ser realizada, diante de um boicote do Comitê Central.

22 Vide *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática*.

(designado "Congresso de Londres", uma vez que os mencheviques não reconheciam a validade do III Congresso), os bolcheviques recuperam a maioria partidária e, apesar de nenhuma cisão formal ser proclamada, o refluxo do movimento revolucionário na Rússia favorece o processo de gradual *evasão* menchevique do POSDR. Quando o VI Congresso do POSDR(b) viesse à luz do dia, em 1917, a cisão já seria um fato consumado.

Ao longo de todo o período entre 1907 e 1917, os bolcheviques travaram uma luta tenaz contra o chamado *liquidacionismo*: evadindo do POSDR, os mencheviques (excetuado Plekhánov) declaravam *ultrapassada* a necessidade de um partido operário ilegal, e proclamavam a necessidade de substituir as velhas organizações clandestinas por organizações *legais* – desarmando o proletariado para a luta contra as forças reacionárias e adaptando o movimento operário aos estreitos horizontes da legalidade burguesa (ainda mais estreitos na Rússia czarista). Por outro lado, esse também foi o período da luta bolchevique contra os abstencionistas esquerdistas (os chamados *otzovistas*) oriundos de suas próprias fileiras. Para Lênin, ambos fenômenos tinham uma mesma base material: a deserção da intelectualidade pequeno-burguesa em relação ao movimento operário, sob a pressão da contrarrevolução.

Assim sendo, quando começou a I Guerra Mundial, em 1914, a guinada da ampla maioria dos mencheviques em direção a um compromisso com a burguesia imperialista russa foi apenas o ponto culminante de uma longa trajetória oportunista. Enquanto Lênin e os bolcheviques (bem como as alas esquerdas dos partidos social-democratas de toda a Europa) defendiam a palavra de ordem de "transformar a guerra imperialista em guerra civil", conclamando o proletariado à insurreição e ao internacionalismo proletário; os mencheviques chafurdavam no pântano do nacional-chauvinismo, agitando a "defesa da Pátria Mãe" em conjunto com a burguesia e o czarismo.

Com um golpe brutal, a histórica luta entre as alas revolucionárias e as alas oportunistas do movimento operário foi posta em um terreno novo. Os "governos de unidade nacional" cooptaram inúmeros quadros da ala direita do movimento socialista, enquanto os centristas (como Karl Kautsky) limitavam-se a blindar essa ala direita contra as críticas "indisciplinadas" das alas esquerdas. Investigando as bases materiais desse predomínio da política oportunista, Lênin encontrou a resposta no estudo do *estágio monopolista* atingido pelo capitalismo, que consolidara em cada potência imperialista uma *aristocracia operária* comprometida com a política colonial de sua respectiva burguesia nacional[23].

Em setembro de 1915, na cidade suíça de Zimmerwald, reuniu-se uma conferência da ala esquerda dos partidos social-democratas. Proclamando a II Internacional um "cadáver fétido" e conclamando os internacionalistas proletários à fundação da III Internacional, Lênin finalmente levanta a palavra de ordem: *cisão ou putrefação!* Infelizmente, na maior parte dos países, esse momento foi perdido,

---

...ior do capitalismo.

e o proletariado haveria de penar mais alguns anos sob as agruras da guerra antes de fundar seus próprios partidos comunistas, independentes dos oportunistas.

O resto é história: em fevereiro (março, no calendário gregoriano) de 1917 se inicia, sob a hegemonia do proletariado revolucionário, a revolução na Rússia. Ao longo de um punhado de meses, rumo à Revolução de Outubro, os bolcheviques, com alguns poucos milhares de militantes em todo o país, logram converter-se na direção efetiva das amplas massas operárias, conduzindo a primeira revolução socialista vitoriosa da história, pondo fim à guerra e estabelecendo o poder soviético.

Mas mesmo então, após uma prolongada guerra civil na qual tomaram parte os mencheviques; após ser superada a unidade partidária entre os oportunistas e os revolucionários na Rússia e, sob o impulso da Internacional Comunista, em outros países do mundo... ainda assim o problema da *unidade de ação das massas proletárias* voltaria a se impôr, ao longo dos debates do III e do IV Congressos da IC sobre a tática da *Frente Única Proletária*. Aqueles que viam na cisão internacional uma desculpa para o sectarismo, abandonando o trabalho político entre os sindicatos reformistas e reacionários, recusando-se a qualquer compromisso parcial com os reformistas, logo receberam de Lênin a notória alcunha de *esquerdistas*.

Essa breve síntese, evidentemente, não pretende esgotar a história das polêmicas, cisões e reaproximações entre bolcheviques e mencheviques – sem a apreciação da qual, segundo Lênin, é impossível compreender a "disciplina de ferro" de seus partidários. Queremos apenas oferecer ao/à leitor/a um fio condutor básico, que permita considerar a evolução cronológica dos textos dessa coletânea sob perspetiva histórica.

Boa leitura!

O que são os "amigos do povo" e como lutam contra os social-democratas (excerto)

Escrito entre a primavera e o verão de 1894. Íntegra em *Escritos de juventude*, LavraPalavra, 2020.

[...] O que foi dito, creio, é suficiente para definir a atitude dos social-democratas em relação ao absolutismo e à liberdade política, e também em relação à tendência que vem se tornando particularmente forte, que busca um "amálgama" e uma "aliança" de todos os grupos revolucionários pela vitória da liberdade política.[1]

Essa tendência é bastante peculiar e característica.

É peculiar porque as propostas de "aliança" não vêm de um grupo, ou grupos, definidos, com programas definidos que coincidem em um ponto ou outro. Se viessem, a questão da aliança seria uma a ser definida para cada caso em separado, uma questão concreta a ser definida entre os representantes dos grupos em união. Aí não haveria qualquer tendência "unificadora" em especial. Mas essa tendência existe, e simplesmente provém das pessoas que já largaram o velho, mas ainda não encontraram o novo. A teoria na qual os lutadores contra o absolutismo se basearam até então está evidentemente caindo aos pedaços, e destruindo as condições para solidariedade e organização que são essenciais para a luta. Bem, esses "amalgamadores" e "defensores de alianças" parecem pensar que o modo mais fácil de criar tal teoria é reduzi-la a um protesto contra o absolutismo e uma demanda por liberdade política, ao mesmo tempo desviando de todas as outras questões, socialistas e não-socialistas. Não é preciso dizer que toda essa falácia ingênua vai por água abaixo nas primeiras tentativas de tal unidade.

1 N.E. Lênin se refere ao partido *Naródnoie Pravo* ("Direito do Povo"), uma organização ilegal da *intelligentsia* democrática russa fundada no verão de 1893. Entre os fundadores estavam os antigos narodovoltsi O.V. Aptekman, A.I. Bogdánovich, A.V. Gedeonovski, M.A. Natanson e N.S. Tiutchev. Os membros do *Naródnoie Pravo* se colocaram o objetivo de unir todas as forças de oposição, com a ideia de conduzir a luta por uma reforma política. O *Naródnoie Pravo* lançou dois documentos programáticos, um *Manifesto* e o artigo *Uma Questão Urgente*. No começo de 1894, o partido já havia sido destruído pelo governo czarista. A maioria dos membros do *Naródnoie Pravo* subsequentemente juntou-se ao Partido Socialista-Revolucionário.

Mas o que é característico é que essa tendência "unificadora" representa um dos últimos estágios do processo de transformação do narodismo militante, revolucionário, em democracia politicamente radical, um processo que tentei esboçar acima. Um amálgama durável de todos os grupos revolucionários não-social-democratas sob a bandeira acima mencionada será possível apenas quando um programa duradouro de demandas *democráticas* seja elaborado de modo a pôr um fim aos preconceitos do velho excepcionalismo russo. Claro, os social-democratas acreditam que a formação de tal partido democrático seria um útil passo em frente; e a atividade anti-*narodnik* da social-democracia poderia contribuir para isso, poderia fazer avançar a erradicação de todos os preconceitos e mitos, o agrupamento de todos os socialistas sob a bandeira do marxismo e a formação de um partido democrático pelos demais grupos.

Os social-democratas, que consideram essencial a organização independente dos operários em um partido dos operários em separado, não poderiam, claro, "se amalgamar" com tal partido, mas os operários apoiariam energicamente qualquer luta travada pelos democratas contra as instituições reacionárias.

[...]

Podemos esperar da *intelligentsia* socialista que desempenhe um trabalho frutífero apenas quando ela abandonar suas ilusões e buscar apoio no verdadeiro, não no desejado, desenvolvimento da Rússia; nas verdadeiras, e não nas possíveis relações socioeconômicas. Além disso, seu trabalho *TEÓRICO* deve ser direcionado *ao estudo concreto de todas as formas de antagonismo econômico na Rússia, o estudo de suas conexões e sucessivo desenvolvimento; eles precisam revelar esse antagonismo onde quer que tenha sido ocultado pela história política, pelas peculiaridades dos sistemas legais ou por preconceitos teóricos já bem estabelecidos.* Eles *precisam apresentar um retrato integral de nossa realidade como um sistema definido de relações de produção, mostrar que a exploração e a expropriação do povo trabalhador são essenciais sob esse sistema, e mostrar o caminho para fora dele, que é indicado pelo desenvolvimento econômico.*

Essa teoria, baseada em um estudo detalhado da história e da realidade russas, precisa fornecer uma resposta às demandas do proletariado – e, se satisfizer os requisitos da ciência, então esse mesmo despertar do pensamento crítico do proletariado vai inevitavelmente guiar esse pensamento em direção à social-democracia. Quanto maior o progresso feito na elaboração dessa teoria, mais rapidamente a social-democracia vai crescer; pois mesmo os mais astutos guardiões do atual sistema não podem impedir o despertar do pensamento proletário, porque o próprio sistema necessária e inevitavelmente implica a mais intensa expropriação dos produtores, o crescimento contínuo do proletariado e de seu exército de reserva – e isso paralelo ao progresso da riqueza social, do crescimento enorme das forças produtivas e da socialização do trabalho pelo capitalismo. Os socialistas farão tudo o quanto ainda há para fazer para elaborar essa teoria; isso é garantido pela disseminação entre eles do materialismo, o único método

científico, que requer que todo programa seja uma formulação precisa do processo verdadeiro; isso é garantido pelo sucesso da social-democracia, que adotou essas ideias – um sucesso que chacoalhou tanto nossos liberais e democratas que, como um certo marxista diz, suas revistas mensais deixaram de ser maçantes.

Ao assim enfatizar a necessidade, importância e imensidão do trabalho teórico dos social-democratas, não quero de forma alguma dizer que esse trabalho deve ter precedência sobre o trabalho *PRÁTICO*,[2] – muito menos que este deva ser postergado até que aquele esteja completo. Só os admiradores do "método subjetivo em sociologia", ou os seguidores do socialismo utópico, poderiam chegar a tal conclusão. Claro que, se presumirmos que a tarefa dos socialistas é buscar "caminhos de desenvolvimento diferentes" (dos reais) para o país, então, naturalmente, o trabalho prático só se torna possível quando gênios filosóficos descobrem e indicam esses "caminhos diferentes"; e, reciprocamente, uma vez que esses caminhos foram descobertos e indicados, acaba o trabalho teórico, e começa o trabalho daqueles que devem direcionar a "pátria" pelos "caminhos diferentes" "recém-descobertos". A posição é totalmente diferente quando a tarefa dos socialistas é ser os líderes ideológicos do proletariado em sua verdadeira luta contra os verdadeiros inimigos que estão no verdadeiro caminho do desenvolvimento social e econômico. Em tais circunstâncias, o trabalho teórico e prático está fundido no que foi astutamente descrito pelo veterano social-democrata alemão, Liebknecht, como: *Studieren, Propagandieren, Organisieren.*[3]

Não se pode ser um líder ideológico sem o trabalho teórico já mencionado, assim como não se pode o ser sem direcionar esse trabalho ao encontro das necessidades da causa, e sem disseminar os resultados dessa teoria entre os operários e sem ajudá-los a se organizar.

Tal apresentação das tarefas protege a social-democracia contra os defeitos dos quais os grupos socialistas tantas vezes padecem, a saber, o dogmatismo e o sectarismo.

Não pode haver dogmatismo onde o critério supremo de uma doutrina é a conformidade com o processo real de desenvolvimento social e econômico; não pode haver sectarismo quando a tarefa é promover a organização do proletariado e quando, portanto, o papel da "*intelligentsia*" é fazer com que os líderes especiais de oriundos da *intelligentsia* sejam desnecessários.

Assim, apesar da existência de diferenças entre marxistas em várias questões teóricas, os métodos de sua atividade política permaneceram os mesmos desde que o grupo surgiu.

A atividade política dos social-democratas consiste na promoção do desen-

---

2 N.A. Pelo contrário. O trabalho prático de propaganda e agitação precisa sempre preceder, porque, primeiro, o trabalho teórico só provê respostas aos problemas levantados pelo trabalho prático e, segundo, os social-democratas, por razões sobre as quais não têm controle, são frequentemente forçados a se confinar ao trabalho teórico, valorizando muito cada momento no qual o trabalho prático seja possível.

3 N.E. Em alemão no original. "Estudar, Propagandear, Organizar."

volvimento e a organização do movimento operário na Rússia, na transforma-
ção desse movimento de seu atual estado de tentativas esporádicas de protestos,
"motins" e greves carentes de uma ideia guia, em uma luta organizada de *TODA*
a *CLASSE* operária russa direcionada contra o regime burguês e tendente à ex-
propriação dos expropriadores e à abolição do sistema social baseado na opressão
do povo trabalhador. Sublinhando essas atividades está a convicção comum dos
marxistas de que o operário russo é o único e natural representante de toda a po-
pulação trabalhadora e explorada da Rússia.[4]

[...]

A social-democracia – como Kautsky muito corretamente afirma – é a fusão do movimento operário com o socialismo. E para que o trabalho progressista do capitalismo possa se "manifestar" também nesse país, nossos socialistas precisam pôr as mãos à obra com a maior energia; precisam desenvolver mais detalhadamente a concepção marxista da história e a posição atual da Rússia, e fazer uma investigação mais concreta de todas as formas de luta de classe e exploração, que são particularmente complexas e mascaradas na Rússia. Eles precisam, além disso, popularizar essa teoria e fazê-la conhecida ao operário; precisam ajudar o operário a assimilá-la e criar *a forma de organização mais ADEQUADA em nossas condições para disseminar as ideias social-democratas e soldar os operários em uma força política.* E os social-democratas russos, longe de algum dia terem dito que já completaram esse trabalho de ideólogos da classe operária (não há fim para esse trabalho), sempre enfatizaram o fato de que eles só estão começando e que muito esforço de muitas e muitas pessoas será necessário para criar qualquer coisa que dure.

As tarefas da social-democracia russa (excerto)

Escrito ao fim de 1897, na Sibéria. Publicado na forma de panfleto em Genebra, 1898.

A segunda metade dos anos [18]90 testemunhou um aumento notável no trabalho sendo feito em apresentar e solucionar os problemas da revolução russa. A aparição de um novo partido revolucionário, o *Naródnoie Pravo*, a influência e os sucessos crescentes dos social-democratas, a evolução dentro do *Naródnaia Vólia*[1] – tudo isso promoveu uma discussão viva sobre as questões de programa tanto em círculos de estudo de intelectuais e operários socialistas quanto na literatura ilegal. Nessa última esfera, devemos fazer referência ao *Uma questão urgente* e o *Manifesto* (1894) do Partido *Naródnoie Pravo*, ao *Panfleto do Grupo Naródnaia Vólia*, ao *Rabotnik* publicado no exterior pela Liga dos Social-Democratas Russos[2], à distribuição crescente de panfletos revolucionários na Rússia, principalmente para operários, e a agitação conduzida pela Liga Social-Democrata de Luta para a Emancipação da Classe Operária em São Petersburgo durante as importantes

1 N.E. O grupo *Naródnaia Vólia* ("A Vontade do Povo"), cujos membros eram conhecidos como *Narodovoltsi*, foi fundado em São Petersburgo no outono de 1891 com programa próprio. Seus membros originais incluíam M. S. Olminski (Alexandrov), N . L. Meshcheriakov, Y. M. Alexandrova, A. A. Fedulov e A. A. Iergin. Em abril de 1894, o grupo foi desmantelado pela polícia, mas logo retomou suas atividades. Nessa época, estavam no processo de abandonar as visões do *Naródnaia Vólia* para aderir à Social-Democracia. O grupo estabeleceu contato com a Liga Social-Democrata de Luta para a Emancipação da Classe Operária em São Petersburgo e usou sua imprensa para lançar várias publicações da Liga.

2 N.E. A Liga dos Social-Democratas Russos no Exterior foi fundada em 1894 em Genebra, como iniciativa do grupo Emancipação do Trabalho e tinha sua própria imprensa, em que imprimia literatura revolucionária. De início, o grupo Emancipação do Trabalho guiou a Liga e editou suas publicações. Com o passar do tempo, os elementos oportunistas – os "economicistas" ou também chamados grupo "jovem" – tomaram controle sobre a Liga. O grupo Emancipação do Trabalho finalmente rompe com a Liga e deixa suas fileiras em abril de 1900, no Segundo Congresso da Liga, realizado em Genebra, quando o grupo Emancipação do Trabalho e seus apoiadores deixaram o Congresso e estabeleceram uma organização Social-Democrata independente. Em 1903, o Segundo Congresso do POSDR adotou uma decisão de expulsar a Liga.

greves feitas lá em 1896 etc.

Nos dias de hoje (final de 1897), a questão mais urgente, em nossa opinião, é a das atividades *práticas* dos social-democratas. Nós enfatizamos o lado *prático* da social-democracia, porque, no lado teórico, o período mais crítico – o período de uma recusa teimosa dos seus oponentes em entendê-la, dos esforços extenuantes em suprimir a nova tendência no momento em que ela emergia, por um lado, e de uma defesa leal dos fundamentos da social-democracia, por outro – ficou aparentemente para trás. Agora *as características principais e básicas* das visões teóricas dos social-democratas já foram suficientemente esclarecidas. O mesmo não se pode dizer do lado *prático* da social-democracia, sobre seu *programa* político, seus métodos, suas táticas. Nessa esfera, pensamos, a apreensão equivocada e o desentendimento mútuo têm majoritariamente prevalecido, prevenindo uma reaproximação completa entre a social-democracia e aqueles revolucionários que em teoria renunciaram completamente aos princípios do *Naródnaia Vólia* e na prática são ou levados pela força das circunstâncias a continuar a propaganda e a agitação entre os operários – mais do que isso: a conduzir suas atividades entre os operários embasados pela *luta de classes* – ou se esforçam por basear seu programa todo e suas atividades revolucionárias em tarefas *democráticas*. Se não estivermos errados, a última descrição se encaixa em dois grupos revolucionários que operam hoje na Rússia, paralelamente aos social-democratas, nomeadamente, o *Naródnaia Vólia* e o *Naródnoie Pravo*.

Nós pensamos, portanto, que é particularmente oportuno tentar explicar as tarefas *práticas* dos social-democratas e estabelecer a base sobre a qual nós consideramos nosso programa o mais racional dos três que hoje existem e também que os argumentos contra ele são baseados em grande medida em desentendimentos.

Comecemos pela atividade socialista. Alguns poderiam pensar que o caráter da atividade social-democrata a esse respeito já ficou bastante claro desde a Liga Social-Democrata de Luta para a Emancipação da Classe Operária em São Petersburgo começou suas atividades entre os operários da cidade. As atividades socialistas dos social-democratas russos consiste em espalhar *por meio da propaganda* os ensinamentos do socialismo científico, em espalhar entre os operários um entendimento apropriado do sistema social e econômico atual, suas bases e seu desenvolvimento, um entendimento das várias *classes* que há na sociedade russa, suas inter-relações, da luta entre essas classes, do papel da classe operária nessa luta, da sua atitude [da classe operária] frente às classes em declínio e em desenvolvimento, frente ao passado e ao futuro do capitalismo, um entendimento da tarefa histórica da social-democracia internacional e da classe operária russa. Inseparavelmente conectada com a propaganda está a *agitação* entre os operários, que naturalmente é a vanguarda nas condições políticas atuais da Rússia e no atual nível de desenvolvimento das massas de trabalhadores. A agitação entre os operários significa que os social-democratas participam em todas as manifestações espontâneas de luta da classe operária, em todos os conflitos entre os operários e

os capitalistas sobre a jornada de trabalho, salários, condições de trabalho etc,. etc. Nossa tarefa é misturar nossas atividades com as questões práticas, cotidianas, da vida da classe operária, ajudar os operários a entenderem essas questões, levar a atenção dos operários aos abusos mais importantes, ajudá-los a formular suas demandas para os empregadores de forma mais precisa e prática, desenvolver entre os operários a consciência de sua solidariedade, de seus interesses comuns e da causa comum de todos os trabalhadores russos como uma classe operária unida que é parte de um exército internacional do proletariado. Organizar círculos de estudo entre os operários, estabelecer conexões secretas e apropriadas entre eles e o grupo central dos social-democratas, publicar e distribuir literatura da classe operária, organizar o recebimento de correspondência de todos os centros do movimento operário, publicar panfletos agitativos e manifestos e distribuí-los e treinar um corpo de agitadores experientes – essas são, em linhas gerais, as manifestações das atividades socialistas da social-democracia russa.

Nosso trabalho é primeiramente e principalmente dirigido aos operários urbanos fabris. A social-democracia russa não pode dissipar suas forças; ela precisa concentrar suas atividades no proletariado industrial, que é mais suscetível às ideias social-democratas, mais desenvolvido intelectual e politicamente e mais importante em virtude de sua quantidade e de sua concentração nos grandes centros políticos do país. A criação de uma organização revolucionária durável entre os operários urbanos fabris é, portanto, a primeira e mais urgente tarefa a confrontar a social-democracia, uma tarefa da qual não seria sábio nós nos afastarmos no momento atual. Mas, mesmo reconhecendo a necessidade de concentrar nossas forças nos operários fabris e nos opondo à dissipação de nossas forças, nós não queremos de maneira alguma sugerir que a social-democracia russa ignore outras camadas do proletariado e da classe operária russos. Nada desse tipo. As próprias condições de vida dos operários fabris russos muitas vezes os levam a entrar em relações mais próximas com os *kustares*[3], o proletariado industrial disperso fora das fábricas em cidades e vilas, e cujas condições são infinitamente piores. O operário fabril russo também entra em contato direto com a população rural (muitas vezes a família do operário fabril mora no interior) e, consequentemente, ele não pode senão ter um contato próximo com o proletariado rural, com os muitos milhões de operários rurais regulares e operários diaristas, e também com os camponeses arruinados que, enquanto se agarram a seus miseráveis pedaços de terra, precisam quitar suas dívidas e aceitar todo tipo de "trabalho casual", ou seja, também são operários assalariados. Os social-democratas russos pensam que é inoportuno *enviar* suas forças para o meio dos *kustares* e trabalhadores rurais, mas de forma alguma pretendem ignorá-los; eles tentaram iluminar os operários avançados também nas questões que afetam as vidas dos *kustares* e dos trabalhadores rurais, de modo que quando aqueles operários entrarem em contato com as

3 N.E. Termo russo que designa tanto artesãos autônomos quanto produtores domésticos explorados por atacadistas e usurários. A esse respeito, vide Lênin: *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* e *Escritos de juventude* (LavraPalavra Editorial, 2021)

camadas mais atrasadas do proletariado, eles vão imbuí-los das ideias da luta de classes, do socialismo e das tarefas da democracia russa em geral e do proletariado russo em particular. É pouco prático enviar agitadores para o meio de *kustares* e trabalhadores rurais quando há ainda tanto trabalho a ser feito entre os operários urbanos fabris, mas em muitos casos o operário socialista entra, querendo ou não, em contato com essas pessoas e precisa saber tirar vantagem dessas oportunidades e entender as tarefas gerais da social-democracia na Rússia. Dessa forma, aqueles que acusam os social-democratas russos de terem uma visão estreita, de tentarem focar nos operários fabris em detrimento da massa do povo trabalhador, estão profundamente equivocados. Ao contrário, a agitação entre os setores avançados do proletariado é o mais certeiro e único jeito de insurgir (quando da expansão do movimento) o proletariado russo inteiro. A disseminação do socialismo e da ideia da luta de classes entre os operários urbanos vai inevitavelmente fazer com que essas ideias circulem pelos canais menores e mais dispersos. Isso requer que essas ideias criem raízes profundas entre os elementos melhor preparados e se espalhem pela vanguarda do movimento operário russo e da revolução russa. Mesmo concentrando todas as suas forças em atividades entre os operários fabris, a social-democracia russa está pronta para apoiar todos aqueles revolucionários russos que, na prática, baseiam suas atividades socialistas na luta de classe do proletariado; mas ela não esconde nem um pouco a questão de que nenhuma aliança prática com outros grupos de revolucionários pode, ou deve, levar a compromissos ou concessões em matéria de teoria, programa ou bandeira. Convencidos de que a doutrina do socialismo científico e a luta de classes é a única teoria revolucionária que pode hoje servir como bandeira do movimento revolucionário, os social-democratas russos se empenharão nos maiores esforços para espalhar essa doutrina, para resguardá-la ante qualquer falsa interpretação e para combater toda tentativa de impor doutrinas mais vagas no ainda jovem movimento operário na Rússia. As razões teóricas provam e as atividades práticas dos social-democratas mostram que todos os *socialistas* da Rússia deveriam se tornar *social-democratas*. [...]

Nossa tarefa imediata

Escrito na segunda metade de 1899.

O movimento operário russo está hoje passando por um período de transição. O começo esplêndido alcançado pelas organizações social-democratas de operários nas áreas ocidentais, São Petesburgo, Moscou, Kiev e outras cidades, foi consumado na fundação do Partido Operário Social-Democrata Russo (primavera de 1898). A social-democracia russa parece ter exaurido suas forças, pelo momento, ao dar esse tremendo passo à frente, e voltou a seu antigo funcionamento isolado de organizações locais. O Partido não parou de existir, somente recuou em si mesmo de forma a acumular forças e unificar todos os social-democratas russos em uma base única. Efetivar essa unificação, para desenvolver uma forma adequada para ela e eliminar de uma vez por todas o isolamento local – essa é a tarefa imediata e mais urgente dos social-democratas russos.

Todos concordamos que nossa tarefa é a organização da luta da classe proletária. Mas o que é essa luta de classe? Quando operários de uma única fábrica, de um único ramo da indústria conduzem uma luta contra seu empregador ou seus empregadores, isso é luta de classes? Não, isso é um fraco embrião dela. A luta dos operários se torna uma luta de classes somente quando todos os principais representantes de toda a classe operária de todo o país estão conscientes de si mesmos como parte de uma única classe operária e lançam uma luta direcionada, não contra empregadores específicos, mas contra *toda a classe* dos capitalistas e contra o governo que a sustenta. Somente quando o operário individual percebe que ele é membro de toda uma classe operária, somente quando ele percebe que sua pequena luta contra empregadores específicos ou oficiais específicos é uma luta contra toda a classe burguesa e todo o governo que isso se torna uma luta de classes. "Toda luta de classes é uma luta política" – essas famosas palavras de Marx não devem ser interpretadas como se toda luta dos operários contra seus patrões *sempre fosse* uma luta política. Deve-se entender dessas palavras o significado de que toda luta dos operários contra os capitalistas inevitavelmente *se transforma* em luta política *conquanto* se torne uma luta de classes. É tarefa dos social-democratas, pela organização dos operários, pela propaganda e agitação

entre eles, transformar sua luta espontânea contra seus opressores em uma luta de toda a classe, em uma luta de um *partido* político definido por ideais políticos e socialistas definidos. Isso é algo que não pode ser atingido somente através de atividades locais.

A atividade social-democrata local atingiu um nível consideravelmente alto em nosso país. As sementes do ideal social-democrata foram espalhadas por toda a Rússia; panfletos operários – a forma primitiva de literatura social-democrata – são conhecidos por todos operários de São Petesburgo à Krasnoiarsk, do Cáucaso aos Urais. O que falta agora é unificar esses trabalhos locais no trabalho de um único partido. Nosso principal obstáculo, cuja superação exigirá nossa devoção total, é o raso caráter "amador" do trabalho local. Por causa desse caráter amador muitas manifestações do movimento operário permanecem puramente como eventos locais e perdem consideravelmente sua importância como exemplos para o todo da social-democracia russa, como palco de todo o movimento operário russo. Por causa desse comportamento amador, a consciência da comunhão de interesses ao redor da Rússia não está suficientemente inculcado na cabeça dos operários, eles não ligam suficientemente suas lutas ao socialismo russo e à democracia russa. Por causa desse comportamento amador as diferentes visões dos camaradas sobre questões práticas e teóricas não são abertamente discutidas em um jornal central, elas não servem para elaborar um programa comum e desenvolver táticas comuns para o Partido, eles estão perdidos em uma vida rasa de grupos de estudo ou caem no exagero despropositado de peculiaridades locais e da sorte. Basta do nosso amadorismo! Nós amadurecemos o suficiente para partirmos para a *ação comum*, para a elaboração de um programa comum do Partido, para a discussão conjunta da organização e tática de nosso Partido.

A social-democracia russa fez muitas críticas a teorias revolucionárias e socialistas; não se limitou ao criticismo e a teorização; mostrou que seu programa não paira no ar, mas vai ao encontro de extensivos movimentos espontâneos em meio ao povo, isto é, em meio ao proletariado das fábricas. Deve, agora, dar o seguinte, muito difícil, mas muito importante, passo – elaborar uma organização do movimento adaptada às nossas condições. A social-democracia não se limita simplesmente a servir ao movimento operário: ela representa "*a combinação do socialismo com o movimento operário*" (para usar a definição de Karl Kautsky, que ecoa as ideias essenciais do *Manifesto Comunista*); a tarefa da social-democracia é trazer ideais socialistas definidos ao movimento espontâneo da classe operária, conectar esse movimento com convicções socialistas, que devem atingir o nível da ciência contemporânea, conectá-lo com a luta regular pela democracia como meio para atingir o socialismo – em poucas palavras, fundir esse movimento espontâneo em um todo indestrutível através da atividade do *partido revolucionário*. A história do socialismo e da democracia na Europa Ocidental, a história do movimento revolucionário russo, a experiência do nosso movimento operário – esse é o *material* que devemos dominar para que possamos elaborar uma organização pertinente e

táticas pertinentes para nosso Partido. "A análise" desse material deve, no entanto, ser feita independentemente, já que não existem modelos prontos em nenhum lugar. Por outro lado, o movimento operário russo existe sob condições um tanto distintas daquelas da Europa Ocidental. Seria muito perigoso ter ilusões nessa empreitada. Por sua vez, a social-democracia russa se distingue substancialmente dos partidos revolucionários russos anteriores, então a necessidade de aprender as técnicas revolucionárias e a organização secreta dos velhos mestres russos (não hesitamos em admitir essa necessidade) não nos alivia do dever de julgá-las criticamente e de elaborar nossa própria organização independentemente.

Ao apresentar essa tarefa, duas perguntas surgem com uma insistência particular: 1) Como a necessidade de completa independência da atividade local dos social-democratas será combinada com o estabelecimento de um partido único – e, consequentemente, centralista? A social-democracia tem suas forças a partir do movimento espontâneo da classe operária, que se manifesta de forma diferente e em momentos diferentes em diversos centros industriais; a atividade das organizações locais de social-democratas é a *base* de toda a atividade do Partido. Se, no entanto, isso é a atividade de "amadores" isolados, então não pode ser, rigorosamente falando, chamado de social-democracia, já que não será a organização e vanguarda da luta de *classe* do proletariado. 2) Como podemos combinar a vontade da social-democracia de se tornar um partido revolucionário que faz da luta pela liberdade política sua maior prioridade com a recusa categórica da social-democracia a organizar conspirações políticas, sua recusa enfática a "chamar os operários às trincheiras" (como corretamente notado por P. B. Axelrod), ou, em geral, a impor aos operários esse ou aquele "plano" para uma ataque ao governo, que foi pensado por uma companhia de revolucionários?

A social-democracia russa tem todo o direito de acreditar que forneceu a solução *teórica* para essas questões; se delongar nisso significaria repetir o que foi dito no artigo *Nossa programa*. Agora é uma questão da solução *prática* dessas questões. Isso não é uma solução que pode ser adotada por uma só pessoa ou grupo; só pode ser adotada pela atividade organizada da social-democracia como um todo. Acreditamos que a tarefa mais urgente do momento é se debruçar sobre a solução dessas questões, o sentido que devemos seguir como nosso objetivo é a *fundação de um órgão que aparecerá regularmente e estará proximamente conectado com todos os grupos locais*. Acreditamos que toda atividade social-democrata deve ser direcionada para esse fim durante todo o próximo período. Sem esse órgão o trabalho local se manterá estritamente "amador". A formação do Partido – se a representação correta desse Partido em um certo jornal não for organizada – continuará, até certo ponto, sendo puramente palavras. Uma luta econômica que não está unida por um órgão central não se tornará na luta de *classe* de todo o proletariado russo. É impossível conduzir uma luta política se o Partido como um todo falha em formular declarações para todas as questões políticas e a direcionar as várias manifestações da luta. A organização e disciplina das forças revolucioná-

rias e o desenvolvimento da técnica revolucionária é impossível sem a discussão de todas essas questões em um órgão central, sem a elaboração de certas *formas* e *regras de conduta dos assuntos*, sem o estabelecimento – através do órgão central – da *responsabilidade* dos membros do Partido para com o Partido.

Ao falar da necessidade de concentrar *todas* as forças do Partido – todas as forças literárias, todas habilidades organizativas, todos os recursos materiais etc – na fundação e boa condução do órgão de todo o Partido, nós de forma alguma pensamos em deixar outras formas de atividades de lado – por exemplo, a agitação local, manifestações, boicotes, perseguição de espiões, as ácidas campanhas contra representantes individuais da burguesia e do governo, greves de protesto etc., etc. Pelo contrário, estamos convencidos que todas essa formas de atividade constituem a base para a atividade do Partido, mas, *sem* sua unificação por um órgão de todo o Partido, essas formas de luta revolucionária *perdem nove décimos de sua importância*; elas não culminam na criação de experiência comum do Partido, na criação de tradições e continuidade do Partido. O órgão do Partido, longe de competir com essas atividades, exercerá uma tremenda influência em sua extensão, consolidação e sistematização.

A necessidade de concentrar *todas* as forças em estabelecer um órgão regularmente presente e regularmente eficiente surge da peculiar situação da social-democracia russa quando comparada com a social-democracia em outros países europeus e com aquela dos velhos partidos revolucionários russos. Além de jornais, os operários da Alemanha, França etc., têm outros muitos meios de manifestar publicamente suas atividades, de organizar seu movimento – atividade parlamentar, agitação eleitoral, reuniões públicas, participação na administração pública local (rural e urbana), a condução não clandestina de sindicatos (profissionais, guildas) etc., etc. *No lugar de tudo isso*, sim, *tudo* isso, devemos nos servir – até que tenhamos conquistado a liberdade política – de um jornal revolucionário, sem o qual *nenhuma* ampla organização de todo o movimento operário é possível. Nós não acreditamos em conspirações, renunciamos empreitadas revolucionárias individuais para destruir o governo; as palavras de Liebknecht, veterano dos social-democratas alemães, servem como a máxima de nossas atividades: *Studieren, propagandieren, organisieren* – Estudar, propagandear, organizar – e o pivô dessa atividade pode e deve ser somente órgão do Partido.

Mas é possível a instituição regular e mais ou menos estável desse órgão, e sob quais condições é possível? Trataremos dessa questão na próxima vez.

Cartas para Apollinaria Iakúbova

Escritas em 26 de outubro de 1900.

I

Eu vejo claramente duas tendências em sua[1] carta a um amigo: uma delas enfatiza, legitimamente, a necessidade da luta econômica, a necessidade de sermos capazes de usar também as associações operárias legais "para responder de maneiras diversas às necessidades vitais do dia a dia dos operários" e assim por diante. Tudo isso é legítimo e correto. Você se equivoca se pensa que os revolucionários "se opõem às associações legais", que tais associações são "odiadas" por eles, que eles "viram as costas para a associação", e assim por diante. Os revolucionários também reconhecem a necessidade da luta econômica, de responder também às necessidades vitais do dia a dia e de também aprender a usar as associações legais. Não só os revolucionários nunca, em lugar nenhum, *aconselharam* a virar as costas para a associação, mas, ao contrário, sublinharam que ela é essencial para a social-democracia *tomar a liderança* do movimento social e unir sob a liderança do Partido Social-Democrata revolucionário todos os elementos democratas. No entanto, é preciso cuidar para que as associações legais e as organizações puramente econômicas *não separem* o movimento operário da social-democracia e da luta política revolucionária, mas elas devem, ao contrário, *ligá-los o mais estreita e indissoluvelmente possível.* Mas em sua carta, também há aquela tendência (nociva e, em minha opinião, totalmente reacionária), a tendência de *separar* o movimento operário da social-democracia e da luta política revolucionária – de protelar as tarefas políticas, de substituir o conceito de "luta política" pelo conceito de "luta por direitos legais", e assim por diante.

---

1 Apollinaria Alexandrovna Iakúbova (1870-1917) foi uma participante no movimento social-democrata desde 1893, grande expoente do economicismo. Foi membra da Liga de Luta pela Emancipação da Classe Operária de São Petersburgo; em 1897-98 foi uma das organizadoras da publicação petersburguesa do jornal economicista *Rabótchaia Misl.* Em 1898 foi exilada para a Sibéria para cumprir uma pena de quatro anos e emigrou no verão de 1899. Auxiliou na organização do II Congresso do POSDR, no qual participou como delegada sem direito a voto. Depois da cisão do Partido, ela tomou o lado dos mencheviques. Afastou-se de atividades políticas depois de 1905.

Como traçar a linha que diferencia a tendência saudável e útil da nociva? Eu acredito que não haja necessidade de persuadir você, que já experimentou as "reuniões no exterior", de que não podemos nos restringir a simples conversa. E não seria ridículo temer a análise da questão na imprensa, já que já foi discutida por muito tempo em cartas e debates? Por que os debates nas reuniões e cartas são considerados permitidos e a elucidação das questões polêmicas na imprensa é considerada "a coisa mais nociva, capaz apenas (???) de divertir nossos inimigos"? É isso que eu não consigo entender. Só as polêmicas na imprensa podem estabelecer precisamente a linha divisória a que me refiro, porque algumas pessoas frequentemente se mantêm inclinadas a ir aos extremos. É claro que a luta na imprensa vai causar mais mal-estar e nos dar algumas boas porradas, mas não somos tão frágeis assim para ter medo de levar porrada! Desejar uma luta sem porradas, diferenças sem luta, seria o cúmulo da ingenuidade, e se a luta for travada *abertamente*, será cem vezes melhor que o "gubarevismo" estrangeiro e russo, e levará, eu repito, cem vezes mais rápido a uma *unidade* duradoura.

II

26 de outubro.

Recebi sua carta de 24 de outubro ontem e estou respondendo imediatamente como solicitado.

Não posso encaminhar sua carta exatamente agora, porque não estou enviando nada em anexo para o endereço que tenho, e só estou usando o método químico. Não tenho tempo de copiar a carta dessa forma. Eu escrevi para o destinatário[2] ontem falando do conteúdo geral da carta, e espero no futuro próximo passar a ele toda a carta. Mas se você puder copiá-la em um livro solto pelo método químico, vou enviar imediatamente.

Darei o endereço à minha irmã: ela não estava em Paris em setembro, então dificilmente vocês poderiam ter estado lá ao mesmo tempo. Espero que você tenha deixado algumas linhas no endereço que lhe dei.

Agora, ao que interessa.

A carta que você me enviou deixou uma impressão estranha. Além da informação sobre endereços e encaminhamentos, ela só contém reprovações – simples reprovações sem nenhuma explicação. Você chegou ao ponto de tentar fazer comentários ácidos ("tem certeza de que você fez isso para o benefício do movimento operário russo e não para o benefício de Plekhánov?") – mas, claro, não vou trocar comentários ácidos com você.

Você me censura por ter "aconselhado contra"[3]. Você me cita sem precisão. Eu lembro muito bem que não me expressei categoricamente, em absoluto. Escrevi: "É difícil para nós nesse momento aconselharmos qualquer coisa", ou seja, eu fiz nossa decisão depender diretamente de uma elucidação preliminar do assunto.

2 N.E. Referência a Plekhánov.

3 N.E. Referência à resposta de Lênin a Plekhánov, que pediu conselhos a Lênin sobre o convite dos economicistas para contribuir com seu jornal, o *Rabótchaia Misl*.

O que deveria ser essa elucidação fica claro na minha carta: é essencial para nós termos total certeza de se houve mesmo um "giro" no *Rabótchaia Misl*[1] (como nos falaram e como podemos concluir do fato de que você propôs a Plekhánov que ele deveria participar) e que tipo de giro.

Sobre essa questão básica e principal, você não diz uma palavra sequer.

Que consideramos o *Rabótchaia Misl* como um órgão de uma tendência específica com a qual divergimos de maneira muito séria é algo que você tem ciência há muito tempo. Alguns meses atrás tanto o destinatário de sua longa carta quanto eu nos recusamos a participar de um órgão dessa tendência e, obviamente, ao fazermos isso nós mesmos, não poderíamos aconselhar outros a fazer outra coisa.

A notícia de um "giro" no *Rabótchaia Misl*, no entanto, nos coloca em uma "dificuldade". Um giro *real* poderia substancialmente alterar a situação. É natural, portanto, que em minha carta eu tenha expressado *acima de tudo* o desejo de compreender todos os detalhes desse *giro* – mas você não disse uma palavra sequer em resposta a isso.

Talvez, contudo, você considere que a resposta a minha questão sobre o giro esteja contida na carta ao meu amigo[2]? Talvez, se você abordasse Plekhánov em nome do conselho editorial do *Rabótchaia Misl*, sua carta ao meu amigo poderia ser tomada como uma expressão legítima da visão do conselho? Se for isso, então estou inclinado a concluir que não houve giro. Se eu estiver errado, por favor me explique meu erro. Outro dia mesmo, um outro apoiador de Plekhánov me escreveu sobre o giro no *Rabótchaia Misl*. Mas, por estar me correspondendo com você, eu não podia, claro, acreditar nesses "boatos" de um giro que não foi confirmado por você de maneira alguma.

Novamente, seria melhor eu dizer aberta e diretamente (mesmo sob o risco de receber ainda mais reprovações) que, estando em completa solidariedade a meu amigo (a quem você escreveu), eu subscrevo as palavras dele: "Temos que lutar contra você" – se não houver giro. Mas se houver – então você precisa me explicar com todos os detalhes exatamente que giro é esse.

Você escreveu ao meu amigo: "lute contra nós, se não tiver vergonha de fazê-lo". Ele mesmo vai lhe responder, claro, mas, de minha parte, pedirei licença para também responder. Não tenho a menor vergonha de lutar – ainda mais vendo que as coisas chegaram ao ponto de que as divergências atingiram questões fundamentais, que se criou uma atmosfera de mútua incompreensão, mútua desconfiança e completa divergência de visões (e não falo *só* do *Rabótchaia Misl*; mas de tudo que tenho visto e ouvido, e *não tanto aqui* como em casa), haja vista

---

1 N.E. *Rabótchaia Misl* ("O pensamento operário") foi um jornal, órgão dos economicistas, publicado de outubro de 1897 a dezembro de 1902. Uma crítica das posições do *Rabótchaia Misl*, descrita como a variedade russa do oportunismo internacional, foi feita por Lênin em seu artigo *Uma tendência retrógrada na social-democracia russa* (ULIÁNOV, V. I. *Escritos de juventude*, v. 2. São Paulo: LavraPalavra, 2020, p. 219-245) e nos artigos publicados no *Iskra* e em seu livro *Que fazer?*.

2 N.E. Aparente referência a I. O. Mártov.

a quantidade de "cisões" que *já apareceram* sobre esse tema. Nós nos livrarmos dessa atmosfera opressiva, praticamente uma tempestade furiosa, e não apenas de uma polêmica literária, pode (e deve) ser algo bem-vindo.

E não há razão para ter tanto medo de uma luta: uma luta pode causar aborrecimento para alguns *indivíduos*, mas vai clarear o céu, definir atitudes de uma forma precisa e direta, definir quais diferenças são importantes e quais são desimportantes, definir onde as pessoas estão – aqueles que estão indo por um caminho completamente diferente e aqueles camaradas do Partido que só divergem em questões menores.

Você escreve que houve erros no *Rabótchaia Misl*. Claro, todos cometemos erros. Sem uma luta, contudo, como alguém pode distinguir esses erros menores da *tendência* que se mostra com clareza no *Rabótchaia Misl* e que atingiu seu ápice no "Credo"[3]. Sem luta não pode haver uma escolha, e sem uma escolha não pode haver avanço exitoso, nem pode haver uma *unidade duradoura*. E aqueles que começam a luta agora não estão de forma alguma *destruindo* a unidade. Não há mais qualquer unidade, ela já foi destruída até o fim. O marxismo russo e a social-democracia russa já são uma casa dividida contra si mesma, e uma luta aberta e franca é uma das condições essenciais de *restaurar* a unidade.

Sim, *restaurar*! O tipo de "unidade" que nos faz esconder documentos "economicistas"[4] de nossos camaradas como uma doença secreta, que nos

---

3 N.A. Note. Em sua carta ao meu amigo, por exemplo, há tanto mal-entendidos quanto há na tendência economicista. Você está certa em enfatizar que uma luta econômica é necessária, que precisamos saber como usar as sociedades legais, que todos os tipos de respostas são necessárias, que não devemos dar as costas à sociedade. Tudo isso é legítimo e verdadeiro. Se você pensa que os revolucionários têm uma visão diferente, isso é um mal-entendido. Os revolucionários dizem simplesmente que todo esforço deve ser feito para garantir que as associações legais não se separem do movimento da social-democracia e da luta política revolucionária, mas, ao contrário, os una mais estreita e indissoluvelmente possível. Em sua carta, contudo, não há esforço para unificar, mas há um esforço para separar, ou seja, há economicismo ou "bernsteinianismo", por exemplo, na declaração: "A questão operária na Rússia, como ela existe na realidade, foi primeiramente colocada pelo *Rabótchaia Misl*" em seus argumentos sobre a luta judicial e assim por diante. Eu peço desculpas se minha referência à sua carta ao meu amigo a ofende; eu apenas queria ilustrar meu pensamento. [N.E. O bernsteinianismo foi uma tendência oportunista antimarxista no movimento social-democrata internacional, que se originou na Alemanha no final do século XIX e foi nomeada a partir do revisionista Eduard Bernstein Na Rússia, essa tendência encontrou apoiadores entre os "marxistas legais" e os economicistas.]

4 N.E. "O economicismo" foi uma tendência oportunista na social-democracia russa no final do século XIX e começo do XX, uma versão russa do oportunismo internacional. O jornal *Rabótchaia Misl* ("O pensamento do operário") (1897-1902) e a revista *Rabótcheie Diélo* ("Causa operária") (1899-1902) eram órgãos dos "economicistas", criticados detalhadamente por Lênin em *Que fazer?* Em 1899, apareceu o "Credo", um manifesto dos "economicistas", que foi escrito por E. D. Kúskova. Quando Lênin, à época no exílio, recebeu uma cópia do "Credo", escreveu em resposta *Um protesto dos social-democratas russos*" (ULIÁNOV, V.I. *Escritos de juventude*, v. 2. São Paulo: LavraPalavra, 2020, p. 193-205), em que criticou duramente o programa dos "economicistas". Os "economicistas" limitavam as tarefas da classe operária à luta econômica por maiores salários e melhores condições de trabalho etc., afirmando que a luta política era assunto da burguesia liberal. Eles negavam o papel

faz ressentir a publicação de declarações revelando quais visões estão sendo propagadas como visões social-democratas – essa "unidade" não vale um centavo, essa "unidade" é pura hipocrisia, ela só agrava a doença e lhe dá uma forma crônica e maligna. Que uma luta aberta, franca e honesta vai curar essa doença e criar um movimento social-democrata realmente unido, vigoroso e forte – disso eu não tenho dúvidas.

Talvez seja inadequado que em uma carta para você, dentre todas as pessoas, eu tenha que falar tanto de uma luta (uma luta literária). Mas penso que nossa velha amizade mais do que tudo faz com que uma *franqueza total* seja obrigatória.

Um aperto de mãos,

Petroff.

P.S. Dentro de uma ou duas semanas eu terei um novo endereço: Senhor Philipp Roegner, Charutaria, Viela Nova, Nuremberg (apenas para cartas e com dois envelopes). [Por favor não escreva iniciais nas cartas – só Deus sabe se o correio aqui é confiável.]

---

dirigente do partido da classe operária, considerando que o partido deveria simplesmente observar o processo espontâneo do movimento e registrar os eventos. Em sua apologia da espontaneidade no movimento operário, os "economicistas" diminuíam a importância da teoria revolucionária e da consciência de classe, afirmavam que a ideologia socialista poderia surgir do movimento espontâneo, negavam a necessidade de promover a consciência socialista dentro do movimento operário e, assim, abriam caminho para a ideologia burguesa. Os "economicistas", que se opunham à necessidade de criar um partido operário centralizado, defendiam o caráter esporádico e amador dos círculos individuais e alimentavam a confusão e a hesitação no movimento social-democrata. O "economicismo" ameaçava desviar a classe operária do caminho revolucionário classista e transformá-la em um apêndice político da burguesia.

A Conferência "Unitária" dos organismos do POSDR no exterior

Realizada em Zurique entre 21 e 22 de setembro (4 e 5 de outubro) de 1901, a Conferência foi uma tentativa de reunificar as organizações social-democratas russas no exterior sobre uma plataforma de princípios marxistas. A Conferência recebeu representantes da seção no exterior da organização do jornal *Iskra* e da revista a ele ligada, a *Zariá*; da organização do *Sotsial-Demokrat* (que incluía o grupo Emancipação do Trabalho[1]), da União dos Social-Democratas Russos no Exterior, do Bund[2] e o grupo *Borba* ("Luta"). Como a União no Exterior sustentasse posições economicistas e oportunistas, os representantes do *Iskra* e do *Sotsial-Demokrat* leram uma declaração e se retiraram da Conferência. Lênin participou da Conferência "Unitária" com o codinome de Frey. Essa foi sua primeira aparição pública entre os social-democratas russos no exterior.

I

Discurso pronunciado em 21 de setembro (4 de outubro)

Camaradas!

Comecemos com o ponto do qual depende o sucesso da conferência.

Como representante do *Iskra*, considero necessário abordar historicamente de nossa atitude para com outras organizações. O *Iskra* tem sido completamente independente desde sua origem, reconhecendo apenas ligações ideológicas com a social-democracia russa e funcionando a partir das instruções de vários camaradas na Rússia. Em seu primeiro número, o *Iskra* declarou que não lidaria com as diferenças organizativas que surgiram na União dos Social-Democratas Russos no Exterior e deu toda importância para sua posição em questões de princípio.

Alguns membros da União no Exterior propuseram que fizéssemos uma conferência para chegarmos a um acordo entre as organizações no exterior. Entendemos que a proposta significava que um grupo da União estava de acordo com nossos princípios, o que tornaria possível a aceitação desses princípios pela União. A organização revolucionária *Sotsial-Demokrat*[3] declarou seu consentimento,

---

1 N.E. O grupo Emancipação do Trabalho foi o primeiro grupo marxista russo, fundado na Suíça, em 1883, por Georg Plekhánov, Vera Zasúlitch, P. B. Axelrod, L. G. Deutsch e V. N. Ignatov.

2 N.E. O Bund, ou União Geral dos Operários Judeus da Lituânia, da Polônia e da Rússia, fundado em 1897, era composto principalmente de artesãos judeus nas regiões ocidentais da Rússia. O Bund se uniu ao POSDR em seu Primeiro Congresso em março de 1898. No Segundo Congresso do POSDR, os delegados do Bund insistiram no reconhecimento de sua organização como a única representante do proletariado judeu na Rússia. O Congresso rejeitou esse nacionalismo organizativo, motivo pelo qual o Bund se retirou do Partido. Em 1906, depois do IV Congresso ("Unitário"), o Bund se filiou novamente ao POSDR. Os Bundistas constantemente apoiavam os mencheviques e travaram uma luta incessante contra os bolcheviques. Apesar de sua filiação formal ao POSDR, o Bund se manteve como uma organização de caráter nacionalista-burguês. Ao contrário da exigência programática bolchevique do direito das nações à autodeterminação, o Bund colocava a exigência de autonomia cultural-nacional.

3 N.E. A organização *Sotsial-Demokrat foi* fundada pelo grupo Emancipação do Trabalho e por seus apoiadores depois da cisão na União dos Social-Democratas Russos no Exterior (em maio de 1900). Em outubro de 1901, por iniciativa de Lênin, a organização *Sotsial-Demokrat* se juntou à organização do *Iskra-Zariá* no exterior e formou a Liga da Social-Democracia Revolucionária Russa

a despeito de diferenças organizativas consideráveis, assim como diferenças de princípio. A União, infelizmente, se recusou a negociar. Quando um grupo de iniciadores[4] apareceu, a União consentiu às negociações. Uma vez que a União não tinha fisionomia definida e que uma nova tendência na direção do marxismo revolucionário tinha se manifestado dentro dela, esperava-se que um acordo em princípio fosse possível. O *Iskra* e a *Sotsial-Demokrat* novamente consentiram e a Conferência de Genebra foi feita. No começo da sessão, o camarada Kruglov leu a resolução da conferência sem que houvesse comentários. Ninguém da União apresentou divergências.

Afirmamos que, em seu décimo número, a *Rabótcheie Diélo* fez uma ruptura decisiva com as tradições do marxismo revolucionário e se opôs ao acordo de princípios elaborado na Conferência de Genebra, com cujas tendências a União está aparentemente em acordo.

Tendo isso em vista, minha crítica será dirigida contra os editores da *Rabótcheie Diélo*, e não contra toda a União.

Comparemos a resolução de Genebra com os artigos no nº 10 da *Rabótcheie Diélo*.

A resolução de Genebra surpreende qualquer um por seus incríveis detalhes e sua ênfase em pontos que são considerados conhecidos por todos.

No ponto 1 do acordo de princípios, lê-se: "Aceitando os princípios básicos do socialismo científico e agindo em solidariedade com a social-democracia revolucionária internacional, rejeitamos todas as tentativas de introduzir o oportunismo na luta de classe do proletariado – tentativas que encontram sua expressão nos assim chamados economicismo, bernsteinianismo, millerandismo[5] etc.". Aqui há uma óbvia alusão a algo; obviamente uma luta estava acontecendo entre o oportunismo e o marxismo revolucionário. Independente do conteúdo do número 10 da *Rabótcheie Diélo*, ele não pode, em qualquer circunstância, destruir o fato histó-

---

no Exterior.

4 N.E. Esse grupo, que era composto por D. B. Riázanov, I. M. Steklov (Nevzorov) e E. L. Gurevitch (V. Danevitch, I. Smirnov), foi formado em Paris em 1900 e adotou, em maio de 1901, o nome de *Borba* ("Luta"). Em uma tentativa de conciliar as tendências revolucionária e oportunista na social-democracia russa, o grupo *Borba* propôs a unificação das organizações social-democratas no exterior e, para isso, começou negociações com as organizações do *Iskra-Zariá* e do *Sotsial-Demokrat* e com a União dos Social-Democratas Russos no Exterior; o grupo também participou da Conferência de Genebra (em junho de 1901) e da Conferência "Unitária" (em outubro de 1901). No outono de 1901, o grupo *Borba* fixou-se como um grupo literário independente e anunciou suas publicações, nas quais distorcia a teoria revolucionária do marxismo e demonstrava hostilidade para com os princípios organizativos propostos por Lênin e pelo *Iskra*. Por causa de seus desvios, suas atividades desorganizadoras e sua falta de contato com as organizações social-democratas na Rússia, o grupo *Borba* não foi aceito no II Congresso do POSDR, que deliberou por sua dissolução (condição para adesão individual de seus membros ao partido).

5 N.E. Tendência oportunista nomeada a partir do social-reformista Millerand francês que, em 1899, entrou no ministério burguês de Waldeck-Rousseau ao lado do general Galiffet, açougueiro da Comuna de Paris. A este respeito, vide o artigo de Rosa Luxemburg *A crise socialista na França* (LUXEMBURGO, Rosa. *A outra Rosa*, São Paulo: LavraPalavra Editorial, 2021).

rico de que a Conferência de Genebra aconteceu e que a resolução que ela adotou podia servir de base para uma unificação. Em seu terceiro ponto, por exemplo, a resolução de Genebra reconhece que a social-democracia deve assumir a direção na luta pela democracia. Aparentemente, havia diferenças anteriores de opinião sobre esse ponto, também. Em seu esforço para manter-se bem distante do oportunismo, a resolução chega quase ao ponto do ridículo (veja o inciso "e" no parágrafo 5). Ela segue, portanto, dizendo que havia diferenças até mesmo nesse tipo de questão elementar. Agora comparemos a resolução com os artigos na *Rabótcheie Diélo* (nº 10). Infelizmente, eu tive os artigos a minha disposição por apenas três dias, não mais do que o suficiente para um exame superficial.

Esses artigos dão uma explicação detalhada da diferença entre nossas visões; há apenas alguns apontamentos endereçados à *Zariá* e ao *Iskra* que nós devemos levar em conta. Mas não é isso que nos preocupa neste momento; estamos preocupados com os princípios que estão por trás dos artigos. A posição de princípio adotada pela *Rabótcheie Diélo* (nº 10) contradiz a posição adotada pelos delegados da União na Conferência de Genebra. É impossível conciliar essas duas posições. É necessário revelar as diferenças contidas nelas para sabermos sobre quais fundamentos a União se colocará, para sabermos se é possível efetivar uma unidade ideológica, sem a qual a unidade organizativa não teria sentido; não buscamos e não poderíamos buscar tal unidade. Nas páginas 32 e 33 do nº 10 da *Rabótcheie Diélo*, o autor do artigo faz uma objeção à divisão entre Montanha e Gironda na social-democracia internacional[6]. Basta olhar para a Conferência de Genebra – ela não representa o embate entre a Montanha e a Gironda? O *Iskra* não representa a Montanha? O *Iskra* não se declarou, em seu primeiro editorial, contra a unidade organizativa preceder a demarcação das fronteiras ideológicas? Na *Rabótcheie Diélo*, nº 10, está colocado que mesmo os bernsteinianos mais raivosos tomam suas posições com base nos interesses de classe. A resolução faz uma menção especial ao bernsteinianismo, os delegados da conferência fizeram um considerável esforço para refutá-lo; e agora, nos artigos da *Rabótcheie Diélo* (nº 10), repetiu-se a velha ladainha. O que é isso, um desafio ou uma tiração de sarro? Para que serviu o esforço que fizemos? Pessoas simplesmente rindo de nosso trabalho para elaborar uma base teórica. Não devemos esquecer que, sem uma base ideológica comum, não se pode colocar a unidade em questão. No mesmo artigo, além disso, recebemos o vislumbre de um escopo ainda mais amplo de nossas diferenças. Na página 33, por exemplo, o autor escreve: "Talvez nossas diferenças

6 N.E. Montanha e Gironda foram os dois grupos políticos da burguesia durante a revolução burguesa na França no final do século XVIII. *La Montagne* ("a Montanha") foi o nome dado aos jacobinos, os representantes mais coerentes da burguesia e da pequena burguesia revolucionárias do período. Eles defendiam a abolição do absolutismo e do sistema feudal, enquanto os girondinos vacilavam entre a revolução e a contrarrevolução, adotando um caminho de compromisso com os monarquistas. Em analogia, Lênin aplicou o termo "Gironda socialista" à tendência oportunista na social-democracia e o termo "Montanha" ou jacobinos proletários aos social-democratas revolucionários.

surjam de diferentes interpretações do marxismo?". De novo, eu pergunto, para que serviu o esforço que fizemos?

O inciso "c" do parágrafo 4 da resolução de Genebra fala da necessidade de lutar contra todos os adversários do marxismo revolucionário, mas nos dizem que, talvez, genericamente, nosso entendimento do marxismo seja diferente.

Preciso também mencionar que tudo isso está acompanhado por argumentos de nocividade do pensamento acorrentado etc., que é precisamente o que todos os bernsteinianos estão dizendo. Isso foi colocado no *Parteitag* de Lübeck[7] e também está sendo repetido pelos seguidores de Jaurès[8], enquanto os pontos de concordância não dizem nada sobre isso, uma vez que o acordo foi feito explicitamente sobre a base do marxismo revolucionário. As menores manifestações de crítica teriam levado a um rompimento completo. Nós nos encontramos para discutir o conteúdo das opiniões e não a liberdade de opinião. Referências aos modelos francês e alemão são os mais infelizes. Os alemães já alcançaram aquilo pelo que lutamos. Eles têm uma social-democracia unificada que dirige a luta política. Nossa social-democracia ainda não é a direção dos grupos revolucionários; ao contrário, há sinais de reaparecimento de outras tendências revolucionárias. Nos artigos da *Rabótcheie Diélo* (nº 10), não apenas não há sinais de um rompimento completo com o oportunismo, como também há algo ainda pior – existe um elogio à predominância do movimento espontâneo. Não estou usando de sofística. Todos nós, os camaradas do *Iskra*, os camaradas do *Sotsial-Demokrat* e eu, estamos chamando atenção apenas para as tendências básicas dos artigos; mas essas palavras, como dizem os alemães, *ins Gesicht schlagen*[9]. Particularmente em relação a esses pontos, a resolução de Genebra não poderia ser mais clara. O recentemente surgido Partido Operário para a Libertação Política da Rússia[10] entoa cânticos em harmonia com essas publicações.

---

7 N.E. O *Parteitag* (em alemão no original: "Congresso do Partido") de Lübeck do Partido Social-Democrata da Alemanha foi realizado entre 9 e 15 (22 e 28) de setembro de 1901. O assunto central no Congresso foi a luta contra o revisionismo, que já tinha, naquele momento, tomado forma como a ala direita do partido, com seu programa e imprensa periódica (*Sozialistische Monatshefte*) próprios. Bernstein, o líder dos revisionistas, há muito tempo defende uma revisão do socialismo científico; no Congresso, ele defendeu a "liberdade de criticar" o marxismo. O Congresso rejeitou a resolução dos apoiadores de Bernstein e adotou uma resolução que advertia explicitamente a Bernstein, mas sem colocar com clareza que as posições bernsteinianas seriam incompatíveis com o pertencimento ao partido operário.

8 N.E. Jauresistas eram os seguidores do socialista francês Jean Jaurès, aliado de Millerand e líder da ala reformista de direita do socialismo francês. Sob o pretexto de defender a "liberdade de crítica", eles buscaram revisar os princípios do marxismo e defenderam a conciliação de classes do proletariado com a burguesia. Em 1902, eles formaram o Partido Socialista Francês, que aderiu a princípios reformistas.

9 N.E. Em alemão no original. Literalmente "bater na cara", equivalente à expressão "é um tapa na nossa cara" em português brasileiro.

10 N.E. O Partido Operário para a Libertação Política da Rússia foi uma pequena organização de tipo *narodnik* (populista); existiu em Minsk, Belostok e várias outras cidades de 1899 a 1902. Em 1902, os membros do partido se juntaram ao Partido Socialista Revolucionário.

Considere no artigo a famosa distinção entre tática-como-plano e tática-como-processo. O autor diz que a tática-como-plano está em contradição com o princípio fundamental do marxismo revolucionário e ele acha que se pode falar de tática-como-"processo" querendo dizer o crescimento das tarefas do Partido, que cresce conforme cresce o Partido. Na minha opinião, isso é simplesmente falta de vontade de discutir. Nós despendemos muito tempo e esforço na formulação de tarefas políticas definidas e falamos muito sobre isso na Conferência de Genebra; e agora de repente voltam com essa questão da "tática-como-plano" e da "tática-como-processo". Para mim, isso representa um retorno ao produto bernsteiniano, específico e estreito, do *Rabótchaia Misl* que afirmou que apenas a luta possível deve ser conduzida e que a luta possível é a que já está acontecendo. De nossa parte, mantemos que só a distorção do marxismo está crescendo. A resolução de Genebra diz que não há etapas necessárias para a transição rumo à agitação política e aí aparece de repente um artigo no qual a "literatura expositiva" está contraposta à "luta proletária". Martínov escreve sobre estudantes e liberais, defendendo que eles podem se preocupar com as demandas democráticas por si próprios. Nós, contudo, pensamos que toda a peculiaridade da social-democracia russa consiste no fato de que a democracia liberal não tomou qualquer iniciativa na luta política. Se os liberais sabem melhor o que devem e podem fazer eles mesmos, não temos nada a fazer. O autor do artigo vai até o ponto de assumir que o governo vai adotar medidas administrativas concretas por vontade própria.

Como todos sabemos, há diferenças de opinião sobre a questão do terror na Conferência de Genebra. Depois da Conferência, uma parte da União no Exterior, o Bund, em sua própria conferência, adotou uma postura decisiva contra o terror. Na página 23, contudo, o autor escreve que nós "não desejamos nos colocar contra os ânimos terroristas. Isso é o mais puro oportunismo. [...][11]

II

Questões submetidas à União dos Social-Democratas Russos no Exterior na Conferência "Unitária", em 21 de setembro (4 de outubro) de 1901

1. Essas três organizações aceitam, em princípio, a resolução da Conferência de junho?

2. A União dos Social-Democratas Russos no Exterior deseja e é capaz de organizar a atividade publicística de modo a tornar impossível os desvios sem princípio e oportunistas do marxismo revolucionário – desvios que criam uma confusão mental tão perigosa para nosso movimento – e eliminar toda aproximação com bernsteinianismo tácito ou declarado, assim como aceitação servil de formas elementares e espontaneidade do movimento, que devem inevitavelmente levar à conversão do movimento operário em um instrumento da democracia burguesa?

Resposta a "Um Leitor"

Publicado no nº 16 do *Iskra*, em 1º de fevereiro de 1902.

A seguinte carta foi recebida pelo Conselho Editorial:

> Ao lidar com a questão da agitação (se não me engano, no nº 13), o *Iskra* se opõe aos panfletos agitativos (brochuras de duas ou três páginas) sobre assuntos políticos. Na opinião dos editores, jornais podem substituir tal literatura de maneira exitosa. Jornais são, claro, uma coisa ótima. Ninguém sonhará em falar contra isso. Mas eles podem substituir panfletos que são especialmente direcionados para uma distribuição ampla entre as massas? Os editores receberam uma carta da Rússia na qual um grupo de agitadores-operários deu sua opinião sobre isso. A resposta do *Iskra* é obviamente devido a um mal-entendido. A questão da agitação é tão importante hoje quanto a questão das manifestações. É, portanto, desejável que os editores levantem essa questão de novo e prestem uma atenção maior dessa vez.
> Um Leitor.

Qualquer um que se dê ao trabalho de ler nossa resposta à carta dos "Operários do Sul" no nº 13 do *Iskra* junto com essa carta vai facilmente se convencer de que é precisamente o autor da carta que trabalha a partir de um óbvio mal-entendido. Não houve nenhuma questão da "oposição a panfletos agitativos" do *Iskra*; nunca entrou na cabeça de ninguém que os jornais poderiam "substituir panfletos". Nosso correspondente não notou que panfletos são, de fato, declarações. Que este tipo de literatura, ao estilo de proclamações, é *insubstituível* e sempre será *indiscutivelmente necessária* – sobre esse ponto os "Operários do Sul" e o *Iskra* estão em completo acordo. Mas eles também concordam que só esse tipo de literatura *não é suficiente*. Se falarmos de moradia boa para os operários e ao mesmo tempo dissermos que comida boa não é o bastante para eles, isso dificilmente seria tomado como uma posição nossa contra a boa comida. A questão é – qual é a forma mais elevada de literatura *agitativa*? Os "Operários do Sul" *não disseram nada* sobre o jornal quando levantaram a questão. Seu silêncio poderia, claro, ter sido devido a circunstâncias locais, mas nós, mesmo que não tenhamos o menor desejo de entrar em "disputas" com nossos correspondentes, naturalmente não poderíamos evitar lembrá-los de que o proletariado deve também organizar seu próprio jornal

como as outras classes da população fizeram, que só o trabalho fragmentado não é o bastante, e que um trabalho regular, ativo e generalizado de todas as localidades por um órgão revolucionário é essencial.

A respeito das brochuras de três ou quatro páginas, *não falamos nada* "contra" elas, mas simplesmente duvidamos da praticidade de um plano de desenvolvê-las ao nível de uma literatura *regular* distribuída "simultaneamente por toda a Rússia". Se elas consistem de três ou quatro páginas, elas serão, essencialmente, apenas declarações. Em todas as partes da Rússia, temos ótimas declarações que não são leituras pesadas, tanto declarações de estudantes quanto de operários, que às vezes chegam a seis ou oito pequenas páginas. Uma brochura realmente *popular*, capaz de *explicar* uma única questão sequer a um operário completamente despreparado, provavelmente teria que ser muito maior em tamanho e não haveria necessidade ou possibilidade de distribuí-la "simultaneamente por toda a Rússia" (uma vez que não é algo de significado tópico). Reconhecendo completamente, como fazemos, toda variedade de literatura política, velha e nova, com a condição de que seja literatura política realmente boa, nós aconselharíamos a trabalhar não sobre uma invenção de um tipo intermediário de meio agitativo – algo entre um panfleto e uma brochura popular, mas por um órgão revolucionário que *realmente* mereça o nome de periódico (aparecendo não uma, mas pelo menos 2 ou 4 vezes por mês) e que seja um órgão para *toda* a Rússia.

Relatório do Conselho Editorial do Iskra à reunião (Conferência) dos Comitês do POSDR

Escrito após a conferência[1] de 23 a 28 de março (5 a 10 de abril) de 1902 em Belostok.

5 de março de 1902.

Camaradas! Anteontem mesmo, recebemos a notificação da reunião a ser convocada para 21 de março, junto com uma informação inteiramente inesperada de que o plano original de fazer uma conferência foi suplantado por um plano de convocar um congresso do Partido. Nós não sabemos quem é o responsável por essa mudança repentina e injustificada. De nossa parte, consideramos muito infeliz. Protestamos contra essas mudanças rápidas em decisões sobre medidas altamente complexas e importantes para o Partido e recomendamos fortemente a volta para o plano original de uma conferência.

Para se convencer da necessidade disso, é suficiente, em nossa opinião, levar mais cuidadosamente em consideração a ordem do dia (*Tagesordnung*[2]) do con-

---

1 N.E. Estavam representados na conferência: os comitês do POSDR de São Petersburgo e de Ekaterinoslav, a Liga dos Comitês e Organizações do POSDR do Sul, o Comitê Central do Bund e seu Comitê no Exterior, a União de Social-Democratas Russos no Exterior e o Conselho Editorial do *Iskra* (cujo representante, F. I. Dan, tinha um mandato pela Liga da Social-Democracia Revolucionária Russa no Exterior). Por culpa dos organizadores da conferência, que eram "economicistas", o delegado do Conselho Editorial do *Iskra* chegou atrasado, depois da conferência ter começado, enquanto F. V. Lengnik, o representante da organização russa do *Iskra*, sequer chegou à conferência, mesmo tendo chegado em Belostok com tempo suficiente. O representante do Comitê de Níjni-Nóvgorod (iskrista), A. I. Piskunov, que chegou em Belostok antes de Dan, protestou contra a ausência de representantes das organizações da tendência do Iskra e logo se retirou. Os "economicistas" e os Bundistas, que os apoiavam, tinham a intenção de converter a conferência no II Congresso do POSDR, permitindo dessa forma um fortalecimento de sua própria posição nas fileiras da social-democracia russa e paralisando a crescente influência do Iskra. Sua tentativa, contudo, fracassou, tanto por causa da composição comparativamente limitada da conferência (apenas quatro das organizações do POSDR em operação na Rússia estavam representadas), quanto das profundas divergências em matéria de princípio, que se revelaram na conferência; em particular, o delegado do *Iskra*, que levantou fortes objeções à conferência ser convertida em um congresso partidário, declarou que a conferência não foi adequadamente preparada e autorizada.

A Conferência de Belostok adotou uma resolução constituinte e uma resolução teórica, proposta pelos delegados do Comitê Central do Bund, com emendas feitas pelo representante da Liga dos Comitês e Organizações do POSDR do Sul (o delegado do *Iskra*, que havia apresentado seu próprio esboço de resolução teórica, votou contra). A conferência também aprovou o texto de um panfleto para o Primeiro de Maio, que foi baseado em um esboço feito pelo Conselho Editorial do *Iskra*. A conferência elegeu uma Comissão Organizadora para preparar o II Congresso do Partido, composto por representantes do *Iskra* (F. I. Dan), da Liga dos Comitês e Organizações do POSDR do Sul (O. A. Iermanski) e do Comitê Central do Bund (K. Portnoi). Logo depois da conferência, a maioria dos delegados, incluindo dois membros da Comissão Organizadora, foram presos pela polícia. Uma nova Comissão Organizadora para preparar o II Congresso do POSDR foi formada em novembro de 1902 em Pskov, em uma conferência de representantes do Comitê de São Petersburgo do POSDR, da organização russa do *Iskra* e do grupo do jornal *Iújni Rabótchi* ("O operário do sul").

2 N.E. Em alemão no original: "ordem do dia".

gresso, que nos foi comunicada igualmente apenas anteontem.; além disso, não sabemos se é um esboço de *Tagesordnung*, e se essa ordem do dia foi proposta por uma ou por várias organizações. A ordem dos trabalhos coloca nove questões a serem discutidas pelo congresso na seguinte ordem (dando um breve resumo dos pontos): A) a luta econômica; B) a luta política; C) a agitação política; D) o Primeiro de Maio; E) a atitude em relação a elementos da oposição; F) a atitude em relação ao grupos revolucionários não filiados ao Partido; G) a organização do Partido; H) o Órgão Central; e I) representantes e organizações partidárias no exterior.

Primeiro, na sua arquitetura e na formulação das questões individuais, essa ordem do dia produz uma impressão irresistível de "economicismo". Claro que não pensamos que a organização que propôs essa ordem do dia acolheria visões "economicistas" até hoje (ainda que, *até certo ponto*, isso não seja totalmente impossível), mas nós pedimos aos camaradas para lembrar que é também necessário levar em conta tanto a opinião defendida pela social-democracia revolucionária internacional quanto a defendida pelas sobrevivências do "economicismo" que ainda são generalizadas em nosso país. Imaginem só: o partido avançado da luta política chama um congresso em um momento em que todas as forças revolucionárias e oposicionistas no país, que começaram um ataque direto contra a autocracia, estão utilizando todos os esforços – e de repente, nós colocamos toda nossa ênfase na "luta econômica", com a "política" *vindo só depois*!! Isso é ou não é uma cópia do erro tradicional de nossos "economicistas", que alegam que a agitação (e respectivamente a luta) política deve vir depois da econômica? É possível imaginar que ocorreria a qualquer partido social-democrata europeu, durante um período revolucionário, colocar a questão do movimento sindical antes de qualquer outra questão? Ou vejam essa separação da questão da agitação política da questão da luta política! Isso não cheira à falácia usual que contrapõe a luta política à agitação política como coisas fundamentalmente diferentes, coisas pertencentes a etapas distintas? Ou, finalmente, como alguém explica o fato de que as manifestações apareçam na ordem do dia *essencialmente* como um *meio da luta econômica*!?? Afinal, não podemos esquecer que, no momento atual, *vários* elementos hostis à social-democracia estão acusando toda a social-democracia de "economicismo": essas acusações estão sendo feitas pela *Nakanune*[3], pela *Vestnik Rússkoi Revolútsi*, pelo *Svoboda*[4], e até (até!) pelo *Rússkoie Bogátstvo*. Não devemos esquecer que, com quaisquer resoluções que a conferência possa adotar, a própria ordem do dia vai permanecer como documento histórico por meio do qual todo o desenvolvimento político de nosso Partido será julgado.

Em segundo lugar, é impressionante que a ordem do dia levante (poucos

3 N.E. *Nakanune* ("Às vésperas") foi uma revista mensal da tendência *narodnik*, publicada em russo em Londres de janeiro de 1899 a fevereiro de 1902. Uma atitude hostil ao marxismo em geral e à social-democracia revolucionária russa em particular era característico da *Nakanune*.

4 N.E. *Svoboda* ("Liberdade") foi uma revista publicada na Suíça pelo grupo "Socialista-Revolucionário" *Svoboda*, fundado por E. O. Zelenski (Nadejdin) em maio de 1901.

dias antes do congresso!) questões que deveriam ser discutidas apenas depois de preparações completas, apenas quando fosse possível adotar decisões realmente definidas e compreensíveis sobre elas – de modo contrário, é melhor não discuti-las por enquanto. Por exemplo, os pontos E e F: a atitude em relação à oposição e outras tendências revolucionárias. Essas questões precisam ser discutidas com antecedência, de todos os ângulos, relatórios feitos sobre elas, e diferenças nos matizes existentes esclarecidas – só aí poderemos adotar decisões que de fato ofereceriam algo de novo, que serviriam como um *guia* real para todo o Partido, e não simplesmente para repetir alguma "generalização" tradicional. A bem da verdade, só considerem: nós podemos em poucos dias preparar uma decisão compreensiva e bem embasada que leve em consideração todos os requisitos práticos do movimento sobre as questões da atitude em relação ao "grupo socialista-revolucionário[5] do *Svoboda*" ou em relação ao recém-nascido "Partido Socialista-Revolucionário"? Isso tudo além da impressão estranha, para dizer o mínimo, que será produzida em cada um pelo fato de que os grupos revolucionários não filiados ao Partido são mencionados, enquanto nada é dito sobre uma questão tão importante quanto a atitude em relação ao Bund, ou uma revisão dos parágrafos que falam sobre isso nas resoluções do I Congresso do Partido.

Em terceiro lugar – e mais importante –, existe uma omissão imperdoável na ordem do dia: nem uma palavra foi dita sobre a *posição* tomada pela atual social-democracia revolucionária russa *sobre questões de princípio*, ou sobre *seu programa partidário*. Em um momento em que todo o mundo está bradando sobre a "crise do marxismo" e todos os publicistas liberais russos estão bradando até sobre seu colapso *e seu desaparecimento*, quando as questões das "duas tendências na social-democracia russa" não apenas foram colocadas na ordem do dia, mas entraram até em vários programas de estudos, em programas para discursos de propagandistas e grupos de autoeducação – em um momento como esse, é quase impossível passar sobre essas questões em silêncio. Nós, camaradas, estamos sendo ridicularizados por nossos adversários, que já dizem até *na imprensa* (vejam Nadejdin, Às vésperas da revolução) que nós nos acostumamos a "relatar que tudo está bem"!...

Em nossa opinião, todos os defeitos na ordem do dia mencionados acima provam convincentemente quão irracional é o plano de converter em congresso uma conferência que já tinha sido convocada. Nós compreendemos, claro, quão intensamente todos sentem o fato de que não há congresso do Partido desde 1898, quão tentadora é a ideia de usar os esforços despendidos em organizar a conferência de modo a colocar um fim à existência de um "partido sem instituições partidárias". Mas seria um grande erro deixar essas considerações práticas nos fazerem esquecer que de um congresso do Partido Operário Social-Democrata da Rússia todos agora esperam decisões que estejam à altura de *todas* as tarefas revolucionárias do momento atual; que se falharmos *agora*, em um momento verdadeiramente crítico,

5 N.E. Também designados SRs, ou esse-erristas.

podemos enterrar todas as esperanças da social-democracia de ter a hegemonia na luta política; que é melhor não ser relutante em gastar alguns milhares de rublos e vários meses de trabalho organizativo preparatório, e usar a conferência atual para preparar para o verão um congresso que será realmente um congresso *geral do Partido*, capaz de finalmente resolver todos os problemas imediatos tanto na esfera da teoria (o programa teórico) quanto na esfera da luta política.

Veja os Socialistas-Revolucionários, que têm sido cada vez mais habilidosos em tirar vantagem de nossas falhas e ganhar terreno em detrimento da social-democracia. Eles acabaram de formar um "partido", fundaram um órgão *teórico* e decidiram lançar um jornal político *mensal*. O que será dos social-democratas se *depois* disso eles falharem em alcançar resultados em seu congresso que sejam *pelo menos como esses*? Não estamos correndo o risco de criar a impressão de que, no que diz respeito a um programa e uma organização revolucionária bem definidos, os social-democratas não estão à frente desse "partido", que é conhecido por estar aglutinando em torno de si todo tipo de elementos indeterminados e até indetermináveis?

Com tudo isso em vista, nós acreditamos que o atual congresso de representantes dos comitês não deve ser declarado o Segundo Congresso regular do Partido Operário Social-Democrata Russo, mas uma *conferência não oficial*. A *principal e imediata tarefa* dessa conferência deve ser organizar e preparar para o próximo verão um verdadeiro *congresso geral do Partido*, capaz de endossar o programa do Partido, fazer arranjos finais para a publicação de um órgão político semanal do Partido e, no geral, promover a completa e verdadeira unificação de todos os comitês e até de todos os grupos (em gráficas[6] etc.) de social-democratas com base em firmeza de princípio, lealdade aos princípios da social-democracia revolucionária e preparação genuína de militantes para a ação política *ofensiva*.

Como consequência dessa ideia básica, nós tomamos a liberdade de submeter aos camaradas, para apreciação, a seguinte *Tagesordnung* para nossa conferência:

1. *Declaração de princípios.* Na resolução sobre essa questão, uma posição enfática deve ser tomada contra as tentativas deploráveis de restringir nossa teoria e nossas tarefas, que só recentemente se tornaram mais disseminadas. Ao rejeitar vigorosamente quaisquer restrições, a conferência do Partido fará uma importante contribuição para a unificação de todos os social-democratas em matéria de princípio e vai restabelecer o abalado prestígio do marxismo revolucionário. Alguns camaradas talvez possam ficar apreensivos de que essa discussão da declaração de princípios tome muito tempo e tire a atenção das

---

6 N.E. A referência é às gráficas de Baku e Kishinev do *Iskra*. A gráfica de Kishinev foi organizada por L. I. Goldman em abril de 1901 e existiu até 12 (25) de março de 1902.A gráfica de Baku (chamada de "Nina" na correspondência secreta) foi organizada em setembro de 1901 por um grupo de iskristas de Baku (V. Z. Ketskhoveli, L. B. Krasin, L. I. Galperin, N. P. Kozerenko, V. Sturna e outros) com a ajuda do Comitê de Tíflis do POSDR. Depois do II Congresso do POSDR, a gráfica de Baku tornou-se a gráfica central do Partido e era responsável pelas tarefas dadas pelo Comitê Central do POSDR. Em dezembro de 1905, a gráfica foi fechada por decisão do Comitê Central do Partido.

questões práticas. Nós não compartilhamos nem um pouco dessas apreensões, porque acreditamos que os debates extensos na imprensa ilegal esclareceram a questão tão bem que devemos chegar a acordos em questões de princípios da social-democracia revolucionária com grande velocidade e facilidade. Por outro lado, é absolutamente impossível continuar sem uma declaração de princípios.

Além disso, a remoção dessa questão da *Tagesordnung* da conferência falharia de qualquer forma em seu propósito, porque as mesmas questões inevitavelmente surgiriam, apenas de uma maneira mais deslocada, na discussão das resoluções sobre a luta econômica, a luta política etc. Por esse motivo, seria muito mais oportuno primeiro encerrar esse assunto, evitar dividir nossas resoluções sobre agitação política, greves, e assim por diante, e dar uma exposição coerente de nossa visão sobre nossas tarefas principais.

De nossa parte, vamos nos esforçar para preparar um projeto dessa resolução e anexá-lo a esse relatório (se o tempo permitir).

2. *O Segundo Congresso regular do Partido Operário Social-Democrata Russo.* Aqui temos em mente a decisão preliminar (e, claro, até certo ponto experimental) sobre a questão da data do congresso (verão, ou não depois do outono, uma vez que é desejável que termine antes da próxima "estação"), o lugar (em conexão ao qual as condições de segurança devem ser cuidadosamente consideradas), os fundos necessários para sua organização (o *Iskra*, de sua parte, estará preparado para imediatamente contribuir com 500 rublos para esse propósito, vindos de uma doação especial que recebeu; nós poderíamos dentro de pouco tempo conseguir essa soma ou até mais. Discutiremos quantos milhares de rublos o congresso vai custar, aproximadamente, e maneiras práticas de conseguir o restante); por fim, os princípios gerais de representação e a maior representação possível (ou seja, o bastante para garantir representação de comitês pré-selecionados e definidos e certos grupos e possivelmente também de círculos de estudos de social-democratas russos, para nem falar na tarefa comparativamente fácil de garantir representantes das duas organizações social-democratas no exterior; um procedimento também deve ser adotado para discutir a questão de convidar ao congresso as organizações que possam ser fundadas entre a conferência e o congresso etc., etc.).

3. *Eleição de um Comitê Organizador.* Falando genericamente, a tarefa desse C.O. deve ser implementar as decisões da conferência, fazer preparações para e organizar o congresso, estabelecer uma data e um lugar definitivos para ele, cuidar de sua organização prática, organizar questões como transporte de literatura e estabelecer gráficas do Partido na Rússia (com a ajuda do *Iskra*, dois grupos de gráficas simpatizantes de nossas publicações foram formados na Rússia; eles conseguiram publicar nas duas gráficas os nºs 10 e 11 do *Iskra*, as brochuras *Qual é a próxima?*[7], *O décimo aniversário da greve de morozov*, *O discurso de Piótr Alexêiev*, *A acusação do caso Oubkhov*[8], e vários outros, assim como vários panfletos. Espe-

7 N.E. Panfleto de Plekhánov impresso na gráfica de Kishinev.

8 A brochura de Nadéjda Konstantínovna Krúpskaia *A mulher operária – A acusação no caso dos distúrbios na fábrica Obukhov em maio*, foi impressa na gráfica de Kishinev.

ramos que os representantes desses grupos locais possam participar no trabalho da conferência e que eles ajudem de todas as maneiras o cumprimento das tarefas gerais do Partido); e mais, deve dar assistência a várias organizações locais, uniões operárias, organizações estudantis, e assim por diante. Com o apoio de todas as organizações, esse C.O. poderia, em três ou quatro meses, preparar completamente o terreno para a formação de um verdadeiro Comitê Central, capaz *de facto*[9] de dirigir toda a luta política de nosso Partido.

Tendo em vista a complexidade e a variedade das tarefas do C.O., ele deveria, em nossa opinião, consistir de um número relativamente grande de membros (5 a 7), que deve ser orientado a eleger seu bureau, distribuir funções entre si e organizar várias reuniões antes do congresso.

4. *Eleição de uma comissão para preparar um esboço de programa partidário.* Como os editores do *Iskra* (inclusive o grupo Emancipação do Trabalho) já têm trabalhado nessa difícil tarefa há muito tempo, tomamos a liberdade de propor o seguinte plano para os camaradas. Nós já completamos todo o esboço da parte prática do programa, inclusive o esboço do programa agrário, e, além disso, *duas* versões da parte teórica do programa foram preparadas. Nosso representante vai inteirar a conferência desses esboços, se for necessário e se nada que o impeça surgir. Dessas duas versões, nós estamos agora mesmo rascunhando um único esboço geral, mas é claro que não gostaríamos de torná-lo público em sua forma ainda rudimentar, ou seja, antes do trabalho ser concluído. A conferência eleger várias pessoas para colaborar com nosso Conselho Editorial na preparação do programa talvez seja a solução mais prática da questão.

De nossa parte, nós podemos de qualquer forma dar aos camaradas a imediata requisição formal de submeter dentro de poucas semanas o esboço final do programa do Partido, que temos a intenção de publicar com antecedência no *Iskra*, para permitir a *todos* os camaradas se inteirarem dele e receber seus comentários.

5. *O Órgão Central.* Tendo em vista as tremendas dificuldades envolvidas no lançamento de um periódico que fosse regular e abastecido adequadamente com instalações literárias e técnicas, a conferência vai muito provavelmente seguir o exemplo do Primeiro Congresso do Partido e escolher uma publicação já existente. Se a questão for decidida dessa forma, ou se for decidido lançar um periódico inteiramente novo, vai ser necessário em todo caso instruir uma comissão especial, ou mesmo o próprio Comitê Organizador, para fazer o trabalho preparatório e discutir o assunto de todos os ângulos junto ao conselho editorial já existente ou recém-eleito.

Seria essencial, em nossa opinião, trazer o grupo Emancipação do Trabalho para essa discussão, porque, sem sua cooperação e orientação, não conseguimos imaginar uma organização adequada de um órgão político que seja coerente em princípios e cumpra em geral com todos os requisitos do movimento.

Haja vistas as tentativas de estabelecer um periódico quinzenal já feitas antes

---

9 N.E. Em latim no original. "De fato".

da conferência, o Partido deve tomar como tarefa imediata o estabelecimento de um *jornal semanal*: isso seria totalmente possível se houver trabalho realmente *conjunto* sobre um jornal desse tipo por *todos* os social-democratas russos.

6. *Preparação da ordem do dia para o congresso do Partido e relatórios sobre essa ordem do dia.* A conferência deve preparar parte da ordem dos trabalhos ela mesma, e confiar parte ao Comitê Organizador; ele deve *sem falta* indicar (e respectivamente encontrar) relatores para cada questão. Só por meio dessa indicação de relatores com antecedência, será possível garantir uma discussão verdadeiramente compreensível sobre as várias questões e as decisões corretas sobre elas no congresso (alguns dos relatórios podem ser impressos antes, ou totalmente ou em parte, e discutidos na imprensa; por exemplo, esperamos publicar em breve um tratado quase completo sobre o programa agrário da social-democracia russa etc., etc., escrito por um membro do Conselho Editorial etc.).

7. *Questões práticas correntes do movimento* – por exemplo,

a) discussão e apoio a um panfleto do Primeiro de Maio (com respectiva discussão de esboços submetidos pelo *Iskra* e outras organizações).

b) A manifestação de Primeiro de Maio – o momento e os métodos de sua organização.

c) Instruções ao Comitê Organizador para auxiliar na organização de boicotes, manifestações etc., e ao mesmo tempo preparar gradativamente as mentes dos membros do Partido, e da mesma forma as forças e meios do Partido, para um levante geral do povo.

d) Várias questões financeiras relacionadas à manutenção do Comitê Organizador etc.

Concluindo nosso relatório sobre as tarefas e a *Tagesordnung* de nosso congresso, devemos apenas reafirmar que é absolutamente impossível para nós prepararmos um relatório detalhado do trabalho do *Iskra* porque estamos extremamente pressionados pelo tempo. Nós estamos, portanto, obrigados a nos limitar ao seguinte esboço.

(N.B.[10]) ESBOÇO INACABADO DE RESOLUÇÃO

1. A conferência categoricamente rejeita toda e qualquer tentativa de inserir oportunismo no movimento classista revolucionário do proletariado – tentativas que encontraram sua expressão nos assim chamados "críticos ao marxismo", bernsteinianismo e "economicismo". Em um momento em que a burguesia de todos os países se regozija sobre a amplamente publicizada "crise no socialismo", a conferência declara, em nome do Partido Operário Social-Democrata Russo, sua solidariedade com o movimento social-democrata revolucionário internacional e expressa sua firme convicção de que a social-democracia vai emergir dessa crise mais forte do que nunca e preparada para uma luta implacável pela conquista de seus grandes ideais.

2. A conferência declara sua solidariedade com o Manifesto do Partido Operário Social-Democrata Russo[11] e confirma que considera a derrubada da auto-

10 N.E. Em latim, abreviação de *Nota bene*: "Note bem".

11 N.E. Referência é ao "Manifesto" do Partido Operário Social-Democrata Russo, publicado em

cracia a tarefa política imediata do Partido. A conferência declara que em seu trabalho pelo cumprimento dessa tarefa imediata, assim como do objetivo final da social-democracia, coloca ênfase total em uma agitação política completa e nacionalizada que chama o proletariado a lutar contra todas as manifestações de opressão econômica, política, nacional e social, independente de qual setor da população seja afetado por elas. A conferência declara que o Partido apoiará todo movimento oposicionista revolucionário e progressista dirigido contra o sistema político e social existente. A conferência recomenda em particular, como métodos práticos de luta, a organização de boicotes, manifestações em teatros etc., assim como manifestações organizadas de massa. A conferência aconselha todos os comitês e grupos do Partido a dar a devida atenção à necessidade de medidas preparatórias para um levante armado em nível nacional contra a autocracia czarista.

3. A conferência declara que a social-democracia russa vai continuar, como já vem fazendo, a liderar a luta econômica do proletariado, vai se esforçar para ampliá-la e aprofundá-la, e vai se empenhar para tirar vantagem de cada manifestação dessa luta a fim de desenvolver a consciência política do proletariado e levá-lo à luta política. A conferência declara que não há qualquer necessidade de conduzir a agitação apenas a partir do princípio econômico, ou de considerar a agitação econômica em geral como a mais amplamente aplicável forma de levar as massas para a luta política.

(N.B.: É muito importante aqui *denunciar* a *Rabótcheie Diélo* de novo!!)

4. (Sobre o campesinato – isso deve ser feito talvez no espírito de nosso programa agrário? Eu tentarei prepará-lo e encaminhá-lo imediatamente.)

1898 pelo Comitê Central do POSDR por instruções e em nome do I Congresso do Partido. O Manifesto apresentava a luta pela liberdade política e a derrubada da autocracia como a tarefa principal da social-democracia russa e ligava a luta política às tarefas gerais do movimento operário.

Duas cartas a Arkadi (I.I. Radtchenko)

Escritas, respectivamente, antes de 3 (16) de julho de 1902 e em 9 (22) de julho de 1902.

I

Caro Amigo,

Antes de tudo, meus mais calorosos parabéns a você (e seus amigos) por seu sucesso tremendo: o começo da reorganização do Comitê Local[1]. Isso pode ser um ponto de virada para *todo* o nosso movimento e, portanto, é da maior importância e urgência fazer essa reorganização *até o fim*. Tome especial cuidado consigo mesmo, para que consiga completá-la.

Vamos ao assunto principal agora. Você me pede para ajudá-lo com um esboço concreto de um plano para o trabalho local em conexão com as atividades de toda a Rússia. Para atender seu pedido imediatamente, eu escrevo agora expressando minha opinião pessoal (para não atrasar as coisas por não ter contato com outros membros do Conselho Editorial, que estão atualmente espalhados em locais diferentes; possivelmente eles mesmos lhe escreverão algumas palavras, depois). Eu não tenho tanta certeza se entendi seu pedido corretamente. Minhas fontes agora são: sua carta de 21 de junho e a carta de 2a3b[2] sobre as duas reuniões (de você, 2a3b e Krasikov) com Vania (a Liga de São Petersburgo[3]). A julgar por essas fontes (especialmente a última), Vania "agora compartilha de nossas posições e reconhece francamente os deméritos de sua posição anterior". Partindo disso, eu devo continuar a escrever, me dirigindo tanto a você quanto a Vania e deixo inteiramente para você decidir se transmite minha carta a Vania (*e Mania* = a Organização Operária[4]) imediatamente ou depois, se a encaminha totalmente

---

1 N.E. O Comitê Local era o Comitê de São Petersburgo do POSDR.

2 N.E. 2a3b era o codinome do bolchevique P.N. Lepeshinski, um membro do Comitê Organizador para a convocação do II Congresso do POSDR.

3 N.E. A Liga de Luta de São Petersburgo pela Emancipação da Classe Operária (chamada, por motivos de segurança, de Vania) foi fundada por Lênin no outono de 1895 e uniu todos os círculos de estudos de operários marxistas em São Petersburgo.

4 N.E. A Organização Operária (chamada, por motivos de segurança, de Mania) era uma organização de apoiadores do "economicismo" que surgiu em São Petersburgo no verão de 1900. No outono

ou com algumas emendas, o que, em caso de necessidade, eu autorizo da mesma forma (nos informando de todas as emendas tanto quanto possível, é claro).

Falando rigorosamente, eu não sou capaz, é claro, de dar a você exatamente agora um "esboço concreto de um plano para o trabalho local em conexão com as atividades de toda a Rússia": para mim, é impossível fazer isso sem *várias* conferências *detalhadas* tanto com Vania quanto com Mania. Tudo que posso oferecer é um esboço dos passos práticos que Vania deve dar imediatamente e antes de qualquer outra coisa, uma vez que ele tenha se tornado um novo Vania ou queira se tornar um *de facto*. Parece-me que os passos planejados por todos vocês na segunda reunião com Vania (e descritos na carta de 2a3b) estão totalmente corretos. Eu concordo totalmente com o fato de que "a primeira coisa a se fazer é declarar abertamente como tendo certas opiniões". Essa é a primeiríssima coisa a se fazer, e pode ser feita apenas com uma declaração pública[5]. Estou plenamente ciente do fato de que a maioria ou muitos dos camaradas de Vania (ou seja, os comitês e seus membros) têm um forte preconceito contra essas declarações públicas ou pelo menos não estão acostumados com elas. Esse traço é bem compreensível se olharmos o estágio do movimento por que passaram e os erros que já foram superados. Mas só porque Vania tem uma posição importante, só porque no passado declarou publicamente suas velhas posições, que eram totalmente diversas das posições do *Iskra*, só por tudo isso eu particularmente aconselharia sinceramente aos camaradas (= Vania) superarem essa sensação de estranhamento e preconceito. Até agora, nosso trabalho local tem sofrido principalmente de estreiteza e isolamento, da relutância dos líderes locais de enfrentarem *ativa* e resolutamente o trabalho de resolver as questões gerais do Partido. Então deixe que Vania, na medida em que muda para o lado dos apoiadores da social-democracia revolucionária, quebre com essa tradição de vez e declare *para todos ouvirem* que *essas* são suas *visões teóricas* e suas *ideias organizativas* fundamentais e que ele próprio agora vai lutar pela realização dessas ideias, estimulando todos os outros comitês a seguirem o exemplo. Essa declaração teria enorme importância tanto para Vania quanto para toda a Rússia; será um grande *evento* por si próprio. Não precisamos ter medo de ofender os velhos amigos de Vania, que têm visões diferentes; cada sopro de ofensa será removido pelo próprio fato de que o *próprio* Vania vai pública e francamente admitir que as circunstâncias e a experiência o convenceram do erro de seus antigos princípios táticos, visões teóricas e planos organizativos, de um jeito ou de outro presos ao "economicismo". Não haverá a menor aparência de

do mesmo ano, se fundiu com a Liga de São Petersburgo de Luta pela Emancipação da Classe Operária e o Comitê de São Petersburgo do POSDR foi formado, composto por duas seções: o "Comitê" propriamente dito e o "Comitê da Organização Operária". Depois que a tendência do *Iskra* triunfou na organização social-democrata de São Petersburgo (1902), o grupo de social-democratas influenciados pelo "economicismo" rompeu com o Comitê de São Petersburgo e criou uma "Organização Operária" independente, que existiu até o começo de 1904.

5 N.E. A declaração do Comitê de São Petersburgo do POSDR em solidariedade ao *Iskra* e à *Zariá* e sobre seu reconhecimento com órgãos dirigentes da social-democracia russa foi publicado na forma de panfleto em julho de 1902 e depois impressa no *Iskra*, nº 26, em 15 de outubro de 1902.

ataque a essas velhas visões aqui, mas meramente uma declaração de *sua própria* evolução. Essa franqueza pública de sua declaração vai exercer uma influência na unificação *verdadeira* de todos os social-democratas russos e na cessação completa das "polêmicas" entre eles, o que será dez vezes melhor que cem protestos contra as "polêmicas".

E assim, primeiro de tudo, uma declaração pública e impressa (em um boletim local ou no *Iskra*, de preferência em ambos). Esse passo absolutamente não deve ser atrasado nem por uma única semana, porque, *sem ele*, todos os outros passos *podem facilmente* se provar fúteis (prisões etc.), enquanto, com ele, o novo caminho estará estabelecido de uma vez.

O que essa declaração deve conter? Se Vania pedisse meu conselho camarada nessa questão (mas não antes de me pedir, claro), eu responderia: 1) um repúdio expresso a suas velhas posições (teóricas, táticas e organizativas) com uma descrição mais geral dessas posições (em uma ou duas palavras, se possível); 2) uma declaração de que está se juntando aos apoiadores do *Iskra*, que subscreve suas posições teóricas, táticas e organizativas e que o reconhece como o órgão *dirigente* (N.B.: a palavra "dirigente" não necessariamente significa que concorda com o *Iskra* em tudo. Só implica solidariedade com os princípios *que guiam* certo órgão. Essa declaração é *totalmente compatível* tanto com uma referência a diferenças particulares, se existirem, quanto com uma indicação de que deseja as seguintes mudanças e de que, sendo agora um apoiador do *Iskra*, vai lutar para *efetivá-las* e tentar conseguir essas mudanças no *Iskra*); 3) uma ênfase especial na demanda pela reunificação ou, mais precisamente, pela verdadeira *restauração* de um Partido Operário Social-Democrata de toda a Rússia unificado, *por meio* do trabalho conjunto, que deve começar com uma reunião sobre o *Iskra* para convertê-lo em um instrumento de agitação genuinamente nacionalizado e que (o trabalho) leve à criação de uma organização militante de toda a Rússia, capaz de lançar um ataque determinado contra a autocracia; 4) um reconhecimento (já feito, mas ainda não publicado por Vania) da necessidade de reorganizar a estrutura e funcionamento de Vania e Mania (suas relações etc.), um anúncio (por assim dizer) da revisão de sua estrutura; 5) um reconhecimento da necessidade de ligações mais próximas *e fusão* com a organização russa do *Iskra*[6] para darmos conta das tarefas que Vania

6 N.E. A organização russa do *Iskra* (chamada de Sonia por questões de segurança) unia os apoiadores do *Iskra* que operavam dentro da Rússia. No começo de sua existência (de fevereiro de 1900 a janeiro de 1902), a organização russa do *Iskra* ainda não havia tomado forma como uma entidade organizada. Os grupos de apoiadores e "agentes" do *Iskra* (P.N. e O.B. Lepeshinski, P.A. Krasikov, A.M. Stopani e outros em Pskov; V.P. and M.G. Artsibushev, K.K. Gazenbush e outros em Samara; L.N. Radchenko, S.O. Tsederbaum e outros em Poltava; S.I. Radchenko em São Petersburgo; A.D. Tsurupa em Carcóvia; N.E. Bauman em Moscou; I.V. Babushkin em Orekhovo-Zuievo; e assim por diante) não estavam inicialmente unidos por nenhum centro de operação na Rússia e mantinham relações diretas com o Conselho Editorial do *Iskra*. Mas, com o crescimento da influência do *Iskra*, sua organização russa tornou-se mais e mais o centro de articulação do movimento social-democrata russo; havia um aumento considerável no volume do trabalho prático levado a cabo pelos iskristas (organizando lojas para a literatura partidária e seu transporte e distribuição entre as organizações

e sua organização vão de agora em diante compartilhar; 6) a indicação de um ou vários membros (talvez de Vania e Mania etc.) do Comitê de São Petersburgo para imediatamente começarem a realização tática da tarefa acima mencionada, ou seja, da *fusão* com o *Iskra* e da *unificação* do Partido[7].

Desses seis pontos, o sexto, claro, não pode de maneira alguma ser feito público, o que pode também ser o caso para alguns dos outros pontos também. A declaração poderia concluir com uma elipse e fazer a ressalva franca de que tais ou tais pontos (ou "subsequentes") não podem ser tornados públicos por razões de sigilo. Mas eu repito: se Vania realmente tomou nosso lado, não deve protelar essa declaração *nem por uma única semana.*

É numa reunião como essa, de delegados do Comitê de São Petersburgo com Sonia (a organização russa do *Iskra*) e com o Conselho Editorial do *Iskra* (no exterior) que um plano realmente concreto será preparado, não apenas para a reorganização do trabalho em São Petersburgo, mas também pela unificação verdadeira do Partido, para a constituição de um Comitê Organizador que prepare o Segundo Congresso do Partido etc., etc., etc.

Além disso, em sua segunda reunião, foi proposto que, "antes de passarmos a fazer o plano acima mencionado [de enviar delegados ao exterior em julho], seja feito um exame preliminar sobre o estado de coisas em várias áreas de nossa imensa pátria, para ter uma base para a discussão no congresso". Eu considero essa decisão (e coloco isso francamente) um erro, e os aconselharia a abandoná-la. Ela significa atrasar os assuntos e dispersar suas forças. Primeiro atinjamos um único objetivo: que nós (nós e Vania) cheguemos a um entendimento entre nós. *Isso já seria equivalente* à completa solidariedade entre Vania e Sonia. E dada essa solidariedade, a tarefa prática *seguinte* (uma viagem pela Rússia) seria cumprida por Vania + Sonia (+ ou = ?) com muita facilidade. Mas não tem sentido dispersar nossos esforços agora: primeiro (1) *convencemos* finalmente Vania e Mania, aí (2) *anunciamos* publicamente nosso ponto de vista, depois (3) chegamos a um entendimento imediato com o *Iskra* (no exterior, onde o *Iskra* já tem todo um arquivo de material sobre o estado de coisas nas várias localidades de nossa imensa pátria; não desenhem desse arquivo, camaradas!) e (4) com Sonia, e só aí

---

social-democratas, coletando dinheiro e despachando correspondência para o *Iskra* etc.). Tudo isso requereu urgentemente a formação de um centro de atividade dos apoiadores do *Iskra* de toda a Rússia e a formação de uma organização russa do Iskra.

V.I. Lênin coloca como data de fundação da organização russa do *Iskra* o mês de janeiro de 1902, quando foi realizado um congresso de apoiadores do *Iskra* trabalhando na Rússia em Samara, com a participação ativa de G. M. e Z. P. Krzjijanovski, F. V. Lengnik e outros. O congresso elegeu um Bureau e adotou regras da organização, discutiu princípios táticos e definiu os deveres dos membros da organização. "Sua iniciativa", escreveu Lênin aos organizadores do congresso, "nos encorajou tremendamente! Urra! É assim que se faz! Vamos além! E operem com mais independência, com mais iniciativa – vocês são os primeiros que começaram a seguir um caminho tão amplo que sua continuação só pode significar, também, o sucesso."

7 N.A. Isso (ponto 6) também já foi estabelecido *de facto* em sua segunda reunião: enviar camaradas para o exterior com o objetivo de chegar a um entendimento final.

(5) fazemos a viagem pela Rússia com o objetivo prático expresso de unificação *verdadeira* do trabalho (e convocação de um congresso geral do Partido).

Aí, se quiserem, está um "esboço concreto de um plano" de tarefas práticas imediatas. Se o ponto 2 nos colocar dificuldades, o ponto 3 pode ficar em primeiro lugar (isso, claro, vai nos levar a certo atraso, mas nessas circunstâncias será um atraso incontornável). Mas tanto o 2 quanto o 3 precisam ser feitos a qualquer custo. Além disso, é da maior importância que os membros de Vania que estão vindo para cá recebam todos os poderes e se possível que sejam dois em vez de um (ainda que isso dependa completamente das condições locais e vocês estão em melhor posição para julgá-las).

Eu acredito que com isso eu concluo. Por favor, me informem sua opinião o quanto antes: eu entendi seu pedido corretamente? O meu "plano concreto" é factível? Etc. Temo que as coisas ainda não estejam tão boas e que Vania não deva aderir completamente ainda. O que é particularmente suspeito é que Mania ainda não recebeu o *Que fazer?*. Seria uma coisa boa se vocês pudessem se reunir com Vania de novo *in pleno* (ou seja, em uma sessão plena do Comitê de São Petersburgo): isso seria da maior importância para *estabelecer precisamente* se há algum adversário, quem eles são e quais pontos principais eles defendem. Seria de igual importância que vocês se encontrassem com Mania diretamente. Vocês devem acelerar a vinda de Vania para cá (e seria bom que Mania viesse também!) *o* máximo possível e *custe o que custar* (façam-nos vir *direto* para Londres; deem-lhes o endereço de *Londres sem falta* e também o endereço de Mesheriakov na Bélgica para qualquer eventualidade). Se conseguirem fazer isso, já terá sido uma grande conquista garantir que seu trabalho vá render frutos mesmo se vocês forem todos presos agora. E não esqueça que uma contingência como essa é bem possível e que, portanto, é imperativo alcançar o primeiro passo *real* (declaração, viagem) o mais rápido possível e sem o menor atraso.

Se *de fato* Vania tornar-se *um de nós* sem ressalvas, então teremos o Segundo Congresso do Partido dentro de poucos meses e faremos do *Iskra* um órgão partidário quinzenal ou até semanal. Tentem convencer Vania de que não temos a menor intenção de distraí-lo do trabalho *local*, que São Petersburgo é uma "localidade" que tem importância *direta* para toda a Rússia, que a fusão de Vania e Sonia vai intensificar enormemente o trabalho local, e vai ao mesmo tempo levantar todo o Partido de seu estado semi-espectral e colocá-lo no patamar não só de uma realidade, mas também de um poder de primeira importância.

Aperto calorosamente sua mão,

Seu,

Lênin.

Caro amigo,

A notícia que nos enviou recentemente sobre a liberação dos amigos de Vania – os "aliados" (= apoiadores do *Rabótcheie Diélo*) – de novo nos coloca algumas dúvidas. Vania vai resistir agora? Em qualquer caso, coloque a questão para ele diretamente, receba uma resposta direta e se ela for negativa, faça-o sentir envergonhado de si mesmo, sem usar palavras dúbias; de qualquer forma, nos avise imediatamente como as coisas estão. Se Vania de novo saiu (ou está para sair) de nossas mãos, é ainda mais imperativo que você faça esforços triplicados com Mania, se possível diretamente; se não, por meio de seus novos amigos, com os quais você nos informou (com muitos detalhes e de maneira muito interessante) ter conversado.

Você deve tratar como sua tarefa (se Vania mostrar mesmo o *menor* sinal de que pode não ser confiável ou de estar evasivo) preparar os iskristas de São Petersburgo para a guerra com o que restou de "economicismo". Naturalmente, não há necessidade de falar para eles sobre essa guerra, mas todos os esforços devem ser colocados em prepará-la, e tanto quanto possível em ambos flancos. Isso significa, primeiramente, tentar manter suas relações pessoais estabelecidas com nossos amigos na metade intelectual de Vania, tentar vê-los, influenciá-los, fazê-los ficar envergonhados, encontrar as pessoas novas entre eles e preparar os iskristas para romper com os hesitantes. O segundo flanco – os operários – é muito mais importante. Seu círculo de estudos é um excelente território de vantagem, e você precisa acima de tudo garantir que esse círculo se desenvolva, esteja consciente de sua hostilidade para com Vania e dê expressão a essa hostilidade. Tente levar a esse círculo o *Que fazer?* e conseguir (julgando pela sua carta, isso não será difícil) unanimidade *total*; além disso, você deve sublinhar particular e enfaticamente o fato de que o *Que fazer?* está nivelado justa e precisamente contra esse tipo "petersburguês" de pessoa. Ponha todos os pingos nos "is" com eles, se referindo constantemente a Vania como um mau exemplo, um exemplo do que não devemos fazer. Estou mais do que disposto a ajudá-lo como puder – por exemplo, escrevendo várias cartas ao círculo. Primeiro, deixe que o círculo torne-se iskrista por completo, conscientemente, que se torne hostil *sem ressalvas* a todos do velho tipo de "petersburguês", ao *Rabótchaia Misl*, ao *Rabótcheie Diélo*, a todos os hesitantes. *Aí então (e só aí)*, devemos fazer o seguinte: a declaração que você aconselhou Vania a fazer e que eu escrevi em detalhes para você será feita, de um jeito meio alterado, claro, pelo círculo, o que levantará a "bandeira da insurreição" contra os "economicistas" do Vania e anunciará uma campanha direta a favor de ganhar todo o Mania para o seu lado.

Eu não duvido nem por um momento que essa campanha vai acabar em uma vitória completa e rápida, e considero que não é essa campanha que constitui a principal dificuldade, mas é conseguir pessoas ao ponto de embarcar em uma campanha aberta, é não escorregar para compromissos com Vania de novo, para

novas concessões com ele, para procrastinação etc. *Absolutamente*, nenhum tipo de compromisso, e uma guerra *implacável* contra o que restou de "economicismo" e amadorismo – essa, na minha opinião, é a tarefa que você deve se dar no círculo. Melhor perder três meses, meio ano ou até mais se preparando, e criar um círculo *militante* iskrista do que reunir pessoas despreparadas como os diplomatas e cúmplices de Vania.

Use o fato de que você tem as mãos livres no círculo e leve sua política resolutamente, mantendo quem não estiver totalmente com você meio distante.

Se você lidar com as coisas dessa forma, ficará independente das hesitações e vacilações de Vania; você terá *sua própria* base. E se ocasionalmente você tiver que manobrar nos negócios com Vania, não recorra nem à menor tentativa de manobrar no círculo, mas mantenha o tempo todo uma *atitude inconciliável* com Vania lá. Sua tática será assim bem simples: se Vania chegar perto, você lhe dá um afago na cabeça, mas mantenha o porrete firme na sua outra mão, ou seja, não esconda dele o fato de que isso não é o bastante, de que é necessário vir até o fim e entrar, e que só um pouquinho não vai te satisfazer. Se Vania se afastar, não deixe barato nem um único erro, um único passo em falso. Deve ser uma de suas principais tarefas *se aferrar* a qualquer uma das bobagens do Vania e fazer delas um assunto de denúncia impiedosa e condenção no círculo (e, tanto quanto possível, também no Iskra de vez em quando).

Para resumir, em suas relações com Vania, prenda-se abertamente ao princípio: quero paz com você e, para isso, eu estou me preparando totalmente para uma guerra contra você.

Para concluir, um conselho prático. Por natureza, Vania é diplomático e pedante. Ele agora tem levantado a questão de reformar a casa e é muito provável que, sob o pretexto plausível dessa "revisão da estrutura", ele tente arrastar as coisas para o lado dele, invente milhares de compromissos etc. Não morda essa isca. Ridicularize sem piedade o amor por fazer tabelinhas. Não é uma questão de Estatuto, e qualquer um que pense que é possível fazer Estatutos-modelo com base em certas ideias táticas e organizativas não entende absolutamente nada e deve ser completamente *perseguido* por sua falta de entendimento. Se Vania imagina que vão discutir um novo Estatuto de todos os ângulos, reescrever quarenta parágrafos dos cinquenta, e então "vamos para a festa", ou seja, que o novo trabalho vai começar de acordo com o novo Estatuto – se ele (como está claro) imagina isso, então significa que ele descartou seus velhos preconceitos só da boca para fora e que na verdade ainda mantém centenas de ideias estúpidas contra as quais temos que lutar mais e mais. Castigue o pedantismo e o formalismo e aponte que não é uma questão de Estatuto, mas de 1) concordar com as posições, *refletindo completamente* sobre elas e 2) *chegar a um entendimento mútuo* do trabalho prático *em si*.

Partindo desse ponto de vista, cuspiremos nos joguinhos (do Vania) de regras e declararemos categoricamente: quem somos, o que queremos e como trabalhamos, isso é algo que você sabe, e deve saber, não apenas a partir de nossas

publicações, mas também a partir das reuniões pessoais na Rússia e no exterior (tais reuniões são inescapáveis no movimento revolucionário). Se você não quer vir conosco, diga de uma vez, não seja vago e tenha em mente que nós vamos travar uma verdadeira guerra contra toda essa vagueza. Nem pense que você conseguirá esconder de nós sua vagueza por trás da revisão do Estatuto e coisa do tipo. Mas se quiser vir conosco, começar o trabalho *imediatamente*, aí então verá que esse trabalho em conexão com um jornal para toda a Rússia, no papel e com isso como base, vai ele mesmo mostrar que novas formas serão necessárias e vai provavelmente (ou até sem dúvida nenhuma) mostrar que, dado um movimento genuíno e vivo, essas formas se delineiam por si mesmas, sem precisar de Estatuto. E quando formos fortes, vamos organizar reuniões e conferências quatro vezes por ano na Rússia e duas vezes por ano no exterior (ou vice-versa, dependendo das circunstâncias) e todas as regras serão determinadas nessas conferências (para colocar mais claramente – vamos mandar todas as regras para o inferno).

Eu calorosamente aperto sua mão, e estou impacientemente aguardando sua resposta. Minhas cartas acertaram na mosca, ou seja, te deram o que você queria?

Seu,

Lênin.

Carta ao Conselho Editorial do Órgão Central do POSDR

Escrita em 5 (18) de novembro de 1903.

Caro camarada,

Por favor, insira o seguinte anúncio no *Iskra*:

"A partir de 1º de novembro (novo estilo) de 1903, N. Lênin não é mais um membro do conselho editorial do *Iskra*."

Saudações social-democratas,

N. Lênin.

Aos membros do partido

Escrito na segunda quinzena de janeiro de 1904. Esse apelo foi escrito por Lênin por causa do artigo de Mártov *Problemas do dia (um círculo ou um partido?)* no nº 56 do *Iskra*, de 1º de janeiro de 1904.

Um círculo ou um partido? Essa é a questão que nosso Órgão Central colocou em discussão.

Nós consideramos a discussão dessa questão extremamente oportuna. Convidamos o conselho editorial de nosso Órgão Central a começar a olhar por si mesmo. O que é esse conselho editorial? É um círculo de pessoas que estiveram juntas durante uns tantos anos e que agora forçaram sua entrada no conselho editorial pelo método de um boicote, atividades disruptivas e a ameaça de uma cisão, ou é um organismo de funcionários de nosso Partido?

Não tentem fugir da questão dizendo que foram cooptados legitimamente, de acordo com o Estatuto. Não questionamos a legitimidade disso; mas convidamos vocês a não se restringirem ao aspecto formal, mas responder à substância de nossa questão. Nós queremos uma resposta não meramente jurídica, mas uma resposta política. E queremos essa resposta de *vocês*, cavalheiros, "editores" que nunca foram eleitos pelo Congresso, nunca foram indicados pelo Partido, e nem pelo camarada Plekhánov, que, talvez, não tenha tido alternativa senão cooptar vocês a fim de evitar uma cisão.

Vocês são um círculo ou um organismo de funcionários do Partido?

Se são um círculo, então por que essa hipocrisia e farsa, essa fraseologia sobre o partido? Não foram vocês que, na realidade, romperam esse Partido, zombando por semanas e meses de suas instituições e de seu Estatuto? Não foram vocês que, na realidade, repudiaram as decisões do Segundo Congresso deste Partido, não trouxeram os assuntos até o ponto da cisão, não se recusaram a se submeter ao Comitê Central e ao Conselho? Não foram vocês que se colocaram para fora do Partido ao dizer que, para vocês, os Congressos do Partido não são divinos, ou seja, não são obrigatórios? Vocês atropelam as instituições e regras do Partido e ao mesmo tempo ficam satisfeitos de usar o nome "Órgão Central do Partido"!

Mas se são funcionários do Partido, se incomodariam de explicar ao Partido

por que, e em nome de quê, pessoas que não foram indicadas pelo Congresso insistem em se meter em uma instituição central do Partido? Talvez em nome da "continuidade" do velho círculo familiar de editores? E pensar que pessoas que no Congresso da Liga aprovaram resoluções sobre essa "continuidade" filisteia agora querem nos enganar com conversa de Partido! Por quê, que direito têm vocês de falar de um partido?

Vocês chamam de formalistas aqueles que defendem as decisões formais do Segundo Congresso – porque precisam ofuscar e encobrir o fato de que vocês *traíram a confiança* de seus camaradas, que, todos eles, se comprometeram várias e várias vezes a obedecer as decisões do Congresso. Vocês não se submetem às decisões formais quando elas são contra vocês, mas ao mesmo tempo vocês invocam sem a menor vergonha na cara os direitos formais da Liga quando esses direitos são vantajosos para vocês, vocês invocam as decisões formais do Conselho do Partido agora que vocês conseguiram, contra o desejo do Partido, se insinuar para dentro dele, a instituição partidária superior.

Vocês chamam de burocratas aqueles que mantêm os cargos partidários de acordo com o Congresso do Partido, não com o capricho de um círculo de escritores no exterior. Vocês precisam fazer isso para esconder o fato incontestável de que é de fato um espírito de burocracia, um espírito de disputa por cargos, que obceca aqueles que não conseguiram por si próprios contribuir ao trabalho no Partido exceto como membros de suas instituições centrais. Sim, seu comportamento de fato mostrou claramente para nós que nosso Partido sofre de um espírito de burocracia que coloca o cargo acima do trabalho e não evita nem boicote nem rompimento no esforço de conseguir esse cargo.

Vocês chamam de grosseiramente mecânicas as decisões aprovadas por voto majoritário no Congresso do Partido, mas não consideram grosseiramente mecânicos e escandalosos os métodos de luta nas colônias no exterior e no Congresso da Liga que lhes deu sua vergonhosa vitória sobre nosso conselho editorial partidário! Vocês não veem nada de hipócrita em protestos de reconhecimento do Partido sendo feitos por pessoas que lutaram e obtiveram o controle do Órgão Central do Partido mesmo tendo sido *minoria* no Congresso do Partido!

E vocês chamam esses esforços hipócritas para lavar seu comportamento indecente, antipartidário, essa pregação da anarquia, essa zombaria do Congresso do Partido, essa justificação oportunista de filisteísmo de círculo – vocês chamam isso de seu novo ponto de vista organizativo!

Camaradas! Aqueles que levarem a sério se chamar de membros do Partido precisam levantar uma voz enfática de protesto e colocar um fim a esse vergonhoso estado de coisas! Aqueles que levarem a sério o trabalho de três anos do *Iskra* e o Congresso do Partido que ele preparou, e que expressou a vontade dos social-democratas russos que estão realmente convencidos sobre os princípios e estão realmente trabalhando, não permitirão nunca que um círculo de emigrados atropele tudo que esse Congresso do Partido conquistou.

Aqui é ou um ou outro:

Ou não temos partido e estamos completamente nas mãos de um círculo editorial de escritores emigrados que nosso Congresso rejeitou – e nesse caso, abaixo esse papo hipócrita de um partido, abaixo essas marcas falsas de publicações, órgãos e instituições "do Partido"! Não somos Socialistas-Revolucionários, não precisamos de um cenário pintado. O partido do proletariado exige a verdade. O partido do proletariado exige a exposição implacavelmente franca do obsoleto espírito de círculo. Precisamos ter a coragem de admitir que não há partido e começar a trabalhar do começo, do começo de tudo, para criar e construir um partido de verdade. Não devemos ser intimidados pela vitória temporária do espírito de círculo, acreditamos e sabemos que o proletariado russo com consciência de classe será capaz de construir ele mesmo um partido de fato, e não só de nome, um partido no sentido de instituições partidárias genuínas, não no sentido de falsas marcas.

Ou nós temos um partido – e, nesse caso, abaixo todos os interesses de círculo, abaixo as reuniões escusas desses gritalhões! Nesse caso, arranquemos do nosso conselho editorial *do Partido* imediatamente aqueles que não foram indicados para ele pelo Congresso do Partido. Nesse caso, restauremos o conselho editorial do Órgão Central com a composição que o Congresso elegeu. Nesse caso, façamos com que *nosso* órgão do Partido defenda as visões da maioria do Partido, que *nosso* órgão do partido defenda a organização do Partido e as instituições do Partido em vez de jogá-las na lama.

Abaixo o espírito de círculo e, antes de tudo, que ele saia de nosso conselho editorial do Partido!

Abaixo os perturbadores!

Vida longa ao partido do proletariado, um partido capaz de observar na prática as decisões do Congresso do Partido e de respeitar a disciplina e a organização do Partido!

Abaixo as falas hipócritas e os falsos títulos!

Carta ao Conselho Editorial do Iskra

Escrita em 8 de janeiro de 1904 em Genebra. Essa carta foi uma inserção à cópia da carta de Lengnik, enviada em resposta à de I.O. Mártov.

Como representante do CC, eu considero necessário apontar aos editores que não há nenhum fundamento para levantar a questão da legalidade etc., com base em discursos acalorados em palestras ou com base em polêmicas literárias. O Comitê Central como tal nunca teve, e não tem, a menor dúvida sobre a legalidade do conselho editorial cooptado, como o nº 53 do *Iskra* afirma com justeza, em completo acordo com o Parágrafo 12 do Estatuto do Partido. O Comitê Central estaria preparado para colocar isso publicamente também, se necessário. Se o conselho editorial vê essas polêmicas como ataques contra ele mesmo, ele tem toda oportunidade de responder. É pouco razoável se ressentir com aquilo que o conselho editorial considera como declarações afiadas na polêmica, quando nenhuma menção é feita em lugar algum de boicote ou outra forma desleal (do ponto de vista do CC) de atividade. Nós lembraríamos ao conselho editorial que o CC *repetidamente* expressou sua total disposição em publicar, e fez *uma proposta direta para que publicassem*, imediatamente tanto a carta de Dan quanto o *Mais uma vez em minoria* de Mártov, sem nos importarmos com os ataques afiados que seriam encontrados nesses documentos. Na visão do CC, é essencial dar a todos os membros do Partido a mais ampla liberdade possível para criticar os organismos centrais e atacá-los; o CC não vê nada de terrível nesses ataques, desde que não sejam acompanhados de boicote, de afastamento do trabalho positivo ou do corte de recursos financeiros. O Comitê Central afirma ainda agora que publicará críticas contra si mesmo, vendo no intercâmbio livre...[1]

1 N.E. A frase foi completada por F.V. Lengnik da seguinte forma: "de opiniões a garantia contra possíveis erros da parte dos organismos centrais".

Sessão do Conselho do POSDR (excertos)

Sessão[1] ocorrida de 15 a 17 (28 a 30) de janeiro de 1904. Publicado com o título *Falas e esboços de resolução feitos em 17 (30) de janeiro de 1904*, na brochura *A luta por um Congresso*, de N. Shakhóv, em Genebra, em 1904.

1

Projeto de resolução sobre as medidas para restaurar a paz no partido, apresentada em 15 (28) de janeiro

Tendo em vista o caráter e as formas de manifestação das divergências entre os membros do Partido sobre o Segundo Congresso Regular, o Conselho do Partido considera urgentemente necessário chamar vigorosamente todos os membros partidários para trabalharem juntos em harmonia sob a direção das duas instituições centrais do Partido: o Órgão Central e o Comitê Central.

A conjuntura histórica pela qual a Rússia passa agora – a tremenda intensificação do fermento revolucionário dentro do país e as complicações internacionais, que podem levar à guerra – impõe deveres particularmente sérios sobre o partido dos proletários com consciência de classe, que estão lutando na linha de frente pela emancipação de todo o povo do jugo da autocracia. A necessidade de trabalhar juntos em harmonia, sob a direção dos dois organismos centrais do partido, para fortalecer nossa organização e desenvolver a consciência de classe e a solidariedade das

---

1 N.E. A sessão do Conselho do Partido feita em Genebra de 15 a 17 (28 a 30) de janeiro de 1904 foi convocada por iniciativa dos representantes do Órgão Central para discutir medidas de harmonizar as atividades do Comitê Central e do Órgão Central na publicação de literatura do Partido. Compareceram Lênin, Lengnik, Plekhánov, Axelrod e Mártov.

Por proposta de Lênin, o Conselho resolveu incluir na ordem do dia e discutir como primeiro item a questão das medidas para restaurar a paz no Partido. Em 15 (28) de janeiro, Lênin, em nome do Comitê Central, apresentou uma resolução sobre a questão. Quando o debate mostrou que os mencheviques não concordariam com essa resolução, Lênin e Lengnik propuseram, em 16 (29) de janeiro, outra resolução sobre a restauração da paz no Partido, que o conselho adotou por três votos (Lênin, Lengnik e Plekhánov) a dois (Mártov e Axelrod). No entanto, em vez de depois discutirem praticamente o que deveria ser feito para restaurar a paz, o Conselho, por cima do protesto de Lênin, encaminhou para votação a resolução de Plekhánov, que demandava cooptação de mencheviques para o Comitê Central. Com os votos de Plekhánov, Mártov e Axelrod, a resolução foi aprovada. Por causa disso, os representantes do Comitê Central (Lênin e Lengnik) registraram em 17 (30) de janeiro uma opinião divergente, que censurava a resolução de Plekhánov por ignorar a vontade da maioria do Segundo Congresso do Partido. O texto da opinião divergente foi esboçado por Lênin.

Depois de os mencheviques frustrarem todos os esforços de estabelecer a paz no Partido, Lênin apresentou uma resolução sobre a convocação do Terceiro Congresso do Partido, como única saída para a situação. Com os votos de Plekhánov, Mártov e Axelrod, a resolução não foi aprovada e a resolução de Mártov contra um congresso foi aprovada. Sobre a publicação da literatura partidária, também não se chegou a nenhum acordo. Rejeitando as resoluções apresentadas sobre esse assunto por Lênin, o Conselho adotou resoluções que endossavam as atividades fracionistas e disruptivas do conselho editorial menchevique do Iskra.

A sessão do Conselho de janeiro de 1904 deixou claro que, com a deserção de Plekhánov para o lado dos mencheviques, o Conselho havia se tornado um instrumento da luta menchevique contra o Partido.

massas mais amplas possível da classe operária, nunca foi tão urgente como é agora.

Diferenças individuais sobre todo tipo de questão sempre surgiram e inevitavelmente vão surgir em um partido que se apoia sobre um amplo movimento popular e se coloca como o porta-voz consciente desse movimento, rejeitando enfaticamente todo espírito de círculo e visões sectárias estreitas. Mas se os membros de nosso Partido forem representantes valorosos do proletariado militante com consciência de classe, devem fazer o máximo para garantir que nenhuma diferença individual sobre a interpretação e os métodos de realizar os princípios de nosso programa partidário interfiram, ou sejam capazes de interferir, com o trabalho conjunto harmonioso sob a direção de nossas instituições centrais. Quanto mais profundo e amplo for nosso entendimento de nosso programa e das tarefas do proletariado internacional, mais valor daremos ao trabalho positivo no desenvolvimento da propaganda, da agitação e da organização, e mais longe estaremos do sectarismo, do espírito mesquinho de círculo, e de considerações sobre cargos e postos, mais teremos que nos esforçar para que as diferenças entre membros do Partido sejam discutidas calmamente e no mérito, e não deixar que essas diferenças interfiram com nosso trabalho, atrapalhem nossas atividades, impeçam o funcionamento adequado de nossas instituições centrais.

O Conselho do Partido, como instituição superior do Partido, condena vigorosamente todos os movimentos disruptivos, não importa de qual lado, todas as recusas ao trabalho, todas as retiradas de apoio financeiro para o caixa central do Partido, todos os boicotes, que são calculados apenas para rebaixar uma luta puramente ideológica de opiniões, visões e matizes ao nível dos métodos de uma pressão grosseiramente mecânica, ao nível de uma briga indecente. O Partido está esgotado por esses dissensos, que já duram quase seis meses, e insistentemente exige paz. Nenhuma diferença entre os membros do Partido, nenhuma insatisfação com a composição pessoal de um ou outro organismo central pode justificar boicotes ou métodos similares de luta, que denotam uma falta de princípios e ideais e mostra que os interesses do Partido estão sendo sacrificados em prol dos interesses de um círculo, e os interesses do movimento operário estão sendo sacrificados em prol de considerações sobre cargos e postos. Ocorrem casos, claro, em nosso Partido, como sempre ocorrerão em qualquer partido grande, em que alguns membros estão insatisfeitos com alguma nuance nas atividades de um ou outro organismo central, com algumas características de sua linha, ou com sua composição pessoal etc. Tais membros podem, e devem, colocar as causas e a natureza de sua insatisfação em uma troca camarada de opiniões, ou pela controvérsia nas colunas da imprensa partidária; mas seria absolutamente impermissível e indigno de revolucionários expressarem sua satisfação recorrendo a boicotes ou se recusando a apoiar de toda maneira possível o trabalho positivo coordenado e dirigido pelos dois organismos centrais do Partido. Apoiar ambos os organismos centrais e trabalhar junto sob sua direção direta é nossa tarefa comum e evidente como membros do Partido.

Esses métodos de luta sem princípios, grosseiramente mecânicos, mencionados acima são merecedores de uma condenação total, porque eles poderiam destruir completamente todo o Partido, cuja atividade depende inteiramente da boa vontade dos revolucionários. E o Conselho do Partido lembra a todos os membros do Partido que essa boa vontade foi expressa de forma bem definida em nossa decisão comum – à qual nenhuma objeção foi feita – de considerar todas as decisões do Segundo Congresso e todas as suas eleições como obrigatórias para todos os membros do Partido. O Comitê Organizador, já no momento de suas atividades, tendo recebido um voto geral de agradecimento por seu trabalho de construir o Congresso, adotou no ponto 18 do Regimento para o Segundo Congresso a seguinte decisão, que foi aprovada por todos os comitês do Partido:

"Todas as decisões do Congresso e todas as eleições que ele fizer serão decisões do Partido e obrigatórias para todos os organismos partidários. Elas não podem ser questionadas por ninguém, sob nenhum pretexto, e podem ser revogadas ou emendadas apenas pelo próximo Congresso do Partido."

Essa decisão, aceita por todo o Partido antes do Congresso e reafirmada várias vezes no próprio Congresso, foi equivalente a uma palavra de honra, um compromisso livre, de todos os social-democratas uns para com os outros. Não esqueçamos essa palavra de honra! Abandonemos de vez todas as pequenas rixas mútuas! Confinemos de uma vez por todas a luta de ideias dentro de limites que não levem à quebra do Estatuto ou que impeçam as atividades e o trabalho positivo!

5
Falas sobre as medidas para restaurar a paz no partido, 15 (28) de janeiro
5.1.

Eu levantei a questão das medidas para restaurar a paz e as relações normais no Partido porque a quantidade de mal-entendidos entre os operários do Partido chegou a proporções ameaçadoras. Eu não penso que um trabalho partidário frutífero seja possível, a não ser que haja alguma base comum a que possam aderir, em suas atividades, os membros do Partido que estão envolvidos por qualquer razão nos desentendimentos mútuos. Não é segredo para ninguém que as relações entre membros e seções individuais do Partido tornaram-se tão anormais que seria difícil agora para alguém falar de um partido operário social-democrata *unido* e ter razão no que fala. Eu poderia, claro, se necessário, fornecer provas detalhadas disso (lembrem, por exemplo, dos vários episódios de correspondência entre o Comitê Central e o Órgão Central); mas talvez, uma vez que todos já sabemos que é assim, seria melhor não recorrer nesse momento a essas ilustrações provocadoras. E assim, devemos adotar medidas mais vigorosas para remover esse mal. Do contrário, teríamos uma posição em que os atos mais simples, mais rotineiros, do Partido fariam surgir trocas altamente indesejáveis com insultos sistemáticos em uma linguagem muito forte e com os mais bem escolhidos – como posso dizer isso gentilmente? – elogios... Pode parecer que estou disposto a prejudicar de al-

guma maneira a "liberdade de expressão"; mas, afinal, o problema é que na esfera da ação também não estamos nada bem. Como membros do Conselho, cuja função principal é trabalhar pela unidade no Partido, contra as tendências à desunião, precisamos fazer um esforço para remover o atrito que está impedindo o trabalho do Partido; e, se houver essa vontade, isso certamente não seria impossível. Assim, eu pergunto se algum tipo de medida deveria ser adotada contra certos métodos de luta dentro do Partido que o reduzem à condição de um grupo desorganizado e o faz virar pura ficção. Talvez o Conselho pudesse, pelo interesse do trabalho comum, aprovar uma resolução que esbocei e lerei a vocês em um momento. Eu considero importante por princípio termos uma decisão do Conselho que possa apontar para a eliminação e condenação de formas impermissíveis de luta entre indivíduos ou grupos no Partido que tenham qualquer discordância entre si. Eu repito, a posição agora é muito anormal e precisa ser corrigida.

[*Axelrod: "Todos concordamos com isso."*]

Peço aos secretários que coloquem a observação do camarada Axelrod nas minutas.

Eu agora lerei o esboço da resolução que estou apresentando.

Essa é a resolução que estou apresentando em nome do Comitê Central, com a assinatura de seus dois representantes, e que poderia servir não para acabar com problemas ou diferenças específicas entre os membros do Partido, mas para criar uma base comum para os social-democratas russos, que estão trabalhando nos interesses de uma causa comum.

5.2.

Vejo com prazer, das falas de ambos os representantes do Órgão Central, que eles concordam a princípio que vigorosas medidas devem ser tomadas para estabelecer uma unidade verdadeira no Partido. Isso já cria uma certa base comum entre nós. Sobre a sugestão do camarada Plekhánov, considero necessário dizer o seguinte. O camarada Plekhánov sugere que eu destaque do meu esboço de resolução as medidas práticas mais essenciais para remover os males notados na vida partidária; a resolução atual, ele diz, tem o caráter de um apelo. Sim, minha proposta tem mesmo o caráter de um apelo – mas ela é exatamente o que deve ser. A ideia desse "apelo" é que o Conselho, em nome dos dois organismos centrais, trace uma linha divisória entre o que são as formas permissíveis de luta no Partido e o que não são. Eu sei que falando assim, de maneira genérica, a luta é incontornável; mas há diferentes métodos de luta; afinal, alguns métodos são absolutamente anormais e não podem ser tolerados em qualquer partido saudável. E o camarada Mártov tinha razão ao dizer que, além de uma luta de ideias, tem havido também o que ele chamou de "complicações organizativas".

Nós, reunidos aqui não para nos engajar em uma disputa, mas para remover as condições anormais da vida partidária, podemos e devemos influenciar nossos camaradas ao indicar com autoridade os limites da luta permissível no Par-

tido. Mas eu não conheço outra forma de influenciar as pessoas senão apelando a elas. Destacar as sugestões práticas seria sem sentido aqui. Sobre a declaração dos representantes do Órgão Central, de que eu simplesmente aponto para o estado anormal da vida partidária, mas não entro em suas causas, eu devo dizer que minha abordagem não é acidental, mas completamente deliberada, porque temo que se tocássemos nesse emaranhado mesmo que de maneira superficial, o resultado, em vez de desfazer o emaranhado, seria de emaranhar ainda mais. Vocês devem se lembrar, afinal, de que no que respeita a essa confusão, somos partes muito interessadas, de modo que qualquer tentativa de desemaranhar certamente não caberia a nós fazê-lo, mas só às pessoas que não tem nada a ver com o emaranhado. Se tentássemos, acabaríamos juntando vários documentos, tudo de novo, o que, como o Conselho já bem definiu, só levaria a mais... brigas.

Tomemos como nosso ponto de partida a posição como ela existe, porque não há como fugir da realidade, e estou disposto a concordar com o camarada Mártov em que todas as diferenças e conflitos não seriam solucionados por uma homília piedosa[2]. E é assim; mas aí então, quem poderia agir como árbitro nesses aspectos deploráveis de nossa vida partidária? Não poderíamos ser nós mesmos de jeito nenhum, eu estou convencido; não, teria que ser um círculo amplo de pessoas – revolucionários práticos dedicados que não participaram dessas brigas. Mesmo evitando cuidadosamente as causas de nossos dissensos, eu devo, no entanto, me arriscar a ilustrar minha ideia com um exemplo de nosso passado recente. A luta já está acontecendo há cinco meses. Durante esse tempo, houve, creio, cerca de cinquenta mediadores que tentaram encerrar os dissensos no Partido, mas só conheço um cujos esforços a esse respeito produziram resultados relativamente úteis, mesmo que modestos. Estou me referindo ao camarada Travínski[3], uma pessoa que, é importante destacar, está mergulhado até o pescoço, por assim dizer, no trabalho revolucionário prático positivo, tanto que sua atenção tem sido ocupada quase exclusivamente por esse trabalho e ele não participou de nenhum dos dissensos. São apenas essas felizes circunstâncias, eu diria, que explicam suas tentativas de promover a paz terem tido algum sucesso módico. Eu acho que se pessoas como ele colocassem as mãos na análise das causas dessa posição infeliz no Partido, seria possível desemaranhar as confusões que nos têm deixado perplexos. Nós, no entanto, devemos alertar sobre ir às causas dos dissensos, porque isso poderia levar, contra nossa própria vontade, a abrirmos novas feridas (para usar a expressão do camarada Mártov) uns nos outros, que vão se somar às muitas velhas feridas que ainda estão longe de cicatrizar. É por isso que sou contra analisar a causa e prefiro olhar para meios que pelo menos mantenham os métodos de luta dentro de limites mais ou menos permissíveis. Só há duas alternativas: se for possível fazer algo nesse sentido, então devemos tentar; mas se não for, se os lados em disputa não forem influenciados por essa persuasão com autoridade, a

2 N.E. Homília é uma parte da missa católica destinada a explicitar a fé aos fiéis; é um momento de "conversa familiar" entre o homiliasta e a comunidade da igreja.

3 N.E. "Travínski" era o codinome de G.M. Krjijanóvski, membro do Comitê Central

única possibilidade restante será submeter o assunto a esses terceiros, não envolvidos nas hostilidades e engajados com suas tarefas práticas positivas, de quem falei antes. Eu duvido se nós poderíamos convencer uns aos outros de estarmos certos ou errados. Eu não creio que isso seja possível.

5.3.

Eu não entendo muito bem a proposta do camarada Plekhánov. Ele diz que deveria haver algum tipo de medida prática, mas sem dúvida meu esboço já aponta para essa medida prática. Nós temos apenas que declarar, declarar com autoridade, que uma luta normal, uma luta de ideias, uma luta feita dentro de limites definidos, é permissível, mas que os boicotes, as recusas a trabalhar sob a direção do Comitê Central, recusas de apoiar financeiramente o caixa central do Partido, e assim por diante, não são permissíveis. Disseram-nos que meras palavras não vão convencer ninguém. Eu não seria tão ousado de dizer que esse desejo será o bastante para estabelecer a boa vontade entre os dois lados no Partido, porque a doença que deve ser curada já foi longe demais e uma parede muito sólida, como o camarada Mártov coloca, foi construída entre os dois lados. Podemos não ter sucesso em derrubar essa parede, uma vez que nós mesmos a levantamos; mas que nós, que abrimos feridas tão severas uns nos outros, possamos, através de um apelo com autoridade em nossa condição de membros do Conselho, coibir os camaradas de usarem formas indignas de luta, isso não é nem um pouco impossível. Sobre demolir a parede, eu penso que o tempo fará seu trabalho e tudo tenderá a diminuir. Sobre o ponto de algumas passagens no apelo serem interpretadas por cada lado a seu modo, eu penso que isso poderia se aplicar a qualquer coisa que possamos dizer.

[*Axelrod: "É por isso que é necessário não apenas falar, mas agir."*]

Além disso, eu não consigo entender por que o camarada Axelrod pensa que o que eu proponho só poderia servir como uma nova fonte de atritos. Eu repito, pode ser que não quebremos a parede que há entre os dois lados no Partido, já que nós mesmos trabalhamos bastante para levantá-la; mas aqueles dentre nossos camaradas que, estando engajados no trabalho prático, se mantiveram longe de nossos dissensos poderiam derrubá-la. O camarada Mártov, como eu digo hoje com muito prazer, concorda em princípio com a ideia desse papel útil em resolver nossos dissensos que podem ter outros camaradas, que não estiveram envolvidos nos dissensos. Mas além disso, me parece que o próprio fato dos representantes dos organismos centrais concordarem que tais e tais métodos de luta são permissíveis e tais e tais não são – isso por si mesmo poderia provocar a rachadura inicial na parede que divide os dois lados, depois do que a anormalidade atual da vida partidária poderia diminuir.

5.4.

A proposta do camarada Plekhánov me traz sentimentos mistos. Ao falar das causas da luta, ele volta direto às feridas que estamos fazendo uns nos outros, que o camarada Mártov já apontou. O que eu tentei fazer em meu esboço foi traçar uma linha entre o que é permissível em nossa luta e o que não é, não importa quem faça os ataques. Se começarmos a voltar a quem fez aquilo e quando, seria o começo do fim, isso é, do fim de nossa discussão. Porque nós sermos nossos próprios árbitros é psicológica e moralmente bastante impossível. Se nós levarmos a discussão para o que produziu as relações tensionadas entre os membros do Partido, nós conseguiríamos nos colocar acima do nível de brigas mesquinhas?

[*Axelrod: "Sim, conseguiríamos!"*]

Eu não compartilho do otimismo do camarada Axelrod. O camarada Plekhánov, em sua análise das causas do rompimento no Partido, deu sua própria interpretação dos fatos, com a qual eu não concordo. Mas se começarmos a discutir, teremos que buscar as minutas e pegar as informações nelas. Por exemplo, o camarada Plekhánov diz que, depois da eleição dos órgãos centrais, o Congresso se dividiu em duas partes praticamente iguais, que um único delegado, que passou da maioria para a minoria, equalizou assim os números das duas metades do Congresso, que, portanto, o Comitê Central só representa uma parte do Partido, e assim por diante. Mas não se pode discutir assim; não é possível, afinal, falar do Comitê Central só tendo sido eleito por uma parte do Partido. Muitos, talvez, votariam agora de maneira diferente ao que fizeram no Congresso em vários pontos; eu mesmo poderia votar diferente em vários pontos; mas isso não significa que as mudanças possíveis e as novas combinações a esse respeito de alguma forma invalidam os resultados da votação anterior. Quando uma luta está em questão, sempre há uma divisão do inteiro em partes. Sim, o Comitê Central agora – mas não no Congresso – representa uma parte; mas eu sei muito bem que, na opinião dos camaradas, o Órgão Central também é, da mesma forma, representante de apenas uma parte. Apenas de um ponto de vista eu poderia reconhecer a expressão do camarada Plekhánov como correta, ou seja, do ponto de vista do rompimento que de fato existe. Não é porque o Congresso fez algo errado que se pode chamar a composição de um ou outro dos organismos centrais de "anormal", mas apenas porque, em tais e tais circunstâncias, as pessoas se recusam a trabalhar juntas... Assim, o quanto antes tocarmos nas causas da anormalidade, tanto antes estaremos de novo emaranhando a questão que ainda não conseguimos desemaranhar. É verdade que muitos estão insatisfeitos com a composição do Comitê Central; mas também é verdade que muitas outras estão insatisfeitas com a composição atual do Órgão Central. Para a questão do camarada Mártov sobre se seria permissível "desmembrar" os organismos existentes, eu responderia: "Sim, reconstruir os organismos é inteiramente permissível!". É permissível para uma autoridade competente do Partido remover uma pessoa particular de um tipo particular de trabalho revolucionário? Minha resposta é "Sim, é permissível!". Mas se me

perguntarem por que e como uma dada "intervenção" na integridade e na inviolabilidade de um organismo surgiu, por que tais e tais não foram indicados para tal e tal esfera do trabalho partidário, e assim por diante, eu de novo teria que entrar nessa confusão que está além de nossas capacidades desemaranhar. Assim, a questão de se é ou não permissível "desmembrar" organismos também nos leva de volta às divergências. Tudo isso só prova que discutir agora sobre as causas de nossos dissensos seria uma perda de tempo completamente inútil e possivelmente até nociva. Agora voltemos à questão da representação proporcional. Só se pode falar disso começando do reconhecimento de uma cisão já existente. Nós somos aqui representantes dos dois lados em disputa...

[*Plekhánov: "Estamos reunidos como membros do Conselho, não como os lados em disputa."*]

A afirmação do camarada Plekhánov entra em conflito com sua própria resolução, que fala de dissensos no Partido terem cindido Partido em duas metades, sendo que uma delas, de acordo com a resolução, estaria completamente sem representação em um organismo central como o Comitê Central. Claro, oficialmente nós não somos os representantes dos dois lados em disputa, mas uma vez que essa representação emerge do curso dos debates, eu tenho um direito lógico de falar sobre ela.

[*Plekhánov: "A expressão que você usou foi de que nós nos reunimos aqui como os representantes dos dois lados em disputa e isso causou minha afirmação."*]

Não vou negar que talvez a expressão que eu usei não tenha sido totalmente precisa...

[*Plekhánov: "Era incorreta."*]

Talvez até tenha sido incorreta, não vou debater essa questão. Eu estou apenas dizendo que a resolução do camarada Plekhánov muda o argumento para se basear em um reconhecimento *de facto* da cisão. Nós nos cindimos, é esse o fato que estou indicando. Se não fosse o caso, a resolução não teria nenhum sentido. A maioria do Partido está insatisfeita, também, com a composição do Órgão Central, no qual quatro dos cinco editores pertencem à minoria. O Comitê Central poderia apresentar a mesma exigência, de mudança na composição do Órgão Central, que está sendo feita agora em relação ao Comitê Central. Essencialmente, a resolução do camarada Plekhánov equivale a uma declaração dos termos de apenas um lado...

[*Plekhánov: "Eu não pertenço nem à maioria nem à minoria."*]

O camarada Plekhánov nos diz que ele não pertence nem à maioria nem à minoria, mas ninguém mais no Conselho diria isso. Analisando formalmente, do ponto de vista do Estatuto, a resolução apresentada pelo camarada Plekhánov não tem sentido. Mas, eu repito, pode-se entendê-la, na verdade, na medida em que ela decorre do fato da cisão. Mas se um lado está colocando seus "termos", o outro deveria poder, da mesma forma, apresentar "termos". Nós não nos colocamos acima dos "dois lados", nós mesmos somos esses "dois lados". Consequen-

temente, se vamos reconhecer que na verdade o Partido está cindido, precisamos também reconhecer que só há um jeito radical de resolver nossas disputas e "mal-entendidos", ou seja, submetendo a terceiros. Há pessoas no Partido, como eu disse antes, que estão engajadas em um trabalho positivo e não tomaram partido na luta da "maioria" e da "minoria". É a essas pessoas que devemos recorrer.

5.5.

Eu não concordo nem com Mártov nem com Plekhánov. Eles dizem que não pode haver questionamento sobre se a resolução não tem sentido e citam dois argumentos. 1) O argumento de Mártov é de que o Conselho é a instituição superior do Partido. Mas não esqueça que a competência do Conselho está limitada por observações especiais no Estatuto – algo que o próprio camarada Mártov passou por poucas e boas para assegurar. 2) O segundo argumento é que, com essa resolução, o Conselho estaria apenas externalizando sua opinião e sua recomendação. O Conselho pode, claro, expressar uma opinião e uma recomendação, mas sem ir além disso.

[*Plekhánov: "É claro! É claro!"*]

O Conselho pode apenas sugerir a cooptação ao Comitê Central; mas nesse caso, o Comitê Central vai exigir uma mudança na composição do Órgão Central. Eu estou disposto, sob certas condições, a concordar com a representação proporcional. Mas eu pergunto, há representação proporcional no Órgão Central? A composição do Órgão Central é de um contra quatro, e mesmo essa uma pessoa não pertence nem à maioria nem à minoria. O Comitê Central, em uma ocasião anterior, fez uma oferta de dois contra nove[4] e fez essa proposta em um momento de total dissenso, com uma cisão iminente. Em certo sentido, toda divergência é uma cisão, e quando duas metades não conseguem trabalhar juntas, aí então temos uma cisão de verdade. Apenas do ponto de vista de uma cisão, poderíamos reconhecer que a resolução do camarada Plekhánov faz sentido. Poderia ser considerada como uma *ultima ratio*[5]; mas nesse caso, ambos lados teriam igual direito à mudança na composição dos organismos centrais. Estou firmemente convencido de que o Comitê Central, de sua parte, está insatisfeito com a composição do Órgão Central. No momento em que tocarmos na questão do Congresso anterior, haverá brigas e não chegaremos a lugar nenhum. Assim, por exemplo, Plekhánov alega que o Congresso não elegeu uma terceira pessoa para o conselho editorial porque não havia uma terceira pessoa adequada. Eu mantenho – que o Congresso não elegeu uma terceira pessoa porque estava convencido de que o camarada Mártov se juntaria ao conselho. O mesmo pode ser dito da composição do Conselho do Partido. Muitas pessoas no Congresso pensavam que o camarada Mártov teria um assento no Conselho na qualidade de membro do conselho editorial. A

4 N.E. No ponto 3 de seu ultimato de 12 (25) de novembro de 1903, o Comitê Central ofereceu-se para cooptar dois membros da minoria. O Comitê Central era composto, à época, por Lênin, Krjijanóvski, Lengnik, Noskov (Glébov), Gusarov, Zemliatchka, Krasin, Essen e Galperin.

5 N.E. Em latim no original. Literalmente "a razão última", entendido como "o último recurso".

maioria pode dizer (e dirá) que, se houver representação proporcional, então o Órgão Central deveria ser expandido com mais seis membros, pertencentes ao que conhecemos como a maioria. Mas esse tipo de argumento não nos ajudará a chegar no fim desejado, motivo pelo qual eu acredito que a resolução do camarada Plekhánov não é tão boa quanto a minha. Minha resolução sobre "permissível e não permissível" teria esse significado, que nós, como representantes dos lados em disputa, estaríamos fazendo um chamado ao resto dos camaradas para manterem-se dentro dos limites das formas permissíveis de luta.

Não devemos ter uma posição puramente jurídica, porque na verdade nosso reconhecimento comum do fato de que as relações no Partido estão anormais é equivalente a reconhecer que nós somos dois lados em disputa, o Órgão Central e o Comitê Central.

[*Plekhánov: "Esta é uma reunião do Conselho do Partido, não do conselho editorial."*]

Sim, não estou esquecendo isso. Do ponto de vista jurídico, não podemos falar de representação proporcional nos organismos centrais. Mas do ponto de vista político, igualmente, é desaconselhável operar com essa ideia, porque teríamos que ceder aos desejos de um lado sem ouvir os desejos do outro. Não existe terceira parte entre nós que poderia resolver nossa disputa. Ainda assim, só a opinião dessa terceira parte poderia ter peso, tanto político quanto moral. Uma cisão verdadeira existe, e estamos às vésperas de uma cisão formal se a minoria insistir, sem se preocupar com os meios que usa, em tentar se tornar maioria.

6

Falas sobre as medidas para restaurar a paz no partido, 15 (28) de janeiro

6.6.

Eu penso que seja necessário responder principalmente às objeções detalhadas apresentadas pelo camarada Mártov; mas para não deixar as objeções do camarada Plekhánov sem resposta também, eu primeiro vou falar sobre elas. Minha impressão era de que ele era a princípio favorável à representação proporcional...

[*Plekhánov: "Não!"*]

Talvez eu o tenha compreendido mal, mas essa foi minha impressão. Em nossa organização partidária, o princípio da representação proporcional não é praticado e o único critério de legitimidade da composição de qualquer organismo cujos membros tenham sido eleitos em um congresso é o desejo claramente expresso da maioria no congresso. Mas nos falam aqui que as eleições legítimas no Congresso produziram um estado "legítimo" de coisas que é pior que um ilegítimo. Isso é verdade, mas por que isso aconteceu? É porque a maioria tinha pouca vantagem ou porque a minoria de fato produziu uma cisão? Quando as pessoas falam sobre o Comitê Central ter sido eleito apenas por vinte e quatro votos, ou seja, por uma margem estreita, e alegam que essa é a razão de todas as infelizes complicações na

vida partidária desde então, eu declaro que não é assim. Sobre a afirmação do camarada Plekhánov, de que minha "mentalidade formalista" me impede de ir à raiz do problema, eu devo dizer que não compreendo, falando propriamente, o que isso significa. Talvez a "raiz do problema" esteja no Congresso? Nesse caso, somos todos formalistas, porque, ao voltar nossas mentes para o Congresso, precisamos ir por suas decisões formais. Se, por outro lado, a "raiz do problema" está fora do Congresso, então onde ela está? Sim, o jeito que as coisas aconteceram, o estado de coisas no Partido é pior que ilegítimo (uma coisa que já seria muito séria de se dizer), mas toda a questão é: o que aconteceu? É culpa do Congresso, ou culpa do que ocorreu depois do Congresso? Infelizmente, o camarada Plekhánov não coloca a questão dessa forma.

Eu agora me volto às afirmações do camarada Mártov. Ele coloca que a minoria não se recusa e não se recusou a trabalhar junto conosco. Isso não é verdade. Durante três meses – setembro, outubro e novembro –, vários representantes da minoria deram provas práticas de não querer trabalhar junto conosco. Nesses casos, o lado boicotado tinha apenas um caminho a percorrer – fazer um pacto, um acordo com a oposição "ofendida" que se recusa a trabalhar e está dirigindo o Partido no rumo de uma cisão, porque o próprio fato de se recusar a trabalhar junto não é outra coisa senão uma cisão. Quando as pessoas dizem na sua cara que não trabalharão com você, assim provando na prática de que a "organização unida" é simplesmente uma ficção, que, na verdade, ela já está completamente destroçada, eles certamente estão apresentando um argumento, senão convincente, destruidor... Eu passo para a segunda objeção do camarada Mártov – a respeito da renúncia do camarada Ru[6] do Conselho do Partido. Essa questão envolve dois problemas separados. Em primeiro lugar, era correto que Ru fosse indicado ao Conselho do Partido pelo conselho editorial quando ele mesmo não era um membro do conselho editorial? Penso que era correto.

[Mártov: "É claro que era!»]

Por favor, registre a interjeição de Mártov nas minutas. Em segundo lugar, os membros do Conselho do Partido estão sujeitos a revogação pela vontade dos organismos que os delegaram? Esse é um ponto complicado, que pode ser interpretado de ambas maneiras. Em qualquer caso, o fato é que Plekhánov, que, a partir de 1º de novembro, permaneceu como o único membro do conselho editorial, não revogou o mandato de Ru do Conselho do Partido até 26 de novembro, quando Mártov e cia. foram cooptados. Ru renunciou por conta própria, foi uma concessão da parte dele para que não surgissem controvérsias sobre ele.

[*Plekhánov: "Parece-me que os argumentos sobre o camarada Ru não estão sendo tratados no momento certo. A questão não está em nossa ordem do dia e não vejo por que devemos gastar um tempo precioso discutindo o que para nós é um assunto alheio."*]

Devo indicar que, em nossa última reunião, o camarada Mártov pediu para

6 N.E. "Ru" era o codinome de L.I. Galperin, também conhecido como "I. Valentin" e "Koniaguin".

constar nas minutas sua explicação sobre esse ponto – uma explicação da qual discordo totalmente – de modo que, se o outro lado também não pode dar sua opinião sobre o assunto, a caracterização que temos aqui no Conselho será de um Conselho unilateral, incorreto.

[*Plekhánov: "Gostaria de enfatizar que a questão não está na ordem do dia e não possui ligação direta com o assunto principal em discussão."*

Lênin, protestando contra sua formulação, apela ao Conselho para decidir sobre seu direito de dar sua própria avaliação, contrária à de Mártov, sobre um fato ocorrido aqui com interpretações divergentes.

Plekhánov novamente indica que a discussão da questão de Ru está sendo tratada de forma errônea.

Lênin insiste em seu direito de apelar ao Conselho para ter a permissão de falar sobre um ponto que já foi levantado no Conselho e gerou discussão.

Mártov: "Já que o camarada Lênin levantou a questão importantíssima do direito dos organismos representados no Conselho de revogar seus delegados, deixem-me colocar que eu devo apresentar uma moção especial para resolver essa questão de uma vez por todas. Talvez essa declaração satisfaça Lênin e o induza a retirar essa questão de Ru da discussão *atual.*"]

O camarada Mártov não apenas não provou falsa, mas confirmou que tenho razão em minha intenção de apresentar a renúncia do camarada Ru do Conselho do Partido de forma correta aqui e agora. Por favor, notem que minhas explicações sobre esse ponto só foram feitas em resposta às afirmações do camarada Mártov a esse respeito.

[*Plekhánov informa Mártov e Lênin que a questão de Ru não está sujeita à discussão atual, por não estar entre os problemas sobre os quais deve se centrar a atenção do Conselho nesta sessão.*]

Eu protesto contra a declaração do camarada Plekhánov de que está incorreto discutir aqui a questão do camarada Ru, que defende que os membros do Conselho não são revogáveis; de modo que sua renúncia do Conselho deva ser vista como uma concessão feita à oposição pelo interesse de paz e boa vontade no Partido.

[*Plekhánov: "Uma vez que o Conselho aparentemente não tem desacordo com uma mudança de opinião sobre o tema do camarada Ru, certamente deixemos Lênin continuar."*]

Eu já tinha terminado.

[*Plekhánov: "Se você terminou, eu sugiro que o Conselho agora discuta as resoluções apresentadas ontem pelo camarada Lênin e por mim."*]

Eu concordo com o camarada Mártov de que as resoluções do Conselho devam ter significado não jurídico, mas moral. O camarada Plekhánov sugeriu que seria desejável que eu me juntasse ao conselho editorial.

[*Plekhánov: "Eu não disse isso."*]

De qualquer maneira, essas foram suas palavras conforme eu anotei: "A me-

lhor coisa seria se Lênin se juntasse ao conselho editorial e o Comitê Central cooptasse três."

[*Plekhánov: "Sim, eu disse que, sob certas condições, para assegurar a paz no Partido, o camarada Lênin poderia ser incluído no conselho editorial e representantes da minoria cooptados para o Comitê Central."*]

Respondendo à questão feita para mim sobre qual exatamente seria a mudança no conselho editorial do Órgão Central que seria considerada desejável, seria fácil para mim citar a opinião da "maioria", que indicou o desejo de que os camaradas Axelrod, Zasúlitch e Starover deixassem o conselho. Além, eu precisaria apenas sinalizar que nas atividades do Comitê Central não houve um único caso de alguém ser removido do trabalho partidário. Igualmente, não posso deixar passar sem protesto a declaração do camarada Mártov de que o Comitê Central se tornou um instrumento de guerra de um lado contra o outro. O Comitê Central foi apontado como um instrumento para desempenhar as funções do Partido, não um instrumento "de guerra de um lado contra o outro". Essa afirmativa do camarada Mártov é completamente contrária aos fatos. Ninguém pode citar um único fato que mostre que o Comitê Central começou e travou uma "guerra" contra a minoria. Ao contrário, foi a minoria que, por meio de seu boicote, abriu essa guerra, que inevitavelmente provocou resistência. Aí, também, eu protesto contra a afirmativa de que a suposta falta de confiança no Comitê Central impede o trabalho positivo pacífico mais do que a falta de confiança no Órgão Central. Sobre o centro da discórdia não estar no exterior, mas na Rússia, como o camarada Mártov insiste ser o caso, eu tenho que dizer que os documentos do Partido vão provar o contrário. O camarada Mártov, se referindo ao documento de 25 de novembro[7], disse que o próprio Comitê Central assumiu a princípio que sua composição era unilateral, uma vez que concordou em cooptar dois membros da minoria. Eu protesto contra essa interpretação desse documento, porque eu mesmo participei de sua escrita. A ação do Comitê Central teve um significado inteiramente distinto. Não foi porque reconheceu sua composição como unilateral que o Comitê Central concordou com essas duas cooptações, mas porque nós vimos o que seria virtualmente uma cisão completa no Partido. Se a imagem que formamos da situação estava certa ou não é outro assunto... Chegaram até nós alguns boatos de preparações que estariam havendo para a publicação de um novo órgão...

[*Plekhánov: "Se vamos trazer aqui boatos, não chegaremos a lugar nenhum."*

[*Axelrod: "De minha parte, ouvi que preparações estavam sendo feitas agora para publicação de um novo órgão..."*]

Eu faço um apelo ao Conselho: uma vez que o camarada Mártov interpretou mal o documento do Comitê Central para um lado, sou obrigado a apresentar minha própria interpretação dele... Eu não entendo por que minha afirmação causou tanta agitação.

[*Plekhánov: "Não é uma questão de agitação, mas de referências a boatos sendo*

7 N.E. O documento em questão era o ultimato do Comitê Central de 12 (25) de novembro de 1903, apresentado aos mencheviques por proposta de Lênin.

feitos fora do lugar."]

Pode-se dizer que meus motivos não eram válidos. Talvez não fossem. Mas eu deixo registrado de qualquer forma que eles eram da natureza que eu indiquei.

Para resumir: o camarada Mártov contestou os motivos do Comitê Central sobre sua concordância com duas cooptações. Mas eu declaro que o Comitê Central atuou com a convicção de que uma cisão virtual já existia no Partido e que estávamos às vésperas de uma cisão formal completa, no sentido da publicação de um órgão separado, de arranjos para transporte separado e uma organização separada na Rússia. Agora sobre o ponto do procedimento: a afirmação do camarada Mártov tinha a ver com o conteúdo da questão, não com procedimento. E eu quero perguntar ao Conselho: o presidente estava certo em agir como agiu nesse caso?

6.7.

O camarada Mártov declara que eu mergulhei direto na polêmica em vez de discutir calma e pacificamente a questão geral de conceber medidas para a paz no Partido. Eu não posso concordar com isso, porque a polêmica foi iniciada por ninguém mais, ninguém menos que o próprio camarada Mártov. Não há nada de polêmico em meu esboço de resolução. Não à toa o camarada Axelrod o descreve como uma "exortação pastoral" – e exortações pastorais, como se sabe, não entram em polêmicas. E de fato, tudo o que eu falei nele foi sobre os limites dentro dos quais qualquer luta interna no Partido deve ser mantida: quais formas dessa luta consideramos permissíveis, e quais formas temos que reconhecer como impermissíveis e perigosas, não apenas para o curso normal da vida do Partido, mas também para a própria existência do Partido. Além disso, eu cuidadosamente tentei evitar uma abordagem que pudesse nos envolver em mais controvérsias infrutíferas – na minha proposta, me esforcei para não começar com uma avaliação dos métodos de luta que marcaram verdadeiramente a guerra dos últimos seis meses entre os dois lados do Partido. O camarada Mártov não quis manter a questão nesse plano e escolheu entrar na polêmica. Ainda assim, eu estou disposto, se assim quiserem, a voltar atrás ao ponto em que comecei. Sobre o assunto de agora, deixem-me dizer o seguinte. O camarada Mártov citou Travínski como tendo acolhido a cooptação dos antigos editores para o conselho editorial. Acho que é necessário enfatizar aqui que conversas ou negociações privadas não devem ser levadas em conta. Todas as negociações oficiais foram conduzidas por Travínski por escrito. Sobre suas observações privadas, o camarada Mártov aparentemente não as entendeu bem e, alguma hora, se for necessário, posso provar.

Além disso, o camarada Mártov disse que havia todo tipo de defeitos nas atividades do Comitê Central e assim de novo entrou no terreno da polêmica. Pode de fato haver defeitos nas atividades do Comitê Central, mas um representante do Órgão Central criticar essas atividades não é nada além de polêmica. De minha parte, penso que as atividades do Órgão Central saíram dos trilhos; mas, com tudo isso, eu não comecei aqui criticando a linha que as atividades do Órgão Central to-

maram, mas colocando que existe uma insatisfação mútua entre o Comitê Central e o Órgão Central. Eu também protesto contra a afirmação de que minha resolução, se adotada pelo Conselho, faria dele um "instrumento de guerra". Meu apelo fala apenas das formas de luta que são permissíveis e as que não são... Onde nisso há um "instrumento de guerra"? O camarada Axelrod disse que eu "comecei com um brinde e terminei com um réquiem" e me acusou de estar colocando todos os meus esforços em provar que há uma cisão no Partido. Mas claro, nós começamos ontem reconhecendo que há uma cisão... Além disso, para provar que o centro da discordância não está no exterior, o camarada Mártov citou a carta do camarada Vassiliév de 12 de dezembro, que diz que as coisas na Rússia estão um completo inferno[8]. Em relação a isso, digo que não é necessário grupos fortes para "criar um inferno", porque são as briguinhas mesquinhas e trapaceiras que mais facilmente e com maior frequência criam os grandes empecilhos ao trabalho.Eu mencionei minha carta de 13 de setembro para um dos antigos editores. Vou publicar essa carta[9]. O camarada Plekhánov diz que a palavra "pântano" é um insulto. Permitam-me lembrar-lhes, contudo, que, na imprensa socialista alemã e nos congressos do partido alemão, o termo *versumplt*[10] suscita zombaria algumas vezes, mas nunca choros de ter sido insultado. Nem o camarada Vassiliév nem eu tivemos a intenção de insultar ninguém usando a palavra. Quando há dois lados, cada um com sua tendência definida, os hesitantes irresolutos entre eles são descritos pelo termo "pântano", no lugar do qual seria possível dizer, imagino, "média de ouro"[11].

Chamar o Comitê Central de excêntrico pode ser meio engraçado, mas também leva a polêmicas. Afinal, eu poderia dizer o mesmo do Órgão Central. Dizem que meu "apelo" é um remédio homeopático para um mal alopático. Não nego que o remédio que proponho seja apenas um paliativo; mas aí então, nós não estamos encontrando remédios alopáticos aqui. Se vão falar da necessidade de remédios radicais, "alopáticos", para esse mal, então vão até o fim. Um remédio assim existe, e esse único remédio radical não pode ser outro senão um congresso. Por cinco meses, nós temos tentado em vão chegar a um entendimento...

["Não foi assim!"]

Sim, foi assim, e provarei para vocês com documentos... Nós estivemos defendendo isso desde 15 de setembro e não conseguimos ainda. Não seria melhor nesse caso apelar para o organismo sobre o qual o camarada Mártov também falou ontem? – e esse organismo só pode ser um congresso dos operários do Partido. O Congresso do Partido – esse é o organismo que decide sobre a "batuta

8 N.E. Essa carta que Lengnik (Vassíliev), membro do Comitê Central, enviou em 29 de novembro (12 de dezembro) de 1903 ao conselho editorial do *Iskra* foi escrita por Lênin.

9 N.E. Lênin se refere a sua carta a Potréssov de 31 de agosto (13 de setembro) de 1903. Ele a publicou em uma forma ligeiramente abreviada em *Um passo em frente, dois passos atrás.*

10 N.E. Em alemão no original. Literalmente "pantanoso".

11 N.E. Média de ouro, ou proporção áurea, é uma constante real algébrica irracional denotada pela letra grega *phi*. Essa proporção foi utilizada em obras artísticas desde a Grécia Antiga, e pode ser encontrada em diversos exemplos naturais – o mais conhecido sendo a razão que descreve a espiral das conchas em geral.

do maestro"[12]. Uma das razões pelas quais temos congressos é para "lutar" pela "batuta do maestro" (não no sentido cru da palavra, é claro). Nele, uma luta é feita com votos, com negociações entre camaradas e assim por diante, e aí essa luta pela composição dos organismos centrais está correta, mas fora dos congressos não deve encontrar espaço na vida partidária.

E assim, mesmo minha "mensagem pastoral" sendo um paliativo, não existe nenhum outro remédio, mais radical, exceto um congresso, se não quisermos fazer desse mal uma doença crônica. O camarada Axelrod aponta que na Europa Ocidental, os membros das instituições centrais prestaram satisfações para qualquer oposição a sua política mesmo nos rincões mais remotos do Partido e tentaram, negociando com a oposição, suavizar as coisas... Mas aí então, nosso Comitê Central está fazendo a mesma coisa. O Comitê Central mandou dois de seus membros para o exterior com esse objetivo[13], o Comitê Central negociou com vários representantes da oposição dúzias de vezes, provando-lhes o absurdo de seus argumentos, a falta de fundamento de seus medos etc., etc. Digo que isso foi um desperdício impossível de energia, dinheiro e tempo, e nesse sentido nós realmente temos algo a responder perante a história.

Voltando novamente à questão das sugestões práticas, eu repito que só há um meio radical de encerrar esse infeliz momento de polêmicas – um congresso. Minha resolução tinha a intenção de trazer a luta no Partido para os limites normais... Disseram-nos que isso não vai arrancar a farpa, de que o problema é mais profundo... Nesse caso, apenas a convocação de um congresso pode arrancar completamente a farpa.

6.9.

Antes de falar sobre o conteúdo da questão, digo de passagem mais uma vez que ninguém se ofenda com a palavra *Sumpf*[14].

Agora sobre as negociações com Travínski. Minhas palavras foram interpretadas aqui para dizer que eu nego que tenha havido negociações com ele. Nada disso. Eu não nego que negociações tenham sido feitas, mas simplesmente apontei para a diferença entre o significado que negociações privadas podem ter e o significado das oficiais. Eu citei aqui uma carta do próprio camarada Travínski como prova de que, se ele antes via as coisas como o camarada Plekhánov, depois mudou sua posição. Sendo esse o caso, eu consideraria um pouco fora de lugar levantar a questão de em quem a França vai acreditar[15].Não existe nenhuma necessidade de

12 N.E. A batuta (do italiano *battuta*, "batida" ou "compasso") é um bastão delgado aliado a uma base arredondada, chamada pera, em geral de madeira leve, plástico ou fibra de vidro, com que os maestros regem as orquestras, bandas etc.

13 N.E. Esses membros do Comitê Central eram Lengnik, que foi indicado como representante oficial no exterior do Comitê Central, e Krjijanóvski, que chegou na Suíça em novembro de 1903 especialmente para negociar com os mencheviques.

14 N.E. Em alemão no original. Literalmente "pântano".

15 N.E. Isso se refere à fala anterior de Plekhánov, que alegou que Krjijanóvski (Travínski) havia cedido em negociações com ele que a composição do conselho editorial do *Iskra* com mencheviques

apelar à "França".

O camarada Plekhánov declara que meu "apelo" pacífico não teve efeito nem em mim mesmo. Eu repito, tudo que faço nesse "apelo" é expressar o desejo de que certos métodos de luta não sejam usados. Eu peço paz. Pessoas respondem atacando o Comitê Central e aí se surpreendem quando ataco o Órgão Central. Depois do Comitê Central ter sido atacado, eu sou acusado de falta de pacificidade por revidar! Basta para alguém revisar todo nosso debate aqui no Conselho para ver quem começou propondo paz com base no *status quo*[16] e quem continuou com a guerra contra o Comitê Central. Alegou-se que Lênin não fez nada senão dizer à oposição: "Obedeçam e não discutam!..." Não foi exatamente assim. Toda nossa correspondência de setembro e outubro é evidência do contrário. Deixem-me lembrar-lhes, por exemplo, que, no começo de outubro, eu estava preparado (com Plekhánov) para cooptar dois camaradas para o conselho editorial. Então, em relação ao ultimato, que eu mesmo ajudei a escrever, estava disposto na época a ceder a vocês dois assentos no Comitê Central. Depois, fiz outra concessão ao renunciar do conselho editorial, e o fiz para não impedir outros de entrar nele. Assim se vê, portanto, que eu não apenas não disse "Obedeçam e não discutam", como também fiz concessões. Agora vamos ao verdadeiro assunto em questão. A atitude em relação a minha resolução me parece muito estranha. Afinal, essa resolução acusa alguém, é da natureza de um ataque contra alguém? Tudo que ela fala é se tais e tais formas de luta são permissíveis ou não. É um fato que há uma luta, e a ideia é pura e simplesmente de traçar uma linha entre as formas de luta permissíveis ou não permissíveis. E o que pergunto é: essa ideia é aceitável ou não? Assim, as expressões "instrumento de luta", "ataque contra a minoria" etc., em relação à minha resolução, estão bastante deslocadas. Possivelmente sua forma não é a mais feliz – eu não discutiria particularmente contra isso e estaria disposto a mudar a formulação – mas sua essência, que é que os lados em disputa no Partido devam manter sua luta dentro de limites permissíveis definidos – isso não é uma questão em aberto. O tipo de atitude que a resolução está encontrando aqui me parece unilateral, porque um dos lados em questão a rejeita porque vê nela algum perigo contra si mesmo.

[*Plekhánov: "Quero lembrar que eu já apontei diversas vezes que não há dois lados neste Conselho."*]

A isso, eu posso responder que me refiro aos dois lados que existem como realidade factual, não alguma divisão jurídica do Conselho em dois. À resolução do camarada Plekhánov, cujo conteúdo ninguém abordou aqui, os representantes do conselho editorial não acrescentaram nada. Ainda assim, eu fiquei esperando o

---

cooptados seria normal e acrescentou "E se a verdade de minhas palavras fosse colocada em questão, responderia como um certo ministro respondeu uma vez a Luís Filipe, que questionou suas palavras: 'Eu digo que foi assim. Você diz que não foi. Vamos ver em quem a França vai acreditar'."

16 N.E. Em latim no original. Advém da expressão *in statu quo res erant ante bellum* (literalmente, "no estado em que as coisas estavam antes da guerra") da diplomacia moderna. Aqui é usada por Lênin para se referir ao estado de coisas no Partido.

tempo todo para que o caráter unilateral dessa resolução fosse modificado.

7
Falas sobre a convocação do III Congresso do Partido, 17 (30) de janeiro

7.2.

Não posso concordar com Mártov; ele apresenta uma visão errada do papel de um congresso. Ele diz que as diferenças ainda não são claras para todos os camaradas e que convocar um congresso iria acelerar o processo de demarcação e a publicação do conflito organizativo na imprensa. Eu penso que, precisamente com uma visão do esclarecimento livre das diferenças de princípio, é necessário eliminar a crise, clarear a atmosfera das briguinhas, e para isso precisamos de um congresso. Não para eliminar a luta, mas para levá-la para limites normais, é que um Terceiro Congresso é necessário. A própria sugestão de que ele iria eliminar a luta sobre princípios é estranha. Lembro a vocês da declaração da mesa no Segundo Congresso, colocando que mesmo nosso programa está sujeito a desenvolvimento e elucidação posteriores. Mas para a luta sobre princípios, o conflito de opiniões, ser efetiva e frutífera, algumas condições são necessárias, e não as temos no momento. Eu protesto contra os paralelos históricos que foram feitos aqui e contra a referência ao *Rabótcheie Diélo*. A diferença entre a posição de agora e de três anos atrás é que antes nós não tínhamos um partido unido, e agora temos. Aqueles que falam aqui de uma metade que deseja romper deveriam ser os últimos a protestar contra um congresso para eliminar a anormalidade que, por nossos próprios esforços, nós mesmos nos encontramos incapazes de resolver. O trabalho positivo eo esclarecimento das diferenças de princípio só será possível quando o Terceiro Congresso resolver essa anormalidade e trouxer o conflito de opiniões para limites definidos.

7.3.

O argumento claramente colocado pelo camarada Plekhánov é "enérgico", mas é falso. Se o Terceiro Congresso fosse levar a uma cisão, significaria que as pessoas não querem se submeter à opinião majoritária, que não querem trabalhar juntas, ou seja, que na realidade não temos um partido. Todos admitiram que as tentativas do camarada Travínski para resolver o conflito deram algum resultado, e que há muitos camaradas como Travínski, e que o congresso seria uma reunião e um colóquio só entre esses camaradas. Uma luta amarga, desesperada, até mesmo ao ponto de excessos, não significa ainda uma cisão. Se as pessoas realmente querem trabalhar juntas, elas também devem estar dispostas a se submeter à vontade da maioria, ou seja, de um congresso.

8
Falas sobre a publicação de literatura partidária, 17 (30) de janeiro

8.1.

Começarei pelo final. O camarada Mártov entendeu mal as cartas do Comitê Central, particularmente sobre a questão dos fundos, e deu uma interpretação errônea delas. Ele não leva em conta que essas cartas foram uma continuação de uma conversa que ele, Mártov, teve com Travínski. O próprio Mártov escreveu sobre o significado dessa conversa nos seguintes termos: "Ao camarada Travínski, como para você, eu mencionei de 5 mil a 6 mil como o mínimo esperado do que, no curso de um ano, poderia ser obtido para o Partido das duas fontes às quais os membros do conselho editorial têm acesso.". Devo destacar que Travínski falou disso ser disponibilizado como um montante fixo, não no curso de um ano, então houve algum mal-entendido. O fato é que contávamos com esses 5 mil e repartimos os fundos entre o caixa russo e do exterior de acordo com isso.

O camarada Mártov disse que ambas fontes financeiras (aliás, como o conselho editorial, em sua irritação, representa grandiosamente mal a questão é evidente do fato de que, nas cartas ao Comitê Central, Mártov usou a expressão "sacos de dinheiro" entre aspas e nos culpou por essa expressão, quando, na realidade, a expressão era dele mesmo, não nossa) – Eu repito, o camarada Mártov disse que ambas fontes financeiras eram conhecidas por nós. Sim, eram conhecidas, mas o ponto não é se eram conhecidas, mas se eram acessíveis. Eu sei que uma dessas fontes poderia render até 10 mil por ano, a outra até 40 mil, mas isso não ajuda, porque para mim estão inacessíveis. E é sua conversão de fontes acessíveis para inacessíveis que constitui o corte dos fundos, que é um método absolutamente impermissível de travar a luta no Partido.

Há também o fato das prisões recentes, envolvendo pessoas que tinham a tarefa de obter dinheiro na Rússia. Não temos nenhum dinheiro aqui, conseguir que venha algum dinheiro da Rússia seria um negócio demorado, e nos custaria centenas de rublos enviar mensageiros especiais. Algum dinheiro chegará eventualmente, claro, se forem superados maiores contratempos, mas não tão cedo nem, de qualquer forma, realmente o suficiente.

Também é bastante falso que havia ameaças na carta do Comitê Central. Não havia nenhuma questão de nenhuma ameaça, porque a preocupação do Comitê Central o tempo todo era com a publicação do Órgão Central. O ponto sobre endereços, o camarada Vassiliév vai abordar. De acordo com nossa informação, o conselho editorial está enviando agentes próprios para a Rússia. Isso implica um caixa separado do Órgão Central, o que significa uma cisão de verdade no Partido. Isso é contrário ao Estatuto, que exige que o Comitê Central esteja totalmente informado e que todos os fundos e toda a organização das atividades práticas estejam inteiramente concentrados em suas mãos. O Órgão Central está violando grosseiramente o Estatuto ao estabelecer seu próprio centro de agentes viajantes, seu próprio centro de liderança prática e intervenção nos assuntos dos comitês. A existência desses agentes, contrária ao Estatuto do Partido, introduz uma desorganização direta no trabalho. O Comitê Central não pode e não vai ser responsável pela ordem na condução das questões quando uma desordem está sendo sistema-

ticamente introduzida pelo próprio Órgão Central. Aqui estão as cartas de Odessa e de Baku que ilustram como estão as coisas. A carta de Odessa, de 24 de dezembro, diz: "Tivemos uma visita ontem de Zagórski[17], que anunciou que foi delegado ao conselho editorial informar os comitês dos últimos desenvolvimentos, das negociações, da posição atual do conselho editorial e da requisição dos editores para envio de material e contribuições e autorizar panfletos ou tópicos sugeridos para panfletos de interesse geral, e também para brochuras, para cujo lançamento um grupo especial foi montado. Ele repetiu todas aquelas ideias antigas e se esforçou bastante para provar que a minoria está certa, que ela tem um espírito elevado e que é 'leal'. O comitê ouviu o camarada até o fim, depois fez algumas perguntas, uma delas sendo se o Comitê Central estava informado dessa missão; a isso, em vez de dar uma resposta direta de sim ou não, ele começou a tergiversar e a provar que o conselho editorial tinha todo direito de abordar os comitês sem o conhecimento do Comitê Central. Ele insistiu que sua comunicação deveria ser discutida e uma resolução deveria ser esboçada ali, naquele momento, em sua presença; ao que o comitê respondeu que tomou nota da comunicação, mas que sobre discuti-la e aprovar uma resolução, ele faria quando achasse adequado, enquanto agora estava trabalhando em suas tarefas regulares."[18] E aqui está o que recebemos na carta de Baku, de 1º de janeiro,: "O Comitê de Baku recebeu uma visita de Mártin[19], que veio com um comunicado do Órgão Central e com o objetivo não disfarçado de semear desconfiança no Comitê Central. Quando, ao final de sua declaração, ele perguntou a opinião do comitê, a resposta que recebeu foi: o Comitê Central tem nossa confiança irrestrita. E quando ele respondeu dizendo que gostaria de saber a posição em relação ao Órgão Central, foi comunicado sem meias palavras que, depois do que haviam ouvido (a declaração de sua missão), a confiança neste último 'estava estremecida.'"[20]

Igualmente inadequado e contra as regras de segurança é que o Órgão Central esteja dando informações sobre a composição do Comitê Central não apenas aos comitês, mas a indivíduos privadamente (como por exemplo a Druian, como o Comitê Central apontou em uma carta ao Órgão Central). Sobre "travar guerra", o fato é que o camarada Mártov aqui confunde duas coisas totalmente diferentes. Na esfera do trabalho positivo e de obter fundos, qualquer guerra (boicotes e coisa do tipo) é certamente impermissível, e o Comitê Central nunca fez nada do tipo. Na esfera da literatura, contudo, a "guerra" é permissível, e ninguém nunca restringiu as polêmicas do Órgão Central. Vocês devem se lembrar que, mesmo em um período inicial, o Comitê Central expressou total disponibilidade para publicar tanto a carta de Dan sobre as palavras de ordem da oposição quanto a

17 N.E. "Zagórski" era o codinome do menchevique V.N. Korkhmal.

18 N.E. Lênin está citando uma carta de 24 de dezembro de 1903 (6 de janeiro de 1904) de I.K. Lalaiants a N.K. Krúpskaia.

19 N.E. "Mártin" era o codinome do menchevique V.N. Rozanov.

20 N.E. Lênin está citando uma carta de 1º (14) de janeiro de 1904, de L.B. Krasin para a Filial do Comitê Central no Exterior.

brochura de Mártov "Uma Vez Mais na Minoria", ainda que ambas contenham ataques ao próprio Comitê Central.

O Comitê Central não causou nem uma vez atrasos em lançar as publicações do Órgão Central. Nem houve um único caso do Comitê Central distribuir a literatura de maneira imprópria ou injusta, de "discriminação" contra os comitês da minoria. Ao contrário, aqui Travínski testemunhou e provou que os comitês da minoria eram, em primeiro lugar, generosamente supridos de literatura; o camarada Mártov teve que admitir que, sobre isso, as atividades do Comitê Central foram impecáveis. Sobre recusar a publicar a literatura partidária, a questão é a seguinte. Todo membro do Partido sem exceção (se ele inspira confiança com respeito às precauções de segurança etc.) recebe literatura gratuitamente para transportar para a Rússia e lá entrega aos agentes do Comitê Central para distribuição. Mas quando as pessoas têm a coragem de se dizerem membros do Partido e, ao mesmo tempo, se recusam a entregar a literatura aos agentes do Comitê Central para distribuição geral, aí naturalmente o Comitê Central não pode (e não tem nem o direito de) lidar com esses indivíduos. E se essas pessoas depois comprarem literatura para suas iniciativas de *kustares* que desorganizam o trabalho comum, pior para elas.

8.2.

É totalmente impossível para mim entender o que é insolente sobre a primeira ou a segunda carta do secretário de distribuição[21]. Ele solicita informações de que precisa para suas contas, e os editores, em vez de darem uma resposta camarada ao ponto – resposta que ele nunca obteve –, se engajam em escritos puramente burocráticos. Agora aqui está algo que realmente é insolente, em uma carta dos editores do Órgão Central ao Comitê Central: "O conselho editorial do Órgão Central traz à atenção do Comitê Central que a presença no exterior de três membros do Comitê Central, que não foi justificada por nenhuma consideração operativa e que implica o estabelecimento de um novo centro organizativo não previsto no Estatuto do Partido, inevitavelmente leva a intrigas políticas e desorganização na vida partidária..." Isso é uma difamação (uma intriga) ultrajante sem sombra de fatos ou evidências! A resposta do Comitê Central foi: "Se os editores não estivessem agindo em um estado de elevada irritação, eles teriam rapidamente visto a inadequação absoluta de suas afirmações sobre o número de membros do Comitê Central presentes no exterior. A única resposta do representante do Comitê Central no exterior a isso e a outros ataques indecorosos dos editores (como a cômica alegação de coisas estarem sendo impressas 'em segredo') seria chamá-los a lembrar de seus deveres como membros do Partido e a desistirem de ações que

21 N.E. Em sua primeira carta, o secretário de distribuição do Comitê Central, M. Leibovitch, pediu aos editores menchevique do *Iskra* que informassem, para seu relatório ao Comitê Central, o que haviam feito com as cinquenta cópias do *Iskra* enviadas ao conselho editorial. Os editores se recusaram a dar essa informação e exigiram que recebessem um número maior de cópias. Em sua segunda carta, o secretário de distribuição se recusou a dar mais do que as cinquenta cópias sem a permissão do Comitê Central.

podem criar motivos para uma cisão a partir de uma controvérsia na literatura..."[22]

De que até os publicistas burgueses supostamente deixam os editores ter centenas de cópias, eu preciso confessar que nunca ouvi falar. Que o camarada Mártov tente, se não está apenas falando da boca pra fora, perguntar a Diez se ele dá 400 cópias do *Neue Zeit* a Kautsky para distribuir. Ou perguntar a Singer, ou a Fischer, se Gradnauer exige 200 cópias do *Vorwärts*[23] para distribuir por conta própria. Os social-democratas alemães sabem a diferença entre anarquia e organização.

A questão dos fundos veio antes das prisões – mas eu estava falando da diferença que as prisões fizeram para essa questão.

Podemos ver vividamente como os editores confundem controvérsia permissível com boicote impermissível pelo seguinte.

Em sua carta de 4 de janeiro, respondendo a nosso questionamento sobre os fundos, eles mencionam, como um dos "fatores que dificultam para eles apelar a conhecidos por um suporte ativo ao caixa central", que "os agentes do Comitê Central e seus protegidos entram, nas reuniões, sob ameaças quanto à ilegalidade da composição atual do conselho editorial (e a carta do membro do Comitê Central, Lênin, também fala disso...)." Olhem para essa perversão espantosa de valores políticos! A questão de prover (ou cortar) fontes de fundos está ligada à controvérsia em falas e brochuras! O que é isso senão misturar a luta ideológica com briguinhas e contendas sobre cargos?! A questão dos membros do Partido aprovarem ou reprovarem a composição (e as atividades) do conselho editorial está sendo atrapalhada com a da "legitimidade"! O que é isso senão formalismo burocrático?! É natural que o representante do Comitê Central no exterior tenha respondido: "... Como representante do Comitê Central, penso que é necessário apontar ao conselho editorial que não há motivo para trazer a questão da legitimidade etc., por causa de declarações acaloradas em fóruns dos membros no exterior ou de uma controvérsia conduzida na literatura... Se, na controvérsia, os editores veem ataques a eles, eles têm toda oportunidade, afinal, de respondê-las. É razoável agitar-se, na controvérsia, com alguma investida afiada (na visão dos editores) quando não há nem mesmo sugestão de boicote ou de outro modo de ação desleal (na visão do Comitê Central)?"[24]... Falar de "protegidos" não é senão peculiar... O que isso quer dizer? Que tipo de linguagem burocrática é essa? O que o Comitê Central tem a ver com o que as pessoas falam em fóruns? Não temos censura, no sentido da restrição da liberdade de

22 N.E. Lênin está citando uma carta enviada aos editores do *Iskra* em 14 (27) de dezembro de 1903, em nome de Lengnik, representante do Comitê Central no exterior. A carta foi escrita por Lênin.

23 N.E. *Vorwärts* ("Avante"): Órgão Central da social-democracia alemã, foi publicado a partir de 1876, sob a editoria de Willhelm Liebknecht e outros. Em suas colunas, Friedrich Engels travou uma luta contra todas as manifestações de oportunismo. Em meados de 1890, depois da morte de Engels, o jornal sistematicamente publicou escritos dos oportunistas dominantes na social-democracia alemã e na Segunda Internacional.

24 N.E. Lênin está citando uma carta enviada ao conselho editorial do Iskra em 26 de dezembro de 1903 (8 de janeiro de 1904) em nome de Lengnik, representante do Comitê Central no exterior. A passagem citada foi escrita por Lênin.

expressão e de polêmica. E esse tipo de luta não deve estar limpo de boicotes?

A história do camarada Mártov de o Comitê de Odessa ter perguntado ao Comitê Central se deveria enviar cartas ao Órgão Central eu considero, obviamente, como uma piada. Ninguém pode falar seriamente uma coisa como essa.

Eu repito, nunca houve um único caso do Comitê Central impedir a minoria de trabalhar. E eu enfatizo que o próprio camarada Mártov admite que não consegue citar exemplos de distribuição inadequada, unilateral ou enviesada de literatura. [...]

8.4.

O camarada Mártov interpreta de maneira totalmente equivocada o Estatuto. O Órgão Central precisa ter toda informação sobre tudo – isso é uma exigência tanto do Estatuto quanto dos interesses do trabalho. Mas despachar representantes com objetivos organizativos – como o envio de Z[25]s ao Comitê de Odessa sem o conhecimento do Comitê Central – manifestamente perturba a divisão natural de funções entre os dois organismos centrais do Partido. É bastante desnecessário para objetivos de informação e apenas introduz a mais aberta desorganização, atrapalhando completamente a unidade de ação. O que esse tipo de movimento faz é agravar o caos nos trabalhos do Partido e na prática significa uma cisão aberta do Partido em dois – em vez da divisão de funções entre os dois organismos centrais.

25 N.E. "Z" se refere a V. N. Krokhmal.

Carta aos membros do Comitê Central

Escrita em 13 (26) de maio de 1904.

Queridos amigos,

Boris me informou que cinco membros do Comitê Central (ele, Loshad, Valentin, Mitrofan[1] e Travínski) votaram uma moção de censura a mim por ter votado no Conselho a favor de um congresso e por ter agitado em defesa de um Congresso. Eu solicito que cada um dos cinco que confirmem este fato ou o expliquem para mim, pois eu não consigo conceber *como* um membro de um órgão pode ser censurado por fazer aquilo que acredita ser correto e seu dever fazer. Vocês podem não concordar com ele, podem querer retirá-lo do Conselho, mas "censurá-lo" é realmente estranho; durante todo o tempo que me sentei junto ao Conselho *não pude fazer nada senão* votar em concordância com minhas convicções. E agitar por um congresso é, da mesma forma, direito de todo e qualquer membro do partido ou do Comitê Central, de modo que os poderes do órgão partidário em relação aos seus membros não dão o direito (tanto formal quanto informalmente) a tal órgão de restringir a nenhum de nós o exercício daquilo que é correto. Somente sou obrigado a anunciar que metade ou mais do Comitê Central se opõe ao congresso.

Com relação ao Conselho, a questão foi resolvida da seguinte maneira: Boris foi indicado (por cinco votos, ele diz) no lugar de Kol. Minha renúncia (ele diz) não foi aceita. Eu retirei minha renúncia e me mantive no Conselho. A este respeito, o conflito foi resolvido, e eu apenas solicito uma explicação para a "censura".

Mas muito mais importante é o seguinte conflito: Boris me informou que acha impossível permanecer membro do Comitê Central a menos que eu (1) pare de agitar por um congresso e (2) trabalhe contra um congresso. Naturalmente, não posso fazer nenhuma dessas coisas e, portanto, disse a Boris que discutirei o assunto com *todos os* meus colegas do Comitê Central e, então , darei a *ele minha resposta*, na qual direi se *eu* estou renunciando ao Comitê Central ou não. No que diz respeito a este conflito, que ameaça levar à renúncia de um de nós (ou

1 N.E. Codinomes de V. A. Noskov (Glébov), L. B. Krasin, L. I. Galperin e F. V. Gusarov.

mesmo de uma das duas seções do Comitê Central), considero da maior importância discuti-lo a fundo, sem animosidade e com o devido conhecimento dos fatos. Acho que Boris tem muita culpa por ter apresentado seu "ultimato" sem ler as *atas* do *Conselho* (muito importante!) Ou meu panfleto, em que eu estabeleço os *princípios* pelos quais eu defendo minha posição. É sensato agravar o conflito sem ir a fundo no assunto, que é altamente complexo?? É sensato agravar quando *basicamente* concordamos (pelo menos, a declaração escrita em nome do Comitê Central por Valentin, que nos foi enviada, mas *não chegou até nós*, e acerca da qual Boris me falou, sublinha a nossa posição comum sobre princípios de organização, contra a posição oportunista da minoria)? Mesmo no que diz respeito ao congresso, divergimos apenas quanto à data, pois Boris não tem objeções à convocação de um congresso seis meses ou um ano depois. Veja o que emerge. De acordo com o Estatuto, deve haver um congresso no próximo verão; eu considero que, *na melhor das hipóteses*, supondo que nossa agitação seja um sucesso absoluto, será *impossível* convocar um em menos de seis meses, e provavelmente vai demorar ainda mais. Acontece que nossa "diferença" se resume a uma questão de data! Faz sentido romper por isso? Veja a questão do ponto de vista puramente político: Boris declara que a agitação por um congresso é incompatível com a construção de trabalhos positivos, que aquela é prejudicial a essa. Não concordo que sejam incompatíveis; mas, mesmo supondo que Boris esteja certo, qual seria o resultado se ele conseguisse fazer com que aqueles que discordam dele a esse respeito renunciassem ao Comitê Central? O resultado seria, *sem dúvida*, seja a enorme intensificação da agitação, a exacerbação das relações entre a maioria e o Comitê Central e o agravamento, para o próprio Boris, da missão – que ele acha tão desagradável – de trabalhar contra um congresso. Há algum sentido em agravar as coisas dessa maneira? Boris diz que é contra um congresso porque significaria uma cisão. Acho que ele avalia mal a situação como ela é hoje e como provavelmente será amanhã; mas mesmo se ele estiver certo, ao garantir nossa renúncia do Comitê Central, ele *aumentaria* enormemente a probabilidade de uma cisão, porque sem dúvida estaria agravando a situação. Agravar o conflito dentro do Comitê Central seria insensato de qualquer ângulo.

Essencialmente, a única diferença de opinião entre Boris e eu é que ele considera uma cisão no III Congresso inevitável, embora eu a considere improvável. Ambos acreditamos que a maioria, no III Congresso, estará do nosso lado. Boris acha que a minoria vai deixar o Partido: nem nós nem Mártov, ele acha, conseguiremos conter os extremistas. Acho que ele deixa de levar em conta a situação que se move rapidamente, que hoje não é o que era ontem e amanhã não será o que é hoje. Boris vê a situação como ela existia ontem (quando a disputa empurrou os princípios para o fundo, quando *poderia haver* esperanças de suavizar as coisas, de amortizá-las, de concessões pessoais serem bem-sucedidas). Essa situação já não existe, como demonstro longamente no meu panfleto, e como mostra a insatisfação geral com o novo *Iskra* (mesmo por parte de pessoas tão brandas como o

grupo de escritores do Comitê Central na Rússia). A situação hoje é diferente: os princípios estão empurrando a disputa para o segundo plano. Hoje não é mais a cooptação que está em jogo, de forma alguma. A questão é *se o novo "Iskra" está certo em princípio.* E é a insatisfação com os princípios do novo *Iskra*, que não pode deixar de crescer, que está produzindo uma agitação cada vez mais intensa por um congresso. Isso é o que Boris não leva em conta. Amanhã, a disputa ficará ainda mais distante. Por um lado, a minoria não terá condições, moral e politicamente, de desistir (*acabou* o tempo para isso, que existia depois do Congresso da Liga). Por outro lado, como **eu** *já declarei no Conselho* (mais uma vez peço a todos vocês que não deixem de ler a ata antes de encarar este problema difícil), nós de modo algum nos recusamos a negociar. Eu digo a todos que eu estou *absolutamente* disposto (1) a dar a todos os antigos editores a garantia de que tudo o que escreverem será publicado às custas do Partido, sem alteração ou comentário; (2) a suspender até o IV Congresso o direito do Comitê Central de nomear e demitir membros dos comitês locais; (3) a garantir, por meio de uma resolução especial, os direitos mais sensíveis da *minoria* e, ainda, (4) *condicionalmente, como último recurso*, a tornar o *Iskra* neutro, mantendo suas colunas livres de polêmicas mútuas (com a ajuda de uma comissão de operários práticos de ambos os lados etc.). Acho que, em tais circunstâncias, a minoria no III Congresso, sendo apenas uma pequena minoria, não se aventurará a retirar-se do Congresso. Acho que no III Congresso iremos, por meio de decisões formalmente adotadas, finalmente dissipar a fantasia de um "estado de sítio" e viabilizar uma situação em que as controvérsias seguirão seu curso *sem interferir no trabalho positivo.* E esse, afinal, é o cerne de toda a crise, foi o que tentei assegurar no Conselho, 4/5 do congresso devem apoiar isso! Sei que Boris também quer isso, mas não dá para consegui-lo sem um congresso. Boris se engana ao pensar que iniciamos a investida (agitando por um congresso) e que colocamos a minoria na defensiva. Muito pelo contrário: foi só depois de várias cartas e apelos, antes do Concílio e no próprio Concílio, que nos pronunciamos por um congresso, e com a agitação apenas mostramos um pouco a nossa força. Quem não quiser cair na posição ridícula (se não pior) de Plekhánov (leia seu artigo no nº 65) deve franca e abertamente se posicionar na luta. Nada pode impedir a agitação por um congresso. É preciso ser tolerante – neutro, se preferir – em relação a isso, e isso não interferirá no trabalho positivo. Ficar furioso contra essa agitação é inútil.

Eu sinceramente solicito uma resposta de *cada um* dos membros do Comitê Central. É preciso entender e esclarecer o assunto, para que possamos trabalhar juntos, não sem diferenças, talvez, mas sem conflitos e sem tentativas de nos afastarmos.

Ao partido

Esboço escrito após 15 (28) de maio de 1904. Publicado pela primeira vez em 1930.

I. Resposta às fofocas sobre bonapartismo. Absurdo. É até indigno responder. Liberdade de agitação por um congresso. O Comitê Central *qua talis*[1], ao contrário do Órgão Central, não se expressa.

Cabe aos comitês decidir, e o Comitê Central os convida a pesar com calma e cuidado os prós e contras, ouvir os dois lados, familiarizar-se com os documentos, sem pressa, cientes de suas responsabilidades partidárias.

II. Uma conclamação ao trabalho positivo. O significado do momento: a guerra. O apelo dos delegados do Comitê Central ao Conselho. Repetição. A luta ideológica não deve interferir no trabalho positivo. Formas de luta inadmissíveis. Não exagerar as diferenças e divergências.

III. Uma tentativa de estabelecer gradualmente relações toleráveis. (apelo de K. Kautsky[2].)

O CC propõe termos relativos ao *modus vivendi*.

(1) O direito para todos os 6 de ter suas publicações pagas pelo partido.

(2) Idem para grupos literários com representação no congresso.

(3) Suspensão, por um longo período, da indicação e exclusão de membros.

(4) Garantia, por um período prolongado, de certos direitos à minoria.

(5) Garantia da distribuição e da entrega de *todas* as publicações do partido conforme solicitado por qualquer comitê.

(6) Um armistício por um período de pelo menos meio ano; finalmente – uma brochura de 16 páginas, dividida meio a meio. Última palavra para a minoria.

---

1 N.E. Em latim no original. "Como tal".

2 N.E. Em uma carta impressa no nº 66 no *Iskra* (de 15 de maio de 1904), o social-democrata alemão Karl Kautsky solicitava que, enquanto um "armistício" não fosse estabelecido entre bolcheviques e mencheviques, nenhum congresso partidário fosse convocado.

Declaração de três membros do CC

Escrito em 26 de maio de 1906. Publicado, com algumas alterações, na brochura *A luta por um congresso*, de N. Shakhov, Genebra, 1904.

Os três membros do Comitê Central Glebov, Zverev[1]*, e Lênin*, após discutir suas divergências dentro do Comitê Central, chegaram às seguintes conclusões, que devem ser comunicadas a todos os membros do Comitê Central:

1) O desacordo começou com a questão da convocação de um congresso. Após Lênin e Vasiliev terem se declarado favoráveis ao congresso no Conselho do Partido, a maioria do Comitê Central (por 5 votos a 4, com o voto de *Travinski* tendo sido transferido para o camarada *Glebov*) se manifestou contra o congresso. *Lênin* e *Vasiliev* anunciaram, então, suas renúncias provisórias ao Conselho. Tal conflito foi contornado a partir da decisão de que *Glebov* e *Lênin* serviriam como representantes do Comitê Central junto ao Conselho.

2) Camarada Glebov informou ao camarada Lênin que ele, Glebov, iria renunciar ao Comitê Central se Lênin não desistisse de agitar (fora do Comitê Central) pelo congresso e se não passasse a trabalhar contra a ideia de um congresso. Lênin, considerando tal formulação da questão incorreta e inadmissível em seu princípio, declara que irá consultar a opinião de cada um dos membros do Comitê Central, e apenas depois responderá se ele, Lênin, renunciará ao Comitê Central ou não. (O que se aplica a Lênin da mesma forma se aplica a todos os membros do Comitê Central que compartilham da visão de Lênin, de acordo com o ponto de vista do camarada Glebov).

3) Para caracterizar com precisão as divergências dentro do Comitê Central no momento atual, é preciso que seja dito que os camaradas *Valentin* e *Nikitich*[2], na declaração escrita por eles mesmos em março e aprovada pelo camarada *Glebov*, afirmaram que 1) eram enfaticamente contrários à cooptação solicitada pela minoria; 2) que compartilhavam das visões organizacionais expostas na brochura

1 N.E. Zverev: codinome da bolchevique Maria Moiseievna Essen, do Comitê Central.

2 N.E. Nikitich: codinome do bolchevique Leonid Borisovich Krasin.

Que fazer? e 3) que eles, ou ao menos dois deles, não aprovavam o posicionamento oportunista de certos literatos do partido. Com relação ao congresso, camarada Glebov está convencido de que 1) a divergência nesta questão causa uma dualidade de políticas no Comitê Central, e de que 2) um congresso pode levar a uma cisão. Não desejando assumir a responsabilidade por isso, ele declara a inevitabilidade de sua renúncia ao Comitê Central. Lênin, por outro lado, considera que o Comitê Central, sendo o colegiado responsável, deve se manter neutro quanto à questão do congresso, garantindo a todos os seus membros liberdade de agitação. Quanto à possibilidade de uma cisão, é pouco provável, já que a maioria está preparada para dialogar durante o congresso, até mesmo chegando ao ponto de neutralizar o *Iskra*.

4) Enquanto se aguarda a resolução deste conflito, todas as medidas e declarações oficiais realizadas pelos camaradas Glebov e Lênin em nome do Comitê Central serão apenas mediante consentimento comum e assinatura conjunta.

Membros do Comitê Central:
Glebov, Zverev, Lênin
Genebra, 26 de maio de 1904

Carta para Mártov, secretário do Conselho do Partido

Escrita em 10 de agosto de 1904, nas montanhas da Suiça

Camarada,

Recebi sua carta sem data durante uma viagem e sem ter a ata do Conselho em mãos. Em todo o caso, considero, em princípio, absolutamente inadmissível e ilícito que, fora de uma reunião do Conselho, os membros do Conselho pronunciem os seus votos ou tomem medidas sobre quaisquer assuntos que sejam da competência do Conselho. Não posso, portanto, atender ao seu pedido sobre a votação de candidatos. Se não me engano, o Conselho decidiu que todos os conselheiros deveriam representar o nosso Partido no congresso[1]. Consequentemente, a questão está resolvida. Se algum membro do Conselho não puder ir, então, em minha opinião, ele pode indicar outra pessoa em seu lugar; não sei, é claro, se é costume nos congressos internacionais permitirem tal substituição, mas não conheço qualquer obstáculo a isso nos Estatutos do nosso partido ou nos regulamentos habituais do partido. Pessoalmente, também não posso ir e gostaria de ser substituído ou pelo camarada Liadov, que tem poderes plenipotenciários do CC, ou pelo camarada Sergei Petrovich, membro do Comitê de Moscou.

Com saudações social-democratas.

N. Lênin, membro do Conselho.

P.S. *Re*[2] à comunicação ao CC, devo escrever aos agentes em Genebra, que estão incumbidos de todos os assuntos durante minha ausência.

---

1 N.E. Referência à deliberação de 31 de maio (13 de junho) de 1904 sobre a representação do POSDR no Congresso de Amsterdã da II Internacional.

2 N.E. "Em relação".

Ao partido

Escrito na primeira quinzena de agosto de 1904 e impresso como panfleto em Genebra.

Recentemente, foi realizada uma reunião privada de 22 membros do POSDR[1] – pessoas com ideais afins, que partilham o ponto de vista da maioria do Segundo Congresso do Partido. Esta conferência discutiu a questão da crise do nosso partido e os meios de superá-la, e decidiu dirigir o seguinte apelo a todos os social-democratas russos:

Camaradas! A grave crise de nossa vida partidária se arrasta e não há fim à vista. A contenda continua crescendo, gerando uma disputa após a outra, e o trabalho positivo do partido ao longo de toda a linha é dificultado ao máximo. As energias do partido, ainda jovem e não consolidado, estão se dissipando em escala alarmante.

No entanto, a atual conjuntura histórica impõe grandes demandas ao partido, como nunca antes. A agitação revolucionária cresce entre a classe operária, assim como a inquietação se intensifica entre outros estratos da sociedade; a guerra e a crise, a fome e o desemprego estão minando, inevitável e espontaneamente, os fundamentos da autocracia. Um vergonhoso fim para a vergonhosa guerra não está longe; e está fadado a aumentar dez vezes mais a agitação revolucionária, a colocar inevitavelmente a classe operária frente a frente com seus inimigos, e exigirá dos social-democratas um terrível esforço, um colossal empenho das energias para organizar a última luta decisiva contra a autocracia.

O nosso Partido está à altura dessas exigências em sua condição atual? Toda pessoa conscienciosa responderá sem hesitação: não!

A unidade do partido foi profundamente abalada, sua luta interna ultrapassou os limites de qualquer espírito partidário. A disciplina organizacional foi abalada em seus próprios alicerces, e a capacidade do partido para uma ação harmoniosamente unida está se desvanecendo em um mero sonho.

No entanto, consideramos essa doença do Partido uma dor do crescimento. Vemos a base da crise na transição da forma de vida de círculo da social-democracia

1 N.E Esta conferência de vinte e dois bolcheviques, sob a liderança de Lênin, foi realizada na Suíça em agosto de 1904. Dezenove pessoas realmente compareceram e outras três subscreveram suas decisões. O presente apelo "Ao Partido", aprovado pela conferência, tornou-se o programa de luta dos bolcheviques para a convocação do Terceiro Congresso do Partido.

para as formas partidárias; a essência de sua luta interna é um conflito entre o espírito de círculo e o partidarismo. E, consequentemente, somente purgando essa doença o nosso partido pode se tornar um *verdadeiro* partido.

Sob o nome de "minoria", reuniram-se no partido uma variedade de elementos que estão ligados por um desejo consciente ou inconsciente de preservar as relações de círculo e formas de organização pré-partidária.

Certas figuras proeminentes nos mais influentes dos antigos círculos, desacostumadas às autolimitações organizacionais que a disciplina partidária exige, tendem a confundir os interesses do seu círculo com os interesses gerais do partido, coisas que, na época dos círculos, poderiam de fato coincidir. Algumas dessas pessoas (parte do antigo conselho editorial do *Iskra*, parte do antigo Comitê Organizador, os membros do antigo grupo *Iújni Rabótchi* etc.) lideraram uma luta em nome do espírito de círculo contra o espírito partidário.

Seus aliados acabaram sendo todos aqueles elementos que, na teoria ou na prática, se desviaram dos princípios da estrita social-democracia (os economicistas, os *rabótcheie-dieloistas* etc.), pois somente a atmosfera de círculo poderia preservar a individualidade ideológica e a influência desses elementos, enquanto a atmosfera partidária ameaçava absorvê-los ou privá-los de qualquer influência. Por último, os principais quadros da oposição são, em geral, elementos do nosso partido, que é constituído principalmente por intelectuais. A *intelligentsia* é sempre mais individualista do que o proletariado, devido às suas próprias condições de vida e de trabalho, que não envolvem diretamente uma combinação de esforços em grande escala, uma educação direta no trabalho coletivo organizado. É mais difícil para os elementos intelectuais, portanto, se adaptar à disciplina da vida partidária, e aqueles que não são capazes de lidar com essa tarefa levantam, naturalmente, a bandeira da rebelião contra as restrições organizacionais necessárias, e elevam seu anarquismo espontâneo a um princípio de luta, rotulando erroneamente este anarquismo como um desejo de "autonomia", como uma exigência por "tolerância" etc.

A seção do partido no exterior, onde os círculos são relativamente longevos, onde se agrupam teóricos de vários matizes e onde a intelectualidade é decididamente predominante – esta seção do partido estava fadada a ser mais inclinada aos pontos de vista da "minoria". Portanto, logo se revelou uma verdadeira maioria. Na Rússia, por outro lado, onde a voz dos proletários organizados é mais alta, onde também a intelectualidade do partido, estando em contato mais estreito e direto com eles, é formada em um espírito mais proletário, e onde a severidade da luta imediata os faz sentir a necessidade da unidade organizada do trabalho mais fortemente, surgiu uma resoluta oposição ao espírito de círculo e às tendências anarquistas disruptivas. Essa atitude teve expressão bastante definitiva em numerosas declarações de comitês e outras organizações partidárias.

A luta se desenvolveu e intensificou. E até que ponto chegou!

O órgão do partido, que a "minoria" tomou em suas mãos contra a vontade

do congresso, graças às concessões pessoais dos editores eleitos pelo congresso, tornou-se um órgão de luta contra o partido!

Esse órgão é agora muito menos o líder ideológico do partido em sua luta contra a autocracia e a burguesia e se tornou, acima de tudo, o líder da oposição circulista ao espírito partidário. Por um lado, consciente de que a sua posição fundamental é indefensável do ponto de vista dos interesses do partido, está empenhado na busca de diferenças reais e imaginárias para encobrir ideologicamente essa posição; e nessa busca, agarrando-se a uma palavra de ordem hoje e a outra amanhã, vai voltando cada vez mais seu material para a ala à direita do partido – os ex-adversários do *Iskra*, aproximando-se cada vez mais deles ideologicamente, tentando reabilitar suas teorias rejeitadas pelo partido, e tentando fazer com que a vida ideológica do partido volte ao período que já parecia ter passado, de indefinição de princípios e de oscilações e vacilações ideológicas. Por outro lado, na tentativa de minar a influência moral da maioria do Partido, o novo *Iskra* está ainda mais empenhado em buscar e denunciar erros por parte de seus adeptos, inflando cada deslize real a proporções monstruosas e tentando culpar a maioria do Partido como um todo, aproveitando todo tipo de insinuação e fofoca que pudesse prejudicar seus oponentes, sem se importar nem com a verificação, nem com a plausibilidade. Neste curso, os dirigentes do novo *Iskra* chegaram ao ponto de atribuir aos membros da maioria crimes absolutamente inexistentes e, de fato, impossíveis – e não apenas politicamente (por exemplo: acusar o Comitê Central de usar a força para expulsar indivíduos e desmantelar organizações), mas mesmo crimes contra a ética comum (acusar líderes partidários proeminentes de falsificação ou cumplicidade moral com a falsificação). Nunca antes o Partido mergulhou em um mar de lama como o que a minoria no exterior criou na atual polêmica.

Como tudo isso pode ter acontecido?

O curso de ação de cada um dos lados correspondia ao caráter básico de suas tendências. A maioria do partido, lutando a todo custo para preservar a unidade e a coesão organizacional do partido, lutou apenas por meios leais ao partido e, mais de uma vez, fez concessões em prol da reconciliação. A minoria, seguindo uma tendência anarquista, não demonstrou preocupação com a paz e a unidade partidárias. Fazia de cada concessão uma arma para continuar a luta. De todas as demandas da minoria, apenas uma não foi atendida – que a discórdia deveria ser introduzida no Comitê Central do partido por meio da cooptação de membros da minoria, impostos à força; no entanto, os ataques da minoria tornaram-se mais violentos do que nunca. Tendo assumido o Órgão Central e o Conselho do Partido, a minoria não hesita em explorar, nos interesses de seu círculo, a própria disciplina contra a qual de fato está lutando.

A situação tornou-se insuportável, impossível; permitir que se arrastasse por mais tempo seria um crime.

Acreditamos que o primeiro meio de acabar com isso é a total clareza e franqueza nas relações partidárias. Em meio a toda essa lama e névoa, não há como encontrar o verdadeiro caminho. Cada tendência do partido, cada grupo deve

declarar aberta e definitivamente o que pensa da situação atual do partido e que solução deseja. E é isso que propomos a todos os camaradas, aos representantes de todos os matizes do Partido. Vemos uma saída prática para a crise na convocação imediata do Terceiro Congresso. Só ele pode esclarecer a situação, resolver os conflitos e confinar a luta dentro dos limites adequados. Sem um congresso, tudo o que podemos esperar é a desintegração progressiva do partido.

Consideramos todas as objeções apresentadas contra a convocação do Congresso absolutamente inválidas.

Dizem que um congresso levaria a uma cisão. Mas por quê? Se a minoria é irreconciliável em suas inclinações anarquistas, se eles estão preparados para uma cisão em vez de se submeter ao partido, então ela realmente já cindiu, e adiar a cisão formal inevitável seria mais do que irracional: acorrentados, ambos os lados dissipariam cada vez mais insensatamente suas forças em disputas e confrontos mesquinhos e superficiais, exaurindo-se e apequenando-se moralmente. Mas não admitimos a possibilidade de uma cisão. Diante da força real do partido organizado, os elementos de mentalidade anarquista são obrigados a, e pensamos que irão, se curvar, pois, por sua própria natureza, são incapazes de constituir uma força independente. Argumenta-se que uma reconciliação é possível sem um congresso. Mas que tipo de reconciliação? Rendição total ao espírito de círculo, cooptação da minoria ao Comitê Central, o que completaria a desorganização das instituições centrais. Isso tornaria o partido nada mais que um nome, e a maioria partidária seria forçada a recomeçar a luta. E a minoria? Eles usaram todas as concessões conquistadas até agora apenas como um apoio para suas atividades desorganizadoras; mesmo do ponto de vista deles, a luta ultrapassou em muito o quadro de uma disputa pela cooptação; como então eles podem interromper a luta? E muito menos o farão se não tiverem conquistado todas as suas demandas. Dizem que um congresso não alcançará seu objetivo porque as diferenças ainda não foram esclarecidas. Mas elas estão sendo esclarecidas agora? A confusão não está piorando ainda mais? As diferenças não estão sendo esclarecidas, mas deliberadamente buscadas e fabricadas, e só um Congresso pode acabar com isso. Só ele, colocando as partes em conflito frente a frente e fazendo-as declarar franca e definitivamente seus objetivos, pode esclarecer completamente as relações mútuas entre as diferentes correntes e forças partidárias. Mas, afirma a minoria, o congresso pode ser manipulado pela fragmentação das organizações. Essa é uma insinuação falsa, respondemos, uma insinuação que não se sustenta em um único fato. Se houvesse tais fatos, podemos ter certeza de que a minoria, estando em posse do órgão do partido, teria dado a eles ampla publicidade e, tendo o Conselho do Partido em suas mãos, teria tido ampla oportunidade de corrigi-los. Por último, a recente resolução do Conselho, sem indicar tais fatos no passado, exclui completamente sua possibilidade no futuro. Quem, agora, vai acreditar nessa insinuação rebuscada? Teme-se que um congresso desvie muito nossas forças e recursos de um trabalho positivo. Que zombaria amarga! Pode-se imaginar maior desvio de forças e recur-

sos do que aquele que a contenda está produzindo? Um congresso é imperativo! Seria imperativo mesmo que a vida partidária tivesse corrido normalmente, tendo em vista a excepcional conjuntura histórica e as novas tarefas com que os acontecimentos mundiais confrontam o partido. É duplamente imperativo na atual crise do partido, a fim de encontrar uma saída honesta e razoável, preservar as forças do partido e defender sua honra e dignidade.

O que o Terceiro Congresso deve fazer para pôr fim à turbulência, para restaurar a vida do partido ao normal? Mais essenciais para isso, em nossa opinião, são as seguintes modificações, que devemos defender e pelas quais devemos trabalhar por todos os meios leais disponíveis:

I. Transferência da redação do Órgão Central para os adeptos da maioria partidária. A necessidade desta transferência, tendo em vista a manifesta incapacidade do atual conselho editorial de dirigir o Órgão Central no nível dos interesses gerais do partido, está suficientemente demonstrada. O órgão de um círculo não pode e não deve ser um órgão partidário.

II. Regulamentação precisa das relações da organização local no exterior (a Liga) com o órgão central de toda a Rússia, o Comitê Central. A posição atual da Liga, que se converteu em um segundo centro do partido e administra seus grupos associados sem nenhum controle, ignorando completamente o Comitê Central, é obviamente anormal e deve ser eliminada.

III. Assegurar os métodos partidários de condução da luta no partido por meio de regulamentos. A necessidade de tal reforma fica demonstrada por toda a experiência da luta pós-Congresso. É necessário garantir nos estatutos do partido o direito de qualquer minoria, de modo que as divergências, insatisfações e irritações que surgirão constante e inevitavelmente possam ser desviadas dos canais filisteus dos antigos círculos para os canais ainda não habituais de uma luta formalizada e digna pelas próprias convicções. Entre as condições necessárias para tal mudança, classificamos as seguintes. A minoria deve ter um (ou mais) grupos literários, com direito de representação congressual; devem ser dadas as mais amplas garantias formais no que diz respeito à publicação de literatura partidária que critique as atividades das instituições centrais do partido. O direito dos comitês de receber (por meio do sistema geral de transporte do partido) as publicações específicas que desejam, sobre o partido, deve ser formalmente reconhecido. Os limites do direito do Comitê Central de influenciar a composição pessoal dos comitês devem ser definidos com precisão. Consideramos muito importante que as modalidades de publicação de literatura da minoria que o Comitê Central propôs à minoria do Segundo Congresso sejam incorporadas nos estatutos, a fim de dissipar a fantasia de um "estado de sítio" inventada pela própria minoria, e para que as inevitáveis lutas internas no partido possam ser conduzidas de forma adequada, sem que impeçam o trabalho positivo.

Não elaboramos aqui as nossas propostas em pormenores, pois não estamos propondo um projeto de regulamento, mas apenas um programa geral de luta

pela unidade do partido. Portanto, indicaremos apenas brevemente algumas alterações específicas ao Estatuto, que, em nossa opinião, são desejáveis, sem de modo algum nos comprometer quanto à sua posterior elaboração, à luz de novas experiências. É preciso, por exemplo, reformar o Conselho do Partido, como instituição que, na sua forma atual, se revelou, na prática, inadequada para a sua função de coordenação e supervisão suprema das atividades dos centros. Deveria ser criado um colegiado inteiramente eleito pelo congresso, ao invés de ser um tribunal arbitral onde o quinto membro eleito pelo Congresso tem assento como árbitro dos órgãos centrais, que se defendem por meio de seus delegados. Além disso, o Parágrafo I do Estatuto deve ser revisado, de acordo com as críticas partidárias já expressas, para definir mais precisamente os limites do partido etc.

Ao apresentar este programa de luta pela unidade do Partido, convidamos os representantes de todas as outras alas e de todas as organizações do Partido a se expressarem definitivamente sobre seus próprios programas, de modo a permitir uma preparação séria e sistemática, consciente e metódica para um congresso. Está em jogo uma questão que envolve a própria vida, a honra e a dignidade do partido: ele existe como uma força ideológica e material capaz de se auto-organizar racionalmente para atuar como o verdadeiro líder do movimento operário revolucionário em nosso país? Por todas as suas ações, a minoria no exterior responde: não! E eles continuam a agir dessa forma com resoluta confiança, apostando no isolamento em relação à Rússia, nas frequentes mudanças dos agentes por lá e na indispensabilidade de seus próprios líderes e forças literárias. Nosso partido está nascendo! – respondemos, vendo a crescente compreensão política dos operários avançados, a vigorosa atividade dos comitês na vida geral do partido. Um partido está nascendo em nosso país, jovens forças estão se multiplicando, capazes de substituir ou revigorar os antigos corpos literários que perderam a confiança do partido; temos, cada vez mais, revolucionários que valorizam a direção consistente da vida do partido acima de qualquer círculo de ex-líderes. O nosso partido está nascendo, e não há subterfúgio ou atraso que possa impedir o seu veredito decisivo e final.

Destas forças em nosso partido, derivamos nossa certeza na vitória.

Camaradas, reproduzam e distribuam este apelo!

Um passo em frente, dois passos atrás: resposta a Rosa Luxemburgo (excerto)

Escrito em setembro de 1904, como tréplica ao debate iniciado em maio de 1904 por seu livro *Um passo em frente, dois passos atrás (a crise no nosso partido)*, no qual fazia uma análise pormenorizada de todo o curso da luta dentro do partido no II Congresso do POSDR e no período posterior ao Congresso. Lênin demonstrou de forma científica que a "maioria" era a ala revolucionária e a "minoria" a ala oportunista do POSDR. Mesmo Rosa Luxemburgo, que se encontrava na ala esquerda da II Internacional, não compreendeu o significado da luta de Lênin por princípios organizativos e por uma disciplina partidária firmes, e pronunciou-se contra Lênin num artigo publicado na revista social-democrata alemã *Die Neue Zeit*. O artigo foi traduzido para o russo e publicado com o título *Questões de organização da social-democracia russa* no nº 69 do *Iskra* menchevique. A presente tréplica de Lênin foi enviada a Karl Kautsky, que recusou-se a publicar o artigo na *Die Neue Zeit* a pretexto que isso poderia "prejudicar" a causa da social-democracia russa.

O artigo da camarada Rosa Luxemburgo nos nº 42 e 43 da *Die Neue Zeit* é uma análise crítica do meu livro sobre a crise no nosso partido russo. Não posso deixar de exprimir agradecimentos aos camaradas alemães pela sua atenção à nossa literatura partidária, pelas suas tentativas de dar a conhecer esta literatura à social-democracia alemã, mas devo indicar que o artigo de Rosa Luxemburgo na *Neue Zeit* não dá a conhecer aos leitores o meu livro, mas algo diferente. É o que se vê pelos exemplos seguintes. A camarada Luxemburgo diz, por exemplo, que no meu livro se exprimiu distinta e claramente a tendência de um "centralismo intransigente". A camarada Luxemburgo supõe, deste modo, que eu defendo um sistema organizativo contra um outro. Mas não é o caso. Ao longo de todo o livro, da primeira à última página eu defendo os princípios elementares de qualquer sistema de qualquer organização partidária concebível. No meu livro não se analisa a questão da diferença entre este ou aquele sistema organizativo, mas a questão de saber como se deve apoiar, criticar e corrigir qualquer sistema sem contradizer os princípios do partido. Rosa Luxemburgo diz mais adiante que, "de acordo com a sua (de Lênin) concepção, é atribuído ao CC o poder de organizar todos os comitês locais do partido". Isso não é verdade. A minha opinião sobre esta questão pode ser documentalmente provada pelo projeto de estatuto da organização do partido que apresentei. Neste projeto não há nem uma palavra sobre o direito de organizar os comitês locais. A comissão eleita pelo congresso do partido para elaborar os estatutos do partido incluiu neles este direito, e o congresso do partido ratificou o projeto da comissão. Para esta comissão, além de mim e de mais um partidário da maioria, foram eleitos três representantes da minoria do congresso do partido, e consequentemente nesta comissão, que atribuiu ao CC o direito de organizar os comitês locais, eram precisamente três adversários meus que tinham a supremacia. A camarada Rosa Luxemburgo confundiu dois fatos diferentes. Em

primeiro lugar, ela confundiu o meu projeto de organização, por um lado, com o projeto alterado da comissão, e, por outro lado, com os estatutos de organização adotados pelo congresso do partido; em segundo lugar, confundiu a defesa de uma determinada exigência de um determinado parágrafo dos estatutos (não é de modo nenhum verdade que eu tenha sido intransigente nesta defesa, pois no plenário eu não me opus às alterações introduzidas pela comissão) com a defesa da tese (verdadeiramente "ultracentralista", não é verdade?) de que os estatutos adotados pelo congresso do partido devem ser aplicados enquanto não forem modificados pelo congresso seguinte. Esta tese ("puramente blanquista[1]", como o leitor pode facilmente notar), realmente a defendi "intransigentemente" no meu livro. A camarada Luxemburgo diz que, na minha opinião, "o CC é o único núcleo ativo do partido". Não é verdade. Eu nunca defendi esta opinião. Pelo contrário, os meus opositores (a minoria do II Congresso do partido) acusaram-me nos seus escritos de eu não defender suficientemente a independência e a autonomia do CC, e de o submeter demasiadamente à redação do OC e ao Conselho do Partido, que se encontram no exterior. A esta acusação respondi no meu livro que, quando a maioria do partido teve a supremacia no Conselho do Partido, nunca fez tentativas de limitar a autonomia do CC; mas isso aconteceu logo que o Conselho do Partido se tornou um instrumento de luta nas mãos da minoria. A camarada Rosa Luxemburgo diz que na social-democracia russa não existe nenhuma dúvida da necessidade de um partido único e que toda a discussão se concentra em torno da questão da maior ou menor centralização. Não é verdade. Se a camarada Luxemburgo se tivesse dado ao trabalho de tomar conhecimento das resoluções dos numerosos comitês locais do partido que formam a maioria, compreenderia facilmente (isto vê-se de modo particularmente claro no meu livro) que a nossa discussão girou principalmente sobre a questão de saber se o CC e o OC deviam representar a tendência da maioria do congresso do partido ou se não deviam. A estimada camarada não diz nem uma palavra sobre esta exigência "ultracentralista" e "puramente blanquista": ela prefere declamar contra a subordinação mecânica da parte ao todo, contra a submissão servil, contra a obediência cega e outros horrores. Estou muito agradecido à camarada Luxemburgo por explicar a ideia profunda de que a submissão servil é prejudicial para o partido, mas gostaria de saber se a camarada considera normal, se ela pode admitir, se ela já viu em qualquer partido que em órgãos centrais, que se intitulam órgãos do partido, domine a minoria do congresso do partido? A camarada Rosa Luxemburgo atribui-me a ideia de que na Rússia já existem todas as premissas para a organização de um grande e extrema-

1 N.E. Corrente do movimento socialista francês dirigida por Louis-Auguste Blanquí (1805-1881), destacado revolucionário e representante do comunismo utópico francês. Os blanquistas negavam a luta de classes e acreditavam que a "humanidade se libertaria da escravidão assalariada não por meio da luta de classe do proletariado, mas graças à conspiração de uma pequena minoria de intelectuais", nos dizeres de Lênin. Substituindo a atividade do partido revolucionário pela de um grupo secreto de conspiradores, os blanquistas não tinham em conta a situação concreta necessária para a vitória da insurreição e menosprezavam o trabalho político e propagandístico entre as massas.

mente centralizado partido operário. Outro erro factual. No meu livro eu não só não defendi esta ideia em parte nenhuma como nem sequer a manifestei. A tese apresentada por mim exprimia e exprime algo diferente. A saber, eu sublinhei que existem já todas as premissas para que as decisões do congresso do partido sejam reconhecidas, e que já passou há muito o tempo em que era possível substituir um colegiado do partido por um círculo privado. Eu apresentei provas de que alguns acadêmicos no nosso partido revelaram a sua inconsequência e falta de firmeza, e de que eles não têm nenhum direito de imputar ao proletariado russo a sua própria falta de disciplina. Os operários russos já se pronunciaram, repetidamente e em diferentes circunstâncias, pela observância das disposições do congresso do partido. É engraçado que a camarada Luxemburgo declare "otimista" semelhante opinião (se deveria, antes, considerá-la "pessimista") e, ao mesmo tempo, não diz nem uma só palavra sobre a base factual da minha posição. A camarada Luxemburgo diz que eu glorifico o significado educativo da fábrica. Isso não é verdade. Não fui eu, mas o meu adversário, quem declarou que eu imagino o partido sob a forma de uma fábrica. Eu ridicularizei-o como deve ser, e demonstrei, com base nas suas palavras, que ele confunde dois aspectos diferentes da disciplina da fábrica, o que, infelizmente, também aconteceu à camarada R. Luxemburgo[2].

A camarada Luxemburgo diz que eu, com a minha definição do social-democrata revolucionário como um jacobino ligado à organização dos operários com consciência de classe, caracterizei talvez mais agudamente o meu ponto de vista do que poderia fazê-lo qualquer dos meus adversários. Outra vez uma incorreção factual. Não fui eu, mas P. Axelrod, quem primeiro falou de jacobinismo. Foi Axelrod quem primeiro comparou os nossos agrupamentos do partido com os agrupamentos do tempo da grande revolução francesa. Eu observei apenas que esta comparação só é admissível no sentido de que a divisão da social-democracia atual em revolucionária e oportunista corresponde em certa medida à divisão em montanheses e girondinos. Semelhante comparação foi muitas vezes feita pelo velho *Iskra*, reconhecido pelo congresso do partido. Tendo em conta exatamente essa divisão, o velho *Iskra* lutava contra a ala oportunista do nosso partido, contra a corrente do *Rabótcheie Diélo*. Rosa Luxemburgo confunde aqui a *correlação* entre duas correntes revolucionárias dos séculos XVIII e XX com uma identificação destas próprias correntes. Por exemplo, se eu disser que o Pequeno Scheidegg está para a Jungfrau[3] como uma casa de dois andares para uma de quatro, isto não quer dizer que eu identifique a casa de quatro andares com a Jungfrau. A camarada Luxemburgo deixou completamente fora do seu campo de visão uma análise factual

---

2 N.A. Vide, na brochura russa *Os nossos mal-entendidos*, o artigo *Rosa Luxemburgo contra Karl Marx*.

3 N.E. *Kleine* Scheidegg (o pequeno Scheidegg) é um colo de transposição entre as montanhas Eiger e Lauberhorn, no Oberland bernês, na Suíça, com 2061 metros de altura. Jungfrau, com altitude de 4158 metros, é uma montanha no cume dos Alpes Berneses. Kleine Scheidegg é também um ponto inicial para muitas trilhas na região de Jungfrau – lembrando que Lênin, tendo vivido no exílio na Suíça, adorava fazer trilhas nas montanhas da região.

das diferentes correntes do nosso partido. Mas eu dedico exatamente a metade maior do meu livro a esta análise, que se baseia nas atas do nosso congresso do partido, e no prefácio eu chamo uma especial atenção para isto. Rosa Luxemburgo quer falar da situação atual do nosso partido e, ao fazê-lo, ignora completamente o nosso congresso partidário, que lançou propriamente os verdadeiros alicerces do nosso partido. Deve reconhecer-se que é um empreendimento arriscado! Tanto mais arriscado quanto, como eu indiquei centenas de vezes no meu livro, os meus adversários ignoram o nosso congresso partidário, e é precisamente por isso que as suas afirmações estão privadas de qualquer base factual. [...]

Carta a Glébov (V. A. Nóskov)

Escrita em 11 de setembro de 1904. Publicada, em uma versão um pouco resumida, na brochura *A luta por um congresso*, de N. Shakhóv, Genebra, 1904.

11 de setembro de 1904

Caro camarada,

Você novamente repete que o desejo de que eu entre no conselho editorial do Órgão Central foi expresso "pelo Comitê Central". Eu, de minha parte, preciso repetir que isso é, para dizer o mínimo, impreciso. Quando você formalmente colocou que a declaração do Comitê Central foi adotada por unanimidade por uma reunião com todos os membros exceto um, eu respondi imediatamente (em 18 de agosto de 1904) que isso não era verdade. A declaração foi assinada por três membros do Comitê Central[1] de um total atual de nove; e esses três proclamaram de maneira ilegítima que o camarada Ossípov não era mais um membro do Comitê Central, enquanto ele me informou por escrito que ainda se considerava um membro. Foi ilegítimo declarar que um camarada renunciou sem ter discutido o assunto com ele. Os argumentos com que tanto você quanto seus dois colegas tentaram justificar esse ato ilegítimo são patentemente pobres. Vocês disseram que o camarada Ossípov formalmente anunciou sua renúncia na reunião regular anterior do Comitê Central. Isso não é verdade, porque no fim de maio (isso é, meses antes dessa reunião, que ocorreu em fevereiro ou março) o Comitê Central ainda contava com nove membros, como foi certificado no acordo de 26 de maio de 1904, assinado por três membros do Comitê Central e na carta anexa ao acordo. Vocês disseram que depois dessa reunião do Comitê Central o camarada Ossípov entrou em um dos comitês locais, o que um membro do Comitê Central não teria o direito de fazer. O camarada Ossípov já havia me escrito sobre esse ponto, colocando que ele foi participar do trabalho local no distrito em questão sob as orientações dos próprios membros do Comitê Central que agora declaram que ele renunciou e que ele não estava trabalhando como membro formal do comitê.

1 N.E. A "Declaração de Julho" foi assinada pelos conciliadores Krassin, Noskov e Galperin, a quem se referia como o "colegiado na Rússia" do Comitê Central.

Além disso, mesmo se fosse um fato que um membro do Comitê Central entrou, de maneira irregular e em contravenção ao Estatuto, em um comitê local, não é consequência direta para corrigir essa irregularidade que ele tenha que renunciar ao Comitê Central e não ao comitê local. Por fim, você mesmo teve que admitir em sua carta para mim que a reunião dos três membros do Comitê Central foi informada de que a renúncia do camarada Ossípov era uma questão em disputa. Que essa questão em disputa tinha sido decidida por três membros do Comitê Central na ausência de Ossípov, e sem ouvir sua opinião, foi uma patente e ultrajante demonstração de ilegitimidade. Claro, os três membros do Comitê Central poderiam contar com o apoio do Conselho do Partido, que é controlado pelos editores; claro, os três membros do Comitê Central poderiam contar com seu pacto formal ou tácito com os apoiadores da minoria no Conselho. Mas isso não faz dessa ação legítima; ao contrário, ela agrava sua ilegitimidade com elementos de má-fé política. De maneira semelhante, foi ilegítimo para os três membros do Comitê Central aceitarem a renúncia do camarada Travínski, da qual a totalidade dos membros do Comitê Central não havia sido informada antes da reunião. Até hoje, você não foi capaz de me dizer exatamente quando sua renúncia foi apresentada e para quem. Você tratou do assunto com uma resposta que soou como uma zombaria: "Faça investigações do colegiado na Rússia" – ou seja, o "colegiado" (o mesmo colegiado de três!) do qual você acaba de vir e com quem eu não tenho como me comunicar senão através de você!!

Assim, eu contesto a legitimidade da composição do Comitê Central e sua última reunião (na qual a "declaração" foi adotada). Eu devo, portanto, ter todo direito a deixar sua proposta da minha entrada no conselho editorial do Órgão Central sem resposta. Mas eu considero essa proposta como vinda não do Comitê Central, mas de três membros do Partido, e considero que é meu dever dar uma resposta razoável, ainda mais com você dizendo que é o desejo dos editores do Órgão Central, declarado para você por escrito, que eu esteja no conselho editorial.

Você sugere que minha entrada no conselho editorial do Órgão Central "asseguraria quase a paz completa no Partido, pela qual você tanto anseia". Esse seu "quase" é muito significativo! Sim, eu anseio pela paz no Partido. Eu fiz uma oferta de paz na imprensa em dezembro de 1903, em minha *Carta aos Editores do Iskra* (*por que renunciei ao Conselho Editorial*). Fiz outra oferta de paz, oficialmente, no Conselho do Partido em janeiro de 1904. A paz não foi aceita nos termos que eu então ofereci em nome da maioria. Preciso afirmar que, ao contrário da moda atual de declamar frases hipócritas sobre "paz", quando por paz se quer dizer rendição completa à minoria, ignorar completamente a maioria e esquecimento completo do Congresso, eu disse de maneira bastante definitiva no Conselho o que eu entendia por paz no Partido. Com meu colega delegado do Comitê Central no Conselho, eu claramente coloquei que por paz eu queria dizer expurgar a luta ideológica de todas as disputas por postos e cargos, e todos os métodos briguentos e dissimulados de luta. Que a minoria tenha o Órgão Central e a maioria o

Comitê Central, eu propus então, que convoquemos todos a encerrar os boicotes e todas as briguinhas por cargos e cooptações e discutamos nossas diferenças e a causa de nossa divergência no Congresso de uma maneira camarada; treinemos o Partido para discutir suas divergências internas de uma maneira honesta e digna. Meu apelo foi ridicularizado por Plekhánov e Mártov. Eu não me surpreendo que eles tenham tomado a decisão vergonhosa de impedir a publicação das minutas do Conselho (apesar da insistência da minoria do Conselho, ou seja, dos dois representantes do Comitê Central) e que agora (em segredo) os três membros do Comitê Central tenham apoiado essa decisão. Pessoas que fariam uma paz hipócrita, tirando vantagem de acidentes inescapáveis na vida de um revolucionário russo e expulsando do Comitê Central aqueles que pensam diferente deles[2], estão fadadas a querer esconder dos membros do Partido uma tentativa oportuna de alcançarmos uma paz honesta. Felizmente, eu tenho motivos para acreditar que esse truque miserável de enganar o Partido não terá êxito e que as minutas do Conselho virão à tona no fim.

Quando os editores que usurparam o controle do Conselho rejeitaram com desdém minha oferta de paz, eu declarei no mesmo momento que eu considerava um congresso a única saída honesta. A tática da minoria (incluindo Plekhánov) – para manter o controle do conselho editorial do Órgão Central e do Conselho do Partido e para alegar que representa, nesses organismos centrais, os interesses do Partido como um todo, ao mesmo tempo em que de fato tenta assegurar, sem um congresso, uma recomposição do Comitê Central em prol dos interesses da minoria – essa tática eu não considero como uma luta honesta. Nunca entrei e nem avento a possibilidade de entrar, em qualquer negociação com gente que segue táticas como essa. Além disso, desde janeiro, a natureza do novo *Iskra* tornou-se bastante clara; é um órgão central de falatório e briguinhas, de pensamento confuso e de flerte com os oportunistas, de atingir ganhos pessoais e procurar pontos de diferença. Que o novo *Iskra* é o órgão de um círculo, o órgão de uma nova "tendência", já ficou claro para todo mundo, até para os próprios editores, que inicialmente se colocaram como campeões da "continuidade" e agora sistematicamente arrastam o velho *Iskra* pela lama. E assim, em que sentido se pode falar de paz? Se por paz querem dizer expurgar a luta ideológica das briguinhas sobre cooptação, eu ainda estou pronto para concordar com a paz e renovar a proposta que fiz ao Conselho. Mas se por paz querem dizer cessar a luta ideológica, conciliar com a linha, ou na verdade com a natureza do novo *Iskra*, porque ele nem tem linha nenhuma, então essa "paz" só pode ser proposta por gente hipócrita ou sem princípios ou por pessoas para quem os órgãos do Partido não são mais do que só o papel do jornal (*Druckerschwärze*[3] – tinta de impressão, como um dos "conciliadores" chamou os escritos do novo *Iskra*). Se os editores do novo *Iskra*, cuja po-

2 N.A. Isso se aplica em primeiro lugar ao camarada Ossípov e em segundo lugar a mim também, é claro, porque propor que eu entre no conselho editorial do Órgão Central tem como consequência propor que eu renuncie ao Comitê Central.

3 N.E. Em alemão no original. Literalmente "tinta de impressão".

sição de "princípio" equivale quase inteiramente a ataques pessoais a mim, a um choramingo contra o que eles apelidaram de "leninismo", e a procura por diferenças comigo, agora expressam o desejo de me ter no conselho editorial, assim eles estão apenas admitindo que não levam seus escritos a sério, que inventaram toda a controvérsia apenas "em prol da cooptação" e estão preparados para se livrar de todos os seus novos "princípios" uma vez que a cooptação esteja assegurada. De minha parte, eu rejeito como desprezível a própria sugestão de que a maioria deva desistir da luta partidária por sua posição, pela linha coerente, contra o espírito de círculo. Concordando com todos os apoiadores de princípios da maioria, cuja quantidade cresce na Rússia, eu considero que é meu direito e meu dever inalienáveis levar a cabo essa luta. E ela deve, a meu ver, ser feita abertamente, porque nove décimos da história do conflito já são de conhecimento público e qualquer outra tentativa de esconder isso dos olhares do mundo seria apenas um prolongamento mesquinho e sem sentido da crise.

Você escreve que "vários comitês, também, sem dúvidas desejam" me ver entrar no atual conselho editorial do *Iskra*. Eu noto com lamento que aqui também você está proferindo uma inverdade deliberada. Nas atuais circunstâncias da luta, nem um único comitê até agora expressou esse desejo. Ele só foi expresso pelo círculo editorial do Órgão Central e por três membros do Comitê Central, que consideram o auge da sabedoria política se juntar à minoria para insultar a maioria e à maioria para insultar a minoria. Eu acredito fortemente que meu dever é cuidar não do desejo de um grupo de políticos, mas do desejo do Partido inteiro, que inclusive já estabeleceu o método de dar expressão formal para esse desejo, ou seja, o congresso. Eu acredito fortemente que um líder que adote uma certa linha no congresso e dirija uma seção do Partido por essa linha perderá todo o respeito ou mesmo terá suas palavras tratadas sem seriedade se ele depois deserta para o lado de seus adversários.

Sua referência a "vários comitês" é muito instrutiva e significante, apesar de sua... divergência com a verdade. Ela aponta para um fiapo de consciência partidária, para algum mínimo reconhecimento do fato de que as instituições oficiais indicadas pelo Partido precisam tomar conhecimento do desejo do Partido quando empreendem revisões da composição e da linha dos organismos centrais. Se esse reconhecimento não estivesse obscurecido em vocês pela posição confusa que adotaram, não haveria dificuldade em ver que não há outra forma de realmente determinar os verdadeiros desejos de vários comitês do que convocando um congresso. Mas enquanto sua referência a "vários comitês" demonstra um fiapo de consciência partidária, ela também aponta muito claramente para uma consciência intranquila. Vocês temem um congresso como se fosse a peste, porque vocês percebem que sua política de aventuras evidentemente entra em conflito com o desejo do Partido.

Minha visão geral sobre a hipocrisia de seu acordo de paz está cheia até a boca de vários fatos adicionais. Os três membros do Comitê Central agora admiram o

"alto padrão" do Órgão Central, enquanto em março *esses mesmos* três membros do Comitê Central escreveram uma declaração expressando lamento por certos escritores do Partido (a maioria do atual conselho editorial do Órgão Central) estarem caindo para o oportunismo. Enquanto falavam de "paz", esses três membros do Comitê Central dissolveram o Bureau do Sul (um organismo agente do Comitê Central) pelo motivo de os apoiadores da maioria que atuavam nele terem a audácia de agitar por um congresso. Enquanto falavam sobre conciliar os dois lados da disputa, os três membros do Comitê Central organizaram uma conferência com representantes de um lado, ignorando o outro. Que desmoralização está sendo trazida ao Partido por essas transações privadas e secretas, que afetam os interesses vitais de todo o Partido e que são tão cuidadosamente mantidas fora de seu conhecimento, quando não haveria nenhuma necessidade de precauções de sigilo! Quanta desconfiança mútua e suspeita está sendo trazida para a vida partidária por esses truques pelas costas do Partido! Hoje mesmo eu recebi uma carta de um camarada da Rússia descrevendo os boatos que circulam a partir dessas transações: está sendo dito nos círculos do Partido que três seções se desenvolveram dentro da minoria; uma insiste na cooptação de Dan e Trótski ao Comitê Central e não quer ouvir mais nada além disso; a segunda concorda com uma conferência; a terceira se contenta com uma declaração do Comitê Central e essa seção inclui os operários do sul (que de forma bem correta interpretam a abertura de um órgão popular como nada mais do que um restabelecimento disfarçado do *Iújni Rabótchi*, que o Congresso fechou). Eu não sei o que tem de verdade nessa fofoca do Partido. Mas que a minoria consiste de grupos heterogêneos, que o camarada Bruker, por exemplo, provavelmente não participa de nenhum dos "ultimatos" da minoria ou da briguinha sobre a cooptação em geral e que o grupo do Iújni Rabótchi representa uma linha bastante diferente – esses são fatos conhecidos por todos, com os quais estão familiarizados todos que estudaram o Congresso do nosso Partido. Você não consegue mesmo ver o quão degradante é essa negociata de vários grupos pelas costas do Partido? É de surpreender que a hipocrisia dos três membros do Comitê Central esteja dando a eles a mais completa desconfiança por parte da maioria, que se mantém afastada de todos esses truques? É surpreendente que uma "paz" inaugurada pela demissão de pessoas que agitaram por um congresso deva ser considerada como um prelúdio do falseamento sistemático da opinião do Partido? É surpreendente que a maioria deve suspeitar de um acordo entre o Comitê Central e o Órgão Central (e, consequentemente, o Conselho do Partido) para forçar apoiadores da minoria para dentro dos comitês, para impedir a publicação de resoluções da maioria (as resoluções de São Petersburgo e de Ekaterinoslav já estão *há meses* sem publicação) etc., etc.?

Eu espero que você entenda agora por que, na atual situação no Partido, não posso nem pensar em entrar no conselho editorial do Órgão Central.

Sua declaração de que eu "me abstive" de votar sobre a cooptação de três novos membros ao Comitê Central *não é verdade*. Eu protestei enfaticamente contra

considerar "as eleições como válidas". Isso é outra questão de legitimidade. É *dever* de *todos os três* membros do Comitê Central levarem em consideração meu protesto, e só *depois disso* eles podem levantar a questão da cooptação. De acordo com o Estatuto, as cooptações devem ser por unanimidade; meu consentimento não foi dado. Consequentemente, sem a matéria ter sido levada ao Conselho do Partido, não se pode falar de qualquer cooptação ser válida. A decisão do Conselho (se você considerar ilegitimamente a questão da cooptação ali antes de uma investigação da composição do Comitê Central ser feita por todos os seus membros) deve ser enviada a mim junto com as minutas do Conselho.

Não posso compartilhar seu lamento de não termos nos encontrado. Depois dos seus truques com relação ao camarada Ossípov e sua atitude em relação a seu compromisso (o acordo de 26 de maio de 1904), eu não desejo ter nada a ver com você exceto de maneira puramente oficial, e só por escrito.

N. Lênin, Membro do Comitê Central.

Anúncio da constituição do Bureau dos Comitês da Maioria

Esboço redigido por Lênin e Krúpskaia em 20 de outubro (2 de novembro) de 1904 e enviado a Bogdánov, para redirecionamento aos comitês na Rússia. Publicado pela primeira vez em 1940.

A crise partidária se arrasta interminavelmente e sua resolução fica cada vez mais difícil. Os partidários da maioria manifestaram mais de uma vez na imprensa suas opiniões sobre as causas da crise e os meios para superá-la. A declaração dos 22[1], apoiada por vários comitês (os comitês de Odessa, Ekaterinoslav, Nikolayev, Riga, São Petersburgo e Moscou, e também pela Liga do Cáucaso), pela declaração dos 19[2], e pelos membros da maioria no exterior, fizeram uma exposição completa e precisa do programa. Para quem está de alguma forma familiarizado com o curso da crise e que valoriza de alguma forma a honra e a dignidade do Partido, há muito se tornou claro que não pode haver outra saída senão um congresso do Partido. Mas agora uma nova declaração, de uma parte do Comitê Central, e novas decisões do Conselho do Partido agravam ainda mais a divergência partidária. Os membros do Comitê Central que desertaram para o lado da minoria não se limitaram às mais flagrantes violações dos direitos dos membros do Comitê Central que permaneceram do lado da maioria. Ao proclamar sua política de reconciliação, o novo Comitê Central não só deixou de levar em conta os desejos da maioria, mas a ignorou totalmente e fez um pacto somente com a minoria e, além disso, o fez por meio de transações privadas e secretas. Quem deseja sinceramente uma reconciliação deve, antes de mais nada, reunir todos os opositores, contendores e mutuamente indignados, o que significa convocar um congresso do Partido.

1 N.E. *Ao partido*, de agosto de 1904.

2 N.E. Refere-se ao *Apelo aos membros do POSDR*, emitida pelo Comitê de Moscou em outubro de 1904 em resposta à "declaração dos 22". O apelo começava com as palavras: "Nós, 19 membros do POSDR, temos o prazer de nos valer do apelo lançado por 22 membros do nosso partido." Os autores da declaração criticam duramente a posição de Plekhánov, que se voltou para os mencheviques depois do Segundo Congresso, chamando-o de "camaleão político", criticando a posição do *Iskra* menchevique, do Conselho do Partido e do Comitê Central conciliador e apoiando resolutamente a preparação e convocação do Terceiro Congresso do Partido. Esta declaração foi escrita por um grupo de bolcheviques (F. V. Lengnik, N. E. Bauman, E. D. Stasova, B. M. Knuniants e outros), que estavam então presos na prisão de Taganskaia, em Moscou.

Falar de paz e temer um congresso, reconciliar e ao mesmo tempo sustentar o fantasma de uma cisão por causa da provável derrota da minoria no III Congresso é ser hipócrita, significa impor à força o capricho de um círculo no exterior sobre os operários do partido na Rússia, significa santificar a traição completa da maioria com a palavra de ordem ilusória da paz. Em nome da paz, o novo Comitê Central está desmantelando organizações que tiveram a audácia de desejar um congresso. Em nome da paz, o novo Comitê Central declara apartidárias as publicações da maioria e se recusa a entregá-las aos comitês. Em nome da paz, o novo Comitê Central introduz disputas nas decisões do Conselho do Partido, que se atreve a falar na imprensa sobre "engano" por parte dos camaradas cujas ações ainda não foram investigadas e que nem foram apresentadas com as acusações formais. O Conselho do Partido está agora falsificando abertamente a opinião e o veredito dos membros do Partido, fazendo com que as resoluções dos comitês sejam examinadas por um Comitê Central notoriamente hostil à ideia do Congresso, lançando suspeitas sobre essas resoluções, atrasando a sua publicação, falsificando os números dos votos, arrogar-se a prerrogativa congressual de declarar nulos os mandatos e desorganizando o trabalho positivo ao incitar a "periferia[3]" contra os comitês locais. Enquanto isso, o trabalho geral positivo do Partido também se destaca pela absorção das forças do Comitê Central e do Órgão Central na luta contra o Congresso.

Não há mais alternativa aos comitês e organizações da maioria senão se unir para lutar por um Congresso contra as instituições centrais do Partido, que de fato zombam diretamente do Partido. Estamos fazendo uma iniciativa por essa união, construindo um Bureau dos Comitês da Maioria, por iniciativa e com o consentimento comum dos comitês de Odessa, Ekaterinoslav, Nikolaiev, Riga, São Petersburgo e Moscou.

Nossa palavra de ordem é a luta de partido contra o círculo, a luta de uma tendência revolucionária consistente contra os ziguezagues, a confusão e o retorno ao *rabótcheie-dieloismo,* uma luta em nome da organização proletária e da disciplina contra os desorganizadores.

Nossas tarefas imediatas são: a unificação ideológica e organizacional da maioria na Rússia e no exterior, o apoio geral e o desenvolvimento da editora da maioria (iniciada no exterior pelos camaradas Bonch-Bruievitch e Lênin), a luta contra o bonapartismo de nossas instituições centrais, o controle sobre a justeza das medidas para a convocação do III Congresso e a assistência ao trabalho po-

---

3 N.E. A social-democracia russa designava como "organizações da periferia dos comitês" organismos como os "círculos de distritos", "círculos de propagandistas", "círculos de fábrica" e "outros organismos (e eles deverão ser muitos e dos mais variados, além daqueles já citados" (LÊNIN, *Carta a um camarada*). Outro exemplo é dado pelo CC menchevique, em 4 de março de 1905, e citado por Lênin em *O segundo passo*: "O CC propõe que, para este fim, sejam considerados membros da periferia apenas aqueles camaradas que pertençam à organização de um comitê e se envolvam em um trabalho revolucionário ativo sob a direção e controle do comitê, como propaganda, agitação, organização e escrita, impressão e distribuição de literatura."

sitivo dos comitês, desorganizado por agentes do conselho editorial e do novo Comitê Central.

Bureau de Comitês de Maioria

Você pode entrar em contato com o Bureau através dos comitês da maioria na Rússia e através da editora de Bonch-Bruievitch e Lênin no exterior.

Carta aos camaradas (referente à publicação vindoura do órgão da maioria partidária)

Escrito em 29 de novembro (12 de dezembro) de 1904 e publicado como panfleto.

Caros camaradas,

Hoje, em uma reunião de um círculo fechado de bolcheviques no exterior[1], uma decisão final foi tomada sobre uma questão que, em princípio, foi há muito decidida: a publicação de um periódico partidário que defenderá e desenvolverá os princípios da maioria contra a discórdia organizacional e tática introduzida no partido pela minoria e que servirá às necessidades do trabalho positivo das organizações na Rússia, contra as quais uma muito amarga luta está sendo travada por agentes da minoria em praticamente todo o país – uma luta que desorganiza terrivelmente o partido neste momento histórico vital, que se prolonga pelos métodos e táticas de cisão mais desavergonhadas, em meio ao lamento hipócrita da cisão pelo assim chamado órgão central do partido. Fizemos tudo ao nosso alcance para conduzir a luta de modo partidário; desde janeiro temos lutado por um congresso, como único meio válido pelo qual o partido pode acabar com esta situação impossível. A esta altura, está perfeitamente claro que as atividades do Comitê Central, após sua deserção à minoria, consistem quase inteiramente em resistir desesperadamente a um congresso, e que o Conselho está recorrendo aos mais ultrajantes e imperdoáveis truques para adiar sua convocação. O Conselho está sabotando diretamente um congresso; quem ainda não se convenceu disso, depois de suas últimas decisões, impressas no suplemento aos números 73-74 do *Iskra*, poderá constatá-lo pelo panfleto de Orlovski, *O Conselho contra o partido*[2],

1 N.E. Lênin se refere à reunião dos bolcheviques em Genebra, de 29 de novembro (12 de dezembro) de 1904, aproximadamente entre os mesmos presentes na "conferência dos 22", em agosto daquele ano. A reunião decidiu iniciar a publicação do jornal *Vperiod* ("Avante"), sendo seu conselhos editorial composto por Lênin, V. V. Vorovski, M. S. Olminski e A. V. Lunacharski.

2 N.E. Publicado em Genebra em novembro de 1904, pela editora bolchevique dirigida por Lênin e Vladimir Dmitrievich Bonch-Bruievitch. Assinado por P. Orlosvki, o panfleto foi escrito por Vátslav Vátslavovich Vorónski, futuro diplomata bolchevique, assassinado na Suíça em um atentado, em maio de 1923.

Carta aos camaradas (referente à publicação vindoura do órgão da maioria partidária)

Escrito em 29 de novembro (12 de dezembro) de 1904 e publicado como panfleto.

Caros camaradas,

Hoje, em uma reunião de um círculo fechado de bolcheviques no exterior[1], uma decisão final foi tomada sobre uma questão que, em princípio, foi há muito decidida: a publicação de um periódico partidário que defenderá e desenvolverá os princípios da maioria contra a discórdia organizacional e tática introduzida no partido pela minoria e que servirá às necessidades do trabalho positivo das organizações na Rússia, contra as quais uma muito amarga luta está sendo travada

que publicamos outro dia mesmo. Está perfeitamente claro agora que, a menos que se una e resista às nossas assim chamadas instituições centrais, a maioria não será capaz de defender sua posição, de defender o espírito de partido em sua luta contra o espírito de círculo. A unificação dos bolcheviques russos há muito está na ordem do dia. Recordemos a tremenda simpatia com que foi saudada a resolução programática dos 22[3] (programática para nossa luta dentro do partido); lembremos da proclamação dos 19, impressa pelo Comitê de Moscou (outubro de 1904); por último, quase todos os comitês do partido estão cientes de que uma série de conferências privadas aconteceram e ainda acontecem entre os comitês da maioria[4], e que os esforços mais enérgicos e definitivos estão sendo feitos para unir firmemente os comitês da maioria na resistência aos bonapartistas presunçosos no Conselho, no Órgão Central e no Comitê Central.

Esperamos que, num futuro muito próximo, esses esforços (ou melhor, estes passos) sejam amplamente divulgados, quando os seus resultados permitirem uma declaração definitiva daquilo que já foi alcançado. Sem uma editora própria, a autodefesa da maioria era, claro, completamente impossível. O novo Comitê Central, como vocês já devem saber pela literatura do nosso partido, simplesmente despejou nossos panfletos (e mesmo as capas das brochuras já montadas) da gráfica do partido, transformando-a assim em uma gráfica de círculo, e rejeitou as solicitações diretas da maioria no exterior e dos comitês russos (em Riga, por exemplo), para que a literatura da maioria seja entregue na Rússia. A falsificação da opinião pública do partido tornou-se bastante evidente como uma tática sistemática do novo Comitê Central. Vimo-nos inevitavelmente confrontados com a necessidade de expandir as nossas atividades editoriais e estabelecer os nossos próprios meios de transporte. Os comitês que romperam relações de camaradagem com o conselho editorial do Órgão Central (ver a confissão de Dan no relatório sobre a reunião em Genebra[5], em 2 de setembro de 1904 – um panfleto interessante) não podiam e não podem prescindir de um órgão periódico. Um partido sem órgão, um órgão sem partido! Esta triste palavra de ordem, defendida pela maioria em agosto, conduziu inexoravelmente à única saída – à fundação de

3 N.E. *Ao partido*, de agosto de 1904.

4 N.E. Três conferências de comitês locais bolcheviques foram realizadas entre setembro e dezembro de 1904: 1) no sul (comitês de Odessa, Ekaterinoslav e Nikoláiev); 2) no Cáucaso (comitês de Baku, Batum, Tiflis e Imeretian-Mingrelian); e 3) no norte (comitês de São Petersburgo, Moscou, Tver, Riga, Iaroslavl, Kostroma, Vladímir e Níjni-Nóvgorod). Por sugestão de Lênin, as conferências elegeram um Bureau dos Comitês da Maioria, a fim de preparar e convocar o Terceiro Congresso, composto por Gusev, Zemlyachka, Lyadov, Litvinov, Lênin e outros, em dezembro de 1904.

5 N.E. A reunião de 20 de agosto (2 de setembro) de 1904 foi convocada em Genebra pelos mencheviques a fim de manifestar apoio à Declaração de julho do Comitê Central. Os bolcheviques recusaram-se a participar, e seu representante retirou-se após anunciar que a reunião não era competente para aprovar resoluções em nome da minoria e da maioria. Os mencheviques foram obrigados a admitir nesta reunião que os comitês do partido na Rússia se opunham à política de reconciliação do Comitê Central, e que a grande maioria deles havia rompido todas as relações com o Iskra menchevique.

que publicamos outro dia mesmo. Está perfeitamente claro agora que, a menos que se una e resista às nossas assim chamadas instituições centrais, a maioria não será capaz de defender sua posição, de defender o espírito de partido em sua luta contra o espírito de círculo. A unificação dos bolcheviques russos há muito está na ordem do dia. Recordemos a tremenda simpatia com que foi saudada a resolução programática dos 22[3] (programática para nossa luta dentro do partido); lembremos da proclamação dos 19, impressa pelo Comitê de Moscou (outubro de 1904); por último, quase todos os comitês do partido estão cientes de que uma série de conferências privadas aconteceram e ainda acontecem entre os comitês da maioria[4], e que os esforços mais enérgicos e definitivos estão sendo feitos para unir firmemente os comitês da maioria na resistência aos bonapartistas presunçosos no Conselho, no Órgão Central e no Comitê Central.

Esperamos que, num futuro muito próximo, esses esforços (ou melhor, estes passos) sejam amplamente divulgados, quando os seus resultados permitirem uma declaração definitiva daquilo que já foi alcançado. Sem uma editora própria, a autodefesa da maioria era, claro, completamente impossível. O novo Comitê Central, como vocês já devem saber pela literatura do nosso partido, simplesmente despejou nossos panfletos (e mesmo as capas das brochuras já montadas) da gráfica do partido, transformando-a assim em uma gráfica de círculo, e rejeitou as solicitações diretas da maioria no exterior e dos comitês russos (em Riga, por exemplo), para que a literatura da maioria seja entregue na Rússia. A falsificação da opinião pública do partido tornou-se bastante evidente como uma tática sistemática do novo Comitê Central. Vimo-nos inevitavelmente confrontados com a necessidade de expandir as nossas atividades editoriais e estabelecer os nossos próprios meios de transporte. Os comitês que romperam relações de camaradagem com o conselho editorial do Órgão Central (ver a confissão de Dan no relatório sobre a reunião em Genebra[5], em 2 de setembro de 1904 – um panfleto interessante) não podiam e não podem prescindir de um órgão periódico. Um partido sem órgão, um órgão sem partido! Esta triste palavra de ordem, defendida

um órgão próprio. As jovens forças literárias que chegaram ao exterior para apoiar a causa vital da maioria dos trabalhadores russos exigem uma plataforma para si. Vários escritores russos do partido também exigem urgentemente um órgão. Ao fundar tal órgão, provavelmente denominado *Vperiod*[6], estamos agindo em total acordo com a massa dos bolcheviques russos, em total acordo com nosso comportamento na luta partidária. Adotamos esta arma, tendo testado ao longo do ano todos os caminhos certamente mais simples, mais econômicos para o partido e mais adequados aos interesses do movimento operário. Não estamos de forma alguma abandonando a luta pelo congresso e, ao contrário, queremos ampliar, generalizar e apoiar essa luta, queremos ajudar os comitês a resolverem a nova questão que se coloca diante deles sobre o congresso, para além do Conselho e o Comitê Central – contra a vontade do Conselho e do Comitê Central –, uma questão que requer uma discussão séria e abrangente. Falamos abertamente, em nome de pontos de vista e tarefas que há muito são apresentadas a todo o partido, em diversos panfletos. Estamos lutando e continuaremos a lutar por uma tendência revolucionária sustentada contra a confusão e a vacilação em questões organizacionais e táticas (vide a carta monstruosamente confusa do novo *Iskra* às organizações do partido, impressa apenas para os membros do partido e escondida dos olhos do mundo[7]) . O anúncio do novo órgão provavelmente será feito em uma semana, ou algo assim. O primeiro número sairá em 1 de janeiro (10 no novo estilo). O conselho editorial aceitará todos os literatos[8] da maioria até agora nomeados farão parte do conselho editorial (Riadovoi[9], Galiorka[10], Lênin, Orlovski – que trabalhou regularmente no *Iskra*, do nº 46 ao nº 51, quando este era liderado por Lênin e Plekhánov –, e também jovens forças literárias muito valiosas). O colegiado de liderança prática e organização das questões complexas de distribuição, agentes etc., etc., será formado (parcialmente já formado)[11] com base na atribuição direta de funções conhecidas a camaradas conhecidos por um certo número de companheiros dos comitês russos (Odessa, Ekaterinoslavski, Nikolaevski, 4 comitês caucasianos e vários do Norte, sobre os quais vocês serão, em breve, informados em detalhes). Agora apelamos a todos os camaradas com um pedido: qualquer apoio. Conduziremos um órgão com a condição de que seja

---

6 N.E. "Avante". Um semanário bolchevique ilegal, publicado em Genebra entre 22 de dezembro de 1904 (4 de janeiro de 1905) a 5 (18) de maio de 1905. 18 edições foram publicadas, com tiragem entre 7 e 10 mil exemplares.

7 N.E. Referência à carta enviada pelo *Iskra* menchevique às organizações partidárias, em novembro de 1904, cujo conteúdo Lênin crítica em seu artigo *A campanha dos Zemstvo e o plano "do Iskra"*.

8 N.E. Em russo, *literator*: "homem literário", "escritor". Nas edições inglesas e portuguesas, o termo chegou a ser traduzido, certas vezes, por "jornalista" ou "redator". Optamos pelo termo *literato* apenas a fim de evidenciar a relação semântica entre esta palavra o "trabalho literário" e as "forças literárias" constantemente referidas por Lênin.

9 N.E. Em russo, "Recruta". Codinome de Bogdánov.

10 N.E. Em russo, "Galeria". Codinome de Mikhail Stepanovitch Aleksanderov (também conhecido pelo codinome Olminski).

11 N.E. Lênin se refere ao Bureau dos Comitês da Maioria.

o. As jovens forças literárias que chegaram ao exterior para apoiar
naioria dos trabalhadores russos exigem uma plataforma para si.
russos do partido também exigem urgentemente um órgão. Ao
provavelmente denominado *Vperiod*[6], estamos agindo em total
sa dos bolcheviques russos, em total acordo com nosso com-
a partidária. Adotamos esta arma, tendo testado ao longo do
hos certamente mais simples, mais económicos para o partido
os interesses do movimento operário. Não estamos de forma
do a luta pelo congresso e, ao contrário, queremos ampliar,
essa luta, queremos ajudar os comités a resolverem a nova
a diante deles sobre o congresso, para além do Conselho e
ontra a vontade do Conselho e do Comitê Central –, uma
ma discussão séria e abrangente. Falamos abertamente, em
ista e tarefas que há muito são apresentadas a todo o par-
fletos. Estamos lutando e continuaremos a lutar por uma
ia sustentada contra a confusão e a vacilação em questões
s (vide a carta monstruosamente confusa do novo *Iskra* às
, impressa apenas para os membros do partido e escon-
lo[7]) . O anúncio do novo órgão provavelmente será feito
o assim. O primeiro número sairá em 1 de janeiro (10
lho editorial aceitará todos os literatos[8] da maioria até
rte do conselho editorial (Riadovoi[9], Galiorka[10], Lênin,
regularmente no *Iskra*, do nº 46 ao nº 51, quando este
Plekhánov –, e também jovens forças literárias muito
derança prática e organização das questões complexas
., etc., será formado (parcialmente já formado)[11] com
funções conhecidas a camaradas conhecidos por um
ros dos comitês russos (Odessa, Ekaterinoslavski, Ni-
anos e vários do Norte, sobre os quais vocês serão,
talhes). Agora apelamos a todos os camaradas com
Conduziremos um órgão com a condição de que seja

hevique ilegal, publicado em Genebra entre 22 de dezembro
) de maio de 1905. 18 edições foram publicadas, com tiragem

Iskra menchevique às organizações partidárias, em novem-
a em seu artigo *A campanha dos Zemstvo e o plano "do Iskra"*.
erário", "escritor". Nas edições inglesas e portuguesas, o ter-
, por "jornalista" ou "redator". Optamos pelo termo *literato*
nântica entre esta palavra o "trabalho literário" e as "forças
Lênin.
e Bogdánov.
e Mikhail Stepanovitch Aleksanderov (também conhecido

nitês da Maioria.

um órgão do movimento russo, e de forma alguma de um círculo no exterior. Isso requer, antes de mais nada, o apoio "*literário*" mais enérgico, ou melhor, a participação literária na Rússia. Coloco entre aspas e em itálico a palavra "literário" para chamar de imediato a atenção para o seu significado especial, e alertar contra os mal-entendidos, muito comuns e terrivelmente danosos neste assunto. Há um mal-entendido segundo o qual os literatos e somente os literatos (no sentido profissional da palavra) são capazes de participar com sucesso no órgão; pelo contrário, o órgão será vivo e vital apenas quando, para cada cinco literatos principais e regulares, tivermos a contribuição de quinhentos ou cinco mil operários não-literatos. Uma das deficiências do antigo *Iskra*, da qual sempre tentei livrá-lo (e que atingiu proporções monstruosas no novo *Iskra*) era a debilidade, nele, do trabalho feito a partir da Rússia. Costumávamos imprimir, quase sempre, quase sem exceção, tudo o que era enviado da Rússia. Um órgão realmente vivo deve imprimir um décimo do que lhe é enviado, utilizando o restante para informação e orientação aos literatos. É necessário que o maior número possível de operários do partido troque correspondências conosco, ou seja, sejam nossos correspondentes no sentido usual da palavra, não no sentido literário.

O isolamento em relação à Rússia, a atmosfera envolvente do maldito pântano estrangeiro pesa tanto sobre quem está por aqui que o contato vivo com a Rússia é nossa única salvação. Não se esqueçam disso aqueles que, não apenas em palavras, mas em atos, querem considerar (e *fazer*) o nosso órgão o órgão de toda a "maioria", o órgão da massa dos operários russos. Que todo aquele que considera este órgão seu e que tem consciência dos deveres de um membro do partido social-democrata abandone de uma vez por todas o hábito burguês de pensar e agir como é costume em relação aos jornais legalmente publicados – o hábi[to] segundo o qual seu trabalho é escrever, e o nosso é ler. Todo[s] devem trabalhar em um jornal social-dem[ocrata] aos operários, que se[jam]

um órgão do movimento russo, e de forma alguma de um círculo no exterior. Isso requer, antes de mais nada, o apoio "*literário*" mais enérgico, ou melhor, a participação literária na Rússia. Coloco entre aspas e em itálico a palavra "literário" para chamar de imediato a atenção para o seu significado especial, e alertar contra os mal-entendidos, muito comuns e terrivelmente danosos neste assunto. Há um mal-entendido segundo o qual os literatos e somente os literatos (no sentido profissional da palavra) são capazes de participar com sucesso no órgão; pelo contrário, o órgão será vivo e vital apenas quando, para cada cinco literatos principais e regulares, tivermos a contribuição de quinhentos ou cinco mil operários não-literatos. Uma das deficiências do antigo *Iskra*, da qual sempre tentei livrá-lo (e que atingiu proporções monstruosas no novo *Iskra*) era a debilidade, nele, do trabalho feito a partir da Rússia. Costumávamos imprimir, quase sempre, quase sem exceção, tudo o que era enviado da Rússia. Um órgão realmente vivo deve imprimir um décimo do que lhe é enviado, utilizando o restante para informação e orientação aos literatos. É necessário que o maior número possível de operários do partido troque correspondências conosco, ou seja, sejam nossos correspondentes no sentido usual da palavra, não no sentido literário.

O isolamento em relação à Rússia, a atmosfera envolvente do maldito pântano estrangeiro pesa tanto sobre quem está por aqui que o contato vivo com a Rússia é nossa única salvação. Não se esqueçam disso aqueles que, não apenas em palavras, mas em atos, querem considerar (e *fazer*) o nosso órgão o órgão de toda a "maioria", o órgão da massa dos operários russos. Que todo aquele que considera este órgão seu e que tem consciência dos deveres de um membro do partido social-democrata abandone de uma vez por todas o hábito burguês de pensar e agir como é costume em relação aos jornais legalmente publicados – o hábito segundo o qual seu trabalho é escrever, e o nosso é ler. Todos os social-democratas devem trabalhar em um jornal social-democrata. Pedimos a todos, especialmente aos operários, que se correspondam conosco. Dê aos operários a mais ampla oportunidade de escrever para nosso jornal, de escrever efetivamente a respeito de tudo, de escrever o máximo possível sobre suas vidas cotidianas, interesses e trabalho – sem esse material, um órgão social-democrata não valerá um centavo, e não merecerá o nome de organismo social-democrata. Além disso, pedimos que escrevam, *correspondências*, obviamente não como correspondentes[12], isto é, não para a imprensa, mas para a comunicação camarada com o conselho editorial e para informá-lo, não só sobre fatos, acontecimentos, mas também sobre o estado de espírito e a vida cotidiana, sobre o lado "desinteressante", usual, rotineiro do movimento. As pessoas que não estão no exterior não imaginam como precisamos dessas cartas (e não há absolutamente nada de conspiratório nelas, e mesmo a mais ocupada das pessoas pode, uma ou duas vezes por semana, escrever uma carta

12 N.E. Ao longo do texto, Lênin se utiliza da palavra *perepiski* para se referir à troca de "correspondências", à troca de cartas entre os operários russos e o conselho editorial do órgão central; apenas aqui, utiliza, em contraste, *korrespondentsi*, para diferenciar a correspondência em geral da correspondência profissional, própria daquilo que se entende por um correspondente jornalístico.

não-codificada). Escrevam-nos sobre as conversas nos círculos operários, sobre a natureza dessas conversas, sobre os temas das palestras, sobre as demandas dos operários, sobre a organização da propaganda e da agitação, sobre as conexões na sociedade, no exército e na juventude; escrevam, acima de tudo, sobre as insatisfações para conosco, os social-democratas, entre os operários, sobre seus incômodos, sugestões, críticas etc. As questões relativas à organização prática do trabalho são particularmente interessantes agora, e não há outro meio de familiarizar os editores com essas questões exceto por uma correspondência viva, não de uma natureza jornalística, mas simplesmente no espírito da camaradagem. Claro, nem todo mundo tem a habilidade ou vontade de escrever, mas... não diga "eu não posso", diga "eu não quero"; sempre, se você quiser, em qualquer círculo, mesmo nos menores, será possível encontrar um ou dois camaradas que possam escrever (os menores são, muitas vezes, especialmente interessantes, porque às vezes fazem a parte mais importante, embora invisível, do trabalho). Aqui nós configuramos o secretariado imediatamente em uma base ampla, utilizando a experiência do antigo *Iskra*; e pedimos que vocês tenham em mente que todos, *sem exceção*, que trabalhem com paciência e determinação conseguirão, sem muita dificuldade, certificar-se de que todas as suas cartas, ou nove décimos delas, cheguem ao destino. Digo isso com base na experiência de três anos do antigo *Iskra*, que tinha muitos desses correspondentes informais (muitas vezes, desconhecidos por qualquer um dos editores) que escreviam com a maior regularidade. Há muito que a polícia é absolutamente incapaz de interceptar todas as cartas estrangeiras (só as apreendem acidentalmente, se o remetente for extraordinariamente descuidado), e uma grande parte do material do antigo *Iskra* costumava chegar da forma mais usual, em cartas comuns, aos nossos endereços. Gostaríamos de alertar, em especial, contra a prática de concentrar as correspondências apenas nas mãos do comitê e dos seus secretários. Não há nada mais prejudicial do que tal monopólio. Por mais necessária que seja a unidade nas ações e nas decisões, em matéria de informação geral, de correspondência, ela é totalmente errada. Acontece, muito frequentemente, que as cartas de pessoas relativamente "de fora" (mais distantes dos comitês) são especialmente interessantes, pois elas percebem com mais clareza muitas coisas que se tornaram familiares demais e são negligenciadas pelos trabalhadores mais antigos e experientes. Devemos dar aos nossos jovens operários mais oportunidade de escrever: aos jovens, aos operários, aos "centralistas", aos organizadores e aos simples membros comuns de reuniões improvisadas e comícios.

Só então, e somente com a condição de uma tão extensa correspondência, podemos, por meio de nossos esforços conjuntos, fazer de nosso jornal um verdadeiro órgão do *movimento operário na Rússia*. Solicitamos sinceramente que vocês leiam esta carta em todas as reuniões, círculos, subgrupos etc., etc., o mais amplamente possível, e pedimos que escrevam sobre como os operários atenderam a este chamado. Somos muito céticos à ideia de separar o órgão operário

ão-codificada). Escrevam-nos sobre as conversas nos círculos operários, sobre natureza dessas conversas, sobre os temas das palestras, sobre as demandas dos perários, sobre a organização da propaganda e da agitação, sobre as conexões a sociedade, no exército e na juventude; escrevam, acima de tudo, sobre as nsatisfações para conosco, os social-democratas, entre os operários, sobre seus ncômodos, sugestões, críticas etc. As questões relativas à organização prática o trabalho são particularmente interessantes agora, e não há outro meio de miliarizar os editores com essas questões exceto por uma correspondência viva, ão de uma natureza jornalística, mas simplesmente no espírito da camaradagem. Claro, nem todo mundo tem a habilidade ou vontade de escrever, mas... não diga eu não posso", diga "eu não quero"; sempre, se você quiser, em qualquer círculo, nesmo nos menores, será possível encontrar um ou dois camaradas que possam screver (os menores são, muitas vezes, especialmente interessantes, porque às ezes fazem a parte mais importante, embora invisível, do trabalho). Aqui nós onfiguramos o secretariado imediatamente em uma base ampla, utilizando a xperiência do antigo *Iskra*; e pedimos que vocês tenham em mente que todos, *em exceção*, que trabalhem com paciência e determinação conseguirão, sem nuita dificuldade, certificar-se de que todas as suas cartas, ou nove décimos delas, heguem ao destino. Digo isso com base na experiência de três anos do antigo *Iskra*, que tinha muitos desses correspondentes informais (muitas vezes, desconhecidos por qualquer um dos editores) que escreviam com a maior regularidade. Há muito que a polícia é absolutamente incapaz de interceptar todas as cartas estrangeiras (só as apreendem acidentalmente, se o remetente for extraordinariamente descuidado), e uma grande parte do material do antigo *Iskra* costumava chegar da forma mais usual, em cartas comuns, aos nossos endereços. Gostaríamos de alertar, em especial, contra a prática de concentrar as correspondências apenas nas mãos do comitê e dos seus secretários. Não há nada mais prejudicial do que tal monopólio. Por mais necessária que seja a unidade nas ações e nas decisões, em matéria de informação geral, de correspondência, ela é totalmente errada. Acontece, muito frequentemente, que as cartas de pessoas relativamente "de fora" (mais distantes dos comitês) são especialmente interessantes, pois elas percebem com mais clareza muitas coisas que se tornaram familiares demais e são negligenciadas pelos trabalhadores mais antigos e experientes. Devemos dar aos nossos jovens operários mais oportunidade de escrever: aos jovens, aos operários, aos "centralistas", aos organizadores e aos simples

("popular") do órgão geral-dirigente-intelectual: gostaríamos que o jornal social-democrata fosse o órgão de todo o movimento, para que o jornal operário e o jornal social-democrata se fundam em um só órgão. Isso só pode ser alcançado com o apoio ativo da classe operária.

Com saudações camaradas,

N. Lênin.

("popular") do órgão geral-dirigente-intelectual: gostaríamos que o jornal social-democrata fosse o órgão de todo o movimento, para que o jornal operário e o jornal social-democrata se fundam em um só órgão. Isso só pode ser alcançado com o apoio ativo da classe operária.

Com saudações camaradas,

N. Lênin.

Uma carta para o grupo de Zurique dos Bolcheviques

Escrita em 18 de janeiro de 1905. Publicada em 1926.

Genebra, 18.1.1905

Caros camaradas,

Nós estamos impossibilitados de convocar uma reunião do Conselho Editorial para responder seus questionamentos, e portanto tomo a liberdade de respondê-los eu mesmo. O grupo de Zurique dos Bolcheviques pergunta "qual a nossa atitude em relação ao Órgão Central e ao Comitê Central; se consideramos que eles existem legitimamente, mas operam ilegitimamente e nós nos opomos a eles, ou se nos recusamos completamente a considerá-los como centros do partido."

Parece-me que sua questão soa um pouco como casuísmo. A declaração sobre o jornal *Vperiod* e seu primeiro número ("Já é hora de terminar!"), junto com os meu *Declarações e documentos*, me pareciam já ter resolvido toda a questão *no seu conteúdo*. Os centros dirigentes (o Órgão Central, o Comitê Central e o Conselho) *romperam* com o Partido, sabotaram o II e o III Congressos, enganaram o partido da maneira mais descarada e usurparam seus confortáveis cargos de uma maneira verdadeiramente bonapartista. Como alguém pode querer falar da existência legítima desses centros? Podemos dizer que um vigarista é o legítimo dono do dinheiro que ele embolsou usando notas falsas?

Parece estranho para mim que os Bolcheviques de Zurique ainda estejam confusos depois de termos batido nessa questão diversas vezes. Que os centros não quiseram se submeter ao Partido, isso já foi provado conclusivamente. Então o que devemos fazer? Convocar o III Congresso? Eles nos ludibriaram nisso também. Uma coisa permanece – romper com os mencheviques *completamente*, de maneira mais rápida e mais definitiva (aberta e publicamente) possível, e convocar nosso próprio III Congresso, sem o consentimento dos organismos centrais e sem sua participação, para começarmos *imediatamente* (sem sequer esperar por esse centro) a trabalhar com nossos próprios centros partidários, o Conselho Editorial do *Vperiod* e o Bureau russo eleito na Conferência do Norte.

Eu repito: os centros *colocaram a si mesmos para fora* do Partido. Não existe meio termo; ou se fica do lado dos centros ou do lado do Partido. É hora de traçar uma linha de demarcação e, diferentemente dos mencheviques, que estão rompendo secretamente com o Partido, aceitar o desafio deles abertamente. Sim, um rompimento, já que vocês foram até o fim com o seu rompimento. Sim, um rompimento, porque nós exaurimos *todas* as formas de adiar e obter uma decisão *partidária* (feita em um Terceiro Congresso). Sim, um rompimento, já que em todo lugar as disputas asquerosas com os desorganizadores só atrapalhou a causa. Recebemos cartas de São Petersburgo dizendo que as coisas mudaram para melhor desde o rompimento, que se pode trabalhar sem disputas, com pessoas confiáveis. Não está perfeitamente claro? Abaixo os bonapartistas e os desorganizadores!

Avisem-nos se estiverem satisfeitos com essa resposta.

É *essencial* que os grupos da Maioria no exterior fechem suas fileiras. Escrevam sobre essa questão imediatamente aos camaradas de Berna (ao sr. Kazákov, Rua da Padaria, n. 1. Berna). Eles já estão nessa tarefa e vão responder a vocês melhor do que eu poderia. Precisamos lidar com esse assunto mais energicamente. Correspondam-se com todos os grupos, estimulem-nos a respeito de questões financeiras e materiais, iniciem grupos em lugares novos etc. Da mesma maneira, nós começamos a nos sentir muito melhor desde que rompemos decididamente com a Minoria. Nós desejamos de coração que vocês, também, livrem-se rapidamente deles.

Aperto a mão de vocês,

Do seu,

N. Lênin.

P.S. Por favor, transmitam meus cumprimentos especialmente pessoais ao Meyerson.

Como ele está? Já se sente melhor? Estou bravo com Steiner – diga a ela que é revoltante; ela prometeu escrever sobre Nicoláiev até o Natal, e já estamos quase no final de janeiro!

O grupo de Berna aceitou se unir com os Bolcheviques no exterior, sob a liderança do Bureau, claro. Peçam ao grupo de Berna a carta que eles enviaram para nós sobre essa questão e também a resposta do grupo de Genebra.

Modificação da cláusula do estatuto relativa aos centros

Escrito em fevereiro de 1905 e publicado em 1926

Muitos dos camaradas que trabalham na Rússia, incluindo o Bureau dos Comitês da Maioria, estão se manifestando favoráveis a um único centro *na Rússia*.

O que essa reforma realmente significaria? A ideia inequivocamente implícita nesta tendência é que os camaradas ativos na Rússia deveriam predominar em um centro. Sua implementação depende inteiramente da vontade do Congresso, que elegerá a composição do centro. Portanto, não há nada a discutir ou a falar sobre este ponto.

Mas, indo além, qual será a relação entre o Órgão Central e o Comitê Central? O Órgão Central, somos informados, deve ser uma comissão nomeada pelo CC. Um (ou dois) membros do Conselho Editorial do Órgão Central podem (digamos, esses mesmos camaradas) entrar no Comitê Central como parte *secundária*. Surge então a questão: como se dará a participação desta seção do CC no exterior nos assuntos do CC? A ideia de que a *participação* real no trabalho do CC pode ser alcançada "por correspondência" é obviamente utópica e não poderia ser sugerida a sério. É apenas com grande dificuldade, às custas de tremendo esforços, aborrecimentos, brigas e vexames, que aqueles que trabalham no exterior podem obter as mais escassas informações *post factum*, de modo que só se pode falar em "participar nas decisões" do exterior por pura hipocrisia ou "para parecer importante".

Portanto, uma de duas coisas: ou os membros (ou membro) do CC no exterior asseguram que *nas próprias regras do partido* (quaisquer outros "acordos" são inválidos) estejam previstas reuniões periódicas de *todo* o Comitê Central no exterior – *caso em que* esse centro supremo, *na realidade*, será idêntico ao atual Conselho do Partido, isto é, será uma instituição que se reúne 3-4-5 vezes por ano e apenas dá uma *direção geral* a todos os trabalhos. *Ou* o Comitê Central se reúne na Rússia e resolve todos os assuntos *lá, sem* um membro do exterior. Neste caso, o último é apenas nominalmente listado como membro do CC, de modo *delibe-*

radamente fictício. Na realidade, ele *não pode* participar na resolução das questões gerais. Nessas condições, é questionável se haveria quem se dispusesse a ocupar este "posto" (ou devo dizer sinecura?) de "membro do CC no exterior".

Outra (e a última possível) suposição: o CC consistir, como centro único, *inteiramente* de camaradas que trabalham na Rússia. Somente tal órgão central será *realmente* um centro russo único. No exterior, ele nomeia seus agentes. *Na prática*, entretanto, esses agentes existirão como um centro independente. Vejamos o caso dos editores do Órgão Central. É claro que precisaremos de *todo um Conselho* aqui, que só tomará forma, se desenvolverá e unirá por meio de um *caminho longo e demorado* (a Rússia levou *um ano e meio* de árduo esforço para construir *um novo* Órgão Central, após o II Congresso, e isso, apesar do enorme interesse em toda a Rússia na resolução da grave crise geral do Partido). Na prática, este Conselho dirige o órgão *semanal* de forma bastante independente.

Na melhor das hipóteses, o CC russo manifestará seu interesse na forma como a publicação é conduzida por meio da convocação de uma "conferência" uma vez a cada seis meses (ou uma vez a cada dezoito meses) – como tal "conferência" difere do "Conselho"? – ou por uma "carta" de um membro *individual* do CC. Na prática, esse colegiado no exterior vai agitar e treinar operários no exterior (com palestras e reuniões) frente a *centenas* de membros do partido. O CC será fisicamente incapaz de dirigir esse trabalho, de administrar esse trabalho do colegiado no exterior. O CC será fisicamente incapaz de participar deste trabalho, exceto por meio de raras conferências com as pessoas que o conduzem. Aqui, novamente – de que maneira essas conferências diferem do Conselho??

Resumindo: na realidade, na prática, um Centro "único" ou será uma *ficção*, ou simplesmente se resumirá, positiva e inevitavelmente, ao sistema atual daquilo que é desdenhosamente chamado de "centro triplo". Na verdade, na prática, as diferenças nas condições geográficas e políticas, bem como as diferenças no caráter do trabalho, inevitavelmente demandarão, e continuarão a demandar (até a queda da autocracia), dois centros em nosso Partido, unidos apenas *de vez em quando, por "conferências"*, que, na verdade, sempre desempenharão o papel de "Conselho" supremo ou máximo do Partido.

É perfeitamente compreensível que a reação contra o exterior tenha evocado na Rússia o clamor geral: abaixo o exterior! Abaixo os dois centros! Essa reação é legítima e *louvável*; pois indica o enorme crescimento das forças e da autoconsciência partidárias desde o Segundo Congresso. Esta reação é inegavelmente um avanço em nosso partido. Mas não devemos nos deixar enganar pelas palavras; não devemos elevar a um "sistema" o *estado de ânimo* do momento, o "ressentimento" passageiro contra os "do exterior". Nenhum sistema partidário pode ser construído com base no ressentimento. Nada é mais fácil do que estabelecer a regra curta e simples: "há um centro", mas tal decisão não nos deixaria mais perto de resolver a intrincada questão das formas de unificação real (e não apenas no papel) das diversas funções das tarefas na Rússia e no exterior.

Carta para Bogdánov e Gusev

Escrita em 2 de fevereiro de 1905.

11 de fevereiro de 1905

Rakhmetov, Khariton[1]

Ontem enviei um telegrama sobre meu consentimento às suas alterações, embora discorde enfaticamente com o que pude deduzir de sua carta. Mas estou tão farto dessa procrastinação, e suas perguntas pareciam tanto uma zombaria, que simplesmente desisti, pensando: se ao menos eles fizessem alguma coisa! Se ao menos dessem notícias do Congresso, *qualquer tipo de notícia*, desde que o fizessem, ao invés de apenas falar sobre isso. Você ficará surpreso com o meu uso da palavra zombaria. Mas pare e pense: há dois meses, enviei meu projeto a todos os membros do Bureau. Nenhum deles se interessa ou acha necessário discuti-lo. E agora – [estamos] por um fio... Que bonito: falamos de organização, de centralismo, embora na verdade haja tanta desunião, tanto amadorismo até entre os camaradas mais próximos do centro, que dá vontade de largar tudo com nojo. Basta olhar para os Bundistas: eles não tagarelam sobre o centralismo, mas cada um deles escreve para o centro semanalmente e, portanto, o contato é realmente mantido. Você só precisa pegar o *Poslednie Izvestia*[2] para ver este contato. Nós, no entanto, estamos emitindo o sexto número sem que ainda um de nossos editores (Rakhmetov) tenha escrito uma única linha, seja sobre ou para o *Vperiod*. Nosso povo "fala" de extensas conexões literárias em São Petersburgo e em Moscou, e das jovens forças da maioria, enquanto nós aqui, dois meses após o lançamento do convite à colaboração (o anúncio de *Vperiod* e uma carta relacionada a ele),

---

1 N.E. Alexander Malinovski (mais conhecido pelo sobrenome Bogdánov, que adotaria posteriormente) aderiu aos bolcheviques em 1903, rompendo após o V Congresso. Seu primeiro codinome, Rakhmetov, era uma referência ao revolucionário ficcional do romance de 1863, *Que fazer?*, de Nikolai Tchernichevski. Khariton (do grego "caridoso") era o codinome do bolchevique Sergei Ivanovich Gusev, que assumiu entre dezembro de 1904 e maio de 1905 o posto de secretário do Bureau dos Comitês da Maioria. Foi transferido do Comitê de São Petesburgo para o de Moscou em janeiro de 1906, lutando ao lado de Lênin contra o otzovismo e o liquidacionismo, nos anos posteriores.

2 N.E. "As últimas notícias".

não vimos ou ouvimos nada deles. Os comitês russos (Cáucaso, Níjni-Nóvgorod, para não falar da região do Volga ou do sul) consideram o Bureau um "mito", e com plena razão. Nós "ouvimos" de estranhos sobre algum tipo de aliança entre o Comitê da Maioria de São Petersburgo e um grupo de mencheviques, mas de nosso próprio povo nenhuma palavra. Recusamo-nos a acreditar que os bolcheviques possam ter dado um passo tão imbecil e suicida. "Ouvimos" de estranhos sobre uma conferência de social-democratas e a formação de um "bloco", mas *nenhuma palavra* do nosso próprio povo, embora haja rumores de que se trata de um *fait accompli*[3]. Evidentemente, os membros da maioria estão ansiosos para serem sobrepujados novamente.

Nossa única força reside na franqueza aberta, na solidariedade e na investida enérgica. Mas as pessoas, ao que parece, amoleceram agora que temos uma "revolução"! Em um momento em que a organização é necessária cem vezes mais do que nunca antes, elas se cegam para os perturbadores. É evidente a partir das mudanças propostas no projeto da declaração e na convocação do Congresso (apresentadas na carta de forma tão vaga que chega a ser quase incompreensível) que a "lealdade" foi colocada em um pedestal. Papasha[4] na verdade usa essa palavra, acrescentando que se os centros não forem mencionados, ninguém virá ao Congresso! Pois bem, senhores, posso apostar que, se for *assim* que vão agir, nunca farão um congresso e nunca escaparão das garras dos bonapartistas do Órgão Central e do Comitê Central. Convocar um congresso *contra* os órgãos centrais, nos quais se expressou a falta de confiança, convocar este congresso em nome de um bureau *revolucionário* (que, se quisermos prestar homenagem servil às regras leais do partido, é inexistente e fictício), e reconhecer o direito *incondicional* dos nove bonapartistas, da Liga (ha! ha!) e das criaturas bonapartistas (os comitês recém-formados) de comparecer a esse Congresso, significa nos tornarmos ridículos e perdermos todo o direito ao respeito. Os centros podem e devem ser convidados, mas conceder-lhes o estatuto de voto é, repito, uma loucura. Os centros, é claro, não virão ao *nosso* Congresso de qualquer maneira; por que dar a eles outra chance de cuspir na nossa cara? Por que essa hipocrisia, esse jogo de esconde-esconde? É uma vergonha! Proclamamos uma *divisão*, chamamos os *vperiodistas* para um congresso, queremos organizar um partido *vperiodista* e estamos rompendo, cindindo imediatamente *toda e qualquer* conexão com os desorganizadores – mas eles ainda falam em lealdade, fingem que um congresso conjunto do *Iskra* e do *Vperiod* é possível. Que farsa! Logo no primeiro dia, na primeira hora do Congresso (se ele ocorrer), sem dúvida irá se fechar a cortina sobre esta farsa; mas até lá, tal engano pode nos causar danos incalculáveis.

Muitas vezes penso que 9/10 dos bolcheviques são na verdade formalistas patéticos, absolutamente incapazes de lutar. De bom grado daria todos eles para Mártov. Ou devemos reunir todos os que estão dispostos a lutar em uma organização realmente forte e com este partido pequeno, mas forte, aniquilar aquele

3 N.E. Em francês no original: "fato consumado".

4 N.E. O bolchevique M. M. Litvinov.

monstro em expansão, os elementos heterogêneos do novo *Iskra*, ou provaremos por nossa conduta que merecemos ser afundados por sermos formalistas desprezíveis. Como é que as pessoas não entendem que, antes do Bureau e antes do *Vperiod*, fizemos tudo o que podíamos para preservar a lealdade, para salvar a unidade, para salvar os métodos formais, ou seja, superiores de resolução de conflitos?! Mas agora, depois do Bureau, depois do *Vperiod*, a divisão é um fato. E quando a separação se tornou um fato, tornou-se evidente que materialmente éramos muito mais fracos. Ainda temos que converter nossa força moral em força material. Os mencheviques têm mais dinheiro, mais literatura, mais meios de transporte, mais agentes, mais "nomes" e um quadro maior de colaboradores. Seria uma infantilidade imperdoável não ver isso. E se não queremos apresentar ao mundo o repulsivo espetáculo de uma velha solteirona ressecada e anêmica, orgulhosa de sua estéril pureza moral, então devemos entender que precisamos da guerra e de uma organização de combate. Somente depois de uma longa batalha, e somente com a ajuda de uma excelente organização, podemos transformar nossa força moral em força material.

Precisamos de fundos. O plano de realizar o Congresso em *Londres* é extremamente ridículo, pois custaria o dobro. Não podemos suspender a publicação de *Vperiod*, que é o que implicaria uma longa ausência. O Congresso deve ser simples, breve e com poucos participantes. Este é um congresso para a organização da batalha. Claramente, vocês estão alimentando ilusões a esse respeito.

Precisamos de pessoas para trabalhar em *Vperiod*. Não somos suficientes. Se não conseguirmos duas ou três pessoas extras da Rússia como contribuintes permanentes, não há sentido em continuar tagarelando sobre a luta contra o *Iskra*. Panfletos e brochuras são necessários, desesperadamente necessários.

Precisamos de forças jovens. Eu sou a favor de fuzilar no ato qualquer um que tente dizer que não há ninguém à disposição. Na Rússia há uma legião de pessoas, tudo o que temos a fazer é recrutar jovens de forma mais ampla e ousada, mais ousada e ampla, e novamente de forma mais ampla e novamente mais ousada, *sem temê-los*. Este é um tempo de guerra. Os jovens – os estudantes, e ainda mais os jovens operários – decidirão o desenlace de toda a luta. Livre-se de todos os velhos hábitos de imobilidade, de respeito hierárquico e assim por diante. *Forme centenas* de círculos de *vperiodistas* entre os jovens e incentive-os a trabalhar a todo vapor. Amplie o Comitê em *três vezes*, aceitando jovens nele, estabeleça meia dúzia ou uma dúzia de subcomitês, "coopte" toda e qualquer pessoa honesta e enérgica. Permita que cada subcomissão escreva e publique panfletos sem qualquer burocracia (não há mal nenhum se eles cometerem um erro; nós no *Vperiod* iremos corrigi-los "gentilmente"). Devemos, com velocidade desesperada, unir todas as pessoas com a iniciativa revolucionária e colocá-las para trabalhar. Não tema a sua falta de formação, não tema com a sua inexperiência e falta de desenvolvimento. Em primeiro lugar, se você deixar de organizá-los e incitá-los à ação,

eles seguirão os mencheviques e os Gapons[5], e essa mesma inexperiência deles causará cinco vezes mais danos. *Em segundo lugar*, os próprios eventos os ensinarão *em nosso espírito*. Os eventos já estão ensinando a todos precisamente no espírito do *Vperiod*.

Em suma, por todos os meios organizar, organizar e organizar *centenas* de círculos, empurrando completamente para o segundo plano a estupidez do comitê (hierárquico) usual. Este é um tempo de guerra. Ou vocês criam organizações de combate *novas*, jovens, frescas e enérgicas em todos os lugares, para o trabalho social-democrata revolucionário de todos os tipos, entre todos os estratos, ou vocês afundarão com as glórias de burocratas de "comitê".

Escreverei sobre isso no *Vperiod*[6] e falarei sobre isso no Congresso. Escrevo para vocês em mais uma *tentativa* de evocar uma troca de ideias, para induzir uma dúzia de círculos de *jovens e novos* operários (e outros) a estabelecer *contato direto* com o Conselho Editorial, embora... embora, cá entre nós, não acalento a menor esperança de que essas ideias ousadas sejam cumpridas. Talvez, daqui a dois meses, você me peça para telegrafar se concordo com tais e tais mudanças no "plano". Digo de antemão que concordo com tudo. Até o Congresso.

Lênin

P.S. Vocês devem tornar seu objetivo revolucionar a entrega de *Vperiod* à Rússia. Façam propaganda generalizada de assinaturas de São Petersburgo. Permitam que os alunos e especialmente os *operários* assinem e que centenas de cópias sejam enviadas para seus próprios endereços. É um absurdo ter medo disso em tempos como este. A polícia jamais poderá interceptar todas as cópias. Metade ou um terço chegará, e já é muito. Sugiram essa ideia a *qualquer* círculo de jovens e ele encontrará centenas de maneiras próprias de fazer conexões no exterior. Distribua os endereços mais amplamente, tão amplamente quanto possível, para a transmissão de cartas para o *Vperiod*.

---

5 N.E. Georgi Gapon foi um padre ortodoxo russo que, em janeiro de 1905, liderou a manifestação pacífica que pretendia ser recebida pelo czar Nicolau II no Palácio de Inverno e entregar uma petição por melhores condições de vida. A manifestação foi reprimida pelos soldados russos, que dispararam sobre a multidão. Em resposta, a classe operária de São Petesburgo ergueu barricadas pela cidade, e iniciou-se a Revolução de 1905. O próprio Gapon muito rapidamente oscilou em direção a posições radicais, profundamente decepcionado pela repressão – sem, contudo, adotar qualquer visão marxista. Em seu texto *O começo da revolução na Rússia*, Lênin registra os dizeres de Gapon, então: "Já não temos czar. Um rio de sangue separa o tsar do povo. Viva a luta pela liberdade!"

6 N.E. *Novas tarefas e novas forças*.

Nós devemos organizar a revolução?

Publicado no nº 7 do *Vperiod*, de 21 de fevereiro (9 de março) de 1905.

[...] Quatorze meses se passaram. O trabalho disruptivo dos mencheviques dentro do partido e a natureza oportunista de sua propaganda tornaram-se perfeitamente claros. Em 9 de janeiro de 1905, revelou-se plenamente a vasta reserva de energia revolucionária possuída pelo proletariado, bem como a total inadequação da organização social-democrata. Parvus voltou a si. Ele escreveu um artigo no *Iskra*, nº 85, que, na verdade, era uma reviravolta: das novas ideias do oportunista novo *Iskra* para as ideias do velho *Iskra* revolucionário. "Havia um herói", exclamou Parvus, referindo-se a Gapon, "mas nenhum líder político, nenhum programa de ação, nenhuma organização... A falta de organização produziu resultados trágicos... As massas estão desunidas, está tudo sem planos, não há centro aglutinador, não há um programa de ação orientador... O movimento decaiu por falta de uma organização aglutinadora e coordenadora". E Parvus propôs a palavra de ordem que sugerimos na edição nº 6 do *Vperiod* – "*organizar a revolução!*"[1] As lições da revolução convenceram Parvus de que "sob as condições políticas atuais, não podemos organizar as centenas de milhares" (referência às massas prontas para a revolta). "Mas", disse ele, repetindo com boa razão uma ideia expressa há muito tempo em *Que fazer?*, "podemos criar uma organização que serviria como uma enzima catalisadora e, no momento da revolução, reuniria centenas de milhares de pessoas ao seu lado. Devemos organizar círculos operários com uma tarefa claramente definida: preparar as massas para a revolta, mobilizá-las para o nosso lado no momento da revolta e lançar a revolta quando a palavra de ordem for emitida."

Finalmente! Nós exclamamos com alívio, quando nos deparamos com essas velhas verdades enterradas no meio dos entulhos do novo *Iskra*. Por fim, o instinto revolucionário de militante do partido proletário prevaleceu, ainda que apenas temporariamente, sobre o oportunismo do *Rabótcheie Diélo*. Por fim, ouvimos a voz de um social-democrata que não se esgueira pela retaguarda da revolução,

1 N.E. Vide o artigo de Lênin *Um acordo militante para o levante*.

mas aponta sem medo a necessidade de apoiar a vanguarda da revolução.

Os neo-iskristas, é claro, não poderiam concordar com Parvus. "Nós não compartilhamos com todas as opiniões expressas pelo camarada Parvus", diz a nota dos editores.

Pudera! De que modo eles "compartilham" dos pontos de vista que "batem na cara" de todos os absurdos oportunistas que eles têm vomitado nos últimos 18 meses!

"Organizar a revolução!" Mas nós não temos o nosso sábio camarada Martínov, que sabe que uma revolução é causada por uma reviravolta completa nas relações sociais e que uma revolução não pode ser ordenada? Martínov explicará a Parvus seu erro e provará que, mesmo que este último tenha em mente a organização da vanguarda da revolução, é, no entanto, uma ideia "jacobina", "estreita" e nociva. Além disso, nosso sábio Martínov traz pela coleira um Triapichkin-Mártov[2], que consegue aprofundar ainda mais seu professor e que pode muito bem substituir a palavra de ordem "organizar a revolução" pela palavra de ordem "*desencadear* a revolução!" (Veja o nº 85 [do *Iskra*]; itálico do autor).

Sim, caro leitor, esta é a palavra de ordem que nos é dada no artigo principal do *Iskra*. Hoje em dia, aparentemente, basta "desencadear" a língua de alguém para uma livre tagarelice-processo, ou para o processo da tagarelice, para ser capaz de escrever artigos importantes. O oportunista invariavelmente exige palavras de ordem que, sob um exame mais minucioso, revelam ser nada além de frases altissonantes, nada além de malabarismo de palavras decadentes.

"Organizem-se e, mais uma vez, organizem-se!", insiste Parvus perante o mundo, como se ele tivesse se tornado bolchevique. Ele não entende, coitado, que a organização é um *processo* (*Iskra*, nº 85, assim como todos os números anteriores do novo *Iskra*, particularmente os magníficos folhetins da magnífica Rosa). Ele não sabe, pobre diabo, que, de acordo com todo o espírito do materialismo dialético, as táticas são, tanto quanto a organização, um processo. Como um "conspirador", ele fala sobre sua organização-como-plano. Como um "*utópico*", ele imagina que alguém pode simplesmente chegar e organizar algo de improviso durante um, Deus nos livre, Segundo ou Terceiro Congresso.

Os Pilares de Hércules do "jacobinismo" deste Parvus falam por si mesmos! "Lançar o levante quando a palavra de ordem for emitida" – imagine isso! É ainda pior do que a ideia de "marcar a hora" da revolta, que foi desmascarada pelo nosso formidável Martínov. Realmente, Parvus deveria aprender uma ou duas lições com Martínov. Ele deveria ler o nº 62 do *Iskra*; o artigo principal lhe contará sobre as "utópicas" ideias prejudiciais acerca da preparação da revolta, que foram divulgadas prematuramente em nosso Partido em 1902 e 1904. Ele deveria ler o prefácio de Axelrod ao panfleto de "Um operário" para aprender que existe "uma praga profunda, perniciosa e totalmente destrutiva para o partido" (sic![3]), que ameaça

2 N.E. Triaptchkin: na comédia *O inspetor geral*, de Gogol, um jornalista inescrupuloso.

3 N.E. O advérbio latino *sic* (por extenso: *sic erat scriptum*, traduzido como "assim estava escrito") é inserido em uma citação que foi transcrita exatamente como encontrada no texto de origem.

a social-democracia por conta das pessoas que "põe todas as suas esperanças em revoltas espontâneas dos elementos das massas mais atrasados, com menos consciência de classe e totalmente selvagens"(!!).

Parvus admite que atualmente é impossível organizar as centenas de milhares e ele considera que nossa tarefa primordial seja "criar uma organização que serviria como uma enzima catalisadora". Como os neo-iskristas podem evitar se contorcer quando essas coisas aparecem nas páginas de seu órgão? Obviamente, uma organização que servirá como enzima catalisadora é simplesmente uma organização de revolucionários profissionais, à simples menção da qual nossos neo-iskristas desmaiam.

Como somos gratos ao *Iskra* por seu editorial ao lado do artigo de Parvus. Quão vividamente se destacam as frases sem sentido, confusas e tagarelas, juntamente com as palavras de ordem revolucionárias claras, distintas, diretas e ousadas do antigo *Iskra*! Não é pura grandiloquência dizer que "a política de confiança está deixando o palco para *nunca mais* enganar a Rússia ou a Europa"? De fato, qualquer edição de jornal burguês europeu mostra que essa enganação ainda está sendo realizada com sucesso. "O liberalismo moderado da Rússia sofreu seu golpe mortal." É de uma ingenuidade política infantil acreditar que o liberalismo está morto quando está apenas tentando ser "político" e passar despercebido. O liberalismo está muito vivo, assumiu uma nova vida. Na verdade, está agora no limiar do poder. A razão pela qual está sendo discreto é que o liberalismo deseja dar seu lance pelo poder no momento certo, com a maior certeza de sucesso e o menor risco. Por esta razão, está sempre se disfarçando para a classe operária. É preciso ser irremediavelmente míope para levar a sério esse flerte (cem vezes mais perigoso precisamente no momento que vivemos) e declarar com orgulho que "o proletariado – o libertador do país, o proletariado – a vanguarda de toda a nação, agora tem o seu *heroico* papel *reconhecido* pela opinião pública dos elementos progressistas da burguesia liberal-democrática". Senhores do novo *Iskra*, quando vocês entenderão que a burguesia liberal reconhece o proletariado como herói *pela mesma razão* que este proletariado, apesar de desferir um golpe no czarismo, ainda não é forte o bastante, ainda não é social-democrata o bastante, para *conquistar* para si o tipo de liberdade que *ele* deseja? Quando vocês entenderão que o que devemos fazer é não nos gabar da atual reverência e retórica dos liberais, mas alertar o proletariado contra isso e mostrar o que está por trás disso? Vocês não enxergam isso? Então, observem o que os *industriais, comerciantes e corretores da bolsa estão dizendo* sobre a necessidade de uma Constituição. É por conta dessas declarações que se fala da morte do liberalismo moderado? Os falastrões liberais cacarejam sobre o heroísmo dos proletários, enquanto os industriais demandam pesadamente e imperiosamente uma minúscula constituição – é assim que as coisas estão, queridos "dirigentes"[4]!

[4] N.A. As linhas acima já haviam sido escritas quando recebemos as seguintes informações interessantes do campo liberal. Um correspondente especial de São Petersburgo do jornal democrático-burguês alemão *Frankfurter Zeitung* (17 de fevereiro de 1905) relata a política do *jornal liberal*

Mas nada se compara com os argumentos do *Iskra* sobre a questão do armamento. "O trabalho de armar o proletariado e construir sistematicamente a organização que garantirá que o ataque generalizado simultâneo do povo ao governo" é declarado uma tarefa "técnica" (?!). E nós, é claro, estamos acima de trivialidades como técnica, vamos à raiz das coisas. "Por mais importantes que sejam (as tarefas 'técnicas'), *não são o centro de gravidade* do nosso trabalho de preparar as massas para a revolta... Todos os esforços das organizações clandestinas não valerão nada se não armarem as pessoas com a única arma indispensável – *a necessidade ardente de atacar a autocracia e de se armar com esse propósito. É sobre a propaganda entre as massas para que se auto-armem com o propósito da revolta* que devemos concentrar nossos esforços." (Os itálicos nas duas últimas passagens são do autor).

Esta é realmente uma maneira profunda de afirmar a questão, nada parecida com a mente limitante de Parvus, que quase chegou ao ponto de "jacobinismo". O cerne da questão não está no trabalho de armar ou na construção sistemática da organização, mas em armar as pessoas com a necessidade ardente de se armar. Que sentimento doloroso de vergonha para a social-democracia se deparar com a visão desses chavões filistinos, que buscam fazer regredir nosso movimento! Armar o povo com a necessidade ardente de se armar é o dever constante e comum dos social-democratas sempre e em todo lugar, e pode ser aplicado igualmente ao Japão como pode à Inglaterra, à Alemanha como pode à Itália. Onde quer que existam classes oprimidas lutando contra a exploração, a doutrina dos socialistas, desde o início, e em primeiro lugar, arma essas classes com a necessidade ardente de se armar, e essa "*necessidade*" está presente logo quando o movimento operário *nasce*. A social-democracia tem apenas que tornar consciente essa necessidade ardente, trazer para si aqueles que têm consciência da necessidade de organização e ação planejada, e a necessidade de considerar toda a situação política. Por favor, sr. Editor do *Iskra*! Por favor, participe de qualquer reunião de operários alemães e veja o ódio contra a polícia, que queima faces por lá; que sarcasmo amargo e punhos cerrados você vai ouvir e ver lá! Qual é a força que mantém em xeque esta necessidade ardente de impor justiça sumária à burguesia e seus servos que maltratam o povo? É a força da organização e da disciplina, a força da consciência, a consciência de que os atos individuais de assassinato são absurdos, que a hora da luta séria revolucionária do povo ainda não chegou, que a situação política não está madura para isso. É por isso que, sob tais circunstâncias, nenhum socialista jamais oferecerá armas ao povo, mas ele sempre terá como seu dever (senão ele não é socialista, mas um simples falastrão) armá-lo com a necessidade ardente de se armar e atacar o inimigo. No entanto,

---

de São Petersburgo: "Os liberais seriam tolos se perdessem um momento como o presente. Os liberais agora têm todos os trunfos em suas mãos, *pois conseguiram atrelar os operários à sua carroça*, enquanto o governo não tem povo, já que a burocracia não dá chance a ninguém". Ora, que santa simplicidade deve reinar no novo *Iskra* se, precisamente em tal momento, se escreve sobre a morte do liberalismo?

as condições na Rússia hoje diferem dessas condições cotidianas de trabalho; portanto, os social-democratas revolucionários, que até agora nunca fizeram um apelo às armas, mas sempre equiparam os operários com a necessidade ardente de se armar – portanto, os social-democratas revolucionários, seguindo a iniciativa dos operários revolucionários, *agora* emitiram a palavra de ordem: "às *armas*!" em tal momento, quando esta palavra de ordem finalmente foi emitida, o *Iskra* entrega-se à declaração de que o principal não é armar, mas a necessidade ardente de armar. O que é isso senão intelectualismo estéril, ruminação lógica e incurável triapichkinismo[5]? Não estão essas pessoas arrastando o partido, mantendo-o longe das tarefas urgentes da vanguarda revolucionária para a contemplação da "retaguarda" do proletariado? Essa vulgarização inacreditável de nossas tarefas não se deve às qualidades individuais de um ou outro Triapichkin, mas a toda posição deles, que tem sido tão inigualavelmente formulada nas palavras-chave organização-como-processo e tática-como-processo. Tal posição, por si só, nos condena necessariamente a temer todas as palavras de ordem definitivas, a recuar de todos os "planos", a se afastar da ousada iniciativa revolucionária, a filosofar e ruminar, a ter medo de correr muito à frente – e isso numa altura em que nós, social-democratas, estamos obviamente atrasados em relação ao proletariado na atividade revolucionária. Realmente, os mortos estão agarrados aos vivos; as teorias mortas do *Rabótcheie Diélo* também são como uma mão morta sobre o novo *Iskra*. [...]

5 N.E. Triaptchkin: na comédia *O inspetor geral*, de Gogol, um jornalista inescrupuloso.

Novas tarefas e novas forças (excertos)

Publicado no nº 9 do *Vperiod*, em 23 de fevereiro (8 de março) de 1905.

O desenvolvimento do movimento operário de massas na Rússia, em ligação com o desenvolvimento da social-democracia, caracteriza-se por três transições notáveis. Primeira transição – dos estreitos círculos de propaganda para a ampla agitação econômica entre a massa; segunda – para a agitação política em grande escala e as manifestações de rua abertas; terceira – para uma verdadeira guerra civil, para a luta revolucionária direta, para a insurreição popular armada. Cada uma destas transições foi preparada, por um lado, pelo trabalho do pensamento socialista predominantemente numa direção, e por outro lado por profundas mudanças nas condições de vida e em toda a estrutura psíquica da classe operária, pelo despertar de novas e mais novas camadas da mesma para uma luta mais consciente e ativa. Estas mudanças ocorreram, por vezes, silenciosamente, a acumulação de forças pelo proletariado realizou-se nos bastidores, sem chamar a atenção, provocando não raramente um desapontamento dos intelectuais quanto à solidez e vitalidade do movimento de massas. Depois surgia uma viragem, e todo o movimento revolucionário se elevava, como que de repente, a um grau novo e mais elevado. Ao proletariado e ao seu destacamento de vanguarda, a social-democracia, colocavam-se tarefas *praticamente* novas, e para resolver estas tarefas surgiam como que do chão novas forças, de que ninguém suspeitava ainda na véspera da viragem. Mas tudo isto aconteceu não de uma vez, não sem vacilações, não sem uma luta de orientações na social-democracia, não sem retornos a concepções caducas que há muito pareciam mortas e enterradas.

A social-democracia da Rússia está precisamente a atravessar um desses períodos de vacilações. Tempo houve em que a transição para a agitação política abria caminho através de teorias oportunistas, em que se temia que não houvesse forças para as novas tarefas, em que o atraso da social-democracia em relação às exigências do proletariado era justificado com a desmedida repetição das palavras

"de classe" ou com a interpretação reboquista[1] da atitude do partido para com a classe. O curso do movimento varreu todos estes receios míopes e concepções atrasadas. Agora um novo ascenso é de novo acompanhado, embora de uma forma um pouco diferente, por uma luta contra os círculos e orientações caducas. Os *rabótcheie-dieloista* ressuscitaram na pessoa dos neo-iskristas. Para adaptar a nossa tática e organização às novas tarefas é preciso ultrapassar a resistência das teorias oportunistas sobre "um tipo superior de manifestação" (o plano da campanha dos *Zemstvos*[2]) ou sobre a "organização-processo", é preciso lutar contra o medo reacionário de "marcar" a insurreição ou da ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato. O atraso da social-democracia em relação às exigências prementes do proletariado é mais uma vez justificado com uma desmedida (e muitas vezes pouco inteligente) repetição das palavras "de classe" e com um rebaixamento das tarefas do partido em relação à classe. A palavra de ordem de "atividade independente operária" é novamente mal utilizada por pessoas que reverenciam as formas inferiores da atividade independente e ignoram as formas superiores da atividade independente realmente social-democrata, da iniciativa realmente revolucionária do próprio proletariado.

Não há a menor dúvida de que o curso do movimento varrerá também desta vez todos estes vestígios de concepções caducas e sem vida. Esse varrer não deve, contudo, consistir de modo nenhum apenas na refutação dos velhos erros, mas incomparavelmente mais num trabalho revolucionário positivo para realizar na prática as novas tarefas, para que o nosso partido atraia e utilize as novas forças, que avançam agora em massa tão gigantesca para o campo revolucionário. São precisamente estas questões do trabalho revolucionário positivo que devem constituir o objeto principal das deliberações do III Congresso vindouro, é precisamente nelas que devem agora concentrar os seus pensamentos todos os membros do nosso partido no seu trabalho local e geral. Já dissemos mais de uma vez em traços gerais quais são as novas tarefas que se nos colocam: alargamento da agitação a novas camadas dos pobres da cidade e do campo, criação de uma organização mais ampla, flexível e sólida, preparação da insurreição e armamento do povo, acordo com a democracia revolucionária com estes objetivos. Quais são as novas forças para a realização destas tarefas, disso falam eloquentemente as notícias sobre as greves gerais em toda a Rússia, sobre as greves e disposição revolucionária da juventude, da intelectualidade democrática em geral e mesmo de muitos círculos da burguesia. A existência destas imensas forças frescas, a plena

---

1 N.E. Lênin utilizada também o termo *khvostizm* ("rabismo", em tradução literal; "caudatarismo", em tradução mais refinada), que foi traduzido comumente para o português como "seguidismo" ou "reboquismo" – expressando a ideia de uma organização política que não dirige as massas, mas as segue; que age não como vanguarda, mas como retaguarda.

2 N.E. Lênin criticava a decisão menchevique de declarar apoio aos congressos, assembleias e banquetes das personalidades dos órgãos locais de auto-administração (*Zemstvos*), em que se pronunciavam discursos e se adotavam resoluções no espírito das reivindicações constitucionais moderadas.

convicção de que mesmo a atual efervescência revolucionária, nunca vista na Rússia, ainda só abarcou uma pequena parte de toda a gigantesca reserva de material inflamável que existe na classe operária e no campesinato, tudo isto garante plena e absolutamente que as novas tarefas podem ser resolvidas e serão necessariamente resolvidas. A questão prática que se nos coloca consiste antes de mais nada em *como precisamente* utilizar, dirigir, unir e organizar estas novas forças, *como precisamente* concentrar o trabalho social-democrata principalmente nas novas tarefas superiores avançadas pelo momento, sem ao mesmo tempo esquecer de modo nenhum as tarefas velhas e habituais que se nos colocam e colocarão enquanto existir o mundo da exploração capitalista.

[...]

Quanto mais se amplia o movimento popular, tanto mais se revela a verdadeira natureza das diferentes classes, tanto mais premente é a tarefa do *partido* de dirigir a classe, de ser o seu organizador, e de não se arrastar atrás dos acontecimentos. Quanto mais se desenvolve em toda a parte toda a espécie de atividade independente revolucionária, tanto mais evidente se torna como são vazias e falhas de conteúdo as palavrinhas *rabótcheie-dieloista* sobre a atividade independente em geral, de tão boa vontade repetidas por qualquer falastrão, tanto maior é a importância da atividade independente *social-democrata* e tanto mais elevadas as exigências que os acontecimentos colocam à nossa *iniciativa revolucionária*. Quanto mais amplas forem as novas e novas torrentes do movimento social, tanto mais importante é uma organização social-democrata sólida que seja capaz de criar novos canais para estas torrentes. Quanto mais trabalharem a nosso favor a propaganda e agitação democráticas que se processam independentemente de nós, tanto mais importante é a direção organizada da social-democracia para salvaguardar a independência da classe operária em relação à democracia burguesa.

Uma época revolucionária é para a social-democracia o mesmo que para um exército o tempo de guerra. É preciso alargar os quadros do nosso exército, passá-lo dos contingentes de paz aos de guerra, mobilizar os reservistas, chamar às fileiras os que estão de licença, formar novos corpos, destacamentos e serviços auxiliares. É preciso não esquecer que na guerra é inevitável e necessário completar as nossas fileiras com recrutas menos preparados, substituir muitas vezes os oficiais por simples soldados, apressar e simplificar a promoção de soldados a oficiais.

Falando sem metáforas: é preciso ampliar fortemente o número de membros de toda a espécie de organizações do partido ou aderentes ao partido para acompanhar ainda que minimamente a torrente de energia revolucionária popular, que cresceu cem vezes. Isto não significa, evidentemente, que se deva deixar na sombra a preparação consequente e o ensino sistemático das verdades do marxismo. Não, mas é preciso recordar que agora na preparação e educação têm uma importância muito maior as próprias ações de guerra, que ensinam os impreparados precisamente *na nossa* e inteiramente na nossa orientação. É preciso recordar que a nossa

fidelidade "doutrinária" ao marxismo é agora reforçada pelo fato de o curso dos acontecimentos revolucionários dar em toda a parte *lições concretas à massa* e de todas estas lições confirmarem precisamente o nosso dogma. Consequentemente, não é de renúncia ao dogma que falamos, não é de enfraquecimento da nossa atitude de desconfiança e reserva em relação aos intelectuais indistintos e aos inúteis revolucionários, muito pelo contrário. Falamos de novos métodos de ensinar o dogma que seria inadmissível um social-democrata esquecer. Falamos de como agora é importante aproveitar as claras lições dos grandes acontecimentos revolucionários para ensinar, não já aos círculos, mas às massas, as nossas velhas lições "dogmáticas" acerca, por exemplo, de que é necessário fundir na prática o terror com a insurreição das massas, de que por trás do liberalismo da sociedade russa instruída é preciso saber ver os interesses de classe da nossa burguesia (ver a polêmica com os Socialistas-Revolucionários sobre esta questão no n° 3 do *Vperiod*).

Quer dizer que não é do enfraquecimento da nossa exigência social-democrata, da nossa intransigência ortodoxa, que se trata, mas do reforço de uma e outra por *novas* vias, por novos métodos de ensino. Em tempo de guerra é preciso instruir os recrutas diretamente nas ações de guerra. Por isso lançai mão com mais audácia de novos meios de ensino, camaradas! Formai com mais ousadia novos e novos destacamentos, lançai-os na batalha, recrutai mais jovens operários, alargai o quadro habitual de todas as organizações do partido, a começar pelos comitês e a acabar nos grupos de fábrica, nas associações profissionais e nos círculos estudantis! Lembrai-vos que qualquer demora nossa neste trabalho serve os inimigos da social-democracia, pois os novos regatos procuram uma saída imediata e, não encontrando um canal social-democrata, lançar-se-ão para um canal não social-democrata. Lembrai-vos que cada passo prático do movimento revolucionário ensinará inevitável e inexoravelmente aos jovens recrutas precisamente a ciência social-democrata, pois esta ciência baseia-se numa avaliação objetivamente correta das forças e tendências das diferentes classes, e a revolução não é senão a destruição das velhas superestruturas e a atuação independente das diferentes classes que aspiram a criar à sua maneira a nova superestrutura. Mas não rebaixeis a nossa ciência revolucionária a um simples dogma livresco, não a vulgarizeis com frases miseráveis acerca da tática-processo, da organização-processo, com frases que justificam a confusão, a indecisão e a falta de iniciativa. É preciso dar maior amplitude aos mais diversos empreendimentos dos mais diferentes grupos e círculos, tendo em mente que a justeza da sua via é assegurada, para além dos nossos conselhos e independentemente dos nossos conselhos, pelas exigências inexoráveis do próprio curso dos acontecimentos revolucionários. Foi dito já há muito tempo que em política muitas vezes é preciso aprender com o inimigo. E em momentos revolucionários o inimigo impõe-nos sempre conclusões corretas de modo particularmente instrutivo e rápido.

Assim, resumamos: é preciso ter em conta o movimento que cresceu cem vezes, é preciso ter em conta o novo ritmo de trabalho, a atmosfera mais livre, o

campo de atividade mais amplo. É necessária uma envergadura completamente diferente de todo o trabalho. É preciso deslocar o centro de gravidade dos métodos de ensino das pacíficas lições dos professores para as ações de guerra. É preciso recrutar mais audaciosa, ampla e rapidamente jovens combatentes para as fileiras de *todas* as nossas organizações de *toda a espécie*. É preciso criar para isto, sem demorar um minuto, *centenas* de novas organizações. Sim, centenas, não é uma hipérbole, e não me respondam que agora "é tarde" para nos ocuparmos de um trabalho de organização tão amplo. Não, nunca é tarde para se organizar. E devemos utilizar a liberdade que adquirimos pela lei e que conquistamos apesar da lei para multiplicar e reforçar todas as organizações do partido de toda a espécie. Qualquer que seja o curso e o desfecho da revolução, por mais cedo que ela seja detida por estas ou aquelas circunstâncias, todas as suas aquisições reais só serão sólidas e seguras na medida em que o proletariado esteja organizado.

A palavra de ordem "organizai-vos!", que os partidários da maioria queriam lançar de modo formalizado no segundo congresso do partido, deve ser posta em prática imediatamente. Se não soubermos com ousadia e iniciativa criar novas organizações, teremos de renunciar a ocas pretensões ao papel de vanguarda. Se nos detivermos desamparadamente nos limites, formas e quadros já adquiridos dos comitês, grupos, assembleias, círculos, mostraremos com isto a nossa incapacidade. Milhares de círculos surgem agora por toda a parte, independentemente de nós, sem qualquer programa e objetivo definidos, simplesmente sob influência dos acontecimentos. É preciso que os social-democratas se coloquem a si próprios a tarefa de criar e reforçar relações diretas com o maior número possível desses círculos, para os ajudar, esclarecer com os seus conhecimentos e experiência, impulsionar com a sua iniciativa revolucionária. Que todos esses círculos, exceto os conscientemente não-social-democratas, ou entrem diretamente para o partido ou *apoiem o partido*. Neste último caso não se pode exigir nem a aceitação do nosso programa nem relações organizativas obrigatórias conosco: basta o sentimento de protesto, a simpatia com a causa da social-democracia revolucionária internacional, para que esses círculos que *nos apoiam*, havendo uma intervenção enérgica dos social-democratas e sob o impacto do curso dos acontecimentos, se transformem, primeiro, em auxiliares democráticos do partido operário social-democrata e, depois, em seus membros convictos.

Há muita gente e não há gente – nesta fórmula contraditória se expressou já há muito a contradição da vida organizativa e as exigências organizativas da social-democracia. E esta contradição manifesta-se hoje com particular força: ouvem-se de todo o lado com igual frequência apaixonados apelos a novas forças, queixas pela falta de gente nas organizações e, em paralelo a isso, por toda a parte uma gigantesca oferta de serviços, o crescimento das forças jovens, particularmente entre a classe operária. O organizador prático que nestas condições se queixa da falta de gente cai na mesma ilusão em que na época do culminar do desenvolvimento da grande revolução francesa caiu Madame Roland, que escreveu em 1793: em França não

há homens, só há pigmeus. Quem assim fala não vê a floresta por trás das árvores, confessa que os acontecimentos o cegaram, que não é ele, o revolucionário, que os domina na sua consciência e na sua atividade, mas eles que o dominam, que o esmagaram. Para esse organizador seria *melhor aposentar-se*, dar lugar a forças jovens, cuja energia compensará de sobra a velha e decorada rotina.

Há gente, a Rússia revolucionária nunca teve tanta gente como agora. Nunca uma classe revolucionária teve condições tão favoráveis – quanto a aliados temporários, amigos conscientes, auxiliares involuntários – como o proletariado russo atual. Há uma enorme quantidade de gente, só é preciso lançar pela janela as ideias e preceitos reboquistas, só é preciso dar amplitude à inovação e à iniciativa, aos "planos" e "empreendimentos", e então seremos dignos representantes da grande classe revolucionária, então o proletariado da Rússia levará a cabo *toda a grande revolução russa* tão heroicamente como a iniciou.

há homens, só há pigmeus. Quem assim fala não vê a floresta por trás das árvores, confessa que os acontecimentos o cegaram, que não é ele, o revolucionário, que os domina na sua consciência e na sua atividade, mas eles que o dominam, que o esmagaram. Para esse organizador seria *melhor aposentar-se*, dar lugar a forças jovens, cuja energia compensará de sobra a velha e decorada rotina.

Há gente, a Rússia revolucionária nunca teve tanta gente como agora. Nunca uma classe revolucionária teve condições tão favoráveis – quanto a aliados temporários, amigos conscientes, auxiliares involuntários – como o proletariado russo atual. Há uma enorme quantidade de gente, só é preciso lançar pela janela as ideias e preceitos reboquistas, só é preciso dar amplitude à inovação e à iniciativa, aos "planos" e "empreendimentos", e então seremos dignos representantes da grande classe revolucionária, então o proletariado da Rússia levará a cabo *toda a grande revolução russa* tão heroicamente como a iniciou.

Registro da discussão no clube da maioria em Genebra (excerto)

Conforme ata datada de 5 de março de 1905. Publicado pela primeira vez em 1934. O Clube da Maioria do Partido em Genebra foi formado em uma conferência de grupos de propaganda do POSDR no exterior, em 13 de janeiro de 1905, e era composto por quatro seções, especializadas em questões de 1) organização, 2) propaganda, 3) agitação e 4) questões técnicas.

I

Lênin. Propõe que todos os resultados dos trabalhos da seção sejam tornados públicos – sobretudo, que Stepánov apresente o seu relatório por escrito, bem como a ata. O resumo geral das atas deve ser transmitido ao Congresso; poderia fornecer muitas indicações práticas durante os trabalhos do Congresso. O relatório de Stepánov é, lamentavelmente, de caráter muito abstrato. Para que os relatórios sirvam de base para conclusões exatas na forma de resoluções, eles devem ser mais específicos. Com esse fim em vista, proponho elaborar um questionário para os camaradas na Rússia e no exterior, e eles devem dar respostas exatas às perguntas feitas (sim, não, tantas). Uma fotografia de seu trabalho, por exemplo: em que cidade trabalhou, que questões se decidiram nas reuniões etc. Embora as conclusões resumidas até possam produzir algo, repito, é impossível tirar delas conclusões precisas. Então proponho que o círculo comece a elaborar tal questionário a ser distribuído entre os camaradas na Rússia e no exterior, para que respondam todas as perguntas com brevidade. Se tivermos à nossa disposição material bruto desse tipo (se 100–200 camaradas responderem), o congresso poderia usá-lo para conclusões precisas.

Reitero minhas propostas: em primeiro lugar, um resumo de todas as atas e também as próprias atas devem ser submetidas ao Congresso; em segundo lugar, deve-se iniciar a elaboração de um questionário. Isso deve ser feito imediatamente, sem qualquer demora, e proponho que todos os trabalhos da seção sejam encerrados em favor da colocação da ata em ordem e da redação de um relatório para o Congresso.

Sobre os relatórios quinzenais das organizações partidárias

Escrito no final de abril de 1905. Publicado pela primeira vez em 1926.

Os relatórios quinzenais de *todas* as organizações partidárias, especialmente de todas as organizações partidárias *operárias*, seriam importantíssimos para a consolidação da composição e da coesão organizacional do partido, em particular para a reestruturação da representação partidária (nos congressos) em conformidade com o número dos operários organizados. Esses relatórios poderiam, em excertos, ser publicados no Órgão Central do Partido, proporcionando assim o mais valioso material sobre a vida real e genuína do Partido.

O número de membros nos círculos, grupos etc. também pode ser publicado, usando uma ou duas letras para indicar este ou aquele grupo ou organização. Esses relatórios sobre a composição das organizações do nosso Partido serviriam como um bom material para o controle. (A objeção de que eles ocupariam muito espaço é infundada. Com duas letras e dois números para indicar o número de membros – por exemplo: ab13, cd41, ef17 etc. – teríamos onze dessas mensagens por linha, em uma coluna de jornal.) O congresso deveria ter dividido o intervalo entre o III e o IV congresso (1 ano) em duas partes. Durante a primeira metade, cada organização do Partido, desde a célula operária classista mais baixa do nosso Partido, deve ser constituída e por todos os meios *estabelecer* relações adequadas com o centro, apresentando relatórios quinzenais adequados. Eu digo *estabelecer* porque não basta pegar o endereço e escrever, é preciso verificar os endereços, certificar-se que os relatórios cheguem etc., etc. Para o estabelecimento de um novo costume de relatórios (quinzenais) com total regularidade, um período de 4-5 meses[1] pode ser considerado suficiente, seguramente. Sem dúvida, dada a vontade, isso poderia ser feito em um terço do tempo.

1 N.A. Durante este período, *cada* organização deve informar ao centro sobre seu código (duas ou três letras = o *nome* da organização) e conseguir a colocação de pelo menos um relatório no Órgão Central, para que *todos* os membros desta organização estejam convencidos de sua conexão com o centro.

Então, no segundo semestre, os informes quinzenais das organizações partidárias já podem ter, por assim dizer, valor constitucional, ou seja, a alteração da representação do partido no IV Congresso pode depender diretamente deles. Por exemplo, o III Congresso, digamos, decide em abril de 1905: apenas aqueles que entregaram relatórios quinzenais adequados ao centro desde 1º de setembro de 1905 são considerados organizações partidárias que têm o direito de ser levadas em consideração na reelaboração da representação do partido no IV Congresso. Somente com base nesses relatórios com, pelo menos, três meses de antecedência (ou seja, um mínimo de 6 relatórios) a representação congressual partidária será determinada no IV Congresso em proporção ao número de operários social-democratas organizados em sindicatos em cada localidade. O número de membros deve, portanto, ser indicado incondicionalmente em cada relatório.

O III Congresso do POSDR (excertos)

O III Congresso do POSDR foi realizado em Londres, de 12 a 27 de abril (25 de abril a 10 de maio) de 1905, preparado pelos bolcheviques. Os mencheviques foram convidados, mas recusaram-se a comparecer, formando uma conferência paralela em Genebra. O Congresso contou com a presença de 38 delegados: 24 com votos decisivos e 14 com votos consultivos. Lênin era delegado pelo Comitê de Odessa e foi eleito presidente do Congresso, que examinou as questões fundamentais do desenrolar da revolução na Rússia e definiu as tarefas[1] do proletariado e de seu partido. O congresso revisou o Estatuto partidário; eliminou o sistema de dois centros (Comitê Central e Órgão Central) e criou um único centro partidário, o Comitê Central; definiu com precisão os direitos do Comitê Central e suas relações com os comitês locais. O III Congresso também encarregou o Comitê Central da criação de um novo Órgão Central – o jornal *Proletarii*. Lênin foi nomeado editor do *Proletarii* no plenário do Comitê Central de 27 de abril (10 de maio) de 1905.

Discurso sobre a validade do congresso

13 (26) de abril

Desejo responder às observações aqui feitas a respeito da validade da convocação deste Congresso. O Comitê Central desautorizou o Congresso. O CC caracterizou sua própria mensagem ao Conselho do Partido como "digna de arrependimento". Mas o CC tinha algo pelo que se arrepender? O Congresso é perfeitamente válido. Ele poderia, é certo, ser considerado inválido de acordo com a letra do Estatuto, mas seria um formalismo grotesco de nossa parte dar ao Estatuto tal interpretação. De acordo com o espírito do Estatuto, a validade do Congresso está fora de questão. O Conselho do Partido existe para o Partido, e não o Partido para o Conselho. No II Congresso, em conexão com o incidente do Comitê Organizador, foi apontado, por ninguém menos que o camarada Plekhánov, que a disciplina em relação a um órgão inferior tem precedência em relação à disciplina em relação a um órgão superior. O CC declarou sua disposição de submeter-se ao Conselho do Partido, se este último se submetesse ao Partido, a saber, ao Congresso. Era uma exigência perfeitamente legítima, mas o Conselho do Partido a rejeitou. Mas o CC, dizem, começou a duvidar da lealdade do Conselho do Partido e expressou sua falta de confiança nele. No entanto, como sabemos, em todos os países governados constitucionalmente, os cidadãos têm o direito de expressar sua falta de confiança em qualquer servidor ou instituição pública. Este é seu direito ina-

1 N.E. O congresso traçou o plano estratégico do partido na revolução democrático-burguesa, que consistia em transformar o proletariado na vanguarda da revolução e, em aliança com o campesinato, isolar a burguesia e lutar pela vitória da revolução até o fim – pela derrubada da autocracia e pelo estabelecimento de uma república democrática, pela eliminação de todos os vestígios da servidão (enquanto a burguesia se dispunha à reconciliação "constitucional" com a monarquia). Partindo desse plano estratégico, o congresso definiu a linha tática do partido: como tarefa principal e urgente do partido, o congresso propôs a organização de um levante armado. O congresso destacou que, a partir da vitória do levante popular armado, seria criado um governo revolucionário provisório, que suprimiria a resistência da contrarrevolução, implementaria o programa mínimo do POSDR e prepararia as condições para a transição para o estágio socialista da revolução.

lienável. Finalmente, mesmo que o CC tenha agido injustificadamente, isso dá ao Conselho do Partido o direito também de agir injustificadamente? Que garantia existe de que será efetivamente aplicada a cláusula do Estatuto que obriga o Conselho do Partido a convocar o Congresso mediante o seu aval por metade dos votos qualificados? O Estatuto do Partido Social-Democrata da Alemanha contém uma cláusula que autoriza a Comissão de Controle a convocar um congresso, caso o *Vorstand*[2] se recuse a fazê-lo. Não temos essa disposição, e cabe inteiramente ao Partido garantir que o Congresso seja convocado. Pelo espírito do Estatuto, e mesmo literalmente, se ele for tomado em conjunto, fica claro que o Conselho do Partido é o agente dos comitês do Partido. O agente dos comitês se recusa a cumprir a solicitação de seus mandantes. Se o agente não cumprir a vontade do Partido, resta ao Partido executar ele mesmo a sua vontade. Os comitês do Partido não só tinham o direito de convocar o Congresso, mas eram obrigados a fazê-lo. Afirmo que o Congresso foi convocado de forma perfeitamente legítima. Quem é o juiz nesta disputa entre o Conselho do Partido e os comitês? Ora, esses mesmos comitês, o Partido. A vontade do Partido foi expressa há muito tempo. Toda a demora e procrastinação por parte dos centros no exterior não podia alterá-la. Os comitês foram obrigados a convocar o Congresso eles próprios, e o Congresso foi convocado legalmente.

Agora, para ir ao encontro do ponto do camarada Tigrov. O camarada Tigrov diz que não devemos julgar o Conselho do Partido. Mas todo o relatório do Comitê Organizador é um julgamento do Conselho do Partido. Acho que o camarada Tigrov erra ao sustentar que não devemos julgar o acusado à revelia. Na política, somos constantemente compelidos a julgar à revelia. Não julgamos constantemente os Socialistas-Revolucionários, os Bundistas e outros em nossos escritos, em nossas reuniões e em todos os lugares? O que mais podemos fazer senão julgar à revelia, se o Conselho do Partido se recusa a comparecer ao Congresso? Nesse caso, nunca poderíamos julgar ninguém. Mesmo um tribunal oficial julga *in absentia* se o acusado se recusar a comparecer perante ele.

Discurso no debate sobre o regimento do Congresso

13 (26) de abril

É perigoso substituir as sessões plenárias do Congresso por comissões. As comissões discutem muitas questões interessantes que depois se perdem e não aparecem nas atas. As comissões não têm tempo suficiente para um trabalho sério, e não é desejável estendê-lo em detrimento do trabalho do Congresso. Seria bom eleger imediatamente uma comissão de resoluções, para dar ao nosso trabalho alguma direção, pelo menos. Também precisamos de uma comissão para examinar os relatórios. Duvido que necessitemos de comissões para as questões organizacionais, agrária e do levante armado. Temos o antigo regimento, o esboço de Ivanov, a opinião do camarada N. F.[3], temos material suficiente.

---

2 N.E. Em alemão no original: "comitê executivo".

3 N.E. O projeto de Ivanov (Bogdánov), que Lênin menciona, era o novo projeto de Estatuto do

Discurso apresentando um projeto de resolução sobre a eleição de comitês para o exame dos relatórios dos delegados e projetos de resolução

13 (26) de abril

Proponho esta resolução: "O Congresso elegerá: 1) uma comissão para examinar os relatórios dos delegados e prepará-los para comunicação ao Congresso; 2) uma comissão para a indicação de relatores e para a elaboração de resoluções sobre os principais itens da ordem do dia".

Os discursos dos delegados me convenceram de que só assim podemos trabalhar de maneira frutífera. Se adotarmos o sistema de debate geral e discussão posterior em comissões, o resultado será semelhante ao do II Congresso. Deve-se ter o cuidado de que as deliberações do Congresso sejam publicadas da maneira mais completa possível, a fim de dar ao Partido as melhores informações. Dada a atmosfera de desconfiança que cerca o Congresso, é especialmente necessário dar aos nossos debates a maior publicidade possível e o mais completo registro em ata.

Ao presidium do Congresso[4]

Escrito em 20 de abril (3 de maio) de 1905

Considero oportuno aprovar uma resolução (sobre a atitude dos operários para com os intelectuais).

Esboço de discurso sobre a questão das relações entre operários e intelectuais nas organizações social-democratas[5]

Escrito em 20 de abril (3 de maio) de 1905

Esboço do meu discurso em 3 de maio (sessão 15).

1. Não é justo dizer (como fez Vlasov) que em nosso país os intelectuais são os principais expoentes das ideias revolucionárias da social-democracia.

2. Não é correto dizer (como fez Vlasov) que o princípio eleitoral não permitirá uma melhor informação dos distritos periféricos etc.

3. Vlasov disse que são os intelectuais que estão à frente (das cisões e oposi-

---

POSDR submetido ao Congresso pelo Bureau dos Comitês da Maioria. Foi publicado no nº 13 do *Vperyod*, em 5 de abril (23 de março) de 1905, sob o título *A questão organizacional*. O projeto, com algumas emendas delineadas nas reuniões preliminares dos delegados, foi lido por Bogdánov (Maxímov) na tarde da décima quinta sessão do Congresso, em 20 de abril (3 de maio). As observações de N. F. (B. B. Essen) sobre o projeto de Ivanov foram publicadas sob o título *Acerca do projeto de estatuto partidário* no suplemento ao nº 15 do *Vperyod*, em 20 (7) de abril de 1905.

4 N.E. Durante a discussão na décima quinta sessão, em 20 de abril (3 de maio), alguns delegados afirmaram que não existia no Partido um problema de relação entre operários e intelectuais, e que não havia necessidade de adotar qualquer resolução sobre o assunto. O Congresso resolveu adiar o assunto até após a votação do Estatuto. Na décima nona sessão, de 22 de abril (5 de maio), o Congresso retomou a discussão da questão. Várias resoluções foram propostas. O esboço de Lênin e Bogdánov (abaixo) foi adotado como base para a discussão. Por votação nominal, o Congresso decidiu não adotar qualquer resolução especial sobre a questão. As propostas de Lênin foram levadas em consideração na resolução sobre propaganda e agitação (abaixo).

5 N.E. Os discursos não foram taquigrafados e, de acordo com o regulamento congressual, cada orador teve de apresentar um resumo do seu discurso ao Bureau do Congresso no prazo de duas horas após a sessão.

ções). Isso é confirmado por Latishev, Liadov, Kramolnikov etc.

4. *Os operários **precisam** ser trazidos para os comitês.*

Discurso sobre a questão das relações entre operários e intelectuais nas organizações social-democratas

20 de abril (3 de maio)

Não posso concordar com os camaradas que afirmaram ser inapropriado alargar o âmbito desta questão. É bastante apropriado.

Foi dito aqui que os expoentes das ideias social-democratas foram principalmente intelectuais. Isso não é verdade. Durante o período do economicismo, os expoentes das ideias revolucionárias eram operários, não intelectuais. Isso é confirmado por "Um Operário", autor do panfleto publicado com prefácio do camarada Axelrod.

O camarada Sergeiev afirmou aqui que o princípio eleitoral não proporcionará melhores informações. Isso não é verdade. Se o princípio eleitoral fosse aplicado na prática, estaríamos inquestionavelmente muito melhor informados do que agora.

Também foi apontado que as cisões geralmente são obra de intelectuais. Este é um ponto importante, mas não resolve a questão. Em meus escritos para a imprensa, há muito apelo para que o maior número possível de operários seja introduzido nos comitês[6]. O período desde o II Congresso foi marcado por uma atenção inadequada a essa necessidade – essa é a impressão que tive, pelas conversas com camaradas engajados no trabalho prático do Partido. Se em Saratov apenas um operário foi colocado no comitê, isso significa que eles não souberam como escolher pessoas adequadas entre os operários. Sem dúvida, isso se deveu também à divisão dentro do Partido; a luta pelos comitês prejudicou o trabalho prático. Por isso mesmo, nos esforçamos de todas as formas para agilizar a convocação do Congresso.

Caberá ao futuro centro reorganizar uma quantidade considerável dos nossos comitês; a inércia dos membros dos comitês deve ser superada. [*Aplausos e vaias.*]

Posso ouvir o camarada Sergeiev vaiar, enquanto os não-membros do comitê aplaudem. Acho que devemos olhar para o assunto de forma mais ampla. Colocar operários nos comitês é uma tarefa política, não apenas pedagógica. Os operários têm instinto de classe e, com alguma experiência política, logo se tornam robustos social-democratas. Eu seria fortemente a favor de termos oito operários para cada dois intelectuais em nossos comitês. Se o conselho fornecido na nossa literatura partidária – colocar o maior número possível de operários nos comitês – fosse insuficiente, seria aconselhável que essa recomendação fosse feita em nome do Congresso. Uma diretriz clara e definitiva do Congresso nos dará um meio radical de lutar contra a demagogia; esta é a vontade expressa do Congresso.

---

6 N.E. Vide *Carta a um camarada.*

Discurso durante a discussão do Estatuto partidário

21 de abril (4 de maio)

Devo confessar que os argumentos empregados pelo camarada Ivanov em defesa de sua ideia de um centro único me parecem insustentáveis. [O palestrante lê a argumentação do camarada Ivanov]:

> Sobre as cláusulas 4 e 5. O sistema de dois centros com um balanceador, o Conselho, foi condenado pela experiência pregressa. A história da crise do Partido mostra claramente que esse sistema oferece um solo favorável demais para o crescimento de controvérsias, divergências e intrigas palacianas. Significa a subordinação do pessoal na Rússia ao pessoal no exterior: devido às prisões, o pessoal do Comitê Central é instável, enquanto o Conselho Editorial do Órgão Central é constante; e o Conselho reside no exterior. Por um lado, todas as objeções mais importantes contra um centro único, baseadas na separação real entre o pessoal na Rússia e o pessoal no exterior, apenas confirmam a ideia de que uma divisão entre os dois centros é possível e até provável. Por outro lado, essas objeções em grande parte desaparecem se o Congresso tornar obrigatórias as conferências periódicas entre os membros russos do CC e os membros no exterior.

Verificou-se, entretanto, que as belas qualidades aqui mencionadas são possuídas em igual medida tanto pelo Órgão Central no exterior quanto pelo Comitê Central "genuinamente russo". Em todo o raciocínio do camarada Ivanov, percebo a falácia concebida pela lógica como *post hoc, ergo propter hoc*[7]. Como os três centros têm, com o perdão pela expressão, jogado sujo conosco, tenhamos um único centro. Não consigo ver o *propter*[8] aqui. Nossos problemas não são devidos ao mecanismo, mas às pessoas; o que aconteceu foi que certas pessoas, usando uma interpretação formal do Estatuto como subterfúgio, ignoraram a vontade do Congresso. O CC "genuinamente russo" não tem, "dialeticamente", se transformou em seu oposto exato? O raciocínio do camarada Ivanov é: o grupo no exterior agiu de maneira mesquinha; devemos, portanto, colocá-lo em "estado de sítio" e mantê-lo "sob controle". Como sabem, sempre defendi o "estado de sítio" e as "rédeas curtas", pelo que não levantarei objeções a tais medidas. Mas o CC não merece o mesmo tratamento? Além disso, quem negará que o Órgão Central pode ser constante, enquanto o CC não pode? Afinal, isso é um fato. Mas, na prática, devo me abster de toda polêmica. Antes tínhamos o Conselho e agora teremos uma conferência (da seção do CC trabalhando no exterior com a seção trabalhando na Rússia). Uma diferença de apenas algumas letras. Nosso trem oscilou o tempo todo para a direita, em direção ao Órgão Central – o camarada Ivanov colocou a palha sob o lado direito, para amortecer a queda. Mas acho que ela deveria ser colocada do lado esquerdo também, do lado do CC. Eu subscreveria a proposta do camarada Mikhailov de destituir os comitês, mas realmente não sei o que exatamente é a periferia. Os "aquecedores de cadeiras e guardiões do selo"[9] devem

7 N.E. A expressão latina ("depois disso, logo, causado por isso") designa uma falácia lógica também conhecida como correlação coincidente, que consiste na ideia de que dois eventos que ocorram em sequência cronológica estão necessariamente interligados através de uma relação de causa e efeito.

8 N.E. Em latim: "por causa".

9 N.E. Em linguagem figurada, "burocratas". Referência ao selo oficial do CC do POSDR, estam-

ser todos dedetizados; mas como definir com precisão o conceito de "periferia"? "Dois terços dos votos da periferia!" – mas quem pode manter um registro rigoroso da periferia? Devo, além disso, advertir o Congresso contra sobrecarregar o Estatuto com muitas cláusulas. É fácil escrever cláusulas legais, mas, na prática, elas geralmente se revelam supérfluas. O Estatuto não deve ser uma coleção de pios desejos.

Discurso sobre a redação da nona cláusula do Estatuto partidário

21 de abril (4 de maio)

Eu era favorável a destituir os comitês, mas no Conselho do Partido, na época em que nossa disputa fracionária estava no auge da ferocidade, me pronunciei contra, pois teria havido uma certa impropriedade no exercício desse direito. Se esta cláusula constitui uma ameaça aos comitês formados por intelectuais, então sou totalmente a favor. Deve-se manter sempre um controle rígido sobre a intelectualidade. Ela é sempre a instigadora de todos os tipos de controvérsias e, portanto, proponho que substituamos a palavra "periferia" pelas palavras "operários organizados" [o orador apresenta sua emenda por escrito: "Cláusula 9. Um comitê local deve ser destituído pelo CC se dois terços dos operários locais pertencentes às organizações do Partido aprovarem tal dissolução."]

Não se pode contar com uma pequena periferia de intelectuais, mas pode-se e deve-se contar com centenas de operários organizados. Gostaria de conectar esta cláusula intimamente com a questão da apresentação de relatórios. A este respeito, devemos dar o exemplo do Bund, que sempre sabe o número exato de operários organizados que possui. E quando nosso CC passar a ser constantemente informado sobre o número de operários organizados em qualquer organização em particular, terá que levar em conta sua opinião e será obrigado a destituir o comitê local quando assim demandado pelos operários organizados.

Discursos sobre o Estatuto partidário[10]

21 de abril (4 de maio)

1. A proposta do camarada Kitaiev é mais prática, pois nela a convocação de um

---

pado nas publicações partidárias.

10 N.E. Durante o debate sobre o projeto de Estatuto, o Congresso reformulou substancialmente os princípios de organização do Partido, principalmente em três questões: 1) alteração do §1 do Estatuto, conforme a redação de Lênin apresentada desde o II Congresso; 2) definição precisa das atribuições do Comitê Central e extensão da autonomia dos comitês locais; 3) estabelecimento de um centro único. O III Congresso dedicou grande atenção à demarcação dos poderes do Comitê Central e dos comitês locais, e às relações entre os comitês e a periferia, que recebeu mais poderes. Por maioria, o Congresso decidiu eliminar o §8 do projeto de Estatuto e adotar uma resolução especial sobre a questão. Lênin votou pela manutenção do §8 no Regimento. A décima nona sessão, de 22 de abril (5 de maio), aprovou uma resolução proposta por V. V. Vorovski sobre o dever dos centros de informar a periferia sobre os assuntos do Partido e de levar em conta suas opiniões, resolução que substituiu o §8 do Estatuto. Para evitar que os comitês locais abusassem da sua autonomia, o §9 do novo Estatuto versava: "Um comitê local deve ser destituído pelo CC se dois terços do CC e dois terços dos operários locais pertencentes às organizações do Partido votarem por sua destituição".

congresso de emergência exige quórum igual à metade do número de votos do congresso anterior.

2. Pelo contrário, as coisas são facilitadas pela especificação do quórum necessário para convocar um congresso. O número necessário de votos é estabelecido após cada congresso. Só é necessário um acréscimo, que é uma nota a respeito da lista de comitês confirmados pelo CC, que será publicada no Órgão Central.

3. A lista das organizações recentemente confirmadas será publicada imediatamente no OC do Partido, com uma declaração da data de sua confirmação pelo CC.

4. Sou a favor da redação inicial do §6 conforme redigido pelo *Vperiod*[11], caso contrário, há uma irregularidade.

5. Concordo com a opinião do camarada Petrov e dos demais. A proposta do camarada Belski deve ser inserida na nota.[12]

6. No interesse do OC devo me manifestar a favor da alteração do camarada Kitaiev. Com um jornal publicado semanalmente, é necessário estar informado da evolução e dispor de quantidade suficiente de material.[13]

7. Sou a favor da cooptação unânime[14]. O CC não é grande e, por uma questão de trabalho positivo e direção política, devemos garantir que seus membros tenham a mesma opinião.

8. Concordo com o camarada Kuznetsov: o §13 deve ser suprimido do Estatuto e a resolução correspondente apresentada pelo camarada Belski à Mesa [Diretora do Congresso] deve ser aprovada.[15]

---

11 N.E. O §6 do projeto de Estatuto, publicado no nº 13 do *Vperiod* em 5 de abril (23 de março) de 1905, dizia: "Todas as organizações dentro do Partido devem administrar de forma autônoma todos os assuntos relativos especial e exclusivamente àquela esfera de atividade do Partido para cujo tratamento foram configuradas." O III Congresso adotou o § 6 com uma redação diferente.

12 N.E. De acordo com o §7 do projeto de Estatuto, toda organização partidária com direito a voto no Congresso tinha o direito de publicar literatura partidária às suas próprias custas e em seu próprio nome. O. A. Kvitkin (Petrov) defendeu o §7 com a alteração de Bogdánov (Maximov), no sentido de que "todas as publicações partidárias periódicas devem publicar todas declarações do CC a seu pedido". P. A. Krasikov (Belski) propôs que a permissão para publicar literatura partidária só fosse concedida quando as palavras de ordem práticas nela contidas estivessem em total acordo com as decisões dos congressos social-democratas internacionais e russos. O §7 do Estatuto foi adotado conforme a redação proposta por D. S. Postolovski (Mikhailov), com uma emenda de Bogdánov. A alteração de P. A. Krasikov foi rejeitada.

13 N.E. O §11 do projeto de Estatuto dizia que: "Cada organização partidária fornecerá tanto ao CC quanto ao Conselho Editorial do OC todos os meios para empreender um estudo de todas as suas atividades e de todos os seus membros". A. M. Essen (Kitaiev) propôs o seguinte adendo: "submetendo relatórios detalhados ao CC sobre sua atividade, pelo menos duas vezes por mês". Após o discurso de Lênin, este adendo foi adotado.

14 N.E. Referência ao §12 do projeto de Estatuto, que dizia: "A cooptação de membros para o CC deve ser unânime". A proposta foi aprovada também por unanimidade.

15 N.E. O §13 do projeto de Estatuto versava: "O Comitê de Organizações Partidárias no Exterior tem o objetivo de conduzir propaganda e agitação no exterior e também de promover o movimento na Rússia. Deve fornecer apoio ao movimento na Rússia apenas por meio de pessoas e grupos especialmente designados pelo CC." A resolução do P. A. Krasikov (Belski) dizia: "O III Congresso

Discurso no debate do projeto de resolução sobre as assembleias gerais do CC[16]

21 de abril (4 de maio)

Eu sou a favor da resolução de Maximov. Se for difícil se reunir trimestralmente, o período pode ser estendido para quatro meses. O membro do CC no exterior deve saber de tudo e participar nas decisões dos assuntos mais importantes. Se houver dificuldade para todos se reunirem, a reunião não precisa estar cheia.

Projeto de resolução sobre as relações entre operários e intelectuais nas organizações social-democratas

Escrito em 22 de abril (5 de maio) de 1905

1. Considerando que a direita de nosso Partido ainda continua com suas tentativas sistemáticas, iniciadas nos dias do economicismo, de espalhar hostilidade e desconfiança entre os membros do Partido – os operários e os intelectuais –; suas tentativas de representar as organizações do nosso Partido como compostas apenas por intelectuais (uma alegação inteligentemente utilizada pelos inimigos da social-democracia); suas tentativas de acusar as organizações social-democratas de se esforçarem para restringir a iniciativa da classe operário por meio da disciplina partidária; suas tentativas de exibir como exclusivamente sua a palavra de ordem do princípio eleitoral, sem qualquer projeto de aplicá-lo na prática; e

2. Considerando que a *plena* aplicação do princípio eleitoral, possível e necessário em condições de liberdade política, é inviável sob a autocracia, embora mesmo sob a autocracia este princípio pudesse ter sido aplicado com uma amplitude muito maior do atualmente ocorre, se não fosse pelo obstáculo representado pela forma difusa e pela desorganização real da organização partidária, proporcionada ao Partido justamente pela ala direita da social-democracia; – Portanto, o III Congresso do POSDR, reconhecendo o seu dever de se preparar para os próximos congressos, por meio de uma série de reformas organizacionais, pré-condição para uma aplicação real do princípio eleitoral à vida partidária, na medida do possível, chama a atenção mais uma vez para a tarefa dos partidários com consciência de classe do partido operário social-democrata: que eles façam todos os esforços para fortalecer os laços entre o Partido e as massas da classe operária, elevando setores ainda mais amplos de proletários e semiproletários à plena consciência social-democrata, desenvolvendo sua atividade revolucionária social-democrata,

---

do POSDR autoriza o CC a examinar e aprovar os Regulamentos da Organização no Exterior com direitos plenos de comitê partidário, conduzindo propaganda e agitação no exterior, com a condição de que o Comitê de Organizações no Exterior dê assistência e apoio ao movimento na Rússia apenas por meio de pessoas e grupos especialmente designado pelo CC." O Congresso excluiu o §13 do Estatuto e adotou a resolução de P. A. Krasikov.

16 N.E. O projeto de resolução de Bogdánov (Maximov) sobre as assembleias gerais do CC dizia: "O Congresso torna vinculativa para o CC a realização de reuniões periódicas – pelo menos uma vez a cada três meses – de ambas as seções", ou seja, das seções do CC na Rússia e no exterior. A resolução foi adotada com uma emenda declarando que essas reuniões deveriam ser realizadas "pelo menos uma vez a cada quatro meses".

cuidando para que o maior número possível de operários capazes de liderar o movimento e as organizações partidárias avancem de entre as massas da classe operária e se tornem membros dos centros locais e do centro de todo o Partido mediante a criação de um número máximo para as organizações da classe operária aderentes ao nosso Partido, cuidando para que as organizações operárias que não desejem ou não possam entrar no Partido sejam ao menos associadas a ele.

Discurso no debate sobre os projetos de resoluções sobre as relações entre operários e intelectuais nas organizações social-democratas

22 de abril (5 de maio)

Oponho-me a qualquer exame das resoluções, uma a uma, para evitar a fragmentação, e proponho que sejam remetidas à comissão para consolidação. Em particular, no que se refere à opinião do camarada Kitaiev, de que os comitês do Partido deveriam ser constituídos apenas por organizadores, permitam-me dizer que, por si só, eles seriam insuficientes para o funcionamento dos comitês.

Discursos no debate sobre a resolução adicional ao Estatuto partidário sobre conferências periódicas de representantes das diversas organizações partidárias[17]

22 de abril (5 de maio)

1. Eu teria objeções a isso, mas não seria o CC sobrecarregado com muito trabalho, sendo solicitado a organizar essas conferências?

Proponho que, em vez de "o CC deve organizar", digamos: "tanto o Comitê Central como os locais devem organizar", e, em vez de "conferências de representantes dos comitês locais", digamos: "conferências de representantes das várias organizações do nosso Partido".

2. É verdade. Sou contra qualquer acréscimo que não introduza nada além de formalismo e burocracia.

Projeto de resolução sobre a seção dissidente do partido[18]

Proposta em 23 de abril (6 de maio)

O III Congresso do POSDR autoriza o Comitê Central a tomar todas as medidas para preparar e definir as condições de uma fusão com a seção dissidente do POSDR, cabendo a um novo congresso do Partido a aprovação final dessas condições. [N.B.: não sujeito a publicação.]

17 N.E. O projeto de resolução dizia: "Reconhecendo a unificação do trabalho partidário como uma demanda urgente da vida partidária; reconhecendo que tal unificação é melhor alcançada no processo de trabalho e na discussão conjunta das palavras de ordem gerais do Partido pelo maior número possível de operários partidários – o III Congresso reconhece como desejável que o CC deva, com essa finalidade, organizar conferências de representantes dos comitês locais." Lênin propôs emendas à resolução e apoiou L. B. Krasin (Zimin) e D. S. Postolovski (Mikhailov), que se opuseram aos adendos apresentados por G. L. Chklovski (Deduchkin) e A. I. Rikov (Sergeiev) As alterações de Lênin foram aprovadas.

18 N.E. Redigido por Lênin e apresentado na vigésima sessão por A. M. Essen (Kitaiev) e B. S. Zemliachka (Osipov). Foi aprovado pelo Congresso como resolução não-sujeita a publicação.

Discurso no debate sobre a resolução sobre a atitude para com as organizações social-democratas não-russas[19]

23 de abril (8 de maio)

Estão nos oferecendo algo inaceitável. Afinal, o que o camarada Mikhailov deseja? Ele deseja que os acordos sejam concluídos apenas em conjunto, pelo CC e pelos comitês locais? Mas as resoluções gerais do CC são vinculantes para os comitês locais. Não é razoável considerar o caso especial no qual o CC Menchevique tenha entendido algo errado. Os comitês locais também devem ter permissão para mostrar iniciativa. Devemos autorizar também os comitês locais a coordenar localmente a atividade com as organizações social-democratas. Se o CC não se encontrar em condições nas quais não possa ser localizado, será, é claro, sempre consultado.

Discurso sobre o relatório do trabalho do Comitê Central

25 de abril (8 de maio)

Na verdade, o relatório do trabalho do Comitê Central tratava mais de suas atividades técnicas do que políticas. Acompanho o trabalho do aparelho central do Partido desde 1900 e devo dizer que foram feitos progressos gigantescos. Se isso não nos satisfaz, bem, a satisfação total só se pode esperar sob a ditadura do proletariado, e mesmo assim, dificilmente! Não esqueçamos que a cooptação ainda está prejudicando! O CC tinha pouco a dizer sobre suas políticas, pois nada poderia dizer de bom sobre elas. Seu maior erro foi sua oposição à convocação do Congresso. Se o Congresso tivesse sido convocado um ano antes, teria se mostrado mais conciliatório. Eu mesmo sou a favor da destituição; mas sou definitivamente contra em um caso – se for feita por causa da agitação por um Congresso. No entanto, não vou me alongar sobre isso. Há mais que se alegrar no caso de um pecador se arrepender do por noventa e nove pessoas justas. Quanto às censuras que me dirigem, direi apenas que um publicista não está em posição de fazer nada sem o Partido.

Discurso sobre o relatório do trabalho do Comitê Central[20]

25 de abril (8 de maio)

---

19 N.E. A vigésima primeira sessão de 23 de abril (6 de maio) discutiu um projeto de resolução sobre a atitude em relação às organizações social-democratas não-russas, apresentado por V. V. Vorovski. Dizia: "O III Congresso do POSDR, reafirmando a atitude do II Congresso sobre a questão do federalismo, autoriza tanto o CC e quanto os comitês locais a fazer o máximo para chegar a um acordo com as organizações social-democratas nacionais, com o propósito de coordenar o trabalho local, abrindo assim o caminho para uma possível unificação de todos os partidos social-democratas em um único POSDR". D. S. Postolovski (Mikhailov) propôs outra redação: "autoriza o CC, bem como as organizações locais, a realizar esforços conjuntos". Ele argumentou que o acordo só poderia ser alcançado "quando fosse arranjado não apenas pelo CC, mas também pelos comitês locais". Esta emenda foi rejeitada por Lênin pelo Congresso.

20 N.E. A vigésima terceira sessão ouviu e debateu o relatório do CC apresentado por L. B. Krasin (Zimin). Alguns oradores observaram que o relatório não descreveu a atividade política do Comitê Central e exigiram que o representante do CC dissesse ao Congresso porque o CC não conseguiu orientar o Partido como seu líder político. Essas eram as declarações que Lênin tinha em mente em

Estou sendo acusado de me contradizer na questão do julgamento. Se o Congresso fosse geral, a questão do julgamento teria sido levantada ainda antes, mas tudo o que aconteceu antes mostra claramente qual é o problema. O CC não consegue fazer um relato porque está confuso. A saída para o CC foi encontrada na própria coisa: o Congresso que se reuniu mais tarde do que deveria. Quando o "arguido se declara culpado", não há necessidade de qualquer processo judicial.

Proposta de procedimento para a eleição do CC

25 de abril (8 de maio)

Proponho que devemos primeiro determinar o número de pessoas que precisamos eleger, conduzir a eleição por voto secreto e, então, chegar a um acordo sobre até que ponto os resultados da votação serão divulgados[21].

Alterações ao projeto de resolução sobre propaganda e agitação[22]

Escrito em 25 de abril (8 de maio) de 1905

A resolução como um todo

a) Organizar um grupo literário-propagandístico para elaborar um programa geral de propaganda e compilar, em conformidade com ele, uma série de livretos populares sobre as principais questões do programa, tática e organização do Partido.[23]

a) Dar especial atenção à publicação de brochuras para o trabalho entre os camponeses.

b) Providenciar a publicação de um órgão popular na Rússia.

ponto c) substituir

|| adotado _ _

c) Tomar medidas para organizar grupos itinerantes de agitadores e propagandistas para ajudar os centros locais.[24]

Discurso sobre a publicação das atas do Congresso

25 de abril (8 de maio)

O Presidente indica que a questão de até que ponto as atas do Congresso devem ser reduzidas não pode ser predeterminada. Todo o debate sobre a ordem do dia

---

suas falas.

21 N.E. O método proposto por Lênin foi aplicado também em outras ocasiões, conferindo a cada delegado votante o número de votos secretos correspondente ao número fixado para o CC, e sendo a votação realizada nominalmente, com os votos sendo depositados em cada candidato individual ao CC.

22 N.E. O projeto de resolução sobre propaganda e agitação foi discutido e aprovado na vigésima segunda sessão, de 25 de abril (8 de maio). As emendas e adendos de Lênin foram adotados A emenda ao ponto "a" foi escrita por Lênin e apresentada por A. A. Aristarkhov (Osetrov) e V. M. Obukhov (Kamski).

23 N.E. No texto original, esse trecho foi impresso em fonte menor, tipo brevier.

24 N.E. O ponto "c" do projeto de resolução dizia o seguinte: "tomar medidas para organizar em todas as principais áreas da Rússia grupos de agitação itinerante, sob a direção de agitadores distritais responsáveis, para ajudar os centros locais". A alteração de Lênin substituiu este trecho.

deve ser deixado de fora. Ele acrescenta, ainda, que as instalações técnicas no exterior terão que ser providenciadas do zero, e isso pode afetar a velocidade de publicação dos anais do Congresso.

Resolução sobre a publicação das atas do Congresso

Escrito em 25 de abril (8 de maio) de 1905

O Congresso encarrega o Comitê Central de proceder imediatamente à publicação de um breve relatório do III Congresso com o texto integral do Programa, do Estatuto e das Resoluções.

O Congresso instrui o Comitê Central a acelerar a publicação deste relatório de todas as maneiras possíveis.

O Congresso instrui o Comitê de Publicação de Atas do Congresso: (1) a determinar definitivamente quais materiais, por razões de sigilo, não devem ser publicados em nenhuma circunstância; (2) determinar de que maneira e em que medida os membros do Partido devem ser informados das minutas não-publicadas do III Congresso; (3) fazer os cortes necessários à publicação, exclusivamente no que se refere à discussão de questões de ordem ou de pequenas emendas rejeitadas.

Relatório sobre o III Congresso do POSDR (excerto)

Publicado no nº 1 do *Proletarii*, em 27 de maio (14 de junho) de 1905.

[...] Sabemos que o desenvolvimento econômico minará inexoravelmente o poder do capital e preparará a vitória do socialismo, e que fará isso ainda mais rapidamente, quanto mais livremente ocorrer esse desenvolvimento.

Camaradas operários! Para alcançar este grande objetivo, devemos unir todos os proletários com consciência de classe em um único Partido Operário Social-Democrata Russo. Nosso Partido começou a se constituir há muito tempo, logo após o amplo movimento operário de 1895 e 1896. O ano de 1898 viu a convocação de seu I Congresso, que fundou o Partido Operário Social-Democrata Russo e delineou seus objetivos. O II Congresso realizou-se em 1903. Ele deu ao Partido um programa, adotou uma série de resoluções táticas e procurou, pela primeira vez, construir uma organização partidária integral. É verdade que o Partido não teve sucesso imediato nesse esforço. A minoria no II Congresso recusou-se a submeter-se à maioria e iniciou uma divisão que causou grande dano ao movimento operário social-democrata. O primeiro passo para esta cisão foi a recusa em cumprir as decisões do II Congresso e em aceitar a liderança dos órgãos centrais por ele constituídos. A última etapa foi a recusa em participar do III Congresso. O III Congresso foi convocado por um Bureau eleito pela maioria dos comitês que trabalham na Rússia e pelo Comitê Central do Partido. Todos os comitês, grupos separatistas e organizações da periferia insatisfeitos com os comitês foram convidados para o Congresso. A grande maioria dessas organizações, incluindo quase todos os comitês e organizações da minoria, elegeu delegados e os enviou ao exterior para participar do Congresso. Assim, todo o possível sob nosso regime policial foi feito para convocar um congresso de todo o partido; foi apenas a recusa de três membros do ex-Conselho do Partido, residentes no exterior, que resultou no boicote do Congresso por toda a Minoria do Partido. O III Congresso, como se verá na resolução impressa a seguir, atribui a estes três membros toda a responsabilidade pela cisão do Partido. No entanto,

apesar da ausência da minoria, o III Congresso tomou todas as medidas para permitir que a minoria trabalhasse com a maioria em um partido. O Congresso considerou incorreta a reversão às visões antiquadas e superadas do economicismo, discerníveis em nosso Partido; ao mesmo tempo, ofereceu garantias precisas e definitivas dos direitos de cada minoria, garantias consagradas no Estatuto do Partido e vinculativas para todos os seus membros. A Minoria agora tem o direito incondicional, garantido pelo Estatuto do Partido, de defender seus pontos de vista e de levar a cabo uma luta ideológica, contanto que as controvérsias e divergências não conduzam à desorganização, contanto que não impeçam o trabalho construtivo, dividam nossas forças ou dificultem a luta coordenada contra a autocracia e os capitalistas. O direito de publicar literatura partidária é agora concedido pelo Estatuto a todas as organizações partidárias de plenos direitos. Agora o CC do Partido foi incumbido de transportar todos os tipos de literatura partidária mediante solicitação de cinco comitês qualificados, ou de 1/6 de todos os comitês do Partido. A autonomia dos comitês foi definida de forma mais precisa e a sua composição declarada inviolável, o que significa que o CC não tem mais o direito de remover membros dos comitês locais ou nomear novos membros sem o consentimento dos próprios comitês. Esta regra admite apenas uma exceção, a saber: nos casos em que 2/3 dos operários organizados exijam a destituição de um Comitê; de acordo com o Estatuto adotado pelo III Congresso, tal destituição é responsabilidade do CC, se 2/3 de seus membros concordarem com a decisão dos operários. Cada comitê local tem o direito de confirmar as organizações da periferia como organizações do Partido. As organizações da periferia têm o direito de indicar candidatos para o quadro de membros do comitê. As fronteiras do Partido foram definidas com maior precisão, de acordo com os desejos da maioria do Partido. Um único centro foi criado, em vez de dois ou três. Os camaradas que trabalham na Rússia têm garantida uma preponderância decidida sobre a seção do Partido no exterior. Em suma, o III Congresso fez de tudo para remover qualquer possibilidade de que a Maioria seja acusada de abuso de sua superioridade numérica, de supressão mecânica, de despotismo dos órgãos centrais do Partido, e assim por diante. Plena oportunidade foi dada para que todos os social-democratas trabalhem em cooperação, para que se juntem com confiança às fileiras de um único partido, amplo e vigoroso o suficiente, forte e unido o suficiente para se libertar das velhas tradições dos dias de círculo de estudo, e eliminem todos os vestígios de atritos e conflitos mesquinhos do passado. Que todos os membros do Partido Social-Democrata que realmente apreciam o espírito de Partido respondam agora ao apelo do III Congresso; que suas decisões sirvam de ponto de partida para restaurar a unidade do Partido, para eliminar toda desorganização e para consolidar as fileiras do proletariado. Estamos confiantes de que são os operários com consciência de classe que, melhor que todos, sabendo como apreciar a importância do trabalho unido e amigável, que tendo sentido profundamente todos os danos da discórdia, vacilação e contenda, agora insistirão com todas as suas energias no reconhecimento universal e incondicional da disciplina partidária por todos os membros do partido, tanto da base como do topo! [...]

Prefácio à brochura "Os operários na cisão do partido" (excerto)

Escrito em julho publicado em agosto de 1905 em uma brochura do Comitê Central do POSDR, em Genebra, que incluía, além deste prefácio de Lênin, a carta *Para todos os camaradas operários com consciência de classe*, assinada por "Um operário, um de muitos." Essa carta havia sido publicada no nº 105 do jornal novo *Iskra*, com uma resposta do conselho editorial – resposta que, em seu prefácio, Lênin ataca. A brochura também inclui uma carta aberta do Comitê Central do POSDR à Comissão Organizadora, eleita pelos mencheviques na conferência de Genebra, e publicada anteriormente no nº 11 do *Proletarii*, de 9 de agosto (27 de julho) de 1905.

[...] Estamos dispostos a repetir os *princípios fundamentais de organização*, cujo reconhecimento é, em nossa opinião, necessário para uma fusão: 1) Submissão da minoria à maioria (não confundir com a "Minoria" e a "Maioria" entre aspas! Aqui tratamos do princípio da organização partidária em geral, não da fusão da "Minoria" com a "Maioria", da qual falaremos mais tarde. É possível, falando de forma abstrata, visualizar a fusão entre um número igual de "mencheviques" e "bolcheviques", mas mesmo essa fusão é *impossível*, a menos que a submissão da minoria à maioria seja reconhecida como *obrigatória em princípio*). 2) O órgão supremo do partido deve ser o congresso, ou seja, uma assembleia de representantes eleitos de todas as organizações devidamente autorizadas, e qualquer decisão desses delegados eleitos deve ser final (este é o princípio da representação democrática, em oposição ao princípio das conferências consultivas, cujas decisões são submetidas às organizações para endosso, ou seja, a um plebiscito). 3) As eleições para o órgão central do Partido (ou órgãos centrais) devem ser por voto direto e devem ser realizadas no congresso. Eleições fora de um congresso, eleições em duas etapas etc., são inadmissíveis. 4) Toda a literatura partidária, tanto local quanto central, deve estar totalmente subordinada ao Congresso do partido e à organização central ou local do partido. É inadmissível a existência de literatura partidária que não seja organizacionalmente relacionada ao partido. 5) O conceito de filiação partidária deve ser definido com precisão. 6) Os direitos de qualquer minoria partidária devem ser igualmente definidos com precisão no estatuto do partido.

Tais são, em nossa opinião, os princípios organizacionais absolutamente indispensáveis, sem o reconhecimento dos quais nenhuma fusão é possível. Gostaríamos de ouvir a opinião do camarada "Um operário entre muitos" a este respeito e, em geral, a de todos favoráveis à fusão.

Podemos ser questionados: e a questão da atitude dos comitês em relação à

periferia? E quanto ao princípio eleitoral? Nossa resposta é que nenhum princípio fundamental de organização está envolvido neste assunto, uma vez que não se sugere a aplicação absoluta do princípio eleitoral. Isso é algo que os mencheviques não sugeriram. Em condições de liberdade política, o princípio eleitoral será necessário, mas, por enquanto, mesmo o Estatuto aprovado pela "Conferência" não o introduziu para os comitês. Uma ou outra definição dos direitos e poderes da periferia não é uma questão de princípio (assumindo, é claro, que o que se diz é realmente cumprido, que não há indulgência à demagogia e apenas "belas palavras"). O III Congresso do POSDR tentou definir precisamente os conceitos de comitê e periferia, tentou definir as relações entre eles. Quaisquer propostas de mudanças, emendas ou supressões teriam sido discutidas com tranquilidade por qualquer bolchevique. Pelo que sei, não há "intransigentes" entre nós em nenhum ponto da questão, e a ata do III Congresso confirmará essa afirmação.

A próxima pergunta, e provavelmente não menos difícil, é como fundir todas as organizações paralelas. Em condições de liberdade política isso seria fácil, pois teríamos organizações partidárias com um certo número de membros definitivamente conhecidos. Com uma organização secreta é diferente. A definição de filiação é tanto mais difícil quanto mais levianamente se entende essa filiação, e quanto mais se recorre à demagogia, à inscrição fictícia no partido de pessoas que não são responsabilizáveis. Pensamos que os camaradas que trabalham localmente, bem familiarizados com a situação, devem ter a palavra final sobre como essas dificuldades devem ser superadas. O confisco temporário de membros de organizações para as "férias" na prisão, no exílio ou no exterior é outro impedimento a ter em conta. Depois, há, é claro, a dificuldade considerável de fundir os corpos centrais. Sem um centro orientador único, sem um órgão central único de imprensa, a verdadeira unidade partidária é impossível. A questão é: ou os operários com consciência de classe, ignorando todas as reclamações sobre o uso dos punhos, conseguirão forçar a atual minoria do partido a defender suas opiniões sem desorganizar o trabalho, nos vários órgãos dos comitês locais, em conferências, congressos, reuniões etc .; ou os operários social-democratas com consciência de classe não serão capazes de lidar com esta tarefa no momento (em geral, eles irão, sem dúvida e inevitavelmente, lidar com ela: isso é garantido por todo o movimento operário da Rússia) – e, então, somente acordos, e não fusão, serão possíveis entre centros e órgão rivais.

Concluindo, devemos repetir: não é por meio de reclamações e denúncias, não é por meio da formação de novos ou terceiros grupos, círculos etc. (semelhante ao que Plekhánov fundou agora, com sua nova editora partidária[1] fora do

---

1 N.E Lênin está se referindo ao *Dnevnik Sotsial-Demokrata* ("Diário de um social-democrata"), órgão não-periódico publicado por Plekhánov em Genebra, de março de 1905 a abril de 1912. Ao todo, dezesseis edições foram publicadas. A publicação foi retomada em Petrogrado em 1916, mas apenas uma edição apareceu. Nas primeiras oito edições (1905-06) Plekhánov defendeu visões mencheviques, defendendo que a social-democracia formasse um bloco com a burguesia liberal, rejeitando a aliança do proletariado com o campesinato e condenando a insurreição de dezembro

partido) que o camarada Operário e aqueles que compartilham de seus pontos de vista devem se esforçar para alcançar seus objetivos. A formação de terceiros ou novos grupos apenas complicará e confundirá as coisas. A preparação de termos concretos para a fusão deve ser iniciada: quando todos os grupos e organizações do Partido, todos os operários com consciência de classe o fizerem, eles serão, sem dúvida, capazes de estabelecer termos razoáveis, e não apenas estabelecer, mas forçar os dirigentes do Partido (desconsiderando todas as reclamações sobre o uso dos punhos) a se submeterem a estes termos [...]

---

de 1905. Nos números 9-16 (1909-12), ele se manifestou contra os liquidacionistas mencheviques, que queriam dissolver as organizações partidárias clandestinas. Nas questões básicas de tática, entretanto, ele permaneceu sob bases mencheviques. No nº 1 de 1916, as visões social-chauvinistas de Plekhanov encontraram plena expressão.

Nota ao artigo "A *intelligentsia* profissional e os social-democratas"

Publicado em 22 de agosto (9 de setembro) de 1905, no nº 13 do *Proletarii*, como uma nota introdutória ao artigo de M. N. Pokrovski (pseudônimo Uchitel; em russo, "Professor"). O artigo de Pokrovski era, por sua vez, uma resposta ao artigo de Bonch-Bruievitch (publicado anonimamente no *Proletarii*), chamado *Os osvobojdenistas em ação*, que abordava os congressos sindicais realizados em Moscou pela *intelligentsia* (os agrônomos, advogados, escritores etc.) e sobre os esforços dos outubristas[1] do jornal *Osvobojdenie* de subordiná-los à sua influência. O artigo afirmava que os social-democratas, presentes em tais congressos, deveriam apresentar demandas políticas de acordo com o programa do partido, e não votar em nenhuma outra resolução política se elas não contivessem essas demandas, por mais radicais que fossem essas resoluções. Pokrovski, polemizando com Bonch-Bruievitch, escreveu que o papel dos outubristas não deveria ser exagerado. Como exemplo, ele citou o congresso de professores realizado em Moscou, onde os social-democratas apresentaram suas reivindicações e, com isso, a princípio, por assim dizer, assustaram a massa dos professores apartidários. No entanto, ele destacava, algumas semanas após o congresso, quando as "verdades amargas" foram digeridas, a assembleia dos professores de Moscou, com a presença de centenas de professores e professoras, foi um brilhante sucesso para os social-democratas e uma completa derrota para os outubristas.

Parece-nos que as diferenças entre o autor do artigo *Os osvobojdenistas em ação* e o camarada "Uchitel" não são tão grandes como este pensa. Qualquer pessoa que participe do movimento revolucionário há muito tempo acostuma-se à luta política entre as várias tendências, adquire pontos de vista próprios definidos e está, naturalmente, inclinado a pressupor pontos de vista igualmente definidos nos outros, a quem classifica como membros deste ou daquele "partido" por conta de alguma opinião – ou falta de opinião – sobre alguma questão específica. É lógico que um agitador, em reuniões públicas, faria bem em levar em consideração não apenas o ponto de vista "político", mas também o "pedagógico", colocando-se do ponto de vista de seu público, explicando mais do que "denunciando" etc. Os extremos são ruins em todos os lugares, mas se a escolha fosse nossa, preferiríamos uma definição estreita e intolerante a uma indefinição suave e mole. O medo da "tirania" afastará de nós apenas aqueles de natureza flácida e de corpo mole. Qualquer um que tenha uma "centelha" logo verá por si mesmo, e a vida lhe mostrará, que críticas políticas adequadas e severas aos "míticos osvobojdenistas" são bastante justas, e que ele mesmo só considera esse típico osvobojdenistas como algo "mítico" por falta de experiência própria. O camarada "Uchitel", cujas instruções são muito úteis pelo seu conhecimento do meio, fala ele próprio da rapidez com que as "verdades amargas são diferidas".

---

1 N.E. Defensores do czarismo e partidários do "Manifesto de Outubro" de 1905, de Nicolau II, prometendo a convocação de uma Duma e estreitas liberdades civis.

Resposta do Conselho Editorial do *Proletarii* às perguntas do camarada "Operário"

Publicado em 22 de agosto (9 de setembro) de 1905 no nº13 do *Proletarii*, em resposta a uma carta de um operário de Dvinsk. O autor da carta levantou as seguintes questões ao Conselho Editorial do *Proletarii*, a respeito às decisões do III Congresso do POSDR.: "1) Que papel será desempenhado por um governo provisório; vai liderar ou governar o país, ou não? 2) Em que circunstâncias é possível a participação do proletariado em um governo provisório? 3) O que é toda essa agitação e propaganda sobre uma insurreição?" Além disso, critica a divisão do partido nas localidades como um grande obstáculo ao trabalho.

Dos editores. Respondemos às perguntas do camarada: 1) sim, vai liderar e governar, enquanto se aguarda a convocação de uma assembleia constituinte popular; 2) em circunstâncias nas quais essa participação assegure a possibilidade de "uma luta implacável contra todas as tentativas contrarrevolucionárias, e também da defesa dos interesses independentes da classe operária" (segundo a resolução do III Congresso); 3) a resolução do III Congresso sobre a insurreição fala claramente da necessidade de "explicar ao proletariado, por meio da propaganda e da agitação, não apenas o significado político, mas o aspecto prático-organizacional da revolta armada iminente". Isso significa que a consciência política das massas deve ser desenvolvida e o significado político da revolta deve ser esclarecido para elas. Isso, porém, não é suficiente. As massas devem ser chamadas a iniciar uma luta armada e imediatamente se armar e se organizar em contingentes do exército revolucionário. Além disso, devemos dizer ao autor da carta que uma explicação das resoluções do Congresso e da Conferência sobre um governo provisório revolucionário é dada em um panfleto de N. Lênin, *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática*. Finalmente, podemos dizer, com referência à cisão, que a indignação do autor é perfeitamente justificada. O aconselhamos a trabalhar pelo reconhecimento geral de regras únicas para as organizações do partido, e a fazê-lo independentemente de todas as reclamações intelectualistas, tanto do punho de cima quanto do punho de baixo, e que trabalhe nesse sentido não secretamente, não por meio de intrigas, ou fundando novos grupos ou um novo partido, mas abertamente, diretamente, no âmbito de qualquer organização do POSDR.

Do Conselho Editorial do Órgão Central do POSDR

Publicado em setembro de 1905 na segunda edição do jornal *Rabotchi* ("O operário"), criado, por decisão do Terceiro Congresso, "para atender à produção da publicação de um órgão popular na Rússia." 4 edições foram publicadas, entre agosto e outubro de 1905.

Camaradas! Queremos chamar a vossa atenção para um dos métodos de cooperação entre o Órgão Central e a imprensa das várias localidades em matéria de agitação. O Órgão Central é muitas vezes acusado de não ter contato com o movimento, se expressar em uma linguagem pouco popular etc., etc. Há, é claro, alguma verdade nessas acusações, e temos plena consciência de que nosso trabalho, que é conduzido a partir de longe, é inadequado em um período tão agitado. No entanto, nosso isolamento se deve em parte às comunicações raras e irregulares entre o Órgão Central e as *massas* de social-democratas locais, e à cooperação insuficiente entre os dois. Concordamos plenamente que não os estamos ajudando o suficiente, mas, então, vocês também não estão nos ajudando o suficiente. Queremos agora chamar a atenção, de modo camarada, para a eliminação de *uma* dessas deficiências.

Os camaradas em cada localidade não fazem uso suficiente do Órgão Central para fins de agitação. O Órgão Central chega atrasado e o número de cópias recebidas é pequeno. Portanto, é necessário com maior frequência: 1) reimprimir artigos e itens em boletins locais; 2) adaptar ou parafrasear em linguagem mais popular, de forma mais frequente, as palavras de ordem (e artigos) do Órgão Central, em boletins locais, fazendo o possível para complementar, alterar, resumi-los etc., uma vez que vocês, que estão no local, podem ver o que é melhor, e todas as publicações do partido pertencem ao partido como um todo; 3) *citar* com mais frequência o Órgão Central nos boletins locais, de forma a familiarizar as massas com o título de Órgão Central, com a *ideia* de ter seu jornal permanente, a ideia de ter seu próprio centro ideológico, de poder sempre recorrer a ele etc., etc. Em todas as ocasiões, vocês devem se esforçar para indicar em seus boletins que a mesma ideia foi divulgada em tal e tal artigo do *Proletarii*, ou que notícias no

mesmo sentido estão contidas em tais ou quais cartas publicadas etc., etc. Isto é da maior importância para o propósito de familiarizar as *massas* com nosso Órgão Central, e expandir toda nossa esfera de influência.

Os comitês locais frequentemente republicam artigos, selecionando aquilo que mais os atrai. O que é particularmente importante agora é ter palavras de ordem uniformes (sobre a atitude para com os liberais, para com os outubristas, a Liga *Osvobojdenie*[1], sua "teoria do acordo", seu projeto de constituição etc.; sobre a questão de um exército revolucionário e o programa de um governo revolucionário; sobre o boicote à Duma Estatal etc., etc.). Vocês devem tentar fazer todo o uso possível do Órgão Central em sua agitação local, não apenas republicando, mas também parafraseando suas ideias e palavras de ordem em seus boletins, desenvolvendo ou alterando-as para que estejam de acordo com as condições locais etc. Isso é extremamente importante para estabelecer uma cooperação efetiva entre nós, para trocar opiniões, corrigir nossas palavras de ordem e para informar as massas operárias de que temos um Órgão Central permanente do partido.

Solicitamos sinceramente que esta carta seja lida e discutida em absolutamente todas as organizações e círculos de estudo do Partido, até o mais ínfimo.

O Conselho Editorial do Proletarii.

1 N.E. Referência aos chamados "outubristas", defensores burgueses da reconciliação com o czarismo e de uma monarquia constitucional. Seu jornal tinha o nome de *Osvobojdenie* ("Libertação").

Ao Comitê Central do POSDR

Escrito em Genebra, em 3 de outubro de 1905. Publicado pela primeira vez em 1926.

Recebi seu nº 2 da *Letuchi Listok*[1] de 24 de junho de 1905, somente hoje, 3 de outubro de 1905, novo estilo[2]. (O "Centro Unificado" leva *três* meses para informar seus membros...)

O artigo *Fundamentos da organização partidária* é muito bom. Posso imaginar o que é ter que ruminar o ABC para os mencheviques! Mas é preciso. O autor do artigo fez um excelente trabalho. Estou pensando em publicá-lo na *Proletari*[3]. É tarde, claro, mas antes tarde do que nunca.

Este artigo me fez pensar que você pode e deve cuidar para que o CC não seja mudo, mas esteja sempre falando. Já passou o tempo da liderança ideológica através de "sussurros" em locais de encontro secretos e encontros com agentes! É preciso liderar por meio da literatura política. O *Rabotchi* não é adequado para isso, tem um papel diferente a desempenhar. Vocês *certamente precisariam* emitir um boletim do CC em formato de no máximo 2 *páginas impressas*, mas que deverá ser emitido *duas vezes por semana*. Ele conteria um pequeno artigo sobre um assunto político, tático ou organizacional e, em seguida, pequenas mensagens curtas de três linhas cada. Só é necessário (1) imprimir, pois o hectógrafo é muito ruim (não há algum pequeno equipamento que opera *rapidamente*?) e (2) fazê-lo pontualmente e com frequência.

Seu plano de converter o *Rabotchi* em um jornal semanal menor não está claro para mim. Na minha opinião, um órgão popular é uma coisa (não sou a favor, mas o Congresso decidiu, então é isso), e outra coisa é um *boletim* de artigos políticos gerais realmente norteadores. Você tem três ou quatro bons colaboradores, o que significa que conseguir dois artigos por semana é fácil, e o significado seria formidável!

---

1 N.E. Em russo, literalmente, "folha voadora". Denominação comum a vários veículos russos da época. Provavelmente, refere-se à publicação homônima editada pelo CC do POSDR.

2 N.E. Referência ao calendário gregoriano em detrimento do juliano.

3 N.E. O artigo de Bogdánov *Fundamentos da organização partidária* não foi publicado no *Proletari*.

Carta para a Comissão Econômica do CC do POSDR

Escrita em 20 de outubro de 1905, em Genebra, e publicada pela primeira vez em 1926. Após a partida de Lênin para a Rússia, no início de novembro de 1905, a Comissão Econômica encerrou seus trabalhos e enviou a biblioteca e os arquivos do partido para o endereço do social-democrata suíço Karl Hjalmar Branting em Estocolmo, que armazenou por algum tempo o material na chamada Casa do Povo (*Folkets hus*).

A pedido dos camaradas, dou aqui informações sobre a Comissão Econômica da maneira mais precisa possível.

A Comissão Econômica consiste em camaradas especialmente nomeados pelo representante do CC no exterior.

Atualmente (20 de outubro de 1905) inclui os camaradas Bonch-Bruievitch (gerente da gráfica), Kruchinina (tesoureiro e gerente de despachos), Ilin, Lenina (secretária do CC), Abramov, Knol, Vetchinkin, Ladijnikov e Nik. Vasilich.

De modo geral, a função da Comissão Econômica é levar a cabo o trabalho econômico do Comitê Central no exterior e ajudar o Comitê Central em todo o seu trabalho no exterior. Isso se aplica às questões técnicas (impressão, expedição etc), finanças, transporte, envio de pessoas para a Rússia, medidas relativas ao armamento etc, à coordenação do trabalho de todos os agentes do CC, ao controle do trabalho de cada agente individual, e assim por diante, até às atribuições especialmente designadas pelo Comitê Central.

A Comissão Econômica elege seu presidente ou secretário etc., e distribui os trabalhos entre seus membros, com exceção da nomeação de funcionários permanentes (expedição, tesouraria, secretaria, gráfica, transporte etc.), cuja nomeação depende do Comitê Central.

As decisões da Comissão Econômica podem ser revogadas pelo Comitê Central ou por seu representante no exterior, mas não estão sujeitas ao endosso do CC a menos que isso seja solicitado por algum membro da Comissão Econômica ou a menos que objeções sejam levantadas por alguém.

Para controlar as atividades dos agentes individuais do Comitê Central (tesoureiro, secretário, gerente da gráfica etc.), a Comissão Econômica nomeia entre seus membros camaradas para que se familiarizem completamente com todas as atividades de um determinado agente e reportem à Comissão Econômica quais as medidas para melhorar a organização de seu trabalho, bem como para a revisão periódica do andamento de seu trabalho. As únicas exceções são casos especiais ou esferas de atividade isentas pelo Comitê Central, por uma ou outra razão, do controle da Comissão Econômica. Todos os empreendimentos ordinários e atuais

do Comitê Central estão sujeitos ao controle sistemático da Comissão Econômica.

A Comissão Econômica auxilia o Comitê Central no direcionamento da atividade do Comitê das Organizações no Exterior[1], não na forma de diretrizes a este último, uma vez que esta é uma organização autônoma, mas estudando seus relatórios, discutindo seus trabalhos, examinando a organização de suas atividades e buscando modos de aprimorá-la.

Se os camaradas que solicitaram uma definição mais precisa das funções da Comissão Econômica, considerarem necessária a elaboração de um estatuto detalhado, a Comissão Econômica como um todo deveria discutir este estatuto, após o que seria endossado pelo CC.

---

1 N.E. Abreviado, em russo, *KZO*, este organismo foi criado no Congresso Constituinte dos Grupos Bolcheviques no Exterior (Genebra, 15 a 19 de março de 1905). Era composto por R. P. Avramov (Abramov), G. E. Zinóviev, P. A. Krasikov, M. Kamenski e Emtsev. As atividades do KZO eram reguladas por um estatuto, elaborado pelo Congresso e aprovado pelo Comitê Central do POSDR em 18 de junho de 1905. Em conexão com o movimento pela unificação das frações, a primeira composição do KZO foi dissolvida em março de 1906 pelo Comitê Central Unificado do POSDR. Em 27-30 de dezembro de 1911, em uma reunião de grupos bolcheviques em Paris, o KZO foi recomposto. N. A. Semachko, M. F. Vladimirski, Inessa F. Armand, V. N. Mantsev, N. I. Sapojkov e outros seis militantes foram eleitos para o organismo. O KZO tinha os direitos comuns a todos os Comitês do partido, incluindo representação em congressos e conferências do partido. As atividades do KZO decorreram sob a supervisão direta de Lênin. KZO treinou quadros partidários para trabalhar na Rússia, organizou e dirigiu publicações, distribuiu literatura partidária e foi responsável pela tesouraria central do POSDR no exterior. O KZO dedicou muita atenção à arrecadação de fundos, dos quais uma parte significativa estava à disposição do Comitê Central (organizou exibições artísticas pagas, concertos, espetáculos, rifas etc.). Manteve-se, entre 1914-1917, em luta constante contra o social-chauvinismo e a guerra mundial. Foi dissolvido após a revolução de fevereiro de 1917, quando os exilados retornaram à Rússia.

Organização partidária e literatura partidária

Publicado em 13 de novembro de 1905 no nº 12 do jornal *Nóvaia jizni* ("Vida nova").

As novas condições para o trabalho social-democrata que emergiram na Rússia depois da Revolução de Outubro[1] puseram na ordem do dia a questão da literatura partidária. A diferença entre a imprensa ilegal e legal – essa triste herança da época da Rússia feudal e autocrática – começa a desaparecer. Ainda não morreu, longe disso. O governo hipócrita do nosso primeiro-ministro[2] leva ainda o arbítrio ao ponto de o *Izvéstia Soveta Rabótchikh Deputátov*[3] ser impresso "ilegalmente", mas, além da vergonha para o governo, além dos novos golpes morais que lhe são desferidos, nada se consegue com as estúpidas tentativas de "proibir" aquilo que o governo não tem forças para impedir.

Quando existia a diferença entre a imprensa ilegal e legal a questão da imprensa partidária e não-partidária resolvia-se de modo extremamente simples e extremamente falso e monstruoso. Toda a imprensa ilegal era partidária, era editada por organizações, dirigida por grupos ligados de uma maneira ou de outra a grupos de militantes práticos do partido. Toda a imprensa legal era não-partidária – porque os partidos eram proibidos –, mas "tendia" para um ou outro partido. Eram inevitáveis alianças monstruosas, "coabitações" anormais, falsas coberturas; com as forçadas reticências de pessoas que queriam exprimir concepções partidárias misturava-se a irreflexão ou a covardia de pensamento daqueles que não se tinham elevado até essas concepções, daqueles que não eram, no fundo, homens de partido.

Um período maldito de discursos esópicos[4], de servilismo literário, de

1 N.E. Referência à greve política geral russa de outubro de 1905 conta a I Duma, sob as palavras de ordem da derrubada da autocracia, convocação de uma assembleia constituinte e estabelecimento da república democrática.

2 N.E. Serguei Yulyevitch Vitte (também transliterado como Witte, através do inglês).

3 N.E. "Notícias do Soviet de Deputados Operários": órgão oficial do Soviet de Deputados Operários de São Petesburgo, publicado de 17 (30) de outubro a 14 (27) de dezembro de 1905.

4 N.E. Referindo-se ao fabulista Esopo, Lênin alude ao fato de que, na imprensa legal, os revolucionários precisavam falar em linguagem cifrada, através de metáforas etc.

linguagem de escravos, de servidão ideológica. O proletariado pôs fim a esta podridão, que sufocava tudo o que de vivo e fresco existia na Rússia. Mas por enquanto o proletariado só conquistou meia liberdade para a Rússia.

A revolução ainda não está concluída. O czarismo *não tem mais* forças para vencer a revolução, mas a revolução *ainda não* tem forças para vencer o czarismo. E vivemos numa época em que, por toda a parte e em tudo, se manifesta esta combinação antinatural do partidarismo aberto, honesto, direto, consequente, com a "legalidade" clandestina encoberta, "diplomática", manhosa. Esta combinação antinatural manifesta-se também no nosso jornal: por mais que o sr. Gutchkov graceje acerca da tirania social-democrata, que proíbe a publicação de jornais moderados liberais-burgueses, um fato continua a ser um fato – o Órgão Central do Partido Operário Social-Democrata Russo, o *Proletarii*, continua fora das fronteiras da Rússia *autocrítica*-policial.

Seja como for, a meia revolução obriga todos nós a passar imediatamente para uma nova maneira de organizar as coisas. Agora a literatura pode, mesmo "legalmente", ser 90% partidária. A literatura deve tornar-se partidária. Em oposição aos costumes burgueses, em oposição à imprensa empresarial e mercantil burguesa, em oposição ao carreirismo e ao individualismo literários burgueses, ao "anarquismo aristocrático" e à corrida pelo lucro, o proletariado socialista deve erguer o princípio da *literatura partidária*, desenvolver este princípio e aplicá-lo da forma mais completa e integral possível.

Em que consiste este princípio da literatura partidária? Não é só no fato de, para o proletariado socialista, a atividade literária não poder ser um instrumento de lucro de pessoas ou grupos; ela não pode ser de modo nenhum uma atividade individual, independente da causa proletária geral. Abaixo os literatos apartidários! Abaixo os literatos super-homens! A atividade literária deve tornar-se *parte* da causa proletária geral, a "roda e a engrenagem" de um só grande mecanismo social-democrata posto em movimento por toda a vanguarda consciente de toda a classe operária. A literatura deve torna-se parte integrante do trabalho organizado, planejado e unido do Partido Social-Democrata.

"Qualquer comparação é ridícula", diz um provérbio alemão. Minha comparação da literatura com uma engrenagem, de um movimento vivo com um mecanismo, também é manca. Talvez se encontrem mesmo intelectuais histéricos que ergam brados a propósito desta comparação, que rebaixa, paralisa, "burocratiza" a livre luta ideológica, a liberdade de crítica, a liberdade da criação literária etc., etc. No fundo, semelhantes brados seriam apenas uma expressão de individualismo intelectual burguês. Não se discute que a atividade literária é a que menos se submete à igualização e nivelamento mecânicos, à dominação da maioria sobre a minoria. Não se discute que nesta atividade é absolutamente necessário assegurar maior amplitude à iniciativa pessoal, às inclinações individuais, permitir amplitude ao pensamento e à fantasia, à forma e ao conteúdo. Tudo isto é indiscutível, mas tudo isto apenas prova que a parte literária da atividade partidária do proletariado não pode ser mecanicamente identificada com outras partes da atividade partidária do proletariado. Tudo isto de modo nenhum refuta a tese, alheia e estranha para a burguesia e para a democracia

burguesa, de que a atividade literária deve necessária e obrigatoriamente tornar-se uma parte, indissoluvelmente ligada às outras partes, do trabalho partidário social-democrata. Os jornais devem tornar-se órgãos das diferentes organizações do partido. Os literatos devem obrigatoriamente fazer parte de organizações do partido. As editoras e depósitos, lojas e salas de leitura, bibliotecas e diferentes comércios de livros, tudo isto deve tornar-se do partido e ser sujeito à prestação de contas. O proletariado socialista organizado deve seguir todo este trabalho, controlá-lo todo, introduzir em todo este trabalho, sem qualquer exceção, a corrente viva da causa proletária viva, retirando deste modo toda a base ao velho princípio russo meio oblomoviano[5] e meio mercantil: o escritor escreve, o leitor lê.

Não diremos, evidentemente, que esta transformação da atividade literária, que foi prejudicada pela censura asiática e pela burguesia europeia, possa dar-se de repente. Estamos longe de pensar em defender qualquer sistema uniforme ou a resolução da tarefa com alguns decretos. Não, neste domínio é menos possível do que em qualquer outro falar de esquematismo. A questão é que o nosso partido, para que todo o proletariado social-democrata consciente de toda a Rússia tenha consciência desta nova tarefa, deve colocá-la corretamente e se lançar em toda a parte à sua resolução. Ao sair do cativeiro da censura feudal, nós não queremos e não iremos para o cativeiro das relações literárias burguesas-mercantis. Queremos criar e criaremos uma imprensa livre não apenas no sentido policial, mas também no sentido da liberdade em relação ao capital, da liberdade em relação ao carreirismo; mais ainda: também no sentido da liberdade em relação ao individualismo burguês-anarquista.

Estas últimas palavras parecerão um paradoxo ou uma zombaria para os leitores. Como! gritará talvez um intelectual, ardente partidário da liberdade. Como! Você quer subordinar à coletividade uma coisa tão sutil e individual como a criação literária! Você quer que os operários resolvam por maioria de votos as questões da ciência, da filosofia, da estética! Você nega a liberdade absoluta da criação ideológica individual!

Calma, senhores! Em primeiro lugar, trata-se da literatura partidária e da sua subordinação ao controle partidário. Cada um é livre para escrever e dizer tudo o que queira, sem a menor limitação. Mas cada associação livre (incluindo um partido) é também livre para afastar aqueles membros que utilizam o nome do partido para propagar concepções antipartido. A liberdade de expressão e de imprensa deve ser completa. Mas a liberdade de associação também deve ser completa. Eu sou obrigado a atribuir-te, em nome da liberdade de palavra, o pleno direito de gritar, de mentir e de escrever o que quiser. Mas você é obrigado a atribuir-me, em nome da liberdade de associação, o direito de estabelecer ou de romper a associação com pessoas que dizem isto e aquilo. O partido é uma associação voluntária, que se dissolveria inevitavelmente, primeiro ideologicamente e depois também materialmente, se não se depurasse dos membros que defendem concepções antipartido. E para definir as fronteiras entre o que é de partido e o que

---

5 N.E. Oblómov: personagem principal do romance homônimo do escritor russo Gontcharov. Lênin utiliza o termo "oblomovismo" como sinônimo de falta de força de vontade, de um estado de falta de atividade e de preguiça.

é antipartido existe o programa do partido, existem as resoluções táticas do partido e os seus estatutos, existe, finalmente, toda a experiência da social-democracia internacional, das associações voluntárias internacionais do proletariado, que incorporam constantemente nos seus partidos determinados elementos ou correntes não de todo consequentes, não de todo puramente marxistas, não de todo corretas, mas que também promoveu constantemente "depurações" periódicas do seu partido. Também assim será conosco, senhores partidários da "liberdade de crítica" burguesa, *dentro* do partido: agora o nosso partido está se tornando, de repente, massivo, agora estamos atravessando uma transição brusca para uma organização aberta, agora aderirão inevitavelmente a nós muitas pessoas inconsequentes (do ponto de vista marxista), talvez até alguns cristãos, talvez até alguns místicos. Temos estômagos fortes, somos marxistas duros como pedra. Digeriremos essas pessoas inconsequentes. A liberdade de pensamento e a liberdade de crítica dentro do partido nunca nos obrigarão a esquecer a liberdade de agrupamento das pessoas em associações livres chamadas partidos.

Em segundo lugar, senhores individualistas burgueses, devemos dizer que os seus discursos sobre a liberdade absoluta não passam de hipocrisia. Numa sociedade baseada no poder do dinheiro, numa sociedade em que as massas dos operários vivem na miséria e em que um punhado de ricos vive como parasitas não pode haver "liberdade" real e efetiva. Você é livre em relação ao seu editor burguês, senhor escritor? Em relação ao seu público burguês, que lhe exige pornografia em molduras[6] e pinturas, a prostituição como um "complemento" às "sagradas" artes cênicas? Esta liberdade absoluta é uma frase burguesa ou anarquista (porque, como concepção de mundo, o anarquismo é burguesismo virado do avesso). Não se pode viver na sociedade e ser livre em relação à sociedade. A liberdade do escritor, do artista, da atriz burgueses é apenas uma dependência mascarada (ou que hipocritamente se mascara) em relação ao saco de dinheiro, do suborno, da situação de viver por conta de alguém.

E nós, socialistas, desmascaramos esta hipocrisia, derrubamos as falsas indicações, não para obter uma literatura e uma arte não-classista (isto só será possível na sociedade socialista sem classes), mas para contrapor a uma literatura hipocritamente livre, mas de fato ligada à burguesia, uma literatura realmente livre, *abertamente* ligada ao proletariado.

Será uma literatura livre porque não será o interesse pessoal e uma carreira, mas a ideia do socialismo e a simpatia pelos operários que recrutarão novas e novas forças para as suas fileiras. Será uma literatura livre porque servirá não uma heroína saciada, não aos "dez mil de cima" aborrecidos e sofrendo de obesidade, mas aos milhões e dezenas de milhões de trabalhadores, que constituem a flor do país, a sua força, o seu futuro. Será uma literatura livre, que fertilizará a última palavra do pensamento revolucionário da humanidade com a experiência e o trabalho vivo do proletariado socialista, que criará uma interação constante entre a experiência do passado (o socialismo científico, que concluiu o desenvolvimento do socialismo desde as suas formas primitivas, utópicas) e a experiência do

---

6 N.E. No original russo, *ramkakh* ("molduras"). A edição russa das Obras Completas de Lênin especula, contudo, que Lênin poderia ter querido dizer *romanakh* ("romances").

presente (a presente luta dos camaradas operários).

Ao trabalho, camaradas! Temos perante nós uma tarefa difícil e nova, mas grande e gratificante – organizar uma atividade literária ampla, multilateral e multiforme em estreita e indissolúvel ligação com o movimento operário social-democrata. Toda a literatura social-democrata deve tornar-se partidária. Todos os jornais, revistas, editoras etc., devem lançar-se imediatamente a um trabalho de reorganização, à preparação de uma situação na qual sejam integrados, na base de uns ou outros princípios, em umas ou em outras organizações do partido. Só então a literatura "social-democrata" se tornará de fato social-democrata, só então ela será capaz de cumprir o seu dever, só então ela será capaz, mesmo no quadro da sociedade burguesa, de escapar à escravatura da burguesia e de se fundir com o movimento da classe realmente avançada e revolucionária até ao fim.

A reorganização do partido

Primeiro artigo de Lênin publicado na *Nóvaia Jízni*, nos nºs 9, 13 e 14 (10, 15 e 16 de novembro de 1905), escrito por ocasião de seu retorno do exílio para a Rússia e utilizado como base para a resolução adotada pela Conferência de Tammerfors, em dezembro de 1905.

I

As condições em que o nosso Partido está funcionando mudaram radicalmente. A liberdade de reunião, de associação e de imprensa tem sido ameaçada. Claro, esses direitos são extremamente precários e seria loucura, para não dizer um crime, acreditar piamente nas liberdades atuais. A luta decisiva ainda está por vir e as preparações para essa luta precisam ficar em primeiro lugar. O aparato secreto do Partido precisa ser mantido. Mas ao mesmo tempo é absolutamente necessário fazer o uso mais amplo possível da margem de manobra, relativamente ampla, que temos agora para nossa atividade. Além do aparato secreto, é absolutamente necessário criar muitos organismos novos, legais e semilegais, do Partido (e organizações associadas com o Partido). A não ser que façamos isso, será impensável adaptar nossa atividade para as novas condições ou lidar com os novos problemas.

Para colocar a organização em uma nova base, um novo congresso do Partido se faz necessário. De acordo com o Estatuto, o Partido deve ter um congresso uma vez por ano e o próximo congresso seria organizado em maio de 1906; mas agora é essencial adiantá-lo. Se não aproveitarmos essa oportunidade, vamos perdê-la – no sentido de que a necessidade de organização que os operários estão sentindo tão agudamente vai encontrar sua expressão em formas distorcidas e perigosas, fortalecendo uns e outros "independentes"[1] etc. Nós precisamos nos apressar em nos organizarmos de uma maneira nova, precisamos submeter novos métodos à discussão geral, precisamos corajosa e resolutamente traçar uma "nova linha".

1 N.E. Os "Independentes" eram membros do Partido Operário Social Independente, uma organização de agentes provocadores fundada em São Petersburgo no outono de 1905 por orientação do governo czarista, com assistência direta da política secreta. O partido buscava afastar os operários da luta revolucionária. Seu programa, publicado na revista *Rússki Rabótchi* ("O operário russo") nº 4, em 15 (28) de dezembro de 1905, chamava a lutar contra a social-democracia. No começo de 1908, o partido deixa de existir, tendo fracassado entre as massas dos operários.

O apelo ao Partido, publicado neste número e assinado pelo Comitê Central de nosso Partido[2], apresenta essa nova linha, estou profundamente convencido, de modo bastante correto. Nós, os representantes da social-democracia revolucionária, os apoiadores da "Maioria", temos dito repetidas vezes que a completa democratização do Partido seria impossível em condições de trabalho clandestino e que nessas condições o "princípio eleitoral" era uma frase oca. E a experiência confirmou nossas palavras. Foi publicado diversas vezes na imprensa pelos antigos apoiadores da "Minoria" (vejam o panfleto de "Um Operário" com o prefácio de Axelrod, a carta assinada "Um Operário, Um de Muitos", no *Iskra*[3] e o panfleto *Aos operários sobre a cisão do Partido*) que de fato era impossível empregar quaisquer métodos realmente democráticos e qualquer princípio realmente eleitoral. Mas nós, bolcheviques, sempre reconhecemos que, em novas condições, quando as liberdades políticas fossem adquiridas, seria essencial adotar o princípio eleitoral. As minutas do Terceiro Congresso do POSDR provam isso sem margem para dúvidas, se é que alguma prova é mesmo necessária.

Assim a tarefa é clara: preservar o aparato secreto por enquanto e desenvolver um aparato novo, legal. Quando for submetida ao Congresso, essa tarefa (cujo cumprimento concreto demanda, claro, habilidade prática e conhecimento de todas as condições de tempo e lugar) deve ser formulada da seguinte forma: convocar o Quarto Congresso com base no Estatuto do Partido e ao mesmo tempo começar imediatamente, de uma vez, a aplicação do princípio eleitoral. O Comitê Central já resolveu esse problema. Os membros do Comitê, na forma de representantes dos organismos plenamente autorizados, de fato como representantes da continuidade do Partido, comparecem ao Congresso com direito a voto. Os delegados eleitos por *todos* os membros do Partido, e consequentemente pelas massas de operários pertencentes ao Partido, *são convidados* pelo Comitê Central, em virtude de seu direito de fazê-lo, a comparecer ao Congresso com voz, mas sem voto. O Comitê Central declarou, além disso, que vai propor no Congresso a mudança dessa voz consultiva para direito a voto. Os delegados plenos dos comitês concordarão com isso?

O Comitê Central declara que em sua opinião, eles vão sem dúvidas concordar com isso. Pessoalmente, estou profundamente convencido disso. É impossível discordar de algo assim. É inconcebível que a maioria dos líderes do proletariado social-democrata discorde disso. Temos certeza de que a opinião dos operários do Partido, registrada cuidadosamente pela *Nôvaia Jízni*, vai provar muito em breve a correção de nossa visão; mesmo se alguma disputa acontecer nesse ponto (de

---

2 N.E. O apelo *A todos os organismos partidários e aos operários social-democratas*, com subtítulo *Sobre o IV Congresso do POSDR*, foi publicado na *Nôvaia Jízni*, nº 9, em 10 (23) de novembro de 1905.

3 N.E. Aqui, Lênin se refere ao novo *Iskra*, oportunista. Depois do II Congresso do POSDR, os mencheviques, auxiliados por Plekhánov, tomaram o *Iskra* para si. De novembro de 1903 para frente, começando com o número 52, o *Iskra* tornou-se um porta-voz menchevique. Existiu até outubro de 1905.

converter a voz consultiva em direito a voto), o resultado já está dado.

Vejam essa questão por outro ângulo – do ponto de vista do conteúdo da questão, não de sua forma. A social-democracia está em perigo pela realização do plano que estamos propondo?

Pode-se dizer que o perigo está em uma entrada repentina de um grande número de não-social-democratas no Partido. Se isso ocorresse, o Partido se dissolveria entre as massas, deixaria de ser a vanguarda consciente de sua classe, seu papel seria reduzido ao de um rabo[4]. Isso significaria, de fato, um período muito lamentável. E esse perigo *poderia* sem dúvidas ser *muito sério* se nós mostrássemos qualquer inclinação à demagogia, se nos faltasse completamente os princípios partidários (programa, princípios táticos, experiência organizativa), ou se esses princípios fossem frágeis e vacilantes. Mas o fato é que esses "se" não existem. Nós, bolcheviques, nunca mostramos nenhuma inclinação à demagogia. Ao contrário, sempre lutamos resoluta, aberta e diretamente contra qualquer tentativa de demagogia; cobramos consciência de classe daqueles que se juntam ao Partido, insistimos na tremenda importância de continuidade no desenvolvimento do Partido, pregamos disciplina e cobramos que *todo* membro do Partido seja formado em algum dos organismos do Partido. Nós temos um programa partidário firmemente estabelecido, que é oficialmente reconhecido por todos os social-democratas e cujas proposições fundamentais não abrem espaço para qualquer crítica (críticas a pontos e formulações individuais são totalmente legítimas e necessárias em qualquer partido vivo). Nós temos resoluções sobre tática que foram coerente e sistematicamente feitas no Segundo e Terceiro Congressos e pelo trabalho de muitos anos da imprensa social-democrata. Nós também temos alguma experiência organizativa e uma organização de verdade, que teve um papel educativo e sem dúvidas rendeu frutos, um fato que pode não ser aparente à primeira vista, mas que só pode ser negado pelos cegos ou pelos que foram cegados.

Não exageremos esse perigo, camaradas. A social-democracia já estabeleceu seu próprio nome, já criou uma tendência e tem formado quadros de operários social-democratas. E agora que o heroico proletariado provou com seus feitos seu preparo e sua habilidade para lutar com consequência e por objetivos claramente entendidos, para lutar com um espírito puramente social-democrata, seria simplesmente ridículo duvidar de que os operários que pertencem ao nosso Partido, ou que se juntarem a ele amanhã a convite do Comitê Central, serão social-democratas em noventa e nove por cento dos casos. O operariado é instintivamente, espontaneamente social-democrata e mais de dez anos de trabalho feito pela social-democracia teve um grande impacto em transformar essa espontaneidade

---

4 N.E. Lênin usa aqui o termo russo *khvost*, que significa literalmente "rabo, cauda (de animal)". O termo tinha o significado de algo que simplesmente vai atrás de um corpo maior, sendo levado por ele. É com essa ideia em mente que Lênin utilizada também o termo *khvostizm* ("rabismo", em tradução literal, "caudatarismo", em tradução mais refinada), que foi traduzido comumente para o português como "seguidismo" ou "reboquismo" – expressando a ideia de uma organização política que não dirige as massas, mas as segue; não é sua vanguarda, mas sua retaguarda.

em consciência. Não criem espantalhos, camaradas! Não se esqueçam de que em cada partido vivo e em crescimento sempre haverá elementos de instabilidade, vacilação, hesitação. Mas esses elementos podem ser influenciados, e eles vão se submeter à influência do núcleo firme e sólido dos social-democratas.

Nosso Partido ficou estagnado enquanto trabalhava na clandestinidade. Como bem disse um delegado ao Terceiro Congresso, foi sufocante trabalhar escondido durante os últimos anos. O "esconderijo" agora está se abrindo. Avante, então, e com mais coragem; peguem essa nova arma, distribuam-na entre novas pessoas, aumentem suas bases, reúnam todos os operários social-democratas em torno de si, incorporem-os às fileiras dos organismos do Partido às centenas e aos milhares. Deixem os delegados darem uma nova vida às fileiras de nossos organismos centrais, deixem o espírito revigorado da jovem Rússia revolucionária derramar através deles. Até agora, a revolução deu razão a todas as proposições teóricas básicas do marxismo, todas as palavras de ordem essenciais da social-democracia. E a revolução também deu razão ao trabalho feito por nós, social-democratas, deu razão à nossa esperança e à nossa fé no verdadeiro espírito revolucionário do proletariado. Abandonemos, então, toda a pequeneza nessa necessária reforma partidária; ataquemos por esse novo caminho de uma vez. Isso não nos privará de nossos velhos aparatos secretos (não há dúvida de que os operários social-democratas os reconhecem e os aprovam; a experiência prática e o curso da revolução provaram isso de maneira cem vezes mais convincente do que poderiam fazer as deliberações e resoluções). Isso vai nos dar novas forças jovens que surgem das profundezas da única classe genuína e completamente revolucionária, a classe que já conquistou meia liberdade para a Rússia e vai conquistar toda a liberdade para ela, a classe que vai levá-la através da liberdade até o socialismo!

II

A decisão do Comitê Central de nosso Partido de convocar o Quarto Congresso do POSDR, publicada na *Nôvaia Jízni*, nº 9, é um passo decisivo para a aplicação total do princípio democrático na organização partidária. A eleição de delegados para o Congresso (que chegarão lá com direito a voz e não a voto, mas ali receberão sem dúvidas o direito ao voto) precisa ser feita no prazo de um mês. Todos os organismos do Partido precisam, portanto, começar o quanto antes a debater os candidatos e as tarefas do Congresso. É claro que é necessário reconhecer a possibilidade de a autocracia moribunda fazer novas tentativas de retirar as liberdades prometidas e atacar os operários revolucionários, especialmente suas lideranças. Portanto, não seria nada aconselhável (exceto talvez em casos específicos) publicar o nome real dos delegados. Os codinomes, aos quais a época da escravidão política nos acostumou, não devem ser descartados enquanto as Centenas Negras[5] estiverem no poder, nem seria errado eleger, como antes, suplentes, para o

5 N.E. A organização paramilitar reacionária *Chornaia sotnia* (por vezes traduzido como "Cem Negros" ou, erroneamente, "Centúrias Negras") defendia o czarismo, assasinava militantes e intelectuais de esquerda e estava na linha de frente dos ataques aos judeus (os chamados *pogroms*).

caso de prisões. Contudo, não devemos nos aferrar a todas essas precauções de segurança, uma vez que os camaradas familiarizados com as condições locais de trabalho vão facilmente superar todas as dificuldades que possam surgir a esse respeito. Os camaradas que têm ampla experiência no trabalho revolucionário sob a autocracia devem ajudar, com seus conselhos, aqueles que estão começando o trabalho social-democrata em condições novas e "livres" ("livres" entre aspas, por enquanto). Não é preciso dizer que, ao fazer isso, os membros de nosso comitê devem ter grande tato: antigas prerrogativas formais inevitavelmente perdem seu significado no atual momento, e será necessário em vários casos começar "do começo", *provar* a grandes setores de novos camaradas do Partido a importância de um programa social-democrata consistente, a importância da tática e da organização social-democrata. Não podemos esquecer que até agora só tivemos que lidar com revolucionários vindos de um estrato social particular, enquanto agora teremos que lidar com representantes típicos das massas. Essa mudança pede uma mudança não apenas nos métodos de propaganda e agitação (um estilo mais popular, habilidade para apresentar uma questão, para explicar as verdades básicas do socialismo da maneira mais simples, mais clara e mais convincente), mas também nos de organização.

Nesse artigo, eu devo me fixar em um aspecto das novas tarefas de organização. A deliberação do Comitê Central convida *todos* os organismos do Partido a enviar delegados ao Congresso e convoca *todos* os social-democratas operários a se juntarem a esses organismos. Se esse desejo realmente incrível for realizado, um simples "convite" aos operários não será o bastante, nem será o bastante simplesmente aumentar o número de organismos do tipo antigo. Para esse objetivo, é necessário que todos os camaradas inventem *novas* formas de organização com seus esforços conjuntos independentes e criativos. É impossível estabelecer quaisquer padrões pré-determinados para isso, porque estamos agora trabalhando em um campo completamente novo: um conhecimento das condições locais e, acima de tudo, a iniciativa de *todos* os membros do Partido devem ser colocados para jogo. Essa nova forma de organização, ou, na verdade, essa nova forma dos núcleos organizativos básicos do partido dos operários, deve ser definitivamente mais ampla do que os velhos círculos. Além disso, o novo núcleo provavelmente vai ter uma organização menos rígida, mais "livre", mais "solta" (*lose*[6]). Com a completa liberdade de associação e liberdades civis para o povo, nós devemos, claro, ter que fundar entidades social-democratas (não apenas sindicatos, mas entidades políticas e partidárias) em todo lugar. Nas atuais condições, devemos lutar para chegar nessa meta por todos meios e modos disponíveis.

Precisamos imediatamente animar a iniciativa de todos os funcionários do Partido e de todos os operários que simpatizam com a social-democracia. Precisamos organizar, imediatamente, em todo lugar, palestras, debates, reuniões, manifestações ao ar livre em que o Quarto Congresso do POSDR seja anunciado, em

6 N.E. Lênin utiliza a palavra "lose", em alemão, entre parênteses. Seu significado é "solto", sendo cognato de "loose" em inglês.

que as tarefas do Congresso sejam explicadas da maneira mais compreensível e popular, em que a nova forma de organização do Congresso seja apontada, e que um apelo seja feito para todos os social-democratas participarem na construção de um genuíno partido social-democrata proletário sobre novas linhas. Esse trabalho vai nos render uma riqueza de informações baseadas na experiências, vai, no curso de duas ou três semanas (se agirmos energicamente), produzir novas forças social-democratas dentre os operários, e reviver dentre os setores mais amplos um interesse pelo partido social-democrata, que agora nós decidimos construir sobre novas linhas juntamente com todos os camaradas operários. Em todas as reuniões, devemos levantar imediatamente a questão de fundar entidades, organizações, grupos do Partido. Cada entidade, organização ou grupo deve imediatamente eleger seu secretariado, ou conselho, ou comitê dirigente – resumindo, um corpo central que conduza os assuntos da organização, mantendo relações com as instituições locais do Partido, receba e circule a literatura partidária, colete inscrições para o trabalho do partido, organize reuniões e palestras e finalmente prepare a eleição de um delegado para o Congresso do Partido. Os comitês do Partido vão, é claro, ter o cuidado de ajudar cada um desses organismos, supri-los de materiais explicando o que o POSDR defende, sua história e suas grandes tarefas atuais.

Já passou da hora, além disso, de darmos passos para estabelecer fortes iniciativas econômicas locais, por assim dizer, para os organismos social-democratas de operários – na forma de restaurantes, casas de chá, botecos, bibliotecas, espaços de leitura, estandes de tiro[7] etc. etc., mantidos por membros do Partido. Não podemos esquecer que, além de sermos perseguidos pela polícia "autocrática", os operários social-democratas também são perseguidos por seus empregadores "autocráticos", que vão demitir agitadores. Portanto é muito importante organizar bases que serão o mais independente possível da tirania dos empregadores.

Falando em termos gerais, nós, social-democratas, devemos tirar toda vantagem possível da atual extensão da liberdade de ação, e quanto mais essa liberdade for garantida, tanto mais energicamente deve avançar a palavra de ordem: "Vamos para o meio do povo!" A iniciativa dos próprios operários agora vai aparecer em uma escala com que nós, os operários clandestinos de círculo de ontem, nem sequer podemos sonhar. A influência das ideias socialistas nas massas do proletariado está agora avançando, e vai continuar a avançar por caminhos que não

7 N.A. Não sei o equivalente russo de *tir* [N.E. Lênin usa a palavra francesa.], pelo qual quero dizer um lugar para praticar a mira, onde haja suprimento de todos os tipos de arma de fogo e onde qualquer um, por uma taxa pequena, possa praticar tiro ao alvo com um revólver ou um rifle. A liberdade de reunião e associação foi promulgada na Rússia. Os cidadãos têm o direito de se reunir e aprender como atirar; isso não é perigoso para ninguém. Em qualquer grande cidade da Europa, você vai encontrar esses estandes de tiro abertos a todos, situados em porões, às vezes fora da cidade etc. E é longe de ser inútil para os operários aprender como atirar e como manusear armamentos. Claro, nós devemos ser capazes de fazer isso com seriedade e em larga escala apenas quando a liberdade de associação estiver garantida e nós possamos denunciar os canalhas da polícia que ousarem fechar esses tais estabelecimentos.

vamos conseguir prever completamente. Devido a essas condições, nós teremos que distribuir a *intelligentsia*[8] social-democrata de uma maneira mais racional para assegurar que eles não fiquem parados inutilmente onde o movimento já se levantou sobre os próprios pés e pode, por assim dizer, melhorar por si mesmo, e que eles vão aos "estratos mais baixos", em que o trabalho é mais duro, em que as condições são mais difíceis, em que a necessidade de pessoas experientes e bem informadas é maior, em que as fontes de luz são mais escassas e onde a vida política pulsa com menos força. Precisamos ir agora "para o meio do povo", tanto nos antecipando às eleições, em que toda a população, mesmo nos lugares mais remotos, vai participar, quanto (o que importa ainda mais) nos antecipando à luta aberta – para paralisar as políticas reacionárias de uma Vendée[9] provincial, para disseminar por todo o país, entre as massas proletárias, as palavras de ordem que saem dos grandes centros.

Para termos segurança, é sempre ruim recorrer aos extremos: para organizar o trabalho em bases o mais estável e "exemplares" possível, nós teremos ainda que frequentemente concentrar nossas melhores forças em um ou outro centro importante. A experiência vai nos mostrar a proporção em que devemos empregar nossas forças para isso. Nossa tarefa agora não é tanto inventar regras para nos organizar em novas bases, mas desenvolver o trabalho mais corajoso e mais amplo que nos permita, no Quarto Congresso, sintetizar e colocar sobre a mesa os dados obtidos da experiência do Partido.

III

Nas duas primeiras partes, lidamos com a importância geral do princípio eleitoral no Partido e com a necessidade de novos núcleos organizativos e formas de organização. Nós agora devemos examinar outra questão extremamente vital, ou seja, a questão da unidade do Partido.

Não é segredo para ninguém que a imensa maioria dos operários social-democratas está muito insatisfeita com o rompimento no Partido e estão pedindo por unidade. Não é segredo para ninguém que o rompimento trouxe um certo esfriamento da relação dos operários social-democratas (ou operários em vias de se tornarem social-democratas) com o Partido Social-Democrata.

Os operários perderam quase toda a esperança de que os "cabeças" do Partido se unam por si próprios. A necessidade de unidade foi formalmente reconhecida tanto pelo Terceiro Congresso do POSDR quanto pela Conferência Menchevique

8 N.A. No Terceiro Congresso do Partido, eu sugeri que deveríamos ter oito operários para cada dois intelectuais nos comitês do Partido. Como parecem obsoletas essas sugestões hoje! Agora nós temos que torcer para que os novos organismos do Partido tenham um intelectual social-democrata para várias centenas de operários social-democratas.

9 N.E. Vendée é um departamento na França ocidental, onde o campesinato atrasado começou um levante contrarrevolucionário contra a república no final do século XVIII, durante a revolução burguesa francesa. Esse levante foi liderado pelo clero católico, a nobreza e monarquistas emigrados e tinha apoio da Inglaterra. Vendée tornou-se um sinônimo de rebelião reacionária e encubadora de contrarrevolução.

feita em maio. Seis meses se passaram desde então, mas nossa unidade quase não fez nenhum progresso. Não é à toa que os operários estão começando a dar sinais de impaciência. Não é à toa que "Um Operário, Um de Muitos", que escreveu sobre a unidade no *Iskra* e em um panfleto publicado pela "Maioria" (*Operários sobre o Congresso do Partido*, publicado pelo Comitê Central em Genebra, em 1905), finalmente ameaçou a *intelligentsia* social-democrata com "um punho vindo de baixo". Alguns social-democratas (os mencheviques) não gostaram dessa ameaça, outros (os bolcheviques) acharam legítimo e, no fundo, cheio de razão.

Parece que chegou a hora em que os social-democratas operários *com consciência de classe* podem e devem levar a cabo sua intenção (não diria "ameaça", porque essa palavra soa como acusação e demagogia, e precisamos fazer de tudo para evitar ambas). De fato, chegou a hora, ou, de qualquer forma, está chegando a hora, em que o princípio eleitoral pode ser aplicado à organização do Partido não só em palavras, mas em ações, não como uma frase bonita e vazia, mas como um princípio realmente novo que renove, estenda e fortaleça os vínculos partidários. A "Maioria" representada pelo Comitê Central apelou diretamente pela imediata aplicação e pela introdução do princípio eleitoral. A Minoria está indo na mesma direção. E os operários social-democratas constituem a imensa, esmagadora maioria em todas as organizações social-democratas, comitês, encontros, reuniões etc.

Assim, agora é possível não só *incitar* a unidade, não só receber *promessas* de unidade, mas *nos unir* verdadeiramente – por uma simples decisão da maioria dos operários organizados em ambas frações. Não haverá imposição, uma vez que, em princípio, a necessidade de unidade foi reconhecida por todos, e que os operários só têm que decidir na prática uma questão que já foi decidida por princípio.

A relação entre as funções dos intelectuais e do proletariado (operários) no movimento operário social-democrata pode ser provavelmente expressada, com algum grau de precisão, pela seguinte fórmula geral: a *intelligentsia* é boa para resolver problemas "de princípio", boa para traçar planos, boa para raciocinar sobre a necessidade de ação – enquanto os operários agem, e transformam a monótona teoria em realidade viva.

E eu não escorrego de forma alguma para demagogias, nem diminuo de maneira alguma o grande papel desempenhado pela consciência no movimento operário, nem deprecio de jeito nenhum a tremenda importância da teoria marxista e dos princípios marxistas, quando eu digo: tanto no Congresso quanto na Conferência criamos a "monótona teoria" da unidade do Partido. Camaradas operários, nos ajudem a transformar essa teoria monótona em realidade! Juntem-se aos organismos do Partido aos montes! Façam do nosso Quarto Congresso e da Segunda Conferência Menchevique um grande e imponente Congresso de operários social-democratas. Juntem-se a nós para resolver essa questão prática da fusão; deixemos essa questão ser a exceção (uma exceção que prova a regra!) em que teremos um décimo de teoria e nove décimos de prática. Esse desejo é certamente

legítimo, historicamente necessário e psicologicamente compreensível. Nós "teorizamos" por tanto tempo (algumas vezes – por que não admitir? – sem função nenhuma) na atmosfera insalubre do exílio político, que não seria nada errado se agora nós "entortássemos a vara" um pouco, bem pouquinho mesmo, "para o outro lado" e colocássemos a prática um pouco mais em primeiro plano. Isso seria certamente adequado a respeito da questão da unidade, a qual, devido às causas do rompimento, nós dedicamos um quantidade imensa de papel e tinta. Nós, exilados, particularmente ansiamos pelo trabalho prático. Além disso, já escrevemos um programa muito bom e compreensível para toda a revolução democrática. Vamos, então, nos unir também para fazer essa revolução!

Relatório sobre o Congresso Unitário do POSDR (excertos)

Escrito no começo de maio de 1906. A polícia fez apreensões nas gráficas de São Petersburgo, onde o panfleto estava sendo preparado, e o enviou ao Comitê de Imprensa de São Petersburgo, que o censurou. Mas o Partido teve sucesso em mandar o texto para Moscou, onde a impressão foi feita. Na edição do *Vperiod*, o panfleto tinha um *Apêndice* que incluía os esboços de resolução submetidos ao Congresso pelos bolcheviques e pelos mencheviques, resoluções adotadas pelo Congresso, e outros assuntos.

Uma carta aos operários de São Petersburgo

Camaradas, vocês me elegeram como seu delegado ao Congresso Unitário do POSDR. Como agora estou impossibilitado de ir a São Petersburgo, permitam-me enviar meu relatório por escrito e, de passagem, expressar umas poucas ideias sobre o Congresso.

Antes de seguir com o assunto, eu preciso fazer uma ressalva importante. É quase impossível lembrar com detalhe de tudo que aconteceu no Congresso, no qual havia cento e vinte delegados ou mais, e que teve por volta de 30 sessões. Sendo um membro da Mesa do Congresso, e um dos presidentes, e além disso membro de diversas comissões, eu não consegui fazer anotações durante as sessões. Ninguém pode confiar totalmente na própria memória sem nada anotado. Além disso, tendo estado ausente do plenário por estar nas tarefas nas comissões, ou por razões casuais ou pessoais, eu deixei de testemunhar vários episódios no Congresso, e também não ouvi todas as falas. A experiência dos congressos anteriores (o Segundo e o Terceiro), em que havia menos delegados, me convenceram de que, mesmo se alguém prestar muita atenção aos trabalhos, é impossível ter um quadro preciso do congresso de memória. Quando as minutas dos Segundo e Terceiro Congressos apareceram, eu as li como se fossem livros completamente novos, apesar de eu mesmo ter estado nesses congressos; porque esses livros realmente me deram muito material novo e me instigaram a revisar muitas impressões pessoais inexatas ou incompletas. Portanto eu sinceramente peço a vocês que tenham em mente que essa carta é apenas um esboço inicial de um relatório, sujeito, de qualquer forma, a correção com base nas minutas do Congresso.

I
A composição do Congresso

Vou começar pela composição geral do Congresso. Como vocês sabem, os

delegados com direito a voto foram eleitos na base de um para cada 300 membros do Partido. Havia por volta de 110 desses delegados – no começo do Congresso, eu acho, um pouco menos (nem todos tinham chegado); no encerramento, havia uns 113. Delegados apenas com voz consultiva eram os 5 editores do Órgão Central (3 da "Minoria" e 2 da "Maioria", porque vocês me elegeram delegado pleno) e cinco membros do Comitê Central Unificado, se não me engano. Havia também delegados com voz consultiva, advindos de organismos sem plenos direitos, e várias pessoas que foram especialmente convidadas para o Congresso (dois membros do "Comitê Agrário", Plekhánov e Axelrod, camarada Akímov e vários outros). Havia também vários delegados consultivos de organismos grandes, com mais de 900 membros (de São Petersburgo, Moscou, a organização regional do Sul e outros). Por fim, havia delegados consultivos representando os partidos Social-Democratas nacionais: três delegados do Partido Social-Democrata Polonês[1], três do Social-Democrata Letão[2] e três da organização judaica (o Bund); e um do Partido Operário Social-Democrata Ucraniano (parece que esse foi o nome que o Partido Ucraniano Revolucionário[3] adotou em sua última conferência). Assim, havia 30 delegados, ou um pouco mais, com voz consultiva. O número total de presentes era, portanto, não 120, mas mais do que 140.

Separando de acordo com sua "tendência" em relação às plataformas táticas, ou a posição de sua fração[4], se preferirem, os delegados com direito a voto estavam divididos mais ou menos da seguinte forma: 62 mencheviques e 46 bolcheviques. Em todo caso, eram esses os números que mais se fixaram na minha memória durante os diversos votos "de fração" que houve no Congresso. Alguns

1 N.E. A fusão do Partido Social-Democrata Polonês com o POSDR foi considerada necessária, e proposta mais de uma vez, pela Social-Democracia da Polônia e da Lituânia (SDPL) em seus congressos. No Segundo Congresso do POSDR (1903), que discutiu essa questão, a SDPL não se juntou ao POSDR por causa de diferenças sobre a questão nacional. Em janeiro de 1906, o Comitê Executivo da SDPL voltou a conversar sobre uma fusão com o Comitê Central Unificado do POSDR. As conversas resultaram em um esboço de um acordo que o representante da SDPL levou ao IV Congresso (Unitário). Depois de introduzir algumas emendas no esboço, o Congresso o aprovou.

2 N.E. O Partido Operário Social-Democrata Letão foi fundado por seu Primeiro Congresso em junho de 1904. Seu Segundo Congresso, que aconteceu em junho de 1905, adotou o Programa do Partido e decidiu sobre a necessidade de uma fusão com o POSDR. Em 1905, dirigiu as ações revolucionárias dos operários e preparou as massas para um levante armado. No Quarto Congresso (Unitário), o Partido se juntou ao POSDR como um organismo territorial. Depois do Congresso, ele foi renomeado como Social-Democracia do Território Letão.

3 N.E. Partido Ucraniano Revolucionário (PUR) – uma organização pequeno-burguesa nacionalista fundada no começo de 1900. Em dezembro de 1905, renomeou-se como Partido Operário Social-Democrata Ucraniano (POSDU) e decidiu se juntar ao POSDR, com a condição de ser reconhecido como "o único representante do proletariado ucraniano" dentro do POSDR. O IV Congresso (Unitário) do POSDR rejeitou a proposta de discussão imediata dos termos da fusão feita pelo porta-voz do POSDU, e encaminhou a questão para o Comitê Central decidir. Não se chegou a nenhum consenso sobre a fusão. Subsequentemente, o POSDU se encontrou no campo da contrarrevolução nacionalista-burguesa.

4 N.E. A palavra utilizada por Lênin, em russo, é *fraktsiia*, derivada por estrangeirismo de *fractiō*, do latim, "o ato de quebrar, partir".

dos delegados, claro, estavam indefinidos, ou hesitavam em certas questões; eles eram o que na linguagem parlamentar se chama o "Centro" ou o "Pântano". Esse "Centro" era bastante débil no Congresso, mas mesmo assim alguns camaradas, que eu agrupei com os mencheviques de acordo com seus votos, se diziam "conciliadores" ou o "Centro". De todas as votações mais ou menos importantes que foram feitas no Congresso, eu me lembro de apenas uma (a questão da filiação do Bund ao Partido) em que esses "conciliadores mencheviques" não votaram como fração. Sobre essa votação, na qual, ao que eu me lembro, os mencheviques propriamente da fração foram derrotados por uma maioria de 59, eu vou entrar em detalhes mais para frente.

Portanto, 62 e 46. O Congresso era um congresso menchevique. Os mencheviques tinham uma maioria sólida e segura, que os permitia fazer acordos entre si de antemão e assim predeterminar as decisões do Congresso. Estritamente falando, esses arranjos privados nas reuniões de fração são bastante naturais quanto há uma maioria definida e compacta; e quando vários delegados, particularmente aqueles do chamado Centro, reclamaram sobre isso, eu disse, em uma conversa com uns delegados, que isso era "o Centro reclamando de sua própria fraqueza". Tentativas foram feitas no Congresso de levantar a questão dessas reuniões de fração, mas isso não foi para a frente, porque as frações já haviam se firmado de qualquer forma, e foi possível até permitir gente de fora ir às reuniões das frações, até permitir que se tornassem reuniões "abertas". Chegando no final do Congresso, por exemplo, a composição do Comitê Central foi praticamente decidida, como falarei mais para frente, não pelo voto em Congresso aberto, mas simplesmente por um "consenso" entre as frações. Não vou dar nenhuma opinião sobre isso; e acho que é inútil lamentar isso, porque é absolutamente inevitável enquanto as antigas divisões de fração existirem.

Em relação às divisões dentro das frações, aponto que eram marcadas apenas na questão agrária (uma seção dos mencheviques se opunha à municipalização, enquanto os bolcheviques se dividiam entre "rojovistas" – isso é, aqueles que defendiam a divisão da terra – e os defensores do confisco, com nacionalização no caso de uma república ser estabelecida); e na questão da filiação do Bund. Além disso, uma coisa impressionante era a completa ausência, dentre os mencheviques, da tendência que se revelou tão claramente em *Nachalo*, e que no Partido nos acostumamos a conectar com os nomes dos camaradas Parvus e Trótski. Verdade seja dita, é bastante possível que houvesse "parvusistas" e "trotskistas" entre os mencheviques – me disseram que havia uns oito desses – mas, devido à remoção da ordem do dia da questão do governo provisório revolucionário, eles não tiveram oportunidade de aparecer. É provável, contudo, que, por causa do giro geral que os mencheviques fizeram no Congresso na direção de Plekhánov, de cujo *Dnevnik*[5] eles haviam discordado antes do Congresso, os "parvusistas" também dêem um passo à direita. Eu me lembro de um episódio no qual, talvez,

5 N.E. Referência ao *Dnévnik Sotsial-Demokrata* ("Diário do Social-Democrata"), órgão não-periódico editado por Plekhánov em Genebra de 1905 a 1912.

os "parvusistas" dentro dos mencheviques fizeram com que todos eles mudassem ligeiramente sua atitude. Foi um incidente sobre a questão da insurreição armada. Plekhánov, o presidente da comissão, tinha alterado a resolução menchevique original e, em vez de "arrancar o poder" (essa parte da resolução dizia respeito aos objetivos do movimento), inseriu "arrancar direitos à força" (ou "ganhar os direitos" – eu não me lembro direito qual). O oportunismo dessa alteração foi tão visível que protestos dos mais acalorados foram feitos contra ela no meio do Congresso. Nós atacamos a alteração com vigor redobrado. As fileiras dos mencheviques hesitaram. Eu não sei exatamente se alguma reunião de fração tinha sido feita, ou, se sim, o que aconteceu nelas; nem posso me fiar à declaração feita para mim que dez mencheviques que estavam mais inclinados ao "parvusismo" tinham declarado enfaticamente sua discordância com a alteração. O fato é que, depois de debates em plenário, o próprio Plekhánov retirou a alteração e não permitiu que fosse posta em votação; fez isso sob o pretexto (diplomático, talvez com alguma habilidade, mas arrancou alguns risos dos delegados) que não valia a pena debater sobre questões de "estilo de escrita".

Finalmente, para encerrar com a composição do Congresso, vou dizer algumas palavras sobre a Comissão de Credenciamento (a comissão que verificava as credenciais dos delegados). Houve duas comissões dessa, porque a primeira que foi eleita pelo Congresso renunciou[6]. Isso foi uma coisa extraordinária, e nunca tinha ocorrido nos congressos anteriores. Em todo caso, era evidência de algo extremamente anormal no trabalho de verificação das credenciais. Eu me lembro de que o presidente da primeira comissão era um conciliador, que no começo tinha confiança até da nossa fração. Mas, uma vez que ele se provou inapto a manter a comissão trabalhando em conjunto e ele e toda a comissão foram forçados a renunciar, só mostra que o conciliador foi incapaz de conciliar. Os detalhes da disputa no Congresso pelos relatórios da Comissão de Credenciamento foram os que mais escaparam à minha atenção. A disputa várias vezes foi bem acalorada, credenciais bolcheviques foram anuladas, as paixões cresciam, e as coisas chegaram no seu clímax com a renúncia da primeira comissão; mas eu não estava no plenário naquele momento. Lembro-me de ainda outro incidente, evidentemente bastante grande, com o trabalho de determinar a composição do Congresso. Foi um protesto enviado por vários operários em Tíflis (cerca de 200, eu acho) contra o mandato da delegação de Tíflis, que consistia quase toda de mencheviques e era

6 N.E. A Comissão de Credenciamento eleita na primeira sessão do Congresso era composta por dois bolcheviques, dois mencheviques e um considerado "neutro", que era de fato um conciliador (ele presidia a comissão). O Congresso aprovou os termos de funcionamento da Comissão e passou o esboço de resolução de Lênin, que colocou como obrigação da Comissão submeter relatórios escritos ao Congresso. O trabalho da Comissão e a discussão de seus relatórios nas sessões plenárias do Congresso aconteceu em uma atmosfera de intensa disputa entre bolcheviques e mencheviques. As relações ficaram particularmente tensas na sexta sessão do Congresso com a proposta da Comissão de cancelar as credenciais de Artamónov (F. A. Serguêiev, ou Artiom), um delegado bolchevique da organização da Carcóvia. Os bolcheviques na Comissão declararam que estavam se retirando dela e então o Congresso elegeu uma nova Comissão composta por mencheviques e conciliadores.

extraordinariamente grande, chegando a onze membros, eu acho. O protesto foi lido no Congresso e, portanto, deve aparecer nas minutas[7].

O relatório dos procedimentos das Comissões de Credenciamento também devem aparecer nas minutas, isso é, se as comissões cumpriram suas tarefas com atenção, e elaboraram relatórios adequados sobre a verificação das credenciais e de todas as eleições para o Congresso. Se fizeram isso, e se os relatórios vão aparecer nas minutas, eu não sei dizer. Se não aparecerem, vai provar, sem sombra de dúvida, que as comissões não cumpriram suas tarefas com o cuidado e a atenção necessários. Se os relatórios aparecerem nas minutas, então eu terei que corrigir muito do que eu disse acima, já que em uma questão como essa, que não é de princípio, mas uma questão puramente concreta e prática, é particularmente fácil cometer erros formando impressões gerais e é particularmente importante se ocupar completamente no estudo dos registros.

Aliás, para terminar com as formalidades e seguir para as questões mais interessantes, de princípio, vou dizer algo sobre as minutas. Eu receio que sobre elas, também, o Congresso vai se provar menos satisfatório do que o Segundo e o Terceiro Congressos. Em ambos os congressos anteriores, as minutas foram adotadas integralmente pelo Congresso. No Congresso Unitário, as secretarias, pela primeira vez, provaram ser tão ineficientes, havia tanta pressa em terminar o Congresso (apesar do fato de que várias questões extremamente importantes foram retiradas da ordem do dia), que *nem todas* as minutas passaram pelo Congresso. A Comissão de Minutas (que consistia de dois mencheviques e dois bolcheviques) recebeu poderes mais amplos e mais indefinidos do que nunca: adotar as minutas não terminadas. No caso de discordância, deve-se apelar aos delegados do Congresso que estão em São Petersburgo. Tudo isso é lamentável. Receio que não receberemos minutas tão boas quanto as do Segundo e do Terceiro Congressos. A bem da verdade, tínhamos dois estenógrafos e algumas falas estão relatadas quase palavra por palavra e não na forma de relatórios condensados, como foi feito no passado; mas não devemos esperar um relatório minucioso dos debates do Congresso, porque seria mais do que os dois estenógrafos poderiam dar conta, como eles informaram ao Congresso mais de uma vez. Como membro da mesa, eu insisti fortemente que as secretarias deveriam pelo menos fazer bons relatórios condensados das falas, mesmo se fossem muito breves. Deixemos que os relatórios completos de algumas falas, eu disse, sejam uma espécie de suplemento de luxo das minutas; mas era essencial ter a base – não só de algumas das falas, mas de todas as falas sem exceção, pelo menos na forma de relatórios condensados[8].

---

7 N.E. O protesto dos operários de Tíflis contra os poderes da delegação menchevique, assinado por 200 pessoas, foi lido na vigésima sessão do Congresso. Ele dizia que, ao fazer as listas de membros do Partido, os mencheviques de Tíflis ignoraram o Estatuto do POSDR e incluíram qualquer pessoa na lista. Os mencheviques haviam "descoberto" mais de 3000 membros do Partido em Tíflis. Os social-democratas operários de Tíflis sustentaram em seu protesto que a cidade não poderia ser representada no Congresso por uma delegação de 11 delegados.

8 N.E. As minutas do IV Congresso (Unitário) do POSDR, publicadas em 1907, tinham sérios de-

II

Eleição da mesa. A ordem do dia do Congresso

Eu vou agora seguir com minha narrativa das deliberações do Congresso na ordem das sessões. A eleição da Mesa foi a primeira a ser votada, e praticamente predeterminou (por mais estranho que parecesse a alguém de fora) todos os votos mais importantes no Congresso. Cerca de 60 votos (não menos do que 58, se não me falha a memória) foram dados a Plekhánov e Dan, com muitos deixando em branco o espaço na cédula para o terceiro candidato. Uns quarenta e poucos votos foram para mim. Então o "Centro" fez uma cena, dando 10 ou 15 votos para um ou outro candidato. Os eleitos foram: Plekhánov, com 69 votos, eu acho (ou 71?); Dan, 67 votos; e eu obtive 60 votos.

Sobre a ordem do dia, o debate em duas ocasiões foi muito interessante e deixou mais claro a composição e o caráter do Congresso. Primeiro, houve o debate sobre se a questão da fusão com os partidos social-democratas nacionais deveria ser colocada como primeiro item. Os partidos nacionais queriam assim, é claro. Nós, também, fomos a favor. Os mencheviques, contudo, votaram contra. O argumento deles era: deixemos o POSDR definir sua própria posição primeiro, para depois se fundir com os outros; deixe que "nós" determinemos por nós mesmos *o que* "nós" somos, e depois disso podemos nos fundir com "eles". A esse argumento (psicologicamente bastante inteligível e, do ponto de vista fracional dos mencheviques, bastante correto), respondemos: não é estranho negar aos partidos nacionais o direito de definirem suas posições *junto* conosco? Se "eles" vão se fundir "conosco", "nós" vamos, e assim deve ser, determinar *o que* "nós" somos, todos juntos. É preciso também colocar que, antes do Congresso, o Comitê Central Unificado já havia chegado a um acordo com o Partido Social-Democrata Polonês pela sua completa fusão conosco. Ainda assim, a proposta de fazer disso o primeiro ponto da ordem do dia foi derrotada. O camarada Warszawski, membro da delegação polonesa, protestou contra isso tão abertamente que virou para os mencheviques e exclamou, entre risadas de todos: "Primeiro vocês querem 'massacrar' e 'devorar' os bolcheviques e depois se fundir com a gente!" Isso foi dito como brincadeira, claro, e eu não estou nem um pouco inclinado a sofismar frente a "palavras assustadoras" como "devorar"; mas essa brincadeira foi uma avaliação muito impressionante e competente de uma situação política peculiar.

O segundo debate interessante foi sobre se a questão do atual estágio de nossa revolução e as tarefas de classe do proletariado deveriam entrar na ordem do dia. Nós, bolcheviques, fomos, é claro, a favor disso, mantendo nossa declaração feita no *Partínie Izviêstia*, nº 2. Do ponto de vista de princípios, não poderíamos fugir à questão fundamental de avaliar se a revolução está realmente às vésperas de um ascenso, que formas do movimento revolucionário são as mais importantes hoje em dia, tendo em vista as condições objetivas e, consequentemente, quais tarefas confrontam o proletariado. Ao se oporem à inclusão dessa questão na ordem do

---

feitos – elas não continham registros de vários relatórios e falas, especialmente os de Lênin.

dia, os mencheviques puseram a si próprios em uma posição que não se pode invejar. Os argumentos deles sobre isso ser uma questão teórica, que o Partido não deveria prender suas resoluções a isso, e por aí vai, eram surpreendentemente artificiais e sentimentais. Houve uma explosão de risos quando, em resposta a uma fala de ninguém menos que Dan, que havia veementemente se oposto à inclusão dessa questão na ordem do dia, um orador tirou uma cópia do *Partínie Izviéstia*, nº 2, e calmamente leu as "palavras fatais" na plataforma tática menchevique: "Nós" – sim, nós, os mencheviques – "temos essa opinião e *propomos que o Congresso deva concordar*." Como é isso, camaradas?, perguntou o orador. Ontem vocês disseram: "Nós propomos que o Congresso deva concordar", mas hoje vocês dizem "Nós propomos que o Congresso" não discuta essa questão? A questão foi colocada na ordem do dia, mas, como veremos mais para frente, os mencheviques passaram o que quiseram no fim. [...]

VII
O fim do Congresso

A insurreição armada foi a última questão a ser discutida mais ou menos até o fim e com base em princípios no Congresso. As outras foram abordadas de forma apressada ou sem discussão.

A resolução sobre combater operações de guerrilha foi adotada como um adendo à resolução da insurreição armada. Eu não estava no plenário quando foi abordada; nem ouvi de nenhum camarada que o debate sobre essa questão tenha sido interessante. Além disso, essa não é uma questão de princípio, claro.

A resolução sobre os sindicatos e sobre a atitude a ser adotada em relação ao movimento camponês passaram com unanimidade. Nas comissões que esboçaram essas resoluções, os bolcheviques e os mencheviques chegaram a um consenso. Quero pontuar que a resolução sobre o movimento camponês contém uma avaliação absolutamente correta sobre o Partido Cadete[9] e reconhece a insurreição como "o único meio" de conquistar a liberdade. Ambos os pontos devem ser lembrados o tempo todo em nosso trabalho cotidiano de agitação.

A questão da fusão com os partidos social-democratas nacionais tomou um pouco mais de tempo. A fusão com os poloneses foi aceita por unanimidade. Da mesma forma, a fusão com os letões, pelo que me lembro; de todo modo, foi aceita sem muita discussão. Houve uma grande batalha, no entanto, sobre a questão da fusão com o Bund. Até onde me lembro, ela passou por 54 votos, ou algo por aí. Os que votaram *a favor* foram os bolcheviques (quase todos), o Centro e os mencheviques menos fracionistas; foi acordado que os comitês dirigentes locais do POSDR deveriam se tornar comitês conjuntos e que todos os delegados aos congressos deveriam ser eleitos segundo o procedimento geral. Uma resolução foi

9 N.E O "Partido da Liberdade do Povo", também chamado "Partido Constitucional-Democrata" ou simplesmente, "Cadete" (KD – *Konstitutsionno-demokraticheskaia*) foi o principal partido da burguesia liberal, defensor de uma monarquia constitucional. Vide o texto de Lênin: *Revolução do tipo de 1789 ou do tipo de 1848?*

adotada reconhecendo a necessidade de se lutar por princípios centralistas de organização (nós propusemos uma resolução, escrita de outra maneira, mas com o mesmo efeito, na qual enfatizamos o significado prático da concessão que fizemos para o Bund, e insistimos na necessidade de um esforço firme para unir as forças do proletariado de forma mais estreita e de modo mais verdadeiro).

Alguns mencheviques ficaram bastante nervosos com a fusão com o Bund e nos acusaram de abandonar os princípios estabelecidos pelo Segundo Congresso. A melhor resposta a essa acusação é a referência ao *Partínie Izviêstia*, nº 2. Nesse número, *muito antes do Congresso*, os bolcheviques publicaram um esboço de resolução propondo *várias outras* concessões para *todos* os partidos social-democratas nacionais, até mesmo de "representação proporcional nos organismos locais, regionais e centrais do Partido". No mesmo número, o nº 2 do *Partínie Izviêstia*, os mencheviques publicaram uma contrarresolução em resposta à nossa, na qual não havia *uma única palavra* que sugerisse que eles discordavam de nossa proposta de fazer mais concessões ao Bund e aos outros partidos social-democratas nacionais.

Eu creio que essa é a melhor resposta à controversa questão de se foram os bolcheviques que votaram a favor do Bund por questões fracionistas, ou se foram os mencheviques que votaram *contra* o Bund por questões fracionistas.

O Estatuto do Partido foi adotado muito rapidamente. Eu era membro da comissão que o esboçou. Os mencheviques queriam aumentar a proporção de membros do Partido necessários para autorizar a convocação de um congresso extraordinário por dois terços dos membros. Junto com meus colegas bolcheviques, eu declarei enfaticamente que a menor das tentativas de cercear esse mínimo de autonomia e de direitos de oposição, que foram reconhecidos no Estatuto adotadas pelo Terceiro Congresso fracional, levaria inevitavelmente a uma cisão. É com vocês, camaradas mencheviques, eu disse. Se escolherem permanecer leais ao acordo e respeitarem os direitos da minoria, todos os direitos de oposição[10], então nos submeteremos, vamos eleger nossos correligionários para o Comitê Central e repudiar uma cisão. Se não o fizerem, então a cisão é inevitável.

Os mencheviques concordaram em baixar de dois terços para metade. O Estatuto foi adotado unanimemente, incluindo o Parágrafo 1 e o princípio do centralismo democrático. Só dois pontos fizeram surgir desacordos.

Primeiro, propusemos que uma nota fosse adicionada ao Parágrafo 1, para garantir que os membros do Partido, ao mudar seu lugar de residência, tivessem o direito de pertencer ao organismo local do Partido.

O propósito dessa nota foi evitar disputas mesquinhas, a expulsão de dissidentes da organização e a recusa de mencheviques em aceitarem bolcheviques e vice-versa. O Partido está crescendo. Está se tornando um partido de massas.

---

10 N.A. Devo lembrar ao leitor de que em meu panfleto, a *Social-Democracia e a Duma de Estado* (publicado junto com um artigo de Dan), eu apontava antes do Congresso que a tendência que permanecesse em minoria deveria ter garantida a liberdade para criticar as decisões do Congresso e liberdade para agitar por outro Congresso.

A luta por cargos deve parar. Todos os organismos de direção no Partido são organismos eleitos. O organismo local do Partido, no entanto, deve ser aberto para todos os membros do Partido. Só isso pode prevenir a luta ideológica de ser manchada por disputinhas organizacionais.

Apesar de nossa insistência, os mencheviques rejeitaram nossa nota. Mas para provar que suas intenções eram honestas, concordaram em adotar a seguinte resolução: "O Congresso rejeita essa nota exclusivamente porque a considera supérflua e *autoevidente*" (estou citando de memória, porque não achei o texto da resolução em minhas anotações). É muito importante ter essa resolução em mente caso surja qualquer controvérsia ou atrito organizacional.

O segundo ponto em que houve desacordo foi a relação entre o Comitê Central e o Órgão Central. Os mencheviques defenderam que o conselho editorial do Órgão Central fosse eleito pelo Congresso e que os membros do conselho editorial agissem como membros do Comitê Central quando questões políticas forem discutidas (um argumento vago que provavelmente vai levar a mal-entendidos). Os bolcheviques, se referindo aos conflitos melancólicos entre escritores na imprensa partidária russa e alemã[11], defenderam a indicação do conselho editorial do Órgão Central pelo Comitê Central, este último tendo direito de destituir os editores. Em minha opinião, a decisão dos mencheviques sem dúvidas mostra que há algo de anormal nas relações entre os escritores e os líderes prático-políticos na ala direita de nosso Partido.

Como curiosidade, eu preciso mencionar que no Congresso os mencheviques endossaram a resolução do Congresso Socialista Internacional de Amsterdã sobre a atitude frente aos partidos burgueses[12]. Essa decisão vai passar à história dos nossos congressos social-democratas precisamente como uma curiosidade. *Todas* decisões dos congressos socialistas internacionais não são vinculativas para os partidos social-democratas de *todos* os países? Que sentido há em destacar e endossar uma dessas decisões? Quem já ouviu falar de um partido social-democrata em algum país em particular ter se posicionado a partir de uma atitude comum sobre todos os partidos burgueses de todos os países, em vez de decidir sua posição ante um partido burguês particular em seu *próprio* país? Antes do Congresso,

11 N.A. O recente "caso" dos seis editores do *Vorwärts* que fizeram um grande alvoroço porque foram retirados pelo Comitê Executivo do Partido Social-Democrata da Alemanha. [N.E. Em 24 de outubro de 1905, o *Vorwärts* trazia em seu nº 249 a comunicação da Executiva Central do Partido Social-Democrata da Alemanha de 23 de outubro de 1905, sobre as mudanças feitas no conselho editorial do *Vorwärts*. Seis editores que pertenciam à tendência revisionista no Partido foram destituídos e pessoas pertencendo à ala esquerda do Partido foram incluídas no conselho editorial renovado. Rosa Luxemburgo recebeu um papel chave no jornal. Os oportunistas lançaram uma campanha em defesa dos editores destituídos, mas as fileiras do Partido aprovaram e respaldaram a política da Executiva.]

12 N.E. O Congresso de Amsterdã da Segunda Internacional aconteceu de 12 a 20 de agosto de 1904. Sua atitude em relação aos partidos burgueses foi expressa na resolução *Regras internacionais para as táticas socialistas*. A resolução proibia socialistas de entrarem em governos burgueses e rejeitava cooperação entre partidos socialistas e burgueses.

tanto os bolcheviques quanto os mencheviques esboçaram resoluções sobre a atitude a tomar frente aos partidos burgueses *na Rússia*, no Ano de Nosso Senhor de *1906*. Se não havia tempo para examinar essa questão no Congresso, então simplesmente ela deveria ter sido retirada. Mas escolher o caminho "do meio" de não examinar a questão dos partidos russos, mas endossar a decisão internacional sobre a questão geral, só ajudou a expor sua confusão para o mundo todo. Foi como dizer: já que não temos cérebro o bastante para decidir que atitude adotar frente aos partidos russos, pelo menos devemos repetir a decisão internacional. Esse foi o jeito mais inepto e ridículo de deixar a questão em aberto.

Ainda assim a questão é extremamente importante. O leitor encontrará os esboços de resolução da Maioria e da Minoria no apêndice. Recomendamos àqueles interessados nessa questão (e qual operário com espírito prático, agitador ou propagandista, não estaria?) comparar esses esboços de tempos em tempos com as "lições da revolução", isso é, com os fatos políticos sobre a vida de vários partidos que a experiência na Rússia hoje providencia tão amplamente. Quem quer que faça essa comparação vai ver que a revolução está cada vez mais corroborando nossa avaliação das duas tendências principais entre os democratas burgueses: a tendência liberal-monarquista (principalmente, os Cadetes) e a tendência revolucionário-democrática.

A resolução menchevique, contudo, carrega traços óbvios de desespero e confusão, que levaram no Congresso ao curioso expediente de endossar uma decisão internacional. A resolução menchevique consiste inteiramente de generalidades e não faz nenhuma tentativa de resolver os (ou de indicar a solução dos) problemas concretos da vida política na Rússia. Nós precisamos criticar todos os partidos, diz essa resolução confusa: nós precisamos denunciá-los, precisamos declarar que não existem partidos democráticos realmente coerentes. Mas *como* os *diferentes* partidos burgueses na Rússia, ou os diferentes tipos desses partidos, devem ser "criticados e denunciados", a resolução não sabe. Ela diz que precisamos "criticar", mas *não sabe como* criticar; uma vez que a crítica marxista dos partidos burgueses consiste em uma análise *concreta* da base de *classe* dos diferentes partidos burgueses, seja qual for. A resolução diz desesperadamente que não há partidos democráticos realmente coerentes. Mas ela não sabe como definir *os diferentes graus* de coerência dos partidos democrático-burgueses *russos* que já apareceram e os que estão aparecendo no curso de nossa revolução. As frases vazias e banalidades na resolução menchevique obscureceram as linhas que dividem os três principais tipos de partido burguês na Rússia: o tipo outubrista, o tipo Cadete e o tipo revolucionário-democrático. E esses nossos social-democratas de direita, tão ridiculamente perdidos no que diz respeito a avaliar os fundamentos de classe e tendências dos vários partidos na Rússia burguesa, têm a pachorra de acusar os social-democratas de esquerda de "socialismo verdadeiro", isso é, de ignorar o papel historicamente concreto dos democratas burgueses! Isso é, uma vez mais, colocam a culpa sobre os ombros dos outros.

Eu digredi um pouco do meu tema principal; mas eu adverti o leitor desde o princípio que eu pretendia combinar meu relatório do Congresso com algumas ideias sobre o Congresso. E eu penso que para ser capaz de avaliar o Congresso de maneira inteligente, os membros do Partido precisam ponderar, não apenas sobre o que o Congresso fez, mas também sobre o que o Congresso deixou de fazer mesmo que não o devesse. E cada social-democrata pensante está começando a perceber com mais clareza a cada dia a importância de uma análise marxista dos diferentes partidos democrático-burgueses na Rússia.

As eleições no Congresso levaram apenas alguns minutos. Praticamente tudo havia sido arranjado antes das sessões gerais. Os mencheviques ocuparam todos os cinco cargos no Conselho Editorial do Órgão Central. Quanto ao Comitê Central, concordamos em eleger três pessoas para ele, as outras sete sendo mencheviques. Qual será a posição desses três, como supervisores e guardiões dos direitos da oposição, é algo que só o futuro dirá.

VIII
O Congresso resumido

Ao resumir o trabalho do Congresso e o efeito que teve sobre nosso Partido, precisamos tirar as seguintes conclusões principais.

Um resultado prático importante do Congresso foi a fusão proposta (e parcialmente já alcançada) com os partidos social-democratas nacionais. Essa fusão vai fortalecer o Partido Operário Social-Democrata Russo. Ela vai ajudar a varrer os últimos traços dos velhos hábitos de círculos. Vai infundir um novo espírito no trabalho do Partido. Vai aumentar imensamente o poder do proletariado de todos os povos da Rússia.

Um outro resultado prático importante foi a fusão dos grupos da Minoria e da Maioria. A cisão acabou. O proletariado social-democrata e seu Partido devem estar unidos. As divergências em matéria de organização foram quase inteiramente eliminadas. Ainda permanece uma tarefa importante, séria e extremamente responsável: aplicar realmente os princípios do centralismo democrático na organização do Partido, trabalhar sem descanso para fazer dos organismos locais as principais unidades organizativas do Partido de fato, e não apenas no nome, e garantir que todos os organismos superiores sejam eleitos, responsabilizáveis e sujeitos à revogação. Precisamos trabalhar muito para construir uma organização que inclua todos os operários social-democratas com consciência de classe e que viva sua própria vida política independente. A autonomia de cada organismo do Partido, que até agora foi completamente letra morta, precisa tornar-se uma realidade. A luta por cargos, o medo da outra "fração", deve ser eliminado. Tenhamos organismos partidários realmente unidos, nos quais haverá apenas uma luta puramente ideológica entre diferentes tendências do pensamento social-democrata. Não será fácil alcançar isso; nem devemos fazê-lo de uma só vez. Mas o caminho foi apontado, os princípios foram proclamados e nós precisamos agora trabalhar para colocar em ação, completa e consistentemente, esse ideal organizativo.

Nós pensamos que um resultado ideológico importante do Congresso é que agora há uma linha mais clara e mais definida de demarcação entre a ala direita e a ala esquerda na social-democracia. Existe uma ala direita e uma ala esquerda em todos os partidos social-democratas na Europa; e sua existência em nosso Partido já é evidente há bastante tempo. Uma linha de demarcação mais distinta entre as duas, uma definição mais clara dos pontos de discordância, é essencial para um desenvolvimento saudável do Partido, para a educação política do proletariado e para vigiar qualquer inclinação do Partido Social-Democrata a se desviar muito para a direita.

O Congresso Unitário rendeu muitos frutos de material documentado prático que nos permitirá determinar precisa e indisputavelmente no que concordamos, no que discordamos e o quanto discordamos. Esse material documentado deve ser *estudado*; precisamos conhecer os *fatos* que revelam a verdadeira natureza e as dimensões da discordância. Precisamos nos afastar dos velhos hábitos de círculo – veemência, abuso e acusações portentosas em vez da discussão sincera das discordâncias particulares que surgem em relação a questões particulares. E pensamos ser essencial anexar a esse panfleto todo o material *documentado* possível sobre o Congresso Unitário, permitir aos membros do Partido *estudar* as discordâncias realmente com independência em vez de tomarem jargões desgastados como verdade. Esse material documentado é árido, claro. Nem todo mundo vai ter a paciência e a perseverança de ler os esboços de resolução e compará-los com as resoluções que foram adotadas, de ponderar sobre o significado das diferentes formulações em cada ponto e em cada frase. Mas quem tiver um interesse realmente consciente sobre as decisões do Congresso não pode evitar esse trabalho sério.

E assim, para resumir o que eu disse acima sobre as disputas no Congresso e as diferentes tendências dos esboços de resoluções que o Congresso não discutiu (ou adiou), eu chego à conclusão de que o Congresso nos ajudou um monte em traçar uma linha de demarcação mais distinta entre a ala direita e a ala esquerda na social-democracia.

A ala direita do nosso Partido não acredita na vitória completa da presente revolução na Rússia, isso é, democrático-burguesa; ela teme essa vitória; ela não coloca essa palavra de ordem enfática e definitivamente junto ao povo. Ela é constantemente enganada pela ideia essencialmente errônea, que é na verdade uma vulgarização do marxismo, de que só a burguesia pode independentemente "fazer" a revolução burguesa, ou de que só a burguesia deve dirigir a revolução burguesa. O papel do proletariado como vanguarda na luta pela vitória completa e decisiva da revolução burguesa não é claro para os social-democratas de direita.

Por exemplo, eles – ou, em todo caso, alguns de seus oradores no Congresso – promovem a palavra de ordem de uma *revolução camponesa*, mas não se aferram a ela com coerência. Eles não formulam no programa uma linha revolucionária clara de propaganda e agitação entre o povo (*confisco* da terra por comitês camponeses revolucionários *até* uma assembleia nacional constituinte). Eles têm medo

de expressar no programa da revolução camponesa a ideia de que o campesinato revolucionário deve tomar o poder. Apesar de suas promessas, eles não levam a revolução democrático-burguesa na agricultura à sua conclusão "lógica", porque a única conclusão "lógica" (*e econômica*) sob o capitalismo é a nacionalização da terra, que abole os arrendamentos. Eles inventam um caminho do meio, artificial, com a nacionalização dividida em áreas locais e com *Zemstvos* democráticos sob um governo central antidemocrático. Eles tentam assustar o proletariado com o bicho-papão da restauração, não suspeitando que estejam utilizando uma arma política que a burguesia usa contra o proletariado, que estejam colocando lenha na fogueira da burguesia monarquista.

E, em toda sua linha tática, nossos social-democratas de direita superestimam a importância e o papel da instável, hesitante burguesia monarquista-liberal (os Cadetes etc.) e subestimam a importância dos democratas burgueses revolucionários (a União Camponesa, a bancada[13] Trudovique[14] na Duma, os Socialistas-Revolucionários, as inúmeras organizações semipolíticas e semissindicais etc.). Sua superestimação pelos Cadetes e subestimação das fileiras revolucionário-democráticas são muito intimamente ligadas a suas visões erradas sobre a revolução burguesa, mencionadas acima. Nossos social-democratas de direita estão deslumbrados pelos sucessos espalhafatosos dos Cadetes, por suas vitórias "parlamentares" brilhantes e por seus discursos "constitucionais" bombásticos. Seduzidos pela política do momento, eles se esquecem dos interesses mais fundamentais e mais importantes da democracia; se esquecem das forças que fazem menos "barulho" na superfície do "constitucionalismo" autorizado pelos Trépovs[15] e Dubássovs[16], mas que fazem um trabalho mais pro-

---

13 N.E. Lênin utiliza aqui o termo *gruppa*, que pode ser traduzido literalmente como "grupo". No entanto, na linguagem política corrente no Brasil, os termos mais comuns para o conjunto de representantes de um partido em uma instituição do Estado são "fração" ou "bancada". Optamos por "bancada" para evitar ambiguidades com o debate sobre as frações internas ao POSDR.

14 N.E. Partido pequeno-burguês de esquerda, formado em abril de 1906 com base nos deputados camponeses na I Duma de Estado. Os trudoviques oscilavam entre os democratas-constitucionalistas e os social-democratas. Estas oscilações eram determinadas pela própria natureza de classe dos pequenos proprietários camponeses. Dado que os trudoviques, em certa medida, representavam as massas camponesas, os bolcheviques aplicaram uma tática de bloco eles na Duma em relação a certas questões, para travar uma luta conjunta contra o czarismo e os democratas-constitucionalistas. Reivindicavam a abolição de todas as limitações nacionais e de casta, a democratização das administrações autônomas locais, urbanas e rurais, o sufrágio universal para as eleições da Duma de Estado e, antes de mais nada, a solução da questão agrária.

15 N.E. Referência a Dmítri Fiodorovitch Trépov. Trépov ocupou diversos cargos governamentais ligados à manutenção da ordem política czarista. Foi chefe da polícia de Moscou, Governador-Geral do Governo de São Petersburgo e, no ano de 1905, assumiu o posto de Ministro Assistente do Interior. Ainda em 1905, chegou a permitir reuniões de estudantes nos *campi* universitários e retirou a polícia das universidades, mas autorizou ampla repressão, ordenando que se abrisse fogo contra os ferroviários em greve, quando a Revolução de 1905 se iniciou.

16 N.E. Referência a Fiódor Vassiliévitch Dubássov, Vice-Almirante da Marinha Imperial Russa. Dubássov era descendente de uma família com grandes ligações com a Marinha Imperial Russa,

fundo, mas com menos ostentação, entre as fileiras revolucionário-democráticas, preparando para conflitos de um caráter não exatamente parlamentar.

Por isso a atitude cética (para dizer o mínimo) de nossos social-democratas de direita sobre a insurreição; por isso seu esforço para varrer para debaixo do tapete a experiência de outubro e dezembro e as formas de luta que surgiram naquele momento. Por isso sua irresolução e passividade na luta contra as ilusões constitucionais, uma luta que ganha importância em cada conjuntura verdadeiramente revolucionária. Por isso o fracasso deles em entender o papel histórico do boicote à Duma, e seus esforços para desviar da tarefa de levar em conta as condições concretas do movimento em cada momento particular[17] usando a palavra "cortante" de "anarquismo". Por isso seu desejo extraordinário de entrar em uma instituição pseudo-constitucional e por isso sua superestimação do papel positivo dessa instituição.

Contra essa tendência de nossos social-democratas de direita, precisamos empreender uma luta ideológica a mais determinada, aberta e impiedosa. Precisamos buscar a possibilidade da mais ampla discussão sobre as decisões do Congresso. Precisamos chamar cada membro do Partido para ter uma oposição consciente e crítica dessas resoluções. Precisamos que cada organização operária, depois de se familiarizar completamente com o assunto, declare se aprova ou reprova qualquer decisão particular. Se nós decidimos séria e verdadeiramente introduzir o centralismo democrático nas questões do Partido, precisamos fazer com que essas questões sejam discutidas na imprensa, em reuniões, em círculos e encontros de grupos.

---

com antepassados oficiais remontando ao século XVIII. No final de 1905, foi indicado como Governador-Geral de Moscou, tendo ordenado ampla repressão contra a Revolução que se iniciou, inclusive com o uso da artilharia contra as massas que se insurgiram.

17 N.A. Acabei de receber uma cópia do novo panfleto de Karl Kautsky intitulado *A Duma de Estado*. Sua formulação sobre a questão do boicote e a formulação dos mencheviques estão distantes como o céu está da terra. Nossos aspirantes a social-democratas, como Negorev na Gazeta de Névskaia, desajeitadamente deixam escapar: o boicote é anarquismo! Mas Kautsky, depois de analisar as condições concretas, escreve: "Sob essas condições, não é de surpreender que a maioria de nossos camaradas russos tenham considerado a Duma que foi convocada dessa maneira como nada mais que a mais ultrajante caricatura da representação popular e tenham decidido boicotá-la. Não é de surpreender que a maioria de nossos camaradas russos acharam mais conveniente lutar para destruir essa Duma e assegurar a convocação de uma assembleia constituinte, do que participar em uma campanha eleitoral com o objetivo de entrar nessa Duma."

Ah, como gostaríamos de ter as banalidades de Axelrod sobre os benefícios do parlamentarismo e os malefícios do anarquismo publicadas o quanto antes, como um paralelo da avaliação historicamente concreta de Kautsky! Aliás, isto é o que o Kautsky diz sobre a vitória da revolução no mesmo panfleto:

"Os camponeses e o proletariado vão empurrar com mais força e sem cerimônias os membros da Duma para a esquerda [é isso que a Gazeta de Névskaia chamaria desdenhosamente de "a exposição cruel dos Cadetes"], vão enfraquecer e paralisar seus oponentes mais e mais até que os tenham derrotado completamente." Assim, o campesinato e o proletariado vão derrotá-"los", isso é, tanto o governo quanto a burguesia liberal. Pobre Kautsky! Não percebe que apenas a burguesia pode fazer uma revolução burguesa. Ele está proferindo uma heresia "blanquista": a vitória ("ditadura") do proletariado e do campesinato.

Mas no Partido unido, a luta ideológica não pode dividir os organismos, nem travar a unidade de ação do proletariado. Esse é um novo princípio em nossa vida partidária, e um esforço considerável será necessário para implementá-lo adequadamente.

Liberdade de discussão, unidade de ação – é isso que precisamos lutar para alcançar. As decisões do Congresso Unitário permitem margem suficiente para todos os social-democratas nessa questão. Medidas práticas na linha da "municipalização" ainda estão longe no debate; mas sobre a questão de apoiar as atividades revolucionárias do campesinato e de criticar as utopias pequeno-burguesas, todos os social-democratas já chegaram a um consenso. Por isso precisamos discutir a municipalização e condená-la, sem ter medo de impedir a unidade de ação do proletariado.

Sobre a Duma, a situação é um pouco diferente. Durante as eleições deve haver a mais completa unidade de ação. O Congresso decidiu: *todos* participaremos das eleições, não importa onde ocorram. Durante as eleições não pode haver crítica à participação nas eleições. A *ação* do proletariado deve ser unificada. Devemos sempre considerar a fração social-democrata na Duma, independente de quando foi formada, como *nossa* bancada partidária.

Mas além dos limites da unidade de ação, *deve* haver a mais ampla e mais livre discussão e condenação de todos os passos, decisões e tendências que considerarmos prejudiciais. Apenas por meio dessas discussões, resoluções e protestos pode ser formada a verdadeira opinião pública de nosso Partido. Apenas sob essas condições podemos ser um Partido de verdade, *sempre* apto a expressar sua opinião e a encontrar a forma certa de converter uma *opinião* definitivamente formada em *decisões* de seu próximo congresso.

Vejamos a terceira resolução que causou divergência, sobre a insurreição. Aqui a unidade de ação no meio da luta é absolutamente essencial. No calor do combate, quando o exército proletário está usando todas as suas forças, *nenhuma* crítica deve ser permitida nas suas fileiras. Mas antes do chamado à ação ser feito, deve haver a mais ampla e livre discussão e avaliação da resolução, de seus argumentos e suas várias proposições.

Assim, temos um campo muito amplo. As resoluções do Congresso nos deram grande margem de manobra. Qualquer entusiasmo com um semiconstitucionalismo, qualquer exagero do papel "positivo" da Duma, vindo da parte de qualquer um, qualquer apelo dos social-democratas de extrema direita por moderação e sobriedade – e nós teremos em nossa posse a mais poderosa arma contra eles. Essa arma é o Parágrafo 1 da resolução do Congresso sobre a insurreição.

O Congresso Unitário do Partido Operário Social-Democrata Russo reconheceu que a tarefa *imediata* do movimento é *arrancar o poder* ao governo autocrático. Qualquer um que esquecer essa tarefa imediata, qualquer um que tentar colocá-la em segundo plano, vai *infringir* o desejo do Congresso; e devemos lutar contra todos que sejam culpados disso da maneira mais severa.

Eu repito: há muita margem para manobra da bancada parlamentar para a tarefa imediata de arrancar o *poder*. Dentro desses limites amplos, a luta ideológica pode e deve avançar sem causar um rompimento, sem afetar a unidade de ação do proletariado.

E fazemos um chamado a todos os social-democratas que não querem que nosso Partido vá longe demais para a direita a se juntarem a essa luta ideológica.

Apêndice
Material para avaliação do trabalho do Congresso Unitário do POSDR

Para possibilitar ao leitor, até a publicação das minutas do Congresso, estudar as questões que foram discutidas no Congresso com a ajuda dos relatórios correspondentes, nós anexamos aqui os esboços de resolução submetidos ao Congresso pelos mencheviques e pelos bolcheviques respectivamente, junto aos textos das resoluções adotadas pelo Congresso. Como já colocamos no panfleto, apenas estudando esse material pode-se ter uma ideia clara e precisa do real significado da luta ideológica no Congresso. Também anexamos as resoluções mais importantes que apareceram no *Partínie Izviêstia*, nº 2, e que não foram discutidas no Congresso, ou não foram abertas nele; porque todos os delegados as tinham em mente durante os debates e às vezes as citavam, mas, a não ser que elas sejam lidas, não se pode entender completamente a natureza das discordâncias.

Um apelo aos delegados partidários ao Congresso Unitário que pertenciam à antiga fração "bolchevique"

Escrito entre 25 e 26 de abril (8 e 9 de maio) de 1906, após o Congresso Unitário. O apelo foi discutido e aprovado pela conferência dos delegados bolcheviques na Casa do Povo, em Estocolmo, e foi assinado por 26 delegados bolcheviques ao Congresso, que representavam os maiores organismos do Partido.

Camaradas: o Congresso Unitário do POSDR foi realizado. A divisão não existe mais. Não apenas as antigas frações "bolchevique" e "menchevique" foram completamente fundidas organizativamente, mas também conseguimos essa unidade entre o POSDR e os social-democratas poloneses, um acordo de unidade foi assinado com os social-democratas letões e a unidade foi garantida com os social-democratas judeus, ou seja, o Bund. O significado político desses eventos teria sido ótimo em qualquer circunstância, mas é imenso no período histórico pelo qual passamos agora.

O destino da grande revolução russa está aparentemente por ser determinado em um futuro próximo. O proletariado, liderando as amplas massas urbanas, e os pobres do campo estão marchando à frente da revolução desde o começo do movimento até hoje. Tendo em vista o aparecimento desses eventos formidáveis, decisivos na luta do povo, é ainda mais essencial atingirmos a unidade prática do proletariado com consciência de classe de toda a Rússia e de todas as suas nacionalidades. Em uma época revolucionária como a atual, todos os erros teóricos e desvios táticos do Partido são mais impiedosamente criticados pela própria experiência, que ilumina e educa a classe operária com velocidade nunca antes vista. Nesse momento, o dever de todo social-democrata é lutar para garantir que a luta ideológica interna ao Partido em questões de teoria e táticas seja conduzida o mais aberto, o mais amplo e o mais livremente possível, mas isso não pode de forma alguma perturbar ou ameaçar a unidade de ação revolucionária do proletariado social-democrata.

A grande revolução russa está agora às vésperas de um ponto de virada. A luta travada por todas as classes da Rússia burguesa contra a autocracia colocou uma constituição no papel. Um setor da burguesia está completamente satisfeito com isso e se afastou da revolução. Outro setor, desejoso de ir além, se ilude com esperanças de um caminho "constitucional" de luta, e está pronto para considerar a vitória eleitoral do hesitante, hipócrita e burguês Partido Cadete como uma vitória importante para a liberdade do povo.

As amplas massas dos camponeses, lutando corajosamente contra a velha Rússia semifeudal, contra a onipotência dos oficiais e o jugo dos latifundiários, permanece do lado da revolução, mas está longe de ter uma consciência de classe plena. O setor revolucionário-democrático da pequena burguesia urbana também demonstra pouca consciência política. Só o proletariado, que lutou heroicamente pela liberdade em outubro, e pegou em armas para defendê-la em dezembro, permanece, como antes, uma classe coerentemente revolucionária, que está reunindo novas forças e agora conscientemente se preparando para uma nova e ainda maior batalha.

O governo czarista está agora com uma franqueza cínica brincando de constituição. Ele mantém seu poder anterior, continua e intensifica a perseguição de lutadores pela liberdade, suas intenções óbvias são de fazer da Duma um lugar de papo furado, uma máscara para a autocracia, um instrumento para enganar o povo. Se essas táticas serão coroadas com sucesso ou não, isso será decidido num futuro próximo, pelo resultado da nova explosão revolucionária que agora vem à tona.

Se o proletariado de toda a Rússia cerrar suas fileiras, se ele tiver sucesso em despertar todos os setores genuinamente revolucionários do povo, todos aqueles que queiram lutar e não aceitar uma barganha, ele será vitorioso. Aí então o joguinho cínico do czar será derrotado; aí então a burguesia não vai ter sucesso em conseguir barganhar com a autocracia; aí então a revolução russa não terá sido incompleta, irresoluta, e três quartos infrutífera para os interesses da classe operária e dos camponeses, como foram as revoluções do século XIX na Europa Ocidental. Aí então ela será de verdade uma grande revolução, uma vitória completa do levante do povo vai liberar a Rússia burguesa de todos os velhos grilhões, e talvez abra a época da revolução socialista no Ocidente.

Enquanto lutam por uma revolução democrática completa, os social-democratas precisam considerar em todo seu trabalho a inevitabilidade de uma nova explosão revolucionária. Precisamos impiedosamente expor as ilusões constitucionais alimentadas tanto pelo governo quanto pela burguesia representada por seu partido liberal – os Cadetes; precisamos fazer um chamado para o campesinato revolucionário cerrar suas fileiras em prol de uma vitória completa do levante camponês; precisamos explicar às massas do povo a grande importância do primeiro levante de dezembro e a inevitabilidade de uma nova revolta, que é o que vai poder de fato arrancar o poder à autocracia czarista e de fato transferi-lo

ao povo. Esses devem ser os objetivos básicos de nossa tática no momento atual da história.

Não podemos e não devemos esconder o fato de que estamos profundamente convencidos de que o Congresso Unitário não reconhece exatamente essas tarefas. As três mais importantes resoluções do Congresso claramente levam a marca das visões equivocadas da antiga fração "menchevique", que numericamente era predominante no Congresso.

O Congresso aceitou o princípio da "municipalização" em seu programa agrário. Municipalização significa a propriedade camponesa do lote de terra e o arrendamento pelos camponeses das propriedades transferidas aos *Zemstvos*. Isso, a bem da verdade, é algo no meio do caminho entre uma verdadeira revolução agrária e a reforma agrária Cadete. Os camponeses não vão aceitar um plano assim. Eles vão ou demandar uma divisão simples da terra, ou sua completa transferência para o povo como sua propriedade. Municipalização seria uma reforma democrática séria apenas no caso de uma revolução democrática completa, se um regime republicano for estabelecido e se oficiais do governo forem eleitos pelo povo.

Propusemos ao Congresso que ele devia ao menos condicionar a municipalização a essas medidas, mas o Congresso rejeitou nossa proposta. E sem essas medidas, a municipalização, como uma reforma burocrática liberal, vai dar aos camponeses algo muito diferente do que eles demandam, e ao mesmo tempo dará uma nova força, uma nova influência, aos elementos antiproletários burgueses que dominam os *Zemstvos*. Por que na prática, isso coloca a distribuição de terra nas mãos deles. Nós precisamos explicar esse ponto para as amplas massas dos operários e dos camponeses.

Em sua resolução sobre a Duma, o Congresso declarou desejável que uma bancada social-democrata parlamentar nessa Duma fosse formada. O Congresso se recusou a reconhecer o fato de que nove décimos dos operários com consciência de classe da Rússia, incluindo todos os proletários social-democratas poloneses, letões e judeus, boicotaram a Duma. O Congresso rejeitou a proposta de fazer a participação nas eleições condicionada à possibilidade de conduzir uma agitação realmente ampla entre as massas. Ele rejeitou a proposta de que apenas camaradas que fossem nomeados pelas operárias para a eleição à Duma pudessem ser membros da bancada parlamentar social-democrata. O Congresso, portanto, embarcou no parlamentarismo sem sequer proporcionar as salvaguardas, para o Partido, que foram produzidas para esses casos pela experiência dos social-democratas revolucionários na Europa.

Como social-democratas, nós, é claro, reconhecemos a obrigação de princípio de usar o parlamentarismo como uma arma da luta proletária. Mas o ponto é se é admissível para os social-democratas participarem, nas condições atuais, em um "parlamento" como nossa Duma. É admissível formar uma bancada parlamentar sem parlamentares social-democratas eleitos pelas organizações operárias? Nossa

opinião é de que não é.

O Congresso rejeitou a proposta de colocar como uma tarefa do Partido o combate aos joguinhos parlamentares, o combate às ilusões constitucionais. O Congresso não fechou nenhuma opinião sobre a dupla natureza do Partido Cadete, que é predominante na Duma e que se inclina fortemente a favor de um acordo com a autocracia, a favor de desacelerar e colocar um fim à revolução. O Congresso se deixou impressionar com o sucesso brilhante e fugaz do partido dos burgueses que tentam conciliar a autocracia e a liberdade do povo.

Nem em suas resoluções sobre a insurreição armada, o Congresso nos deu o que era necessário, ou seja, a crítica direta dos erros do proletariado, uma avaliação clara da experiência de outubro a dezembro de 1905 – ele nem sequer tentou estudar a relação entre a greve e a insurreição. Em vez disso tudo, uma espécie de evasão tímida da insurreição armada predomina nas resoluções. O Congresso não disse aberta e claramente à classe operária que o levante de dezembro foi um erro; mas ao mesmo tempo, de maneira encoberta, condenou esse levante. Nós achamos que isso pode embaçar mais a consciência do proletariado do que promovê-la.

Nós precisamos e devemos lutar ideologicamente contra essas decisões do Congresso que consideramos errôneas. Mas ao mesmo tempo, nós declaramos a todo o Partido que somos opostos a cisões de qualquer tipo. Nós nos submeteremos às decisões do Congresso. Rejeitando o boicote do Comitê Central e valorizando o trabalho conjunto, nós concordamos com a ida daqueles que compartilham nossas visões para o Comitê Central, mesmo que eles sejam uma minoria insignificante nele. Nós estamos profundamente convencidos que os organismos operários social-democratas devem estar unificados, mas que nesses organismos unificados, deve haver uma discussão ampla e livre de questões partidárias, uma livre crítica com camaradagem e uma avaliação dos eventos da vida partidária.

Sobre a questão da organização, divergimos apenas em relação aos direitos do conselho editorial do Órgão Central. Nós insistimos no direito do Comitê Central de apontar e destituir os editores do Órgão Central[1]. Todos acordamos quanto ao princípio do centralismo democrático, às garantias de direitos para todas as minorias e de oposição leal, de autonomia de cada organismo do Partido, ao reconhecimento de que todos os funcionários do Partido sejam eleitos, responsáveis perante o Partido e sujeitos a destituição. Nós vemos a observância na prática desses princípios de organização, sua aplicação sincera e consistente, como uma garantia contra cisões, uma garantia de que a luta ideológica no Partido pode e deve se provar totalmente coerente com a unidade organizativa estrita, com a sub-

1 N.E. Durante o debate sobre o Parágrafo 7 do Estatuto, uma polêmica surgiu sobre a relação entre o CC e o Órgão Central. Os mencheviques insistiam que os editores do OC fossem eleitos pelo Congresso, com direito a voto quando questões políticas fossem discutidas pelo CC. Os bolcheviques, por outro lado, insistiram que o conselho editorial do OC fosse indicado pelo CC, que também deveria ter direito de revogar os mandatos. Venceu a maioria menchevique. Em 1907, o V Congresso, revisou o parágrafo, adotando a formulação bolchevique.

missão de todos às decisões do Congresso Unitário.

Nós fazemos um chamado a todos que pensam como nós a aceitarem essa submissão e essa luta ideológica: nós convidamos todos os membros do Partido para cuidadosamente avaliarem as resoluções do Congresso. A revolução ensina: e acreditamos que a unidade prática na luta do proletariado social-democrata por toda a Rússia vai salvaguardar nosso Partido contra erros fatais durante o clímax da crise política iminente. No curso da luta, os próprios eventos vão sugerir às massas trabalhadoras as táticas corretas a adotar. Façamos tudo o que estiver ao nosso alcance para garantir que nossas estimativas sobre essas táticas contribuam para a realização das tarefas da social-democracia revolucionária, para prevenir o partido operário de desviar do caminho proletário consistente em busca de algum sucesso barato, para que o proletariado socialista possa desempenhar até o fim seu grande papel de lutador de vanguarda pela liberdade!

A questão da organização

Publicado no nº 18 do jornal *Volna* ("Aceno"), em 10 de maio de 1906. Escrito como posfácio a um artigo homônimo, abordando o tema das relações entre os mencheviques e os bolcheviques nos organismos locais do partido.

Os bolcheviques colocaram abertamente, na comissão indicada pelo Congresso para esboçar o Estatuto do Partido, que qualquer tentativa de cercear a autonomia dos organismos locais e os direitos de oposição formulados pelo fracional Terceiro Congresso levariam inevitavelmente a uma cisão. É por isso que os bolcheviques insistiram que o direito de convocar um novo Congresso não deveria ser restrito etc. Os bolcheviques propuseram que um parágrafo fosse inserido no Estatuto de modo que os membros do Partido, ao mudarem seu lugar de residência, tivessem o direito de pertencer ao organismo local do Partido. O Congresso rejeitou essa proposta, *mas adotou uma resolução afirmando que rejeitava o parágrafo apenas porque era supérfluo e autoevidente.*

Assim, os mencheviques prometeram permanecer leais ao acordo e não recorrer à manobra de "chutar para fora" os dissidentes. Que o Partido atenciosamente observe se eles mantêm sua promessa. O controle do Partido é a única garantia de que uma cisão será evitada.

Liberdade para criticar e unidade de ação

Publicado no nº 22 do jornal *Volna*, de 10 de maio de 1906.

Os editores [bolecheviques] receberam a seguinte comunicação, assinada pelo Comitê Central do POSDR:

> Em vista do fato de que várias organizações do Partido levantaram a questão *dos limites dentro dos quais as decisões dos congressos do Partido podem ser criticadas*, o Comitê Central, tendo em mente que os interesses do proletariado russo sempre exigiram a maior unidade possível nas táticas do POSDR, e que esta *unidade nas atividades políticas* das várias seções do nosso Partido é agora mais necessária do que nunca, é da opinião:
> (§1) de que, na imprensa do Partido e nas reuniões do Partido, todos devem ter *liberdade total* para expressar suas opiniões pessoais e defender seus pontos de vista individuais;
> (§2) de que, nas reuniões políticas públicas, os membros do Partido devem abster-se de conduzir *agitação* que contrarie as decisões do Congresso;
> (§3) de que nenhum membro do Partido deveria em *tais* reuniões *convocar a ações que contrariem as decisões do congresso*, ou propor resoluções que não estejam de acordo com as decisões do congresso. (Todos os itálicos são nossos).

Ao examinar a substância desta resolução, vemos vários pontos estranhos. A resolução diz que "nas reuniões do Partido", "liberdade total" deve ser permitida para a expressão de opiniões pessoais e críticas (§1), mas em "reuniões públicas" (§2) "nenhum membro do Partido deve convocar a ações que contrariem as decisões do Congresso". Mas veja o que resulta disso: nas reuniões do Partido, os membros do Partido *têm o direito* de pedir ações que contrariem as decisões do Congresso; mas em reuniões públicas *não* lhes é "permitida" a liberdade total para "expressar opiniões pessoais"!!

Aqueles que elaboraram a resolução têm uma concepção totalmente errada da relação entre a *liberdade de criticar* dentro do Partido e a *unidade de ação* do Partido. A crítica dentro dos limites dos princípios do Programa do Partido deve ser bastante livre (lembramos ao leitor aquilo que Plekhánov disse sobre esse assunto no Segundo Congresso do POSDR[1]), não apenas nas reuniões do Partido,

1 N.E. A referência de Lênin diz respeito à seguinte fala de Plekhánov, ao fim da 21ª Sessão do II Congresso do POSDR (grifo tradutor): "Plekhánov: Camaradas, o Partido do proletariado cons-

mas também nas reuniões públicas. Tal crítica, ou tal "agitação" (porque a crítica é inseparável da agitação) não pode ser proibida. A ação política do partido deve ser unida. Nenhuma "convocação" que viole a unidade de ações definidas pode ser tolerada tanto em reuniões públicas, como em reuniões do Partido ou na imprensa do Partido.

Evidentemente, o Comitê Central definiu a liberdade de criticar de modo impreciso e muito estreito, e definiu a unidadede ação de modo impreciso e amplo.

Vamos dar um exemplo. O Congresso decidiu que o partido deveria participar nas eleições da Duma. Participar de eleições é uma ação bem definida. Durante as eleições (como em Baku hoje, por exemplo), nenhum membro do Partido, *em nenhum lugar*, tem qualquer direito, seja qual for, para convocar o povo a se *abster de votar*; tampouco a "crítica" da decisão de participar das eleições pode ser tolerada durante esse período, pois de fato comprometeria o sucesso da campanha eleitoral. *Antes* de as eleições terem sido anunciadas, no entanto, os membros do Partido em *todos os lugares* têm o perfeito direito de *criticar* a decisão de participar nas eleições. Naturalmente, a aplicação deste princípio na prática, por vezes, dará origem a disputas e mal-entendidos; mas *somente* com base *neste* princípio *todas* as disputas e todos os mal-entendidos podem ser decididos de maneira honrada para o Partido. A resolução do Comitê Central, no entanto, cria uma situação impossível.

A resolução do Comitê Central é essencialmente errada e *contradiz as Regras do Partido*. O princípio do centralismo democrático e da autonomia das organizações partidárias locais implica uma *liberdade universal e plena de crítica*, desde que isso não perturbe a unidade de *uma ação definida*; exclui *todas* as críticas que perturbem ou dificultem a *unidade* de uma ação decidida pelo Partido.

Pensamos que o Comitê Central cometeu um grande erro ao publicar uma resolução sobre essa importante questão sem antes discuti-la na imprensa do Partido e nas organizações do Partido; tal discussão teria ajudado a evitar os erros que indicamos.

Apelamos a todas as organizações do Partido para que discutam esta resolução do Comitê Central agora e expressem uma opinião definitiva a respeito[2].

---

ciente, o Partido Social-Democrata Russo, agora tem seu programa. Objeções bastante numerosas foram feitas a algumas partes dele. Os camaradas com cujas objeções o congresso não concordou permanecem sujeitos à decisão da maioria. Os membros do nosso Partido são obrigados a aceitar o seu programa. *Isso não significa, é claro, que um programa, uma vez adotado, não possa ser criticado. Nós já reconhecemos, e efetivamente reconhecemos e continuaremos a reconhecer a liberdade de crítica. Mas quem quiser permanecer como membro do nosso Partido deve permanecer, mesmo em suas críticas, no terreno do programa.* Seja como for, o problema que nos ocupa há tanto tempo foi descartado, e podemos afirmar, com orgulho legítimo, que o programa que adotamos fornece ao nosso proletariado uma arma durável e confiável para a luta contra seus inimigos."

2 N.E. "A existência de duas imprensas rivais na mesma cidade ou localidade deve ser absolutamente proibida. A minoria terá o direito de discutir diante de todo o partido, desacordos com o programa, táticas e organização em um material de discussão publicado especialmente para esse propósito, mas não deverá ter o direito de publicar, num jornal rival, pronunciamentos disruptivos das ações e

A guerra de guerrilhas (excertos)

Publicado em 30 de setembro de 1906 no nº 5 do *Proletarii*.

[...] Dizem: as ações de guerrilhas desorganizam o nosso trabalho. Apliquemos este juízo à situação depois de dezembro de 1905, à época dos *pogroms* das Centenas Negras e do Estado de Sítio. Que é que desorganiza mais o movimento em tal época: a ausência de resistência ou a luta de guerrilhas organizada? Comparai a Rússia central com a sua periferia ocidental, com a Polônia e o território Letão. É indubitável que a luta de guerrilhas está muito mais amplamente difundida e mais desenvolvida na periferia ocidental. E é igualmente indubitável que o movimento revolucionário em geral e o movimento social-democrata em particular estão mais desorganizados na Rússia central do que na sua periferia ocidental. Naturalmente que não nos passa pela cabeça concluir daqui que o movimento social-democrata polaco e letão estão menos desorganizados graças à guerra de guerrilhas. Não. A única coisa que daqui decorre é que a guerra de guerrilhas não é culpada da desorganização do movimento operário social-democrata na Rússia de 1906.

[...]

Não são as ações de guerrilhas que desorganizam o movimento, mas sim a fraqueza do partido, que não sabe tomar em suas mãos estas ações. É por isso que as condenações habituais entre nós, russos, contra as ações de guerrilhas se combinam com ações de guerrilhas secretas, ocasionais e não organizadas que realmente desorganizam o partido. Incapazes de compreender quais as condições históricas que causam esta luta, somos também incapazes de paralisar os seus lados maus. E no entanto a luta prossegue. Provocam-na poderosas causas econômicas e políticas. Não está nas nossas forças eliminar estas causas e eliminar esta luta. As nossas queixas da luta de guerrilhas são queixas da nossa fraqueza partidária em matéria de insurreição.

O que dissemos sobre a desorganização aplica-se também à desmoralização. O que desmoraliza não é a guerra de guerrilhas, mas a falta de organização, a falta de ordem e o apartidarismo das ações de guerrilhas. As condenações e maldições

decisões da maioria". Lênin, em *Relatório do CC do POSDR à Conferência de Bruxelas e instruções à delegação do CC*, de junho-julho de 1914.

em relação às ações de guerrilhas não nos livrarão um bocadinho sequer desta indubitabilíssima desmoralização, porque estas condenações e maldições são absolutamente incapazes de deter um fenômeno suscitado por profundas causas econômicas e políticas. Objectar-nos-ão: se somos incapazes de deter um fenómeno anormal e desmoralizador, isso não é argumento para que o partido passe a meios de luta anormais e desmoralizadores. Mas tal objeção seria puramente liberal-burguesa e não marxista, porque um marxista não pode considerar em geral anormal e desmoralizadora a guerra civil ou a guerra de guerrilhas, como uma das suas formas. Um marxista coloca-se no terreno da luta de classes e não da paz social. Em certos períodos de crises econômicas e políticas agudas, a luta de classes desenvolve-se até ao nível de uma guerra civil direta, isto é, de uma luta armada entre duas partes do povo. Nesses períodos um marxista é obrigado a colocar-se no ponto de vista da guerra civil. Qualquer condenação moral dela é perfeitamente inadmissível do ponto de vista do marxismo.

[...]

É preciso ter uma atitude crítica em relação às referências à desorganização do movimento pela guerra de guerrilhas. Todas as novas formas de luta, ligadas a novos perigos e novas vítimas, "desorganizam" inevitavelmente as organizações despreparadas para essa nova forma de luta. A passagem à agitação desorganizou os nossos velhos círculos de propagandistas. A passagem às manifestações desorganizou posteriormente os nossos comitês. Todas as ações militares em qualquer guerra introduzem uma certa desorganização nas fileiras dos combatentes. Não se pode concluir daqui que não se deve combater. É preciso concluir daqui que é preciso aprender a combater. Só isso e mais nada.

Quando vejo social-democratas que declaram altivamente e cheios de si: "nós não somos anarquistas, ladrões, assaltantes, somos superiores a isso, rejeitamos a guerra de guerrilhas", então pergunto a mim próprio: perceberá esta gente o que diz? Têm lugar em todo o país escaramuças e embates armados entre o governo cem-negrista e a população. Este fenômeno é absolutamente inevitável no atual grau de desenvolvimento da revolução. A população, espontânea e desorganizadamente — e precisamente por isso muitas vezes em formas infelizes e más —, reage a este fenômeno também com escaramuças e ataques armados. Compreendo que nós, devido à fraqueza e despreparo da nossa organização, possamos renunciar num dado local e num dado momento à direção pelo partido desta luta espontânea. Compreendo que esta questão deve ser resolvida pelos militantes práticos locais, que a remodelação das organizações fracas e despreparadas não é uma coisa fácil. Mas quando eu vejo num teórico ou num publicista da social-democracia não um sentimento de tristeza por esta impreparação, mas uma altiva presunção e uma repetição narcisisticamente maravilhada de frases aprendidas de cor na primeira juventude sobre o anarquismo, o blanquismo, o terrorismo, então magoa-me o rebaixamento da doutrina mais revolucionária do mundo. [...]

Luta contra os social-democratas pró-Cadetes e disciplina partidária

Publicado no nº 8 do *Proletarii*, de 23 de novembro de 1906.

A aprovação de blocos com os Cadetes é o toque final que marca definitivamente os mencheviques como a ala oportunista do partido operário. Estamos travando uma luta ideológica implacável contra a formação de blocos com os Cadetes, e essa luta deve ser desenvolvida o mais amplamente possível. Portanto, faremos qualquer coisa para educar e unir as massas do proletariado revolucionário, que por meio de nossa campanha eleitoral *independente* (realmente, e não apenas no nome, isto é, sem blocos com os Cadetes) receberá material novo para o desenvolvimento de sua consciência de classe.

A questão é como combinar esta luta ideológica implacável com a disciplina do partido proletário. Esta questão deve ser posta de maneira direta e imediatamente esclarecida por completo, para que *não* existam mal-entendidos e nenhuma vacilação na política prática da social-democracia revolucionária.

Consideremos primeiro o aspecto teórico desta questão e, em seguida, o aspecto prático, que é de interesse imediato para todos.

Já enunciamos mais de uma vez nossas visões teóricas sobre a importância da disciplina e como esse conceito deve ser entendido no partido operário. Nós o definimos como: *unidade de ação, liberdade de discussão e crítica*. Somente tal disciplina é digna de um partido democrático da classe avançada. A força da classe operária está na organização. A menos que as massas estejam organizadas, o proletariado não é nada. Organizado, ele é tudo. Organização significa unidade de ação, unidade nas operações práticas. Mas toda ação tem valor, é claro, apenas porque e na medida em que serve para empurrar as coisas para a frente e não para trás, na medida em que serve para unir o proletariado ideologicamente, para elevar, e não degradar, corromper ou enfraquecer. A organização sem princípios não tem sentido e, na prática, converte os operários em um miserável apêndice da burguesia no poder. Portanto, o proletariado não reconhece unidade de ação sem

liberdade para discutir e criticar. Portanto, os operários com consciência de classe nunca devem esquecer que existem violações tão graves de princípios que tornam imperativo o rompimento de todas as relações organizacionais.

Para evitar que algum picareta literário interprete mal o que digo, vou passar imediatamente da formulação geral à formulação concreta da questão. A aprovação dos blocos com os Cadetes pelos social-democratas exige um rompimento total das relações organizacionais, ou seja, uma cisão? Nós pensamos que *não*, e todos os bolcheviques pensam da mesma maneira. Em primeiro lugar, os mencheviques estão apenas começando, vacilantes e incertos, no caminho do oportunismo prático *em grande escala*. A tinta com que Mártov repudiou o bloco com os Cadetes ainda não secou. Cherevanin o escreveu antes que a senha pró-Cadete fosse fornecida em Genebra[1]. Em segundo lugar – e isso é muito mais importante – as condições objetivas da luta proletária na Rússia hoje provocam irresistivelmente passos *definidos* e decisivos. Quer a maré da revolução suba muito (como esperávamos) ou diminua completamente (como alguns social-democratas pensam, embora tenham medo de dizê-lo), em *ambos* os casos a tática dos blocos com os Cadetes se reduzirá a pó, e isso num futuro não muito distante. Portanto, nosso *dever* no momento é evitar a histeria intelectualista e preservar a unidade do Partido, confiando na firmeza e no instinto de classe do proletariado revolucionário. Em terceiro e último lugar, na presente campanha eleitoral, a decisão dos mencheviques e do Comitê Central a favor dos blocos não vincula na prática as organizações locais e não compromete o Partido como um todo com essas vergonhosas táticas de blocos com o Cadetes.

Agora, para a formulação concreta da questão. Até que ponto as resoluções da Conferência de toda a Rússia do Partido Operário Social-Democrata – e as diretrizes do Comitê Central – são vinculativas? E em que medida as organizações locais do Partido são autônomas?

Essas questões teriam, sem dúvida, causado infindáveis disputas em nosso Partido, se a própria Conferência não as tivesse resolvido. Todos os delegados na conferência concordaram que suas decisões *não eram vinculativas* e não comprometiam ninguém de forma alguma, pois uma conferência é um conselho, não um órgão de decisão. Seus delegados não foram eleitos democraticamente, mas foram escolhidos pelo Comitê Central a partir de organizações locais selecionadas por ele, e em um número por ele especificado. *Por isso*, na conferência, os bolcheviques, letões e poloneses não perderam tempo mexendo na resolução menchevique sobre os blocos, nem chegaram a um acordo (como reconhecer o boicote como correto e *ao mesmo tempo* aprovar blocos com os burguesia monarquista!), mas simplesmente *contrastou* sua própria plataforma, suas próprias palavras de ordem, suas próprias táticas na campanha eleitoral. Ao fazê-lo, os bolcheviques seguiram o curso absolutamente necessário em uma conferência consultiva, que era servir não como um substituto para um congresso, mas para se preparar para

1 N.E. Referência à carta de Plekhánov defendendo blocos com os Cadetes.

ele – não para resolver a questão, mas para trazê-la à tona com mais clareza e precisão – não esconder, não encobrir a luta dentro do Partido, mas dirigi-la, torná-la mais integral e centrada em princípios.

Prosseguindo. As decisões da conferência tornam-se (com algumas modificações) diretrizes do Comitê Central. As diretivas do Comitê Central são vinculativas para todo o Partido. Dentro de quais limites elas são obrigatórias em relação a esta questão específica?

Obviamente, dentro dos limites das decisões do Congresso e dentro dos limites da autonomia das organizações partidárias locais que é reconhecida pelo Congresso. A questão desses limites também poderia ter gerado polémica interminável e insolúvel (pois a resolução do Congresso da Unidade proíbe todos os blocos com partidos burgueses na campanha eleitoral), caso a conferência não tivesse adotado, num *comum acordo entre os mencheviques, os bolcheviques e os membros do Comitê Central*, uma de suas resoluções menos elásticas. A ausência de divisões fracionais na votação *desta* resolução é uma importante garantia da unidade e capacidade de luta do partido operário. Aqui está o texto desta resolução:

> A Conferência exprime a convicção de que, no âmbito de uma mesma organização, todos os seus membros são obrigados a cumprir todas as decisões relativas à campanha eleitoral adotadas pelos órgãos competentes das organizações locais, dentro dos limites das diretrizes gerais do Comitê Central; *o Comitê Central pode proibir as organizações locais de apresentarem listas que não sejam puramente social-democratas, mas não deve obrigá-las a apresentar listas que não sejam puramente social-democratas.*

A passagem que sublinhamos evita disputas intermináveis e, pode-se esperar, irá evitar atritos indesejáveis e perigosos. As diretrizes gerais do Comitê Central não podem ultrapassar os limites de reconhecer que blocos com os Cadetes são *permitidos*. Todos os social-democratas, independentemente da fração, declararam na época que, afinal, blocos com os Cadetes não são muito adequados, pois todos autorizamos o Comitê Central a proibi-los, mas não o autorizamos a prescrevê-los.

A conclusão é clara. Existem duas plataformas ante o partido. Uma – apoiada por 18 delegados da conferência, os mencheviques e os Bundistas; a outra – apoiada por 14 delegados, os bolcheviques, os poloneses e os letões. Os órgãos competentes das organizações locais são livres para escolher qualquer uma dessas plataformas, alterá-las e complementá-las, ou substituí-las por novas. *Depois* dos órgãos competentes terem decidido, *todos nós*, como membros do Partido, devemos agir *como uma só pessoa*. Um bolchevique em Odessa deve lançar na urna uma cédula com o nome de um Cadete, mesmo que isso o deixe doente. E um menchevique em Moscou deve lançar nas urnas uma cédula que contenha apenas os nomes dos social-democratas, mesmo que sua alma anseie pelos Cadetes.

Mas as eleições não acontecem amanhã. Que todos os social-democratas revolucionários se unam ainda mais e lancem a mais ampla e implacável luta ideológica contra os blocos com os Cadetes, blocos que impedirão a revolução, enfraquecerão a luta de classes do proletariado e corromperão a consciência cívica das massas!

Cartas para Máxim Górki

Escritas em 24 de março de 1908 e 25 de novembro de 1908. Enviadas de Genebra à Ilha de Capri (Itália).

I

24 de março 1908

Caro A. M.,

Recebi sua carta sobre minha luta com os machianos[1]. Compreendo e respeito perfeitamente seus sentimentos e devo dizer que recebo algo semelhante de meus amigos de São Petersburgo, mas estou profundamente convencido de que você está enganado.

Você deve compreender e compreenderá, é claro, que uma vez que um partidário se convença de que certa doutrina é grosseiramente falaciosa e *prejudicial*, ele é obrigado a se manifestar contra ela. Eu não estaria provocando uma briga se não estivesse absolutamente convencido (e estou ficando mais e mais convencido disso a cada dia, conforme estudo as fontes primárias da sabedoria de Bazárov, Bogdánov e Cia.) de que seu livro é ridículo, prejudicial, filisteu, fideísta *por inteiro*, do começo ao fim, dos ramos à raiz, a Mach e Avenarius. Plekhánov, no fundo, tem *toda a razão* em ser contra eles, só que ele é incapaz, não quer ou tem preguiça de dizê-lo *concretamente*, em detalhes, simplesmente, sem assustar desnecessariamente seus leitores com nuances filosóficas. E a todo custo direi isso *do meu jeito*.

Que tipo de "reconciliação" pode haver aqui, querido A. M.? Ora, é ridículo até mencioná-lo. Uma luta é *absolutamente* inevitável. E os partidários deveriam dedicar seus esforços não a calar, adiar ou esquivar-se, mas a garantir que o trabalho essencial do Partido *não seja prejudicado* na prática. É com isso que você deve se preocupar, e 9/10 dos bolcheviques na Rússia irão ajudá-lo nisso e irão agradecer de coração.

Como isso tem que ser feito? Por "neutralidade"? Não. Não pode e *não haverá* qualquer neutralidade em tal questão. Se é possível falar em neutralidade, só pode ser em sentido *relativo*: devemos *separar* toda essa luta da fração. Até agora, você tem escrito "de fora", se afastando das publicações fracionais; continue escrevendo dessa maneira. Só assim a fração não se comprometerá, não se envolverá, não será obrigada amanhã ou no dia seguinte a *decidir*, a votar, ou seja, a transformar a *luta* em um caso crônico, prolongado e sem esperança.

É por isso que sou contra permitir qualquer tipo de filosofia no jornal[2]. Eu sei

1 N.E. O machianismo, inspirado na filosofia empirista e antidialética de Ernst Mach, influenciou profundamente Bogdánov e seus partidários otzovistas. A obra de Lênin *Materialismo e empiriocriticismo* é dedicada ao combate teórico a esta tendência idealista da teoria do conhecimento.

2 N.E. Referência a um jornal que deveria ser publicado por Górki. O plano não se concretizou.

que me xingam por isso: ele quer calar a boca das outras pessoas, enquanto ele ainda não abriu a sua! Mas pense nisso com frieza.

Um jornal com filosofia. nº 1 – três artigos de Bazárov, Bogdánov e Lunacharski contra Plekhánov. Um artigo meu dizendo que *Ensaios sobre a filosofia marxista* = *Berdiaevismo*[3] e clericalismo reacionário.

Nº 2 – três vezes três artigos centrais de Bogdánov, Bazárov e Lunacharski contra Plekhánov e Lênin. Um artigo meu, provando por outro ângulo que *Ensaios sobre a filosofia marxista* = clericalismo reacionário.

Nº 3 – uivando e xingando.

Eu poderia escrever seis ou uma dúzia de artigos contra os *Ensaios sobre a filosofia marxista*, um artigo contra cada autor e cada aspecto de suas opiniões. Isso pode se arrastar dessa maneira? Por quanto tempo? Isso *não* tornará uma separação *inevitável* por meio de exacerbações e amarguras intermináveis? Isso *não* obrigará a fração a tomar uma decisão: decidir, analisar e encerrar a "discussão" por meio de uma votação...[?]

Pense bem nisso, se você teme uma cisão. Será que os militantes vão distribuir livros com essa "luta"? Não há outra maneira melhor: continue escrevendo como antes, *fora* das publicações organizativas. Se há alguma chance de *enfraquecer* a animosidade inevitável, só pode ser essa, eu acho.

Você escreve: os mencheviques ganharão com a luta. Você está enganado, profundamente enganado, A. M.! Eles ganharão se a fração bolchevique não se dissociar da filosofia dos três bolcheviques. *Nesse caso*, eles definitivamente vencerão. Mas se a luta filosófica continuar fora da fração, os mencheviques ficarão definitivamente reduzidos a uma linha política, e isso será a morte deles.

Eu digo: *separe* a luta da fração. Claro, tal separação, em pessoas vivas, é bastante difícil e dolorosa. Precisa de tempo. Precisa de camaradas solícitos. Aqui os militantes vão ajudar, aqui você deve ajudar, aqui é uma questão de "psicologia", e você sabe melhor. Acho que você poderia ajudar muito aqui – desde que, ao ler meu livro contra os *Ensaios*, você não fique tão furioso contra mim quanto eu fiquei contra eles.

Quanto ao jornal, pense bem e me responda logo. Tenho algumas dúvidas se vale a pena realizar a jornada até vocês *neste momento*. Por que abalar os nervos desnecessariamente? Por que prolongar a tortura, não há como evitar uma luta. Não seria melhor resolver este assunto do jornal de forma simples, sem longas negociações e reuniões cerimoniais e fúteis? Estou apenas fazendo perguntas a você para consultá-lo.

Saudações a M. F.[4] Certamente irei a Capri e tentarei trazer minha esposa junto, mas gostaria de fazer isso independentemente da luta filosófica.

Tudo de bom.

Atenciosamente,
Lênin

P.S. Estou anexando informações *importantes* sobre um espião entre vocês.

3 N.E. Referência ao filósofo católico russo Nikolai Alexandrovich Berdiaev.

4 N.E. Maria Fiodorovna Andreieva, companheira de Górki.

25.11.1908

Caro A. M.,

[...]

Quando trabalhamos juntos, Plekhánov e eu frequentemente conversamos sobre Bogdánov. Plekhánov explicou a falácia dos pontos de vista de Bogdánov para mim, mas ele não achou o desvio terrivelmente sério. Lembro-me perfeitamente bem que no verão de 1903 Plekhánov e eu, como representantes do conselho editorial da *Zariá*, tivemos uma conversa em Genebra com um delegado dos editores do simpósio *Esboços de uma perspectiva mundial realista*[5], no qual concordamos contribuir – eu, na questão agrária, Plekhánov na filosofia antimachiana. Plekhánov impôs como condição à sua colaboração que escrevesse contra Mach, condição que o delegado do simpósio aceitou prontamente. Plekhánov na época considerava Bogdánov um aliado na luta contra o revisionismo, mas um aliado que errou ao seguir Ostwald e, mais tarde, Mach.

No verão e no outono de 1904, Bogdánov e eu chegamos a um acordo completo, como bolcheviques, e formamos o bloco tácito, que tacitamente descartou a filosofia como um campo neutro, que existiu durante toda a revolução e nos permitiu realizar nessa revolução, em conjunto, as táticas da social-democracia revolucionária (=bolchevismo), que, estou profundamente convencido, eram as únicas táticas corretas.

[...]

Considero necessário dar-lhe a minha opinião com toda a franqueza. Algum tipo de luta entre os bolcheviques sobre a questão da filosofia, considero agora absolutamente inevitável. Seria estúpido, no entanto, dividir-se em torno disso. Formamos um bloco para garantir a adoção de táticas definidas no partido operário. Temos perseguido essas táticas até agora *sem discordar* (a única diferença de opinião foi sobre o boicote da Terceira Duma, mas isso, primeiro, nunca foi tão acentuado entre nós a ponto de levar a até mesmo uma insinuação de cisão, e, em segundo lugar, nunca correspondeu ao desacordo entre os materialistas e os machianos, pois o machiano Bazárov, por exemplo, estava comigo na oposição ao boicote e escreveu um longo artigo sobre isso na *Proletarii*).

Impedir a aplicação das táticas da social-democracia revolucionária no partido operário por causa das disputas sobre a questão do materialismo ou do machianismo seria, em minha opinião, uma loucura imperdoável. Devemos lutar pela filosofia de modo que o *Proletarii* e os bolcheviques, *como organização partidária, não sejam afetados por ela*. E isso é perfeitamente possível.

[...]

---

5 N.E. Coletânea de artigos de Lunacharski, Bazárov, Bogdánov, P. Maslov, A. Finn, V. Shuliatikov, V. Fritche e outros, publicada em São Petersburgo em 1904. Os artigos de Plekhánov e Lênin não apareceram neste livro.

A caminho (excerto)

Publicado no nº2 do *Sotsial-Demokrat*, em 28 de janeiro (10 de fevereiro) de 1909.

[...]

A utilização da tribuna da Duma faz parte necessariamente, como já indicamos, deste trabalho de educação e preparação. A resolução da conferência sobre a fração da Duma indica a nosso Partido o caminho mais semelhante – para buscar exemplos na história – à experiência dos social-democrata alemães durante a vigência da lei de exceção. Um partido ilegal deve saber utilizar a fração legal da Duma, deve educar esta fração, fazendo dela uma organização de partido à altura de sua tarefa. A tática mais errônea, o desvio mais lamentável deste trabalho proletário consequente, ditada pelas condições do momento que atravessamos, seria a de colocar a questão da retirada da fração (na conferência houve dois "otzovistas", que não levantaram abertamente a questão) ou renunciar à crítica direta e pública dos erros dessa fração e à enumeração destes erros na resolução (coisa que pretenderam alguns delegados na conferência). A resolução reconhece prontamente que a fração incorreu também em erros, pelos quais ela não é a única responsável e que são de todo militantes os inevitáveis erros de todas as organizações de nosso Partido. Mas há outros erros: os desvios da *linha política* do Partido. Uma vez que estes desvios tiveram lugar e incorreu neles uma organização que atuava abertamente em nome de todo o Partido, o Partido estava obrigado a dizer com clareza e exatidão que tinha havido desvios. Na história dos partidos socialistas da Europa ocidental têm existido em mais de um caso relações anormais entre as frações parlamentares e o partido; até agora, nos países latinos, estas relações são com frequência anormais, as frações parlamentares não estão suficientemente colocadas sob o controle do Partido. Devemos colocar desde o primeiro momento de um modo diferente a tarefa de criar na Rússia um parlamentarismo social-democrata e empreender imediatamente um trabalho coordenado neste sentido, para que todo deputado social-democrata sinta realmente que tem por trás o Partido, que o Partido se inquieta por suas faltas e se preocupa por dirigi-lo pelo bom caminho; para que todo militante participe do trabalho geral do Partido relacionado com a Duma, aprenda com a crítica marxista de cada uma das atitudes da fração, com-

preenda que seu dever é ajudá-la e se esforce por conseguir que a fração subordine sua atividade específica a todo o trabalho de propaganda e agitação do Partido.

A questão da atitude ante a fração da Duma tem um aspecto que diz respeito à tática e à organização. Neste último sentido, a resolução sobre a fração da Duma é uma nova aplicação a um caso particular dos princípios gerais da política de organização, estabelecidos pela conferência na resolução sobre as diretrizes em matéria de organização. Neste ponto, a conferência constatou a existência de duas tendências fundamentais dentro do POSDR: uma que consiste em transferir o centro de gravidade à organização clandestina do Partido e outra mais ou menos semelhante ao liquidacionismo – que transfere o centro de gravidade às organizações legais e semi-legais. A questão reside em que o momento atual se caracteriza, como já indicamos, pelo fato de que abandona o Partido certo número de militantes, principalmente intelectuais, porém, em parte, também operários. A tendência liquidacionista pergunta a si mesma se são os elementos melhores e mais ativos os que abandonam o Partido e escolhem como campo de atividade as organizações legais, ou se aqueles que dão baixa são "os elementos vacilantes intelectuais e pequeno-burgueses". Não é preciso dizer que, ao repelir e condenar com decisão o liquidacionismo, a conferência respondeu neste último sentido. Os elementos mais proletários do Partido e os intelectuais mais fiéis aos princípios e mais social-democratas permanecem fiéis ao POSDR. Os casos de abandono do Partido significam a sua depuração, significam que o Partido livrou-se dos amigos menos firmes, dos amigos pouco firmes, dos "companheiros de viagem" (*Mitlauefer)*, que sempre aderiram temporariamente ao proletariado, procedentes da pequena burguesia ou decaídos de suas classes, isto é, extraviados de uma ou outra classe social.

Desta apreciação do princípio de organização do Partido se depreende logicamente a orientação da política de organização adotada pela conferência. Reforçar a organização clandestina do Partido, criar células do Partido em todas as esferas de atividade, constituir em primeiro lugar "comitês operários exclusivamente do Partido, mesmo que sejam pouco numerosos, em cada empresa industrial", concentrar as funções de direção em mãos de dirigentes do movimento social-democrata procedentes das fileiras dos próprios operários: esta é a tarefa do momento. Como é natural, a missão destas células e destes comitês deve consistir em utilizar toda as organizações semi-legais e, se possível, as legais, em manter um "estreito contato com as massas" e em orientar o trabalho de maneira que a social-democracia ecoe todas as inquietações das massas. Cada célula e cada comitê operário do Partido devem converter-se em um "ponto de apoio para o trabalho de agitação, de propaganda e de organização prática entre as massas", isto é, devem ir sem falta aonde vão as massas e esforçar-se a cada passo para desenvolver a consciência das massas no sentido do socialismo, para ligar cada questão parcial às tarefas gerais do proletariado, para transformar toda medida de organização em um problema relacionado com a unidade da *classe* e para conquistar com sua

energia e com sua influência ideológica (e não com seus títulos e hierarquias, é claro) o papel dirigente em todas as organizações proletárias legais. Não importa que às vezes estas células e estes comitês sejam pouco numerosos; em compensação, estarão ligados pela tradição e organização do Partido e por um programa concreto de classe, e, deste modo, dois ou três social-democratas militantes do Partido saberão, não diluir-se em uma organização legal amorfa, mas aplicar em todas as condições, em todas as circunstâncias e em todas as situações sua linha *partidária* e influenciar o ambiente com o espírito de todo o Partido, em lugar de deixar-se absorver pelo ambiente. [...]

Conferência do Conselho Editorial Ampliado do *Proletarii* (excertos)

Ocorrida em Paris de 8 a 17 (21 a 30) de junho de 1909, a conferência foi composta por nove membros do Centro Bolchevique (eleito pela seção bolchevique no V Congresso do POSDR de 1907) e representantes dos organismos regionais de São Petersburgo, de Moscou e dos Urais. A conferência condenou o otzovismo[1] e o ultimatismo[2], que foram qualificados como "liquidacionismo de esquerda". Bogdánov, que liderava os otzovistas e o ultimatistas, foi expulso das fileiras dos bolcheviques.

As tarefas dos bolcheviques no partido, 11 (24) de junho

Eu penso ser desnecessário responder pela centésima ou milésima vez o camarada Maxímov sobre a o tema em questão, ou seja, repetir que ao romper conosco, ele está criando uma fração de bolcheviques caricaturais, ou otzovistas divinos[3]. Tudo isso já foi antes dito, impresso, mastigado e enfatizado no *Proletarii*. E eu digo apenas: pode falar, diga *na imprensa* o que você está dizendo aqui entre quatro paredes – e aí, e só aí, nós poderemos ter uma luta ideológica em vez das briguinhas impróprias que ocorreram aqui por mais de três dias. Diga na imprensa que nós somos "neobolcheviques", "neo-*Proletarii*stas" "no sentido do novo Iskra", ou seja, na prática, mencheviques, que nós "demos dois passos atrás", que nós "estamos destruindo a mais preciosa herança da revolução russa – o bolchevismo". Diga essas coisas, que eu tomei da sua fala, *na imprensa*, e nós vamos mostrar ao público uma vez mais que é você quem é uma caricatura de bolchevique. Diga *na imprensa* que nós – eu cito suas palavras de novo – "vamos ter uma morte política como prisioneiros de Plekhánov no caso de um novo levante", que nós "vamos vencer no caso de um período prolongado de reação", diga isso *na imprensa*, e nós vamos, para benefício do Partido, elucidar uma vez mais a diferença entre bolchevismo e o "otzovismo divino". Mas já que você se recusa (apesar de seus desafios

1 N.E. Otzovismo (do verbo *otzivat*, "retirar, revogar"): definição dada por Lênin ao grupo oportunista que surgiu entre os bolcheviques em 1908. Encobrindo-se com frases revolucionárias, os otzovistas exigiam a retirada dos deputados social-democratas da III Duma de Estado e a cessação do trabalho nas organizações legais. Declarando que nas condições da reação o partido só devia realizar um trabalho clandestino, os otzovistas renunciavam à participação na Duma, nos sindicatos operários, nas cooperativas e outras organizações de massas legais e semilegais, e consideravam necessário concentrar todo o trabalho do partido no âmbito da organização clandestina.

2 N.E. Ultimatismo (de "ultimato"): uma variedade de otzovismo surgiu em 1908. Não compreendendo a necessidade de realizar um trabalho cuidadoso com os deputados social-democratas na Duma de Estado, de educá-los como parlamentares revolucionários consequentes, os ultimatistas propunham que se apresentasse aos membros da bancada social-democrata na III Duma um ultimato para que se submetessem sem ressalvas ao Comitê Central do Partido e, caso eles não se submetessem, que fossem retirados da Duma.

3 N.E. Referência à ideia defendida por Lunatchárski acerca da "construção de Deus", que pregava a criação de uma religião socialista.

diretos, *que começaram em agosto de 1908*, quando foi solicitado formalmente a você em uma reunião do conselho editorial para se apresentar com um panfleto, para expressar suas visões em um panfleto), já que se recusa a lutar *abertamente*, mas continua sua intriga dentro do Partido, nós *devemos* receber uma declaração aberta sua porque vamos *removê-lo* diretamente de nossa seção (não do Partido, mas de nossa seção dele), removê-lo em prol de uma luta ideológica que vai ensinar uma grande lição ao Partido.

Discurso e projeto de resolução sobre as tarefas dos bolcheviques em relação à atividade na Duma, 12 a 13 (25 a 26) de junho

Estamos chegando ao final do debate, e não penso que haja nenhuma necessidade de fixá-lo em uma resolução especial, porque temos que tomar cuidado com isso. O importante afinal era debater a questão entre nós. Em resposta a Vlássov[4] sobre o uso das oportunidades legais, eu lerei o esboço da resolução:

"O Centro Bolchevique resolve: para atingir *na prática* – e atingir com espírito e direções social-democratas *revolucionárias* – os objetivos agora reconhecidos por todos os bolcheviques de fazer uso das 'oportunidades legais', todas as organizações legais e semilegais da classe operária em geral e a tribuna da Duma em particular, o setor bolchevique deve colocar-se, definitivamente e com clareza, o objetivo de assegurar a qualquer custo a formação de um conjunto de bolcheviques experientes, especializados em seu trabalho e firmemente estabelecidos em cada um de seus cargos *legais* (sindicatos, clubes, comitês da Duma etc., etc.)."

Vlássov afirma que isso se refere às lideranças. Não é o caso. O problema é que em nosso setor bolchevique prevalece a visão de que tais especialistas não são necessários. Nossas forças são pequenas: elas precisam ser utilizadas e alocadas nas funções legais e responsabilizadas por levar a cabo essas funções em nome do setor. Se falamos de estabelecer células do Partido, precisamos saber como fazê-lo. Eu esbocei uma resolução sobre agitação com panfletos:

"Tendo discutido a questão sobre as tarefas dos bolcheviques em relação à atividade na Duma, o Centro Bolchevique resolve chamar a atenção dos organismos locais para a importância da agitação com panfletos (juntamente à imprensa regional e local) que disseminem entre as massas informação sobre o trabalho na Duma dos social-democratas e dê direcionamentos para esse trabalho. Os assuntos desses panfletos devem ser indicações de questões a serem ressaltadas da tribuna da Duma, o resumo da atividade dos social-democratas na Duma e os agrupamentos dos diferentes partidos, destaques dos discursos de propaganda sobre essas questões, análises do significado político dos discursos social-democratas particularmente importantes na Duma, apontando omissões ou imprecisões nos discursos social-democratas na Duma, e extratos desses discursos que dêem conclusões práticas importantes para a propaganda e a agitação etc., etc."

E eu também rascunhei na forma de uma resolução os pontos sobre a questão de nossa atitude em relação à atividade na Duma que foram discutidos em uma

[4] N.E. Vlássov era o codinome de A. I. Ríkov.

reunião privada[5]:

"II. A diferença entre o uso social-democrata revolucionário da Duma e o uso reformista (ou mais amplamente, oportunista) pode ser descrita pelas seguintes indicações, que não se pretendem completas:

Do ponto de vista das relações externas, por assim dizer, da bancada social-democrata na Duma, a diferença entre o uso social-democrata revolucionário da Duma e o uso oportunista consiste no seguinte: a necessidade de combater a tendência de parte dos deputados e muito frequentemente dos intelectuais burgueses ao seu redor – uma tendência natural em toda a sociedade burguesa (e na Rússia durante um período de reação, especialmente) – de fazer da atividade parlamentar a coisa mais básica, mais importante de todas, um fim em si mesmo. Em particular, é essencial fazer todos os esforços para que a bancada leve a cabo seu trabalho como uma função subordinada aos interesses do movimento operário como um todo, e também que a bancada deva estar em constante contato com o Partido, não se afastando, mas implementando as visões do Partido, as diretrizes dos congressos do Partido e das instituições centrais do Partido.

Do ponto de vista do conteúdo interno da atividade da bancada, é essencial ter o seguinte em mente. O objetivo da atividade da bancada social-democrata parlamentar difere em princípio da de *todos* os demais partidos políticos. O objetivo do partido proletário não é negociar ou pechinchar com os poderes estabelecidos, não é se engajar em remendar desesperadamente o regime da ditadura feudal-burguesa da contrarrevolução, mas desenvolver de todas as formas a consciência de classe, a clareza de pensamento socialista, a determinação revolucionária e toda a organização da massa dos operários. Cada passo na atividade da bancada da Duma deve servir a esse objetivo fundamental. Portanto, devemos prestar mais atenção em promover os objetivos da revolução socialista a partir da tribuna da Duma. Devem ser feitos esforços para assegurar que sejam ouvidos mais frequentemente, a partir da tribuna da Duma, discursos que propagandeiem as concepções fundamentais e os objetivos do socialismo, isso é, do socialismo científico. Aí então, em condições de continuar a revolução democrático-burguesa, é extremamente importante que a bancada da Duma sistematicamente combata a enxurrada de ataques contrarrevolucionários ao 'movimento de libertação' e a tendência predominante (tanto da parte dos reacionários abertos quanto dos liberais, especialmente os Cadetes) de condenar a revolução e desacreditar a ela, a seus objetivos, a seus métodos etc. A bancada social-democrata na Duma deve manter alta a bandeira da revolução, a bandeira da classe avançada, líder da revolução democrático-burguesa na Rússia.

Além disso, é essencial apontar uma tarefa dos social-democratas na Duma,

5 N.E. A reunião privada foi uma reunião dos bolcheviques leninistas chamada por Lênin na véspera da conferência do conselho editorial ampliado do *Proletarii*. Lênin apresentou na reunião informações completas sobre o estado de coisas no setor bolchevique e na luta contra os otzovistas, os ultimatistas e os construtores de deus. Essas teses contidas no relatório de Lênin formaram a base para as resoluções adotadas pela conferência do conselho editorial ampliado.

que é excepcionalmente importante no momento atual, isso é, a de participar energicamente em todas as discussões sobre legislação trabalhista. A bancada precisa utilizar a rica experiência parlamentar dos social-democratas da Europa Ocidental, tomando o cuidado especial de evitar a distorção oportunista desse aspecto de sua atividade. A bancada não deve rebaixar suas palavras de ordem e as demandas do programa mínimo de nosso Partido, mas esboçar e propor suas Leis Social-Democratas (e também emendas às leis do governo e de outros partidos), para desmascarar frente às massas a hipocrisia e a falsidade do social-reformismo, para arrastar as massas para a luta de massas econômica e política com independência, que é a única que pode trazer ganhos reais aos operários ou transformar as vagas e hipócritas 'reformas' no atual sistema em pontos fortes para um avanço do movimento operário no rumo da completa emancipação do proletariado.

A bancada social-democrata da Duma e todo o Partido Social-Democrata deve ter a mesma posição em relação ao reformismo dentro da social-democracia, que é o último produto da vacilação oportunista.

Finalmente o uso social-democrata revolucionário da Duma deve diferir do uso oportunista no sentido de que a bancada social-democrata e o Partido devem explicar às massas de todas as maneiras possíveis o caráter de classe de todos os partidos políticos burgueses, não se atendo apenas a ataques ao governo e aos reacionários abertos, mas expondo tanto a natureza contrarrevolucionária do liberalismo quanto as hesitações da democracia pequeno-burguesa camponesa."

Resoluções da Conferência do Conselho Editorial Ampliado do *Proletarii* (excertos)

Publicado originalmente no Suplemento ao nº 46 do *Proletarii*, de 3 (16) de julho de 1909.

I

Sobre o otzovismo e o ultimatismo

A palavra de ordem de boicote à Duma de Bulíguin e à Primeira Duma lançada pela ala revolucionária de nosso Partido teve um grande papel revolucionário à época, e foi recebida com entusiasmo por todos os setores mais ativos e mais revolucionários da classe operária.

A luta revolucionária direta das amplas massas foi então seguida por um período severo de contrarrevolução. Tornou-se essencial para os social-democratas adaptar suas táticas revolucionárias para essa nova situação política, e, junto a isso, uma das tarefas excepcionalmente importantes virou o uso da Duma como uma plataforma aberta para o objetivo de auxiliar a agitação e a organização social-democratas.

Nessa mudança rápida dos acontecimentos, contudo, um setor dos operários que participaram na luta revolucionária direta foi incapaz de seguir de uma vez e aplicar as táticas social-democratas revolucionárias nas novas condições da contrarrevolução, e simplesmente continuou a repetir as palavras de ordem que *haviam sido* revolucionárias no período de guerra civil aberta, mas que agora, se meramente repetidas, podem retardar o processo de cerrar as fileiras do proletariado nas novas condições de luta.

Por outro lado, as condições dessa dolorosa crise, em uma atmosfera de descenso da luta revolucionária, de apatia e desânimo mesmo entre uma parte dos operários, em um momento em que as organizações de operários estão sendo reprimidas e que a força de sua resistência contra influências desagregadoras não está a contento, desenvolveram entre um setor da classe operária uma atitude de indiferença diante da luta política em geral e uma falta de interesse particular pelo trabalho dos social-democratas na Duma.

Nessas condições os assim chamados otzovismo e o ultimatismo podem encontrar algum sucesso temporário entre esses setores do proletariado.

Os trabalhos da Terceira Duma, que abertamente desprezam as necessi-

dades dos operários, favorecem um estado de espírito otzovista entre esses estratos dos operários que, devido a sua formação social-democrata insuficiente, ainda não são capazes de compreender que esses procedimentos da Terceira Duma permitem aos social-democratas utilizar essa assembleia representativa das classes exploradoras de uma forma revolucionária, para expor aos setores mais amplos do povo a natureza real da autocracia e de todas as forças contrarrevolucionárias, assim como a necessidade da luta revolucionária.

Outro fator que contribui para esse estado de espírito otzovista entre esse estrato dos operários têm sido os erros absurdamente graves cometidos pela bancada social-democrata da Duma, especialmente durante seu primeiro ano de atividade.

Reconhecendo que esse estado de espírito otzovista tem um efeito prejudicial na formação socialista e revolucionária da classe operária, a ala bolchevique do Partido considera necessário:

(a) *a respeito desses estratos dos operários*: perseverar no trabalho de formação e organização social-democrata, para explicar sistemática e persistentemente a completa futilidade política do otzovismo e do ultimatismo, o significado real de um parlamentarismo social-democrata e o papel da Duma como uma plataforma para os social-democratas durante um período de contrarrevolução;

(b) *a respeito da bancada social-democrata da Duma e do trabalho na Duma em geral*: estabelecer ligações estreitas entre a bancada da Duma e os operários avançados; garantir que todo o Partido preste toda a assistência a ela, a supervisione e a pressione, inclusive através da explicação aberta de seus erros; garantir na prática que o Partido guie suas atividades como um órgão do Partido; e em geral que os bolcheviques cumpram as decisões da recente conferência do Partido sobre esse assunto; porque apenas um aumento da atenção dos círculos operários sobre as atividades da bancada social-democrata da Duma, e sua participação organizada nas atividades dos social-democratas na Duma, será eficaz em corrigir as táticas da nossa bancada na Duma;

(c) *a respeito da ala direita do Partido*, que está arrastando a bancada da Duma para um caminho antipartido e por esse caminho, afastando-a da vanguarda dos operários: travar uma luta sistemática e inconciliável contra isso e expor essas táticas como fatais para o Partido.

* * *

No curso da revolução democrático-burguesa, vários elementos se juntaram ao nosso Partido, atraídos não por seu programa puramente proletário, mas principalmente por sua valente e enérgica luta pela democracia; esses elementos adotaram palavras de ordem revolucionário-democráticas do partido proletário, mas sem conectá-las com a luta do proletariado socialista como um todo.

Tais elementos, não imbuídos suficientemente do ponto de vista proletário, também podem ser encontrados nas fileiras da ala bolchevique do Partido. Nesse período de estagnação social, tais elementos revelam, de modo maior ou

menor, sua falta de consistência social-democrata. Entrando, como sempre fazem, em contradição cada vez mais aguda com os fundamentos das táticas social-democratas revolucionárias, eles estiveram criando, durante o ano passado, uma tendência que busca dar forma a uma teoria de otzovismo e ultimatismo, mas em realidade só elevam a um princípio e intensificam falsas noções sobre o parlamentarismo social-democrata e o trabalho da social-democracia na Duma.

Essas tentativas de criar um sistema completo de política otzovista a partir de um estado de espírito otzovista levaram a uma teoria que em essência expressa, por um lado, a ideologia da indiferença política e, por outro lado, fantasias anarquistas. Por toda a sua fraseologia revolucionária, o otzovismo e o ultimatismo representam, de forma considerável, o lado oposto das ilusões constitucionais baseadas na esperança de que a própria Duma possa satisfazer certas necessidades urgentes do povo. Em essência, eles substituem a ideologia proletária por tendências pequeno-burguesas.

Não menos prejudicial à causa social-democrata do que o otzovismo aberto é o assim chamado ultimatismo (ou seja, aquela tendência que por princípio renuncia à utilização da tribuna da Terceira Duma, ou que tenta justificar seu fracasso em cumprir sua obrigação por considerações de conveniência e, ao lutar pela remoção da bancada social-democrata da Duma, abandona o trabalho prolongado de formação da bancada da Duma e de corrigir sua linha, em prol de lhe apresentar um ultimato imediatamente). Politicamente, o ultimatismo, no atual momento, é indistinguível do otzovismo e só propaga ainda maior confusão e desunião pelo caráter disfarçado de seu otzovismo. As tentativas do ultimatismo de afirmar sua conexão direta com as táticas de boicote praticadas por nossa ala do Partido durante um estágio particular da revolução simplesmente distorcem o significado verdadeiro e o caráter do boicote à Duma de Bulíguin e à Primeira Duma, que foi corretamente aplicado pela maioria esmagadora de nosso Partido. Em sua tentativa de deduzir de casos particulares, em que o boicote das instituições representativas foi aplicado em um ou outro momento da revolução, que a política de boicote é o aspecto distintivo da tática bolchevique, mesmo no período da contrarrevolução, o ultimatismo e o otzovismo demonstram que essas tendências são, em essência, o outro lado da moeda dos mencheviques, que pregam uma participação indiscriminada em todas as instituições representativas, independentemente do estágio particular de desenvolvimento da revolução, independentemente da existência ou não de umlevante revolucionário.

Todas as tentativas feitas até agora pelo otzovismo e pelo ultimatismo para estabelecerem princípios sobre os quais basear suas teorias levaram inevitavelmente à negação dos fundamentos do marxismo revolucionário. A tática proposta por eles inevitavelmente leva a um completo rompimento com a tática da ala esquerda da social-democracia internacional da maneira em que se aplica às condições russas atuais, e resulta em desvios anarquistas.

A agitação oztovista-ultimatista já começou a causar prejuízo inquestio-

nável para o movimento operário e para o trabalho social-democrata. Se ela continuar, pode se tornar uma ameaça para a unidade partidária, porque essa agitação já fez surgir fenômenos grotescos como uma aliança entre os otzovistas e os Socialistas-Revolucionários (em São Petersburgo) com o objetivo de impedir o apoio aos representantes de nosso Partido na Duma; e também com o objetivo de falas públicas em encontros operários junto com certos sindicalistas.

Tendo isso em vista, o conselho editorial ampliado do *Proletarii* declara que o bolchevismo, como uma tendência definida dentro do Partido Operário Social-Democrata Russo, nada tem em comum com o otzovismo e o ultimatismo, e que a ala bolchevique do Partido deve combater resolutamente esses desvios do caminho do marxismo revolucionário.

II
As tarefas dos bolcheviques no partido

No período de triunfo decisivo da contrarrevolução que sucedeu à dissolução da Segunda Duma, a força das circunstâncias fez com que todas as atividades do Partido se concentrassem na seguinte tarefa: preservar a organização do Partido construída nos anos de maré alta da luta proletária, apesar de todos os esforços da reação, e a despeito da grande depressão na luta de classe do proletariado, ou seja, preservá-lo como uma organização que conscientemente tem suas posições baseadas no marxismo ortodoxo, e que une todas as organizações social-democratas "nacionais" com o objetivo de levar a cabo uma única linha social-democrata revolucionária para a tática.

No curso dessa luta de dois anos pelo Partido e pelo partidarismo, ficou bastante claro que, por um lado, o Partido tinha se dissociado dos elementos que o penetraram como resultado das condições específicas da revolução democrático-burguesa, e que, por outro lado, os social-democratas revolucionários haviam se consolidado ainda mais. Por um lado, os antigos companheiros da social-democracia tomaram uma forma mais definida – esses companheiros que, ao deixar o Partido, transferiram todas as suas atividades para várias organizações legais (cooperativas, sindicatos, sociedades educacionais, comitês de conselho à bancada da Duma), em que eles não apenas deixaram de levar a política do Partido, mas, pelo contrário, combateram o Partido e lutaram para arrancar essas organizações dele e colocá-las contra o Partido. Fazendo um fetiche da legalidade, e elevando, como princípio, as formas estreitas de atividade impostas pelo declínio temporário e estado de fragmentação no movimento operário, esses elementos – liquidacionistas declarados do Partido – tomaram posição, o que seria já óbvio, no terreno do revisionismo teórico e tático. Que existe uma vínculo íntimo entre o liquidacionismo em matéria de organização (a luta contra as instituições do Partido) e a luta ideológica contra a teoria marxista e os princípios fundamentais do programa do Partido Operário Social-Democrata Russo, isso já foi revelado com muita clareza e provado por toda a história dos esforços de enfiar uma política oportunista na nossa bancada da Duma por seus conselheiros intelectuais, assim

como por todo o curso da luta entre os liquidacionistas e os partidaristas entre as organizações operárias legais e os grupos operários dos quatro congressos: das Universidades Populares[1], das cooperativas[2], de mulheres[3] e oficiais médicos de fábrica[4].

1 N.E. O Primeiro Congresso Pan-Russo de Membros das Universidades Populares foi realizado em São Petersburgo de 3 a 6 (16 a 9) de janeiro de 1908. Durante o debate sobre a questão das atividades e da organização das universidades populares, o grupo operário do congresso, liderado pelos bolcheviques, propôs moções demandando que as organizações operárias fossem representadas nos conselhos das universidades populares com direito a participar da organização dos currículos, escolhendo palestrantes desejáveis nas ciências sociais, e reconhecendo o direito de cada nacionalidade de dar aula em sua língua nativa. O Congresso rejeitou essas demandas como sendo exteriores à competência do congresso, fato que provocou a retirada do representante dos operários.

2 N.E. O Primeiro Congresso Pan-Russo de Representantes de Sociedades Cooperativadas foi feito em Moscou de 16 a 21 de abril (29 de abril a 4 de maio) de 1908. Recebeu 824 delegados, dos quais 50 eram social-democratas (bolcheviques e mencheviques). Relatórios foram apresentados ao congresso sobre o movimento internacional de cooperativas, sobre o papel e tarefas do movimento de cooperativas, sobre o estatuto legal das sociedades de consumo na Rússia e outros assuntos.
Apesar da resistência dos mencheviques, os bolcheviques formaram um grupo social-democrata no congresso e lideraram a luta dos representantes dos sindicatos e das cooperativas operárias contra as cooperativas burguesas, que eram maioria no congresso. Depois de várias falas de um orador dos operários, a polícia impôs uma proibição sobre falas que tocassem nas questões da luta de classes, dos sindicatos, ajuda aos operários durante greves e locautes, a imprensa e a propaganda das cooperativas e até mesmo a eleição de um Bureau congressual e a periodicidade do congresso, com o policial que acompanhava os trabalhos sendo instruído a prender imediatamente qualquer um "que fizesse falas ou moções socialistas". Como um ato de protesto contra isso, o congresso foi encerrado.

3 N.E. O Primeiro Congresso Pan-Russo de Mulheres foi feito em São Petersburgo de 10 a 16 (23 a 29) de dezembro de 1908. Entre suas delegadas havia muitas mulheres operárias. Sob a pressão destas, o congresso adotou resoluções sobre combater o alcoolismo, sobre a posição da mulher camponesa, sobre proteção trabalhista para mulheres e crianças, sobre cooperativas de produtores e sobre direitos iguais para os judeus. Sobre a questão principal – a do estatuto político e civil da mulher na comunidade moderna – as mulheres operárias submeteram uma moção demandando sufrágio universal, direto e igualitário por voto secreto sem distinção de sexo, raça e religião. O comitê que presidia o congresso se recusou a ler a moção e a substituiu por uma esboçada com um espírito liberal-burguês. As operárias saíram do congresso como forma de protesto.

4 N.E. O Primeiro Congresso Pan-Russo de Oficiais Médicos de Fábricas e Representantes da Indústria Manufatureira, convocado por iniciativa da Sociedade Moscovita de Oficiais Médicos de Fábricas, foi feito em Moscou de 1 a 6 (14 a 19) de abril de 1909. Entre seus delegados, estavam 52 operários eleitos pelos sindicatos principalmente dos grandes centros industriais (São Petersburgo, Moscou, Kiev, Ekaterinoslav, Baku, Ivanovo-Voznesensk etc.)

De acordo com seus promotores, o congresso era para ter sido um "festival de reconciliação" entre operários e capitalistas. Os bolcheviques, contudo, que formavam a maioria dos delegados operários, tiveram sucesso em levar os operários ao congresso para apontarem uma linha classista, proletária, apesar da oposição dos elementos liquidacionistas. Ao falar das questões concretas de organização sanitária e médica nas fábricas, os delegados operários denunciaram as ideias de "paz de classe" e reforma social e apresentaram demandas baseadas no programa do partido marxista. Essas falas tiveram grande significado político e repercussões por todo o país. Foram especialmente vívidos os debates sobre as questões de organização da inspeção sanitária (o esboço de resolução dos bolcheviques sobre isso foi aprovado) e da eleição da inspetoria de fábrica pelos operários.

O congresso não conseguiu terminar seus trabalhos. Depois da polícia ordenar que nenhuma

Por outro lado, a ala esquerda do Partido, a quem coube liderar o Partido durante esse período de triunfo decisivo da contrarrevolução, reconheceu na teoria e aplicou na prática a tática de combinar adequadamente o trabalho partidário ilegal com o legal. Isso se aplica a todo o trabalho do Partido na bancada da Duma e a todo o trabalho do Partido nas organizações proletárias legais e semilegais. São precisamente essas formas de trabalho – formas que permitem que o Partido ilegal influencie as amplas massas de uma maneira ou de outra – que foram postas em discussão pelas condições peculiares da situação histórica atual, além das formas principais de trabalho do Partido. É nessas formas de atividade que o Partido na prática se choca contra o liquidacionismo e lhe dá golpes mortais. É também sobre essa base que os social-democratas que pertencem a vários grupos do Partido estavam e estão se unindo[5]. E aqui, finalmente, sobre as mesmas questões de tática e organização do Partido nas condições do período da Terceira Duma, que o setor bolchevique abertamente repudia os elementos pseudorrevolucionários, instáveis e não-marxistas que, sob a máscara do assim chamado otzovismo, têm se oposto às novas formas de atividade do Partido.

No momento atual, traçando as tarefas básicas dos bolcheviques, o conselho editorial ampliado do *Proletarii* afirma:

(1) que na luta pelo Partido e pelo partidarismo, a tarefa do setor bolchevique, que precisa permanecer o maior defensor do partidarismo e da linha social-democrata revolucionária no Partido, deve dar apoio ativo e total ao Comitê Central e ao Órgão Central do Partido. No atual momento de reagrupamento das forças do Partido, apenas as instituições centrais do Partido podem servir como representantes fortes e com autoridade da linha partidária, em torno das quais todos os elementos partidaristas genuínos e social-democratas genuínos podem aderir;

(2) que no campo menchevique do Partido, cujo órgão oficial, *Gólos Sotsial-Demokrata*[6], está completamente controlado pelos liquidacionistas mencheviques, a minoria dessa fração, tendo explorado o caminho do liquidacionismo até o fim, já levanta sua voz em protesto contra esse caminho e está novamente buscando uma base partidária para suas atividades (a carta dos mencheviques de "Viburgo"[7] em São Petersburgo, a cisão no conselho em Moscou, a cisão dos mencheviques em Moscou, a cisão no conselho editorial da *Gólos Sotsial-Demokrata*, a divisão correspondente no Bund etc.):

---

questão passível de "incitar a luta de classe" deveria ser abordada nos debates, e depois de terem proibido a moção sobre a questão da moradia de ser votada (já que "mencionava socialismo e socialização da terra") e proibirem alguns dos delegados operários, incluindo o Deputado da Duma I. P. Pokróvski, de continuarem suas falas, todos os operários e alguns dos médicos abandonaram o salão do congresso. Tendo isso em vista, o comitê que presidia o congresso decidiu por encerrá-lo.

5 N.A. As resoluções sobre os sindicatos e cooperativas, e várias resoluções sobre as atividades da Duma, foram aprovadas por consenso no Comitê Central. O apoio à linha do Partido pela esmagadora maioria na recente Conferência Pan-Russa. A experiência de conduzir o Órgão Central, os grupos operários dos mencionados congressos etc.

6 N.E. "A voz social-democrata".

7 N.E. Os mencheviques no distrito de Viburgo em São Petersburgo.

(3) que em tais circunstâncias, a tarefa dos bolcheviques, que permanecerão a sólida vanguarda do Partido, é não apenas continuar a luta contra o liquidacionismo e todas as variantes do revisionismo, mas também estabelecer contatos mais próximos com os elementos marxistas e partidaristas de outros grupos, contato ditado pelos objetivos comuns na luta pela preservação e consolidação do Partido Operário Social-Democrata Russo.

III
Agitação por um Congresso Bolchevique ou uma Conferência Bolchevique em separado do Partido

Considerando:

que a ala bolchevique, desde que o Partido foi restaurado, sempre se alinhou e unificou àqueles que aderiram à sua linha política nos assuntos que já foram objeto de uma discussão geral no Partido, e, sempre em uma campanha ideológica, lutou na arena geral do Partido por sua solução particular de tais questões – com plataformas paralelas, discussão nas células do Partido e nos congressos gerais do Partido;

que esse é o único modo certo tanto de unir os membros com ideias semelhantes quanto de trazer para a ala todos os elementos realmente semelhantes;

que para conquistar nosso principal objetivo, para exercer uma influência tal no Partido que a política da social-democracia revolucionária triunfe de uma vez por todas no Partido, o alinhamento dos bolcheviques apenas na arena geral do Partido é o único procedimento correto e adequado;

que qualquer outro procedimento, o procedimento de convocar conferências e congressos especiais bolcheviques, levaria inevitavelmente a uma cisão do Partido de cima abaixo e teria um impacto irreparável para o setor que tomou a iniciativa de provocar uma cisão total no Partido Operário Social-Democrata Russo,

o conselho editorial ampliado do *Proletarii* resolve:

(1) Alertar todos os seus apoiadores contra a agitação por um congresso especial bolchevique, uma vez que tal agitação levaria objetivamente a uma cisão no Partido e poderia radicalmente prejudicar a posição que a social-democracia revolucionária ganhou dentro do Partido.

(2) Organizar a próxima conferência dos bolcheviques no mesmo momento da conferência regular do Partido, de modo que a reunião superior de toda a ala seja a reunião de seus apoiadores no próximo congresso do Partido.

(3) Tendo em vista os assuntos urgentes agitando o Partido e os membros da ala bolchevique, os bolcheviques no Comitê Central sejam instruídos a pressionar por uma conferência do Partido o mais rápido possível (a ser convocada em dois ou três meses) e depois por um congresso o mais rápido possível. [...]

Carta para o Secretário do Conselho Editorial do Órgão Central

Escrita em 4 de novembro de 1909. Publicada pela primeira vez em 1933.

Caro camarada,

Imprima na próxima edição do OC minha resolução, rejeitada por dois votos contra dois, com uma abstenção, e meu aviso de renúncia do Conselho Editorial do OC[1], e também me envie cópias da minha resolução, de Mártov e da resolução aprovada, com os resultados da votação.

Com saudações S[ocial-]D[emocratas],

N. Lênin

Paris, 4 de novembro de 1909

P.S. Gostaria também de pedir ao Conselho Editorial do OC para me informar se aceita para publicação no próximo número meu artigo de discussão sobre os métodos de consolidação do nosso Partido e de sua unidade.

1 N.E. Quando o Conselho Editorial da *Sotsial-Demokrat* recusou-se a imprimir o artigo de Lênin *Sobre os métodos para consolidar nosso partido e sua unidade* como um editorial e sugeriu que ele o apresentasse como um artigo assinado, Lênin submeteu a questão dos métodos de consolidação do Partido e de sua unidade à discussão pelo Conselho Editorial e propôs um projeto de resolução do tema. Lênin e Kámenev votaram a favor da resolução, Mártov e Warski foram contra, e Zinóviev, que em geral se opôs à adoção de uma resolução política sobre esta questão, se absteve. Como o artigo e a resolução foram rejeitados, Lênin apresentou sua renúncia ao Conselho Editorial do OC.

Métodos dos liquidacionistas e as tarefas partidárias dos bolcheviques

Publicado no nº 50 do *Proletarii*, de 25 de novembro (11 de dezembro) de 1909.

A crise que afeta nosso Partido no atual momento é devido, como já dissemos mais de uma vez, à instabilidade dos elementos pequeno-burgueses que se juntaram ao movimento operário durante a revolução e que agora passaram para o liquidacionismo dos mencheviques de um lado e para o otzovismo e o ultimatismo de outro. Por isso, uma luta nos dois lados é uma tarefa essencial para defender a tática social-democrata revolucionária correta e construir o Partido. E essa luta está sendo travada firmemente pela fração bolchevique, que está assim unindo e aglutinando todos os elementos social-democratas realmente partidaristas e realmente marxistas.

Para travar essa luta pelo Partido com sucesso – porque o *Partido* condenou o liquidacionismo em sua Conferência de dezembro em 1908 e da mesma forma se dissociou enfaticamente do otzovismo e do ultimatismo na mesma Conferência –, deve-se ter uma ideia clara da situação na qual a luta dentro da social-democracia deve ser levada a cabo. A *Gólos Sotsial-Demokrata*, nºs 16–17 e o novo semijornal dos otzovistas e ultimatistas (o panfleto de 8 páginas dos camaradas Maxímov e Lunatchárski: "A todos os camaradas") devem receber atenção porque eles claramente retratam a situação. Tanto a *Gólos* quanto Maxímov e cia. protegem os liquidacionistas. A identidade de métodos usados pelos liquidacionistas de direita e de esquerda é surpreendentemente óbvia e demonstra a hesitação comum a ambas posições.

Liquidacionismo é um "chavão deliberadamente vago e maliciosamente indefinido", afirma o editor-chefe da *Gólos*. Maxímov afirma que o *Proletarii* aumenta e infla as diferenças práticas de opinião com os ultimatistas até que se tornem diferenças de princípio. Pobre *Gólos*! Até agora, ele pôde colocar a culpa pela "maliciosa invenção" nos bolcheviques, ou seja, em seus "oponentes de fração". Agora são Plekhánov e o Bund que são acusados de invenção maliciosa (ver o nº 3 do *Otkliki Bunda* sobre liquidacionismo no Bund). São Plekhánov e os Bundistas ou é a *Gólos* que tergiversam "maliciosamente"; o que parece mais possível?

Nós não somos liquidacionistas, a *Gólos* nos assegura, nós apenas interpre-

tamos o que é ser membro do Partido de maneiras diferentes; em *Estocolmo*, nós adotamos o Parágrafo 1 do Estatuto à maneira bolchevique, mas isso não é um problema; agora, depois que Plekhánov nos acusa de liquidacionismo, nós vamos trazer o Parágrafo 1 e interpretar todo nosso notório liquidacionismo como sendo simplesmente um desejo de estender o conceito de Partido. O Partido, vejam, não é apenas a soma dos organismos do Partido (como nós mesmos concedemos aos bolcheviques *em Estocolmo*), mas também todos aqueles que trabalham *fora* dos organismos do Partido sob o controle e liderança do Partido!

Que subterfúgio magnífico, que invenção brilhante: não existe liquidacionismo – simplesmente as velhas disputas sobre o Parágrafo 1! A única coisa infeliz, caros gólosistas, é que vocês assim *confirmam* a acusação de Plekhánov, porque, *de fato*, como todo social-democrata do Partido e todo operário social-democrata vai compreender de primeira, vocês tiraram de baixo do debate toda a velha sujeira sobre o Parágrafo 1 *precisamente para defender* o liquidacionismo (= substituição da organização do Partido por uma organização legal "amorfa": vejam a resolução da Conferência de dezembro de 1908). *Na verdade*, o que vocês fazem é abrir a porta para os liquidacionistas, mesmo que vocês nos assegurem *em palavras* que seu "desejo" é apenas abrir as portas para os operários social-democratas.

Exatamente como Maxímov, que nos assegura que não é um defensor do otzovismo, que ele apenas (apenas!) considera a questão da participação na Duma como "muito, muito disputável". O Parágrafo 1 é debatível, a participação na Duma é debatível – o que isso tem a ver com invenções "maliciosas" sobre o otzovismo e o liquidacionismo?

Não somos liquidacionistas, a *Gólos* nos assegura, nós só achamos que o Plekhánov "com sucesso fugiu à questão do que fazer se a estrutura da célula do Partido nos impede nada mais nada menos que a sua reconstrução". Na realidade, Plekhánov não fugiu a essa questão, mas a respondeu de forma franca e direta: ele respondeu à remoção, de dentro dos bolcheviques, dos otzovistas e ultimatistas com um chamado à observância do princípio de Partido e com uma condenação à cisão e ao liquidacionismo. A célula do Partido é um tipo de organismo partidário ilegal em que, via de regra, os bolcheviques predominam e cuja reconstrução (para participação na Duma, em associações legais etc.) os otzovistas *impediram*. Os mencheviques pró-Partido não puderam responder à remoção bolchevique dos otzovistas de qualquer forma diferente da de Plekhánov. A *Gólos*, no entanto, tergiversa e na verdade *apoia* os liquidacionistas, *repetindo* em uma publicação ilegal no exterior a calúnia *dos liberais* sobre o caráter conspiratório dos organismos dos bolcheviques, sobre a falta de vontade dos bolcheviques de formar organismos amplos de operários, de participar de congressos e por aí vai (porque, *ao participar* de novas "oportunidades", as células do Partido foram automaticamente reconstruídas através dessa participação e da reconstrução aprendida na prática). Dizer que essa "*estrutura*" da célula do Partido impede sua reconstrução significa *de fato* defender uma cisão, justificar as ações de rompimento dos liquidacionistas *contra* o Par-

tido, que consiste na soma das células construídas precisamente da maneira atual.

Não somos liquidacionistas, nem legalistas, nós simplesmente afirmamos em uma publicação "ilegal" (mas aprovada pela sra. Kuskôva[1]) "do Partido" (de acordo com sua própria ficha!) que a estrutura da célula do Partido (e da soma das células, o Partido) *impede* a reconstrução do Partido. Não somos otzovistas, nem destruidores do trabalho dos social-democratas. Na Duma, apenas afirmamos (em 1909) que a questão de participação na Duma era "muito disputável" e que o "Dumismo" ofusca tudo em nosso Partido. Qual dos dois tipos de liquidacionista traz mais prejuízo ao Partido?

Plekhánov se demitiu de *O movimento social*, declarando que Potréssov deixara de ser um revolucionário. Potréssov escreve uma carta para Mártov: por que fui insultado, eu não sei. Mártov responde: eu também não sei. Os dois editores fazem uma "investigação" (expressão da *Gólos*!) das causas da insatisfação de Plekhánov. Os dois editores escrevem ao terceiro editor, Máslov, mas parece que Máslov também não sabe por que Plekhánov se demitiu. Eles trabalharam por anos com Plekhánov, tentaram corrigir o artigo de Potréssov *de acordo com a orientação de Plekhánov* e, quando uma acusação foi feita contra eles na imprensa e abertamente, eles de repente se veem incapazes de entender do que Plekhánov está acusando Potréssov e fazem uma "investigação" da questão! Antes desse ocorrido infeliz, eles eram *literati*[2] tão habilidosos, tão experientes – agora eles se tornaram crianças que "não sabem" qual tipo de espírito de repúdio da revolução emana dos artigos de Cherevanin, de Potréssov, de todo *O movimento social*. Roland-Holst notou esse espírito em Cherevanin – obviamente, por pura malícia! Mas Cherevanin, ao mesmo tempo em que segue *junto a Potréssov*, escrevendo no *mesmo* espírito, inseriu em algum lugar *uma ressalva*... onde está o liquidacionismo aqui? Os Cadetes = vekhistas[3] com ressalvas. Cherevanin, Potréssov e *O movimento social* = repúdio da revolução com ressalvas. Sim, sim, que chavão deliberadamente vago e maliciosamente indefinido é o "liquidacionismo"!

Mas o chavão "construção de deus" é igualmente deliberadamente vago e maliciosamente indefinido, choram Maxímov e Lunatchárski. Cherevanin pode ser defendido ao escrever uma *ressalva*; de qua maneira Lunatchárski é pior que Cherevanin e Potréssov? E Lunatchárski, junto com Maxímov, inventa uma *ressalva*. "Por que eu rejeito essa terminologia?" – é o título do parágrafo principal no artigo de Lunatchárski. Mudemos então os termos inconvenientes, não vamos falar nem de religião nem de construção de deus... pode-se falar de "cultura"... agora

1 N.E. Referência a Ekaterina Dmítrievna Kuskôva. Kuskôva foi uma das defensoras, dentro da social-democracia russa, das tendências revisionistas do marxismo ligadas ao bernsteinianismo alemão. Foi uma das autoras do manifesto "Credo", que recebeu grandes críticas dos social-democratas revolucionários, inclusive de Lênin, no seu *Um protesto dos social-democratas russos* (ULIÁNOV, V.I. *Escritos de juventude*: volume 2. São Paulo: LavraPalavra, 2020).

2 N.E. Em italiano no original: "intelectuais".

3 N.E. Tendência liberal representada pelos ex-marxistas N. Berdiaev , S. Bulgákov , P. Struve e S. Frank, que assumiram a posição da religiosidade cristã, rejeitando o marxismo como uma doutrina puramente econômica que não responderia às questões fundamentais da existência humana.

tentem depois decifrar o que estamos oferecendo a vocês na forma de uma nova, genuinamente nova e genuinamente socialista, "cultura". O Partido é tão incômodo, tão intolerante (parágrafo de Lunatchárski: Sobre a "Intolerância") – bom, então mudemos a terminologia, eles não estão lutando contra ideias, mas contra a "terminologia"...

E, então, caros gólosistas, vocês não pretendem anunciar, nos nºs 18 e 19, sua rejeição da terminologia... por exemplo, no que respeita ao liquidacionismo? E então, editores de *O movimento social*, vocês não pretendem *explicar*, nos volumes III a X, que "vocês foram mal compreendidos", que vocês não colocaram em questão nenhuma "ideia de hegemonia", que vocês não aprovam nem o menor espírito de liquidacionismo... nem um pouquinho?!

Na véspera das eleições para a Duma (em setembro de 1909), os otzovistas e ultimatistas de São Petersburgo, que fazia tempo que *vinham arruinando todo o trabalho do Comitê de São Petersburgo*, garantiram a aprovação de uma resolução realmente rompendo com as eleições. Os operários se revoltaram em nome do Partido e *forçaram* os liquidacionistas de esquerda a revogar essa resolução estúpida. Maxímov agora tergiversa: a resolução, ele diz, estava "extremamente equivocada" mas os camaradas "eles mesmos a rejeitaram". "É bastante claro", escreve Maxímov", "que esse equívoco não tem nada a ver com ultimatismo como tal". O que é claro, camarada Maxímov, não é isso, mas é sua blindagem do liquidacionismo de esquerda, que é *desastroso* para o Partido. Os mencheviques do distrito de Viburgo de São Petersburgo se pronunciaram contra o liquidacionismo (também, provavelmente, apenas por malícia?). A *Gólos* no começo os aprovou (depois do *Proletarii*). Agora o liquidacionista menchevique *G-g*[4] se coloca na *Gólos* nºs 16 e 17 e – pode-se imaginar? – ele xinga como um soldado os camaradas de Viburgo, usando a linguagem mais insultante possível. No órgão menchevique, ele xinga os mencheviques de *serem bolcheviques*! Os editores da *Gólos* agora estão modestos, muito modestos, inocentes, muito inocentes, e lavam suas mãos sobre a matéria à moda de Maxímov: "Não devemos tomar como nossa a responsabilidade" (p. 2, coluna 2 do Suplemento aos nºs 16 e 17), "é uma questão de fatos"...

... Bom, que caluniadores perversos são eles que inventaram a "lenda" (expressão de Mártov no *Vorwärts*) que a *Gólos* blinda o liquidacionismo, ajuda o liquidacionismo! Não é uma calúnia dizer que alguém ajuda os liquidacionistas se, em um órgão ilegal, a pessoa ridiculariza o trabalho do Comitê Central na Duma, insinuando que esse trabalho se desenvolveu "depois da maioria do Comitê Central começar a morar no exterior" (*ibid.*) – tirando vantagem do fato de que é impossível refutar essas insinuações, isso é, dizer *a verdade* sobre o trabalho na Duma do Comitê Central ilegal...

Maxímov afirma que a questão da possibilidade de liderança do Partido sobre a bancada da Duma é muito, muito disputável (depois de dois anos de experiência). A *Gólos* afirma que a liderança *do Partido* equivale a palavras vazias ("depois da maio-

---

[4] N.E. G-g (Georg) – o liquidacionista menchevique V. O. Levítski (V. O. Tsederbaum).

ria do Comitê Central começar a morar no exterior"). E tanto Maxímov quanto os gólosistas batem no peito e declaram que apenas caluniadores começaram esses rumores sobre atividade *antipartidária* dos liquidacionistas de direita e de esquerda.

Tanto Maxímov quanto os gólosistas explicam toda a luta contra o liquidacionismo como motivada por inclinações "destituidoras" departe de pessoas ou grupos. Essa é a palavra que Maxímov usa. A *Gólos* indignamente descreve o chamado de Plekhánov para uma delimitação geral como "cirurgia", o método de "fazer barba, cabelo e sangria"[5], os métodos de "Sobakevich-Lênin"[6], os métodos do "temerário" P.[7] (P. = um menchevique plekhanovista, que não tem medo de dizer a verdade abertamente sobre o liquidacionismo dos Cherevanins, dos Larins e dos Potréssovs). O *Proletarii* usa uma linguagem diplomática, flerta com Plekhánov (Maxímov), o *Proletarii* bajula Plekhánov (*Golos*: "O folhetinismo do *Proletarii*", que está "favorecendo" Plekhánov). Vocês vejam: os maximovistas e os gólosistas explicam as novas cisões e novos alinhamentos exatamente da mesma forma.

Deixemos tais explicações para os bonequinhos de negócios[8] e vamos ao que interessa.

O liquidacionismo é um fenômeno social bem assentado, indissoluvelmente conectado com o ânimo contrarrevolucionário da burguesia liberal, com a desintegração e cisão na pequena burguesia democrática. Os liberais e democratas pequeno-burgueses estão tentando de milhares de maneiras desmoralizar o Partido social-democrata revolucionário, miná-lo e derrubá-lo, para abrir caminho para associações operárias legais em que eles possam ter sucesso. E num momento como esse, os liquidacionistas estão ideológica e organizacionalmente lutando contra o resíduo mais importante da revolução de ontem, contra o baluarte mais importante da revolução de amanhã. Os gólosistas (de quem o Partido pede nada mais do que uma luta honesta e direta, sem ressalvas, contra os *liquidacionistas*) *fazem um favor aos liquidacionistas* quando tergiversam. O menchevismo foi colocado em maus lençóis pela história da contrarrevolução: ele precisa ou lutar

5 N.E. A expressão original em russo é *strich, brit i krov otvoriat*, que pode ser traduzida literalmente como "cortar, barbear e abrir sangue". A referência aqui é ao papel que desempenhavam os barbeiros na história pré-moderna e moderna dos países europeus. A profissão envolvia não apenas o corte de cabelo e barba, mas também pequenas cirurgias, como remoção de dentes e sangrias. A acusação feita a Lênin pela *Gólos* remete à ideia de um barbeiro que faz sangrar o cliente desnecessariamente, para prejuízo deste.

6 N.E. *Sobakevitch* é uma referência a Mikhail Semiônovich Sobakevtich, personagem do poema *Almas mortas*, do escritor russo Nikolai Gógol. Sobakevitch é um proprietário de terras que busca vender as "almas mortas" dos servos de suas terras, expediente da narrativa que as personagens usam para burlar os impostos cobrados "por alma", isso é, por servo preso à terra de um proprietário. Sobakevitch é descrito como tendo uma personalidade rude e manipuladora – o que poderia ser o motivo dos adversários de Lênin compararem-no à personagem.

7 N.E. O menchevique plekhanovista F. I. Tsederbaum (P. N. Dnevnítski).

8 N.E. Referência ao conto *Igrushechnogo dela liudichki* (trad. livre "Bonequinhos de negócios"), de Mikhail Evgráfovitch Saltikóv-Chedrín, satirista russo do século XIX. No conto, um inventor produz bonequinhos de brinquedo que correspondem a alguns tipos sociais conhecidos da sociedade russa, que magicamente interagem entre si como suas contrapartes do mundo real.

contra o liquidacionismo ou tornar-se seu cúmplice. O menchevismo do avesso, isso é, o otzovismo e o ultimatismo, também levam na realidade ao fortalecimento do liquidacionismo: continuar a "disputar" sobre a Duma e a atividade legal, tentar preservar a velha organização, não a adaptando ao novo momento histórico, às condições modificadas, significa de fato uma política de inação revolucionária e destruição da organização ilegal.

Os bolcheviques são confrontados com uma luta dos dois lados – uma tarefa "central" (a essência do que não foi compreendido por Maxímov, que vê ali apenas falta de sinceridade e diplomacia). É impossível preservar e fortalecer a organização social-democrata ilegal sem reconstruí-la sistematicamente, progressivamente, passo a passo, *para* enfrentar com sucesso o momento difícil atual, *para* trabalhar persistentemente os "pontos fortes" das possibilidades legais de todo tipo.

As condições objetivas impuseram essa tarefa ao Partido. Quem a resolverá? As mesmas condições objetivas impuseram *a reaproximação de membros pró-Partido* de todas as frações e setores do Partido, sobretudo uma reaproximação entre bolcheviques e os mencheviques pró-Partido e com os mencheviques do tipo dos camaradas de Viburgo em São Petersburgo e os plekhanovistas no exterior. Os bolcheviques, por seu lado, sempre proclamaram abertamente a necessidade de uma reaproximação, e para isso lançamos um chamado *a todos os mencheviques* capazes de combater abertamente o liquidacionismo, de apoiar abertamente Plekhánov e, claro, a todos os operários mencheviques acima de tudo. A reaproximação vai ocorrer rápida e extensivamente se um *acordo* com os plekhanovistas for possível: um acordo com base na luta pelo Partido e pelos princípios do Partido contra o liquidacionismo, sem compromissos ideológicos, sem passar por cima de diferenças táticas e outras de opinião *dentro dos limites* da linha do Partido. Que todos os bolcheviques, e especialmente os operários bolcheviques nos diversos locais, façam tudo para alcançar esses acordos.

Se os plekhanovistas se provarem muito fracos ou desorganizados, ou não queiram chegar a um acordo, então devemos nós avançar para o mesmo objetivo por um caminho mais longo, mas de qualquer forma devemos buscá-lo e vamos alcançá-lo. Se isso acontecer, a fração bolchevique permanecerá a única construtora do Partido, imediatamente, na esfera do trabalho prático (porque a ajuda de Plekhánov é somente publicística). Devemos fazer todos os esforços para promover essa construção, devemos ser impiedosos com os subterfúgios desprezíveis e as tergiversações dos gólosistas e dos maximovitas; a cada passo no trabalho prático do Partido, devemos denunciar e demarcar ante o proletariado a natureza antipartido de ambos.

A classe operária deixou a marca de sua tática social-democrata proletária e revolucionária em toda a revolução burguesa na Rússia. Nenhum esforço de liberais, liquidacionistas e cúmplices do liquidacionismo pode apagar esse fato. E os operários avançados vão construir, e construir até o fim, o Partido social-democrata revolucionário *junto com* aqueles que queiram ajudá-los nessa empreitada, *contra* aqueles que não querem ajudá-los ou são incapazes de fazê-lo.

Rumo à unidade (excerto)

Publicado no nº 11 do *Sotsial-Demokrat*, em 13 (26) de fevereiro de 1910.

[...]

Destacamos a tarefa organizacional do partido associada ao novo período histórico – a tarefa da utilização de todas as instituições jurídicas possíveis pelo partido ilegal, incluindo a fração social-democrata na Duma, de modo a criar redutos para a atividade social-democrata revolucionária entre as massas. Apontando a semelhança entre esta tarefa organizacional e aquela resolvida pelos nossos camaradas alemães na época das leis de exceção, falamos sobre um "infeliz desvio do trabalho proletário persistente" na forma da rejeição da atividade social-democrata na Duma, ou da abstenção às críticas francas e abertas à *política* de nossa bancada na Duma, na forma da rejeição ou do menosprezo pelo Partido Social-Democrata ilegal, na forma de tentativas de substituí-lo por uma organização legal amorfa, de restringir nossas palavras de ordem revolucionárias etc.

Olhando para trás, podemos avaliar mais corretamente o significado da sessão plenária recentemente realizada no Comitê Central do nosso Partido. O registro das resoluções mais importantes aprovadas pela sessão plenária será encontrado em outra parte deste volume. O significado destas resoluções é um grande passo para a unidade real do Partido, para a união de todas as forças do Partido, para o *reconhecimento unânime* das disposições básicas sobre a tática do Partido e sua organização, que determinam o *caminho* da social-democracia em nosso período difícil. Este caminho foi corretamente indicado há um ano, e agora está sendo percorrido por *todo* o Partido, de cuja correção *todas* as frações se convenceram. O ano passado foi um ano de novas divisões fracionárias, de novas lutas fracionárias, um ano em que o perigo de um *colapso* do Partido se acentuou. Mas as condições de trabalho nas localidades, a difícil situação da organização social-democrata, as tarefas urgentes da luta econômica e política do proletariado impeliram todas as frações a unir as forças social-democratas. Quanto mais poderosa, insolente e desenfreada se tornava a contrarrevolução, quanto mais abominável a renegação e o repúdio à revolução se espalhavam entre as camadas liberais e pequeno-

burgueses democratas, mais fortemente todos os social-democratas eram *atraídos para o Partido*. É bastante característico que, na segunda metade de 1909, sob a influência da combinação de todas essas circunstâncias, membros tão divergentes de nosso Partido, como o camarada menchevique Plekhánov, por um lado, e o grupo *Vperiod* (um grupo de bolcheviques que tinha se afastado do bolchevismo ortodoxo), por outro, pronunciou-se a favor do princípio do Partido. Em agosto de 1909, o primeiro se manifestou vigorosamente contra a divisão e a política de cisão do partido sob o lema: "Luta pela influência no partido". O segundo grupo apresentou uma plataforma que, é verdade, no início fala de uma "luta pela restauração da unidade do bolchevismo", mas no final condena enfaticamente o fracionismo, "partidos dentro do partido", "o isolamento e exclusividade das frações", e exige vigorosamente sua "dissolução" no partido, sua "fusão" e a conversão dos centros das frações em centros que sejam "na verdade, apenas ideológicos e literários" (páginas 18 e 19 da brochura: *A situação atual e as tarefas do partido*).

O caminho claramente traçado pela maioria do Partido foi agora aceito por unanimidade – não em todos os detalhes, é claro, *mas no geral* – por todas as frações. Um ano de aguda luta fracional levou a um passo decisivo em favor da abolição de *todas* as frações e *todo tipo* de fracionismo, em favor da unidade do partido. Foi decidido unir todas as forças para as tarefas urgentes da luta econômica e política do proletariado; o fechamento do órgão fracional dos bolcheviques foi anunciado; uma decisão foi adotada por unanimidade sobre a necessidade de fechar a *Golos Sotsial-Demokrat*, ou seja, o órgão fracional dos mencheviques. Várias resoluções foram aprovadas por unanimidade, entre as quais devemos mencionar aqui especialmente como a mais importante aquela sobre a situação no partido e aquela sobre a convocação da próxima conferência partidária. A primeira dessas duas resoluções merece uma análise particularmente detalhada por ser, por assim dizer, a plataforma para unir as frações.

Ela começa com as palavras: "no desenvolvimento das proposições básicas das resoluções da Conferência do partido de 1908...". Citamos acima essas proposições básicas das três principais resoluções desta Conferência de dezembro de 1908: sobre a avaliação do presente momento e as tarefas políticas do proletariado, sobre a política organizacional do partido e sobre a sua atitude para com o grupo social-democrata na Duma. Não pode haver a menor dúvida de que não há unanimidade no partido em relação a cada detalhe, a cada item dessas resoluções, que a imprensa do partido deve abrir amplamente as portas à sua crítica e revisão, de acordo com os ditames da experiência e dos ensinamentos da luta econômica e política cada vez mais complexa, e que este trabalho de crítica, aplicação e aperfeiçoamento, deve, doravante, ser considerado por *todas* as frações, ou, mais corretamente, todas as *tendências* do Partido como uma questão de sua própria autodeterminação, como uma questão de elucidar sua própria política. Mas o trabalho de crítica e correção da linha partidária não deve impedir a unidade da *atividade*

partidária, que não pode cessar por um só momento, que não pode vacilar, que deve ser guiada, *em tudo*, pelas proposições básicas das referidas resoluções. [...]

Carta para Lev Borisovich Kámenev

Escrita antes de 2 de agosto de 1911, em Paris. Publicada apenas em 1964.

Caro L. B.,

Estou enviando a você as provas.[1]

No parágrafo "Dois Partidos" (especialmente no final, página 86, *in fine*[2] – ver folha separada) alterações são *necessárias*. 1) Não devemos solicitar um rompimento *com os conciliadores*. Isso é totalmente desnecessário e incorreto. Um tom "persuasivo" deve ser adotado em relação a eles, de forma alguma devem ser hostilizados. 2) A cisão deve ser discutida com mais tato, sempre escolhendo formulações no sentido de que os liquidacionistas se cindiram, criaram e proclamaram uma "ruptura total", e que o partido não deveria tolerá-los ("e os conciliadores não deveriam confundir as questões") e assim por diante.

É assim que você coloca, no geral. Mas nem sempre. Revise § "Dois Partidos" outra vez.

Devemos suavizar a resposta aos alemães. Você está certo em dizer que ela soa ácida demais.

Não deixe de enviar as provas do § sobre os conciliadores.

Tudo de bom,

Seu,
Lênin

1 N.E. Referência às provas de impressão do panfleto *Dois partidos*, Kamenev.
2 N.E. Em latim no original: "Ao final".

VI Conferência de toda a Rússia do POSDR (excertos)

A VI Conferência de toda a Rússia do POSDR ocorreu em Praga, de 5 a 17 de janeiro (18 a 30) de 1912, na Casa do Povo, nas instalações do jornal social-democrata checo.

Discurso sobre a questão organizacional

11 (24) de janeiro de 1912

Eu gostaria de tratar de outro aspecto da questão. É sobre a flexibilidade... A resolução estava correta[1]. Gostaria de chamar a atenção para um aspecto importante. Tomemos uma sociedade legal como exemplo. Não posso dizer isso sobre toda a Rússia, mas sobre cinco cidades posso dizer que... é possível. E então, o que uma sociedade legal nos fornece acima de tudo? Palestras de caráter marxista: isso parece permitido. Vejo pela imprensa que elas são permitidas nas grandes cidades. Diz-se que é difícil encontrar palestrantes... Os próprios operários deveriam trazer os palestrantes e custeá-los. Depois, há a biblioteca e a sala de leitura. Não sei se elas estão autorizadas a possuir exemplares do *Zvezda*[2]. Então, as associações legais organizam todo tipo de entretenimento. Isso é importante do lado financeiro e, além disso, o entretenimento faz com que sejam uma espécie de clube. Agora, se esse tipo de sociedade não é uma ficção, mas uma realidade, e não há dúvida sobre isso, devemos nos perguntar se temos trabalhado para ampliar tais sociedades. [Se] temos fornecido relatórios sobre essas sociedades nas fábricas e oficinas. Tentamos organizar essas sociedades? Além disso, como essas sociedades devem ser usadas? Agora somos quase semelhantes à organização alemã na época das Leis Antissocialistas, mas para nós é, ao mesmo tempo, mais difícil e mais fácil. É mais difícil porque as possibilidades legais estavam abertas para eles. O CC consistia em membros do grupo parlamentar do partido, reunia-se legalmente e convidavam militantes ilegais. Da nossa parte, temos grande simpatia entre as massas e apoio à social-democracia. Em todas as sociedades devemos ter pequenas células social-democratas intimamente ligadas ao partido, decidindo sobre cada assunto no espírito das resoluções do partido... Essas células não de-

1 N.E. Referência à resolução sobre a questão organizacional adotada pela V Conferência do POSDR, realizada em Paris, de 21 a 27 de dezembro de 1908.

2 N.E. "Estrela". Jornal da fração social-democrata na Duma, passou a ser controlado pelos bolcheviques em 1911, sendo transformado em 5 de maio de 1912 no jornal *Pravda*.

veriam ser tão complexas quanto as dos distritos e subdistritos. São Petersburgo e Riga se encaixam neste tipo de sociedade [legal]. Em Moscou, pouco foi feito a esse respeito. E assim encontramos essas células permitindo um tipo diferente de estrutura do partido. No passado, na minha época, tínhamos que fazer tudo sozinhos. Hoje, os sindicatos e organizações lidam com parte do trabalho. Sempre que possível, a luta política é frequentemente conduzida também pela fração legal na Duma, e se tivéssemos mais associações legais construídas nessas linhas, a revolução seria invencível. Essa é a questão da flexibilidade das organizações. Será ideal para reconstruir nossa organização. Essas células ilegais, cercadas por uma rede de células legais, nos darão uma nova base. Todos os contatos devem ser reduzidos ao mínimo, como se a organização estivesse e não estivesse lá. Que não haja reuniões. O trabalho partidário assumiu uma forma diferente. A nova forma já se encaixou à antiga. Que seja menos formalizado, mas que se expanda por meio do trabalho nas associações legais. Cada passo em direção à cultura deve ser permeado com o espírito social-democrata, com a cultura social-democrata... Esta será uma luta decidida contra os liquidacionistas .... Há uma célula, que está ligada ao Comitê Organizador, entrando em contato com ele uma vez por ano e fazendo cem vezes mais do que antes. Não temos feito o suficiente nas associações legais. Devemos arrancá-las das mãos dos liberais, devemos [arrancar] todo o movimento legal. As associações legais devem ser difundidas e expandidas. Deve-se dar atenção concreta à forma como o trabalho está sendo organizado nas associações legais. Em todos os lugares, as células ilegais devem ser cercadas por uma rede de células legais.

Sobre o projeto de resolução "sobre o caráter e as formas organizacionais do trabalho partidário"

11 (24) de janeiro

Inserir no início: (α) a confirmação da resolução de dezembro de 1908 ou a confirmação de sua correção com base na *experiência* de três anos; (β) reconhecimento de que o trabalho das forças social-democratas locais está criando, aqui, um tipo de partido que se *aproxima* do partido alemão de 1878-90[3]. *Avante* por este

3 N.E. Uma referência ao ilegal Partido Social-Democrata da Alemanha durante o período da Lei Antissocialista, introduzida pelo governo de Bismarck, em 1878, para lutar contra a classe trabalhadora e o movimento socialista. A lei proibiu todas as organizações do Partido Social-Democrata, organizações de trabalhadores de massa e a imprensa trabalhista; a literatura socialista foi confiscada; os social-democratas foram perseguidos e exilados. Mas, o Partido Social-Democrata prevaleceu diante dessas perseguições e reorganizou sua atividade para atender às condições ilegais; seu órgão central, o jornal *Sozial-Demokrat*, era publicado no exterior e os congressos do partido reuniam-se regularmente (1880, 1883 e 1887) fora do país; na clandestinidade da Alemanha, as organizações e grupos social-democratas estavam sendo rapidamente revividos sob a liderança de um CC. Ao mesmo tempo, o partido fez amplo uso de oportunidades legais para fortalecer seus laços com as massas, e sua influência continuou a crescer: o número de votos que obteve nas eleições para o *Reichstag*, em 1890, foi mais de três vezes maior do que em 1878. Os social-democratas alemães receberam grande ajuda de Karl Marx e Friedrich Engels. Em 1890, a Lei Antissocialista foi abolida sob pressão do massivo e crescente movimento da classe trabalhadora.

caminho. (Isso *em vez* do § 1).

Na tese 5, descartar *formalização* e, em vez de "expansão", usar "*fortalecimento*".

§ 7 – Reformular com mais cautela, como em dezembro de 1908.

§ 9 – Estabelecer que a distribuição regular de um jornal social-democrata ilegal, publicado regular e frequentemente, é de especial importância para a agitação política, para o direcionamento da luta revolucionária e para *ligar todas as organizações ilegais e células ilegais* nas várias sociedades.

Partido ilegal e trabalho legal

Publicado no nº 28-29 do *Sotsial-Demokrat*, em 5 (18) de novembro de 1912.

A questão do partido ilegal e do trabalho legal dos social-democratas da Rússia é uma das questões mais importantes que se colocam ao partido; ela tem ocupado o POSDR durante *toda* a época posterior à revolução e suscitou a mais dura luta interna nas suas fileiras.

Foi principalmente em torno desta questão que decorreu a luta dos liquidacionistas contra os antiliquidacionistas, e a dureza desta luta explica-se inteiramente pelo fato de que ela se *reduzia* à questão de saber se o nosso velho partido ilegal deveria ou não existir. A conferência do POSDR de dezembro de 1908[1] condenou resolutamente o liquidacionismo e expôs claramente numa resolução especial a concepção do partido sobre a questão da organização: o partido é constituído por células social-democratas ilegais, que devem criar para si "pontos de apoio para o trabalho entre as massas" sob a forma de uma rede o mais ampla e ramificada possível de associações operárias legais diversificadas.

E esta concepção do partido foi inteiramente confirmada pelas decisões do plenário do CC de janeiro de 1910 e da Conferência de toda a Rússia de janeiro de 1912. E talvez o que mais claramente defina a sua inteira clareza e consistência seja o último *Dnévnik* do camarada Plekhánov (nº 16 – abril de 1912). Dizemos mais claramente por que precisamente Plekhánov adotou então uma posição neutra (quanto à questão da importância da conferência de janeiro). E, mantendo seu ponto de vista neutro, ele confirmou inteiramente essa concepção que o partido adotara, dizendo que os chamados "grupos de iniciativa"[2] – que se desligaram da

1 N.E. Referência à V Conferência de toda a Rússia do POSDR, realizada em Paris em 21-27 de dezembro de 1908 (3-9 de janeiro de 1909).

2 N.E. Os "grupos de iniciativa dos ativistas social-democratas do movimento operário aberto" foram criados por mencheviques liquidacionistas a partir de fins de 1910 em oposição às organizações ilegais do partido. Os "grupos de iniciativa" eram encarados pelos liquidacionistas como células do

organização do partido ou fugiram dela ou se formaram à margem dela – não podem ser considerados como sendo do partido sem uma decisão especial de um congresso ou conferência das células ilegais. Seria anarquismo no aspecto dos princípios, seria apoiar e legitimar no aspecto prático o liquidacionismo, escreveu Plekhánov, se fosse permitido aos "grupos de iniciativa" determinarem *eles próprios* que pertencem ao partido.

Pareceria que, com esta última explicação do neutro Plekhánov, a questão, tantas vezes decidida de modo inteiramente definido pelo partido, deveria ser considerada esgotada. Mas a resolução da última conferência liquidacionista obriga-nos a voltar a ela mais uma vez, dadas as novas tentativas de emaranhar o que estava desemaranhado e obscurecer o que estava claro. A *Névski Gólos* (nº 9), dirigindo os mais raivosos insultos aos antiliquidacionistas, afirmou que a nova conferência não era liquidacionista. Entretanto, a sua resolução sobre uma das questões mais importantes, a do partido ilegal e do trabalho legal, prova da forma mais evidente que a conferência era inteiramente liquidacionista.

É por conseguinte necessário analisar essa resolução em pormenor e para isso citá-la integralmente.

I

A resolução da conferência liquidacionista intitula-se: "Sobre as *formas* organizativas de *construção* do partido", mas na realidade logo o seu primeiro ponto mostra que não se trata das "formas" de construção , mas de *qual* o partido, o velho ou um novo, se quer aqui "construir". Eis esse primeiro ponto:

> A conferência, depois de discutir a questão das formas e dos métodos de construção do partido, chegou à seguinte conclusão:
> I. A transformação da social-democracia em organização autônoma do proletariado social-democrata só pode ser realizada na medida em que a organização social-democrata se forme num processo de incorporação das massas operárias na vida sociopolítica aberta em todas as suas manifestações.

Portanto, as primeiras palavras da resolução sobre a *construção* do *partido* são o reconhecimento peremptório da necessidade de *transformar* a social-democracia. Isso é, no mínimo, estranho. Sem dúvida, qualquer membro do partido tem o direito de buscar a sua "transformação", mas o que *notoriamente* tem estado em discussão já há 4 anos é o reconhecimento ou não reconhecimento do *velho* partido! Alguém ignora isso?

A resolução do partido (em dezembro de 1908) fala do modo mais claro da condenação dos liquidacionistas, que querem "*substituir*" o velho partido por um novo. Plekhánov, em abril de 1912, pergunta aos defensores dos "grupos de iniciativa", que se preparavam para convocar (e convocaram) a conferência liquidacionista, pergunta-lhes frontalmente: "o nosso velho partido existe ou não?" (p. 8, nº 16 do *Dnévnik Sotsial-Demokrata*, abril de 1912).

Não é possível evitar esta questão. Ela foi colocada por 4 anos de luta. Nela

novo partido legal amplo por eles apregoado.

está contida toda a acuidade da chamada "crise" do partido.

Quando nos respondem a *essa* questão que "a *transformação* da social-democracia... só pode ser realizada...", vemos imediatamente que isso não é uma resposta, mas um subterfúgio oco.

Os membros do *velho* partido é que podem falar da transformação do *partido*. *Evitando* a questão de saber se existe ou não o velho partido e decretando francamente (com a participação de "grupos de iniciativa" *não-partidários)* a "transformação", vocês não fazem mais do que confirmar inteiramente, senhores, que vocês adotam o ponto de vista do liquidacionismo! E esse fato torna-se ainda mais evidente quando a resolução – depois de algumas frases declamatórias completamente desprovidas de conteúdo sobre a "organização autônoma do proletariado social-democrata" – reduz o assunto ao fato de que a "transformação" "*só pode* ser realizada na medida em que a organização social-democrata se forme..." (não nos deteremos já nesta fraseologia ridícula, pretensiosa e estúpida) "num processo de incorporação das massas operárias à vida *sociopolítica aberta*"!!

O que isso significa? Será que são as greves e manifestações, isso que os autores desta resolução espantosa chamam de "incorporar as massas" à vida "aberta" etc.? Segundo a lógica, *sim*! Nesse caso a resolução é uma completa idiotice, pois todos sabem bem que a "organização se *forma*" mesmo sem greves nem manifestações. A organização – senhores sábios – existe constantemente, enquanto as massas atuam *abertamente* apenas de tempos a tempos.

Os senhores liquidacionistas entendem por "vida sociopolítica aberta" (e esta gente escolhe um estilo burocrático-liberal, como o do *Rúskie Védomosti*[3] de 30 anos atrás!) as formas *legais* do movimento operário, e de modo nenhum as greves, as manifestações etc. Muito bem. Mas também nesse caso a resolução é uma idiotice, porque no nosso país a organização "forma-se" e formou-se não "só" no processo de incorporação das massas no movimento legal. No nosso país *existe* organização em muitos lugares onde não são permitidas *quaisquer* formas de movimento legal.

Deste modo, o ponto fundamental da resolução (a organização forma-se "*só na medida em que*"...) não vale rigorosamente nada. É pura confusão.

Mas nessa confusão vê-se claramente o *conteúdo* liquidacionista. A transformação *só* é possível no processo de incorporação das massas ao movimento *legal* – *a isso se resume o jargão do primeiro parágrafo.* E isso é o mais puro liquidacionismo.

O partido disse durante 4 anos: a nossa organização é constituída por células ilegais, rodeadas por uma rede o mais ramificada possível de associações legais.

Há 4 anos que os liquidacionistas negam que são liquidacionistas e há 4 anos que afirmam que a transformação *só é possível* no processo de incorporação das massas ao movimento legal. Quanto à questão de saber de que é *constituído* o nosso partido, de *como* é esse *velho* partido, evitam-na e evitam-na precisamente

3 N.E. "Gazeta russa": órgão liberal voltado aos dirigentes dos *Zemstvos*, publicado em Moscou entre 1863 e 1918.

da maneira que convém aos legalistas. Isso parece a história que nunca mais tem fim; em abril de 1912 Plekhánov pergunta: o nosso velho partido existe ou não? A conferência liquidacionista responde: "a transformação *só é possível na medida em que* as massas sejam incorporadas no movimento legal"!

Esta é uma resposta de legalistas que se desligaram do partido, que ontem eram fortes e inquietavam o partido, mas que hoje (depois de derrotados) se tornaram tímidos e se defendem através da eloquência.

II

O §II da resolução diz:

> 2. Dada a modificação das condições sociopolíticas em relação à época anterior à revolução, as organizações ilegais do partido existentes e as que ressurgem devem adaptar-se às novas formas e métodos do movimento operário aberto.

Também aqui há uma bela lógica. Da *modificação* das condições sociais decorre apenas a *modificação* das formas de organização, mas nada na resolução fundamenta a *direção* dessa modificação.

Por que motivo a resolução menciona a "modificação das condições sociopolíticas"? Evidentemente, para demonstrar, fundamentar, extrair a sua conclusão prática: a organização ilegal deve adaptar-se ao movimento legal. Mas da premissa de modo nenhum decorre tal conclusão. "Dada a modificação das condições" o legal deve adaptar-se ao ilegal – esta conclusão seria igualmente legítima!

De onde vem então esta confusão dos liquidacionistas? Ela vem do fato de que eles receiam dizer a verdade e querem ficar sentados entre duas cadeiras.

A verdade é que os liquidacionistas adotam o ponto de vista da avaliação *liquidacionista* (de Levítski, Lárin, Ejov etc.) do "momento presente", pois esclarecer a maneira *como* "se modificaram as condições sociopolíticas" é avaliar do momento.

Mas eles receiam expor abertamente esta avaliação. A sua conferência nem sequer se decidiu a colocar a questão. Foi em silêncio, em segredo, de contrabando, que ela desenvolveu a concepção de que se verificaram (*certas*) mudanças que exigiam uma "adaptação" do ilegal ao legal.

Esta concepção em nada difere daquela dos democratas-constitucionalistas, como repetidamente indicou a imprensa do partido social-democrata. Os democratas-constitucionalistas reconhecem plenamente que o seu partido "no conjunto é forçado a manter-se ilegal" (ver §3 da resolução dos liquidacionistas) e que, dada a modificação das condições, o partido ilegal deve adaptar-se ao movimento legal. Para os democratas-constitucionalistas isso é suficiente. Para eles, a proibição do seu partido, a sua ilegalização, é um acaso, uma "anormalidade", um vestígio do passado, e o mais importante, o essencial, o fundamental, é o seu trabalho legal. Esta sua concepção decorre *logicamente* da "avaliação do momento" expressa pelo sr. Gredeskul: não é necessária uma nova revolução, é necessário apenas um "trabalho constitucional".

A ilegalidade do partido democrata-constitucionalista é um acaso, é uma ex-

cepção no sistema geral do "trabalho constitucional". Daí decorre logicamente que a organização ilegal deve "adaptar-se ao movimento legal". É assim que os democratas-constitucionalistas vêem as coisas.

Quanto ao partido social-democrata, não vê as coisas deste modo. A conclusão fundamental da avaliação do momento feita por nós, pelo partido, consiste em que a *revolução é necessária e se aproxima*. Modificaram-se as formas do desenvolvimento que conduz à revolução, permanecem as *velhas tarefas da revolução*. Daí a conclusão de que as formas de organização devem modificar-se, a forma das "células" deve ser flexível, o seu alargamento ocorrerá muitas vezes através do alargamento não das próprias células mas através da *sua* "periferia" legal etc. Tudo isso foi dito muitas vezes nas resoluções do partido.

Mas esta modificação das *formas* da organização ilegal não corresponde de modo nenhum à fórmula: "adaptá-la" ao movimento legal. Isso não é a mesma coisa! As organizações legais são *pontos de apoio* para fazer penetrar nas massas as ideias das *células ilegais*. Quer dizer, modificamos a forma de influência para que a influência anterior vá numa direção *ilegal*.

Quanto à *forma* das organizações, o ilegal "adapta-se" ao legal. Quanto ao conteúdo da atividade do nosso partido, a atividade legal "*adapta-se*" às ideias ilegais. (Daí – diga-se entre parênteses – toda a guerra do "menchevismo revolucionário" contra os liquidacionistas.)

Mas julgue-se a profundidade do pensamento dos nossos liquidacionistas pelo fato de que aceitaram a *primeira* premissa (sobre a forma do trabalho) mas se esqueceram da segunda (sobre o *conteúdo* do trabalho)!! e encabeçaram os seus sofismas de democratas-constitucionalistas com o seguinte raciocínio sobre as formas organizativas da *contrução* do partido:

> É preciso construir o partido de modo a transformá-lo por meio da incorporação das massas no movimento legal e a adaptar a organização ilegal a esse movimento.

Pergunta-se: isso se assemelha, por acaso, à resposta do partido (construir o partido significa reforçar e multiplicar as células ilegais, rodeando-as de uma rede de pontos de apoio legais)?

Ou se assemelha à legitimação de uma escapatória para os liquidacionistas, limitando-se a uma repetição das ideias dos democratas-constitucionalistas e dos socialistas populares[4]? – O socialista popular sr. Pechekhónov quando, em agosto de 1906, andava a fundar o seu "partido aberto", defendia *precisamente* estas ideias; vide o nº 8 do *Rússkoe Bogátstvo*, 1906, e no nº 4 do *Proletarii*, o artigo *Os mencheviques socialistas-revolucionários*.

---

4 N.E. Referência aos membros do pequeno-burguês Partido Trabalhista Popular-Socialista, que se separou da ala direita do Partido Socialista-Revolucionário, em 1906. Como também defendiam um bloco com os democratas-constitucionalistas, Lênin os chamava de "social-democratas-constitucionalistas", "oportunistas pequeno-burgueses", "mencheviques socialistas-revolucionários", sublinhando que este partido "difere muito pouco dos democrata-constitucionalista, pois elimina do programa a república e a reivindicação de toda a terra".

III

O §III da resolução versa:

> 3. O partido social-democrata deve já hoje, quando a sua organização no seu conjunto é forçada a permanecer ilegal, procurar conduzir abertamente determinados aspectos do seu trabalho partidário e criar para isso as instituições correspondentes.

Já indicamos que isto é um quadro perfeitamente preciso e exato, da primeira à última palavra, do partido *democrata-constitucionalista*. Mas a palavra "social-democrata" aparece aqui em vão.

Efetivamente, o partido dos democratas-constitucionalistas "no conjunto" é "forçado" a permanecer ilegal, eles procuram efetivamente "já" hoje (quando já temos, graças a Deus, uma constituição...) conduzir abertamente aspectos do seu trabalho partidário.

A premissa implícita que transparece em cada linha desta resolução liquidacionista consiste precisamente no reconhecimento do "trabalho constitucional" como exclusivo – ou pelo menos como principal, duradouro, fundamental.

Isto é radicalmente falso. Estas são precisamente as concepções da política operária liberal.

O partido social-democrata é ilegal tanto "no conjunto" como também em cada uma das suas células e – *o que é essencial* – em todo o conteúdo do seu trabalho, que prega e prepara a revolução. Por isso o trabalho *mais* aberto da célula mais aberta do partido social-democrata *não* pode ser considerado como "conduzir abertamente a atividade partidária".

Por exemplo, de 1907 a 1912, a célula mais "aberta" do POSDR era a fração social-democrata na Duma. Ela podia falar mais "abertamente" do que todas. Ela era a única legal e podia falar legalmente *sobre muitas coisas*.

Mas não sobre tudo! E não só não podia falar "de tudo" em geral, mas mesmo em particular do seu partido, do seu trabalho partidário, não podia falar "nem de tudo" nem do principal. Por isso, *mesmo* no que se refere à fração social-democrata na Duma, não podemos aceitar o §3 da resolução liquidacionista. Quanto aos restantes "determinados aspectos" do partido, sequer vale a pena falar.

Os liquidacionistas são adeptos do partido "aberto", legal. Eles receiam agora dizê-lo abertamente (os operários obrigaram-nos a recear, Trótski aconselha-os a recear). Começaram a dizer *a mesma coisa* com *pequenos disfarces*. Eles se calam sobre a legalização do partido. Pregam a legalização do partido *por partes*!

Os "grupos de iniciativa" dos legalistas desligados são grupos antipartido – dizia o neutro Plekhánov aos liquidacionistas em abril de 1912. Os "grupos de iniciativa" dos legalistas desligados – responde a conferência liquidacionista – são a condução aberta de determinados aspectos do "trabalho partidário"; são o "movimento aberto" *ao qual* o partido ilegal deve "adaptar-se"; são a "vida aberta", a "incorporação" que é critério e garantia da necessária "transformação" do partido.

Se é verdade aquilo que dizem os liquidacionistas, se estas concepções foram aprovadas pelos "antiliquidacionistas" trazidos por Trótski, é caso para perguntar

onde foram eles descobrir tais simplórios!

IV

Último § da resolução:

> 4. Não tendo a possibilidade, em consequência da sua existência ilegal, de atrair para o seu âmbito os amplos círculos operários aos quais se estende a sua influência, a organização social-democrata deve ligar-se às camadas politicamente ativas do proletariado e por intermédio delas às massas, através da criação de diversos tipos de organizações políticas legais ou ilegais mais ou menos formalizadas e de diversos tipos de coberturas legais (comitês eleitorais, associações políticas fundadas com base na lei de 4 de março[5] companhias municipais, associações de luta contra o aumento do custo de vida etc.), bem como através da coordenação das suas ações com as organizações operárias não-políticas.

Também aqui, sob raciocínios incontestáveis acerca das coberturas legais, se *encobre* concepções não apenas contestáveis, mas francamente liquidacionistas.

A formação de *organizações políticas legais* é precisamente aquilo que pregavam Levítski e N. R-kov[6], é precisamente a legalização do partido por partes.

Há já mais de um ano que dizemos aos liquidacionistas: basta de palavras, criem as suas "associações *políticas* legais", como "associações de defesa dos interesses da classe operária" etc. Basta de frases, lancem as mãos à obra!

Mas eles não conseguem lançar as mãos à obra, porque não é possível realizar a utopia liberal na Rússia *atual*. Conseguem apenas *defender* dessa forma encoberta os seus "grupos de iniciativa", ocupados em conversas profícuas e em mútuos encorajamentos, em propostas e reflexões acerca das "organizações políticas legais".

Eles estão defendendo os seus "grupos de iniciativa" quando declaram oficialmente na resolução que as organizações ilegais *devem* "ligar-se às *camadas politicamente ativas do proletariado* e por intermédio delas às massas"!!! Isso significa precisamente que é *fora* das células que se encontram os "politicamente ativos"! – não será isto uma simples repetição das conhecidas frases e exclamações segundo as quais tudo o que é ativo *fugiu* do "partido esclerosado" para os "grupos de iniciativa"?

Aquilo que o *Nacha Zariá* e o *Dieéo Jízni*[7] diziam francamente, *insultando* o partido ilegal, Trótski e os liquidacionistas expulsos do partido dizem "mais delicadamente": é precisamente fora dos limites do estreito partido ilegal que se encontra aquilo que é mais "*ativo*", e é com isso que é preciso "ligar-se". Nós, os

---

5 N.E. Em 4 (17) de março de 1906 foram publicados dois decretos do governo czarista – regulamentos provisórios sobre associações, sindicatos e assembleias. Os decretos autorizavam a organização de associações, sindicatos e assembleias, mas, ao mesmo tempo, estabeleciam uma série de obstáculos que reduziam os decretos a nada, na prática. Concedia-se ao Ministro do Interior o direito de, arbitrariamente, não só fechar as associações e sindicatos mas também recusar o registo de outros novos.

6 N.E. Nikolai Rojkov.

7 N.E. "A causa da vida": revista legal, órgão dos mencheviques liquidacionistas, publicado em Petersburgo de janeiro a outubro de 1911.

liquidacionistas desligados, somos o elemento ativo; é por nosso intermédio que o "partido" deve ligar-se com as massas.

O partido disse de maneira perfeitamente definida: na direção da luta econômica é necessária a cooperação das células partidárias social-democratas com os sindicatos, com as células social-democratas existentes neles, com determinados militantes do movimento sindical. Ou – na campanha eleitoral para a Duma é necessário que as associações marchem ao lado do partido. Isto é claro, preciso e compreensível. *Em vez* disso, os liquidacionistas pregam uma nebulosa "coordenação" do trabalho do partido em geral com associações "apolíticas", isto é, sem partido.

P. B. Axelrod deu a Trótski as ideias do liquidacionismo. Trótski aconselhou a Axelrod, depois dos seus amargos fracassos na *Nacha Zariá*, a dissimular essas ideias com frases confusas.

Esta confraria não enganará ninguém. A conferência liquidacionista ensinará aos operários a penetrar com mais rigor no sentido das frases evasivas. Além dessa "ciência" amarga, desinteressante, mas não inútil na sociedade burguesa, essa conferência nada mais dará aos operários.

Estudamos as ideias da política operária liberal com o traje doméstico de Levítski, e não é difícil reconhecê-las também sob as elegantes vestimentas multicores de Trótski.

As ideias do partido sobre a organização ilegal e o seu trabalho legal impõem-se cada vez com mais força em comparação com todas essas mascaradas hipócritas.

Notificação e deliberações da reunião do Comitê Central do POSDR com operários do partido em Cracóvia (excerto)

Impresso na primeira quinzena de fevereiro de 1913 como uma brochura do Comitê Central do POSDR, em Paris.

Construindo uma organização ilegal

Sintetizando o movimento operário e o trabalho do partido em 1912, a conferência conclui que:

1. A nova onda de levantes revolucionários das massas que começou corroborou plenamente as decisões anteriores do POSDR (particularmente as da conferência de janeiro de 1912) no que diz respeito à construção do partido. O desenrolar do movimento grevista em 1912, a campanha dos social-democratas nas eleições para a IV Duma, o desenrolar da campanha pela previdência etc., mostraram, sem sombra de dúvida, o único tipo adequado de estrutura organizacional no período atual: um partido ilegal, como a soma total das células partidárias circundadas por uma rede de associações operárias legais e semilegais.

2. É absolutamente obrigatório adaptar as formas de organização da construção ilegal às condições locais. A variedade de formas de cobertura para as células ilegais, a maior flexibilidade possível na adaptação das formas de trabalho às condições de vida locais e gerais, é a chave para a vitalidade da organização ilegal.

3. A principal tarefa imediata no campo da construção organizacional, atualmente, é: estabelecer em todas as fábricas e oficinas comitês de fábrica ilegais puramente partidários, constituídos pelos elementos mais ativos entre os operários. O tremendo movimento ascendente do movimento operário cria condições nas quais os comitês de fábrica do partido podem ser restaurados, e os existentes podem ser fortalecidos na grande maioria das localidades.

4. A conferência mostra que, agora, se tornou essencial em todos os centros formar uma única organização de liderança, a partir dos grupos locais dispersos.

Em São Petersburgo, por exemplo, um comitê dirigente municipal, formado pela combinação do princípio da eleição por células distritais com o princípio da cooptação, emergiu como um tipo de organização que abrange toda a cidade.

Este tipo de organização permite estabelecer uma ligação muito estreita e direta entre o corpo dirigente e as células de base e, ao mesmo tempo, criar um corpo executivo pequeno, móvel e particularmente bem disfarçado, autorizado a atuar a qualquer momento em nome de toda a organização. A conferência recomenda este tipo [de organização] também para outros centros do movimento operário, com as modificações que possam ser exigidas pelas condições de vida locais e gerais.

5. Com vista a estabelecer laços estreitos entre as organizações locais e o Comitê Central, bem como a orientar e unificar os trabalhos do partido, esta confe-

rência considera imprescindível a organização de centros regionais nas principais áreas do movimento operário.

6. Propõe-se o estabelecimento de um sistema de representantes autorizados como tarefa prática mais importante no estabelecimento de um vínculo de vida permanente entre o Comitê Central e os grupos social-democratas locais, bem como na concepção de formas flexíveis de direcionar o trabalho local nos principais centros do movimento operário. Os representantes devem ser recrutados entre os operários responsáveis pelo trabalho local. Somente operários avançados podem, por si próprios, fortalecer e consolidar o aparato central do partido localmente e em toda a Rússia.

7. Esta conferência expressa o desejo de que o Comitê Central converse com a maior frequência possível com os operários locais do partido que atuam nos diversos campos da atividade social-democrata.

8. Esta conferência enfatiza as repetidas decisões do partido no sentido de que o partido operário não pode existir a menos que haja taxas de filiação regulares e contribuições dos operários. Na ausência de tais contribuições, particularmente nas condições atuais, a existência de um órgão central do partido (local ou totalmente russo), por mais modesto que seja, será absolutamente impossível.

9. (Não será publicada).

Resoluções da reunião do Comitê Central do POSDR com operários partidários no verão de 1913 (excertos)

Realizada de 23 de setembro a 1 de outubro (6 a 14 de outubro) de 1913, na aldeia de Poronin (perto de Cracóvia), e referida como "Conferência de agosto" ou "Conferência do verão" por questões de sigilo. Publicado em dezembro de 1913 em uma brochura do CC do POSDR.

Resolução sobre a questão organizacional e sobre o congresso do partido

1. Os relatórios das localidades mostraram que a tarefa organizativa mais urgente é não só consolidar as organizações dirigentes do partido em cada cidade, mas também ligar as cidades entre si.

2. Como um primeiro passo para o amálgama regional, esta Conferência recomenda a organização de reuniões (e, quando possível, conferências) de camaradas de diferentes centros do movimento operário. Todos os esforços devem ser feitos para que todos os ramos do trabalho partidário estejam representados nessas reuniões: político, sindical, das associações previdenciárias, cooperativas etc.

3. Esta conferência afirma que, para o propósito de coordenar as atividades em toda a Rússia, o sistema de ter representantes do Comitê Central é absolutamente essencial. A decisão sobre os representantes, adotada pela Conferência de fevereiro, apenas começou a ser aplicada. Operários avançados, nas localidades, devem cuidar para que tais representantes sejam nomeados pelo menos em todos os grandes centros do movimento operário, e em tanta quantidade quanto seja possível.

4. Esta conferência coloca na ordem do dia a questão da convocação de um congresso partidário. O crescimento do movimento operário, o amadurecimento de uma crise política no país e a necessidade de ações unidas da classe operária em escala nacional tornam necessária e possível a convocação de tal congresso – apenas depois que as preparações adequadas para este tenham sido feitas.

5. Esta conferência convida os companheiros de distrito, na discussão deste assunto, a fazerem sugestões para a agenda do congresso, para a data desejável de convocação, para projetos de resolução, etc.

6. Esta conferência assinala que, além de outras dificuldades, o problema de custear as despesas do congresso também só pode ser resolvido pelos próprios operários.

Esta conferência convida os camaradas a constituírem um fundo para a convocação do congresso do partido.

Sobre a imprensa do Partido

1. Esta conferência aponta para a grande importância da imprensa legal para a agitação e organização social-democrata e, portanto, apela aos órgãos do partido e a todos os operários com consciência de classe para aumentarem a sua assistência à imprensa legal, garantindo-lhe a mais ampla circulação possível e organizando assinaturas coletivas em massa e cobranças regulares de contribuições.

A conferência reafirma que tais contribuições são contabilizadas como taxas de filiação do partido.

2. Esforços especiais devem ser feitos para consolidar o órgão legal dos operários em Moscou[1] e para o possível estabelecimento de um jornal operário no sul o mais rápido possível.

3. Esta conferência expressa o desejo de que se estabeleça o contato mais próximo possível entre os periódicos legais operários existentes, por meio de intercâmbio de informações, realização de conferências etc.

4. Reconhecendo a importância e a necessidade de um órgão teórico do marxismo, esta conferência expressa o desejo de que todos os órgãos do partido e da imprensa sindical familiarizem os operários com a revista *Prosvechenie* e os exortem a assiná-la regularmente, com o intuito de prestar o seu apoio sistemático.

5. Esta conferência chama a atenção das editoras do partido para a grande necessidade de publicar uma extensa série de panfletos populares de agitação e propaganda social-democrata.

6. Tendo em vista a recente intensificação da luta revolucionária de massas e a necessidade de informá-la com todos os detalhes (o que a imprensa legal não pode fazer), esta conferência chama atenção especial para a necessidade de estimular em todos os sentidos o desenvolvimento. das atividades de publicação ilegal do partido; além da publicação de informativos ilegais, panfletos etc., é absolutamente essencial garantir a emissão mais frequente e regular do órgão ilegal do partido (o Órgão Central).[2]

---

1 N.E. Lênin se refere ao jornal *Nash Put* ("Nosso caminho") publicado em Moscou de 25 de agosto a 12 de setembro (7 a 25 de setembro) de 1913. O jornal foi lançado sob a proposta de Lênin e sob sua orientação; Lênin enviou seus artigos simultaneamente para o *Pravda* e para o *Nash Put*. Entre os contribuintes, estavam Gorky, os deputados bolcheviques da IV Duma, Demian Bedny, M. S. Olminski e I. I. Skvortsov-Stepánov. O jornal era popular entre os operários e recebia imensa ajuda deles; 395 grupos de operários sustentavam o jornal por meio de cotizações coletivas. Sua tiragem diária era de 17.000 a 20.000 exemplares. O jornal foi persistentemente perseguido pela polícia e finalmente reprimido; apenas 16 números apareceram. Os operários de Moscou responderam à supressão do *Nash Put* com greves de massa em protesto contra a perseguição da imprensa operária.

2 N.E. O órgão central do POSDR, o jornal *Sotsial-Demokrat*, começou a aparecer ilegalmente em

Sobre o trabalho em associações legais

1. No presente período de revitalização da luta econômica e política da classe operária, é particularmente necessário intensificar as atividades em todas as associações legais da classe operária (sindicatos, clubes, associações previdenciárias, sociedades cooperativas etc).

2. Todas as atividades em associações operárias legais devem ser conduzidas não em um espírito neutro, mas de acordo com o espírito das decisões do Congresso de Londres do POSDR e do Congresso Internacional de Stuttgart[3]. Os social-democratas devem recrutar membros para todas as associações operárias nos mais amplos círculos da classe operária, e exortar todos os operários a se juntarem a eles, independentemente de suas opiniões partidárias. Mas os social-democratas nestas associações devem constituir-se em grupos partidários e, por meio da atividade prolongada e sistemática, assegurar o estabelecimento de relações mais estreitas entre as associações e o Partido Social-Democrata.

3. A experiência do movimento operário internacional e russo ensina que é necessário, desde o início, que tais organizações (sindicatos, cooperativas, clubes etc.) se esforcem para converter cada uma delas em um reduto do Partido Social-Democrata. Esta conferência exorta todos os membros do partido a terem esta importante tarefa em mente, pois é uma tarefa particularmente urgente na Rússia, onde os liquidacionistas estão fazendo esforços sistemáticos para utilizar as associações legais *contra* o Partido.

4. Esta conferência considera que, ao eleger delegados para os conselhos previdenciários, em todas as atividades sindicais etc., é necessário, (defendendo a unidade completa do movimento e a submissão da minoria à maioria), seguir a linha do partido, garantir a eleição de apoiadores do partido para todos os cargos de responsabilidade etc., etc.

5. Com o propósito de sintetizar a experiência de atividade prática em associações operárias legais, é desejável organizar conferências mais frequentes com participantes ativos no trabalho das organizações operárias legais, e convidar para conferências gerais do partido o maior número possível de representantes de grupos partidários que operam nessas associações legais.

---

fevereiro de 1908. A primeira edição foi impressa na Rússia, mas devido à prisão dos editores e destruição da gráfica, o jornal foi removido do país – primeiro para Paris e depois para Genebra.

3 N.E. Referência ao V Congresso (Londres) do POSDR, em 1907 e o Congresso Internacional Socialista de Stuttgart, no mesmo ano; as resoluções atacavam contra o princípio oportunista da "neutralidade" sindical.

Dois métodos de controvérsia e luta

Publicado no nº 36 do *Za Pravda* ("Pela verdade") em 15 de novembro de 1913.

Algumas controvérsias e conflitos de opinião na imprensa ajudam o leitor a compreender melhor os problemas políticos, a apreciar sua importância com mais profundidade, e a resolvê-los com mais segurança.

Outras controvérsias, no entanto, se degeneram em recriminações, intrigas e disputas. Os operários de vanguarda, cientes da responsabilidade que têm pelo andamento da tarefa de educação e organização do proletariado, devem manter-se atentos para evitar que as inevitáveis controvérsias e o inevitável conflito de opiniões se degenerem em recriminação, intrigas, disputas e calúnia.

Esta é uma questão da causa dos operários, da organização dos operários, é a questão mais séria e importante de combater as menores tentativas de ruptura. Não pode ser tratada levianamente. Aqueles que não aprenderam a cortar as raízes da ruptura são inúteis como organizadores; e sem organização a classe operária não é nada. Nenhum movimento, incluindo o movimento operário, é possível sem debates, polêmica e conflito de opiniões; e nenhuma organização é possível se medidas resolutas não forem tomadas para evitar que as controvérsias degenerem em recriminações e disputas.

Convidamos os operários com consciência de classe a examinar deste ângulo o conflito entre os seis e os sete deputados social-democratas da Duma. Os seis consideraram seu dever respeitar a vontade e as decisões da Conferência Marxista. Os representantes da Duma do proletariado têm o dever de obedecer a vontade da maioria dos operários marxistas organizados e com consciência de classe fora da Duma.

Este é um princípio geral, a base geral de todas as nossas opiniões sobre as tarefas do movimento operário. Se esta visão estiver errada, deve ser refutada e rejeitada. Se for correto, se for o manual sem o qual nenhuma política pode ser seguida, sem o qual nenhuma organização é possível, então essa visão deve ser aceita e firmemente seguida, apesar de todos os uivos, gritos, ataques e calúnias.

Camaradas operários! Debatam esta questão. Organizem debates, conversas e discussões para obter clareza absoluta sobre esta questão, mas não negociem com

aqueles que recorrem à recriminação em vez da argumentação.

O que disseram os liquidacionistas em resposta ao primeiro e fundamental argumento dos seis deputados? A única resposta deles foi o insulto! Eles insultaram a conferência; eles insultaram a "clandestinidade" cem vezes, e isso é tudo.

Isso é uma resposta? Não é simplesmente uma tentativa de desorganizar, de destruir a organização? As coisas foram tão longe que F. D. no nº 70, escreve literalmente o seguinte: "Onde estão os órgãos responsáveis que promoveram suas candidaturas e lhes deram suas instruções?"

Camaradas operários, pensem no que esta pergunta significa! Verás que é digno de quem faz interrogatórios! ... Não sabes, F. D. e outros liquidacionistas, que *não podemos* discutir contigo quando fazes perguntas *desse tipo*.

Examine a essência do assunto. A decisão da conferência está correta? expressa corretamente os interesses e as opiniões da maioria dos operários? O *Pravda* responde a essa pergunta citando uma série de números exatos (ver *Za Pravdu* de terça-feira, 29 de outubro de 1913). Estes números mostram que as tendências do *Pravda* contam com o apoio da maioria absoluta e indiscutível dos operários com consciência de classe, ou seja, daqueles que participam ativamente da política.

Esses números comparavam as eleições para a Segunda, Terceira e Quarta Dumas nas cúrias[1] operárias – e se referiam ao número de operários representados pelos seis e pelos sete deputados, e ao número de grupos de operários que ajudaram abertamente na coleta de fundos para os respectivos jornais, etc.

O que disseram os liquidacionistas em resposta a este argumento sobre o fundo da questão da maioria? O insulto foi sua única resposta. Os liquidacionistas não refutam uma única figura, nem uma única. Eles nem mesmo tentam corrigi-los, ou citar outros no lugar deles! A coisa está clara como a luz do dia. Aqueles que se esquivam de dados precisos sobre a questão da maioria vão contra a vontade da maioria; eles são disruptores.

Os sete deputados da Duma inclinam-se para o liquidacionismo, pois sancionam os insultos da "clandestinidade" e ajudam a desrespeitar a vontade da maioria. Isso mostra que os sete são não-partidários. E nenhum homem em seu

---

1 N.E. Segundo a lei eleitoral de 11 de dezembro de 1905, os eleitores não eram divididos em circunscrições ou colégios, mas em cúrias (grupos eleitorais) por condição social: a cúria dos latifundiários, a cúria da cidade (composta preponderantemente por burgueses), a cúria camponesa e a cúria operária. A cúria operária compreendia os operários que trabalhavam em empresas com pelo menos 50 a 100 empregados. As eleições ocorriam do seguinte modo: os eleitores (*izbiráteli*) elegiam os delegados (*upolnomótchennii*) que, por sua vez, elegiam os eleitores diretos (*viborchtchiki*). Estes últimos elegiam os deputados nos congressos gerais de governo das quatro cúrias. O sufrágio não era igual. Para enviar ao congresso geral de governo um eleitor direto eram necessários respectivamente 2.000 latifundiários, 7.000 burgueses nas cidades, 30.000 camponeses ou 90.000 operários. Com a lei de 3 de junho de 1907, os direitos eleitorais dos operários e dos camponeses sofreram uma limitação ainda maior. Para um eleitor direto eram necessários, contra 230 latifundiários ou 1.000 burgueses, 60.000 camponeses ou até 125.000 operários. Além disso, a cúria da cidade foi dividida em primeira cúria (burguesia industrial e comercial) e segunda cúria (intelectuais, funcionários públicos, comerciantes etc.).

bom senso permitirá que sete homens não-partidários suprimam as decisões do partido e os partidários das decisões do partido por um voto.

Nenhuma quantidade de insultos vindos dos liquidacionistas irá refutar este fato puro e simples. Os seis deputados cumpriram seu dever, e quanto mais os liquidacionistas gritarem e delirarem, mais cedo todos os operários e marxistas entenderão que os seis estão certos, e que o estabelecimento da igualdade e da concordância com os deputados social-democratas não-partidários na Duma Estatal é inevitável.

Carta para Stepán Georgevich Shaumián

Escrita em 23 de novembro (6 de dezembro) de 1913. Publicada em março de 1918 no nº48 do jornal *Bakinski Rabotchi* ("O operário de Baku").

[...]

2. Você se *opõe* à autonomia. Você é a favor *apenas* do autogoverno regional. Eu discordo totalmente. Lembre-se da explicação de Engels de que a centralização não impede de forma alguma as "liberdades" locais[1]. Por que a Polônia deveria ter autonomia e não o Cáucaso, o Sul ou os Urais? O parlamento central não determina os *limites* da autonomia? Certamente somos a favor do centralismo democrático. Somos contra a *federação*. Apoiamos os jacobinos contra os girondinos. Mas, ter medo da autonomia na Rússia, entre todos os lugares – isso é simplesmente ridículo! É reacionário. Dê-me um exemplo, imagine um caso em que a autonomia *possa* ser prejudicial. Você não conseguirá. Mas, na Rússia (e na Prússia), essa interpretação limitada – apenas autogoverno local – joga a favor do regime policial podre.

3. "O direito à autodeterminação não implica apenas no direito de secessão. Também implica no direito de associação federativa, no direito à autonomia", escreve você. Eu discordo totalmente. *Não* implica o direito à *federação*. Federação significa a associação de iguais, uma associação que exige um acordo *comum*. Como pode *um* lado ter o direito de exigir que o outro lado *concorde* com isso? Isso é um absurdo. Opomo-nos à federação em princípio, ela afrouxa os laços econômicos e não é adequada para um Estado único. Você quer a secessão? Tudo bem, vá para o diabo, se você pode quebrar os laços econômicos, ou melhor, se a opressão e o atrito da "coexistência" *rompem* e arruínam os laços econômicos. Você não quer se separar? Nesse caso, desculpe-me, mas não decida *por* mim; não pense que você tem um "*direito*" à federação.

"Direito à autonomia?" Errado de novo. Somos a favor da autonomia de todas as partes; somos a favor do *direito* à secessão (e não *a favor* da *separação* de todos!). A autonomia é o *nosso* plano para organizar um Estado democrático. A

1 N.E Lênin se refere a uma passagem na *Crítica do projeto do programa social-democrata de 1891*, também conhecida como *Crítica do programa de Erfurt*, de Engels.

secessão não é o que planejamos. Não defendemos a secessão. Em geral, somos contra a secessão. Mas nós defendemos o *direito* de secessão devido ao nacionalismo reacionário da Grã-Rússia, que manchou a ideia da coexistência nacional a tal ponto que, às vezes, laços mais *estreitos* serão estabelecidos *após* a livre separação!

O direito à autodeterminação é uma *exceção* à nossa premissa geral de centralização. Essa exceção é absolutamente essencial em vista do nacionalismo reacionário da Grã-Rússia; e qualquer rejeição a esta exceção é oportunismo (como no caso de Rosa Luxemburgo); significa jogar a questão tolamente nas mãos do nacionalismo reacionário grão-russo. Mas as exceções *não devem* ser interpretadas de forma muito ampla. Nesse caso, *não há* e *não deve haver* nada mais do que o *direito* de secessão.

[...]

Notas críticas sobre a questão nacional (excerto)

Escrito em outubro-dezembro de 1913, e publicado no mesmo ano na revista legalizada bolchevique *Prosvechenie* ("Educação"), nos nºs 10, 11 e 12. O artigo foi precedido por palestras sobre a questão nacional, que Lênin proferiu em várias cidades suíças – Zurique, Genebra, Lausanne e Berna – no verão de 1913.

6. Centralização e autonomia

Em sua tréplica, o sr. Liebman escreve:

> Considere nossa Lituânia, a região do Báltico, a Polônia, a Volínia, o sul da Rússia etc. – em todos os lugares você encontrará uma população *mista*; não há uma única cidade onde não haja uma grande minoria nacional. Por mais que a descentralização seja realizada, diferentes nacionalidades sempre serão encontradas vivendo juntas em lugares diferentes (principalmente em comunidades urbanas); e é a democracia que submete uma minoria nacional à maioria nacional. Mas, como sabemos, V. I. se opõe à estrutura federal do Estado e à descentralização ilimitada que existe na Federação Suíça. A questão é: qual foi o seu ponto em citar o exemplo da Suíça?

Meu objetivo ao citar o exemplo da Suíça já foi explicado acima. Também expliquei que o problema de proteger os direitos de uma minoria nacional pode ser resolvido *apenas* por uma lei nacional promulgada em um Estado consistentemente democrático que não se afaste do princípio da igualdade. Mas, na passagem citada acima, o sr. Liebman repete ainda outro dos mais comuns (e mais falaciosos) argumentos (ou observações céticas) que geralmente são erguidos contra o programa nacional marxista e que, portanto, merece análise.

Os marxistas, é claro, se opõem à federação e à descentralização, pela simples razão de que o capitalismo requer, para seu desenvolvimento, os maiores e mais centralizados Estados possíveis. *Todas outras condições sendo iguais*, o proletariado com consciência de classe sempre defenderá um Estado maior. Sempre lutará contra o particularismo medieval e sempre acolherá a coesão econômica mais estreita possível dos grandes territórios, nos quais a luta do proletariado contra a burguesia possa se desenvolver em uma base ampla.

O amplo e rápido desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo *exige* territórios grandes, coesos e unidos, já que somente assim a classe burguesa – junto com seu inevitável antípoda, a classe proletária – pode unir e varrer todas as barreiras antigas, medievais, nacionais, religiosas, paroquiais, de castas e outras.

O direito das nações à autodeterminação, por exemplo, o direito de se sepa-

rar e formar Estados nacionais independentes, será tratado em outro lugar. Mas, enquanto e na medida em que diferentes nações constituam um único Estado, os marxistas nunca, em nenhuma circunstância, defenderão o princípio federal ou a descentralização. O grande Estado centralizado é um tremendo passo histórico em relação à fragmentação medieval, rumo à futura unidade socialista de todo o mundo, e somente *por meio* de tal Estado (*inseparavelmente* conectado com o capitalismo) pode haver qualquer caminho para o socialismo.

Seria, entretanto, indesculpável esquecer que, ao defender o centralismo, defendemos o centralismo exclusivamente *democrático*. Nesse ponto, todos os filisteus em geral, e os filisteus nacionalistas em particular (incluindo o falecido Dragomanov[1]), confundiram tanto a questão que somos obrigados repetidamente a despender tempo esclarecendo-a.

O centralismo democrático não só não exclui o autogoverno local, com *autonomia* para regiões com condições econômicas e sociais especiais, com uma composição nacional distinta da população etc., mas, ao contrário, exige necessariamente *ambos*. Na Rússia, o centralismo é constantemente confundido com tirania e burocracia. Essa confusão surgiu naturalmente na história da Rússia, mas mesmo assim é absolutamente indesculpável para um marxista ceder a ela.

Isso pode ser mais bem explicado por um exemplo concreto.

Em seu extenso artigo *A questão nacional e a autonomia*[2], Rosa Luxemburgo, entre muitos outros erros curiosos (dos quais trataremos a seguir), comete o excepcionalmente curioso engano de tentar *restringir* a demanda de autonomia apenas à Polônia.

Mas, primeiro, vamos ver *como* ela define autonomia.

Rosa Luxemburgo admite – e sendo marxista, é claro que deve admitir – que todas as principais e mais importantes questões econômicas e políticas da sociedade capitalista devem ser tratadas exclusivamente pelo parlamento central de todo o país em questão, não pelas assembleias autônomas das regiões individuais. Essas questões incluem política tarifária, leis que regem o comércio e a indústria, o transporte e os meios de comunicação (ferrovias, correios, telégrafo, telefonia etc.), o exército, o sistema tributário, o direito civil[3] e penal, os princípios gerais da educação (por exemplo, a lei sobre escolas exclusivamente laicas, sobre a educação universal, sobre o programa mínimo, sobre gestão escolar democrática etc.), as leis de proteção do trabalho e liberdades políticas (o direito de associação) etc., etc.

As assembleias autônomas – com base nas leis gerais do país – devem lidar com questões de significado puramente local, regional ou

1 N.E M. P. Dragomanov (1841–1895) foi um historiador, etnógrafo e publicista ucraniano, expoente do nacional-liberalismo burguês do país.

2 N.A. *Przeglad Socjaldemokratyczny*, Cracóvia, 1908 e 1909. [N.E. "Revista social-democratas", publicada pela social-democracia polonesa entre 1902 e 1904 e, posteriormente, entre 1908 e 1910.]

3 N.A. Ao elaborar suas ideias, Rosa Luxemburgo entra em detalhes, mencionando, por exemplo – e com razão – as leis sobre o divórcio (nº 12, p. 162 da revista citada).

cultural. Ampliando essa ideia em grandes – para não dizer excessivos – detalhes, Rosa Luxemburgo menciona, por exemplo, a construção de ferrovias locais (nº 12, p. 149) e rodovias locais (nº 14-15, p. 376) etc.

Obviamente, não se pode conceber um Estado moderno, verdadeiramente democrático, que não conceda tal autonomia a todas as regiões com características econômicas e sociais bem distintas, populações de composição nacional específica etc. O princípio do centralismo, essencial para o desenvolvimento do capitalismo, não é violado por essa autonomia (local e regional), mas, ao contrário, é por ela aplicado *democraticamente*, não burocraticamente. O desenvolvimento amplo, livre e rápido do capitalismo seria impossível, ou pelo menos fortemente impedido, pela *ausência* dessa autonomia, que facilita a concentração do capital, o desenvolvimento das forças produtivas, a unidade da burguesia e a unidade do proletariado em escala nacional; pois a interferência burocrática em questões *puramente* locais (regionais, culturais etc.) é um dos maiores obstáculos ao desenvolvimento econômico e político em geral, e um obstáculo ao *centralismo* em questões sérias, importantes e fundamentais em particular. [...]

Resolução do Comitê Central do POSDR sobre a criação de uma seção organizacional do CC para gestão do trabalho ilegal

Adotada pelo CC em suas reuniões realizadas na Cracóvia, de 2 a 4 de abril (15 a 17) de 1914, sob a direção de Lênin e com a participação de G. I. Petrovski, representando o grupo bolchevique da Duma, que havia chegado da Rússia.

Tendo em vista as condições clandestinas, uma seção especial do CC foi criada para fornecer orientação direta ao trabalho organizacional ilegal.

Assembleias gerais das seções do CC serão realizadas apenas em caso de emergência, com precauções especiais de sigilo e somente por acordo entre os representantes de ambas seções. As relações comuns devem ser conduzidas por meio de pessoas autorizadas destacadas.

A seção organizacional do CC deve usar o disfarce de Comissão Cooperativa dos Operários.

Este seção: 1) dirige o trabalho do Comitê de Petersburgo, ajudando-o sistematicamente e restaurando-o em caso de prisões; 2) cuida para que o trabalho de todas as organizações legais esteja conectado ao espírito do partido; 3) encontra formas especialmente conspiratórias para encobrir conexões e empreendimentos ilegais; 4) une o trabalho à escala de toda a Rússia, estabelecendo comunicações regulares e rodadas de visitas; 5) encarrega-se principalmente de preparar um congresso do partido para agosto de 1914.

A seção organizacional será nomeada pelo colegiado russo do Comitê Central, e deve consistir em 3 a 5 pessoas, com um número igual ou duplo de candidatos.

Carta para Inessa Armand

Escrita antes de 8 de abril de 1914.

[...] Quanto ao oportunismo dos oportunistas alemães, Grigori [Zinóviev] e eu estamos de acordo, acredito, e não encontrei diferenças na avaliação desta *infâmia*. (Não li o artigo sobre *As novas correntes*).

Os alemães têm, virtualmente, dois partidos, e é preciso ter isso em mente, sem tentar proteger os oportunistas (*como a Neue Zeit e Kautsky estão fazendo agora*).

Mas é incorreto dizer que o *partido* alemão é o partido mais oportunista da Europa. Ele permanece o melhor partido, e nossa tarefa é adotar dos alemães *tudo* o que é mais valioso (a massa de jornais, a grande filiação partidária, a grande filiação aos sindicatos, a assinatura sistemática dos jornais, o controle estrito sobre os parlamentares – mesmo assim, os alemães são *melhores* nesse controle do que os franceses e os italianos, sem falar na Grã-Bretanha – e assim por diante), adotar tudo isso *sem* sermos lenientes com os oportunistas.

Não devemos encobrir os oportunistas do *Sozialistische Monatshefte*[1] (eles têm montes de líderes lá) – do jeito que a *Neue Zeit* e Kautsky e os Vorstand alemães estão fazendo –, mas *persegui-los com todas as nossas forças*. Isso é o que Grigori sempre faz em seus artigos sobre os alemães. Agora estou lendo Legien (o líder sindical) sobre sua visita à América e vou dar uma boa repreendida nesse oportunista mesquinho.[2]

Tudo de bom,

Seu,

V.U.

Samoilov provavelmente mudará de endereço em um ou dois dias. Escreverei para você assim que souber.[3]

---

1 N.E. Jornal dos oportunistas alemães e um dos órgãos do revisionismo internacional, publicado em Berlim entre 1897 e 1933.

2 N.E. Vide o escrito de Lênin *O que não deveria ser copiado do movimento operário alemão*.

3 N.E. Fiódor Nikítitch Samoilov foi membro do Partido desde 1903. Filho de tecelão, participou na

A unidade dos operários e as "tendências" dos intelectuais (excerto)

Publicado no nº 85 do *Put pravdi*, de 13 de maio de 1914.

Os operários conscientes, enquanto desenvolvem seu movimento, dirigem constantemente seu olhar para o caminho percorrido pelo movimento operário e examinam, de novo e de novo, se esse caminho é acertado, e se há possibilidades de melhorá-lo.

De todas as classes da Rússia, nenhuma outra, nem sequer a burguesia culta e rica, analisa sua tática, isto é, a orientação e os métodos de seu movimento, de uma maneira tão direta, tão penetrante e, na medida do possível, tão franca como o faz a classe operária. Só as pessoas de visão acanhada, ou temerosas de que as amplas massas participem da política, consideram improcedentes ou supérfluos os debates públicos e apaixonados sobra tática que se verificam constantemente na imprensa operária. Na realidade, esses debates acalorados contribuem exatamente para que todos os operários se aperfeiçoem e se acostumem a meditar sobre todos os aspectos de sua política operária e a elaborar uma linha de classe firme, clara e definida, do movimento.

Recentemente, os operários das Fábricas de Papéis do Estado mostraram de maneira bem convicente qual é e deve ser a posição dos operários conscientes nas discussões sobre tática.

> Aos camaradas das fábricas que responderam ao apelo dos partidários da *Siévernaia Rabótchaia Gazeta* e efetuaram uma coleta por partes iguais para ambos os jornais, considerando isto como um passo para a conquista da unidade [escreviam estes operários no número 68 do *Put Pravdi*], fazemos ver que para nós este passo é errado e, longe de conduzir à unidade do movimento operário, adia o momento da união dos operários sob a única bandeira do marxismo. Com efeito, vejamos um exemplo. Suponhamos que dois

revolução de 1905, tornou-se presidente do sindicato dos tipógrafos (1906-07) e foi eleito em 1912 deputado da IV Duma. Preso e deportado em 1914, assumiu diversas funções locais entre 1917 e 1918, sendo designado Vice-Comissário do Trabalho da Ucrânia (1919 e 1920-21). Responsável pelos arquivos do Partido a partir de 1928, exerceu funções de diretor do Museu da Revolução (1937-41).

> indivíduos discutem acaloradamente sobre uma questão que nos diz respeito e que esta controvérsia não é conveniente e desejamos que cesse. Que devemos fazer neste caso? É claro como a luz do dia que devemos ver quem tem razão e nos colocar a seu lado; então, aquele que não tem razão se convencerá de seu erro, e se não é capaz de dar-se conta de seu equívoco, terminará por render-se e deixará de discutir. Mas se apoiamos e estimulamos a ambos, a discussão não terá fim.

Isto escreveram os operários das fábricas mencionadas. É inteiramente impossível refutar sua explicação simples, válida para todos os operários.

A ajuda "por partes iguais" ou o afã de fundir ou de "unir todas as tendências" (coisa de que falam, por centro, os deputados da Duma simpáticos ao liquidacionismo) não significa outra coisa que o empenho de dar de fora ordens aos operários na suposição de que estes não sabem "se orientar". Cada grupo de intelectuais pode editar um panfleto ou uma brochura, proclamando-se "tendência", como, por exemplo, o grupinho do filósofo antimarxista Bogdánov, ou o grupinho de Trótski, ou o grupinho de N. Guimmer e demais elementos que vacilam entre os populistas e os marxistas.

"Tendências" há mais que de sobra, e todas elas fazem a mesma exortação aos operários: ajudai "por partes iguais" e reconhecei "todas as tendências"!!!

Como é lógico, todo operário algo consciente dirá: "De que se discorda? De *minha* luta? De *minha* política e de *minha* tática? De *meu* partido? Eu mesmo me orientei, estimados senhores, e só admitirei como *minha* a tática com a qual eu concorde e compartilhe".

Isto é claro como a luz do dia.

Devido exclusivamente a que na Rússia não há liberdade de imprensa e a que (principalmente nas províncias) existe ainda uma massa de operários que veem pela primeira vez um ou outro jornal operário, "sem que saibam orientar-se" até agora nos problemas da política operária, devido exclusivamente a isso é possível na Rússia que uns intelectuais deem tais ordens aos operários, incitando-os a reconhecer "todas as tendências" e a ajudá-las "por partes iguais".

No mercado, é muito frequente que aqueles que mais gritam sejam os que desejam passar por boa uma mercadoria estragada.

Entre os bufarinheiros intelectuais ocorre com frequência que aqueles que mais se agitam contra os métodos autoritários com relação aos operários sejam precisamente os que mais ordens dão aos operários e os que tratam de legitimar a grande profusão de "tendências" antimarxistas e antiproletárias. [...]

Carta ao Secretário da Liga de Propaganda Socialista

Escrita em inglês antes de 9 (23) de novembro de 1915 em resposta a um panfleto da Liga recebido por Lênin em 13 de novembro (calendário gregoriano). A Liga foi formada em 1915 no interior do Partido Socialista, em Boston, EUA, como uma fração com filiação e cotizações independentes. O grupo aderiu à plataforma da esquerda internacionalista reunida na Conferência Zimmerwald. Após a Revolução Socialista de Outubro, a Liga criou o Comitê Bolchevique de Informação, que expôs as mentiras e calúnias da imprensa burguesa e reformista sobre a República Soviética, agitando a palavra de ordem: "Tirem as mãos da Rússia Soviética!".

Caros camaradas!

Estamos extremamente contentes de receber seu panfleto. Seu apelo aos membros do Partido Socialista para uma luta por uma nova Internacional, por um socialismo revolucionário bem definido assim como ensinado por Marx e Engels, e contra o oportunismo, especialmente contra aqueles que são a favor da participação da classe operária em uma guerra de defesa, corresponde totalmente com a posição que nosso Partido (Partido Operário Social-Democrata Russo, *Comitê Central*) teve desde o início da guerra e vem defendendo durante mais de dez anos.

Enviamos a vocês nossos mais sinceros cumprimentos e os melhores desejos de sucesso em nossa luta por um internacionalismo verdadeiro.

Em nossa imprensa e em nossa propaganda, nós divergimos do seu programa em diversos pontos e pensamos que seria necessário que lhes expuséssemos brevemente esses pontos para dar passos imediatos e sérios para a coordenação da luta internacional dos socialistas intransigentemente revolucionários, especialmente marxistas em todos os países.

Criticamos da maneira mais dura a velha Segunda Internacional (1889-1914), a declaramos morta e imerecedora de restauração sobre a base que tinha. Mas nunca dissemos em nossa imprensa que a ênfase dedicada até agora às chamadas "demandas imediatas" foi excessiva e que isso poderia levar à diluição do socialismo. Nós dizemos e provamos que todos os partidos burgueses, todos os partidos exceto o partido revolucionário operário, são mentirosos e hipócritas quando falam sobre reformas. Nós tentamos ajudar a classe operária a conseguir melhorias (econômicas e políticas) em sua situação, por menores que sejam, mas que sejam reais e nós sempre colocamos que nenhuma reforma pode ser duradoura, sincera, séria, se não for apoiada por métodos revolucionários de luta das massas. Nós sempre pregamos que um partido socialista que não una essa luta por reformas

com os métodos revolucionários do movimento operário pode se tornar uma seita, pode ser separado das massas e isso é a mais perigosa ameaça para o socialismo revolucionário bem definido.

Defendemos sempre em nossa imprensa a democracia no partido. Mas nunca falamos contra a centralização do partido. Nós somos a favor do centralismo democrático. Dizemos que a centralização do movimento operário alemão não é um aspecto débil, mas um aspecto forte e bom dele. O vício do atual Partido Social-Democrata da Alemanha consiste não na centralização, mas na preponderância dos oportunistas, que deveriam ser excluídos do partido especialmente agora depois de sua conduta traidora na guerra. Se, em qualquer crise que apareça, o pequeno grupo (por exemplo, nosso Comitê Central é um pequeno grupo) puder atuar para dirigir a poderosa massa *numa direção revolucionária*, seria muito bom. E, em todas as crises que as massas não conseguirem agir de forma imediata, as massas vão querer ser ajudadas por pequenos grupos das instituições centrais dos partidos. Nosso Comitê Central logo no início dessa guerra, em setembro de 1914, dirigiu as massas para não aceitarem a mentira sobre a "guerra defensiva" e para romper com os oportunistas e os "chauvinistas que se passam por socialistas" (nós chamamos assim os "socialistas" que *agora* são a favor da guerra defensiva). Nós pensamos que essa medida centralista de nosso Comitê Central foi útil e necessária.

Nós concordamos com vocês de que precisamos ser contra o sindicalismo por profissão e ser a favor do sindicalismo por indústria, isto é, de grandes sindicatos, centralizados, e a favor da participação ativa de *todos* os membros do partido nas lutas econômicas e em *todos* os sindicatos e organizações cooperativas dos operários. Mas nós consideramos que gente como o sr. Legien na Alemanha e o sr. Gompers nos EUA são burgueses e que sua política não é socialista, mas uma política nacionalista de classe média. O sr. Legien, o sr. Gompers e pessoas como eles não são representantes da classe operária, eles representam a aristocracia e a burocracia da classe operária.

Nós compreendemos vocês quando, na ação política, vocês clamam pela "ação de massa" dos operários. Os revolucionários alemães e os socialistas internacionalistas também clamam por isso. Em nossa imprensa, nós tentamos definir com mais detalhes o que devemos entender por ação política de massa, como, por exemplo, as greves políticas (muito comuns na Rússia), manifestações de rua e a guerra civil que está sendo preparada pela atual guerra imperialista entre nações.

Não pregamos a unidade nos *atuais* partidos socialistas (predominantes na Segunda Internacional). Pelo contrário, pregamos a *cisão* com os oportunistas. Essa guerra é a melhor lição prática. Em *todos* os países, os oportunistas, seus líderes, seus jornais e análises mais influentes são *a favor* da guerra, ou seja, eles realmente *se uniram* a "suas" burguesias nacionais (classe média, capitalistas) contra as massas proletárias. Vocês dizem que na América também há socialistas que se colocaram a favor da participação em uma guerra defensiva. Nós estamos

convencidos que essa unidade com tais homens é um mal. *Essa* unidade é a unidade com a classe média e os capitalistas nacionais e uma divisão do operariado revolucionário internacional. E nós somos a favor da cisão com os oportunistas nacionalistas e unidade com os partidos marxistas e operários revolucionários internacionais.

Nunca nos opusemos em nossa imprensa à unidade entre o PS e o PSO nos EUA[1]. Nós sempre citamos as cartas de Marx e Engels (especialmente as endereçadas a Sorge, membro ativo do movimento socialista estadunidense), onde ambos condenavam o caráter sectário do PSO.

Nós concordamos completamente com vocês em sua crítica à velha Internacional. Nós participamos da conferência de Zimmerwald (Suíça) de 5 a 8 de setembro de 1915. Nós formamos ali uma *ala esquerda* e preparamos *nossa resolução* e nosso rascunho de um manifesto. Nós acabamos de publicar esses documentos em alemão e estamos enviando para vocês (com a tradução em alemão de nosso pequeno livro sobre "Socialismo e Guerra"), na esperança de que em sua Liga haja provavelmente camaradas que saibam alemão. Se vocês puderem nos ajudar a publicar essas coisas em inglês (só é possível nos EUA e depois devemos enviar para a Inglaterra), nós aceitaríamos sua ajuda com prazer.

---

1 N.E. O Partido Socialista da América foi formado em julho de 1901 no Congresso de Indianápolis como resultado da fusão de grupos que haviam rompido com o Partido Socialista Operário e com o Partido Social-Democrata nos EUA, e entre cujos fundadores estava Eugene Debs, o popular líder operário estadunidense. Durante a I Guerra Mundial, três tendências se formaram dentro do partido: os social-chauvinistas, que apoiaram a política imperialista do governo; os centristas, que se opunham à guerra imperialista apenas em palavras; e a minoria revolucionária, que sustentou uma posição internacionalista e lutou contra a guerra. Liderados por Charles Ruthenberg, William Foster, Bill Haywood e outros, e com apoio de elementos proletários, a ala esquerda do Partido Socialista travou uma luta contra a direção oportunista do partido, pela atividade política independente dos operários e pela formação de sindicatos industriais baseados nos princípios da luta de classes. Em 1919, a ala esquerda rompeu com o PS, iniciou a formação do Partido Comunista Americano e tornou-se seu núcleo duro. O Partido Operário Socialista da América, por sua vez, foi formado em 1876 em um congresso na Filadélfia, como resultado da fusão das Seções Americanas da I Internacional e outras organizações socialistas. O trabalho do congresso foi conduzido por F. A. Sorge, um companheiro de Marx e Engels. A maioria dos membros do partido eram imigrantes que tinham laços fracos com os operários estadunidenses. Durante os primeiros anos, sua liderança foi dominada por lassalleanos, que cometeram erros de natureza sectária e dogmática. Alguns dos líderes do partido consideravam a atividade parlamentar a principal tarefa partidária e subestimavam o significado da liderança partidária das lutas econômicas das massas, enquanto outros caíram no trade-unionismo e no anarquismo. As vacilações ideológicas e táticas de sua liderança resultaram em vários grupos romperem com o partido. Marx e Engels criticaram severamente as táticas sectárias dos socialistas estadunidenses. Nos anos 1890, a direção do PSO foi tomada por sua ala esquerda, sob a liderança de Daniel De Leon, líder com fortes tendências anarcossindicalistas, mas cuja noção do socialismo como uma "democracia industrial" Lênin elogiou algumas vezes. O PSO se recusava a lutar por demandas parciais dos operários, se recusava a trabalhar nos sindicatos reformistas e perdeu progressivamente seus vínculos com o movimento operário de massas. Sob a influência da Revolução Socialista de Outubro, seu setor mais revolucionário participou ativamente na formação do Partido Comunista dos EUA.

Em nossa luta por um verdadeiro internacionalismo e contra o "chauvinismo-socialismo", sempre citamos em nossa imprensa o exemplo dos líderes oportunistas do PS nos EUA, que são a favor de restrições de imigração de operários chineses e japoneses (especialmente depois do Congresso de Stuttgart de 1906 e *contra* as decisões de Stuttgart). Nós pensamos que não se pode ser internacionalista e ao mesmo tempo a favor de tais restrições. E nós afirmamos que aqueles socialistas dos EUA, especialmente os socialistas ingleses, pertencentes à nação dominante e *opressora*, que não se opõem a qualquer restrição à imigração e à posse de colônias (ilhas havaianas) e que não defendem a completa liberdade das colônias, tais socialistas são na verdade chauvinistas.

Para concluir, eu repito uma vez mais meus grandes cumprimentos e desejos para sua Liga. Nós ficaremos muito felizes de ter mais informações sobre vocês e de unirem-se à nossa luta contra o oportunismo e pelo verdadeiro internacionalismo.

Do seu N. Lênin.

N.B. Há dois partidos social-democratas na Rússia. Nosso Partido ("Comitê *Central*") é contra o oportunismo. O outro partido ("Comitê *Organizador*") é oportunista. Somos contra a unidade com eles.

Você pode escrever para nosso endereço oficial (*Bibliothèque russe*. Para o CC. Rua Hugo de Senger, 7. Genebra, Suíça). Mas melhor escrever para meu endereço pessoal: V. Uliánov. Seidenweg 4a, III. Berna, Suíça.

A revolução socialista e o direito das nações à autodeterminação (excerto)

Escrito em janeiro-fevereiro de 1916 e publicado em abril, no nº 2 da revista *Vorbote* ("Prenúncio"), editada em alemão por Anton Pannekoek nos Países Baixos.

3. O significado do direito à autodeterminação e sua relação com a federação

O direito das nações à autodeterminação significa apenas o direito à independência em um sentido político, o direito à secessão política e livre em relação à nação opressora. Concretamente, esta demanda política e democrática implica total liberdade para continuar a agitação em favor da secessão, e liberdade para resolver a questão da secessão por meio de um referendo da nação que deseja se separar. Consequentemente, essa demanda não é, de forma alguma, idêntica à demanda de secessão, de separação, de formação de pequenos Estados. É apenas a expressão lógica da luta contra a opressão nacional em todas as formas. Quanto mais o sistema democrático de Estado se aproxima da liberdade completa de secessão, mais rara e mais fraca será a luta pela secessão na prática; pois as vantagens dos grandes Estados, tanto do ponto de vista do progresso econômico quanto do ponto de vista dos interesses das massas, estão fora de dúvida, e essas vantagens aumentam com o crescimento do capitalismo. O reconhecimento da autodeterminação não é o mesmo que tornar a federação um princípio. Alguém pode ser um oponente determinado deste princípio e um partidário do centralismo democrático, e ainda preferir a federação à desigualdade nacional como o único caminho para o centralismo democrático completo. Foi precisamente desse ponto de vista que Marx, embora um centralista, preferiu até mesmo a federação da Irlanda com a Inglaterra à sujeição forçada da Irlanda aos ingleses.

O objetivo do socialismo não é apenas abolir a atual fragmentação da humanidade em pequenos Estados e qualquer isolamento nacional apenas para aproximar as nações, mas também para fundi-las. E para atingir esse objetivo devemos, por um lado, explicar às massas o caráter reacionário das ideias de Renner e Otto Bauer sobre a chamada "autonomia nacional-cultural" e, por outro lado,

exigir a libertação das nações oprimidas, não apenas em geral, por meio de frases nebulosas, de declarações vazias, por meio de "adiar" a questão até que o socialismo se instaure, mas por meio de um programa político formulado de forma clara e precisa, que leve em consideração particularmente a hipocrisia e covardia dos socialistas das nações opressoras. Assim como a humanidade pode alcançar a abolição das classes apenas passando pelo período de transição da ditadura da classe oprimida, também a humanidade pode alcançar a fusão inevitável das nações apenas passando pelo período de transição da libertação completa de todas as nações oprimidas, ou seja, por meio de sua liberdade de secessão.

As tarefas da oposição na França

Carta ao camarada Safarov. Publicada na França em forma de panfleto, em 1916.

10 de fevereiro de 1916

Caro camarada,

Sua deportação da França – que, aliás, foi registrada com um protesto até no jornal chauvinista *La Bataille*, que, no entanto, não se importou em dizer a verdade, ou seja, que você foi deportado por simpatizar com a oposição – me trouxe novamente à mente a questão candente da situação e das tarefas da oposição na França.

Eu vi Bourderon e Merrheim em Zimmerwald. Eu ouvi seus relatos e li sobre seu trabalho nos jornais. Não posso duvidar de sua sinceridade e devoção à causa do proletariado. No entanto, é óbvio que suas táticas estão erradas. Ambos temem uma cisão mais do que qualquer outra coisa. Nenhum passo, nenhuma palavra que possa levar a uma cisão no Partido Socialista ou nos sindicatos franceses, que possa levar a uma cisão na *Segunda* Internacional, à criação da Terceira Internacional – essa é a palavra de ordem de ambos, Bourderon e Merrheim.

No entanto, a cisão nos movimentos operários e socialistas de todo o mundo é um fato. Temos duas táticas e políticas irreconciliáveis da classe operária em relação à guerra. É ridículo fechar os olhos para esse fato. Qualquer tentativa de reconciliar o irreconciliável condenará todo o nosso trabalho à futilidade. Na Alemanha, até mesmo o deputado Otto Ruhle, um camarada de Liebknecht, admitiu abertamente que uma cisão no Partido é inevitável, porque sua atual maioria, os "líderes" oficiais do Partido Alemão, passaram para o lado da burguesia. Os argumentos apresentados *contra* Ruhle e contra a cisão pelos chamados representantes do "centro" ou "pântano" (*le marais*), por Kautsky e o *Vorwärts*, são apenas mentiras e hipocrisia, por mais "bem-intencionadas" que possam ser. Kautsky e o *Vorwärts* não podem e nem mesmo tentam negar que a maioria do Partido Alemão está, de fato, executando a política da *burguesia*. A união com essa maioria é prejudicial à classe operária. Tal unidade significa subordinar a classe operária à burguesia de "sua" nação; significa uma divisão na classe operária internacional.

Na verdade, Ruhle está certo quando diz que há *dois partidos* na Alemanha. Um, o partido oficial, está executando a política da burguesia. O outro, a minoria, está publicando manifestos ilegais, organizando manifestações etc. Vemos a mesma coisa em todo o mundo, e os diplomatas impotentes, ou os "pântanos", como Kautsky na Alemanha, Longuet na França e Mártov e Trótski na Rússia, estão causando o maior dano ao movimento operário por sua insistência em uma unidade *fictícia*, impedindo, assim, a agora madura e iminente unificação da oposição em todos os países e a criação da Terceira Internacional. Na Inglaterra, mesmo um jornal moderado como o *Labour Leader* publica as cartas de Russell Williams clamando a necessidade de uma *cisão* com os "líderes" sindicais e com o Partido Trabalhista que, ele diz, "vendeu" os interesses da classe operária. Vários membros do Partido Trabalhista Independente declararam na imprensa que simpatizam com Russell Williams. Na Rússia, até mesmo Trótski, o "conciliador", é agora obrigado a admitir que uma cisão é inevitável com os "patriotas", ou seja, o partido do "Comitê de Organização", o CO[1], que aprova que os operários participem dos Comitês das Indústrias de Guerra. É apenas um falso orgulho que obriga Trótski a continuar a defender a "unidade" com a fração de Chkheidze[2] na Duma, que é a amiga mais fiel, leal e defensora dos "patriotas" e do CO.

Mesmo nos Estados Unidos da América há uma divisão completa. Alguns socialistas naquele país apoiam o exército, a "preparação" para a guerra. Outros, incluindo o mais popular líder dos operários, Eugene Debs, o candidato presidencial do Partido Socialista, pregam a guerra civil contra a guerra das nações.

Veja o que Bourderon e Merrheim estão fazendo! Em palavras, eles se opõem a uma cisão. Mas leia a resolução que Bourderon apresentou no Congresso do Partido Socialista Francês. Esta resolução exige a retirada dos socialistas do ministério!! A resolução abertamente "*desaprova*" o CAP e o GP[3] (CAP = Com. Adm. Perm., GP = Gr. Parlam.)!!! É claro como a luz do dia que a adoção de tal resolução causaria uma cisão no Partido Socialista e nos sindicatos, porque os srs. Renaudel, Sembat, Jouhaux e companhia jamais se reconciliariam com isso.

Bourderon e Merrheim compartilham o erro, a fraqueza e a timidez da *maioria* da Conferência de Zimmerwald. Por um lado, em seu Manifesto, essa maioria clama indiretamente pela luta *revolucionária*, mas tem medo de travá-la abertamente. Por um lado, declara que os capitalistas de todos os países *mentem* quando falam em "defender a pátria" na guerra atual. Por outro lado, a maioria temia acrescentar a verdade óbvia que, em todo caso, todo operário pensante acrescentará por si mesmo: que não apenas os capitalistas estão *mentindo*, mas tam-

---

1 N.E. Centro menchevique inaugurado em agosto de 1912.

2 N.E. Nikoloz Chkheidze foi um menchevique georgiano que tornou-se deputado na Terceira Duma, em 1907, eleito por Tiflis. Reelegeu-se para a Quarta Duma de 1912 a 1916, destacando-se como líder da fração menchevique no parlamento. Em fevereiro de 1917, Chkheidze tornou-se presidente do Soviet de Petrogrado, e em 24 de junho passou a presidir também o Conselho Executivo Central (CEC) dos soviets de toda a Rússia.

3 N.E. Abreviações francesas para Comissão Administrativa Permanente e Grupo Parlamentar.

bém Renaudel, Sembat, Longuet, Hyndman, Kautsky, Plekhánov e companhia! A maioria da Conferência de Zimmerwald quer se reconciliar com Vandervelde, Huysmans, Renaudel e companhia novamente. Isso é prejudicial para a classe operária, e a "Esquerda de Zimmerwald" agiu corretamente quando disse abertamente a verdade aos operários.

Veja a hipocrisia dos *socialiste-chauvins*: na França eles elogiam a minoria alemã. Na Alemanha, eles elogiam os franceses!!

Que enorme significado teria a ação da oposição francesa se declarasse direta, destemidamente e abertamente a todo o mundo: estamos de acordo *apenas com a oposição alemã, apenas com Ruhle e seus associados*!! Somente com aqueles que destemidamente cortam todas as conexões com o social-chauvinismo declarado e tácito, o *socialism chauvine*, ou seja, com todos os "defensores da pátria" na guerra atual!! Nós próprios não temos medo de cortar nossas *ligações* com os "patriotas" franceses que chamam a defesa das colônias de "defesa da pátria", e apelamos aos socialistas e sindicalistas em todos os países para *fazerem o mesmo*!! Estendemos nossa mão para Otto Ruhle e Liebknecht, *apenas* para eles, e para aqueles que se associam com eles; e denunciamos a *maioria* dos franceses e alemães e *"le marais"*. Proclamamos a grande unidade internacional de todos aqueles socialistas em todos os países que, nesta guerra, repudiam a frase fraudulenta, "defesa da pátria", que é um engodo, e que se empenharam na pregação e preparação para a revolução proletária mundial!

Esse apelo seria de enorme importância. Isso dispersaria os hipócritas, exporia e desmascararia a fraude internacional, e daria um tremendo ímpeto à reaproximação daqueles operários em todo o mundo que *realmente* permaneceram leais ao internacionalismo.

O fraseado anarquista sempre foi muito prejudicial na França. Mas, agora, os anarquistas-patriotas, os anarquistas-*chauvins*, como Kropotkin, Grave, Cornelissen e os outros cavalheiros do *La Bataille Chauviniste*, ajudarão a curar muitos operários do fraseado anarquista. Abaixo os social-patriotas e chauvinistas socialistas! Este apelo encontrará eco no coração dos operários da França. Não o fraseado propagandístico anarquista sobre a revolução, mas o trabalho permanente, sério, tenaz, persistente e sistemático de criar organizações ilegais em *todos* os lugares entre os operários, de espalhar literatura ilegal gratuitamente, de preparar o movimento das massas contra seus governos. É disso que a classe operária de todos os países precisa!

Não é verdade dizer que "os franceses são incapazes" de realizar trabalhos ilegais sistemáticos. Falso! Os franceses aprenderam rapidamente a se esconder nas trincheiras; eles aprenderão rapidamente as novas condições do trabalho ilegal e se prepararão sistematicamente para um movimento revolucionário de massas. Eu acredito no proletariado revolucionário francês. Isso também irá estimular a oposição francesa.

Com os melhores votos,

Seu,

Lênin

P.S. Sugiro que os camaradas franceses publiquem uma tradução desta carta (tradução completa) no formato de um *panfleto especial.*

Cisão ou putrefação?

Escrito em fevereiro-abril de 1916. Publicado em 1924.

Foi assim que o *Sotsial-Demokrat* apresentou a alternativa em relação ao Partido Social-Democrata da Alemanha, já na edição nº 35[1], quando elaborou as ideias fundamentais do Manifesto sobre a guerra emitido pelo Comitê Central de nosso Partido[2]. Vejam como os *fatos* confirmam esta conclusão.

O Partido Social-Democrata da Alemanha está claramente se desintegrando. *Otto Ruhle*, o associado mais próximo de Karl Liebknecht, além dos Socialistas Internacionais da Alemanha[3] (SIA), que tem lutado consistentemente contra os hipócritas kautskistas, declarou-se *abertamente* a favor de uma cisão. *Vorwärts* não tinha uma resposta séria e honesta. Na verdade, existem *dois* partidos operários na Alemanha.

Mesmo na Grã-Bretanha, uma declaração foi feita por T. Russell Williams no moderado e pacifista *Labour Leader* (o órgão central do Partido Trabalhista Independente), e ele foi apoiado por muitos funcionários locais. O camarada Ornatski[4], que tem feito um excelente trabalho internacionalista na Grã-Bretanha, veio à tona no conciliador *Nache Slovo*[5], em Paris, defendendo ali a cisão imediata. Estamos naturalmente de acordo com Ornatski em sua polêmica com T. Rothstein,

1 N.E. Vide o texto de Lênin *A guerra e a social-democracia russa*.

2 N.E. Vide o texto de Lênin *Chauvinismo morto e socialismo vivo*.

3 N.E. Grupo de social-democratas de esquerda alemães surgido durante a Primeira Guerra Mundial. Seu órgão, *Lichtstrahlen* ("Raios de luz"), foi publicado em Berlim de 1913 a 1921. Opunham-se abertamente à guerra e ao oportunismo e assumiram a posição mais consistente na Alemanha quanto à separação dos social-chauvinistas e centristas. Borchardt, representando o grupo na Conferência de Zimmerwald, sozinho entre os 10 delegados alemães, assinou o projeto de resolução e o projeto de manifesto da esquerda de Zimmerwald. Logo após a conferência, o Bureau da Esquerda de Zimmerwald foi informado de que o grupo aderia a ele, e isso foi relatado na *Internationale Flugblatt* ("Folhetos Internacionais") no seu nº 1. O grupo não tinha laços profundos com as massas e logo se dispersou.

4 N.E. Codinome do bolchevique Georgi Vasilievich Chicherin.

5 N.E. "Nosso mundo": publicação editada por Mártov e Trótski de 29, entre outros, de janeiro de 1915 a 15 de setembro de 1916, em substituição ao jornal liquidacionista *Gólos*, banido da França em janeiro de 1915.

um correspondente da *Kommunist*[6], que assume uma atitude kautskista.

Na França, Bourderon é um fervoroso opositor de qualquer cisão, *mas – propôs* ao Congresso do Partido uma resolução pedindo a desaprovação total tanto do Comitê Central do Partido quanto do grupo parlamentar! A adoção de tal resolução significaria uma cisão imediata no Partido.

Na América, o Partido Socialista parece estar unido. Na verdade, alguns de seus membros, como Russell e outros, pregam "preparação", defendem a guerra e querem um exército e uma marinha. Outros, como Eugene Debs, o candidato presidencial do Partido, pregam abertamente a *guerra civil* "no caso" de uma guerra imperialista, ao ou melhor, em conexão com ela.

Atualmente, existem dois partidos em todo o mundo. Na verdade, já existem duas Internacionais. E se a maioria de Zimmerwald tem medo de reconhecer isso, se sonha com a unidade com os social-chauvinistas e declara sua disposição para tal unidade, essas "pias esperanças" na prática não passam de apenas esperanças, expressão de inconsistência e timidez de pensamento. A consciência está atrasada em relação à realidade.

---

6 N.E. Revista fundada por Lênin e publicada pelo Conselho Editorial da *Sotsial-Demokrat* juntamente com G. L. Piatakov e E. B. Bosch, que a financiou; Bukhárin foi um dos editores. Apenas um número (duplo) foi publicado. Trazia, além do artigo *A voz honesta de um socialista francês*, dois outros artigos de Lênin: *O colapso da Segunda Internacional* e *Imperialismo e socialismo na Itália*. Lênin planejava fazer da *Kommunist* um órgão internacional dos social-democratas de esquerda, mas logo surgiram graves contradições entre o Conselho Editorial e Bukhárin, Piatakov e Bosch, que assumiram posições incorretas em uma série de pontos de princípio do programa e das táticas do partido – o direito das nações à autodeterminação, o papel das reivindicações democráticas e o programa mínimo em geral etc. O Bureau do Comitê Central na Rússia, depois de ouvir um relatório sobre as contradições no Conselho Editorial da *Kommunist*, declarou sua total solidariedade ao Conselho Editorial do Órgão Central, *Sotsial-Demokrat*, e expressou o desejo de que "todas as publicações do Comitê Central deveriam ser editadas sob perspectivas estritamente em conformidade com a política do Comitê Central e adotadas antes do início da guerra". A partir de outubro de 1916, o Conselho Editorial da *Sotsial-Demokrat* começou a publicação da *Sbornik Sotsial-Demokrat* ("Coletânea Social-Democrata").

A internacional de juventude: uma análise

Publicado no nº 2 do *Sbornik Sotsial-Demokrat*, de dezembro de 1916. Assinado como N. Lênin.

Com esse título foi publicado na Suíça, em alemão, em 1 de setembro de 1915, o "órgão de combate e de propaganda da União Internacional das Organizações Socialistas de Juventude". Ao todo, foram lançados seis números até agora. A revista merece nossa atenção e deve ser fortemente recomendada para todos os membros do partido que tenham a oportunidade de contatar os partidos e organizações de juventude social-democratas no exterior.

A maior parte dos partidos social-democratas europeus oficiais estão defendendo o social-chauvinismo e o oportunismo mais asquerosos e vis. Isso se aplica aos partidos alemão e francês, à Sociedade Fabiana[1] e ao Partido Trabalhista[2] na Inglaterra, aos partidos sueco, holandês (o partido de Troelstra), dinamarquês, austríaco etc. No partido suíço, apesar da remoção (para grande benefício do movimento operário) dos oportunistas extremos, agora organizados no *não*-partido "*Grütli Verein*", ainda existem dentro do Partido Social-Democrata

1 N.E. A Sociedade Fabiana foi uma organização reformista inglesa fundada em 1884, recebendo seu nome em homenagem ao comandante romano do século 3 a.C. Fabius Maximus, apelidado de *Kunktator* ("Procrastinador") por suas táticas de "esperar para ver", evitando batalhas decisivas na guerra contra Aníbal. Os fabianos eram principalmente representantes da intelectualidade social-reformista: cientistas, escritores, políticos (como S. e B. Webb, R. Macdonald, Bernard Shaw etc.). Negavam a necessidade da luta de classes do proletariado e da revolução socialista, e argumentavam que a transição do capitalismo para o socialismo só era possível por meio de pequenas reformas e transformações graduais da sociedade. Em 1900, a Fabian Society tornou-se parte do Partido Trabalhista.

2 N.E. O Partido Trabalhista da Inglaterra foi fundado em 1900 como um amálgama de sindicatos, organizações socialistas e grupos com o propósito de levar representantes dos operários ao Parlamento. Os membros dos sindicatos passaram a ser automaticamente membros do partido, sujeitos ao pagamento das taxas partidárias. Desde o início do partido, seus líderes seguiram uma política de cooperação de classe com a burguesia. "O Partido Trabalhista", escreveu Lênin, "é um partido burguês por completo, pois embora consista de operários, é liderado por reacionários". Lênin definia a política *trade-unionista* ("sindicalista") do trabalhismo como "política burguesa para operários".

numerosos líderes oportunistas, social-chauvinistas e kautskistas que exercem uma *tremenda* influência em seus negócios.

Com esse estado de coisas na Europa, cai sobre as costas da União das Organizações Socialistas de Juventude a tarefa enorme, recompensadora – mas difícil – de lutar *pelo* internacionalismo revolucionário, *pelo* verdadeiro socialismo e contra o oportunismo predominante que debandou para o lado da burguesia imperialista. A *Internacional de Juventude* publicou vários bons artigos em defesa do internacionalismo revolucionário e a revista como um todo está permeada por um bom espírito de ódio intenso pelos traidores do socialismo, os "defensores da pátria" na guerra atual, e por um desejo sério de varrer a influência corrosiva do chauvinismo e do oportunismo do movimento operário internacional.

É claro, o órgão da juventude *ainda* precisa de clareza e consistência teóricas. Talvez nunca as tenha, precisamente por ser o órgão da juventude fervilhante, turbulenta e questionadora. No entanto, nossa atitude frente à falta de clareza teórica da parte de *tais* pessoas deve ser inteiramente diferente do que nossa atitude é e deve ser frente a confusão teórica nas mentes e a falta de consistência revolucionária nos corações de nossos "COistas"[3], "Socialistas-Revolucionários", tolstoianos, anarquistas, os kautskistas europeus (o "Centro") etc. Adultos que se põem a liderar e ensinar o proletariado, mas em verdade o desviam, são uma coisa: contra tais pessoas deve ser travada uma luta *impiedosa*. Organizações de *juventude*, contudo, que declaram abertamente que ainda estão aprendendo, que sua principal tarefa é formar operários para os partidos socialistas, são outra coisa totalmente diferente. A tais pessoas, devemos dar toda ajuda. Devemos ser pacientes com seus erros e nos esforçar para corrigi-los gradualmente, principalmente pelo *convencimento* e não lutando contra eles. Os camaradas de meia idade e velhos frequentemente *não sabem como* abordar a juventude, porque a juventude tem necessidade de avançar para o socialismo *de uma maneira diferente, por outros caminhos, em outras formas, em circustâncias diversas* daquelas dos seus pais. Aliás, é por isso que somos decididamente *a favor da independência organizativa* da União da Juventude, *não apenas* porque os oportunistas temem essa independência, mas também no mérito. Porque, a não ser que tenha completa independência, a juventude *não será capaz* de formar bons socialistas entre si ou preparar a si mesma para levar o socialismo *adiante*.

Defendemos a completa independência das Uniões da Juventude, mas também a completa liberdade de crítica camarada aos seus erros! Não devemos bajular a juventude.

Dos erros notados nessa revista excelente, devemos primeiro fazer referência aos seguintes três:

1) A posição incorreta sobre a questão do desarmamento (ou "desarme"), que nós criticamos em um artigo anterior[4]. Há razão para crer que esse erro vem inteiramente do desejo louvável de enfatizar a necessidade de esforço pela "completa

3 N.E. Partidários do Comitê Organizador, o centro menchevique inaugurado em agosto de 1912.

4 N.E. *A palavra de ordem do desarmamento*. Disponível em www.lavrapalavra.com

destruição do militarismo" (o que é perfeitamente correto); mas o papel das guerras civis na revolução socialista foi esquecido.

2) Sobre a questão das diferenças entre socialistas e anarquistas em sua atitude frente ao Estado, o camarada Nota-Bene[5] em seu artigo (edição nº 6) cai em um erro muito sério (como ele também faz em várias outras questões, por exemplo, nossas *razões* para combater a palavra de ordem da "defesa da pátria"). O autor deseja apresentar "uma imagem clara do Estado em geral" (junto com uma de um Estado imperialista predatório). Ele cita várias declarações de Marx e Engels e chega às duas seguintes conclusões, entre outras:

a) "[...] É absolutamente errado buscar a diferença entre socialistas e anarquistas no fato de que aqueles são a favor do Estado, enquanto estes são contra ele. A diferença real é que a Social-Democracia revolucionária deseja organizar a nova produção social de modo centralizado, ou seja, de um modo tecnicamente mais progressivo, enquanto a produção anarquista, descentralizada, significaria um retrocesso para técnicas obsoletas, para a velha forma de empreendimento". Isso está errado. O autor levanta a questão da diferença entre a atitude de socialistas e anarquistas *frente ao Estado*. No entanto, ele *não* responde a essa questão, mas a *outra*, a saber, a diferença em sua atitude frente ao fundamento econômico da sociedade futura. Essa, é claro, é uma questão importante e necessária. Mas não há razão para ignorar o *principal* ponto de diferença entre socialistas e anarquistas em sua atitude frente ao Estado. Socialistas são a favor de utilizar o atual Estado e suas instituições na luta pela emancipação da classe operária, afirmando também que o Estado deve ser usado para uma forma específica de transição do capitalismo ao socialismo. Essa forma transicional é a ditadura do proletariado, que é *também* um Estado.

Os anarquistas querem "abolir" o Estado, "explodi-lo" (*sprengen*), como o camarada Nota-Bene expressa em certo ponto, erroneamente atribuindo essa visão aos socialistas. Os socialistas – infelizmente o autor cita as palavras relevantes de Engels de maneira incompleta – defendem que o Estado vai "definhar", vai gradualmente "adormecer" *depois* que a burguesia for expropriada.

b) "A social-democracia, que é, ou ao menos deveria ser, a educadora das massas, precisa agora, mais do que nunca, enfatizar sua hostilidade ao Estado como princípio [...]. A guerra atual demonstrou quão profundamente a ideia do estatismo penetrou nas almas dos operários", escreve o camarada Nota-Bene. Para "enfatizar" nossa "hostilidade" ao Estado "como princípio" precisamos de fato entendê-lo "claramente", e é essa clareza que falta ao autor. Sua afirmação sobre a "ideia do estatismo" está inteiramente confusa. É antimarxista e antissocialista. O ponto não é que a "ideia do estatismo" se chocou com o repúdio ao estatismo, mas que a política oportunista (ou seja, a atitude oportunista, reformista, burguesa frente ao Estado) se chocou com a política social-democrata revolucionária (ou seja, a atitude social-democrata revolucionária frente ao Estado burguês e à sua

5 N.E. "Nota-Bene" era um pseudônimo usado por Bukhárin.

utilização contra a burguesia para derrubá-la). São coisas inteiramente diferentes. Esperamos voltar a esse assunto muito importante em um artigo separado.6

3) A "declaração de princípios da União Internacional das Organizações Socialistas de Juventude", publicada em seu nº 6 como "projeto do secretariado", contém não poucas imprecisões, e não contém a questão *principal*: a comparação clara das *três* tendências fundamentais (social-chauvinismo, "centro" e esquerda) que agora disputam uma contra a outra no movimento socialista de todos os países.

Repetimos, esses erros devem ser refutados e explicados. Ao mesmo tempo, devemos fazer todos os esforços para encontrar pontos de contato e relações mais próximas com as organizações de juventude e ajudá-las de toda forma, mas precisamos encontrar a maneira *adequada* de as abordarmos.

Discurso sobre o cancelamento da manifestação

Discurso proferido na reunião do Comitê do POSDR(b) de Petrogrado, em 11 (24) de junho de 1917. Publicado pela primeira vez em 1923, em conformidade com as atas da reunião.

A insatisfação expressa pela maioria dos camaradas com o cancelamento da manifestação é bastante natural, mas o Comitê Central não teve alternativa por dois motivos: primeiro, fomos formalmente proibidos de realizar a manifestação pelo semi-órgão do poder[1]; em segundo lugar, o motivo da proibição foi declarado da seguinte forma: "Sabemos que as forças ocultas da contrarrevolução querem tirar proveito da sua manifestação." Em suporte a esse motivo, recebemos nomes como o de um general, que eles prometeram prender em três dias, e outros. E eles declararam que uma manifestação dos Centenas Negras havia sido organizada para 10 de junho com a intenção de invadir nossa manifestação e transformá-la em um conflito.

Mesmo na guerra comum, às vezes acontece de uma ofensiva planejada ter de ser cancelada por razões estratégicas. Isso é ainda mais provável de ocorrer na guerra de classes, dependendo da vacilação dos grupos pequeno-burgueses. Devemos saber levar em conta a situação e ter ousadia na tomada de decisões.

O cancelamento era absolutamente necessário, como os desenvolvimentos subsequentes provaram. Hoje, Tsereteli fez seu discurso histórico e histérico[2].

1 N.E. Em 21 de junho de 1917, o Comitê Central e o Comitê de Petrogrado bolcheviques anunciaram sua intenção de realizar uma manifestação pacífica em 23 de junho de 1917 em apoio às demandas dos grevistas de Petrogrado. No dia seguinte, porém, sob a pressão da maioria menchevique e socialista-revolucionária do Congresso dos Soviets, que acusava os bolcheviques de organizarem uma "conspiração militar", o Comitê Central do POSDR(b) cancelou a manifestação, a fim de não se opôr ao Congresso, esse embrião do poder proletário.

2 N.E. Referência ao discurso feito pelo menchevique Tsereteli, membro do Governo Provisório, em 11 (24) de junho de 1917, na reunião conjunta do Comitê Diretivo do Primeiro Congresso dos Soviets de toda a Rússia com o Comitê Executivo do Soviet de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado, o Comitê Executivo do Congresso dos Deputados dos Camponeses e as direções de todos os partidos do Congresso. A reunião foi organizada pelas lideranças SRs e mencheviques para dar um golpe nos bolcheviques, aproveitando a maioria que detinham. Em seu discurso, Tsereteli disse que a manifestação que os bolcheviques haviam marcado para 10 (23) de junho era "uma conspiração bolchevique para derrubar o governo e tomar o poder". Os bolcheviques deixaram a

Hoje a revolução entrou em uma nova fase de seu desenvolvimento. Eles começaram proibindo nossa manifestação pacífica por três dias, e agora querem proibi-la durante toda a duração do Congresso. Eles exigem que obedeçamos à decisão do Congresso sob ameaça de expulsão do mesmo. Mas declaramos que preferimos a prisão do que renunciar à liberdade de propaganda.

Tsereteli, cujo discurso o apresentava como um ruidoso contrarrevolucionário, declarou que os bolcheviques não devem ser combatidos por palavras e resoluções, mas devem ser privados de todos os meios técnicos de que dispõem. O resultado de todas as revoluções burguesas é: primeiro arme o proletariado e depois desarme-o para evitar que avance. O fato de uma manifestação pacífica ter que ser proibida mostra que a situação deve ser muito grave.

Tsereteli, que emergiu das profundezas do Governo Provisório para participar do Congresso, expressou claramente o desejo de desarmar os operários. Ele exigiu furiosamente que o Partido Bolchevique fosse afastado das fileiras dos democratas revolucionários. Os operários devem perceber claramente que agora não pode haver nenhuma questão sobre uma manifestação pacífica. A situação é muito mais séria do que pensávamos. Íamos fazer uma manifestação pacífica para exercer a máxima pressão sobre as decisões do Congresso – e esse é o nosso direito – mas somos acusados de armar um complô para prender o governo.

Tsereteli diz que não há contrarrevolucionários além dos bolcheviques. A reunião que nos julgou foi organizada com particular solenidade. Ela foi composta pelo Comitê de Direção do Congresso, pelo Comitê Executivo do Soviet de Deputados Operários e Soldados em pleno vigor e pelas direções de todos os partidos presentes no Congresso. Naquela reunião, eles revelaram toda a verdade, a saber: que estão convocando uma ofensiva contra nós.

O proletariado deve responder mostrando a máxima calma, cautela, contenção e organização, e deve lembrar que as procissões pacíficas são uma coisa do passado.

Não devemos dar-lhes pretexto para atacar. Deixe-os atacar e os operários perceberão que é um ataque à própria existência do proletariado. Mas a realidade está do nosso lado, e é discutível se seu ataque terá sucesso – no *front* estão as tropas, entre as quais o descontentamento é muito forte, e na retaguarda há o alto custo de vida, o deslocamento econômico e assim por diante.

O Comitê Central não quer forçar sua decisão. Seu direito, o direito de protestar contra as ações do Comitê Central, é legítimo, e sua decisão deve ser livre.

---

reunião, como forma de protesto contra as calúnias. Lênin, que se opôs à reunião desde o início, não compareceu.

A crise amadureceu (excerto)

Escrito em 29 de setembro de 1917, em Viborg. Os capítulos I-III e V foram publicados em 20 (7) de outubro de 1917 no nº 30 do jornal *Rabótchi Put*. O capítulo VI foi distribuído apenas aos membros do Comitê Central, do Comitê de Petrogrado, do Comitê de Moscou e dos soviets. Foi publicado pela primeira vez em 1924.

VI

Que fazer? É preciso *aussprechen was ist*, "dizer o que existe", reconhecer a verdade de que entre nós, no CC e nos meios dirigentes do partido, existe uma corrente ou opinião favorável a *esperar pelo congresso* dos soviets, *contra* a tomada imediata do poder, *contra* a insurreição imediata. É preciso *vencer* esta corrente ou opinião[1].

De outro modo, os bolcheviques se *desgraçam* para sempre e *desaparecem* como partido.

Porque deixar passar este momento e "esperar" pelo congresso dos Soviets é *uma completa idiotice* ou *uma completa traição*.

Uma completa traição aos operários alemães. Não vamos esperar que *comece* a sua revolução!! Aí até os Liberdan[2] serão pelo "apoio" a ela, Mas ela *não pode* começar enquanto Kérenski[3], Kichkine e Cia. estiverem no poder.

Uma completa traição ao campesinato. Tendo ambos os soviets *metropolitanos*, deixar que a revolta dos camponeses seja reprimida significa *perder*, e *perder merecidamente*, toda a confiança dos camponeses, significa igualar-se aos olhos dos camponeses aos Liberdan e outros canalhas.

"Esperar" pelo congresso dos soviets é uma completa idiotice, pois isto sig-

1 N.E. Trata-se da atitude de Kámenev, Zinóviev, Trótski e dos seus partidários. Kámenev e Zinóviev pronunciavam-se contra o plano de Lênin de preparação da insurreição armada, procurando demonstrar que a classe operária da Rússia ainda não era capaz de levar a cabo a revolução socialista. Caíram na posição dos mencheviques, que defendiam a república burguesa. Trótski insistia em que a insurreição fosse adiada até ao II Congresso dos Soviets de toda a Rússia, o que na realidade significava frustá-la, visto que o Governo Provisório teria podido concentrar forças para essa data e esmagar a insurreição.

2 N.E. Liberdan: nome irônico dado aos dirigentes mencheviques Líber e Dan e aos seus partidários depois da publicação no jornal bolchevique de *Moscovo Sotsial-Demokrat* de um artigo satírico de Demián Bédni intitulado "Liberdan".

3 N.E. Alexander Kérenski foi advogado e membro do Partido Socialista-Revolucionário, eleito para a IV Duma e, posteriormente, elevado às posições de Ministro da Guerra e Primeiro-Ministro do governo provisório burguês, entre julho e outubro de 1917.

nifica perder *semanas*, e as semanas, e mesmo os dias, agora decidem *tudo*. Isto significa *renunciar* covardemente à tomada do poder, pois em 1-2 de novembro ela será impossível (tanto política como tecnicamente: concentrarão os cossacos para o dia da insurreição "fixada"[4] estupidamente).

"Esperar" pelo congresso dos soviets é uma completa idiotice, pois o congresso *não dará nada, não pode dar nada!*

Importância "moral"? É espantoso!! "Importância" das resoluções e das conversações com os Liberdan quando sabemos que os soviets são *a favor* dos camponeses, e que a insurreição camponesa está sendo *esmagada*!! Condenaríamos estes *soviets* ao papel de tagarelas lamentáveis. Primeiro vencer Kérenski, depois convocar o congresso.

A vitória da insurreição *está* agora *assegurada* aos bolcheviques: 1) podemos[5] (se não "esperarmos" pelo congresso dos soviets) atacar *subitamente* e a partir de três pontos, de Petrogrado, de Moscou, da esquadra do Báltico; 2) temos palavras de ordem que nos asseguram apoio: abaixo o governo que esmaga a insurreição camponesa contra os latifundiários!; 3) estamos em maioria *no país*; 4) a desorganização dos mencheviques e socialistas-revolucionários é total; 5) temos a possibilidade técnica de tomar o poder em Moscou (que poderia inclusive começar, para golpear o inimigo de surpresa); 6) temos *milhares* de soldados e operários armados em Petrogrado, que podem tomar *simultaneamente* o Palácio de Inverno, o Estado-Maior, a central telefônica e todas as grandes gráficas; não nos desalojarão dali — e a agitação no *exército* será tal que será impossível lutar contra este governo da paz, da terra para os camponeses etc.

Se atacarmos simultaneamente de surpresa a partir de três pontos, em Petrogrado, em Moscou, na esquadra do Báltico, há 99% de probabilidades de vencermos com menos vítimas do que em 3-5 de julho, pois as *tropas não marcharão* contra o governo da paz. Mesmo se Kérenski tiver já uma cavalaria "fiel" etc., em Petrogrado, com um ataque de dois lados e com a simpatia do exército por *nós*, Kérenski será obrigado *a render-se*. Se, mesmo com as possibilidades que agora existem, não tomarmos o poder, então todas as conversas sobre o poder aos soviets se converterão numa *mentira*.

Não tomar agora o poder, "esperar", tagarelar no CEC, limitar-se a "lutar pelo órgão" (o soviet), "lutar pelo congresso", significa *arruinar* a revolução.

Vendo que o CC *ainda não respondeu* as minhas insistências neste espírito desde o começo da Conferência Democrática, que o Órgão Central *risca* dos meus artigos a indicação de erros tão gritantes dos bolcheviques, como a vergonhosa decisão de participar no pré-parlamento, como a concessão de assentos aos

---

4 N.A. "Convocar" o Congresso dos Soviets para 20 de outubro para decidir "a tomada do poder" – em que é que isto se distingue de "fixar" estupidamente a insurreição?? Agora é possível tomar o poder, mas a 20-29 de outubro não será possível.

5 N.A. O que fez o partido para *estudar* a disposição das tropas etc?, para levar a cabo a insurreição como uma "arte"? – apenas conversas no CEC etc!! [N.E. Comitê Executivo Central dos Soviets de toda a Rússia.]

mencheviques no *presidium* do soviet etc., etc., vendo isto devo considerar que isto é uma dica "sutil" da relutância do CC em sequer discutir esta questão, uma sutil dica para que eu cale a boca e uma proposta para que eu me retire.

Sou obrigado *a apresentar o pedido para deixar o CC*, o que faço, mas reservando a mim a liberdade de agitação *nas bases* do partido e no Congresso do partido.

Porque estou profundamente convencido de que, se "esperarmos" pelo Congresso dos Soviets e deixarmos passar o momento agora, *arruinaremos* a revolução.

29/IX. N. Lênin

PS. Toda uma série de fatos demonstrou que *nem mesmo* as tropas cossacas marcharão contra o governo da paz! E quantas são? Onde então? Será que todo o exército não enviará unidades *para* nós?

Carta ao Comitê Central do POSDR(b) (excerto)

Escrita em 19 de outubro de 1917.

[...] Nenhum partido que se preze pode tolerar fura-greves e canalhas em seu meio. Isso é óbvio. Quanto mais refletimos sobre a declaração de Zinóviev e Kámenev na imprensa não-partidária, mais evidente se torna que sua ação é fura-grevismo no sentido pleno do termo. A evasão de Kámenev na reunião do Soviet de Petrogrado é algo realmente desprezível. Ele está, vocês não veem, em total acordo com Trótski. Mas é tão difícil entender que, diante do inimigo, Trótski *não poderia* ter dito, ele não tinha o direito de dizer e não deveria ter dito mais do que ele disse? É tão difícil entender que é um *dever* para com o Partido que escondeu *sua* decisão do inimigo (sobre a necessidade de uma insurreição armada, sobre o fato de que a hora para isso está totalmente madura, sobre os preparativos completos a serem feitos para ela etc.), e é essa decisão que torna *obrigatório* nas declarações públicas atribuir ao adversário não só a "culpa", mas também a iniciativa? Só uma criança pode deixar de entender isso. A evasão de Kámenev é uma fraude absoluta. O mesmo deve ser dito da evasão de Zinóviev, pelo menos de sua carta de "justificativa" (escrita, eu acho, para o Órgão Central), que é o único documento que vi (pois, como uma opinião divergente, "uma alegada opinião dissidente", que foi alardeada na imprensa *burguesa*, eu, membro do Comitê Central, *nada vi até hoje*). Entre os "argumentos" de Zinóviev está o seguinte: Lênin, diz ele, enviou suas cartas "*antes* que qualquer decisão fosse adotada", e você não protestou. Isso é literalmente o que Zinóviev escreveu, ele mesmo sublinhando a palavra *antes* quatro vezes. É realmente tão difícil compreender que, *antes* de ser tomada uma decisão sobre uma greve pelo centro, é permitido agitar a favor e contra ela; mas que *depois* de uma decisão a favor de uma greve (com a decisão adicional de esconder isso do inimigo), continuar a agitação contra a greve é fura-grevismo? Qualquer operário entenderá isso. A questão da insurreição é discutida no centro desde setembro. Era então que Zinóviev e Kámenev poderiam e *deveriam* ter se manifestado por

escrito, para que *todos*, ao ver seus argumentos, percebessem que haviam perdido completamente a cabeça. Esconder as opiniões de alguém do partido por um mês inteiro *antes* de uma decisão ser tomada e enviar uma opinião divergente *depois* que uma decisão é tomada – isso é fura-grevismo.

Zinóviev finge não compreender esta diferença, finge não compreender que depois de uma decisão de greve ter sido tomada pelo centro, só os canalhas podem continuar a agitar entre os órgãos inferiores contra essa decisão. Qualquer operário vai entender isso.

[...]

Isso é fura-grevismo no sentido pleno do termo. Depois de tomada uma decisão, qualquer disputa é *inadmissível* quando se trata de preparações imediatas e *secretas* para uma greve. Agora Zinóviev tem a insolência de *nos* culpar por "alertar o inimigo". Existe algum limite para sua ousadia? Quem prejudicou a causa, frustrou a greve ao "avisar o inimigo", senão aqueles que vieram à tona na imprensa *não-partidária*?

Como se opor a uma resolução "decisiva" do Partido em um jornal que *nesta* questão está de mãos dadas com toda a burguesia?

Se isso for tolerado, o Partido se tornará impossível, o Partido será destruído.

[...]

Atas do encontro do CC do POSDR(b) (excerto)

Encontro ocorrido em 23 de fevereiro de 1918, às vésperas da assinatura do Tratado de Brest.

5

O camarada Lomov pergunta se Vladímir Ilich permite a agitação, velada ou aberta, contra a assinatura da paz.

O camarada Lênin responde afirmativamente.

6

Tendo em vista a declaração de vários membros do CC que estão renunciando a todos os seus cargos de responsabilidade nos soviets e no partido, J M. Sverdlov propõe que os membros do CC permaneçam em seus cargos até o Congresso e continuem sua agitação dentro do Partido.

O camarada Lênin é a favor de discutir a questão levantada por Sverdlov porque, primeiro, faltam três dias para a assinatura e, em segundo lugar, doze dias para a ratificação. Consequentemente, será possível mobilizar o Partido e, se este for contra a assinatura, não haverá ratificação; mas como o tempo hoje é curto, ele sugere adiar a questão para amanhã.

7

O camarada Stálin pergunta se a renúncia a seus cargos não significa, de fato, a saída do Partido.

O camarada Lênin assinala que a renúncia do CC não significa saída do Partido.

8

O camarada Lênin sugere que os camaradas abandonem as sessões durante a votação e não assinem nenhum documento, para não assumir qualquer responsabilidade, mas não devem renunciar ao seu trabalho nos soviets.

Sobre o caráter de nossos jornais

Escrito em 8 de novembro de 1918. Publicado no nº 202 do jornal *Pravda*, em 20 de setembro de 1918.

Estamos dando espaço demais para agitação política em temas desatualizados — à tagarelice política. Muito pouco espaço é dado à edificação de uma nova vida, às notícias e fatos a respeito disso.

Por que, em vez de 200-400 linhas, não escrevemos vinte ou mesmo dez linhas sobre tópicos tão simples, tão amplamente conhecidos, com os quais o povo já está bem familiarizado, como a infame traição dos mencheviques — os lacaios da burguesia —, a invasão anglo-japonesa para restaurar os direitos sagrados do capital, os multimilionários americanos mostrando suas presas contra a Alemanha etc., etc.? Devemos escrever sobre essas coisas e notar cada novo acontecimento nessa esfera, mas não precisamos escrever longos artigos e repetir velhos argumentos; o que é necessário é condenar em algumas poucas linhas, "em estilo telegráfico", as mais recentes manifestações da velha, conhecida e já avaliada política.

A imprensa burguesa, nos "bons e velhos tempos burgueses", nunca mencionou o "santo dos santos" — as condições nas fábricas privadas, nas empresas privadas. Este costume se encaixa com os interesses da burguesia. Devemos radicalmente romper com isso. Ainda *não* rompemos com isso. Até agora, nosso tipo de jornal não mudou como deveria em uma sociedade em transição do capitalismo para o socialismo.

Menos política. A política foi "elucidada" completamente e reduzida a uma luta entre os dois campos: o proletário insurrecional e um punhado de senhores-de-escravos capitalistas (com a gangue completa, até os mencheviques etc.). Podemos, e repito, devemos falar muito brevemente sobre essa política.

Mais economia. Mas não no sentido de discussões "gerais", revisões aprendidas, planos intelectuais e baboseiras semelhantes, já que, lamento dizer, elas são muitas vezes apenas baboseiras e nada mais. Por economia queremos dizer a compilação, a *verificação cuidadosa* e o estudo das informações da organização real da nova vida. Sucessos *reais* foram alcançados por grandes fábricas, comunas agrícolas, pelos Comitês de Camponeses Pobres e Conselhos Econômicos locais em construir a nova economia? Quais, precisamente, são esses sucessos? Eles foram verificados? Não são fábulas, ostentações, promessas intelectuais ("as coisas estão andando", "o plano foi definido", "estamos a caminho", "agora garantimos", "houve uma melhora indubitável", e outras frases de charlatanismo das quais "nós" somos os mestres)?

Como esses sucessos foram atingidos? O que deve ser feito para ampliá-los?

Onde está a lista negra com o nome das fábricas atrasadas que desde a nacionalização se mantiveram modelos de desordem, desintegração, sujeira, baderna e parasitismo? Não a encontramos em lugar nenhum. Mas tais fábricas *existem*. Não seremos capazes de cumprir nosso dever a não ser que declaremos *guerra contra esses "guardiões das tradições capitalistas". Seremos trapeiros, e não comunistas, enquanto tolerarmos tais fábricas. Não aprendemos a travar a luta de classes nos jornais com tanta habilidade quanto a burguesia.* Lembrem-se da habilidade com que ela perseguiu seus inimigos de classe na imprensa, ridicularizou-os, desgraçou-os e tentou varrê-los. E nós? Não é verdade que a luta de classes na época da transição do capitalismo para o socialismo toma a forma da salvaguarda dos interesses da classe operária contra os poucos, os grupos e segmentos de operários que obstinadamente se agarram às tradições (hábitos) capitalistas e continuaram a tratar o Estado soviético dos velhos modos: trabalhar o mínimo e pior possível que puder e arrancar o máximo de dinheiro possível do Estado? Não há muitos desses canalhas, mesmo entre os compositores das tipografias soviéticas, entre os operários de Sormovo e Putilov etc.? Quantos deles descobrimos, quantos expusemos e quantos ridicularizamos?

A imprensa está quieta. E se ela menciona o assunto de alguma forma, o faz de forma burocrática, oficial, não à maneira de uma imprensa *revolucionária*, não como um órgão da *ditadura* de uma classe demonstrando que a resistência dos capitalistas e dos parasitas que mantém as tradições capitalistas será esmagada com uma mão de ferro.

O mesmo com a guerra. Estamos assediando os oficiais covardes ou ineficientes? Fizemos denúncias contra os regimentos imprestáveis perante toda a Rússia? Já "pegamos" o suficiente dos tipos maus que deveriam ser removidos do exército com a maior publicidade por inadequação, descuido, procrastinação etc.? Ainda não estamos travando uma verdadeira guerra revolucionária efetiva e implacável contra os malfeitores *específicos*. Fazemos muito pouco para *educar as pessoas* com exemplos vivos e concretos, e modelos obtidos de todas as esferas da vida, embora essa seja a principal tarefa da imprensa durante a transição do capitalismo para o comunismo. Nós damos pouca atenção a esse aspecto da vida *diária* dentro das fábricas, nas vilas e nos regimentos onde, mais do que em qualquer outro lugar, o novo está sendo construído, onde a atenção, a publicidade, a crítica pública, a condenação do que é ruim e os apelos para aprender com o que é bom são mais necessários.

Menos tagarelice política. Menos raciocínio intelectualista. Mais pé no chão. Mais atenção ao modo pelo qual os operários e camponeses estão realmente construindo o novo em seu trabalho diário, e mais *verificação* de até que ponto esse novo é *comunista*.

Discursos no IX Congresso do PCR(b) (excertos)

Proferidos entre 29 de março e 5 de abril de 1920.

[...] Os proprietários pequeno-burgueses estão desunidos; aqueles que têm mais propriedades são inimigos daqueles que têm menos propriedades; e os proletários, ao abolir a propriedade, declararam guerra aberta contra eles. Ainda há muitas pessoas obscurecidas e ignorantes que são totalmente a favor de qualquer tipo de liberdade de comércio, mas que são incapazes de lutar quando veem a disciplina e o autossacrifício demonstrados para garantir a vitória sobre os exploradores; eles não estão conosco, mas são impotentes para nos atacar. É apenas a dominação de uma classe que determina as relações de propriedade e qual classe deve estar no topo. Aqueles que, como tão frequentemente observamos, associam a questão da natureza da dominação de classe com a questão do centralismo democrático criam tal confusão que todo trabalho bem-sucedido nestas bases se torna impossível. Clareza na propaganda e na agitação é condição fundamental. Quando nossos inimigos disseram e admitiram que havíamos realizado milagres no desenvolvimento da agitação e da propaganda, isso não deve ser entendido no sentido superficial de que tínhamos um grande número de agitadores e consumimos grandes quantidades de papel, mas no sentido intrínseco de que a verdade contida nessa propaganda penetrou na mente de todos; não há como escapar dessa verdade. [...]

O centralismo democrático significa apenas que os representantes das localidades se reunirão e elegerão um órgão responsável, que cuidará da administração. Mas como? Isso depende de quantas pessoas adequadas, de quantos bons administradores estão disponíveis. O centralismo democrático significa que o congresso supervisiona o trabalho do Comitê Central e pode destituí-lo e nomear outro em seu lugar. Mas se adentrarmos nos erros teóricos contidos nessas teses, nunca será suficiente. Pessoalmente, não tratarei mais deste assunto e apenas direi que o Comitê Central adotou a única linha que poderia ser adotada sobre esta questão. Eu sei muito bem que o camarada Osinski e os outros não compartilham as

opiniões de Makhno e Makhaiski, mas os seguidores de Makhno são obrigados a aproveitar seus argumentos. Eles estão conectados uns aos outros. Vejamos as teses do Comitê do Partido da *gubernia* de Moscou que nos foram apresentadas. Diz aí que em uma sociedade socialista desenvolvida, onde não haverá divisão social do trabalho ou profissões fixas, a substituição periódica de pessoas que desempenham funções administrativas em rotação será possível apenas com base em um amplo princípio corporativo etc., etc. Isso é uma confusão total! [...]

Isso é um absurdo completo, porque tudo – o papel da classe operária na conquista do poder do Estado, a inter-relação entre os métodos – tudo está confuso! Uma coisa dessas não pode ser tolerada. Essas coisas nos arrastam teoricamente para trás. O mesmo deve ser dito do centralismo democrático dos camaradas Sapronov, Maximovski e Osinski. O camarada Osinski esquece isso quando se apresenta e afirma que eu chamo de bobagem o centralismo democrático. Você não pode distorcer as coisas dessa maneira! O que isso tem a ver com a questão das nomeações, do endosso das organizações locais? As coisas podem ser endossadas por colegiados, e é também possível nomear colegiados. Isso não tem nada a ver com o caso. Eles dizem que o centralismo democrático consiste não apenas na decisão do Comitê Executivo Central de toda a Rússia; mas no Comitê Executivo Central de toda a Rússia governando através das organizações locais. O que a gestão corporativa ou a gestão individual tem a ver com isso? [...]

Teses sobre as tarefas fundamentais do II Congresso da Internacional Comunista (excertos)

Escrito em 4 de junho de 1920.

[...] O primeiro erro, muito grave e que representa um enorme perigo direto para o êxito da causa da emancipação do proletariado, consiste em que certos velhos líderes e alguns velhos partidos da II Internacional, em parte cedendo de modo semi-inconsciente aos desejos e à pressão das massas e em parte enganado-as de maneira consciente para continuar exercendo o papel de agentes e auxiliares da burguesia dentro do movimento operário, proclamam sua adesão condicional e até incondicional à III Internacional, permanecendo de fato, em todo o seu trabalho partidário e em toda a sua atividade política, no nível da II Internacional. Tal estado de coisas é completamente inadmissível, já que leva à corrupção das massas e mina o prestígio da III Internacional, ameaçando repetir traições como a dos social-democratas húngaros, que adotaram da noite para o dia o título de comunistas. O segundo erro, muito menos importante e que melhor dito é uma enfermidade de crescimento do movimento, consiste na tendência ao "esquerdismo", que conduz a uma apreciação falsa do papel e das tarefas do Partido com relação à classe e às massas e da obrigação dos comunistas revolucionários de atuar nos parlamentos burgueses e sindicatos reacionários. O dever dos comunistas reside em não esconder as debilidades de seu movimento, mas criticá-las abertamente para livrar-se delas o mais cedo possível e de maneira radical. [...]

Em todas as organizações, sindicato e associações sem exceção, em primeiro lugar nas proletárias, mas logo também nas da massa não proletária de trabalhadores e explorados (nas políticas, sindicais, militares, cooperativas, culturais, desportivas etc., etc.), devem criar-se grupos ou células de comunistas. Estes grupos ou células serão preferencialmente organizações abertas, mas também deverão ser secretas em todos os casos em que se suponha que a burguesia abriga o propósito de proibi-las e de prender ou desterrar seus membros. Estas células, estreitamente ligadas entre si e com os organismos centrais do Partido, permutando sua experiência, realizando um trabalho de agitação de propaganda e de organização e

adaptando-se sem falta a todas as esferas da vida social, a todas as categorias e setores da massa trabalhadora, devem educar-se a si mesmas com toda regularidade através desta atividade multilateral e educar o partido, a classe e a massa.

[...]

A absoluta necessidade de princípio de combinar a atividade ilegal e a legal obedece, não só a todo o conjunto de peculiaridades do período que estamos atravessando, período de prelúdio da ditadura do proletariado, mas também à necessidade de mostrar à burguesia que não há nem pode haver esfera ou setor do trabalho que os comunistas não conquistem, e sobretudo leva em conta o fato de que ainda há por toda parte amplos setores do proletariado, e ainda mais da massa trabalhadora e explorada não proletária, que continuam tendo fé na legalidade democrático-burguesa. Tirar-lhes essa fé é para nós a tarefa mais importante. [...]

Projeto das 19 condições para admissão na Internacional Comunista (excertos)

As 21 condições para admissão dos partidos à Internacional Comunista foram aprovadas no II Congresso da IC (de julho a agosto de 1920). Partindo de um projeto de Lênin, compreendendo 19 condições, o texto da resolução foi levemente alterado pelo Congresso.

[...] O Segundo Congresso da Internacional Comunista resolve que os termos de adesão à Comintern são os seguintes:

1. A propaganda e a agitação do dia a dia devem ter um caráter genuinamente comunista. Todos os órgãos de imprensa pertencentes aos partidos devem ser editados por comunistas de confiança que tenham dado provas de sua devoção à causa da revolução proletária. A ditadura do proletariado não deve ser discutida apenas como uma frase comum a ser aprendida de cor; deve ser popularizada de tal forma que os fatos práticos tratados sistematicamente em nossa imprensa orientem cotidianamente todos os operários e operárias comuns, todos os soldados e camponeses, de modo que lhes seja indispensável. Os apoiadores da Terceira Internacional devem usar todos os meios de comunicação a que tenham acesso – a imprensa, reuniões públicas, sindicatos e cooperativas – para expor de forma sistemática e implacável não só a burguesia, mas seus cúmplices – reformistas de todos matizes.

2. Qualquer organização que deseje ingressar na Internacional Comunista deve consistentemente e sistematicamente desligar os reformistas e "centristas" de qualquer posição de responsabilidade no movimento operário (organizações partidárias, conselhos editoriais, sindicatos, grupos parlamentares, cooperativas, conselhos municipais etc.), substituindo-os por comunistas confiáveis. O fato de que, em alguns casos, os operários comuns podem, a princípio, ter que substituir líderes "experientes" não deve ser um impedimento.

3. Em países onde o estado de sítio ou a legislação de emergência tornam impossível para os comunistas conduzir as atividades legalmente, é absolutamente essencial que os trabalhos legal e ilegal sejam combinados. Em quase todos os países da Europa e da América, a luta de classes está entrando na fase da guerra civil. Nessas condições, os comunistas não podem confiar na legalidade burguesa.

Eles devem construir em todos os lugares uma organização ilegal paralela que, no momento decisivo, estará em condições de ajudar o Partido a cumprir seu dever para com a revolução.

4. Propaganda e agitação persistentes e sistemáticas devem ser conduzidas nas forças armadas e células comunistas devem ser formadas em cada unidade militar. Na maioria dos casos, os comunistas terão de fazer esse trabalho ilegalmente; não se engajar nisso seria equivalente a uma traição de seu dever revolucionário e incompatível com a adesão à Terceira Internacional.

[...]

7. É dever dos partidos que desejam pertencer à Internacional Comunista reconhecer a necessidade de uma ruptura completa e absoluta com o reformismo e a política "centrista" e fazer propaganda entre os membros do partido por essa ruptura. Sem isso, uma política comunista consistente é impossível.

A Internacional Comunista exige imperativa e intransigentemente que esta ruptura seja efetuada o mais cedo possível. Não se pode tolerar uma situação em que reformistas declarados, como Turati, Modigliani e outros, tenham o direito de se considerarem membros da Terceira Internacional. Tal estado de coisas levaria a Terceira Internacional a se assemelhar fortemente à extinta Segunda Internacional.

8. Os partidos em países cuja burguesia possui colônias e oprime outras nações devem seguir uma política bem definida e bem demarcada em relação às colônias e nações oprimidas. Qualquer partido que deseje aderir à Terceira Internacional deve expor implacavelmente as maquinações coloniais dos imperialistas de seu "próprio" país, deve apoiar – de fato, não apenas em palavras – todo movimento de libertação colonial, exigir a expulsão de seus compatriotas imperialistas das colônias , inculcar no coração dos operários de seu próprio país uma atitude de verdadeira fraternidade com a população trabalhadora das colônias e das nações oprimidas, e conduzir uma agitação sistemática entre as forças armadas contra toda opressão dos povos coloniais.

9. É dever de qualquer partido que deseje ingressar na Internacional Comunista conduzir o trabalho comunista sistemático e incansável nos sindicatos, sociedades cooperativas e outras organizações operárias de massa. Células comunistas devem ser formadas nos sindicatos e, por seu trabalho contínuo e incansável, conquistar os sindicatos para a causa comunista. Em todas as fases do seu dia-a-dia essas células devem desmascarar a traição dos social-patriotas e a vacilação dos "centristas". As células devem estar totalmente subordinadas ao partido como um todo.

[...]

11. É dever dos partidos que desejam aderir à Terceira Internacional reexaminar a composição de suas frações parlamentares, eliminar elementos não-confiáveis e subordinar efetivamente essas frações aos Comitês Centrais do Partido. Eles devem exigir que todo proletário comunista subordine todas as suas atividades aos interesses da propaganda e agitação verdadeiramente revolucionárias.

12. A imprensa periódica e não-periódica, e todos os empreendimentos

editoriais, devem também estar inteiramente subordinados ao Comitê Central do Partido, seja o partido como um todo legal ou ilegal na época. As editoras não devem abusar de sua autonomia e seguir políticas que não estejam em total concordância com a do Partido.

13. Os partidos pertencentes à Internacional Comunista devem ser organizados segundo o princípio do centralismo democrático. Neste período de aguda guerra civil, os partidos comunistas só podem cumprir seu dever se estiverem organizados de maneira centralizada, marcados por uma disciplina férrea que beira a disciplina militar e contarem com centros partidários fortes e autorizados, investidos de amplos poderes e desfrutando a confiança unânime dos membros.

14. Os partidos comunistas em países onde os comunistas podem conduzir seu trabalho legalmente devem realizar expurgos periódicos de membros (novos registros) com o objetivo de livrar sistematicamente o partido de elementos pequeno-burgueses que inevitavelmente se infiltram neles.

[...]

17. Todas as decisões dos congressos da Internacional Comunista e de seu Comitê Executivo são obrigatórias para todos os partidos filiados. Operando em condições de guerra civil aguda, a Internacional Comunista deve ser muito mais centralizada do que a Segunda Internacional. É lógico, entretanto, que em todos os aspectos de seu trabalho, a Internacional Comunista e seu Comitê Executivo devem levar em consideração a diversidade de condições em que os respectivos partidos devem lutar e trabalhar, e adotar decisões vinculantes para todos os partidos apenas em questões em que tais decisões sejam possíveis.

18. Em vista do exposto, os partidos que desejam aderir à Internacional Comunista devem mudar de nome. Qualquer partido que pretenda filiar-se deve denominar-se Partido Comunista do país em questão (Seção da Terceira Internacional Comunista). A questão do nome de um partido não é apenas uma formalidade, mas uma questão de grande importância política. A Internacional Comunista declarou uma guerra decidida ao mundo burguês e a todos os partidos social-democratas amarelos. A diferença entre os partidos comunistas e os velhos e oficiais partidos "social-democratas" ou "socialistas", que traíram a bandeira da classe operária, deve ser deixada absolutamente clara para todos os operários comuns.

19. Após a conclusão dos procedimentos do Segundo Congresso Mundial da Internacional Comunista, qualquer partido que deseje ingressar na Internacional Comunista deve, o mais cedo possível, convocar um congresso extraordinário para aceitação oficial das obrigações acima em nome de todo o partido.

Sobre a unidade do partido (excerto)

Resolução aprovada em 16 de março de 1921, no X Congresso do PCR(b), redigida por Lênin, proibindo, em meio à guerra civil, a formação de frações ou tendências.

4. Cada organização partidária deve zelar com muito rigor para que as críticas absolutamente necessárias às falhas do Partido, para que qualquer análise da política geral do Partido ou avaliação de sua experiência prática, exame do cumprimento de suas decisões e dos meios a correção de erros etc., seja submetida não para consideração de grupos que se formaram com base em uma ou outra "Plataforma" etc., mas para consideração de todos os membros do Partido. Para este efeito, o Congresso dá instruções para publicar o "Panfleto de Discussão" mais regularmente e para publicar coleções especiais de material. Quem fizer as críticas deve levar em conta a posição do Partido entre os inimigos que o cercam; devem também tentar corrigir na prática os erros do Partido, participando diretamente nos trabalhos partidários e dos soviets.

Sobre o projeto de decisão do Politburo do Comitê Central do PCR(b) sobre a tática da frente única

Escrito em 1 de dezembro de 1921.

a) Que a linha de ação conjunta com os operários da Segunda Internacional, proposta por vários Partidos Comunistas da Internacional Comunista e introduzida por Zinóviev, Radek e Bukhárin, seja aprovada. Que este último seja orientado a, dentro de dois dias, estabelecer claramente esta linha em um esboço de resolução a ser distribuído entre os membros do Politburo.

b) Que o camarada Bukhárin seja instruído a escrever e mostrar ao Politburo um artigo resumindo a experiência do Partido Comunista Russo na luta dos bolcheviques contra os mencheviques e os blocos entre eles.[1]

1 N.E. Este projeto foi escrito em conexão com a discussão do Politburo, em 1 de dezembro de 1921, sobre a questão da tática de uma Frente Única dos Trabalhadores. As propostas de Lênin foram aprovadas. Elas formaram a base das teses do Comitê Executivo da Internacional Comunista (IC ou Comintern) "*Sobre a frente única dos trabalhadores e a atitude para com os trabalhadores pertencentes à II Internacional, à II-e-meia Internacional e à Internacional de Amsterdã, bem como os trabalhadores que apoiam as organizações anarcossindicalistas.* As observações de Lênin sobre as teses também foram levadas em consideração. As *Notas sobre a história do PCR* de Lênin (adiante) foram feitas em conexão com a proposta de que Bukhárin deveria escrever um artigo resumindo a experiência do PCR(b).

Notas sobre a história do PCR (carta para Bukhárin)

Escrito em 1 de dezembro de 1921.

Camarada Bukhárin,

Eu incluo minhas anotações em conexão com o tema atribuído a você pelo Comitê Central hoje. Eu estive pensando sobre este tema e planejei:

(a) expor os temas de disputa, diferença e cisão;

(β) alternância de períodos de divisão e períodos de unidade;

(γ) alternância de períodos de maioria para os mencheviques e para os bolcheviques (talvez pudesse ser representado em um diagrama?).

Me mande uma mensagem sobre sua opinião.

Lênin

1 de dezembro

Isso não deveria serviria como uma base para o seu artigo? Ou algo desse tipo?

LISTA (CRONOLÓGICA) DE TEMAS DE DISPUTA

1903. Out. A questão da organização: §1 do Estatuto.

1904. "A campanha dos *Zemstvo*."

1905. Mai. Atitude frente à revolução, a luta grevista, a insurreição armada.

1905. Ago. Boicote da Duma ou participação?

1905. Out.

1905. Dez. Insurreição.

1906. Jan.-Mar. Boicote da Duma ou participação?

1906. Abril-Maio. Atitude frente à Primeira Duma.

1906. Julho. Atitude frente ao levante armado.

Setembro. A guerra de guerrilhas.

1907. Jan.-Fev. Eleições para a Segunda Duma: Bloco de Esquerda ou com os

Cadetes?

1907. Abril. Segunda Duma.

1909-10. Liquidacionismo.

1911. Pleno do Comitê Central.

Unidade ou cisão?

1912. A cisão (liquidacionismo).

1913. "Febre grevista" etc.

1913. Atitude frente à Terceira Duma.

1914. Atitude em face da guerra imperialista.

1917. Fev-Mar. Atitude frente à revolução de fevereiro.

1917. Maio. O Ministério de Coalizão.

1917. Julho. O Primeiro Congresso dos Soviets.

1917. Set. A revolta de Kornilov e a Conferência Democrática.

1917. Out.

Poder soviético;

terror;

Tratado de Paz de Brest;

Conspirações e guerra civil.

1918. Guerra civil. Atitude dos mencheviques.

1918. " " "

1919. " " "

1920. " " "

1921. " " "

LUTA ENTRE BOLCHEVIQUES E MENCHEVIQUES (ALTERNAÇÃO DE RELAÇÕES NUMÉRICAS)

1903. O [II] Congresso: 20/24 de 44 votos. (um partido)[1].

1905. Dois congressos. *Za*[2] (dois partidos)[3].

1906. Congresso de Estocolmo. Exatamente (número de votos). Um partido.

1907. Congresso de Londres. Exatamente (número de votos). Um partido[4].

---

1 N.E. A proporção numérica dos votos dos bolcheviques e dos mencheviques no segundo congresso do POSDR, onde 20 delegados bolcheviques tinham 24 votos, e os mencheviques – após a retirada de dois delegados da Rabóquiaye Dyelo e cinco do Bund, que os apoiaram – 20 votos, um total de 44.

2 N.E. Em russo, abreviação de *zirka*: "aproximadamente".

3 N.E. Referência ao Terceiro Congresso da maioria do POSDR, realizado em Londres em abril e maio de 1905, e a conferência paralela dos mencheviques, em Genebra.

4 N.E. Referência à distribuição de votos no IV Congresso (Estocolmo, "Congresso da Unidade") e no Quinto Congresso do Partido (Londres), isto é, no período em que os bolcheviques e os mencheviques eram formalmente membros do mesmo partido, com um único Comitê Central e conferências regulares etc. Dos 112 delegados com voto no Quarto Congresso, os bolcheviques tinham 46; os mencheviques, 62; e o resto pertencia a social-democratas de nenhuma fração. Os mencheviques tinham uma pequena vantagem e, por isso, o Congresso aprovou resoluções mencheviques sobre algumas questões. Em seu *Apelo ao partido sobre a questão deste Congresso*, Lênin escreveu: "Devemos e iremos lutar ideologicamente contra as decisões do Congresso que consideramos erradas. Mas, ao

(Grupos na Dumas)

1911-12. Cotizações pelos operários (da coletânea sobre o liquidacionismo)[5] (um e dois partidos).

1917. Junho. Primeiro Congresso dos Soviets de toda a Rússia.

1917. Nov. 1.5 (?) milhões. Eleições para a Assembleia Constituinte[6].

1,5 milhões / 9 milhões

---

mesmo tempo, declaramos a todo o Partido que somos contra uma divisão de qualquer tipo. Nós defendemos as decisões do Congresso. Apelamos a todos os nossos colegas-pensadores para aceitar tal submissão e tal luta ideológica". No entanto, a decisão do Congresso sobre a unidade do Partido permaneceu no papel, pois os bolcheviques e os mencheviques mantiveram seus respectivos pontos de vista e mantiveram suas organizações separadas. Dos 336 delegados com voto no Quinto Congresso, os bolcheviques tinham 105; os mencheviques, 97; os Bundistas, 57; os social-democratas poloneses, 44; os social-democratas letões, 29; e os delegados "não-partidários" eram 4. Os bolcheviques tinham ao seu lado os poloneses e os letões e, assim, dirigiram uma maioria estável. Em todas as questões de princípio o Congresso aprovou resoluções bolcheviques. O Congresso elegeu um Comitê Central composto por cinco bolcheviques, quatro mencheviques, dois polacos e um social-democrata letão. Os membros candidatos incluíam 10 bolcheviques, 7 mencheviques, 3 poloneses e 2 letões. O Congresso marcou uma grande vitória do bolchevismo sobre a ala oportunista do partido. Para detalhes sobre o V Congresso, vide o artigo de Lênin *A Atitude para com os partidos burgueses.*

5 N.E. A coletânea *Marxismo e liquidacionismo*, publicado em 1914, forneceu dados sobre as cotizações dos operários para diversos fins, pelos partidários dos bolcheviques e dos liquidacionistas. Esses números provaram que a maioria dos operários se reunia em torno dos bolcheviques. A cotização para a ajuda de grevistas em várias fábricas, para pessoas vitimadas e para várias outras necessidades do movimento operário, realizadas através dos grupos de bolcheviques e liquidacionistas na Duma, alcançaram os seguintes números para o período de outubro de 1913 a 6 de junho de 1914 (segundo relatos em jornais bolcheviques e liquidacionistas): através do grupo bolchevique, 12.891,24 rublos (número de grupos de operários: 1.295); através do grupo dos liquidacionistas, 6.114,87 rublos (número de grupos de operários, 215). Os bolcheviques recebiam apenas 6% disso através de não-operários; já os liquidacionistas, 46%. O número de cotizações por operários para a imprensa operária se distribuía da seguinte forma (em maio de 1914): para os jornais bolcheviques (*Pravda* e *Rabotchi Put*), cerca de 6.000 rublos; para o jornal dos liquidacionista (*Luch*), um total de 1.500 rublos.

6 N.E. Proporção de votos recebidos pelos mencheviques e bolcheviques durante a eleição para a Assembleia Constituinte, em novembro de 1917. Vide o artigo de Lênin *As eleições da assembleia constituinte e a ditadura do proletariado.*

Observações sobre as teses da frente única

Escrito em 6 de dezembro de 1921.

Camarada Zinóviev,

Li o projeto das teses e não tenho objeções.

O parágrafo sobre a história do bolchevismo deveria ser ampliado e parcialmente modificado. É incorreto dizer que houve uma cisão apenas em 1910. Deve-se afirmar que as divisões formais com os mencheviques na primavera em 1905 e em janeiro de 1912 alternaram-se com a semi-unidade e a unidade de 1906 e 1907, seguida pela de 1910, não apenas por causa das vicissitudes da luta, mas também sob a pressão das bases, que exigiram "testes de checagem" por meio de sua própria experiência.

Eu acho que isso deve ser declarado da forma mais explícita e concreta em uma página.

Carta ao IV Congresso da Internacional Comunista (excerto)

Escrita em 4 de novembro de 1922, às vésperas do IV Congresso da IC (5 de novembro a 5 de dezembro de 1922) e publicada no nº 258 do *Pravda*, em 15 de novembro.

[...] No III Congresso [da IC], em 1921, adotamos uma resolução sobre a estrutura organizacional dos Partidos Comunistas e sobre os métodos e o conteúdo de suas atividades[1]. A resolução é excelente, mas é quase inteiramente russa, ou seja, tudo nela se baseia nas condições russas. Esse é o seu ponto positivo, mas também é a sua debilidade. É sua debilidade porque tenho certeza de que nenhum estrangeiro saberá lê-la. Eu a reli antes de dizer isso. Em primeiro lugar, é muito longa, contendo 50 ou mais pontos. Os estrangeiros geralmente não são capazes de ler essas coisas. Em segundo lugar, mesmo que a leiam, não a compreenderão, porque é muito russa. Não porque foi escrita em russo – foi excelentemente traduzida para todas as línguas –, mas porque está totalmente imbuída do espírito russo. E em terceiro lugar, se a título de exceção algum estrangeiro a entender, ele não poderá realizá-la. Esse é seu terceiro defeito.

Conversei com alguns dos delegados estrangeiros e espero discutir o assunto em detalhes com um grande número de delegados de diferentes países durante o Congresso, embora não participe de seus trabalhos, pois, infelizmente, é impossível para mim fazê-lo. Tenho a impressão de que cometemos um grande erro com essa resolução, nomeadamente, que bloqueamos o nosso próprio caminho para um avanço ulterior. Como já disse, a resolução foi redigida de forma excelente; estou disposto a subscrever cada um dos seus 50 ou mais pontos. Mas não aprendemos como apresentar nossa experiência russa aos estrangeiros. Tudo o que foi dito na resolução permanece letra morta. Se não percebermos isso, seremos incapazes de seguir em frente.

Acho que, depois de cinco anos da revolução russa, a coisa mais importante para todos nós, camaradas russos e estrangeiros, é sentar e estudar. Só agora obtivemos a oportunidade de fazê-lo. Não sei quanto tempo essa oportunidade vai du-

1 N.E. *Diretrizes sobre a estrutura organizacional dos partidos comunistas, sobre os métodos e conteúdo de seu trabalho*. Disponível em: https://www.marxists.org/history/international/comintern/3rd-congress/organisation/guidelines.htm

rar. Não sei por quanto tempo as potências capitalistas nos darão a oportunidade de estudar em paz. Mas devemos aproveitar cada momento de descanso da luta, da guerra, para estudar e estudar do zero. Todo o Partido e todas as camadas da população da Rússia provam isso com sua sede por conhecimento. Esse esforço para aprender mostra que nossa tarefa mais importante hoje é estudar e estudar muito.

Nossos camaradas estrangeiros também devem estudar. Não quero dizer que tenham que aprender a ler e a escrever e a entender o que lêem, como ainda temos que fazer. Há uma controvérsia sobre isso, se isso diz respeito à cultura proletária ou à cultura burguesa[2]. Vou deixar essa questão em aberto. Mas uma coisa é certa: temos que começar aprendendo a ler e a escrever, e a entender o que lemos. Os estrangeiros não precisam disso. Eles precisam de algo mais avançado: em primeiro lugar, entre outras coisas, devem aprender a compreender o que escrevemos sobre a estrutura organizacional dos Partidos Comunistas e sobre aquilo que os camaradas estrangeiros assinaram sem ler e sem compreender. Essa deve ser sua primeira tarefa. Essa resolução deve ser executada. Não pode ser realizada do dia para a noite; isso é absolutamente impossível. A resolução é muito russa, reflete a experiência russa. É por isso que é ininteligível para os estrangeiros, e eles não podem se contentar em pendurá-la em um canto como um ídolo e rezar para ela. Nada será alcançado dessa forma. Eles devem assimilar parte da experiência russa.

Exatamente como isso será feito, não sei. Os fascistas na Itália podem, por exemplo, prestar-nos um grande serviço ao mostrar aos italianos que eles ainda não estão suficientemente esclarecidos e que seu país ainda não está garantido contra as Centenas Negras[3]. Talvez isso seja muito útil. Nós, russos, também devemos encontrar maneiras e meios de explicar os princípios dessa resolução aos estrangeiros. A menos que façamos isso, realizá-la será absolutamente impossível para eles. Estou certo de que, a esse respeito, devemos dizer não apenas aos russos, mas também aos camaradas estrangeiros, que o mais importante no período em que estamos entrando é o estudo. Estamos estudando em sentido amplo. Eles, entretanto, devem estudar em sentido particular, a fim de que possam realmente compreender a organização, a estrutura, o método e o conteúdo do trabalho revolucionário. Se eles fizerem isso, tenho certeza de que as perspectivas da revolução mundial serão não apenas boas, mas excelentes. [*Aplausos prolongados e tempestuosos. Gritos de "Viva nosso camarada Lênin!" evocam uma nova ovação tempestuosa.*]

---

2 N.E. Lênin se refere à sua polêmica com a concepção de *Proletkult* de Lunatchárski e seu grupo, bem como às tarefas soviéticas da alfabetização das massas.

3 N.E. Essa analogia pouco estudada de Lênin, entre o fascismo e as Centenas Negras, também pode ser verificada em seu texto *A guerra de guerrilhas*: "As formas de luta na revolução russa distinguem-se pela sua gigantesca variedade em comparação com as revoluções burguesas da Europa. Kautsky previu parcialmente isto ao dizer, em 1902, que a revolução futura (ele acrescentou: *talvez* com exceção da Rússia) seria não tanto uma luta do povo contra o governo, mas uma luta entre duas partes do povo. Na Rússia vemos, indubitavelmente, um desenvolvimento mais amplo desta *segunda* luta do que nas revoluções burguesas do Ocidente. Os inimigos da nossa revolução entre o povo são pouco numerosos, mas com a agudização da luta eles organizam-se cada vez mais e recebem o apoio das camadas reacionárias da burguesia."

A que herança não renunciamos?

Gabriel Lazzari

Já enunciamos mais de uma vez nossas visões teóricas sobre a importância da disciplina e como esse conceito deve ser entendido no partido operário. Nós o definimos como: unidade de ação, liberdade de discussão e crítica. [...] Organização significa unidade de ação, unidade nas operações práticas. Mas toda ação tem valor, é claro, apenas porque e na medida em que serve para empurrar as coisas para a frente e não para trás, na medida em que serve para unir o proletariado ideologicamente, para elevar, e não degradar, corromper ou enfraquecer. A organização sem princípios não tem sentido e, na prática, converte os operários em um miserável apêndice da burguesia no poder. Portanto, o proletariado não reconhece unidade de ação sem liberdade para discutir e criticar.

Vladímir Lênin, "Luta contra os social-democratas pró-Cadetes e disciplina partidária"[1]

O centralismo democrático, na visão de Lênin, é muito mais do que um método de trabalho interno aos Partidos Comunistas, estabelecido dogmaticamente. Ele é uma decorrência, de um lado, da multiplicidade de opiniões inerente ao proletariado (e à sua vanguarda) e, de outro, de uma necessária ação unificada para garantir o sucesso das lutas de classe.

A observância do centralismo democrático, portanto, na visão de Lênin, não é uma função da *estrutura organizativa*, mas das *necessidades políticas*; que, por sua vez, subordinam essa estrutura. Não é uma relação de identidade formal, portanto, a que os Partidos Comunistas têm com esse princípio organizativo: não é "Partido Comunista = centralismo democrático" como forma dogmatizada, mas uma relação de implicação, na qual o objetivo revolucionário do Partido Comunista *implica* seu papel de vanguarda do proletariado e esse papel de vanguarda *implica* o centralismo democrático conforme pensado por Lênin. Essa mediação do papel de vanguarda ganha ainda mais destaque na medida em que é esse papel, de "Estado-Maior" do proletariado, que precisa garantir, ao mesmo tempo, uma completa unidade de ação e uma liberdade de polêmica pública, segundo Lênin.

A luta ideológica no centralismo democrático e pelo centralismo democrático

O centralismo democrático de Lênin está, portanto, intimamente vinculado ao fato de que *foi por meio de uma intensa luta* pelas visões revolucionárias dentro da vanguarda proletária russa e internacional que *se forjou* uma unidade ideológica e que, mais importante ainda, foi a dinamicidade e continuidade dessa polêmica aberta na imprensa social-democrata que arrastou cada vez mais operários para o lado bolchevique da contenda. Na visão leninista do centralismo democrático, a unidade prática (como fenômeno objetivo) é consequência do centralismo e a unidade ideológica (como fenômeno subjetivo) é consequência da democracia. É nesse espírito que Lênin, em uma de suas grandes obras fundacionais, *Que Fazer?*,

defende *abertamente* a liberdade total de crítica da ala oportunista de seu Partido: é só com essa liberdade de crítica que eles poderão "ir para onde melhor [lhes] parecer, até para o pântano".

Essa concepção guia toda a obra leninista e tem como pontos culminantes a tese aprovada no II Congresso da Internacional Comunista sobre as condições de admissão de partidos dentro dela[2] e a tese aprovada no III Congresso da Internacional Comunista sobre a estrutura organizativa, os métodos e o conteúdo do trabalho dos Partidos Comunistas[3]. Em nenhum dos documentos existe a defesa do que Lênin chamou de versão "menchevique"[4] do centralismo democrático, em que a polêmica pública era substituída pelas discussões internas aos organismos partidários, afastando o proletariado das discussões e polêmicas de sua vanguarda.

No entanto, não foi essa a concepção que permeou a maioria dos Partidos Comunistas (e outras tradições políticas que alegam se basear no leninismo) durante a maior parte do século XX. Podemos verificar duas principais causas para isso:

A primeira delas é o ainda insuficiente grau de desenvolvimento da própria luta interna entre as alas oportunista e revolucionária de diversos partidos operários e socialistas no começo do século XX. Em nenhuma outra situação histórica, a luta travada nos primeiros anos do século XX foi tão clara e estabeleceu tão distintamente as duas alas quanto no caso russo, a ponto de haver momentos de cisão maior e menor entre elas dentro do mesmo Partido – e em nenhum outro partido, a ala revolucionária soube conduzir sua luta de forma tão precisa a ponto de, no estouro de uma crise revolucionária, conseguir se diferenciar das correntes oportunistas e se unificar tão prontamente ao proletariado a ponto de organizar sua revolução e começar a construção do socialismo de forma tão ideologicamente sólida. Alguns casos, como o da social-democracia alemã, tiveram o amadurecimento tardio da cisão da ala revolucionária – o que impediu a consolidação da Liga Espartaquista a tempo de dirigir o processo revolucionário para além da revolução democrático-burguesa contra a monarquia. Em outros, como no caso brasileiro, ainda não havia sequer um partido operário ou socialista de tipo massivo, filiado à Segunda Internacional – e sua construção se dá *a posteriori* das diversas polêmicas públicas que ajudaram a forjar a unidade ideológica dos bolcheviques.

A segunda causa é o impacto da duradoura fase defensiva e do consequente giro estratégico que tiveram como fiadores exatamente os mesmos bolcheviques, renomeados Partido Comunista da Rússia e, posteriormente, Partido Comunista da União Soviética. Aos leitores dos artigos que antecedem esse postácio, fica claro o impacto na unidade ideológica de um período de retrocesso no processo revolucionário russo – o otzovismo e o ultimatismo, a "construção de deus" e o machianismo foram "aparições" que surgiram de dentro do bolchevismo

2 21 condições

3 https://www.marxists.org/history/international/comintern/3rd-congress/organisation/guidelines.htm

4 Centralismo Democrático: "Liberdade para Criticar e Unidade de Ação" V. I. Lenin 20 de Maio de 1906

como resultados subjetivos do processo objetivo de derrota do "ensaio geral" revolucionário de 1905-1907. Se essa decadência ideológica (contra a qual Lênin lutou nas várias frentes de que dispunha) expressou-se na realidade nacional, ela foi ainda mais aguda nos anos posteriores à Guerra Civil russa, porque atingiu dimensões internacionais. Não se pode compreender senão por essa chave (materialista) a degradação política e teórica no seio do Movimento Comunista Internacional que, se no âmbito teórico, causou recuos como o da desconsideração da predominância da contradição burguesia-proletariado nos países europeus que se voltaram ao fascismo; se, no âmbito estratégico, causou recuos como a aliança com burguesias "nacionais" na forma da Frente Popular e da dissolução da Internacional Comunista; no âmbito organizativo, trouxe uma nova forma, "stalinizada", de centralismo democrático, em que o afastamento das massas proletárias da polêmica da vanguarda, confinada dentro do Partido, é antes causa do que consequência da decadência teórica posterior – não à toa, o novo método recuperava o método menchevique, criticado por Lênin.

Se essas causas "orgânicas" foram fundamentais para entender os problemas encarados (e promovidos) pelos Partidos Comunistas, por outro lado, foi o decalque mecânico delas a causa de outras tradições políticas seguirem no mesmo caminho, interpretando estreitamente o centralismo democrático, como o fizeram o trotskismo, o maoísmo, o hoxhaísmo e até mesmo correntes da social-democracia. Cada uma a seu modo, seja elegendo o direito de tendência a princípio, seja indicando a liberdade de crítica como porta para o revisionismo, seja esgarçando a unidade de ação, essas várias correntes não só não conseguiram operar mudanças significativas em relação aos PCs na forma organizativa, mas também não buscaram em Lênin e em sua concepção de centralismo democrático essa possibilidade de superação.

Apesar de ter sido a concepção hegemônica dentro dos PCs, não podemos esquecer o duplo impacto que a contrarrevolução nos anos 1990 e a crise do Movimento Comunista Internacional teve sobre eles: se, em vários casos, ela produziu cisões e dissoluções, em outros, produziu autocríticas fundamentais para o avanço do movimento. Os vários partidos que aderiram, cada um a seu modo, ao processo que no caso do Partido Comunista Brasileiro foi chamado de "Reconstrução Revolucionária" tendem a concordar com as seguintes ideias:

> A falta de centralismo democrático, de células vivas e de firmeza ideológica é campo fértil para que vicejem o diletantismo, o mandonismo, o oportunismo, o carreirismo. Mas o centralismo democrático tem que ser uma via de mão dupla, sob pena de ser burocrático. Quanto mais democrático, mais forte e revolucionário o PCB se tornará.[5]
>
> Por outro lado, o Partido precisa ser percebido como um operador político e não como uma instância legitimadora da "verdade". Não pode ser, sob pena de involuir para antes do Iluminismo, um tribunal filosófico e científico para seus militantes, impondo uma única interpretação do marxismo-leninismo. O PCB, mesmo retendo os princípios essenciais do marxismo-leninismo, não impõe uma única interpretação desses legados

5 PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO. "A Reconstrução Revolucionária do PCB – Balanço e Perspectivas". In: **Resoluções – XV Congresso Nacional**. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2014.

> aos seus militantes. A unidade do Partido se refere ao seu programa e seus princípios de organização e atuação na luta de classes.[6]

Mas, novamente, essa unidade ideológica em programa e princípios de organização não foi conquistada sem uma intensa luta interna, que é produzida nos diversos partidos e organizações – e que aparece sob as formas mais contraditórias. No caso brasileiro, já em 1990, antes da tentativa de liquidação do PCB, já havia camaradas travando essa disputa, retomando justamente a herança do pensamento leninista, como o camarada Edmilson Costa, hoje Secretário-Geral do PCB:

> Também achamos fundamental para a oxigenação partidária e para a nossa democracia interna a existência de tendências dentro do PCB. Está na hora de rejeitarmos a hipocrisia, pois todos sabemos que estas correntes existem e não se justifica bancar o avestruz, como se o problema não fosse real. Entendemos que com a discussão organizada das idéias será muito mais fácil o exercício do centralismo democrático do que continuar no velho e viciado sistema que existe atualmente. Cada corrente de opinião terá garantida a possibilidade de se expressar nos órgãos de comunicação partidária, o que evitará o controle autoritário das ideias dentro do Partido, como vem acontecendo atualmente com o jornal Voz da Unidade, que se transformou num porta-voz de uma facção do Partido. Essa discussão aberta possibilitará que o conjunto do Partido possa fazer sua opção política com o conhecimento de causa, o que favorecerá muito mais o encaminhamento da decisão majoritária, afinal, quanto todos participam fica muito mais fácil a unidade de ação. Os temerosos de que esse processo levem a traumas podem ficar tranquilos: o Partido Bolchevique fez a revolução soviética mantendo o direito de tendência, que só foi abolido em 1921, em função de circunstâncias muito especiais.[7]

A posição apresentada pelos partidários da Reconstrução Revolucionária do PCB pode soar "fracionista" ou "defensora de tendências" aos menos atentos, mas é o contrário que está em operação nesse escrito do camarada Edmilson Costa e outros vários do momento. O que se pode apreender, corretamente, é que a própria dinâmica da inexistência do centralismo democrático de tipo leninista *produz* como consequência inevitável a organização prática das diversas tendências de pensamento. A situação, no Brasil e em outros países, era exatamente essa: um partido em *degeneração organizativa*, causada pelo *abandono do marxismo-leninismo*, gerava *como consequência* um movimento de organização interna ao PCB. O relato do camarada Antonio Carlos Mazzeo descreve esse processo:

> [...] Tentando descaracterizar as essências revolucionárias do PCB, como o centralismo democrático, a teoria social de Marx, Engels e Lênin como referenciais teórico-práticos do partido e o símbolo da foice e do martelo, chamando os militantes de "filiados", o que no passado constituiu o antigo grupo pragmático do Comitê Central assumia agora a feição manifesta e deletéria de candidatos a algozes e coveiros do comunismo brasileiro.
> Diante desses ataques frontais à estrutura do PCB, *a reação da militância comunista se*

6 PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO. "Resoluções sobre Organização Partidária". In: **Resoluções da Conferência Nacional Política e de Organização**. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2016.

7 COSTA, Edmilson. "Ganhar o Partido para as Nossas Propostas". In: **Reconstruir o PCB – Carta de Princípios da Plataforma da Esquerda Socialista**. São Paulo: 1990.

> *intensificou e rapidamente fez circular documentos de todas as partes do país que contestavam as teses do grupo liquidacionista, chamando os militantes para a defesa intransigente do partido.* O Comitê Central, por sua vez, foi obrigado a abrir espaço para o lançamento de chapas no Congresso, algo inusitado na vida orgânica dos partidos comunistas de todo o mundo.[8] [Grifo nosso]

Dentro dessa situação tamanha, coube aos revolucionários brasileiros utilizar-se da situação absolutamente *ilegítima* dentro do PCB para retomarem os princípios do marxismo-leninismo, usando para isso justamente a capacidade de não "bancar o avestruz" – isso é, de não fingir que havia uma normalidade no centralismo democrático no PCB naquele momento –, mas, sobretudo, de recuperar *a história do bolchevismo* como elemento para essa luta teórica interna. Mostraram, dessa maneira, que "o imperador estava nu" e que era a própria direção majoritária do PCB (os liquidacionistas) aqueles que *conformavam-se como tendência* em primeiro lugar, abandonando o programa e as decisões congressuais do Partido em um movimento que só pode ser chamado verdadeiramente de "golpista". Sem esmorecer perante essa ameaça, que já havia colocado em xeque a existência e a política de diversos PCs, foi o conjunto de militantes revolucionários que mantiveram o PCB existente e pavimentaram a estrada por onde tem passado a Reconstrução Revolucionária do PCB.

Essa renovação do marxismo-leninismo posterior à contrarrevolução dos anos 1990 e, com ainda mais força, após o começo da crise de 2008 não é à toa: se, no momento do recuo, existe uma tendência à confusão teórica e política, é também nele que os rearranjos das forças proletárias surgem como contratendências e, nesse rearranjo, certas formulações teóricas voltam à tona – como mostra, por exemplo, o aumento brutal de vendas da obra prima de Marx, *O Capital*, a partir de 2008. Assim, é na luta entre as tendências ideológicas revolucionária e oportunista que pode se forjar, novamente, uma vanguarda do proletariado no rumo da Revolução Socialista e da construção do Poder Popular nos diversos países capitalistas. É isso que observa Lênin ao debater o liquidacionismo dentro da social-democracia russa no momento de refluxo do movimento operário pós-"ensaio geral" de 1905-1907:

> Os bolcheviques são confrontados com uma luta dos dois lados – uma tarefa "central" (a essência do que não foi compreendido por Maxímov, que vê ali apenas falta de sinceridade e diplomacia). É impossível preservar e fortalecer a organização social-democrata ilegal sem reconstruí-la sistematicamente, sem desvios, passo a passo, para enfrentar com sucesso o momento difícil atual, para trabalhar persistentemente os "pontos fortes" das possibilidades legais de todo tipo.[9]

Mas, se o centralismo democrático formulado por Lênin aparece claramente como fundamental no processo de forja da vanguarda como grupo com unidade ideológica, qual é sua função na forja dessa vanguarda *enquanto vanguarda*, ou seja, como "Estado-Maior" da classe?

8 MAZZEO, Antonio Carlos. Sinfonia inacabada: a política dos comunistas no Brasil. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2022, p. 205-206.

9 Lênin, Métodos dos Liquidacionistas e as Tarefas Partidárias dos Bolcheviques

A independência política do proletariado e a forja de sua vanguarda

O centralismo democrático, na visão de Lênin, não é um princípio *ideal*, ou seja, não é um princípio advindo dogmaticamente de formulações individuais ou coletivas de determinados partidos ou militantes. É, ao contrário, uma forma de correspondência, de reflexo organizado, do próprio processo de consciência e prática *do proletariado*.

O proletariado existe como classe em-si na esfera das relações de produção dentro do modo de produção capitalista. Sua existência em-si, ou seja, o fato de que há uma imensa parte da população humana que, desprovida dos meios de produção, é forçada a vender sua força de trabalho para seu sustento, não leva necessariamente à existência de uma *luta de classes proletária*. Na maior parte do tempo, são diferentes setores do proletariado que se unificam para adentrar a luta como classe, mas de forma dispersa – é isso que vemos, por exemplo, em greves de diversas categorias aparecendo no cenário das lutas. Ainda, porém, nesse processo *fragmentado* de luta de classes, o proletariado, de forma espontânea, só atinge um nível de luta: a luta econômica, por suas condições de vida – no limite, por condições superiores da venda de sua força de trabalho e do uso do fundo estatal por meio de serviços públicos.

É na experimentação de sua luta política e na compreensão avançada de consciência da necessidade de uma alternativa de poder na sociedade que o proletariado passa não só a agir *como classe em-si* na luta econômica, mas como *classe para-si na luta política*, isso é, coloca a questão do poder de Estado na ordem do dia e ameaça, com seu próprio Poder Popular, a existência do Estado burguês[10].

Assim, considerar a tarefa da revolução socialista como necessária exige que consideremos a necessidade de que essa classe, como um todo, esteja unificada *em sua ação* a partir de uma vanguarda centralizada (e de seus chamados à ação) e unificada *em sua ideologia* a partir da luta contra as variantes ideológicas burguesas e pequeno-burguesas, sejam elas oportunistas ou esquerdistas. É a luta ideológica aberta que produz essa unidade ideológica – a unidade ideológica da vanguarda com a classe, não a conciliação e os consensos formais entre os diversos matizes da vanguarda.

O efeito produzido na classe a partir da "centralização formal ou mecânica" da perspectiva ideológica é o espírito de círculo (e não de Partido), como denunciado por Lênin:

> Certas figuras proeminentes nos mais influentes dos antigos círculos, desacostumadas às autolimitações organizacionais que a disciplina partidária exige, tendem a confundir os interesses do seu círculo com os interesses gerais do partido, coisas que, na época dos círculos, poderiam de fato coincidir. Algumas dessas pessoas (parte do antigo conselho editorial do Iskra, parte do antigo Comitê Organizador, os membros do antigo grupo Iujni Rabotchi etc.) lideraram uma luta em nome do espírito de círculo contra o espírito partidário.[11]

---

10 LÊNINE, V. I. "Sobre a dualidade de poderes". In: **Obras Escolhidas**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986, p. 17-19.

11 *Ao partido*, de agosto de 1904, também chamado "carta dos 22" (presente nesta coletânea).

A fragmentação da vanguarda está ligada sobretudo a esse espírito de círculo, de seita – o de que a unidade ideológica seria uma função do centralismo, não da democracia. Podemos ver isso com muita clareza na tradição trotskista, em especial na América Latina, mas também nos PCs depois da cisão sino-soviética. Assim, também as concepções leninistas do centralismo democrático implicam sua visão própria do movimento operário, implicam a necessidade de constituir um partido que tenha *tanta* liberdade de crítica pública *quanto* tiver de unidade de ação.

Este é o espírito de partido, segundo Lênin:

> Os jovens – os estudantes, e ainda mais os jovens operários – decidirão o desenlace de toda a luta. Livre-se de todos os velhos hábitos de imobilidade, de respeito hierárquico e assim por diante. Forme centenas de círculos de vperiodistas entre os jovens e incentive-os a trabalhar a todo vapor. Amplie o Comitê em três vezes, aceitando jovens nele, estabeleça meia dúzia ou uma dúzia de subcomitês, "coopte" toda e qualquer pessoa honesta e enérgica. Permita que cada subcomissão escreva e publique panfletos sem qualquer burocracia (não há mal nenhum se eles cometerem um erro; nós no Vperiod iremos corrigi-los "gentilmente"). Devemos, com velocidade desesperada, unir todas as pessoas com a iniciativa revolucionária e colocá-las para trabalhar. Não tema a sua falta de formação, não trema com a sua inexperiência e falta de desenvolvimento. Em primeiro lugar, se você deixar de organizá-los e incitá-los à ação, eles seguirão os mencheviques e os Gapons, e essa mesma inexperiência deles causará cinco vezes mais danos. Em segundo lugar, os próprios eventos os ensinarão em nosso espírito. Os eventos já estão ensinando a todos precisamente no espírito do Vperiod.[12]

Perto da concepção stalinista e menchevique, da discussão confinada, Lênin soa anarquista, divisionista. Mas é sua clareza da disputa política e o papel ela, por sua vez, na unidade ideológica que sustenta sua ideia, inclusive ao apontar a necessidade de que o Partido "preste contas" a sua classe, por meio das autocríticas, quando afirma, no III Congresso da Internacional Comunista, que "[...] Não devemos ocultar nossos erros diante do inimigo. Quem temer isto, não é revolucionário. Ao contrário, se declararmos abertamente aos operários: 'sim, temos cometido erros', isto significará que no futuro tais erros não têm de se repetir e saberemos escolher melhor o momento"[13].

Em nenhum momento, é fundamental perceber, Lênin abandona o centralismo, a unidade de ação, para defender a liberdade total de crítica. Mesmo nos momentos em que os social-democratas são manobrados impropriamente pelo Órgão Central tomado pelos mencheviques, é o espírito de partido e da decisão coletiva, rigorosamente observada, que guia suas ideias:

> [...] As decisões da conferência tornam-se (com algumas modificações) diretrizes do Comitê Central. As diretivas do Comitê Central são vinculativas para todo o Partido. Dentro de quais limites elas são obrigatórios em relação a esta questão específica? Obviamente, dentro dos limites das decisões do Congresso e dentro dos limites da

12 Uma carta para bogdánov e gusev

13 Discurso em defesa da tática da Internacional Comunista no III Congresso da Internacional Comunista

> autonomia das organizações partidárias locais *que é reconhecida pelo Congresso*. A questão desses limites também poderia ter *gerado polêmica interminável e insolúvel* (pois a resolução do Congresso da Unidade proíbe todos os blocos com partidos burgueses na campanha eleitoral), caso a conferência não tivesse adotado, *num comum acordo entre os mencheviques, os bolcheviques e os membros do Comitê Central*, uma de suas resoluções menos elásticas.[14]

Assim, é nessa relação simples, porém pouco usual na prática política de hoje, entre direção e base, entre centralismo e democracia, que se sustenta o espírito partidário leninista.

Algumas pessoas que nos lerem até esse ponto podem até objetar, sobretudo se leem este posfácio antes de ler os textos de Vladímir Lênin sobre o tema. Pode parecer que é "abrir o flanco ao inimigo". Mas, aí, novamente:

> Como traçar a linha que diferencia a tendência saudável e útil da nociva? [...] *Só as* polêmicas na imprensa podem estabelecer precisamente a linha divisória a que *me refiro*, porque algumas pessoas frequentemente se mantêm inclinadas a ir aos extremos. É claro que a luta na imprensa vai causar mais mal-estar e nos dar algumas boas porradas, mas não somos tão frágeis assim para ter medo de levar porrada! Desejar uma luta sem porradas, diferenças sem luta, seria o cúmulo da ingenuidade, e se a luta for travada abertamente, será cem vezes melhor que o "gubarevismo" estrangeiro e russo, e levará, eu repito, cem vezes mais rápido a uma unidade duradoura.[15]

Para concluir essa caracterização dos *fundamentos* que sustentam a visão leninista do centralismo democrático, em oposição à menchevique, é ainda importante abordar um outro ponto: é também parte fundamental a ideia de que *é apenas essa forma de centralismo democrático*, para Lênin, *que possibilita um avanço da unidade ideológica considerada a associação voluntária* dos proletários em particular e militantes em geral:

> Calma, senhores! Em primeiro lugar, trata-se da literatura partidária e da sua subordinação ao controle partidário. Cada um é livre para escrever e dizer tudo o que queira, sem a menor limitação. Mas cada associação livre (incluindo um partido) é também livre para afastar aqueles membros que utilizam o nome do partido para propagar concepções antipartido. A liberdade de expressão e de imprensa deve ser completa. Mas a liberdade de associação também deve ser completa. Eu sou obrigado a atribuir-te, em nome da liberdade de palavra, o pleno direito de gritar, de mentir e de escrever o que quiser. Mas você é obrigado a atribuir-me, em nome da liberdade de associação, o direito de estabelecer ou de romper a associação com pessoas que dizem isto e aquilo. O partido é uma associação voluntária, que se dissolveria inevitavelmente, primeiro ideologicamente e depois também materialmente, se não se depurasse dos membros que defendem concepções antipartido. E para definir as fronteiras entre o que é de partido e o que é antipartido existe o programa do partido, existem as resoluções táticas do partido e os seus estatutos, existe, finalmente, toda a experiência da social-democracia internacional, das associações voluntárias internacionais do proletariado, que incorporam constantemente nos seus partidos determinados elementos ou correntes não de todo consequentes, não de todo puramente marxistas, não de todo corretas, mas que também empreendeu constantemente "depurações" periódicas do seu partido. Também assim será conosco,

14 Luta contra os social-democratas pró-Cadetes e disciplina partidária

15 Primeira das duas *Cartas a Apollinaria Iakúbova* (presente nesta coletânea).

> senhores partidários da "liberdade de crítica" burguesa, *dentro* do partido: agora o nosso partido está se tornando, de repente, massivo, agora estamos atravessando uma transição brusca para uma organização aberta, agora aderirão inevitavelmente a nós muitas pessoas inconsequentes (do ponto de vista marxista), talvez até alguns cristãos, talvez até alguns místicos. Temos estômagos fortes, somos marxistas duros como pedra. Digeriremos essas pessoas inconsequentes. A liberdade de pensamento e a liberdade d crítica dentro do partido nunca nos obrigarão a esquecer a liberdade de agrupamento das pessoas em associações livres chamadas partidos.[16]

Para avançarmos no processo revolucionário em nosso tempo, a herança de Lênin, mesmo vista com os olhos de hoje, não pode tomada de forma eclética: deve ser tomada de forma ortodoxa e reatualizada para o século XXI.

A herança de Lênin no século XXI

A retomada ortodoxa da obra leninista é, como vimos, uma "pedra no sapato" das tendências de pensamento e organização, mesmo dentro do proletariado, que advogam ou por um anarquismo (o oportunismo de esquerda, contra a unidade de ação) ou por um burocratismo (o oportunismo de direita, contra a liberdade de crítica pública). Certamente, também, haverá o "oportunismo de centro" nessa contenda – aquele que dirá, como hermeneuta privilegiado ou psicólogo médium, que "Lênin estava certo em defender isso naquele momento, mas hoje pensaria diferente". Como os textos do próprio Lênin mais do que indicam – e sua prática, acima de qualquer texto – a unidade de ação e a liberdade pública de crítica (e enfatizamos o "público" para não confundirmos com a liberdade de crítica menchevique, segundo Lênin) são elementos *constitutivos* do pensamento organizativo do revolucionário russo, *indissociáveis* de seu pensamento filosófico, político e econômico.

Assim como o oportunismo de direita busca remover a Marx seu pensamento político, mas transige com seu pensamento econômico e até filosófico; assim como o oportunismo de esquerda busca remover a Marx seu pensamento econômico, mas transige com seu pensamento político e até filosófico; também essas várias facetas de desvios teóricos transigem ora com a teoria do imperialismo, ora com a da organização, ora com a da política, mas não conseguem se aferrar à ortodoxia leninista. Os vários representantes desses desvios teóricos talvez sequer leiam esses textos do Lênin ou os complementos aqui escritos – tanto pior para eles; os que lerem, talvez se escondam – tanto pior para eles, que terão que recorrer a falsas polêmicas e difamações pessoais como ataque; eles talvez até mesmo respondam – e aí tanto melhor para o leninismo: ficará claro o caminho ao "pântano" que escolhem, em detrimento do pensamento revolucionário marxista-leninista.

Mas, em qualquer desses casos, tampouco é tarefa dos leninistas aferrar-se às teorias e *não contribuir para elas*, para seu desenvolvimento contemporâneo. Não renunciar ao leninismo em nossa era significa pensar as implicações práticas de um partido político do proletariado revolucionário. Novamente, quem nos dá o "mapa da mina" é o processo de Reconstrução Revolucionária do PCB:

---

16 Lenin, A Organização do Partido e a Literatura de Partido

> [...] Uma organização leninista precisa desenvolver ao máximo o domínio no uso dos vários tipos e meios de comunicação, principalmente naqueles voltados aos operários, às massas populares e aos setores médios. O PCB somente poderá cumprir sua tarefa de disputar a hegemonia na formação da consciência revolucionária e a direção política da classe trabalhadora se for capaz de comunicar, de modo eficaz, suas ideias, seus valores e imagem. [...][17]

Assim, pensar o centralismo democrático do século XXI é pensar a disseminação de novos veículos de comunicação, novas formas de comunicação, novas formas de produção e circulação de conteúdo, e entender quais papéis eles têm e/ou devem ter no cotidiano do trabalho político de uma vanguarda proletária.

Desde o surgimento do movimento operário organizado, no século XIX, o principal meio de disseminação das ideias – ou seja, da agitação e da propaganda – foram os jornais. Toda uma tradição publicística criou-se em torno das diversas revistas, jornais, boletins e outras formas de *literatura impressa* como ferramentas do proletariado e de sua vanguarda. A tecnologia da prensa, desenvolvida por Johannes Gutenberg ainda no século XV, modificou completamente as formas de produção e circulação das mensagens, pondo um fim à necessidade de cópias à mão como feitas na Idade Média. Assim, quando Lênin desenvolve sua proposta de um "jornal político para toda a Rússia", é com a produção gráfica impressa que ele pensa constituir um organizador coletivo, uma vanguarda do proletariado russo.

Apesar de várias mudanças e aperfeiçoamentos, essa foi a forma mais usada de disseminação de informação no movimento operário até o surgimento das formas digitais. Isso porque, como observa o camarada Gabriel Landi,

> [...] a disseminação do rádio e da televisão forneceu à classe burguesa duas armas ainda mais poderosas na disseminação de sua visão de mundo e de seus valores.
> No entanto, a emergência desses meios de comunicação não podia ter, ainda, nenhum impacto modificador sobre as concepções leninistas de organização. Por que? Porque os custos incomparavelmente maiores da produção e da difusão audiovisual (além da regulamentação estatal mais restrita sobre a rádio e a teledifusão no espaço aéreo nacional) impediam, sobre as bases da propriedade privada dos meios de produção, que a classe trabalhadora se apoderasse sistematicamente desses novos meios de comunicação e fizesse deles uma ferramenta tão cotidiana quanto o mimeógrafo. Quando muito, tomando de assalto o controle de emissoras, organizações de vanguarda puderam veicular comunicados (como a Rádio Libertadora) ou transmitir comandos (como na Revolução dos Cravos). Diversas rádios comunitárias surgiram e desapareceram ao longo desta época, sem qualquer papel de destaque na organização política em âmbito mais geral, nacional; os canais de televisão ficaram reservados, quando muito, aos sindicatos mais conciliadores e legalizados, integrados ao Estado burguês... A organização da militância revolucionária seguiu baseando-se firmemente no jornalismo impresso leninista, a despeito das dificuldades imensas em fazer frente, por estes meios, ao arsenal audiovisual da classe dominante.[18]

17 PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO. "Resoluções sobre Organização Partidária". In: **Resoluções da Conferência Nacional Política e de Organização**. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2016.

18 LANDI, Gabriel. **Desafios da comunicação revolucionária: a agitação e a propaganda na**

No entanto, a era da comunicação digital e, principalmente, o advento da internet mudaram completamente a capacidade de produção e circulação da informação. Do ponto de vista dos custos de operação e produção de um conglomerado jornalístico político para todo um país, para parafrasear Lênin, é claro que ainda há uma diferença incomparável entre os meios de produção possíveis de serem possuídos por uma empresa e por um partido político revolucionário fora do poder de Estado. Mas os meios de difusão (em que pesem todas as relações entre o fluxo de produção, o investimento "artificial" na disseminação via algoritmos etc.) tornam-se cada vez mais acessíveis.

Se, no período da predominância da informação escrita, a dificuldade de produção aparecia junto à facilidade organizativa – afinal, para que uma crítica, artigo, brochura chegasse a todo o movimento social-democrata russo, era relativamente simples (em que pese a censura) que os documentos chegassem aos editores revolucionários e fossem publicados sob sua batuta organizativa (garantida, é claro, a liberdade de crítica), no período da predominância da informação digital e, principalmente, da circulação da informação por meios digitais, isso traz novos desafios.

No âmbito da *organização da polêmica*, os organismos dirigentes das organizações com centralismo democrático terão que se engajar em um *esforço ativo maior* para o convencimento da necessidade de que a polêmica seja feita de forma organizada, pelos meios de circulação "oficiais" como jornais, páginas na internet, sites, mídias sociais – isso porque a *tendência ao liberalismo* fica fortalecida quando aparentemente é possível cada militante organizar sua própria rede de circulação. Ao mesmo tempo, se a liberdade de crítica não se opera conforme pensado por Lênin, com a organização da polêmica pública, há um *reforço* desse liberalismo entre os militantes, que desejam, como qualquer um, expor suas visões sobre o movimento.

No âmbito da *intervenção na polêmica*, também as organizações leninistas terão desafios: o fluxo aumentado múltiplas vezes de material circulando (e, se bem organizado, sendo publicado nas páginas e sites, jornais e revistas dessas organizações) exige um igualmente grande *aumento quantitativo na intervenção teórico-política* por parte das direções. Isso porque, com a velocidade possível de circulação de informações, também a velocidade de respostas, réplicas e tréplicas é maior. Se, hipoteticamente, esse fluxo imenso pode ajudar ainda mais a *acelerar o amadurecimento teórico-político* dos leninistas, também tende a *exigir mais* dos dirigentes leninistas.

Ambas consequências não diminuem, em nenhum grau, a necessidade de avanço *qualitativo* na formulação política. Não basta repetir à exaustão as mesmas linhas, as mesmas palavras de ordem, a mesma compreensão – é preciso, a cada momento, reavaliar a conjuntura, para que a intervenção dos leninistas ocorra baseada em uma "análise concreta da situação concreta".

---

era da internet. LavraPalavra. Publicado em: 17 fev. 2021. Disponível em: https://lavrapalavra.com/2021/02/17/desafios-da-comunicacao-revolucionaria-a-agitacao-e-a-propaganda-na-era-da-internet/

Se, por um lado, recuperar o centralismo democrático leninista na era da internet implica uma aceleração na capacidade de forjar uma unidade ideológica por meio da polêmica aberta, por outro lado, implica em ferramentas ainda mais sólidas para garantir a unidade de ação. Falando sobre a resolução do CC de maioria menchevique do POSDR em 1906:

> Obviamente, o Comitê Central definiu a liberdade de criticar imprecisamente e de forma muito estreita, e a unidade de ação de modo impreciso e amplo.
> Vamos dar um exemplo. O Congresso decidiu que o partido deveria participar nas eleições da Duma. Participar de eleições é uma ação bem definida. Durante as eleições (como em Baku hoje, por exemplo), nenhum membro do Partido, *em nenhum lugar*, tem qualquer direito, seja qual for, para convocar o povo a se *abster de votar*; tampouco a "crítica" da decisão de participar das eleições pode ser tolerada durante esse período, pois de fato comprometeria o sucesso da campanha eleitoral. *Antes* de as eleições terem sido anunciadas, no entanto, os membros do Partido *em todos os lugares* têm o perfeito direito de *criticar* a decisão de participar nas eleições. Naturalmente, a aplicação deste princípio na prática, por vezes, dará origem a disputas e mal-entendidos; mas *somente* com base *neste* princípio *todas* as disputas e todos os mal-entendidos podem ser decididos de maneira honrada para o Partido. A resolução do Comitê Central, no entanto, cria uma situação impossível.
> A resolução do Comitê Central é essencialmente errada e *contradiz as Regras do Partido*. O princípio do centralismo democrático e da autonomia das organizações partidárias locais implica uma *liberdade universal e plena de crítica*, desde que isso não perturbe a unidade de *uma ação definida*; exclui *todas* as críticas que perturbem ou dificultem a *unidade* de uma ação decidida pelo Partido.[19]

Assim, se a era digital implica desafios para a *democracia*, também implica desafios para o *centralismo*. Se, como diz Lênin, *nenhuma crítica* deve ser tolerada, nem interna nem externamente, *durante* uma ação específica e definida, também é necessidade das organizações leninistas imbuirem-se desse senso de *responsabilidade* para com a ação – um senso de responsabilidade que advém da *mais ampla liberdade de crítica* anterior ou posterior à ação. No entanto, se no caso russo, a agitação e a propaganda – e, portanto, os *chamados à ação* – eram, no caso das publicações, organizadas pelos órgãos centrais e, assim, garantiam essa unidade, no caso da agitação individual eram de alcance sempre muito reduzido, porque eram agitações em sua maioria orais e localmente feitas.

A era digital possibilita, no entanto, um alcance ainda maior da agitação individual – em tese, a agitação individual de qualquer militante tem potencial para alcançar os limites de um país inteiro, um continente inteiro, até mesmo o mundo. Ora, se essa unidade de ação for imposta de maneira burocrática, sem a liberdade de crítica correspondente, haverá duas consequências nefastas: a primeira – a necessidade de "válvulas de escape" ao pensamento divergente, que se expressa na forma do boicote ativo; a segunda – a servil aceitação por parte dos militantes, que reforça o espírito de seita e de lealdades individuais. Mas se essa unidade de ação acompanhar, como propõe Lênin, um intenso debate coletivo e público, em que fiquem claras as diversas posições, também aí a unidade de ação será alcançada

19 "Liberdade para Criticar e Unidade de Ação"

apesar do espírito antipartido de elementos pequeno-burgueses individualistas. E essa unidade de ação, apoiada sobre as ferramentas de disseminação praticamente instantâneas que a era digital nos possibilita usar, terá muito mais sucesso.

Assim, renunciar à herança de Lênin, tanto na visada anarquista quanto na oportunista, não nos parece adequado; a primeira, que compromete a unidade de ação, corresponde à *fragmentação da classe trabalhadora* no âmbito de sua luta prática e a segunda, que compromete sua liberdade de crítica, corresponde à *degradação ideológica da classe trabalhadora*. Não renunciar à herança de Lênin e se aferrar à unidade do seu pensamento[20] é uma das tarefas mais difíceis da vanguarda comunista em nível nacional e internacional nos dias de hoje. Em muitos casos, as críticas foram substituídas pela diplomacia; as divergências, pelos falsos consensos; a unidade de ação, pelo economismo – em suma, o leninismo substituído por um liberalismo.

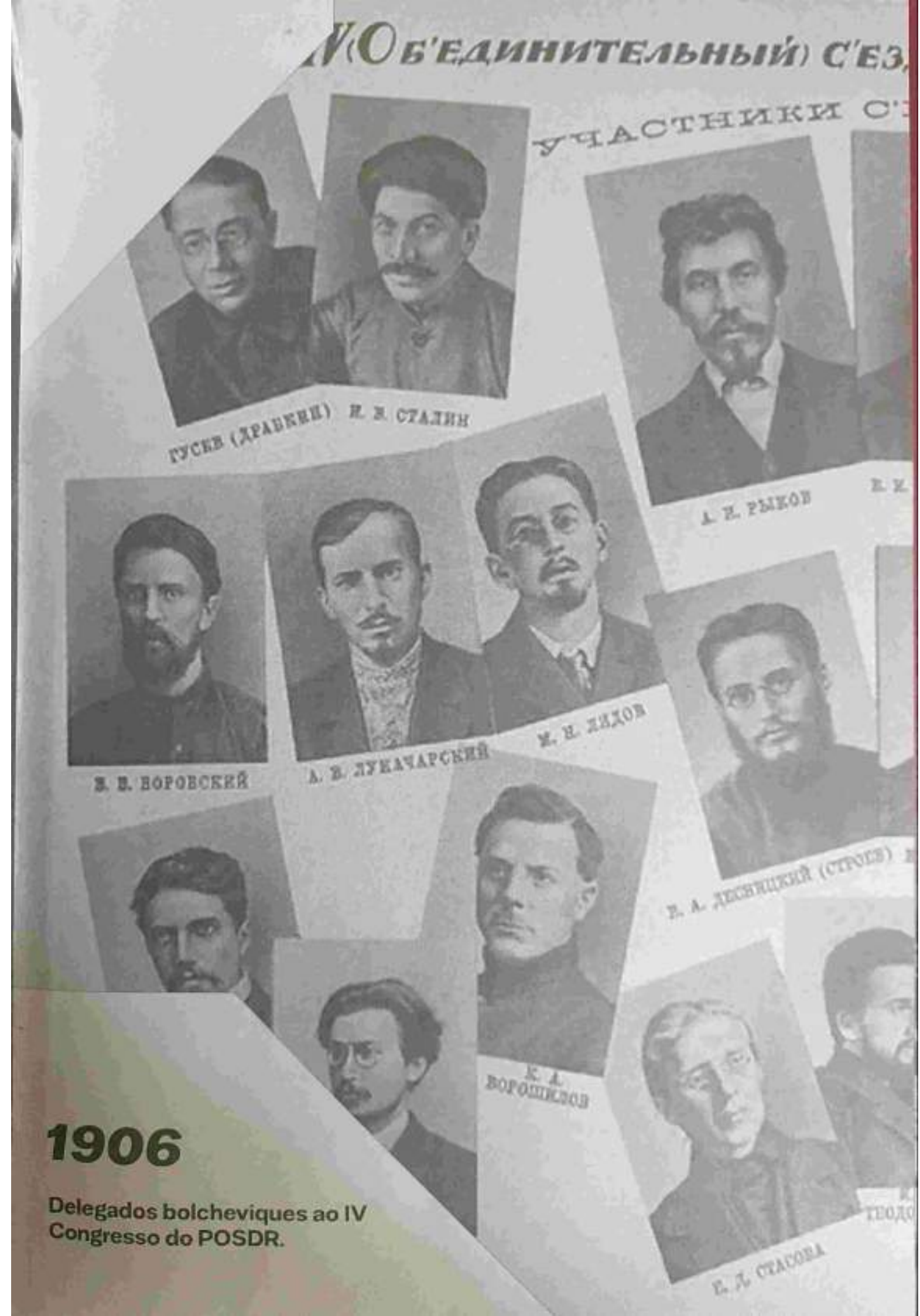
Se esta coletânea tem algum mérito, é o de resgatar o pensamento de Lênin sobre o centralismo democrático como *guia de ação* para as gerações atuais de revolucionários e as que virão. Só assim, teremos alguma chance de organizar uma vanguarda, um "Estado-Maior" proletário, e dirigir a Revolução Socialista. E só com isso, teremos alguma chance de acabar com a "exploração do homem pelo homem".

20 Ver: LUKÁCS, György. **Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento**. São Paulo: Boitempo, 2012.



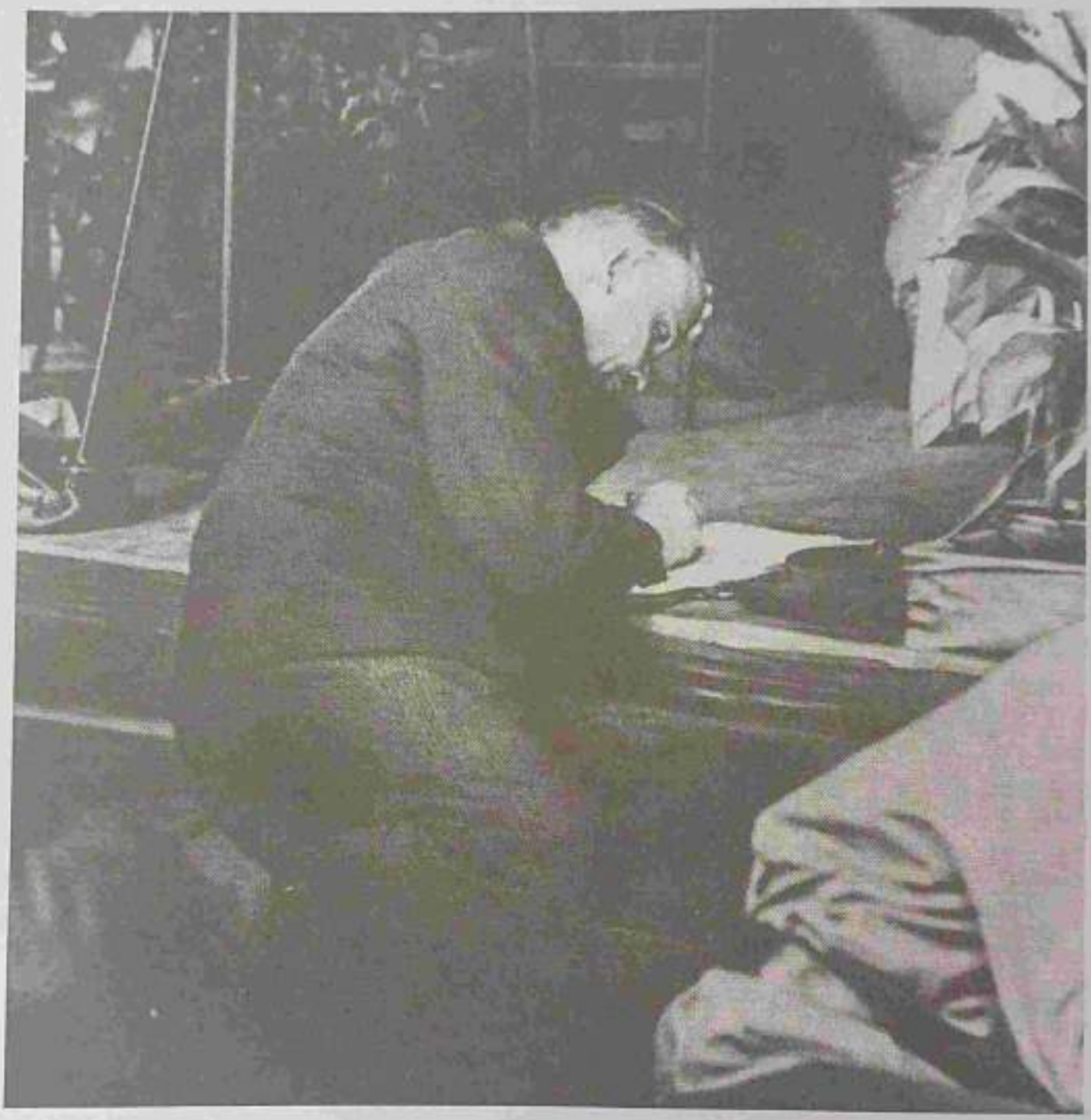
1918

Em uma manifestação operária no 1º de maio, em Moscou, na Praça Vermelha.



1906

Delegados bolcheviques ao IV Congresso do POSDR.

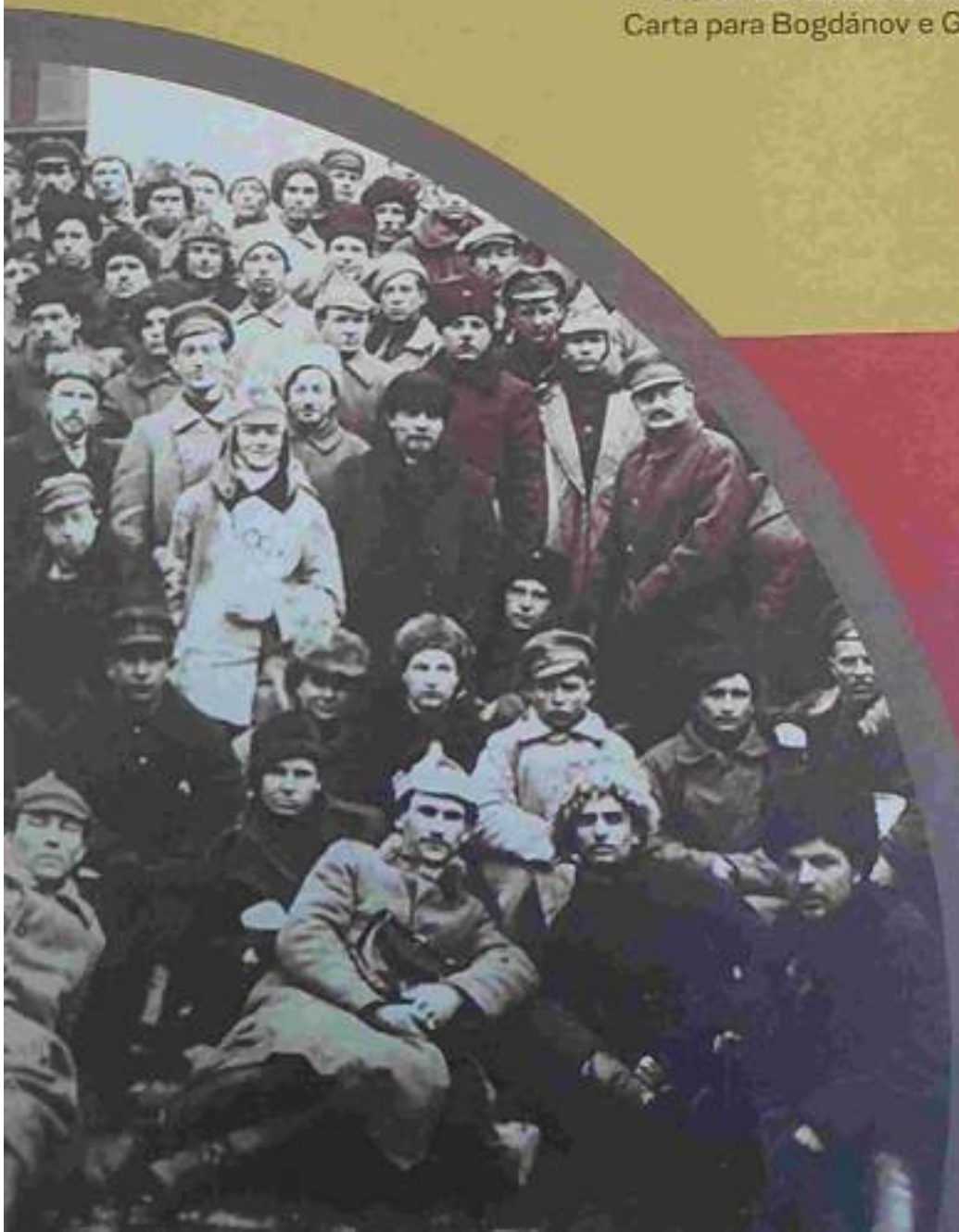


Lênin faz anotações nos degraus da tribuna, em uma sessão do III Congresso da Internacional Comunista, em Moscou, em 22 de junho de 1921. Foto por Alexander Bulla (1881-1943).

Organizado em maio de 2022, em comemoração aos 152 anos do nascimento de Lênin e 101 anos após o III Congresso da Internacional Comunista. Este livro foi composto em Minion Pro 8/12 e Palatino 8/12 e impresso em papel Lux Cream 80g/m², pela gráfica Graphium para o LavraPalavra Editorial, com tiragem de 1000 exemplares.

Precisamos de forças jovens. Eu sou a favor de fuzilar no ato qualquer um que tente dizer que não há ninguém à disposição. Na Rússia há uma legião de pessoas, tudo o que temos a fazer é recrutar jovens de forma mais ampla e ousada, mais ousada e ampla, e novamente de forma mais ampla e novamente mais ousada, sem temê-los. Livrem-se de todos os velhos hábitos de imobilidade, de respeito hierárquico e assim por diante. Forme centenas de círculos entre os jovens e incentive-os a trabalhar a todo vapor. Amplie o Comitê em três vezes, aceitando jovens nele, estabeleça meia dúzia ou uma dúzia de subcomitês, "coopte" toda e qualquer pessoa honesta e enérgica. Permita que cada subcomissão escreva e publique panfletos sem qualquer burocracia (não há mal nenhum se eles cometerem um erro; nós no *Vperiod* iremos corrigi-los "gentilmente"). Devemos, com velocidade desesperada, unir todas as pessoas com a iniciativa revolucionária e colocá-las para trabalhar. Não tema a sua falta de formação, não tema com a sua inexperiência e falta de desenvolvimento.

Vladímir Ilitch Uliánov
Carta para Bogdánov e Gusev



ISBN: 978-65-87311-12-8
CTL
9 786587 311128